
TRILOGIA
VERÃO
Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei
Jenny Han

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0471-5

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Sumário

Créditos do box

Mídias sociais

O verão que mudou minha vida

Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Introdução
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21

22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
Agradecimentos

Sem você não é verão
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
1
2
3
4
5
6
7

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
Alguns anos depois

Agradecimentos

Sempre teremos o verão
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Introdução
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
Alguns anos depois
Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da autora


O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA
Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei
Jenny Han
intrínseca

O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA

Jenny Han

TRADUÇÃO DE MARIANA RIMOLI



Copyright © 2009 by Jenny Han
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
The Summer I Turned Pretty

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Milena Vargas
Juliana Werneck
Mariana Bard

DIREÇÃO DE ARTE
Lucy Ruth Cummins

ARTE DE CAPA
©2017 Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para todas as irmãs importantes na minha vida, especialmente Claire.

— NÃO ACREDITO QUE você está aqui — falei.

— Nem eu. — Ele tinha um ar quase tímido, hesitante. — Você ainda vem comigo?

Ele nem precisava perguntar. Eu iria a qualquer lugar com ele.

— Sim — respondi.

Era como se nada mais existisse além daquela palavra, além daquele momento. Só havia nós dois. Tudo que tinha acontecido no verão anterior, e em cada verão antes daquele, nos levara até ali. Até agora.

1

ESTÁVAMOS NA ESTRADA fazia uns sete milhões de anos — pelo menos era o que parecia. Meu irmão, Steven, dirigia mais devagar que nossa avó. Eu estava sentada ao seu lado, com os pés no painel, enquanto minha mãe ia no banco de trás, apagada. Ela parecia alerta mesmo enquanto dormia, como se pudesse acordar a qualquer momento para assumir a direção.

— Vai mais rápido! — pedi, cutucando o ombro dele. — Vamos ser deixados pra trás por aquela criança na bicicleta.

Steven se esquivou de mim.

— Nunca encoste no motorista. E tire esses pés sujos do meu painel.

Balancei os dedos dos pés; para mim estavam limpinhos.

— O painel não é seu. E o carro daqui a pouco vai ser meu, lembra?

— Isso se você algum dia conseguir tirar a carteira de motorista — zombou ele. — Acho que pessoas como você deveriam ser proibidas de dirigir.

— Ei, olha ali! — comentei, apontando pela janela. — Aquele cara na cadeira de rodas acabou de ultrapassar a gente!

Steven me ignorou, então comecei a mexer no rádio. Uma das minhas partes favoritas de viajar para a praia eram as estações de rádio de lá. Elas

eram tão familiares para mim quanto as que eu ouvia em casa, por isso sentia como se já tivesse chegado ao nosso destino.

Encontrei minha estação preferida, que tocava de tudo, de pop e clássicos a hip-hop. Tom Petty estava cantando "Free Fallin'", e comecei a acompanhar:

— *She's a good girl, crazy 'bout Elvis. Loves horses and her boyfriend too*.

Steven tentou trocar de estação, mas dei um tapa na mão dele.

— Belly, é que sua voz me dá vontade de jogar o carro no mar — explicou ele, fingindo dar uma guinada para a direita.

Cantei ainda mais alto, o que acordou minha mãe, que também se juntou à cantoria. Nós duas tínhamos vozes terríveis, e Steven balançou a cabeça daquele jeito intragável dele. Meu irmão detestava quando nos uníamos contra ele; era o que ele mais odiava na história do divórcio: ter se tornado o único homem na família e não poder mais contar com nosso pai para apoiá-lo nesses momentos.

Por mais que eu implicasse com Steven, na verdade não me importava muito com a lerdeza dele. Eu adorava aquela estrada, aquele momento. Ver a cidadezinha de novo, o restaurante de frutos do mar, o campo de minigolfe, as lojas de surfe… Era como voltar para casa depois de ter passado muito tempo fora. E o verão estava cheio de promessas e possibilidades.

Conforme nos aproximávamos da casa, eu sentia a vibração familiar no peito. Estávamos quase chegando.

Abaixei o vidro do carro e deixei que todas aquelas sensações entrassem. O ar tinha o mesmo gosto e o mesmo cheiro de sempre. O vento que deixava meu cabelo pegajoso de maresia, a brisa salgada do mar… tudo parecia igual. Como se tivesse ficado à minha espera.

Steven me cutucou com o cotovelo.

— Está pensando no Conrad, é? — perguntou, debochado.

Pela primeira vez em muito tempo, a resposta veio com facilidade:

— Não.

Minha mãe enfiou a cabeça entre os dois bancos da frente.

— Belly, você ainda gosta do Conrad? Pelo andar da carruagem, achei que tinha rolado alguma coisa entre você e o Jeremiah no verão passado.

— O QUÊ? O Jeremiah? — Steven parecia enojado. — O que aconteceu entre vocês dois?

— Nada — afirmei, me dirigindo aos dois, sentindo o sangue correndo para minha cabeça. Queria já estar bronzeada, para esconder o rubor. — Mãe, não é porque duas pessoas são amigas que tem alguma coisa rolando. Por favor, pare de ficar insinuando essas coisas.

Minha mãe se recostou de volta no banco traseiro e, em um tom que dava a entender que o assunto estava encerrado — que nem a insistência de Steven conseguia reverter —, disse:

— Certo.

No entanto, como Steven era Steven, ele tentou mesmo assim:

— Mas o que aconteceu entre vocês dois? Sério, não tem como largar uma bomba dessas e depois mudar de assunto!

— Deixa isso pra lá — retruquei.

Revelar qualquer coisa só daria mais munição para meu irmão implicar comigo. E, além do mais, eu não tinha o que contar. Nunca tive, para ser bem sincera.

Conrad e Jeremiah eram filhos da Beck — que na verdade era Susannah Fisher, ex-Susannah Beck, e só minha mãe a chamava de Beck. As duas se conheciam desde os nove anos e diziam que eram irmãs de sangue. Tinham até cicatrizes para provar: marcas idênticas em forma de coração no pulso.

Susannah me contou que no dia em que nasci ela soube que eu namoraria um de seus filhos. Disse que era o destino. Minha mãe, que em geral não acredita nessas coisas, concordou que seria mesmo perfeito, contanto que eu tivesse pelo menos alguns outros namorados antes do casamento. Na verdade, ela disse "amantes", mas a palavra me incomodava. Susannah segurou meu rosto e declarou:

— Belly, você tem minha bênção eterna. Odiaria perder meus meninos para qualquer outra mulher.

Passávamos o verão na casa de praia da Susannah, em Cousins Beach, todos os anos desde que eu era um bebezinho — até mesmo antes de eu nascer, na verdade. Eu gostava mais da casa do que da cidadezinha propriamente dita. Aquela casa era meu mundo. Tínhamos nosso próprio pedaço de praia e havia mais uma porção de coisas legais: a varanda enorme ao redor da construção onde apostávamos corrida, as jarras de chá gelado, os banhos de piscina à noite… e os meninos, acima de tudo.

Sempre me perguntei como os meninos ficavam em dezembro. Tentava imaginá-los com cachecóis vermelhos, suéteres de gola alta e bochechas rosadas, perto da árvore de Natal, mas nunca conseguia. Eu não conhecia a

versão de inverno do Jeremiah e do Conrad e invejava todas as pessoas que já os tinham visto nos meses mais frios. Para mim restavam os chinelos, os narizes vermelhos de sol, os calções de banho e a areia. Mas e todas aquelas garotas da cidade que ficavam com as batalhas de bolas de neve no bosque? Que se aconchegavam neles enquanto esperavam o carro esquentar? Para quem eles emprestavam o casaco quando estava frio? Bem, talvez Jeremiah emprestasse. Conrad não era disso. Conrad nunca faria nada do tipo, não era o estilo dele. Mesmo assim, não parecia justo.

Eu ficava sentada perto do aquecedor nas aulas de história imaginando o que eles estariam fazendo, se também estariam esquentando os pés em outro lugar. E contava os dias para o verão começar. Para mim, era quase como se o inverno nem existisse; só o verão realmente importava. Minha vida era contada em verões. Como se eu não vivesse de verdade até junho, até estar naquela praia, naquela casa.

Conrad era um ano e meio mais velho que o irmão; um menino muito, muito, muito sombrio, totalmente inalcançável. Tinha sempre um sorrisinho torto — e eu não conseguia parar de olhar para sua boca. Era o tipo de boca que dava vontade de beijar, para amaciar os lábios e acabar de vez com aquele sorrisinho. Bem, talvez não *acabar de vez*... Mas era o tipo de boca que dava vontade de controlar. De conquistar para si. E era exatamente o que eu queria: que Conrad fosse meu.

* * *

Com Jeremiah era diferente. Jeremiah era meu amigo, ele era legal. O tipo de garoto que ainda abraçava a mãe e aceitava ficar de mãos dadas com ela mesmo tecnicamente sendo velho demais para isso. Ele não ficava com vergonha. Jeremiah Fisher estava ocupado demais se divertindo para sentir vergonha de alguma coisa.

Aposto que Jeremiah era mais popular que Conrad no colégio. Acho que as garotas gostavam mais dele. Acho que, se não fosse pelo futebol americano, Conrad não chamaria muita atenção; seria só um garoto quieto e mal-humorado, não um deus do esporte. E eu gostava daquilo. Gostava daquele Conrad que preferia ficar sozinho, tocando violão. Como se estivesse acima daquelas idiotices da escola. Eu gostava de pensar que, se

Conrad fosse estudar no meu colégio, não jogaria futebol; ele entraria para o jornal da escola e se interessaria por alguém como eu.

* * *

Quando finalmente chegamos à casa, encontramos Jeremiah e Conrad sentados na varanda. Eu me debrucei por cima de Steven e toquei a buzina duas vezes, o que, na nossa linguagem de verão, significava: *Venham nos ajudar com as malas, câmbio.*

Conrad acabara de completar dezoito anos. E estava mais alto do que no verão anterior, se é que era possível, com o cabelo bem curto e mais escuro do que nunca. Já Jeremiah deixara o cabelo crescer e parecia um pouco desleixado — mas no bom sentido, tipo um jogador de tênis da década de 1970. Quando era mais novo, Jeremiah tinha o cabelo cacheado e tão loiro que ficava quase platinado no verão. Ah, mas ele odiava os cachinhos. Teve uma época em que Conrad o convenceu de que era a casca do pão que fazia o cabelo enrolar, e Jeremiah passou a deixar todas as bordas dos sanduíches para o irmão. À medida que ele foi crescendo, o cabelo foi ficando menos encaracolado e mais ondulado. Eu sentia falta dos cachos; Susannah o chamava de anjinho, e ele parecia mesmo um anjo, com as bochechas rosadas e os cachinhos dourados. Bem, ao menos ainda tinha as bochechas rosadas.

Jeremiah fez um megafone com as mãos e gritou:

— Stevieee!

Fiquei sentada no carro, enquanto Steven ia até eles num passo tranquilo e os três se abraçavam daquele jeito de garoto. O ar estava salgado e úmido, como se a qualquer momento fosse começar a chover água do mar. Fingi que amarrava o cadarço do tênis, mas na verdade só queria um tempo sozinha para admirar um pouco os meninos e a casa. Era uma construção grande, cinza e branca, igual a todas as outras da rua, só que melhor. Exatamente do jeito que eu achava que uma casa de praia deveria ser. Parecia um lar.

Minha mãe também saiu do carro.

— Oi, meninos. Cadê a mãe de vocês?

— Oi, Laurel. Ah, ela está só tirando um cochilo — respondeu Jeremiah.

Susannah quase sempre vinha correndo nos cumprimentar assim que estacionávamos.

Minha mãe os alcançou em três passos e deu abraços apertados nos dois garotos. O abraço dela era firme e vigoroso, assim como seu aperto de mão. Ela entrou, os óculos escuros no topo da cabeça.

Saí do carro e pendurei a mochila no ombro. Eles não repararam que eu estava chegando, pelo menos a princípio. Até que me viram. E me viram *de verdade*. Conrad deu uma olhada que costumo receber dos caras no shopping. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito, e eu já sentia o rubor voltando. Jeremiah precisou olhar duas vezes, como se não me reconhecesse. Isso tudo durou uns três segundos, mas pareceu muito mais tempo.

Conrad me abraçou primeiro; era um abraço frio e cauteloso, que mantinha distância. Tinha cortado o cabelo havia pouco tempo, e a pele ao redor da raiz e do pescoço estava rosada como a de um bebê. Ele tinha cheiro de mar. E cheiro de Conrad.

— Prefiro você de óculos — comentou ele, com os lábios bem perto da minha orelha.

Fiquei magoada. Eu o afastei e respondi:

— Bom, azar o seu. As lentes de contato vieram pra ficar.

Ele sorriu para mim. E aquele sorriso… simplesmente me ganhou. O sorriso do Conrad sempre me ganhava.

— Acho que você arranjou umas pintinhas novas — completou, encostando a ponta do dedo no meu nariz.

Ele sabia que eu detestava minhas sardas e sempre fazia questão de me provocar.

Então Jeremiah me abraçou, quase me levantando.

— Nossa, a Bellynha cresceu — cantarolou.

Dei uma risada.

— Me bota no chão! Você está com cecê!

Jeremiah riu.

— Ah, aí está a velha Belly — retrucou ele, mas continuou me encarando como se não tivesse certeza de quem eu era. Inclinou a cabeça, comentando: — Tem alguma coisa diferente em você.

Fiquei na defensiva.

— O quê? Só estou usando lentes de contato.

Eu também ainda não estava muito acostumada com minha aparência sem os óculos. Minha melhor amiga, Taylor, tentava me convencer a usar lentes desde o sexto ano, e eu finalmente cedera.

Jeremiah sorriu.

— Não é isso. Você está diferente.

Voltei para o carro, e os garotos foram atrás. Tiramos as coisas do porta-malas; assim que terminamos, peguei minha mala e minha bolsa de livros e fui para meu antigo quarto. Aquele cômodo fora da Susannah quando ela era mais nova. O papel de parede estava desbotado, e o quarto tinha móveis brancos e uma caixinha de música que eu amava. Quando aberta, uma bailarina rodopiava ao som da música-tema do filme *Romeu e Julieta* (mas a versão antiga). Eu guardava minhas bijuterias ali. Tudo naquele quarto era velho e desbotado, mas eu o adorava. Parecia esconder segredos nas paredes, na cama com dossel e, principalmente, na caixinha de música.

Precisei fazer uma pausa para recuperar o fôlego depois de finalmente rever Conrad, ainda mais depois *daquela olhada* que ele me deu. Abracei o urso-polar de pelúcia que ficava em cima da cômoda. O nome dele era Junior Mint, mas, para mim, era só Junior. Eu me sentei com o ursinho na cama de solteiro; meu coração batia tão alto que dava até para ouvir. Tudo estava igual, mas diferente. Os dois tinham me olhado como se eu fosse uma garota de verdade, não a irmã mais nova de um amigo.

2

Doze anos

FOI AQUI NESTA casa que tive o coração partido pela primeira vez. Eu tinha doze anos.

Era uma das raras noites em que os meninos não estavam todos juntos: Steven e Jeremiah tinham saído para uma pescaria noturna com uns garotos do fliperama, mas Conrad recusara o convite. Eu nem tinha sido convidada, claro. Então nós dois ficamos.

Quer dizer, não *ficamos*. Só estávamos na mesma casa.

Eu estava lendo um livro no meu quarto, com os pés apoiados na parede, quando Conrad entrou. Ele me olhou e perguntou:

— Belly, o que você vai fazer hoje à noite?

Fechei o livro mais que depressa e respondi:

— Nada.

Tentei manter a voz neutra, sem demonstrar muita empolgação ou ansiedade. Tinha deixado a porta aberta de propósito, na esperança de que ele entrasse.

— Quer passear no calçadão? — convidou Conrad, um tanto indiferente, talvez indiferente até demais.

Ali estava: o momento pelo qual eu vinha esperando. Finalmente tinha idade suficiente para aquilo. Parte de mim já sabia que eu estava pronta. Olhei para Conrad com quase tanta indiferença quanto ele demonstrou ao me fazer o convite.

— Pode ser. Estou com desejo de comer maçã do amor.

— Eu compro uma pra você. Mas tem que ser rápido, só vista uma roupa e vamos. Nossas mães vão ao cinema e podem deixar a gente lá no caminho.

— Ok — respondi, me sentando na cama.

Assim que Conrad saiu do quarto, fechei a porta e corri para o espelho. Soltei a trança e escovei o cabelo — que batia quase na cintura. Tirei o maiô e vesti um short branco e minha blusa cinza preferida, a que meu pai dizia que combinava com meus olhos. Passei um pouco de gloss de morango e guardei o tubinho no bolso, para mais tarde. Caso eu precisasse retocar.

No carro, Susannah não parava de sorrir para mim pelo retrovisor. Olhei para ela com uma cara de "Fique quieta, por favor", mas querendo retribuir o sorriso. Conrad não estava prestando atenção. Passou o percurso inteiro olhando pela janela.

— Divirtam-se, crianças — disse Susannah, dando uma piscadinha quando fechei a porta.

Conrad comprou a maçã do amor para mim, mas só quis beber um refrigerante. Em condições normais, ele comeria pelo menos duas maçãs do amor, ou talvez uma porção de churros. Mas parecia nervoso, o que me deixou menos nervosa.

Quando caminhamos pelo calçadão balancei o braço bem perto dele — *vai qu*ê... Mas Conrad nem encostou em mim. Era uma daquelas noites de verão perfeitas, com brisa fresca e nenhum sinal de chuva. Choveria no dia seguinte, mas naquela noite só tinha um ventinho gostoso vindo do mar.

— Vamos parar aqui pra eu comer minha maçã — pedi, e nos sentamos em um banco virado para o mar.

Mordi a maçã com cuidado, com medo de que o caramelo grudasse nos dentes. Como iria beijá-lo toda suja de caramelo?

Conrad tomou a Coca fazendo bastante barulho com o canudo e olhou o relógio.

— Quando você terminar, vamos na barraca das argolas.

Ele queria ganhar um bicho de pelúcia para me dar! Eu até já sabia qual ia escolher: o urso-polar com óculos de arame e cachecol. Eu tinha passado o verão inteiro de olho naquele urso. Já conseguia até me imaginar me exibindo para Taylor. *Ah, esse ursinho? Conrad ganhou pra mim.*

Devorei o resto da maçã do amor em duas mordidas.

— Pronto! — anunciei, limpando a boca com a mão. — Vamos lá.

Conrad foi direto para a barraca, e tive que andar bem depressa para acompanhar seu passo. Como sempre, ele estava meio calado, então eu comecei a falar mais que o normal, para compensar.

— Acho que quando a gente voltar minha mãe vai finalmente assinar alguma TV a cabo. Já faz séculos que Steven e meu pai estão tentando convencê-la. Ela diz que é contra televisão, mas sempre assiste aos filmes do A&E quando estamos aqui. É tão hipócrita…

Minha voz foi morrendo quando notei que Conrad nem me ouvia. O olhar dele estava vidrado na garota que trabalhava na barraca das argolas.

A garota parecia ter uns quinze anos, e a primeira coisa em que reparei foi no short dela. Era amarelo-canário e muito, muito curto. Exatamente igual ao que eu tinha usado dois dias antes e que gerara tantos comentários debochados dos meninos. Eu havia ficado tão feliz quando comprei aquele short com Susannah, e os meninos só riram da minha cara. Na menina da barraca das argolas, ficava bem melhor.

As pernas dela eram finas e cheias de sardas, assim como os braços. Tudo nela era fino, até os lábios. A garota era ruiva, com o cabelo longo e ondulado, mas o tom dos fios era tão claro que parecia quase cor de pêssego. Acho que era o cabelo mais bonito que eu já tinha visto. Estava repartido para o lado, e era tão comprido que ela não parava de jogá-lo para trás, porque os fios caíam no rosto sempre que entregava as argolas para alguém.

Conrad tinha ido ao calçadão por causa dela. E havia me levado porque não queria ir sozinho, mas também não queria que Steven e Jeremiah soubessem e enchessem seu saco. Era por isso. Era essa a razão. Dava para ver pela forma como ele a olhava, quase prendendo a respiração.

— Você conhece essa garota? — perguntei.

Conrad me olhou espantado, como se tivesse esquecido que eu estava ali.

— Hã? Não, não conheço.

Mordisquei o lábio.

— Bem, quer conhecer?

— O quê?

Ele parecia confuso, e fiquei bem irritada.

— Quer conhecer aquela menina? — perguntei, impaciente.

— Pode ser.

Eu o puxei pela manga até a barraca.

A garota sorriu para nós, e eu retribuí com um sorriso forçado. Pura falsidade.

— Quantas argolas?

A garota usava aparelho, mas nela ficava bonito, como se fossem joias, não um instrumento ortodôntico.

— Vamos querer três — respondi. — Gostei do seu short.

— Obrigada!

Conrad pigarreou.

— É bem bonito.

— Pensei que fosse achar curto demais como achou o short exatamente igual a esse que eu usei anteontem. — Virei para a garota. — Conrad é muito protetor, sabe? Você tem irmãos mais velhos?

— Não. — Ela riu. E perguntou a Conrad, se exibindo: — Acha curto demais?

Ele ficou vermelho. Eu nunca tinha visto Conrad ficar vermelho, nunca, em todo aquele tempo que nos conhecíamos. E tive a sensação de que não veria de novo. Fiz uma grande encenação olhando o relógio e disse:

— Con, vou dar uma volta na roda-gigante antes que a gente vá embora. Mas ganhe um prêmio pra mim, está bem?

Ele assentiu, ansioso, e eu me despedi da garota. Saí andando na direção da roda-gigante o mais rápido que pude, para que eles não me vissem chorar.

Mais tarde, soube que a garota se chamava Angie. Conrad acabou ganhando o urso-polar com óculos e cachecol. Segundo Angie, aquele era o melhor prêmio da barraca, e Conrad achou que eu também fosse gostar. Falei que teria preferido a girafa, mas agradeci mesmo assim. Batizei o urso de Junior Mint e o deixei em seu lugar de direito, na casa de praia.

3

DESFIZ AS MALAS e fui direto para a piscina, onde eu sabia que encontraria os meninos. Os três estavam deitados nas espreguiçadeiras, balançando os pés sujos para fora.

Jeremiah deu um pulo assim que me viu.

— Senhoooras e senhooores! — começou, em uma voz teatral, inclinando o corpo para a frente como um apresentador de circo. — Está aberta a temporada de lançamento da Belly deste verão!

Hesitei, tentando fugir, mas, se eu fizesse algum movimento brusco, eles partiriam para cima de mim e me perseguiriam até conseguirem me pegar.

— Nem pensar! — retruquei.

Conrad e Steven também se levantaram, formando um círculo ao meu redor.

— Você não pode quebrar a tradição — declarou Steven.

Conrad só abriu um sorrisinho malévolo.

— Estou velha demais pra isso — argumentei, desesperada.

Tentei dar uns passos para trás, mas eles me pegaram. Steven e Jeremiah seguraram meus braços.

— Parem com isso, garotos! — pedi, tentando me soltar.

Firmei os pés no chão, só que eles me arrastaram mesmo assim. Sabia que seria inútil resistir, mas sempre tentava, mesmo arranhando a sola dos pés no chão.

— Pronta? — perguntou Jeremiah, passando as mãos por baixo dos meus braços e me levantando.

Conrad segurou meus pés. Steven pegou meu braço direito e Jeremiah ficou com o esquerdo. Eles me balançaram para os lados, como se eu fosse um saco de farinha.

— Eu odeio vocês três! — gritei, em meio às risadas deles.

— Um! — começou Jeremiah.

— Dois! — continuou Steven.

— E três! — encerrou Conrad.

Eles me jogaram na piscina, de roupa e tudo. Caí como uma bomba, fazendo um barulhão. Dava para ouvir as gargalhadas deles mesmo debaixo d'água.

Essa história de lançamento da Belly era muito antiga. Devia ter sido ideia do Steven. E eu odiava. Mesmo que fosse uma das únicas ocasiões em que eles me incluíam na brincadeira, eu odiava ser o brinquedo. Ficava me sentindo impotente, e era um lembrete de que eu não fazia parte do grupo, de que era fraca demais para ganhar deles, tudo porque eu era menina. Porque era a irmãzinha de alguém.

Eu sempre chorava e corria para Susannah e para minha mãe, mas não adiantava. Os garotos me chamavam de fofoqueira. Só que daquela vez eu não ia chorar. Demonstraria um pouco de espírito esportivo. Pensei que, se fingisse levar na boa, a brincadeira talvez perdesse um pouco a graça.

Quando retornei à superfície, abri um sorriso enorme e comentei:

— Nossa, vocês parecem que têm dez anos.

— E vamos parecer sempre — retrucou Steven, satisfeito, e me deu vontade de afogar aquela cara presunçosa dele junto com seus preciosos óculos de sol Hugo Boss que ele precisou trabalhar feito um condenado para comprar.

Em vez disso, comentei, fingindo ter dificuldade para nadar até eles:

— Acho que você torceu meu tornozelo, Conrad.

Conrad foi até a beira da piscina e provocou, com aquele sorrisinho meio de lado:

— Ah, tenho certeza de que você vai sobreviver.

— Pelo menos me ajude a sair daqui — pedi.

Ele se agachou e estendeu a mão, e eu agradeci com uma voz estridente.

Então segurei sua mão bem firme e puxei com toda a minha força. Conrad se desequilibrou e caiu na piscina, espalhando mais água do que eu. Acho que eu nunca tinha rido tão alto em toda a minha vida. Jeremiah e Steven também riram. Parecia que toda Cousins Beach podia escutar nossas risadas.

Conrad emergiu depressa e nadou até mim com apenas duas braçadas. Fiquei com medo de ele estar zangado, mas não estava — pelo menos não muito. Conrad sorria, mas era um sorriso meio ameaçador. Eu me afastei depressa.

— Você não vai me pegar! — anunciei, alegremente. — É muito lento!

A cada vez que ele chegava mais perto, eu me afastava.

— Marco! — gritei, rindo.

Jeremiah e Steven, que já estavam entrando em casa, responderam:

— Polo!

Aquilo me fez rir e desacelerar. Conrad conseguiu agarrar meu pé.

— Me solta! — pedi, ainda rindo.

Ele balançou a cabeça.

— Você não disse que eu era muito lento? — retrucou, batendo os pés e levantando bastante água perto de mim.

Nós estávamos na parte mais funda da piscina. A camiseta branca e ensopada dele mostrava sua pele rosada e brilhante.

Um silêncio meio estranho se estendeu entre nós. Ele ainda segurava meu pé, e eu tentava não afundar. Por um segundo, desejei que Jeremiah e Steven ainda estivessem ali. Só não sabia dizer por quê.

— Me solta — pedi outra vez.

Ele me puxou pelo pé, e estar tão perto de Conrad me deixava meio tonta e nervosa.

Pedi de novo, uma última vez, mesmo que no fundo não fosse o que eu quisesse:

— Conrad, me solta.

Ele soltou.

Então afundou minha cabeça. Não me incomodou muito: eu já estava segurando o fôlego mesmo.

4

SUSANNAH ACORDOU DA soneca pouco depois de vestirmos roupas secas, pedindo desculpa por ter perdido nossa chegada triunfal. Ela ainda estava meio sonolenta, com um lado do cabelo todo arrepiado, feito uma criança. Ela e minha mãe se abraçaram primeiro, um abraço forte e demorado. Minha mãe estava tão feliz de vê-la que tinha lágrimas nos olhos — e olha que ela *nunca* chora.

Depois foi a minha vez. Susannah me envolveu num longo abraço, daqueles que demoram tanto que a gente fica se perguntando se falta muito para acabar, preocupada com quem é que vai se afastar primeiro.

— Você está mais magra! — comentei, em parte porque era verdade, em parte porque eu sabia que ela adorava ouvir aquilo.

Susannah vivia de dieta, sempre preocupada com a alimentação. Para mim, ela sempre estava perfeita.

— Ah, obrigada, querida! — Ela finalmente me soltou e se afastou um pouco para me observar. Então balançou a cabeça, perguntando: — Quando foi que você cresceu tanto? Quando se tornou essa mulher fenomenal?

Abri um sorriso, constrangida, feliz porque os garotos estavam lá no segundo andar, longe demais para ouvir aquilo.

— Ah, eu continuo a mesma…

— Você sempre foi linda, minha querida, mas agora… Ah, olhe só! — Ela balançou a cabeça, parecendo atordoada. — Está tão, tão bonita. Vai ter um verão incrível. *Incrível*. Um verão inesquecível.

Susannah sempre falava com muita convicção, então acabava soando mais como um decreto, como se tudo fosse se tornar verdade só porque ela estava dizendo.

A verdade é que Susannah estava certa. Foi um verão realmente inesquecível. Foi o verão que mudou minha vida. Porque, pela primeira vez, eu me senti linda. A cada ano, eu sempre achava que o verão seria diferente, que minha vida ia mudar. Naquele, ela finalmente mudou. Porque eu mudei.

5

O JANTAR DA primeira noite era sempre o mesmo: uma panela enorme de caldo apimentado de frutos do mar que Susannah preparava enquanto esperava a gente chegar. Era cheio de camarão, patas de caranguejo e lula — ela sabia como eu adorava lula. Desde pequena, eu guardava os pedaços de lula para comer por último. Susannah deixava a panela no centro da mesa, junto com uma cesta cheia do pão francês da padaria do bairro. Cada um pegava uma cumbuca, a enchia várias vezes durante o jantar e devolvia a concha de volta para aquele panelão. Susannah e minha mãe sempre tomavam vinho tinto, e eu e os meninos bebíamos Fanta Uva; mas, naquela noite, havia taças de vinho para todos.

— Acho que todos aqui já têm idade suficiente para tomar um vinhozinho, não acha, Lau? — perguntou Susannah, sentando-se à mesa.

— Não sei, não… — começou minha mãe, mas então mudou de ideia. — Ah, tudo bem. Estou sendo rígida demais, não é, Beck?

Susannah riu, tirando a rolha da garrafa.

— Você? Jamais! — respondeu ela, servindo um pouco de vinho para todos. — Hoje é uma noite especial. A primeira do verão.

Conrad tomou o vinho em dois goles; ele parecia acostumado a beber. Acho que muita coisa pode mudar em um ano.

— Mas esta não é a primeira noite do verão, mãe — retrucou ele.

— Ah, é, sim. O verão só começa quando nossos amigos chegam em casa — explicou Susannah, se debruçando na mesa, estendendo os braços e segurando minha mão e a de Conrad.

Ele se afastou, displicente. Susannah pareceu não notar, mas eu notei. Eu sempre prestava atenção no que Conrad fazia.

Jeremiah também deve ter notado, porque logo mudou o rumo da conversa.

— Belly, olha minha nova cicatriz! — exclamou, levantando a camisa. — Marquei três gols nesse dia.

Jeremiah jogava futebol americano e tinha muito orgulho de suas "cicatrizes de guerra".

Eu me aproximei para ver melhor. Era uma marca bem longa, já começando a sumir, que atravessava a parte de baixo da barriga de um lado a outro. Ficou bem evidente que Jeremiah andava malhando. Estava com a barriga reta e durinha, e não era assim no verão anterior. Ele também parecia mais alto que o irmão.

— Uau! — exclamei.

Conrad bufou.

— Jere só quer exibir o tanquinho — reclamou, arrancando um pedaço de pão e mergulhando na cumbuca. — Por que não mostra pra todos, em vez de só pra Belly?

— É, mostra pra gente! — pediu Steven, abrindo um sorrisinho debochado.

Jeremiah devolveu o sorrisinho, então se virou para Conrad:

— Você só está com inveja porque largou o futebol.

Então Conrad tinha largado o futebol? Aquilo era novidade para mim.

— Você largou o futebol, cara? — perguntou meu irmão.

Acho que era novidade para ele também. Conrad jogava muito bem, e Susannah sempre nos mandava as reportagens que saíam sobre o filho. Ele e Jeremiah estavam no mesmo time fazia dois anos, mas Conrad era a estrela.

Ele deu de ombros, indiferente. Ainda estava com o cabelo molhado da piscina — e eu também.

— Ficou chato — explicou.

— Ele está falando de si mesmo, ele é que ficou chato — retrucou Jeremiah, que se levantou e tirou a camisa. — Maneiro, não é?

Susannah deu uma boa risada, e minha mãe riu junto.

— Senta aí, Jeremiah — mandou Susannah, brandindo um pão francês na direção do filho, como se fosse uma espada.

— O que acha, Belly? — perguntou ele.

Pareceu dar uma piscadela, mas seu rosto continuava imóvel.

— Bem legal — concordei, tentando não rir.

— Agora é a vez da Belly se exibir — comentou Conrad, zombando.

— Belly não precisa se exibir. É só olhar pra ela que dá pra ver direitinho como está linda — interveio Susannah, tomando um gole do vinho e sorrindo para mim.

— Linda? Ah, sei! — retrucou Steven. — Ela é um lindo pé no saco, isso, sim.

— Steven… — repreendeu minha mãe.

— O quê? O que foi que eu disse?

— Steven é porco demais pra entender o conceito de beleza — comentei, em um tom muito doce. Depois, empurrei o pão na direção dele. — Oinc, oinc, Steven. Ah, vamos lá. Coma mais um pedacinho de pão.

— Não seja por isso — disse meu irmão, arrancando um pedaço enorme.

— Belly, conta sobre as amigas gostosas que você vai apresentar pra mim — pediu Jeremiah.

— Já não tentamos isso uma vez? — perguntei. — Não me diga que você já se esqueceu da Taylor Jewel.

Todos à mesa riram, até Conrad.

Jeremiah ficou vermelho, mas riu também, balançando a cabeça.

— Você é muito má, Belly. Tem várias garotas bonitas no clube, não precisa se preocupar comigo. Conrad é que é o problema. Ele é que está ficando pra trás.

Jeremiah e Conrad tinham combinado de trabalhar juntos no clube. Con tinha sido salva-vidas lá no verão anterior, e, dessa vez, Jeremiah já tinha idade suficiente para trabalhar também, mas na última hora Conrad mudou de ideia: preferiu ser ajudante de garçom em um restaurante chique de frutos do mar.

A gente sempre ia lá. Crianças até doze anos pagavam só vinte dólares. Por um tempo, foi o meu caso, e minha mãe fazia questão de avisar ao garçom. Era quase uma necessidade dela. E eu sempre queria desaparecer

quando acontecia. Queria ser invisível. Não porque os meninos implicassem comigo — o que eles até faziam. O que eu detestava era a sensação de ser diferente, de não pertencer ao grupo. Eu detestava destoar dos outros. Só queria ser como eles.

6

Dez anos

OS MENINOS SEMPRE foram muito unidos. Conrad era o líder; a palavra dele era lei. Steven era o segundo no comando, e Jeremiah era o bobo da corte. Naquela primeira noite, Conrad decidiu que dormiriam na praia, em sacos de dormir, e fariam uma fogueira. Ele era escoteiro, então sabia tudo sobre essas coisas.

Fiquei só olhando, enquanto os três planejavam o que iam fazer. Fiquei morrendo de inveja, principalmente quando botaram biscoitos e marshmallows na mochila. *Deixem um pouco pra mim*, eu queria dizer. Mas não disse. As coisas não eram minhas, afinal de contas. Nem a casa era minha.

— Steven, não esquece a lanterna — avisou Conrad.

Meu irmão assentiu, sem nem pensar. Eu nunca o tinha visto seguindo ordens com tanta boa vontade. Ele sempre admirara e respeitara Conrad, que era oito meses mais velho. Todo mundo tinha alguém ali, menos eu. Desejei estar em casa, preparando sundaes de caramelo com meu pai, para depois tomá-los sentada no chão da sala.

— Jeremiah, o baralho — acrescentou Conrad, enrolando um saco de dormir.

Jeremiah fez uma reverência e uma dancinha, e eu dei risada.

— Sim, senhor! — Ele se virou para mim, no sofá, e completou: — Conrad é mandão que nem nosso pai. Mas você não precisa obedecer!

Depois que Jeremiah falou comigo, consegui reunir coragem para pedir:

— Posso ir junto?

Steven nem piscou antes de responder:

— Não. Só garotos. Certo, Con?

Conrad hesitou.

— Sinto muito, Belly — respondeu ele.

Por um segundo, talvez dois, ele pareceu mesmo sentir muito. Então voltou a enrolar o saco de dormir. Dei as costas para eles e me virei para a TV.

— Tudo bem. Não estou nem aí.

— Aaah, olha só, Belly vai chorar! — provocou meu irmão, todo animado. Então se virou para Jeremiah e Conrad: — Ela sempre chora quando não consegue o que quer. E nosso pai sempre cai.

— Cala a boca, Steven!

Eu estava mesmo com medo de começar a chorar. A última coisa que queria era parecer um bebê chorão logo na primeira noite. Aí mesmo é que os meninos nunca me levariam com eles.

— Belly vai chora-ar… — cantarolou meu irmão.

Ele e Jeremiah começaram a dançar.

— Deixem ela em paz — intrometeu-se Conrad.

Steven parou de dançar.

— O quê? — perguntou, confuso.

— Vocês dois são tão imaturos… — continuou Conrad, balançando a cabeça.

Eles terminaram de organizar toda a parafernália e se preparavam para sair.

Eu estava prestes a perder minha chance de acampar, de ser parte do grupo.

— Steven, se você não me deixar ir, vou contar tudo pra mamãe — disparei.

Meu irmão fechou a cara.

— Não vai, não. Ela detesta quando você faz fofoca.

Era verdade: minha mãe detestava quando eu fazia queixa de Steven por aquele tipo de coisa. Ela ia dizer que meu irmão precisava de espaço, que eu poderia ir em uma próxima vez, que seria muito mais divertido ficar em casa com ela e Beck.

Afundei no sofá, cruzando os braços. Tinha perdido minha chance, e agora parecia mesmo uma fofoqueira, um bebezão.

A caminho da porta, Jeremiah se virou e fez uma dancinha para mim. Eu não consegui segurar o riso. Conrad falou, por cima do ombro:

— Boa noite, Belly.

E foi isso. Eu estava apaixonada.

7

NÃO PERCEBI LOGO de cara que a família deles tinha muito mais dinheiro que a nossa. A casa de praia não era chique; era normal, habitável e confortável, com sofás de estofados velhos e desbotados e uma poltrona reclinável — eu e os meninos sempre brigávamos para ver quem ia se sentar nela. As paredes brancas eram meio descascadas, e o piso de madeira já estava descolorido pelo sol.

Mas era uma casa grande, com espaço para todos nós e muito mais. Tinham feito uma reforma uns anos antes, aumentando os cômodos. Em uma ponta ficava o quarto da minha mãe, o da Susannah e o do Sr. Fisher, além de um quarto de hóspedes vazio. Na outra ponta, ficava o meu quarto, mais outro quarto de hóspedes e o que os meninos dividiam — coisa que me deixava morrendo de ciúme, claro. No quarto dos três tinha um beliche e uma cama de solteiro, e eu detestava ter que dormir sozinha, ouvindo os risos e cochichos deles do outro lado da parede a noite toda. De vez em quando eles me deixavam dormir lá, mas só quando tinham alguma história particularmente assustadora para contar. Eu era uma boa ouvinte, sempre gritava na hora certa.

Depois que crescemos, os garotos pararam de dividir quarto. Steven foi para o de hóspedes no lado dos adultos, e Jeremiah e Conrad ganharam cada um seu próprio quarto no meu lado da casa. Desde o começo, eu e os meninos dividíamos o banheiro daquela parte. Minha mãe tinha um só para ela, e o da Susannah ficava na suíte. No nosso banheiro havia duas pias: Jeremiah e Conrad dividiam uma, e eu e Steven, a outra.

Quando éramos pequenos, os meninos nunca baixavam o assento do vaso — e, depois de grandes, também não. Era um lembrete constante de que eu não era um deles. Mas algumas coisinhas tinham mudado. Antes, eles quase sempre deixavam o banheiro todo molhado, fosse porque faziam guerra de água, fosse por desleixo. Depois que começaram a se barbear, enchiam a pia de pelos, e a bancada ficava tomada por desodorantes, cremes de barbear e colônias pós-barba.

Eles tinham mais colônias do que eu tinha perfumes — eu só usava um único vidrinho rosa de perfume francês que meu pai me dera no Natal quando eu tinha treze anos. A fragância era uma mistura de baunilha, açúcar queimado e limão. A namorada universitária dele que deve ter escolhido; papai não era bom com essas coisas. De qualquer forma, eu não deixava meu perfume no banheiro, junto com os produtos dos garotos. O vidrinho ficava na cômoda do meu quarto, mas eu nunca o usava. Nem sei por que o levava para a praia.

8

DEPOIS DO JANTAR, fiquei deitada no sofá lá de baixo, dividindo a sala com Conrad. Ele ficou sentado de frente para mim, dedilhando o violão, a cabeça baixa.

— Ouvi dizer que você está namorando — comentei. — E que é sério.

— Meu irmão é mesmo um fofoqueiro!

Mais ou menos um mês antes da viagem, Jeremiah tinha ligado para Steven. Os dois passaram um bom tempo ao telefone, e fiquei ouvindo a conversa por trás da porta. Steven não falava muito, mas parecia ser coisa séria. Entrei no quarto e perguntei sobre o que estavam falando, e Steven me acusou de espionagem, mas acabou contando que Conrad tinha arrumado uma namorada.

— E aí? Como ela é? — perguntei, sem encará-lo.

Tinha medo de que ele percebesse quanto eu me importava com aquilo.

Conrad pigarreou antes de dizer:

— Nós terminamos.

Quase engasguei. Meu coração pareceu parar de bater por um segundo.

— Então sua mãe estava falando sério quando disse que você é um destruidor de corações. — Era para ser uma piada, mas as palavras soaram,

tanto na minha cabeça quanto no ar, como uma afirmação.

Conrad estremeceu antes de retrucar, a voz sem emoção:

— Ela me deu um fora.

Eu não conseguia imaginar como alguém podia terminar com ele. Fiquei me perguntando como seria a tal menina. De repente formei a imagem de uma pessoa real e atraente na minha cabeça.

— Qual é o nome dela?

— Que diferença faz? — perguntou Conrad, ríspido. Então respondeu: — Aubrey. O nome dela é Aubrey.

— Por que ela terminou com você?

Eu não conseguia me segurar, estava muito curiosa. Quem era aquela garota? Imaginei uma menina loira, com o cabelo bem claro e olhos azul-turquesa, com cutículas perfeitas e unhas longas e ovais. Minhas unhas sempre foram curtinhas por causa do piano, e depois que parei de tocar as mantive assim, só pelo costume.

Conrad largou o violão e ficou encarando o nada, amuado.

— Ela disse que eu mudei.

— E mudou?

— Não sei. Acho que todo mundo muda. Você mudou.

— Mudei como?

Ele deu de ombros e pegou o violão de novo.

— É como eu disse, todo mundo muda.

* * *

Conrad tinha começado a tocar violão no ensino fundamental. Eu odiava quando ele tocava. Ele ficava sentado, dedilhando, meio distraído, não completamente presente no momento, cantarolando sozinho enquanto parecia estar em outro lugar. Enquanto nós assistíamos à TV ou jogávamos baralho, ele passava todo o tempo tocando. Ou ficava no quarto, praticando. Eu não sabia para que ele praticava tanto, mas aquilo me irritava, porque o violão o roubava de nós.

Certa vez, ele tirou um dos fones de ouvido e estendeu para mim, enquanto continuava com o outro, e disse:

— Escuta isso. — Encostamos as cabeças. — Não é incrível?

Era Pearl Jam. Conrad estava todo feliz e encantado, como se ele mesmo tivesse descoberto a banda. Eu nunca tinha ouvido, mas, naquele momento, me pareceu a melhor música do mundo. Comprei o álbum *Ten* e escutei sem parar. Sempre que ouvia a faixa cinco, "Black", era como se eu voltasse para aquele momento, várias e várias vezes.

Quando aquele verão acabou, quando voltei para casa, fui até a loja, comprei a partitura e aprendi a tocar o álbum inteiro no piano. Achava que um dia acompanharia Conrad e formaríamos uma dupla ou coisa do tipo. O que era só um sonho idiota, porque na casa de praia nem havia piano. Susannah até quis comprar um para deixar lá, para que eu pudesse praticar, mas minha mãe foi contra.

9

À NOITE, QUANDO eu não conseguia dormir, sempre descia a escada de fininho e ia para a piscina. Começava dando voltas, então nadava até cansar. Depois, voltava para a cama sentindo aquela dorzinha gostosa nos músculos, muito trêmulos e relaxados. Quando saía da água, adorava me enrolar em uma das enormes toalhas azuis da Susannah — nunca tinha visto toalhas tão grandes na vida. Então subia para o quarto na pontinha dos pés e dormia com o cabelo ainda molhado. É tão bom dormir depois de sair da água! Não tem coisa igual.

Dois verões antes, Susannah me encontrou lá embaixo. Desde então, ela passava algumas noites nadando comigo. Já debaixo d'água, dando minhas voltas, eu a sentia mergulhar e começar a nadar no outro lado da piscina. Nós não nos falávamos, só nadávamos, mas era reconfortante tê-la ali. Foram as únicas vezes do verão que a vi sem peruca.

Naquela época, depois de perder o cabelo por causa da quimioterapia, Susannah passou a usar peruca o tempo todo. Ninguém a via sem, nem mesmo minha mãe. Susannah tinha o cabelo mais lindo do mundo: longo, cor de caramelo, macio como algodão-doce. A peruca nem se comparava ao cabelo dela, apesar de ser cara, da melhor qualidade, feita de fios naturais.

Quando o cabelo voltou a crescer, depois da químio, ela passou a usá-lo curto, na altura do queixo. Continuava bonito, mas não era mais a mesma coisa. Quem a olhasse depois do câncer nem poderia imaginar como era antes, com o cabelo comprido como o de uma adolescente. Como o meu.

Não consegui dormir na primeira noite daquele verão. Sempre demorava um ou dois dias para me reacostumar com a cama, mesmo que tivesse dormido nela praticamente todos os verões da minha vida. Eu me remexi e me revirei por um tempo, até que não aguentei mais: botei o maiô de listras douradas com decote nadador — meu antigo uniforme na equipe de natação que quase não cabia mais em mim. Era minha primeira visita noturna à piscina naquele ano.

Quando eu nadava sozinha, à noite, tudo ficava muito mais nítido. Ouvir minha respiração enquanto levantava e afundava a cabeça me acalmava e fazia com que eu me sentisse forte e tranquila. Como se eu pudesse nadar para sempre.

Durante minha quarta volta na piscina, bati com o pé em algo quando fui me virar. Levantei a cabeça para tomar ar e vi que era a perna do Conrad. Ele estava sentado na borda, balançando os pés dentro d'água. Tinha passado todo aquele tempo me observando. E fumava um cigarro.

Fiquei dentro d'água, submersa até o pescoço, subitamente me dando conta de que aquele maiô estava pequeno demais. Eu não ia sair da piscina com Conrad ali, de jeito nenhum!

— Desde quando você fuma? — perguntei, em um tom acusatório. — E o que está fazendo aqui embaixo?

— O que você quer que eu responda primeiro?

Ele estava com aquela cara debochada e condescendente de sempre. Aquela cara que me deixava louca.

Nadei até a ponta da piscina e me debrucei na borda.

— A segunda pergunta.

— Eu não estava conseguindo dormir, então saí pra dar uma volta — explicou ele, dando de ombros.

Era mentira. Ele tinha saído para fumar.

— E como você sabia que eu estava aqui?

Ele tragou o cigarro.

— Ah, qual é, Belly. Você sempre vem nadar à noite.

Ele sabia que eu nadava à noite? Achei que fosse um segredo só meu. Meu e da Susannah, claro. Fiquei me perguntando desde quando ele sabia e

se todo mundo sabia. Nem sei por que isso importava, mas sei que importava. Pelo menos para mim.

— Ok, tudo bem. E desde quando você fuma?

— Não sei. Acho que desde o ano passado.

Ele estava sendo vago de propósito. Que raiva!

— Bom, mas não deveria. Melhor parar agora mesmo. Já está viciado?

Ele riu.

— Não.

— Então pare. Sabe que pode parar, basta querer.

Se ele quisesse, poderia fazer qualquer coisa.

— Bem, talvez eu não queira.

— Mas deveria, Conrad. Fumar faz mal.

— E o que eu ganho se parar? — perguntou ele, me provocando, enquanto segurava o cigarro acima da abertura da lata de cerveja.

O clima mudou de repente. Parecia carregado de eletricidade, como se um raio tivesse acabado de cair em mim. Larguei a borda da piscina e nadei para longe dele. Senti como se tivesse demorado uma eternidade para responder.

— Nada. Você deveria parar por si mesmo.

— É verdade — concordou ele, acabando com o momento. Então se levantou e jogou o cigarro dentro da lata de cerveja. — Boa noite, Belly. Não fique até muito tarde aqui fora. Nunca se sabe o tipo de monstro que pode aparecer à noite.

Tudo estava de volta ao normal. Joguei água nas pernas dele, que se afastava.

— Vai se ferrar! — gritei, mas Conrad já tinha me dado as costas.

Muito tempo atrás, os três meninos tinham me convencido de que um assassino de crianças estava à solta, e bem do tipo que gosta de menininhas gordinhas com cabelo castanho e olhos azul-acinzentados.

— Espera! Vai parar de fumar ou não? — gritei.

Conrad não respondeu, só riu. Deu para perceber pelo jeito como seus ombros balançaram quando ele fechou o portão.

Depois que ele saiu, fiquei boiando. Sentia as batidas do coração reverberando nos ouvidos. Batia rápido-rápido-rápido, como um metrônomo. Conrad estava diferente. Eu já tinha percebido aquilo no jantar, antes de ele me contar sobre Aubrey. Ele havia mudado. E, ainda assim, o efeito que exercia sobre mim permanecia o mesmo. Eu continuava

sentindo exatamente a mesma coisa. Era como se eu estivesse no topo de uma montanha-russa, prestes a despencar.

10

— BELLY, VOCÊ JÁ ligou pro seu pai? — perguntou minha mãe.

— Ainda não.

— Não é melhor ligar logo, conversar um pouco com ele, contar como vão as coisas?

Revirei os olhos.

— Duvido que ele esteja preocupado com isso.

— É bom ligar mesmo assim.

— Você mandou Steven ligar?

— Não, não mandei — retrucou ela, elevando a voz. — Seu pai e seu irmão vão passar duas semanas juntos visitando faculdades. Já você só vai vê-lo depois do verão.

Por que minha mãe tinha que ser tão sensata? Tudo com ela era assim. Ela era a única pessoa que eu conhecia que conseguiu ter um divórcio sensato.

— Liga pro seu pai — insistiu ela, estendendo o telefone para mim.

E saiu da sala.

Minha mãe sempre me deixava sozinha quando eu falava com meu pai. Como se eu tivesse algum segredo que não pudesse falar na frente dela.

Não liguei para ele, simplesmente botei o telefone de volta no gancho. Ele é que devia me ligar. Ele era o pai, e eu, a filha.

Além disso, pais não pertenciam à casa de praia. Pelo menos não o meu pai, nem o Sr. Fisher. Claro que os dois às vezes iam visitar, mas ali não era o lugar deles. Pais não pertenciam àquele cenário. Não do jeito que nós, filhos e mães, pertencíamos.

11

Nove anos

ESTÁVAMOS JOGANDO BARALHO na varanda, e minha mãe e Susannah tomavam margaritas, envolvidas no próprio jogo. O sol se punha, e as duas logo entrariam para fazer milho cozido e cachorro-quente. Mas só dali a alguns minutos. Iam terminar a partida primeiro.

— Laurel, por que você chama minha mãe de Beck, se todo mundo a chama de Susannah? — perguntou Jeremiah.

Ele e Steven formavam uma dupla e estavam perdendo. Todas as vezes, Jeremiah ficava entediado jogando baralho e sempre procurava algo mais interessante para fazer ou falar.

— Porque o nome de solteira dela é Beck — explicou minha mãe, apagando um cigarro.

As duas só fumavam quando estavam juntas, por isso era uma ocasião especial. Minha mãe dizia que fumar com Susannah a fazia se sentir jovem outra vez. Eu sempre alertava que aquilo ia encurtar a expectativa de vida dela em alguns anos, mas minha mãe ignorava todas as minhas preocupações, balançando a mão e dizendo que eu só pensava no pior.

— O que é nome de solteira? — indagou Jeremiah.

Meu irmão deu um tapinha nas cartas na mão dele, para que voltasse a atenção ao jogo, mas não adiantou.

— É o sobrenome que a mulher usa antes de se casar, seu imbecil — respondeu Conrad.

— Não xinga seu irmão, Conrad — repreendeu Susannah, em uma voz meio automática, ajeitando as cartas na mão.

— Mas por que a mulher é obrigada a mudar de nome? — perguntou Jeremiah.

— Não é obrigada. Eu, por exemplo, não mudei. Ainda me chamo Laurel Dunne, o nome que recebi no dia em que nasci. Viu que legal? — Minha mãe se sentia superior por isso. — Afinal, por que uma mulher deveria mudar o próprio nome por um homem? Eu sou contra.

— Laurel, cala essa boca, vai — interveio Susannah, botando algumas cartas na mesa. — Bati.

Minha mãe suspirou e largou as dela também.

— Bem, chega de buraco. Que tal jogar paciência com eles?

— Você não sabe perder! — reclamou Susannah.

— Mãe, não estamos jogando paciência. Estamos jogando buraco, e você não pode jogar porque sempre rouba — avisei.

Conrad era minha dupla, e eu tinha quase certeza de que íamos ganhar. Eu o escolhera de propósito, porque ele era bom em tudo. Era o que nadava mais rápido, o melhor nas pranchas de bodyboard e, claro, sempre ganhava quando jogávamos baralho.

Susannah bateu palmas, rindo.

— Lau, essa garota é você todinha.

— Não, Belly é filha do pai.

As duas trocaram um daqueles olhares secretos que me davam vontade de perguntar "o quê, o quê?", mas eu sabia que minha mãe nunca diria. Ela era muito boa em guardar segredos, sempre foi. E eu realmente me achava parecida com meu pai: tinha os olhos dele, com os cantinhos virados para cima, além de uma versão feminina e pequena do nariz e do queixo proeminente dele. Da minha mãe, só tinha puxado as mãos.

O momento passou. Susannah sorriu para mim e disse:

— Você está absolutamente certa, Belly. Sua mãe rouba muito. Principalmente no buraco. E quem rouba nunca se dá bem, ouviram, crianças?

Susannah sempre nos chamava de crianças, mas aquilo não me incomodava. Normalmente incomodaria, mas o jeito como ela falava não era ruim, como se fôssemos bobos e infantis. Soava como se tivéssemos a vida toda pela frente.

12

O Sr. Fisher aparecia em alguns fins de semana durante o verão, e sempre na primeira semana de agosto. Ele era banqueiro, e se ausentar do trabalho por muito tempo era, em suas palavras, simplesmente impossível. Bem, de qualquer maneira, a casa ficava mais legal sem ele, só nós seis. Eu me sentia um pouco desconfortável quando ele estava. Acho que todo mundo. Quer dizer, exceto Susannah e minha mãe, claro. Era engraçado, minha mãe conhecia o Sr. Fisher havia tanto tempo quanto Susannah — os três tinham feito faculdade juntos, e a turma era bem pequena.

Susannah sempre dizia para eu chamar o Sr. Fisher de Adam, mas eu nunca consegui. Não parecia correto. Sentia que devia chamá-lo de Sr. Fisher, e era isso que eu e meu irmão fazíamos. Acho que alguma coisa nele passava essa imagem para as pessoas, e não apenas para as crianças. E acho que ele preferia assim.

Ele chegava na hora do jantar, na sexta à noite, e sempre o esperávamos para comer. Susannah já deixava o drink preferido dele pronto: uísque com refrigerante. Minha mãe implicava com ela por ficar esperando pelo marido, mas Susannah não ligava. Na verdade, minha mãe também implicava com o Sr. Fisher, que, por sua vez, implicava com minha mãe.

Talvez implicar não seja bem a palavra, era mais uma provocação de velhos amigos. Eles implicavam muito um com o outro, mas também sempre sorriam. Era engraçado. Minha mãe e meu pai quase nunca brigavam, mas também não sorriam muito.

Acho que o Sr. Fisher era um pai bonitão. Era mais bonito que o meu, pelo menos, mas também mais vaidoso. Não sei se ele era tão bonito quanto Susannah, mas é que Susannah era uma das pessoas que eu mais amava no mundo, e quem pode competir com isso? Às vezes parece que a pessoa é um milhão de vezes mais bonita para a gente, na nossa cabeça. É como se a olhássemos com lentes especiais. Ou talvez a gente veja o que a pessoa realmente é. Que nem aquela história da árvore que cai na floresta.

O Sr. Fisher sempre dava vinte dólares para nós, crianças, quando íamos a algum lugar. Conrad ficava responsável pelo dinheiro. "É para tomarem um sorvete", dizia ele. "Comprem um docinho." Um docinho. Era sempre isso. Para Conrad, o pai era seu herói. Ou pelo menos foi, por muito tempo. Por mais tempo do que é para a maioria das pessoas. Acho que meu pai deixou de ser meu herói quando o vi com uma de suas alunas do doutorado, depois que ele e minha mãe se separaram. E a garota nem era bonita.

Parecia fácil culpar meu pai pela coisa toda: o divórcio, o novo apartamento. Mas, se eu tivesse que culpar alguém, seria minha mãe. Por que ela tinha que ser tão calma, tão plácida? Meu pai pelo menos chorou. Pelo menos sofreu. Minha mãe não disse nada, não deixou transparecer nada. Nossa família se desfez, e ela simplesmente seguiu em frente. Não era justo.

Quando voltamos para casa, depois daquele verão, meu pai já tinha se mudado, levando suas primeiras edições de Hemingway, seu tabuleiro de xadrez, os CDs de Billy Joel e Claude, o gato. Claude sempre foi mais do meu pai do que de qualquer outra pessoa. Era justo que ele levasse o gato, mas fiquei triste mesmo assim. De certa maneira, a ausência de Claude era pior que a do meu pai, porque Claude era tão seguro na maneira como habitava nossa casa, como ocupava cada espaço… Era como se ele fosse o verdadeiro dono da casa.

Meu pai me levou para almoçar no Applebee's e disse, em tom de desculpa:

— Sinto muito por ter levado o Claude. Está com saudade dele?

Ele passou a maior parte do almoço com a barba — que tinha deixado crescer — suja de molho. Aquilo estava me irritando. A barba estava me

irritando. O almoço estava me irritando.

— Não — respondi. Não conseguia tirar os olhos da minha sopa de cebola. — Ele é seu.

Assim, meu pai ficou com Claude, e minha mãe ficou comigo e com Steven. Foi bom para todo mundo. Víamos meu pai quase todo fim de semana; ficávamos no apartamento novo dele, que cheirava a mofo, não importava quanto incenso ele acendesse.

Eu detesto incenso, e minha mãe também. Aquilo me faz espirrar. Acho que meu pai se sentia independente e exótico acendendo todos os incensos que quisesse em seu novo cafofo, que era como ele chamava o lugar. Logo que eu entrava no apartamento, perguntava, em um tom acusatório: "Você andou acendendo incenso aqui?" Será que ele já tinha se esquecido da minha alergia?

Meio culpado, ele admitia que sim, que tinha acendido uns incensos, mas que não faria mais. Só que continuava fazendo. Acendia incensos quando eu não estava, do lado de fora da janela, mas eu sentia o cheiro ainda assim.

Era um apartamento de dois quartos; meu pai dormia na suíte, e eu ficava no outro quarto, em uma cama de solteiro com lençóis cor-de-rosa. Meu irmão dormia no sofá-cama da sala — o que me dava inveja, para falar a verdade, porque ele podia ficar acordado vendo TV. Meu quarto tinha apenas a cama e uma cômoda branca que eu quase não usava, e só uma das gavetas guardava roupas, as outras ficavam vazias. Também havia uma estante, com livros que ele comprara. Meu pai sempre comprava livros para mim, na esperança de que eu ficasse inteligente como ele, que adorava palavras, adorava ler. Eu gostava de ler, mas não do jeito que ele esperava. Não de um jeito acadêmico, sabe? Eu gostava de romances, não de não ficção. E eu odiava aqueles lençóis cor-de-rosa pinicantes. Se meu pai tivesse me consultado, eu teria dito para ele comprar lençóis amarelos, não rosa.

Mas ele tentava. Do jeito dele, mas tentava. Comprou um piano de segunda mão, que ficou na sala de jantar, só para eu praticar quando estivesse passando o fim de semana com ele. Eu dificilmente tocava — o piano estava desafinado, e eu nunca tive coragem de dizer isso a ele.

Esse era um dos motivos pelos quais eu esperava ansiosa pelo verão. Significava que não precisaria ir para aquele apartamento triste do meu pai. Não que eu não quisesse vê-lo; eu queria, sim. Morria de saudade dele. Mas aquele apartamento era deprimente. Queria poder passar um tempo com ele

na nossa casa. Na nossa casa de verdade. Queria que as coisas fossem como antes. E, como minha mãe passava quase o verão todo com a gente, quando voltávamos, Steven e eu viajávamos com ele. Em geral íamos para a Flórida, visitar a vovó. E era uma viagem deprimente. Vovó passava o tempo todo tentando convencer meu pai a voltar para minha mãe, que ela adorava. "Você tem falado com a Laurel?", perguntava ela, mesmo muito depois do divórcio.

Eu detestava vê-la pressionando meu pai daquele jeito, porque aquilo estava fora do controle dele. Era humilhante, porque foi minha mãe que terminou com ele. Ela quem pediu o divórcio, quem apressou a coisa toda. Eu tinha certeza. Meu pai viveria perfeitamente bem empurrando o casamento com a barriga, morando no nosso sobrado azul, com Claude e todos os livros.

Meu pai uma vez me contou que Winston Churchill dizia que a Rússia era uma charada embrulhada em um mistério dentro de um enigma. De acordo com ele, Churchill estava falando da minha mãe. Isso foi antes do divórcio, e foi dito com um misto de ressentimento e respeito. Porque, mesmo quando odiava minha mãe, ele a admirava.

Acho que meu pai teria ficado com ela para sempre, tentando desvendar aquele mistério. Ele era bom em resolver quebra-cabeças, o tipo de pessoa que gosta de teoremas, de teorias. X sempre tinha que ser igual a alguma coisa. Não podia ser *só* X.

Para mim, minha mãe não tinha nada de misteriosa. Ela era minha mãe. Sempre sensata, sempre segura de si. Para mim, ela era tão misteriosa quanto um copo de água. Minha mãe sabia o que queria e o que não queria — e o que não queria era continuar casada com meu pai. Eu não tinha certeza se ela não o amava mais ou se nunca tinha amado.

Quando íamos para a casa da vovó, minha mãe sempre fazia alguma viagem. Ia para lugares distantes, como a Hungria ou o Alasca. E sempre sozinha. Tirava fotos, mas eu nunca pedi para vê-las, e ela nunca tentou me mostrar.

13

QUANDO MINHA MÃE chegou, eu estava sentada na varanda, comendo torrada e lendo uma revista. Ela estava com aquela cara séria, a cara de quem quer falar alguma coisa — a mesma cara que fazia quando queria ter uma de suas conversas de mãe para filha. Eu detestava aquelas conversas tanto quanto detestava ficar menstruada.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou, com um tom muito casual.

Enfiei o resto da torrada na boca.

— Acho que isto que já estou fazendo.

— Talvez você devesse começar a estudar para as provas de inglês — sugeriu ela, limpando umas migalhas do meu queixo.

— É, eu estava planejando estudar mesmo — respondi, embora não estivesse.

Minha mãe pigarreou. Então perguntou na lata:

— Conrad está usando drogas?

— Quê?

— Conrad está usando drogas?

— Não! E por que você está perguntando isso pra mim? Conrad não fala comigo. Pergunta pro Steven — respondi, chocada.

— Já perguntei. Ele não sabe. E ele não mentiria — completou ela, me encarando.

— Bom, eu também não.

Minha mãe suspirou.

— Eu sei. Beck está preocupada. Ele vem agindo de um jeito muito diferente. Largou o futebol…

— E eu larguei o balé — retruquei, revirando os olhos. — Mas nem por isso sou vista por aí fumando crack.

Minha mãe comprimiu os lábios.

— Promete que vai me contar se ouvir alguma coisa?

— Não sei… — respondi, só para provocar.

Eu não precisava prometer nada. Sabia que Conrad não estava usando drogas. Tomar uma cerveja era uma coisa, mas ele nunca passaria disso. Eu podia apostar minha vida.

— Belly, estou falando sério.

— Mãe, relaxa. Ele não está se drogando. Aliás, quando foi que você virou detetive? E quem é você pra falar qualquer coisa? — brinquei, com uma cotovelada fraca e divertida.

Ela deu um sorrisinho e balançou a cabeça.

— Não começa.

14

Treze anos

ELAS ACHARAM QUE a gente não fosse descobrir da primeira vez que fizeram aquilo. Foi até meio burro da parte delas, porque era uma das raras noites em que estávamos todos em casa. Eu e os meninos estávamos na sala de estar: Conrad com fones de ouvido escutando música, Jeremiah e Steven jogando videogame, e eu, deitada na poltrona reclinável, lendo *Emma*, de Jane Austen — porque achava que aquilo me fazia parecer inteligente, e não porque gostava do livro. Se fosse por gosto mesmo, eu estaria trancada no quarto com *O jardim dos esquecidos*, de V.C. Andrews, ou algo do tipo, não com Jane Austen.

Acho que Steven foi o primeiro a sentir o cheiro. Ele olhou em volta, farejou como um cachorro e perguntou:

— Estão sentindo?

— Eu disse pra você não comer feijão, Steven! — brincou Jeremiah, com os olhos grudados na TV.

Dei uma risadinha. Mas não era cheiro de pum, eu também tinha sentido.

— É maconha — anunciei, em voz alta.

Queria ser a primeira a dizer, para provar que sabia das coisas.

— Está maluca! — retrucou Jeremiah.

Conrad tirou os fones.

— Belly está certa. É maconha.

Steven pausou o jogo e se virou para me encarar. Então perguntou, desconfiado:

— Como é que você conhece cheiro de maconha, Belly?

— Porque vivo chapada, Steven. Sou maconheira, não sabia?

Eu detestava quando Steven bancava o irmão mais velho, ainda mais na frente de Conrad e Jeremiah. Era como se ele tentasse me diminuir de propósito.

Steven me ignorou.

— Está vindo lá de cima?

— É minha mãe — explicou Conrad, botando os fones de novo. — Por causa da químio.

Percebi que Jeremiah não sabia. Ele não disse nada, mas pareceu confuso, até magoado. Coçou a nuca e olhou para o nada por um minuto. Steven e eu nos entreolhamos. Era estranho; sempre que o assunto era o câncer de Susannah, nós dois nos sentíamos deslocados. Nunca sabíamos o que dizer, então nunca dizíamos nada. Na maior parte das vezes, fingíamos que nada estava acontecendo, assim como Jeremiah.

Com minha mãe era diferente. Ela parecia sempre calma. Susannah dizia que com minha mãe ela se sentia normal de novo. Minha mãe era boa naquilo, em fazer as pessoas se sentirem normais. Seguras. Como se, enquanto ela estivesse por perto, nada de ruim pudesse acontecer.

* * *

Quando as duas desceram, um pouco mais tarde, estavam rindo que nem adolescentes que roubaram bebida dos pais. Ficou bem evidente que minha mãe tinha fumado também.

Steven e eu nos entreolhamos, dessa vez horrorizados. Minha mãe era a última pessoa no planeta que fumaria maconha — depois da mãe dela, claro.

— Vocês comeram o Cheetos todo, meninos? — perguntou ela, inspecionando o armário da cozinha. — Estou morrendo de fome.

— Comemos — respondeu Steven, sem conseguir nem olhar para minha mãe.

— E aquele pacote de batatinhas? Pega lá pra gente — pediu Susannah, se aproximando por trás da minha poltrona.

Ela mexeu no meu cabelo delicadamente, daquele jeito que eu amava. Susannah era mais carinhosa que minha mãe e sempre dizia que eu era a filha que ela nunca tivera. E adorava me dividir com minha mãe, que não se incomodava — eu também não, aliás.

— O que está achando de *Emma*? — perguntou Susannah, daquele jeito dela que fazia com que a gente se sentisse a pessoa mais importante do lugar.

Abri a boca para mentir e dizer que estava achando ótimo, mas, antes que eu conseguisse, Conrad, ainda de fones de ouvido, se intrometeu, dizendo bem alto:

— Ela está na mesma página há mais de uma hora.

Olhei feio para ele, mas por dentro fiquei encantada por ter reparado em mim. Ao menos uma vez era *ele* quem estava *me* observando. Mas claro que estava, Conrad reparava em tudo. Sabia até se o cachorro do vizinho tinha mais remela no olho esquerdo que no direito, ou se o entregador de pizza havia trocado de carro. Ser notada por Conrad não era exatamente um elogio; era quase natural.

— Ah, espera o livro engrenar, você vai adorar — garantiu Susannah, afastando a franja da minha testa.

— Eu sempre levo um tempo pra entrar na história — concordei, mas parecia que eu estava me desculpando.

Não queria que ela se sentisse mal; o livro tinha sido recomendação dela.

Minha mãe entrou na sala com um pacote daquelas balas compridas e azedinhas e um saco de batatinhas fritas que já estava pela metade. Ela jogou uma bala para Susannah, e tarde demais gritou:

— Segura!

Não deu tempo, e o doce caiu no chão. Susannah gargalhou enquanto se abaixava para pegar.

— Mas que desastrada… — comentou, mordiscando a bala como uma caipira mascando um pedaço de palha. — O que deu em mim?

— Mãe, todo mundo sabe que vocês estavam fumando maconha — retrucou Conrad, balançando a cabeça de leve, no ritmo da música que só ele podia ouvir.

Susannah tapou a boca. Não disse nada, mas parecia genuinamente triste.

— Ops… — respondeu minha mãe. — Acho que nos pegaram, Beck. Meninos, a mãe de vocês está fazendo uso medicinal de *marijuana* pra tratar as náuseas causadas pela químio.

Steven não tirou os olhos da televisão ao perguntar:

— E você, mãe? Também está fazendo uso medicinal?

Eu sabia que ele estava tentando descontrair a tensão, e funcionou. Steven era bom nisso.

Susannah soltou uma gargalhada, e minha mãe bateu com uma das balas no topo da cabeça dele.

— Espertinho. Eu estou oferecendo apoio moral pra minha melhor amiga no mundo inteiro. Tem motivos piores.

Steven pegou o pacote e jogou uma bala inteira na boca.

— Então tudo bem se eu fumar maconha também, certo?

— Só quando você tiver câncer de mama — respondeu minha mãe, trocando um sorrisinho com Susannah, sua melhor amiga no mundo inteiro.

— Ou quando sua melhor amiga tiver — completou Susannah.

Em meio a tudo isso, Jeremiah estava quieto, não tinha falado nada. Seus olhos só ficaram se alternando entre Susannah e a TV, como se ele sentisse medo de que a mãe desaparecesse no ar caso desse as costas para ela.

* * *

Naquela tarde, nossas mães achavam que estávamos na praia. Não sabiam que Jeremiah e eu tínhamos ficado entediados e voltado para casa, para fazer um lanche. Enquanto subíamos os degraus da varanda, ouvimos a conversa das duas pela janela.

Jeremiah parou quando escutou a mãe dizer:

— Lau, eu me odeio por pensar isso, mas acho que prefiro morrer a perder meu peito.

Ele prendeu a respiração e ficou lá, ouvindo. Então se sentou, e eu me sentei do lado.

— Sei que no fundo não é isso que você pensa — retrucou minha mãe.

Eu detestava quando ela falava aquilo, e acho que Susannah também não gostava, porque respondeu:

— Não venha me dizer o que penso ou deixo de pensar.

Eu nunca tinha ouvido Susannah falar daquele jeito, tão grossa e irritada.

— Está bem. Tudo bem. Retiro o que disse.

Então Susannah começou a chorar. Mesmo sem vê-las, eu sabia que minha mãe acariciava as costas dela em movimentos circulares, igualzinho fazia comigo quando eu ficava triste.

Desejei fazer o mesmo com Jeremiah. Sabia que aquilo o confortaria, mas não consegui. Apenas segurei a mão dele e apertei bem forte. Ele não olhou para mim, mas não soltou minha mão. Foi nesse momento que nos tornamos amigos de verdade.

Ouvimos minha mãe dizer, em um tom bem sério e impassível:

— Esses seus peitos malditos são mesmo maravilhosos.

Susannah começou a rir e a chorar ao mesmo tempo. Ficaria tudo bem. Enquanto minha mãe falasse daquele jeito, enquanto Susannah risse, tudo ficaria bem.

Soltei a mão de Jeremiah e me levantei. Ele fez o mesmo. Fomos andando de volta para a praia, e nenhum dos dois disse uma só palavra. O que teríamos para dizer? "Sinto muito por sua mãe ter câncer"? "Espero que ela não perca o peito"?

Ao chegarmos lá, encontramos Conrad e Steven, que tinham acabado de sair da água com suas pranchas de bodyboard. Continuávamos mudos, e Steven percebeu. Acho que Conrad também, mas não comentou nada. Foi meu irmão quem perguntou:

— O que aconteceu?

— Nada — respondi, me sentando e abraçando os joelhos.

— Vocês se beijaram ou coisa do tipo? — insistiu ele, torcendo o calção e molhando meus joelhos.

— Cala a boca! — bradei.

Eu estava quase puxando o short dele, só para mudar de assunto. No verão anterior, os meninos faziam aquilo o tempo todo. Eu nunca tinha participado da brincadeira, mas, naquele momento, realmente tive vontade.

— Ah, eu sabia! — insistiu ele, me dando um soquinho no ombro.

Afastei a mão dele e o mandei calar a boca de novo. Steven começou a cantar:

— *Summer lovin', had me a blast, summer lovin', happened so fast...*

— Cara, deixa de ser idiota — falei, me virando para Jeremiah e revirando os olhos.

Mas ele apenas se levantou, sacudiu a areia do short e foi até a água, afastando-se de nós e da casa.

— Jeremiah, você está de TPM? Eu só estava brincando! — gritou Steven. Mas Jeremiah não se virou. Só continuou andando até o mar. — Qual é?!

— Deixa ele em paz — ordenou Conrad.

Os dois nunca foram muito próximos, mas em alguns momentos eu percebia quanto a conexão entre eles era forte, e aquele foi um desses momentos. Ver Conrad proteger o irmão me fez sentir uma enorme onda de amor por ele — uma onda que parecia inundar meu peito e me afogar. Mas então fiquei me sentindo culpada: como eu podia ficar pensando nessas coisas enquanto Susannah estava com câncer?

Dava para ver que Steven tinha ficado confuso e chateado. Jeremiah não costumava agir daquele jeito. Ele sempre era o primeiro a rir e fazer outra piada.

E, como eu gostava de jogar sal na ferida, provoquei:

— Você é um imbecil, Steven.

Ele me encarou, boquiaberto.

— Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Eu o ignorei, me deitei na toalha e fechei os olhos. Como eu queria estar usando os fones de ouvido de Conrad. Como eu queria que aquele dia nunca tivesse existido...

Mais tarde, Jeremiah não quis pescar com Conrad e Steven. E ele adorava pescar à noite. Sempre tentava convencer alguém a ir com ele. Mas, naquela noite, disse que não estava a fim. Os meninos foram, e Jeremiah ficou comigo. Vimos TV e jogamos baralho. Passamos a maior parte do verão fazendo isso, só nós dois. Estreitamos nossos laços. Ele me acordava cedo e saíamos para catar conchas ou caranguejos na areia, ou pedalávamos até a sorveteria, a quase cinco quilômetros de casa. Ele não fazia muitas piadas quando estávamos juntos, mas ainda era o Jeremiah de sempre.

Desde aquele verão, eu me sentia mais próxima dele que do meu irmão. Jeremiah era mais legal que Steven. Talvez porque ele também fosse o caçula da família, ou talvez porque simplesmente fosse mais legal mesmo. Ele sempre tratava todo mundo bem e tinha o dom de deixar as pessoas à vontade.

15

FAZIA TRÊS DIAS que chovia sem parar. Lá pelas quatro da tarde do terceiro dia, Jeremiah estava enlouquecido. Ele não era o tipo de pessoa que conseguia ficar dentro de casa, ficava sempre se mexendo, sempre indo a algum lugar. Por isso decidiu sair um pouco e nos chamou para ir ao cinema. Além do drive-in, a cidade só tinha um cinema, que ficava no shopping.

Conrad estava no quarto e recusou o convite de Jeremiah. Ele vinha passando tempo demais sozinho, sempre trancado no quarto, e dava para ver que Steven estava magoado.

Meu irmão logo partiria em uma viagem com nosso pai para visitar universidades, e Conrad não parecia dar a mínima para isso. Quando não estava trabalhando, ficava grudado no violão e ouvindo música.

Então fomos só eu, Jeremiah e Steven. Eu os convenci a assistir a uma comédia romântica sobre dois passeadores de cachorro que faziam o mesmo caminho e acabavam se apaixonando. Era o único filme passando naquele horário, o outro só começaria dali a uma hora. Em menos de cinco minutos, Steven se levantou, irritado.

— Não dá pra ver isso — protestou. — Vamos, Jere?

— Não, não. Eu vou ficar aqui com a Belly — respondeu Jeremiah.

Steven pareceu surpreso. Então deu de ombros, dizendo:

— Vejo vocês quando o filme acabar.

Também fiquei surpresa. Aquilo era *muito* estranho.

Pouco depois de Steven sair, um cara enorme se sentou na cadeira na frente da minha.

— Eu troco de lugar com você — sussurrou Jeremiah.

Quase disse que não precisava, mas logo mudei de ideia. Era Jeremiah, afinal. Com a gente não rolava esse tipo de formalidade. Agradeci, e trocamos de lugar.

Para conseguir enxergar a tela, Jeremiah precisava chegar para o meu lado e esticar o pescoço. O cabelo dele tinha cheiro de peras asiáticas — era o xampu caro que Susannah usava. Achei engraçado aquele garoto alto e atlético ter um cheiro tão doce. Toda vez que ele se aproximava, eu inspirava o perfume adocicado de seu cabelo. Queria que o meu também tivesse aquele cheiro.

Jeremiah se levantou de repente na metade do filme. Ele sumiu por uns minutos e voltou com um refrigerante grande e um pacote de Twizzlers. Peguei a bebida para tomar um gole, mas não tinha canudo.

— Você esqueceu o canudo — falei.

Ele abriu o pacote de doce e mordeu as pontas de dois deles. Em seguida, colocou os dois no copo e abriu um sorriso triunfante. Eu tinha me esquecido completamente dos canudos de Twizzlers. Ele sempre fazia aquilo.

Tomamos a bebida ao mesmo tempo, como em um comercial de Coca dos anos 1950, nossas testas quase se tocando. Fiquei me perguntando se as pessoas imaginariam que estávamos em um encontro.

Jeremiah me encarou, sorrindo daquele jeito tão familiar, e de repente um pensamento louco surgiu na minha cabeça: *Jeremiah Fisher quer me beijar.*

Era loucura. Era o Jeremiah!

Ele nunca havia se comportado daquela maneira, e eu só tinha olhos para Conrad, mesmo quando ele ficava mal-humorado e distante, como naquele momento. Eu nunca nem considerara a hipótese de ter alguma coisa com Jeremiah, não quando havia Conrad. E claro que essa possibilidade também não tinha passado pela cabeça dele. Eu era só uma colega. Uma companhia

para o cinema, a garota com quem ele dividia o banheiro e compartilhava segredos. Eu não era o tipo de garota que ele *beijaria*.

16

Quatorze anos

EU SABIA QUE seria um erro levar Taylor para a casa de praia. *Sabia*. Mas levei mesmo assim. Taylor Jewel, minha melhor amiga. Os garotos da nossa turma a chamavam de tesouro, e ela fingia odiar o apelido, mas na verdade adorava.

Taylor sempre dizia que precisava me reconquistar quando eu voltava da casa de praia. Que precisava me fazer *querer* estar presente na minha vida real, com a escola, os garotos e os amigos. Ela sempre tentava me juntar com o amigo mais bonitinho do cara por quem estivesse obcecada no momento, e eu deixava. Às vezes íamos juntos ao cinema ou a uma lanchonete, mas eu nunca me interessava de verdade, não completamente. Aqueles garotos não chegavam nem aos pés do Conrad ou do Jeremiah, então para que insistir naquilo?

Taylor sempre foi a amiga bonita, para quem os meninos olhavam. Eu era a engraçada, que fazia os garotos rirem. Achava que, com ela ao meu lado, eu provaria que era bonita também. Tipo: *Viram só? Eu sou igual a ela, nós somos iguais*. Mas não éramos, e todo mundo percebia. Eu

acreditava que levar Taylor comigo na viagem me garantiria convites para os passeios noturnos no calçadão e para os luaus na praia. Achava que meu status social mudaria naquele verão, que eu finalmente seria convidada para tudo.

Pelo menos eu estava certa nessa última parte.

Taylor sempre implorava para que eu a levasse. Eu resistia aos pedidos, dizendo que a casa ficaria muito cheia, mas ela sabia ser convincente. A culpa na verdade era minha: eu falava o tempo todo dos garotos. E, lá no fundo, também queria que ela fosse. Taylor era minha melhor amiga, afinal de contas. E ela odiava o fato de não dividirmos tudo, cada momento, cada experiência. Quando ela entrou para a turma de espanhol avançado, insistiu para que eu entrasse também, embora eu nem soubesse nada do idioma. Ela dizia que era "para nossa viagem para Cabo, após a formatura". Eu queria mesmo era ir para as Ilhas Galápagos ver a patola-de-pés-azuis. Meu pai disse que me levaria, mas eu não contei a Taylor. Ela não ia gostar nadinha de saber disso.

Fui buscá-la no aeroporto com minha mãe. Ela usava um short curto e uma regata que eu nunca tinha visto. Quando a abracei, tentei não soar invejosa ao perguntar:

— Onde você arrumou essa roupa?

— Presente da minha mãe — explicou, me entregando uma das malas. — É uma graça, não acha?

— Muito.

A mala estava pesada. Achei que ela talvez tivesse esquecido que só ficaria uma semana com a gente.

— Ela está se sentindo culpada por causa do divórcio, então começou a comprar um monte de coisas pra mim — continuou Taylor, revirando os olhos. — Também me levou para fazer as unhas. Olha só! — Ela ergueu a mão direita, com as unhas longas e quadradas pintadas com um esmalte cor de framboesa.

— São de verdade?

— Claro! Dã! Eu não uso unhas postiças, Belly.

— Achei que você precisasse deixar as unhas curtas por causa do violino.

— Ah, é. Mamãe finalmente me deixou largar o violino. Obrigada, divórcio! — Então completou, com um ar de quem entende bem do assunto: — Você sabe como é.

Taylor era a única garota da nossa idade que ainda chamava a mãe de mamãe. Também era a única que não era ridicularizada por causa disso.

Os garotos no aeroporto não tiraram os olhos dela, dando uma boa conferida nos seios e no cabelo loiro. É um sutiã *com enchimento*, eu queria dizer. É meio frasco de xampu clareador. O cabelo da Taylor não era tão amarelo. Mas é claro que eles não ligavam para isso.

Meu irmão era o único que não estava nem aí para ela, porque a achava extremamente irritante. Fiquei me perguntando se ele já tinha alertado Conrad e Jeremiah a respeito dela.

— Oi, Ste-ven — cumprimentou Taylor, em uma voz cantada.

— Oi — murmurou ele.

Taylor se virou para mim, revirando os olhos. *Chato*, fez com os lábios, sem emitir som, enfatizando o fim da palavra.

Dei risada.

— Taylor, esses são Conrad e Jeremiah. O Steven você já conhece, né?

Eu estava curiosa para saber quem ela escolheria. Quem acharia mais bonito, mais engraçado. Melhor.

— Oi — cumprimentou ela, examinando-os, e eu logo soube que Conrad era o escolhido.

Fiquei feliz, porque eu sabia que Conrad nunca se sentiria atraído por ela.

— Oi — responderam os garotos.

Então Conrad voltou a atenção para a TV, como eu sabia que faria. Jeremiah lançou um de seus sorrisos maliciosos e disse:

— Então você é amiga da Belly, é? A gente achava que ela não tinha amigos.

Fiquei esperando que ele sorrisse para mim, para mostrar que estava brincando, mas fui ignorada.

— Cala a boca, Jeremiah! — retruquei.

Ele finalmente sorriu para mim, mas de um jeito superficial, logo se voltando para Taylor.

— Belly tem milhares de amigos — informou Taylor, com seu ar descolado. — Eu por acaso pareço alguém que andaria com uma esquisitona?

— Sim — disparou meu irmão, do sofá. — Parece.

— Me deixa em paz, Steven — disse Taylor, de cara feia. Ela se virou para mim: — Por que você não me mostra o nosso quarto?

— Sim, Belly, por que não faz isso? Por que não vai logo ser a escrava da Taylor? — comentou Steven, se deitando outra vez.

Eu fingi que não era comigo.

— Vamos, Taylor.

Logo que chegamos, Taylor se jogou na cama perto da janela, que era a minha — eu sempre dormia ali.

— Ai, meu Deus, ele é tão fofo!

— Qual deles? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— O moreno, óbvio. Adoro homens morenos.

Revirei os olhos por dentro. Homens? Taylor só tinha saído com dois garotos, e nenhum deles chegava perto de ser um homem.

— Duvido que role alguma coisa — avisei. — Conrad não liga para garotas.

Eu sabia que não era verdade. Ele ligava para garotas. Pelo menos tinha ligado bastante para aquela Angie, do último verão, com quem chegara aos finalmentes.

Os olhos castanhos de Taylor brilharam.

— Amo desafios. Não lembra que eu consegui me eleger presidente do grêmio no ano passado? E representante de turma no ano retrasado?

— Claro que lembro. Eu era sua gerente de campanha. Mas o Conrad é diferente. Ele... — Hesitei, procurando a palavra certa para fazer com que Taylor desistisse. — É meio... perturbado, sabe?

— Como assim?

Voltei atrás na mesma hora. Talvez "perturbado" fosse uma palavra forte demais.

— Não quis dizer exatamente "perturbado", mas ele pode ser meio intenso. Fechado. É melhor tentar o Jeremiah. Acho que faz mais o seu tipo.

— E o que isso significa, Belly? — perguntou. — Que eu sou fútil? Rasa?

— Bem...

Ela era tão rasa quanto uma piscininha infantil.

— Esquece.

Taylor abriu a mala e começou a tirar suas coisas lá de dentro.

— Jeremiah é bonitinho, mas eu quero o Conrad. Vou virar a cabeça daquele menino.

— Depois não diga que não avisei.

Eu não via a hora de dizer que tinha avisado, faria isso assim que o momento chegasse. E queria que chegasse logo.

Ela pegou um biquíni amarelo de bolinhas.

— Será que o Conrad vai achar intenso o bastante?

— Esse biquíni não cabe nem na Bridget! — respondi.

A irmãzinha da Taylor, Bridget, tinha sete anos, e era pequena para a idade.

— Exatamente.

Revirei os olhos.

— Depois não diga que eu não avisei. E você está sentada na minha cama.

Colocamos as roupas de banho. Taylor se enfiou no biquíni minúsculo, e eu botei um maiô preto com sutiã reforçado e decote bem fechado. Enquanto nos trocávamos, ela me observou e disse:

— Belly, seus peitos cresceram mesmo.

Enfiei uma camiseta pela cabeça, retrucando:

— Não é pra tanto.

Mas era verdade, meus peitos tinham crescido. Quase da noite para o dia. Não eram daquele tamanho no verão anterior, eu tinha certeza. Eu os odiava. Eles me deixavam mais lenta, e eu não conseguia mais correr, o que era vergonhoso. Por isso usava camisetas largas e maiôs.

Eu não ia aguentar os meninos falando dos meus peitos. Eles com certeza iam implicar, Steven ia me mandar vestir uma roupa, e eu procuraria o buraco mais próximo para enfiar a cabeça.

— Qual seu tamanho agora? — perguntou Taylor, com um tom acusatório.

— M — menti. Estava mais para um G.

Taylor pareceu aliviada.

— Ah, então estamos usando o mesmo, porque eu também sou praticamente M. Por que não usa um dos meus biquínis? Parece que você é da equipe de natação com esse maiô.

Ela me deu um biquíni de listras azuis e brancas, com laços vermelhos nas laterais.

— Eu *sou* da equipe de natação — lembrei.

Eu sempre competia no inverno, porque no verão estava sempre em Cousins. Fazer parte da equipe de natação me dava a sensação de que era apenas uma questão de tempo até eu estar na praia novamente.

— Ah, é mesmo… — retrucou Taylor. Ela balançou o biquíni de um lado para o outro. — Vai ficar *tão* bonitinho em você, com esse cabelo castanho e esses peitos novos.

Fiz uma careta e empurrei o biquíni para longe.

Parte de mim queria me exibir e surpreendê-los, mostrando como eu tinha crescido, como era uma garota de verdade; mas outra, mais sensata, sabia que aquilo seria meu fim. Steven jogaria uma toalha em cima de mim, e eu me sentiria com dez anos de novo, não com treze.

— Por que não?

— Eu gosto de nadar bastante — respondi.

O que era verdade. Eu gostava.

Ela deu de ombros.

— Tudo bem, mas não venha me culpar quando os garotos não falarem com você.

Dei de ombros também.

— Não ligo se eles falam ou não comigo, eu não penso neles desse jeito.

— Ah, está bom. Você é, tipo, obcecada pelo Conrad desde que nos conhecemos! Você não trocou uma palavra com os garotos da escola no ano passado.

— Taylor, isso faz muito tempo. Eles são como irmãos pra mim, de verdade. São todos que nem o Steven — retruquei, vestindo um short de ginástica. — Pode falar com eles à vontade.

A verdade era que eu gostava dos dois de maneira diferente, mas não queria que ela soubesse. Gostar de qualquer um deles, depois que ela escolhesse, seria como ficar com as suas sobras. Não que isso fosse mudar a decisão da Taylor. Ela já tinha escolhido Conrad. Minha vontade era implorar que ela escolhesse qualquer um menos Conrad, mas isso não funcionaria, na verdade. Eu também ficaria com ciúme se ela desse em cima de Jeremiah, porque ele era *meu* amigo, não dela.

Taylor levou séculos para resolver que par de óculos escuros combinava mais com o biquíni (ela tinha levado quatro) e pegou também duas revistas e o óleo de bronzear. Quando saímos, os garotos já estavam na piscina.

Tirei a roupa depressa, pronta para mergulhar, mas Taylor hesitou, ainda enrolada na toalha. Percebi que ela estava desconfortável por causa do biquíni pequeno, e gostei disso. Eu estava um pouco de saco cheio daquele exibicionismo todo.

Os meninos nem olharam para a gente. Eu tinha medo de que, com a presença de Taylor, eles talvez agissem de maneira diferente. Mas lá estavam os garotos de sempre, afundando a cabeça uns dos outros na água.

Chutando os chinelos para longe, anunciei:

— Vamos pra piscina.

— Eu queria ficar um pouco no sol — disse Taylor. Ela finalmente se desenrolou da toalha e a estendeu em uma espreguiçadeira. — Não quer deitar um pouco?

— Não. Está calor demais, quero nadar. E já estou bronzeada.

Era verdade. Minha pele estava caramelo-escuro. Eu me tornava uma pessoa muito diferente no verão, o que era ótimo.

Taylor, por sua vez, estava ridiculamente branca, uma boneca de porcelana. Mas eu sabia que não por muito tempo. Ela era boa naquilo.

Tirei os óculos e os deixei em cima das roupas, então fui até a parte funda da piscina e mergulhei. Senti um choque no corpo, mas um choque maravilhoso. Quando subi para tomar ar, joguei água nos garotos.

— Vamos brincar de Marco Polo — pedi.

Steven, que estava tentando afogar Conrad, parou e falou:

— Marco Polo é chato.

— Vamos brincar de briga de galo — sugeriu Jeremiah.

— O que é isso? — perguntei.

— A gente forma duas duplas, cada dupla com uma pessoa no ombro da outra, e uma tenta derrubar a outra — explicou meu irmão.

— É legal, eu juro — garantiu Jeremiah. Então chamou Taylor: — Tyler, quer brincar de briga de galo com a gente? Ou não tem coragem?

Taylor espiou por cima da revista. Não dava para ver os olhos dela por causa dos óculos escuros, mas percebi que ela tinha se incomodado por seu nome ter sido pronunciado errado.

— É Tay-lor, não Tyler, Jeremy. E não, não quero brincar.

Steven e Conrad se entreolharam. Eu sabia o que se passava na cabeça deles.

— Vamos, Taylor, vai ser divertido — falei, revirando os olhos. — Deixa de ser covarde.

Ela encenou um grande suspiro, então largou a revista e se levantou, ajeitando a parte de trás do biquíni.

— Preciso tirar os óculos escuros?

Jeremiah sorriu.

— Não se ficar no meu time. Você não vai cair.

Taylor tirou os óculos mesmo assim, e só então percebi que os times estavam desiguais e que alguém teria que ficar de fora.

— Eu posso só assistir — ofereci, mesmo querendo brincar.

— Tudo bem, não vou entrar nesta — disse Conrad.

— Vamos fazer duas rodadas — propôs Steven.

Conrad deu de ombros.

— Tanto faz.

Ele nadou até a beira da piscina.

— Eu escolho a Tay-lor — anunciou Jeremiah.

— Não é justo, ela é mais leve — reclamou Steven, e então viu a cara que eu fiz. — É que você é mais alta que ela, só isso.

Eu não queria mais brincar.

— É melhor eu ficar só olhando. Não quero quebrar sua coluna, Steven.

— Hum, eu fico com você, Belly. Vamos ganhar desses dois. Aposto que você é mais durona que a pequena Tay-lor — provocou Jeremiah.

Taylor desceu os degraus e entrou na piscina devagar, tremendo por causa da temperatura da água.

— Eu sou bem durona, Jeremy — retrucou.

Jeremiah se abaixou na água, e eu subi nos ombros dele. Estavam escorregadios, então foi difícil ficar parada no começo. Ele se levantou e endireitou o corpo.

Eu me mexi e passei as mãos no cabelo dele.

— Sou muito pesada? — perguntei, baixinho.

Ele era tão fraco e magrinho, eu tinha medo de machucá-lo.

— Você não pesa nada — mentiu ele, respirando fundo e segurando minhas pernas.

Tive vontade de dar um beijo na cabeça dele.

Taylor estava empoleirada nos ombros do Steven, bem na nossa frente, rindo e puxando-o pelo cabelo para tentar se equilibrar. Meu irmão parecia prestes a arrancá-la de cima dele e jogá-la do outro lado da piscina.

— Prontos? — perguntou Jeremiah. E, para mim, em um sussurro, disse: — O truque é se manter equilibrada.

Steven assentiu, e fomos para o meio da piscina.

Conrad, que estava do lado de fora, disse:

— Preparar, apontar, já!

Taylor e eu esticamos os braços e começamos a nos empurrar. Ela não conseguia parar de rir, e, quando eu dei um empurrão mais forte, soltou um "Ah, droga!" e caiu para trás com Steven.

Jeremiah e eu começamos a rir e nos cumprimentamos com um *high-five*. Quando eles voltaram para a superfície, meu irmão se virou para Taylor e gritou:

— Eu falei pra segurar firme!

Ela jogou água no rosto do Steven.

— Eu segurei!

O delineador estava borrado e o rímel tinha começado a sair, mas ela continuava bonita.

— Belly? — chamou Jeremiah.

— Hum? — respondi.

Eu estava começando a me sentir confortável lá em cima, no alto.

— Cuidado.

Ele se jogou para a frente e, como eu não conseguia parar de rir, acabei engolindo um tanto de água, mas não liguei.

Quando nos levantamos, pulei nele de surpresa e dei um belo caldo.

— Vamos brincar de novo — sugeriu Taylor. — Eu faço par com o Jeremy desta vez. Steven, você pode ficar com a Belly.

Steven ainda estava emburrado, então disse:

— Con, assume meu lugar.

— Tudo bem — concordou Conrad, mas, pela voz, não parecia estar com a menor vontade de brincar.

Ele nadou até mim, e falei, na defensiva:

— Não sou tão pesada assim.

— Eu nunca disse que era.

Subi nos ombros dele. Eram mais musculosos que os de Jeremiah, mais fortes.

— Tudo bem aí em cima?

— Tudo.

Taylor, na nossa frente, estava com dificuldade para subir em Jeremiah. Ela escorregava, rindo sem parar. Os dois estavam achando aquilo muito engraçado. Engraçado até demais. Mordida de ciúme, fiquei observando a cena e demorei a perceber que Conrad estava segurando minhas pernas. O máximo de contato entre a gente havia sido quando ele esbarrou sem querer no meu joelho.

— Andem, vamos brincar — chamei.

O ciúme na minha voz era evidente até para mim. Odiei aquilo.

Conrad andou tranquilamente até o centro da piscina. Eu estava um pouco surpresa com a facilidade com que ele se movia com meu peso extra nos ombros.

— Prontos? — perguntou ele a Jeremiah e Taylor, que finalmente tinham conseguido se levantar.

— Sim! — gritou ela.

Vocês vão cair, pensei.

— Sim! — falei, em voz alta.

Eu me inclinei para a frente e empurrei Taylor com força. Ela oscilou, mas continuou ali.

— Ei! — disse ela.

Eu sorri.

— Ei — respondi.

E a empurrei novamente.

Taylor estreitou os olhos e revidou. Com força, mas não o bastante. Então nós duas nos empurramos, só que dessa vez foi muito mais fácil, porque eu me sentia segura. Eu a empurrei uma última vez, com firmeza, e Taylor caiu para a frente, mas Jeremiah continuou de pé. Bati palmas com força. Aquilo era mesmo divertido.

Fiquei surpresa quando Conrad ergueu a mão para me cumprimentar. Ele não era chegado a esse tipo de coisa.

Dessa vez, quando voltou à superfície, Taylor não estava rindo. O cabelo loiro estava colado à cabeça.

— Esta brincadeira é um saco — disse ela. — Não quero mais brincar.

— Não sabe perder — provoquei, e Conrad se abaixou na água para eu poder descer.

— Bom trabalho — elogiou, dando um de seus raros sorrisos.

Senti como se tivesse ganhado na loteria.

— Eu jogo pra ganhar — respondi.

E sabia que ele também.

17

ALGUNS DIAS DEPOIS do episódio no cinema, Jeremiah anunciou:

— Hoje vou ensinar a Belly a dirigir com câmbio manual.

— Sério? — perguntei, ansiosa.

O dia estava claro, o primeiro da semana assim. O tempo perfeito para dirigir. Jeremiah estava de folga, e eu não conseguia acreditar que ele estava disposto a passar o tempo livre me ensinando a dirigir. Steven tinha tentado uma vez, mas desistira depois da terceira aula.

Meu irmão balançou a cabeça e tomou um gole de suco de laranja direto da caixa.

— Está querendo morrer, cara? Belly vai matar vocês dois, sem contar que não vai sobrar nada da sua embreagem. Pula fora dessa. Quem avisa amigo é.

— Cala a boca, Steven! — gritei, chutando-o por baixo da mesa. — Só porque você é um péssimo professor...

Steven se recusava a entrar em um carro conduzido por mim desde que eu acidentalmente fizera um amassadinho minúsculo no para-lama enquanto ele me ensinava a fazer baliza.

— Confio nas minhas habilidades de professor — interrompeu Jeremiah. — Quando terminarmos, Belly vai dirigir melhor do que você.

— Boa sorte — respondeu Steven, e bufou, então franziu a testa. — Quanto tempo vai levar? Achei que a gente fosse jogar golfe.

— Você pode vir com a gente — sugeri.

Steven me ignorou e continuou falando com Jeremiah:

— Você precisa praticar suas tacadas, cara.

Olhei para Jeremiah, que me encarou de volta e hesitou.

— No almoço já estaremos de volta. Podemos jogar à tarde.

Steven revirou os olhos.

— Ótimo.

Notei que meu irmão estava irritado e um pouco magoado, o que me deixou ao mesmo tempo convencida e com um pouco de pena. Ele não estava acostumado a ser deixado de lado, como acontecia comigo.

Saímos para praticar na estrada que levava ao outro lado da praia. Era um lugar calmo e não tinha mais ninguém na via, só nós dois. Ficamos ouvindo o CD velho do Jeremiah, *Nevermind*, que já tinha milhões de anos.

— Acho bem atraente quando uma garota sabe dirigir — explicou Jeremiah. — Mostra que ela é confiante, que sabe o que está fazendo.

Coloquei o carro na primeira e fui tirando o pé da embreagem bem devagar.

— Pensei que os caras gostassem de garotas indefesas.

— E gostam. Mas eu prefiro garotas inteligentes e seguras.

— Que mentira. Você gostou da Taylor, e ela não é nada disso.

Ele soltou um gemido e apoiou o braço na janela.

— Você precisa mesmo voltar a esse assunto?

— Só estou dizendo que ela não era tão inteligente e segura assim.

— Talvez não, mas ela definitivamente sabia o que estava fazendo — retrucou, antes de soltar uma gargalhada.

Dei um tapão no braço dele.

— Você é nojento. E também é um mentiroso. Sei que vocês não chegaram a fazer nada.

Ele parou de rir.

— Tudo bem, é verdade. Mas ela beijava bem. Tinha gosto de bala.

Taylor amava bala, estava sempre comendo uma, como se elas fossem vitaminas e fizessem bem à saúde. Fiquei me perguntando se ele achava meu beijo melhor que o da Taylor.

Dei uma olhadinha para ele, que devia ter reparado na minha cara, porque riu e disse:

— Você é melhor, Bells.

Dei outro tapa no braço do Jeremiah, que ria cada vez mais.

— Não tire o pé da embreagem — avisou, gargalhando.

Eu estava surpresa por ele ter lembrado. Quer dizer, tinha sido inesquecível para mim, mas fora meu primeiro beijo. E com *Jeremiah*. Por isso não liguei tanto por ele achar graça daquilo, porque pelo menos ele lembrava.

— Foi meu primeiro beijo — comentei.

Eu me sentia à vontade para falar qualquer coisa com ele. Por um momento, voltei ao passado, quando tudo era simples, amigável, normal entre a gente. Antes de as coisas ficarem complicadas.

Ele desviou o olhar, envergonhado.

— É, eu sei.

— Como é que você sabe?

Será que o beijo tinha sido tão ruim assim, para ele deduzir que fora o primeiro? Que humilhação.

— Hum, Taylor me contou. Depois.

— O quê? Não acredito! Que traidora!

Quase parei o carro. Na verdade, eu sabia que era a cara dela ter feito aquilo. Mas mesmo assim me senti traída.

— Não é nada de mais. — As bochechas dele estavam vermelhas. — Quer dizer, meu primeiro beijo foi um desastre. A garota ficava me falando que eu estava fazendo tudo errado.

— Quem era? Com quem foi seu primeiro beijo?

— Você não conhece. Não importa.

— Ah, qual é. Conta — insisti.

Deixei o carro morrer.

— Pisa na embreagem e coloca em ponto morto — orientou Jeremiah.

— Só se você me contar.

— Tudo bem. Foi com a Christi Turnduck — revelou, abaixando a cabeça.

— Você beijou *aquela menina*?

Agora eu é quem estava rindo. Conhecia Christi Turnduck; era uma frequentadora assídua daquela praia, assim como nós. Só que ela passava o ano todo lá.

— Ela era apaixonada por mim — explicou Jeremiah, dando de ombros.

— Você contou para o Con e para o Steven?

— Nossa, claro que não. E é melhor você também não contar! Tem que prometer! E dando o dedinho.

Estendi o dedo mindinho para ele e selamos a promessa.

— Christi Turnduck. Ela beijava bem, me ensinou tudo que eu sei. O que será que aconteceu com ela?

Fiquei me perguntando se Christi também beijava melhor do que eu. Devia beijar, já que tinha ensinado tudo ao Jeremiah.

Deixei o carro morrer de novo.

— Que saco! Desisto!

— Não tem essa de desistir de dirigir — decretou Jeremiah. — Vamos lá.

Suspirei e dei a partida outra vez. Duas horas depois, tinha aprendido. Mais ou menos. Ainda deixava o carro morrer, mas estávamos fazendo progressos. Eu estava dirigindo. Jeremiah disse que eu tinha talento para a direção.

Quando chegamos em casa, já passava das quatro da tarde, e Steven tinha saído sozinho. Supus que ele havia se cansado de esperar e ido jogar golfe sozinho. Minha mãe e Susannah estavam assistindo a filmes antigos no quarto da Susannah; o quarto estava escuro, com as cortinas fechadas.

Fiquei parada do lado de fora, escutando enquanto elas riam. Eu me sentia excluída. Invejava a relação delas. Eram como copilotas em equilíbrio perfeito. Eu não tinha uma amizade daquelas, o tipo de amizade que duraria uma vida inteira, não importava o que houvesse.

Entrei no quarto, e Susannah disse:

— Belly! Venha ver um filme com a gente.

Eu me enfiei na cama entre as duas. Deitada ali, na penumbra, me sentia protegida, como se estivéssemos em uma caverna.

— Jeremiah está me ensinando a dirigir — contei.

— Ele é mesmo um querido — comentou Susannah, com um leve sorriso.

— E corajoso — completou minha mãe, apertando meu nariz de brincadeira.

Eu me aconcheguei no edredom. Jeremiah era mesmo o máximo. Foi muito legal da parte dele me levar para dirigir quando ninguém mais tinha se disposto a fazer isso. Só porque eu havia batido o carro algumas vezes não significava que não conseguiria ser uma boa motorista, como qualquer

outra pessoa. Graças a ele, eu agora sabia dirigir. Estava me tornando uma garota confiante, do tipo que sabe o que está fazendo. Quando eu tirasse a carteira, dirigiria até a casa da Susannah e levaria Jeremiah para um passeio, só para agradecer.

18

Quatorze anos

TAYLOR TOMOU BANHO e foi remexer a mala enquanto eu observava da cama. Ela pegou três vestidos: um branco de renda, um florido e outro de linho preto.

— Qual você acha que eu uso hoje à noite? — perguntou, como se quisesse me testar.

Eu estava cansada daqueles testes-surpresa e de ter que provar o tempo todo que eu era boa.

— A gente só vai jantar, Taylor. Não vamos a nenhum lugar especial.

Ela balançou a cabeça, desapontada.

— Nós também vamos passear no calçadão, lembra? E temos que estar bem bonitas. Vai ter um monte de garotos lá. Vou escolher uma roupa pra você, ok?

Em geral, quando Taylor escolhia minhas roupas, eu me sentia como aquela garota nerd que passa por uma transformação radical e surpreende todo mundo no baile. No bom sentido. Só que naquele dia eu me sentia uma mãe antiquada que não sabia como se vestir.

Eu nem havia levado vestido. Na verdade, eu mal usava vestidos. Só tinha dois deles em casa: um que tinha ganhado da minha avó na Páscoa e outro que comprara para a formatura do nono ano, e nenhum dos dois me servia mais, estavam muito curtos ou apertados na cintura. Nunca tinha ligado muito para eles, mas fiquei com inveja dos da Taylor, estendidos na cama.

— Eu não vou me arrumar toda só para andar no calçadão — protestei.

— Deixa eu ver o que você trouxe — pediu ela, avançando até o meu armário.

— Taylor, eu já disse que não! É isso aqui mesmo que eu vou usar, olha — apontei para meu short rasgado e a camiseta-suvenir da cidade.

Taylor fez careta, mas se afastou do armário e voltou para suas roupas.

— Tudo bem. Como quiser, ranzinza. Agora me diga, qual dos três eu uso?

Soltei um suspiro.

— O preto — decidi, fechando os olhos. — Agora vai se vestir de uma vez.

* * *

O jantar foi vieiras com aspargos. Sempre que minha mãe cozinhava, o jantar era algum fruto do mar temperado no limão e no azeite e algum legume. Sempre. Susannah só cozinhava de vez em quando, então, fora o caldo de frutos do mar que a gente sempre tomava na primeira noite, nunca sabíamos o que esperar. Ela podia passar a tarde toda na cozinha, preparando um prato do qual eu nunca ouvira falar, como frango marroquino com figos; usar seu livro de receitas — era um daqueles antigos, encadernados com espiral, cheio de páginas engorduradas e com margens cobertas de anotações, com o qual minha mãe tanto implicava —; ou fazer omelete de queijo com ketchup e torradas. Nós, as crianças, éramos responsáveis pelo jantar uma vez por semana, e em geral isso significava hambúrgueres ou pizza congelada. Mas quase sempre comíamos o que quiséssemos, na hora em que quiséssemos. Eu adorava isso. Em casa, jantávamos pontualmente às seis e meia, todas as noites. Na praia, era como se tudo fosse mais tranquilo. Até a rigidez da minha mãe parecia diminuir.

Taylor se inclinou para a frente e perguntou:

— Laurel, qual foi a coisa mais maluca que você e a Susannah fizeram quando tinham nossa idade?

Taylor sempre falava com as pessoas como se estivesse em uma festa do pijama. Qualquer um, não importava se eram adultos, garotos ou a atendente da lanchonete.

Minha mãe e Susannah se entreolharam e sorriram. Elas sabiam, mas não iam nos contar. Minha mãe limpou a boca com o guardanapo e respondeu:

— Uma noite, invadimos o campo de golfe e plantamos margaridas.

Eu sabia que não era verdade, mas Steven e Jeremiah deram risada. Steven, com aquele jeito irritante de sabe-tudo, comentou:

— Até na adolescência vocês eram super sem graça.

— Eu achei fofo — retrucou Taylor, espirrando um bocado de ketchup no prato.

Ela colocava ketchup em tudo: ovos, pizza, macarrão… tudo.

Conrad, que eu achei que nem estivesse ouvindo, disparou:

— Que mentira. Essa não foi a coisa mais maluca que vocês já fizeram.

Susannah ergueu as mãos, se rendendo.

— As mães também têm seus segredos. Eu não fico perguntando os de vocês, fico?

— Fica — rebateu Jeremiah, apontando para ela com o garfo. — Você pergunta o tempo todo. Se eu tivesse um diário, você ia querer ler.

— Não ia, não — protestou Susannah.

— Ia, sim — interveio minha mãe.

Susannah olhou feio para ela.

— Eu nunca faria isso! — Então cedeu, virando-se para os filhos: — Tudo bem, eu leria. Mas só o do Conrad. Ele é cheio de segredos, e nunca sei o que se passa na cabeça dele. Mas você, não, Jeremiah. Você, meu garotinho, é um livro aberto.

— Não sou, não — protestou Jeremiah, espetando uma vieira. — Eu tenho meus segredos.

— Claro que tem, Jeremy — comentou Taylor, naquele tom de flerte enjoado.

Jeremiah sorriu para ela, o que me fez querer morrer engasgada com o aspargo.

— Taylor e eu vamos ao calçadão hoje à noite — anunciei. — Alguém pode dar carona pra gente?

Antes que minha mãe e Susannah pudessem responder, Jeremiah falou:

— Aaah, o calçadão. A gente poderia ir também. — Virando-se para Conrad e Steven, acrescentou: — Né?

Em geral eu ficaria animada por um deles querer ir a algum lugar em que eu também iria, mas não daquela vez. Porque sabia que não era por minha causa.

Olhei para minha amiga, que de repente parecia muito ocupada em cortar as vieiras em pedacinhos minúsculos. Taylor também sabia que aquilo era por ela.

— O calçadão é chato — protestou Steven.

— Não quero ir — disse Conrad.

— E quem convidou vocês? — retruquei.

Steven revirou os olhos.

— Ninguém precisa de convite para ir ao calçadão. É só ir. Este é um país livre.

— Este é um país livre? — interveio minha mãe. — Melhor pensar um pouco nisso que acabou de dizer, Steven. E as liberdades civis? Será que somos realmente livres...?

— Laurel, por favor — pediu Susannah, balançando a cabeça. — Nada de política durante o jantar.

— Pois eu não conheço nenhum momento melhor para uma conversa sobre política — retrucou minha mãe, em uma voz muito calma.

Então olhou para mim, e movi os lábios sem emitir som, pedindo *Pare, por favor*. Ela suspirou.

— Tudo bem, tudo bem. Nada de política. Vou à livraria no centro da cidade. Deixo vocês no caminho.

— Obrigada, mãe. Vamos só eu e a Taylor.

Jeremiah me ignorou e se virou para Steven e Conrad, insistindo:

— Vamos lá, pessoal. Vai ser *incrível*.

Taylor tinha passado o dia inteiro chamando tudo de incrível.

— Tudo bem, mas eu vou ao fliperama — disse Steven.

— Con?

Jeremiah olhou para o irmão, que balançou a cabeça.

— Vamos, *Con* — chamou Taylor, cutucando ele com o garfo. — Vem com a gente.

Conrad balançou a cabeça de novo, e Taylor fez careta.

— Tudo bem. Vamos nos divertir muito sem você.

— Fica tranquila — disse Jeremiah. — Conrad vai se divertir muito lendo a *Enciclopédia Britânica*.

Conrad não deu bola, mas Taylor riu e colocou o cabelo atrás da orelha. Foi quando percebi que ela estava a fim de Jeremiah.

— Mas lembrem de levar dinheiro pro sorvete — lembrou Susannah.

Dava para ver que ela estava feliz por estarmos saindo todos juntos, exceto Conrad, que naquele verão só queria ficar sozinho. Nada a deixava mais feliz do que planejar atividades para a gente. Acho que ela daria uma boa diretora de acampamento de férias.

* * *

No carro, enquanto esperávamos minha mãe e os garotos, sussurrei para Taylor:

— Achei que você tivesse gostado do Conrad.

Ela revirou os olhos.

— Blergh. Ele é um chato. Prefiro o Jeremy.

— O nome dele é Jeremiah — retruquei, em um tom azedo.

— Eu *sei*. — Ela me encarou, estreitando os olhos. — Por quê? Você gosta dele agora?

— Não!

Ela bufou, impaciente.

— Belly, você precisa escolher um! Não pode ficar com os dois.

— Eu sei disso. E, pra sua informação, não quero nenhum dos dois. Eles nem olham mim desse jeito. Pra eles eu sou uma irmãzinha mais nova.

Taylor puxou a gola da minha camiseta.

— Bem, se você usasse um decote maior...

Afastei a mão dela.

— Não vou usar decote nenhum. E já falei que não gosto de nenhum dos dois. Não mais.

— Então tudo bem se eu investir no Jeremy?

Percebi que ela só estava perguntando aquilo para se absolver de qualquer culpa futura. Não que estivesse se sentindo culpada, claro.

— Se eu dissesse que não, você ia desistir dele?

Ela pensou por um segundo.

— Provavelmente. Mas só se você se importasse de verdade. E então partiria para o Conrad. Eu estou aqui pra me divertir, Belly.

Soltei um suspiro. Pelo menos ela estava sendo sincera. Quis dizer que achei que ela estivesse ali para se divertir *comigo*, mas me segurei.

— Pode investir no Jeremiah. Eu não ligo.

Taylor ergueu as sobrancelhas, o movimento que era sua marca registrada.

— Isso! Vai ser ótimo!

— Espera. — Segurei-a pelo pulso. — Promete que vai ser legal com ele.

— Claro que vou ser legal. Eu sempre sou legal. — Ela me deu um tapinha no ombro. — Você se preocupa demais, Belly. Já falei, só quero me divertir.

Foi quando minha mãe e os meninos chegaram. Pela primeira vez, ninguém brigou pelo lugar da frente. Jeremiah o cedeu a Steven bem depressa.

Assim que chegamos ao calçadão, Steven foi direto para o fliperama, onde passou a noite inteira. Jeremiah ficou com a gente; aceitou até ir no carrossel, e eu sabia como ele achava aquilo ridículo. Ele se esticou todo em um trenó e fingiu que tirava um cochilo enquanto Taylor e eu subíamos e descíamos montadas nos cavalos. Escolhi um palomino dourado, e ela montou em um corcel preto — apesar de Taylor nunca admitir, *Beleza Negra* sempre foi seu filme favorito. Depois, Taylor fez Jeremiah ganhar um bichinho de pelúcia para ela em uma barraca. Ele era excelente nesses jogos e ganhou um bicho enorme, quase da altura de Taylor — e foi ele quem carregou, claro.

Eu não devia ter ido junto. Devia ter previsto que passaria a noite inteira me sentindo invisível. Passei o tempo todo querendo estar em casa, ouvindo Conrad tocar violão no quarto ao lado ou vendo filmes do Woody Allen com Susannah e minha mãe. E eu nem gostava do Woody Allen. Fiquei imaginando como seria o resto da semana. Tinha me esquecido de como Taylor era, de como ela ficava quando queria alguma coisa: decidida, determinada, obcecada. Minha amiga mal chegara e eu já me sentia deixada de lado.

19

O VERÃO MAL tinha começado, e Steven já estava indo embora. Ele e meu pai viajariam para conhecer universidades, mas depois, em vez de voltar para a praia, Steven iria direto para casa — supostamente para estudar para as provas de admissão, mas eu sabia que ele só queria ficar com a nova namorada.

Fui até o quarto dele para vê-lo arrumando as malas. Steven não tinha levado muita coisa, só uma mochila. De repente fiquei muito triste por ele estar de partida. A praia sem ele ficaria meio sem graça. Steven era nossa memória, um lembrete de carne e osso de que nada muda de verdade, de que tudo continua sempre igual. Porque Steven nunca mudou; ele era apenas Steven, meu irmão mais velho inconveniente e insuportável, a razão da minha existência. Era como aquele cobertor velho de flanela que cheira a cachorro molhado: fedorento, confortável e parte fundamental do ambiente de um lar. Com ele lá, tudo permanecia igual: três contra uma, meninos contra menina.

— Não queria que você fosse — confessei, me sentando e abraçando os joelhos.

— Vamos nos ver daqui a um mês — lembrou ele.

— Um mês e meio — corrigi. — Você sabe que vai perder meu aniversário, né?

— Mas dou seu presente quando você voltar pra casa.

— É, mas não é a mesma coisa. — Eu sabia que estava sendo infantil, mas não conseguia evitar. — Pelo menos vai mandar um cartão-postal?

Steven fechou a mochila.

— Acho que não vou ter tempo. Mas mando uma mensagem.

— Traz um moletom de Princeton pra mim?

Eu não via a hora de usar um moletom de universidade. Era uma espécie de atestado de maturidade, um indicativo de que, mesmo que a pessoa ainda não estivesse na faculdade, faltava pouco. Queria uma gaveta cheia desses moletons.

— Se eu lembrar…

— Pode deixar que eu lembro você. Mando uma mensagem.

— Certo. Vai ser seu presente de aniversário.

— Combinado. — Eu me deitei na cama dele e apoiei os pés na parede. Steven detestava quando eu fazia isso. — Talvez eu fique com um pouquinho de saudade, sabe?

— Você vai estar ocupada demais babando no Conrad para perceber que não estou aqui.

Respondi com uma careta.

* * *

Steven saiu bem cedo na manhã seguinte; Conrad e Jeremiah o levaram ao aeroporto. Eu desci para me despedir, mas não quis ir junto — sabia que eles não iam querer que eu fosse. Steven queria passar um tempo só com os garotos, e pela primeira vez eu estava disposta a permitir isso sem briga.

No abraço de despedida, ele lançou um daqueles seus olhares — com os olhos tristes, meio que franzindo a testa — e disse:

— Juízo, hein?

Ele falou aquilo de um jeito sério, como se estivesse tentando me dizer algo importante, como se quisesse que eu compreendesse alguma coisa.

Mas não compreendi.

— Juízo pra você também, seu mané.

Ele suspirou e balançou a cabeça, como se estivesse lidando com uma criança.

Tentei não deixar aquilo me incomodar. Steven estava indo embora, e as coisas não seriam as mesmas sem ele. Eu podia deixá-lo partir sem puxar nenhuma briguinha boba.

— Manda um oi pro papai — pedi.

Em vez de voltar logo para a cama, fiquei um tempo na varanda, meio triste e chorosa. Mas claro que nunca admitiria isso para meu irmão.

Aquele de certa forma seria um último verão, e em muitos sentidos. Conrad começaria a faculdade no outono; ele ia para Brown e provavelmente não voltaria no verão seguinte. Na certa estaria fazendo algum estágio ou curso de férias, ou quem sabe um mochilão pela Europa com seus novos amigos. Tudo indicava que Jeremiah iria para o acampamento de futebol americano de que tanto falava. Só sei que muita coisa poderia acontecer até lá. De repente me ocorreu que eu precisava dar tudo de mim naquele verão, precisava que valesse a pena, para o caso de não haver outro. Eu ia fazer dezesseis anos, também estava ficando velha. As coisas não podiam continuar iguais para sempre.

20

Onze anos

NÓS QUATRO ESTÁVAMOS deitados em uma canga enorme esticada na areia. Conrad, Steven, Jeremiah e eu, bem na beiradinha, no meu lugar — quando me deixavam ficar. Aquele era um desses raros dias.

Estava tão quente que meu cabelo parecia em chamas. Os meninos jogavam cartas, e eu só ouvia a conversa.

— Vocês preferem ser fritos no azeite ou ter a pele arrancada com uma faquinha de serra? — perguntou Jeremiah.

— Azeite — respondeu Conrad. — Acaba bem mais rápido.

— Azeite — repeti.

— Faca — anunciou Steven. — Tem mais chances de eu conseguir atacar o cara e arrancar a pele *dele*.

— Mas isso não é uma opção — retrucou Conrad. — A pergunta é como você prefere morrer, não como poderia se defender.

— Está bem. Azeite, então — disse Steven, emburrado. — E você, Jeremiah?

— Azeite. Sua vez, Con.

Conrad ergueu os olhos para o sol, estreitando-os bem, e perguntou:

— Vocês preferem um dia perfeito que se repetisse para sempre ou passar a vida inteira só tendo dias medianos?

Jeremiah ficou quieto por um tempo. Ele adorava aquela brincadeira, adorava cogitar as possibilidades.

— Se eu escolhesse um dia perfeito, saberia que ele estava se repetindo, tipo naquele filme, *O Feitiço do Tempo*?

— Não.

— Então eu escolho o dia perfeito.

— Bem, se o dia perfeito envolvesse... — começou Steven, mas olhou para mim e ficou quieto de repente. Eu odiava quando ele fazia aquilo. — Também fico com o dia perfeito.

— E você, Belly? — Conrad olhou para mim. — Prefere o quê?

Minha mente girava enquanto eu tentava encontrar a resposta certa.

— Hum... Acho que eu preferiria viver uma vida inteira de dias medianos. Pelo menos sempre teria a esperança de um dia perfeito. Não ia querer repetir o mesmo dia a vida inteira.

— É, mas você não ia saber — argumentou Jeremiah.

— Ah, no fundo, no fundo, a gente sempre sabe — retruquei, dando de ombros.

— Mas que idiotice — interveio Steven.

— Ah, não acho idiotice. Eu concordo.

Conrad me olhou do jeito que eu acho que os soldados olham uns para os outros quando estão no meio de uma guerra. Como se fôssemos um time.

Não consegui me segurar e fiz uma dancinha de deboche para Steven.

— Viu? Conrad concorda comigo.

— "Conrad concorda comigo" — repetiu Steven, em uma voz fininha e debochada. — Conrad me ama, Conrad é *maravilhoso*.

— Cala a boca, Steven! — gritei.

Ele riu e disse:

— Minha vez. Belly, você prefere comer maionese todos os dias ou passar o resto da vida assim, sem peitos?

Eu me virei, peguei um punhado de areia e joguei na cara dele. Steven estava rindo, então um bocado entrou na sua boca. Mais um tanto de areia grudou nas bochechas molhadas.

— Vou matar você, garota! — gritou ele, pulando em cima de mim.

Rolei para longe e consegui escapar, então retruquei, desafiadora:

— Me deixa em paz! Se você me machucar, vou contar tudo pra mamãe!

— Você é insuportável! — rebateu ele, agarrando minha perna com força. — Vou jogar você na água.

Tentei afastá-lo com um chute, mas só serviu para jogar mais areia em seu rosto, o que, claro, o deixou ainda mais furioso.

— Deixa ela em paz, Steven. Vamos dar um mergulho — sugeriu Conrad.

— É, vamos lá — concordou Jeremiah.

Steven hesitou.

— Tudo bem — aceitou meu irmão, cuspindo areia. — Mas vou matar você mesmo assim, Belly.

Ele apontou para mim e depois passou o dedo pela garganta, em um gesto ameaçador.

Mostrei o dedo do meio para ele e dei as costas, mas por dentro estava tremendo. Conrad tinha me defendido. Conrad se importava com minha vida e minha segurança.

Steven passou o resto do dia bravo, mas valeu a pena. Também foi bem irônico que ele tivesse implicado comigo por não ter peitos, porque dois verões depois eu comecei a precisar mesmo usar sutiã — e para valer.

21

NA NOITE EM que Steven foi embora, desci para uma de minhas sessões de natação noturna e encontrei Conrad, Jeremiah e Clay Bertolet, nosso vizinho, bebendo cerveja sentados nas espreguiçadeiras. Clay morava mais para baixo na nossa rua e frequentava Cousins Beach havia quase tanto tempo quanto nós. Era um ano mais velho que Conrad, mas ninguém gostava muito dele. Acho que só o chamaram porque não tinham alternativa.

Travei na hora, enrolando a toalha mais junto ao corpo. Fiquei na dúvida se seria melhor voltar, porque Clay sempre me deixava nervosa. E eu não *precisava* nadar, podia deixar para a noite seguinte. Mas não voltei. Tinha tanto direito de estar ali quanto eles — talvez até mais.

Então me aproximei, fingindo confiança, e os cumprimentei. Só não tirei a toalha. Era estranho ficar ali de biquíni e toalha enquanto todos estavam vestidos.

Clay se virou para mim, estreitando os olhos.

— Oi, Belly. Quanto tempo! — Ele deu uma batidinha na espreguiçadeira ao lado da dele. — Senta aqui.

Eu odiava gente que falava “Quanto tempo!”. É um cumprimento muito idiota. Mas me sentei mesmo assim.

Ele se inclinou e me deu um abraço. Clay cheirava a cerveja e perfume caro.

— E aí, como vai? — perguntou.

Conrad falou antes mesmo que eu pudesse responder:

— Ela está ótima. Mas já está na hora de dormir. Boa noite, Belly.

— Não vou dormir agora, vou nadar — retruquei, tentando não soar como uma garotinha de cinco anos.

— Acho que você deveria entrar — interveio Jeremiah, largando a cerveja. — Sua mãe vai ter um treco se souber que você andou bebendo.

— Quê? Eu não estou bebendo.

Clay estendeu sua Corona, dando uma piscadela.

— Então beba! — Ele parecia bêbado.

Hesitei, e Conrad disparou, irritado:

— Não faz isso, cara. Belly é uma criança, pelo amor de Deus.

Olhei feio para ele e retruquei:

— Para de falar como o Steven.

Por um ou dois segundos, cogitei aceitar a cerveja. Seria a primeira vez que eu beberia algo alcoólico, mas só estaria fazendo aquilo para contrariar Conrad, e não ia deixar que ele controlasse meus atos. Então me virei para Clay e recusei:

— Não quero, obrigada.

Conrad assentiu em um movimento imperceptível.

— Agora vai dormir, vai.

Eu me senti como quando Steven e Jeremiah me excluíam de propósito. Senti as bochechas ardendo.

— Sou só dois anos mais nova que você — rebati.

— Dois anos e três meses — corrigiu Conrad na mesma hora.

Clay riu, e senti seu hálito de cerveja.

— Droga, minha namorada tinha quinze. — Então olhou para mim antes de se corrigir: — Ex-namorada.

Abri um sorrisinho sem graça. Por dentro, só queria fugir dele e daquele bafo, mas Conrad nos olhou de um jeito que… Bem, eu estava adorando. Era ótimo estar roubando o amigo dele, mesmo que por apenas cinco minutos.

— Hã… Isso não é ilegal? — perguntei.

Clay riu de novo.

— Ah, Belly, você é muito fofa.

Senti o rosto vermelho.

— Hã… E então? Por que vocês terminaram?

Não sei por que perguntei, eu já sabia a resposta: porque Clay era um idiota. Sempre foi. Lembro que ele tentava dar aspirina para as gaivotas porque tinha ouvido em algum lugar que isso faria o estômago delas explodir.

Clay coçou a nuca.

— Não sei. Ela teve que ir pra um acampamento de equitação ou algo do tipo. E namoro a distância é uma merda.

— Mas seria só durante o verão — comentei. — Acho burrice terminar só por causa de um verão.

Eu tinha nutrido minha paixão por Conrad durante anos letivos inteiros; aquele sentimento aguentaria meses, anos até. Era como um alimento, algo que me sustentava. Se Conrad fosse meu namorado, eu nunca terminaria só por causa de um verão — ou de um ano.

Clay me encarou com aqueles olhos pesados, meio sonolentos, e perguntou:

— Você tem namorado?

— Tenho — respondi, inevitavelmente olhando para Conrad.

Está vendo?, queria dizer. *Não sou mais uma garotinha boba de doze anos apaixonada por você. Sou uma pessoa de verdade. Com um namorado de verdade*. Quem ligava se não era verdade? Os olhos de Conrad reluziram, mas seu rosto permaneceu inexpressivo. Jeremiah, por outro lado, pareceu surpreso.

— Você tem namorado, Belly? — Ele franziu a testa. — Você nunca contou pra gente.

— Não é nada sério. — Eu me concentrei em um fio solto do colchonete da espreguiçadeira. Já estava arrependida de ter mentido. — Na verdade, é totalmente sem compromisso.

— Está vendo? Qual o sentido de manter um relacionamento desses durante o verão? E se você conhecer outra pessoa? — Clay deu uma piscadela de brincadeira. — Tipo agora?

— A gente já se conhece há dez anos, Clay.

Não que ele tivesse reparado em mim antes, claro.

Ele me cutucou com o joelho.

— Prazer, Clay.

Eu ri, mesmo não tendo graça. Pareceu a coisa certa a fazer.

— Oi, eu sou a Belly.

— E aí, Belly? Quer ir na festa na fogueira na minha casa amanhã à noite? — perguntou ele.

— Hã… Claro — respondi, tentando não parecer animada demais.

Conrad, Steven e Jeremiah sempre iam à festa da grande fogueira de Quatro de Julho que Clay fazia, porque costumavam estourar fogos de artifício naquela área da praia. A mãe dele sempre providenciava ingredientes para os tradicionais petiscos de marshmallows assados no fogo com uma camada de chocolate entre eles. Uma vez pedi para Jeremiah me trazer um, e ele trouxe. Estava meio queimado e borrachudo, mas comi mesmo assim. Era um pedacinho da festa. Eles nunca me deixavam ir, e eu nunca tentava convencê-los; só ficava observando da varanda dos fundos da casa, de pijama, com minha mãe e Susannah. Elas bebiam champanhe, e eu tomava cidra sem álcool.

— Achei que você tinha vindo nadar — comentou Conrad, de repente.

— Minha nossa, Con, deixa ela em paz — interveio Jeremiah. — Ela vai nadar se quiser.

Jeremiah e eu nos entreolhamos como se quiséssemos dizer: *Por que Conrad está agindo como um pai chato?* Conrad jogou o cigarro na lata de cerveja meio vazia e retrucou:

— Faça o que quiser.

— Pode deixar — respondi, mostrando a língua para Conrad e me levantando.

Tirei a toalha e entrei de cabeça na piscina, em um mergulho perfeito. Fiquei submersa por um tempo e depois comecei a nadar de costas, para conseguir ouvir a conversa.

Clay comentou baixinho:

— Cara, esta cidade está ficando um saco. Quero voltar logo pra casa.

— É, eu também — concordou Conrad.

Então Conrad queria ir embora? Bem, parte de mim já sabia disso, mas doeu escutar mesmo assim. Fiquei com vontade de responder: “Então vai logo de uma vez. Se não quer ficar, não fica. Vai embora.” Mas eu não ia deixar que Conrad acabasse com meu bom humor, não quando as coisas finalmente estavam começando a melhorar.

Pelo menos eu tinha sido convidada para a festa de Quatro de Julho do Clay Bertolet. Eu agora era parte do grupo dos mais velhos. A vida era boa. Ou pelo menos estava ficando boa.

* * *

Passei o dia todo pensando no que usar. Como eu nunca tinha ido àquela festa, não fazia ideia do que as pessoas vestiam. Grandes chances de fazer frio, mas quem queria ir todo empacotado para uma festa com fogueira? Ainda mais na minha primeira festa. E também não queria que Conrad e Jeremiah me enchessem o saco por estar arrumada demais. Acabei decidindo ir de short e camiseta, descalça.

Quando chegamos lá, vi que tinha feito a escolha errada. As outras meninas estavam todas de vestido e minissaia, os pés calçados com botas. Eu saberia disso se tivesse amigas na cidade.

— Você não disse que as garotas vinham arrumadas! — acusei Jeremiah.

— Você está ótima, deixa de besteira — disse ele, indo até o barril de cerveja.

Sim, um barril de cerveja. Nada de biscoitos ou marshmallows.

Eu nunca tinha visto um na vida real, só nos filmes. Fui atrás de Jeremiah, mas Conrad me segurou pelo braço, com um aviso:

— Não beba. Minha mãe vai me matar se eu deixar você beber.

Afastei a mão dele.

— Você não tem que *me deixar* fazer nada.

— Ah, deixa disso.

— Quer ver? — retruquei, marchando até a fogueira.

Eu nem sabia se queria beber ou não, mas esperava encontrar alguns marshmallows, embora fosse bem improvável que Clay tivesse providenciado depois da bebedeira da véspera.

A festa da fogueira parecia bem legal na teoria, mas estar lá era outra coisa. Jeremiah ficou conversando com uma garota de saia jeans e biquíni azul, vermelho e branco, e Conrad conversava com Clay e uns outros caras que não reconheci. Achei que Clay fosse pelo menos me cumprimentar depois daquele flerte insistente da noite anterior, mas ele nem olhou na minha cara, e ainda por cima estava com a mão nas costas de uma garota.

Fiquei sozinha ali, perto do fogo, fingindo esquentar as mãos, mesmo que não estivessem frias. Foi quando o vi. Ele também estava sozinho, bebendo água de uma garrafinha. Parecia não conhecer ninguém por ali. E parecia ter a minha idade. Só que algo nele demonstrava segurança e conforto, como se fosse mais novo que eu, mesmo não sendo. Tive que olhar com muita atenção para entender o que era, e quando entendi foi quase uma epifania.

Eram os cílios, tão longos que quase batiam nas maçãs do rosto. Tudo bem que elas eram bem pronunciadas, mas os cílios não deixavam de ser enormes. O garoto tinha o queixo proeminente e a pele clara e macia, da mesma cor dos flocos de coco tostados que a gente coloca no sorvete. Toquei meu rosto e fiquei aliviada ao perceber que o sol tinha secado a espinha que aparecera dois dias antes. Aquele garoto tinha a pele perfeita. Para mim, tudo nele era perfeito.

Ele era alto, mais alto que Steven e Jeremiah, talvez até mais que Conrad. Parecia descendente de japonês, ou quem sabe meio coreano. Era tão lindo que eu tinha vontade de desenhar o rosto dele — e olha que eu nem sabia desenhar.

Ele reparou que eu estava olhando, então tentei disfarçar. Quando olhei de novo, ele me pegou pela segunda vez. E só acenou, de leve.

Senti o rosto ardendo de vergonha. Não tinha alternativa senão cumprimentá-lo. Fui até ele e estendi a mão, dizendo "Oi", mas me arrependi na mesma hora. Quem em sã consciência fazia isso?

Ele apertou minha mão, sem dizer nada. Ficou só me encarando, como se estivesse tentando descobrir alguma coisa.

— Conheço você de algum lugar — disse, por fim.

Tentei não sorrir. Não é isso que os caras falam para dar em cima das mulheres num bar? Fiquei me perguntando se ele havia me visto na praia, usando meu novo biquíni de bolinha. Eu só tinha tido coragem de usar aquele biquíni uma vez, mas talvez tivesse sido justamente quando ele reparou em mim.

— Talvez você tenha me visto na praia.

Ele fez que não com a cabeça.

— Não... Não é isso.

Então não tinha sido o biquíni. Tentei de novo.

— Quem sabe na sorveteria?

— Não, também não… — Depois de um tempo, foi como se uma luzinha se acendesse na cabeça dele. Com uma risadinha, o menino perguntou: — Você fez aula de latim?

Quê? Como assim?

— Hum… Já fiz.

— E você por acaso já foi à Convenção de Latim que acontece lá em Washington?

— Fui.

Quem era aquele garoto, afinal?

Ele assentiu, satisfeito.

— Eu também. No nono ano, não foi?

— Foi…

No nono ano eu usava óculos e aparelho. Odiei que ele me conhecesse daquela época. Por que não podia ter me conhecido só agora, de biquíni de bolinha?

— É de lá que conheço você. Eu estava tentando me lembrar… — Ele abriu um sorriso. — Meu nome é Cam, mas na Convenção de Latim era Sextus. Salve.

A risada subiu de repente pela minha garganta, como bolhas de refrigerante. Aquilo era meio divertido.

— Salve, Sextus. Meu nome é Flavia. Quer dizer, eu sou a Belly. Na verdade, meu nome é Isabel, mas todo mundo me chama de Belly.

— Por quê? — perguntou ele, me olhando com interesse genuíno, como se realmente quisesse saber.

— Meu pai me deu esse apelido quando eu ainda era pequena. Ele achava Isabel longo demais. E todo mundo me chama de Belly até hoje. É meio bobo.

Ele ignorou esse último comentário, perguntando:

— Mas por que não Isa? Ou Belle?

— Não sei. Acho que em parte porque adoro aquelas balinhas Jelly Belly, e meu pai e eu tínhamos uma brincadeira. Ele perguntava como eu estava me sentindo, e eu respondia com os sabores de Jelly Belly. Tipo ameixa se eu estivesse de bom humor…

Não cheguei a terminar a frase. Sempre falava sem parar quando estava nervosa, e eu definitivamente estava nervosa. Sempre detestei ser chamada de Belly. Primeiro porque não era um nome de verdade; era um apelido de criança, não um nome. Isabel parecia mais como chamariam uma garota

exótica, do tipo que viaja para lugares tipo Marrocos e Moçambique, que pinta as unhas de vermelho e tem cabelo preto e franja. Belly evocava imagens de crianças gordas ou coisas excessivamente açucaradas.

— Bem, não gosto de Isa. Queria que as pessoas me chamassem de Belle. É mais bonito.

Ele assentiu.

— E significa isso mesmo. Bonita.

— Eu sei. Faço aula de francês.

Cam falou alguma coisa em francês, mas foi tão rápido que não consegui entender.

— Quê? — perguntei, me sentindo meio idiota.

Eu tinha vergonha de falar francês fora da sala de aula. Conjugar verbos era uma coisa, mas falar para valer, com fluência, era completamente diferente.

— Minha avó é francesa, então falo desde pequeno — explicou ele.

— Ah.

Comecei a me sentir meio boba por me gabar de estudar francês.

— O "v" se pronuncia como "u".

— Quê?

— Em Flavia. O certo é falar Fla*u*-ia.

— Ah, eu sei, claro. Fiquei em segundo lugar no concurso de oratória. Mas Flauia parece meio bobo.

— Eu fiquei em primeiro — comentou ele, tentando não soar convencido. De repente me lembrei do garoto de camisa preta e gravata listrada que impressionou todo mundo ao declamar Cátulo e garantir a vitória. Era ele. — Se acha bobo, por que escolheu esse nome?

Suspirei.

— Porque já tinham escolhido Cornelia. Todo mundo queria ser Cornelia.

— E todo mundo também queria ser Sextus.

— Por quê? — perguntei, mas me arrependi na mesma hora. — Ah. Esquece.

Cam riu.

— O humor dos garotos do nono ano não é muito sofisticado.

Eu ri também. Então perguntei:

— Sua casa é aqui perto?

— Alugamos uma casa a dois quarteirões daqui. Minha mãe meio que me obrigou a vir pra esta festa — explicou ele, coçando a cabeça.

— Ah.

Eu queria parar de dizer "ah", mas não consegui pensar em nada melhor.

— E você? Por que veio à festa, Isabel?

Levei um susto quando ele falou meu nome verdadeiro. Pareceu tão natural para ele. Eu me senti um pouco como no primeiro dia de aula, mas gostei.

— Não sei. Pra ser bem sincera, acho que só vim porque Clay me convidou.

Tudo que saía da minha boca parecia sem graça. Não sabia por quê, mas eu queria impressionar aquele garoto. Queria que ele gostasse de mim. Sentia que ele estava me julgando, julgando as bobagens que eu falava. *Eu também sou inteligente*, queria dizer. Disse a mim mesma que estava tudo bem, que não importava se ele me achava inteligente ou não. Mas não era verdade.

— Acho que vou embora daqui a pouco — comentou ele, terminando de beber sua água. E não me olhou quando perguntou: — Quer carona?

— Não. — Tentei esconder o desapontamento por ele já estar de partida. — Eu vim com aqueles garotos ali. — Apontei para Conrad e Jeremiah.

Ele assentiu.

— Percebi. Seu irmão não para de olhar pra cá.

Quase engasguei.

— Meu irmão? Quem? Ele?

Indiquei Conrad, que não estava olhando para nós, e sim para uma garota loira com um boné do Red Sox, que também olhava para ele. Conrad estava rindo; ele nunca ria.

— É.

— Ele não é meu irmão. Age como se fosse, mas não é. Conrad só acha que é o irmão mais velho de todo mundo, é muito arrogante… Mas por que você quer ir embora? Vai perder os fogos.

Ele pigarreou, parecendo um pouco constrangido.

— Hã… Na verdade, eu tenho que estudar.

— Latim?

Cobri a boca com a mão para conter uma risadinha.

— Não. Estou estudando baleias. Quero fazer um estágio em um barco de observação e tenho uma prova no mês que vem — explicou ele, coçando

a cabeça de novo.

— Que maneiro!

Não queria que ele fosse embora e me deixasse sozinha ali. Ele era legal, e eu me sentia minúscula ao seu lado, pequena e preciosa como a Polegarzinha, de tão alto que o garoto era. Se ele fosse embora, eu ficaria sozinha de novo.

— Sabe, acho que vou aceitar a carona. Espera aqui, já volto.

Corri até Conrad tão rápido que levantei areia.

— Ei, vou pegar uma carona pra casa — anunciei, sem fôlego.

A loira de boné do Red Sox me olhou de cima a baixo antes de soltar um mero "Oi".

— Com quem? — perguntou Conrad.

Apontei para Cam.

— Com ele.

— Você não vai pegar carona com um cara que acabou de conhecer — declarou Conrad.

— Mas eu conheço ele. É o Sextus.

Conrad estreitou os olhos.

— Hein?

— Nada. O nome dele é Cam e ele estuda baleias. E não é você quem decide com quem eu pego ou deixo de pegar carona pra casa. Só vim avisar por educação, não estava pedindo sua permissão, Conrad.

Dei a volta e saí andando, mas ele me segurou pelo braço.

— Não me interessa o que ele estuda. Você não vai pegar carona com esse estranho — anunciou em um tom despreocupado, mas segurando meu braço com força. — Eu levo você pra casa, se quiser ir embora.

Respirei fundo. Tinha que manter a calma. Não ia deixar Conrad me tratar como um bebê na frente de todo mundo.

— Não, obrigada — retruquei, tentando continuar andando, mas ele não deixou.

— Achei que você já tivesse namorado.

O tom era de deboche, e percebi que ele tinha sacado minha mentira da noite anterior.

Minha vontade era jogar um punhado de areia na cara dele. Tentei me desvencilhar.

— Me solta, Conrad! Está me machucando!

Ele soltou na mesma hora, com o rosto vermelho. Não estava machucando de verdade, mas eu queria que ele passasse tanta vergonha quanto estava me fazendo passar.

— Prefiro pegar carona com um desconhecido do que andar no carro de alguém que bebeu! — continuei, falando alto.

— Eu tomei *uma* cerveja. E peso oitenta quilos. Daqui a meia hora eu levo você pra casa. Deixa de ser chata.

Senti as lágrimas se formando nos meus olhos. Eu me virei para ver se Cam estava observando a cena. Sim, estava.

— Você é um babaca — falei.

Conrad me encarou e retrucou:

— E você é uma garotinha de quatro anos.

Enquanto eu me afastava, ouvi a loira perguntar:

— Ela é sua namorada?

Dei meia-volta, e eu e Conrad respondemos ao mesmo tempo:

— Não!

— Então é sua irmã? — perguntou a garota, confusa, como se eu não estivesse ali.

Ela usava um perfume muito forte que formava uma nuvem ao seu redor; era como se estivéssemos respirando aquela garota.

— Não, eu não sou a irmã mais nova dele.

Detestei que aquela garota estivesse presenciando tudo aquilo. Era humilhante. E ela era bonita que nem Taylor, o que só piorava tudo.

— A mãe dela é amiga da minha mãe — explicou Conrad.

Então eu era só aquilo? A filha da amiga da mãe dele?

Respirei fundo e falei para a garota, sem pensar:

— Olha, eu conheço o Conrad desde que nasci, então já vou logo avisando que isso é um erro; melhor se jogar em cima de outro. Conrad nunca vai amar alguém tanto quanto ama a si mesmo, então...

Levantei a mão e dei um tchauzinho debochado.

— Belly, cala a boca — advertiu Conrad, com as orelhas vermelhas de raiva.

Tinha sido um golpe baixo, mas eu não ligava. Ele merecia.

A loira com boné do Red Sox franziu a testa.

— Do que ela está falando, Conrad?

— Ah, me desculpa, você não entendeu quando eu disse que você estava se jogando em cima de um idiota? — respondi, nervosa.

O rosto bonito dela se contorceu em uma careta de raiva.

— Sua vagabunda… — sussurrou ela.

Senti meu corpo se encolhendo. Queria poder retirar o que tinha dito. Nunca brigara com garota nenhuma — nem com ninguém, na verdade.

Por sorte, Conrad interveio, apontando para a fogueira.

— Belly, vai para a fogueira e me espera lá — mandou, ríspido.

Foi quando Jeremiah chegou.

— Ei, ei, o que está acontecendo? — perguntou ele, com seu sorriso tranquilo e bobo de sempre.

— Seu irmão é um idiota — respondi. — É isso que está acontecendo.

Jeremiah passou o braço pelos meus ombros. Ele cheirava a cerveja.

— Ora, vocês dois, comportem-se!

Eu me livrei do abraço dele e disse:

— *Eu* estou me comportando. Mande seu irmão fazer o mesmo.

— Espera aí, vocês também são irmãos? — perguntou a loira.

— Nem pensa em ir embora com aquele cara — alertou Conrad, virando-se para mim.

— Relaxa, Con — interveio Jeremiah — Ela não vai. Não é, Belly? — disse ele, me encarando.

Assenti, contrariada, e lancei o olhar mais cruel que conseguia fazer para Conrad e para a loira, mas só quando já estava longe o bastante para que ela não me puxasse pelo cabelo ou algo do tipo. Fui até a fogueira, tentando manter a cabeça erguida, mas por dentro eu me sentia uma criança que tinha levado uma bronca na própria festa de aniversário. Não era justo ser tratada como uma garotinha, coisa que eu não era. Aposto que eu e aquela loira tínhamos a mesma idade.

— O que foi aquilo? — perguntou Cam.

Eu estava segurando as lágrimas quando respondi:

— Quero sair daqui agora.

Ele hesitou, olhando na direção de Conrad.

— Acho que não é uma boa ideia, Flavia. Mas vou ficar aqui fazendo companhia pra você. As baleias podem esperar.

Quis dar um beijo naquele garoto na mesma hora e esquecer que eu conhecia Conrad. Seria perfeito só ficar ali, dentro daquele momento. Os primeiros fogos de artifício dispararam em algum lugar acima, subindo ao céu como uma chaleira assobiando alto. Eram dourados e explodiram em milhões de pedacinhos amarelos, chovendo como confetes sobre nós.

Cam e eu ficamos sentados perto do fogo; ele falando sobre baleias, e eu, sobre uma porção de coisas bobas, como o fato de ser secretária do clube de francês e de minha comida favorita ser sanduíche de carne de porco desfiada. Ele contou que era vegetariano. Ficamos quase uma hora batendo papo. Eu sentia Conrad nos observando o tempo todo e fiquei tentada a mostrar o dedo do meio para ele — detestava quando ele ganhava.

Esfreguei os braços quando começou a esfriar, e Cam me emprestou o moletom dele. Era quase um sonho virando realidade: ficar com frio e um garoto me emprestar seu moletom, em vez de jogar na minha cara que era muito esperto por ter se lembrado de levar um casaco.

A camiseta dele tinha STRAIGHT EDGE escrito acima do desenho de uma lâmina de barbear.

— O que isso significa? — perguntei, fechando o zíper do moletom. Estava quentinho e tinha cheiro de garoto, mas no bom sentido, claro.

— É uma filosofia de vida — explicou Cam. — Não bebo nem uso drogas. Eu era mais radical, não tomava remédios nem cafeína, mas acabei deixando isso pra lá.

— Por quê?

— Por que eu era radical ou por que deixei pra lá?

— As duas coisas.

— Eu acredito que não devemos poluir nosso corpo com substâncias que não sejam naturais. E deixei isso pra lá porque estava enlouquecendo minha mãe. E porque estava com muita saudade de tomar refrigerante.

Eu também adorava refrigerante. Fiquei feliz por não estar bebendo, porque não queria que ele pensasse mal de mim, e sim que me achasse interessante e descolada, do tipo que não liga para o que os outros pensam — assim como ele. Daria tudo para ser sua amiga. E beijá-lo.

Cam foi embora na mesma hora que a gente. Ele se levantou logo que viu Jeremiah se aproximando para me chamar.

— Até mais, Flavia.

Comecei a abrir o zíper do moletom, mas ele disse:

— Pode ficar. Depois você me devolve.

— Anota meu número — sugeri, estendendo a mão para pegar o celular dele.

Nunca tinha dado meu telefone para um garoto, e me senti muito orgulhosa da minha ousadia.

— Eu teria dado um jeito de pegar o casaco de volta mesmo sem seu número — disse ele. — Sou inteligente, lembra? Tirei o primeiro lugar em oratória.

Tentei não sorrir enquanto me afastava e gritava:

— É, até que dá pro gasto!

Parecia obra do destino termos nos conhecido. Achei aquilo a coisa mais romântica que já tinha acontecido na minha vida. E era mesmo.

* * *

Fiquei observando enquanto Conrad se despedia da garota de boné, que o abraçou. Ele retribuiu meio sem vontade. Fiquei feliz por ter estragado a noite dele, mesmo que só um pouco.

Outra garota me parou no caminho para o carro. Ela usava o cabelo castanho-claro preso em duas marias-chiquinhas e uma blusa rosa decotada.

— Você gostou do Cam? — perguntou, em um tom muito casual.

Eu me perguntei de onde ela o conhecia. Achei que ele fosse um zé-ninguém — assim como eu.

— Não conheço ele direito — respondi.

A menina pareceu relaxar. Estava aliviada. Eu conhecia aquele olhar sonhador e esperançoso. Devia ser o mesmo que eu fazia quando falava do Conrad, quando tentava arranjar desculpas para enfiar o nome dele nas conversas. Fiquei triste por nós duas.

— Eu vi o jeito como a Nicole falou com você — comentou a garota, de repente. — Não liga, não. Ela é uma pessoa horrível.

— A garota de boné? É, ela tem cara de ser horrível mesmo — concordei, antes de dar um tchauzinho e seguir com Conrad e Jeremiah para o carro.

Conrad dirigiu; estava completamente sóbrio, e eu sabia que estivera assim o tempo todo. Ele deu uma olhada no moletom do Cam, mas não disse nada. Não trocamos uma palavra. Fui no banco de trás com Jeremiah, que até tentou fazer piada, mas ninguém riu. Eu estava ocupada demais pensando, lembrando tudo o que acontecera naquela noite. *Foi a melhor noite da minha vida*, pensei.

No anuário da escola do ano anterior, Sean Kirkpatrick escreveu que eu tinha “olhos tão claros” que dava para “ver minha alma” através deles. Sean era um garoto tímido da aula de teatro, mas mesmo assim gostei do elogio. Taylor fez pouco caso, dizendo que só Sean Kirkpatrick repararia na cor dos meus olhos quando todos os outros caras estavam ocupados olhando para os meus peitos. Mas dessa vez não era Sean; era Cam, um cara de verdade. E ele tinha reparado em mim antes de eu ficar bonita.

* * *

Eu estava escovando os dentes no banheiro de cima quando Jeremiah entrou e fechou a porta. Ele se apoiou na pia e perguntou:

— O que está acontecendo com você e o Con? Por que estão tão irritados um com o outro?

Jeremiah detestava ver gente brigando. Era um dos motivos pelos quais sempre bancava o palhaço para aliviar qualquer clima pesado. Era bonitinho, mas também um pouco irritante.

Cuspi a pasta de dentes antes de responder:

— Hã… Porque ele é super-novo-maxi-estranho?

Nós dois rimos. Era uma de nossas piadinhas internas, uma fala de *O Clube dos Cinco* que passamos um verão todo repetindo, quando eu tinha oito anos, e ele, nove.

Jeremiah pigarreou.

— Sério, pega leve com ele. Con está em uma fase difícil.

Aquilo era novidade para mim.

— Como assim?

Jeremiah hesitou.

— Olha, não sou eu que vou contar pra você.

— Ah, qual é! A gente conta tudo um pro outro, Jere. Não temos segredos, lembra?

Ele sorriu.

— Eu sei, mas esse eu não posso contar. Não é um segredo meu.

Fechei a cara e reclamei:

— Você sempre fica do lado dele.

— Não estou do lado dele. Só estou explicando que o lado dele existe.

— Dá no mesmo.

Ele puxou os cantinhos da minha boca para cima, um de seus truques mais antigos para me fazer rir. Bem, sempre funcionava.

— Sem beicinho, Belly. Lembra?

Sem beicinho era uma regra que Conrad e Steven tinham inventado em um verão. Acho que eu tinha oito ou nove anos. O problema era que essa regra só se aplicava a mim. Eles colocaram até um cartaz na porta do meu quarto. Claro que arranquei e corri até minha mãe e Susannah para fazer queixa. Naquela noite, eu me lembro de ter repetido a sobremesa. Sempre que eu fazia qualquer cara ligeiramente triste ou aborrecida, um dos garotos começava a gritar "Sem beicinho! Sem beicinho!". Tudo bem, talvez eu fizesse beicinho demais, mas só assim eu conseguia o que queria. Às vezes era muito difícil ser a única garota. Às vezes, não.

22

NAQUELA NOITE, DORMI com o moletom do Cam. Era meio bobo, mas eu não ligava. Também usei no dia seguinte, mesmo estando um calor impressionante. Adorei as mangas gastas, como se a roupa já tivesse passado por várias coisas. Parecia mesmo um casaco de garoto.

Cam foi o primeiro garoto que prestou atenção em mim daquele jeito, que disse com todas as letras que queria sair comigo. E que não teve vergonha de admitir isso.

Quando acordei, percebi que por alguma razão tinha dado a ele o telefone da casa. Devia ter dado meu celular, para facilitar.

Fiquei esperando, mas o telefone nunca tocava. Só quem ligava para ele era Susannah, para saber que tipo de peixe levar para o jantar, ou minha mãe, para pedir a Steven que colocasse as toalhas na secadora de roupa ou que acendesse a churrasqueira.

Fiquei no deque, pegando sol e lendo revistas, com o moletom do Cam enrolado no colo, como se fosse um bicho de pelúcia. As janelas estavam abertas, e eu sabia que ouviria se o telefone tocasse.

Coloquei bastante filtro solar, depois passei duas camadas de bronzeador. Não sabia se fazia sentido, mas achei melhor prevenir do que remediar.

Misturei um pouco de suco de cereja solúvel em uma garrafa de água, peguei um rádio, óculos escuros e revistas. Os óculos tinham sido presente da Susannah, uns anos antes. Ela adorava me dar presentes. Quando saía, sempre voltava com alguma coisa para mim. Coisas bobas, como aquele par de óculos vermelho em formato de coração, que ela disse que eu *precisava* ter. Ela conhecia meu gosto, trazia coisas que eu nunca nem tinha pensado em ter, muito menos desejado comprar, como creme de lavanda para os pés ou um estojo de seda para colocar lenços de papel.

Minha mãe e Susannah tinham saído cedo para uma de suas visitas às galerias de arte de Dyerstown, e Conrad, graças a Deus, já tinha ido para o trabalho. Jeremiah ainda estava dormindo. A casa era só minha.

Na teoria, a ideia de me bronzear parecia muito divertida. Ficar deitada ao sol, bebendo refresco de canudinho e dormindo como um gato gordo. Mas, na prática, era meio chato e entediante. E quente. Eu preferia mil vezes tomar sol boiando no mar a ficar deitada em uma cadeira, suando. E dizem que o bronzeado vem mais rápido com a pele molhada.

Naquela manhã, porém, eu não tinha escolha. Porque Cam poderia ligar a qualquer momento. Fiquei ali, deitada, suando e fritando como um frango na chapa. Era chato, mas era uma necessidade.

O telefone tocou logo depois das dez. Levantei em um pulo e corri até a cozinha.

— Alô? — atendi, sem fôlego.

— Oi, Belly. É o Sr. Fisher.

— Ah, oi, Sr. Fisher — falei, tentando não soar muito desapontada.

Ele pigarreou.

— E aí? Como vão as coisas?

— Tudo bem. Mas a Susannah não está. Ela e minha mãe foram a Dyerstown visitar umas galerias.

— Está bem. E os garotos?

— Bem... — Eu nunca sabia como falar com o Sr. Fisher. — Conrad está no trabalho, e Jeremiah ainda está dormindo. Quer que eu o acorde?

— Não, não, tudo bem.

Houve uma longa pausa, e fiquei tentando encontrar algo para dizer.

— O senhor… hum… vem este fim de semana?

— Não, este fim de semana, não — respondeu ele. Sua voz parecia muito distante. — Bem, eu ligo mais tarde. Divirta-se, Belly.

Coloquei o fone no gancho. O Sr. Fisher ainda não tinha nos visitado naquele verão. Ele sempre ia no fim de semana seguinte ao feriado de Quatro de Julho, porque era a época mais fácil para conseguir uns dias longe do escritório. Quando chegava, fazia churrasco o fim de semana todo, sempre usando um avental com os dizeres O CHEF SABE DE TUDO. Fiquei me perguntando se Susannah ficaria triste por ele não ir, se os meninos se importariam.

Eu me arrastei de volta para a espreguiçadeira. Peguei no sono e acordei com Jeremiah jogando gotinhas de refresco na minha barriga.

— Para com isso — pedi, mal-humorada, enquanto me sentava.

Eu estava com sede por causa do refresco açucarado (eu sempre colocava o dobro de açúcar sugerido), suada e desidratada.

Ele riu e se sentou na minha espreguiçadeira.

— É isso que você vai fazer o dia todo?

— É — respondi, limpando a barriga e secando a mão no short dele.

— Deixa de ser chata. Vamos fazer alguma coisa. Só tenho que trabalhar à noite.

— Estou me bronzeando — anunciei.

— Mas você já está bem bronzeada.

— Posso dirigir?

Ele hesitou.

— Tudo bem. Mas vai tomar um banho primeiro. Não quero o banco do carro sujo de bronzeador.

Eu me levantei e prendi o cabelo fino e oleoso em um rabo de cavalo alto.

— Vou agora mesmo. Me espera.

Jeremiah me esperou no carro, com o ar-condicionado no máximo, sentado no banco do carona.

— Aonde vamos? — perguntei, assumindo o volante. Já me sentia uma motorista profissional. — Tennessee? Novo México? Precisamos ir para um lugar bem longe, para eu treinar.

Ele apoiou a cabeça no encosto e fechou os olhos, dizendo:

— Pegue a esquerda, para a rodovia.

— Sim, senhor — concordei, desligando o ar-condicionado e abrindo as quatro janelas.

Era muito melhor dirigir com as janelas abertas, parecia que realmente estávamos indo a algum lugar.

Ele continuou indicando direções até chegarmos à pista de kart.

— É sério isso?

— Você precisa treinar um pouco — explicou ele, rindo que nem um louco.

* * *

Esperamos na fila pelos nossos carrinhos. Quando chegou nossa vez, o funcionário me disse para pegar o azul.

— Posso pegar o vermelho? — pedi.

Ele retrucou, dando uma piscadela.

— Você é tão bonita que pode até pegar o *meu* carro.

Senti o rosto corar, mas gostei do elogio. Ele era mais velho que eu, mas tinha reparado em mim. Era meio incrível. Eu já tinha visto esse garoto lá no verão anterior, e ele não tinha me dado nenhuma bola.

Jeremiah entrou no carro ao lado do meu, murmurando:

— Que idiota. Ele está precisando de um emprego de verdade.

— Tipo de salva-vidas?

Ele fechou a cara.

— Só dirige.

O funcionário acenava toda vez que meu carro passava pela linha de partida. Na terceira vez, retribuí o aceno.

* * *

Demos algumas voltas na pista, até a hora de Jeremiah ir para o trabalho.

— Acho que você já dirigiu bastante por hoje — comentou ele, coçando o pescoço. — Eu dirijo na volta para casa.

Não discuti. Ele voltou rápido, me deixou na esquina e seguiu para o trabalho. Entrei em casa me sentindo muito cansada e queimada de sol. E satisfeita.

— Um rapaz chamado Cam ligou pra você — comentou minha mãe.

Ela estava sentada à mesa da cozinha lendo o jornal com seus óculos de leitura. E nem olhou para mim.

— Ligou? — perguntei, escondendo o sorriso com as costas da mão. — Ele deixou o número?

— Não. Disse que ligaria mais tarde.

— Por que você não pediu o número dele? — perguntei, odiando a irritação na voz, mas, quando se tratava da minha mãe, eu não conseguia evitar.

Ela me encarou, perplexa.

— Não sei. Ele também não sugeriu. Quem é esse Cam, afinal?

— Deixa pra lá — respondi, abrindo a geladeira para pegar uma limonada.

— Está bom, então — retrucou minha mãe, voltando para o jornal.

Ela não insistiu no assunto; nunca insistia. Mas podia pelo menos ter pegado o número dele. Susannah teria feito piadinhas, me perturbado e perguntado até eu contar alguma coisa. E eu contaria com o maior prazer.

— O Sr. Fisher ligou hoje de manhã — avisei.

Minha mãe me olhou de novo.

— O que ele disse?

— Nada. Só que não vem este fim de semana.

Ela comprimiu os lábios, mas não disse nada.

— E a Susannah? — perguntei. — Está no quarto dela?

— Está, mas não está se sentindo muito bem. Foi tirar um cochilo.

Em outras palavras: não queria ser perturbada.

— O que ela tem?

— Uma gripe — respondeu minha mãe, sem nem pensar.

Minha mãe mentia muito mal. Susannah andava passando muito tempo no quarto e parecia triste como nunca tinha parecido antes. Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo, só não sabia o quê.

23

CAM LIGOU DE novo na noite seguinte, e na outra depois dessa. Nós nos falamos duas vezes antes de nos encontrarmos de novo por umas quatro ou cinco horas seguidas. Eu me deitava em uma das espreguiçadeiras da varanda e ficava olhando a lua, balançando os dedos dos pés. E ria tão alto que Jeremiah chegou a gritar da janela do quarto, me mandando fazer silêncio. Nós conversávamos sobre tudo. Eu adorava, mas ficava o tempo todo me perguntando quando ele ia sugerir que nos víssemos de novo. Só que ele não sugeriu.

Então tive que tomar as rédeas da situação. Convidei Cam para jogar videogame comigo, ou talvez nadar. Eu me senti uma mulher empoderada, como se eu fizesse aquilo o tempo todo, mas na verdade só o chamei porque sabia que não teria ninguém em casa. Não queria que Jeremiah, Conrad, minha mãe ou mesmo Susannah o encontrassem ainda. Por enquanto, ele era só meu.

— Eu nado muito bem, então nada de se irritar quando eu ganhar de você — avisei ao telefone.

Ele riu e perguntou:

— Estilo livre?

— Qualquer estilo.

— Por que você é tão competitiva?

Eu não tinha uma resposta para aquela pergunta, só disse que era divertido, e, afinal de contas, quem não gostava de ganhar?

Crescendo com Steven e passando todos os verões com Conrad e Jeremiah, vencer sempre tinha sido algo importante, e mais ainda porque eu era menina e ninguém esperava isso de mim. A vitória é ainda mais doce quando ninguém aposta em você.

Observei Cam chegar da janela do meu quarto. O carro dele era velho, azul-escuro. Parecia já ter passado por poucas e boas, assim como o moletom que eu planejava roubar para sempre. Era exatamente o tipo de carro que eu esperava que ele tivesse.

Ele tocou a campainha, e desci a escada correndo para abrir a porta, cumprimentando-o com um simples "Oi". Eu estava vestindo seu moletom.

— Você está usando meu moletom — comentou, sorrindo para mim.

Cam era mais alto do que eu me lembrava.

— Sabe, pensei em roubar pra mim — comentei, fechando a porta. — Só que não quero nada de mão beijada. Vou competir por ele.

— Mas, se a gente competir, você não pode ficar brava se eu vencer — retrucou Cam, levantando uma das sobrancelhas. — É meu moletom preferido. Se eu ganhar, fico com ele.

— Tudo bem.

Saímos pela porta dos fundos e descemos os degraus da varanda até a piscina. Sem pensar muito, tirei o short, o moletom e a camiseta. Eu competia com Jeremiah o tempo todo, nem passou pela minha cabeça ficar envergonhada de usar biquíni na frente do Cam. Naquela casa, passávamos o verão inteiro usando roupas de banho.

Mas ele desviou o olhar e tirou a camiseta.

— Pronta? — perguntou, se posicionando na borda da piscina.

Fui para o lado dele.

— Uma volta completa? — perguntei, mergulhando o dedo do pé na água.

— Claro. Você precisa de uma vantagem?

Bufei.

— *Você* precisa de uma vantagem?

— *Touché* — retrucou ele, rindo.

Eu nunca tinha ouvido um garoto falar "*touché*". Nunca tinha ouvido ninguém falar aquilo naquele sentido. Talvez minha mãe. Mas ele falando parecia legal. Era diferente.

Ganhei a primeira volta; foi fácil demais.

— Você me deixou ganhar — acusei.

— Não deixei, não — retrucou ele, mas eu sabia que não era verdade.

Em todos aqueles verões e todas aquelas competições, nenhum garoto — nem Conrad, nem Jeremiah e, principalmente, nem Steven — jamais tinha me deixado ganhar.

— É melhor dar tudo de si desta vez — avisei. — Ou vou ficar com seu moletom.

— Melhor de três — pediu Cam, tirando o cabelo dos olhos.

Ele ganhou a volta seguinte, e eu, a última. Eu não estava cem por cento convencida de que ele não tivesse me deixado ganhar. Cam era tão alto, tinha braços tão longos, e sua envergadura era quase o dobro da minha... Mas eu queria ficar com o moletom, então não contestei. Vitória é vitória, afinal.

* * *

Fui com ele até o carro quando chegou a hora de nos despedirmos. Ele não entrou de imediato. Ficamos parados um bom tempo, em silêncio — a primeira vez que isso acontecia no dia, por incrível que pareça. Cam pigarreou e disse:

— Um conhecido meu, Kinsey, vai dar uma festa amanhã à noite. Você quer ir?

— Quero — respondi, na mesma hora.

Cometi o erro de mencionar isso no café da manhã do dia seguinte. Minha mãe e Susannah tinham ido fazer compras. Estávamos só eu e os meninos, como na maior parte do tempo naquele verão.

— Vou a uma festa hoje à noite — anunciei, em parte porque queria me gabar.

— Você? — duvidou Conrad, erguendo as sobrancelhas.

— Que festa? — quis saber Jeremiah. — A do Kinsey?

Larguei o suco.

— Como você sabe?

Jeremiah riu e apontou um dos dedos para mim em reprovação.

— Eu conheço todo mundo aqui em Cousins, Belly. Sou salva-vidas, lembra? É que nem ser prefeito. Greg Kinsey trabalha naquela loja de surfe do shopping.

Conrad franziu a testa.

— Não é o Greg Kinsey que vende metanfetamina na mala do carro?

— O quê? Não. Cam nunca seria amigo de alguém assim — retruquei, na defensiva.

— Quem é Cam? — perguntou Jeremiah.

— Aquele cara que eu conheci na festa do Clay. Ele me chamou pra essa festa, e eu aceitei.

— Olha, me desculpa, mas você não vai na festa de um viciado em metanfetamina — disse Conrad.

Era a segunda vez que ele tentava me dizer o que fazer, e eu já estava de saco cheio daquilo. Quem ele pensava que era? Eu tinha que ir à festa e não me importava se teria metanfetamina ou não.

— Eu estou dizendo, Cam nunca seria amigo de alguém assim! Ele odeia essas coisas.

Conrad e Jeremiah bufaram ao mesmo tempo. Em momentos como aquele, eles se uniam contra mim.

— Ele odeia essas coisas? — retrucou Jeremiah, tentando não sorrir. — Que maravilha.

— Muito legal — concordou Conrad.

Eu revirei os olhos. Primeiro não queriam que eu saísse com um drogado, agora ser careta também não era legal.

— Ele não usa drogas, está bem? É por isso que duvido muito que ele seja amigo de um traficante.

Jeremiah coçou a cabeça e disse:

— Olha, talvez seja o Greg Rosenberg que vende metanfetamina. Greg Kinsey é bem bacana. Ele tem uma mesa de sinuca. Acho que também vou a essa festa.

— Hã? O quê?

Eu estava começando a entrar em pânico.

— Acho que também vou — anunciou Conrad. — Eu gosto de sinuca.

Eu me levantei.

— Vocês não vão, não. Nem foram convidados.

Conrad se recostou na cadeira e colocou os braços atrás da cabeça.

— Relaxa, Belly. Não vamos atrapalhar seu encontro.

— A menos que ele encoste em você. — Jeremiah fechou o punho, ameaçador. — Nesse caso, ele já era.

— Vocês não podem ir… Meninos, eu estou implorando. Por favor, por favor, não vão.

Jeremiah me ignorou.

— Con, com que roupa você vai?

— Ainda não decidi. Talvez com o short cáqui. Com que roupa *você* vai?

— Ai, como eu odeio vocês — resmunguei.

As coisas estavam estranhas entre mim e Conrad, e também entre mim e Jeremiah... Um pensamento improvável passou pela minha cabeça: e se eles não quisessem que eu ficasse com Cam porque *eles* sentiam algo por mim? Seria possível? Eu não acreditava. Eu era uma irmã para eles. Só que não era irmã deles.

Quando terminei de me arrumar, já era quase hora de sair, e parei no quarto da Susannah para me despedir. Ela e minha mãe estavam enfiadas lá dentro, remexendo em fotos antigas. Susannah estava pronta para dormir, mesmo que ainda fosse bem cedo. Ela estava recostada nos travesseiros, usando um dos robes de seda que o Sr. Fisher tinha comprado em uma viagem de negócios para Hong Kong. Era cor de creme, com estampa de papoulas — quando eu fosse casada, queria usar um exatamente igual.

— Vem cá, ajuda a gente a arrumar este álbum — pediu minha mãe, vasculhando uma velha caixa de chapéus listrada.

— Laurel, não está vendo que ela está toda arrumada? Belly tem coisas mais interessantes para fazer do que ficar olhando fotos velhas e empoeiradas. — Susannah piscou para mim. — Belly, você está parecendo uma margarida. Adoro quando você está bronzeada e usa branco. Combina com você, fica uma moldura perfeita.

— Obrigada, Susannah.

Eu não estava toda arrumada, mas também não estava de short, como na noite da fogueira. Usava um vestido branco e sandálias de dedo, e tinha feito tranças no cabelo ainda úmido. Eu sabia que em mais ou menos meia hora provavelmente teria que soltá-las, porque estavam muito apertadas, mas não ligava. Tinham ficado muito bonitinhas.

— Você está linda mesmo. Aonde vai? — perguntou minha mãe.

— A uma festa.

Ela franziu a testa.

— Conrad e Jeremiah também vão?

— Eles não são meus seguranças — retruquei, revirando os olhos.

— Não foi isso que eu falei — respondeu minha mãe.

Susannah gesticulou para que eu saísse, dizendo:

— Vai logo, Belly. Divirta-se!

— Vou me divertir — assegurei, batendo a porta antes que minha mãe pudesse fazer mais perguntas.

Eu tinha esperanças de que Conrad e Jeremiah estivessem só de brincadeira, que eles não quisessem ir à festa de verdade. Mas, quando estava saindo, quase chegando ao carro do Cam, Jeremiah me chamou.

— Ei, Belly!

Ele e Conrad estavam vendo televisão. Espiei pelo vão da porta.

— O que foi? — perguntei, ríspida. — Estou com pressa.

Jeremiah se virou para mim, dando uma piscadela preguiçosa.

— Até daqui a pouco.

— Que perfume é esse? — perguntou Conrad. — Está me dando dor de cabeça. E por que você está usando tanta maquiagem?

Eu não estava usando tanta maquiagem assim. Tinha passado um pouco de blush, rímel nos cílios e um pouquinho de gloss, só. Ele é que não estava acostumado a me ver daquele jeito. E havia colocado perfume no pescoço e nos pulsos, mais nada. Conrad não havia se importado com o perfume da loira de boné; pelo contrário, tinha *adorado*, até. Mesmo assim, dei uma última conferida no espelho do hall de entrada e esfreguei as bochechas e os pulsos para tirar um pouco do blush e do perfume.

Fechei a porta e fui apressada para a entrada da garagem, onde o carro de Cam estava parado. Eu ficara vigiando da janela do quarto para ver o exato momento em que ele chegaria, assim ele não precisaria entrar e conhecer minha mãe.

Pulei para dentro do carro.

— Oi.

— Oi. Eu queria ter tocado a campainha.

— Acredite em mim, é melhor assim — respondi, de repente morrendo de vergonha.

Como era possível passar horas e horas falando com alguém ao telefone, nadar com essa pessoa e, mesmo assim, sentir que não a conhecia?

— Então. Esse cara, Kinsey, é meio estranho, mas é gente boa — comentou Cam, dando ré. Ele dirigia bem, era cuidadoso.

— Ele vende metanfetamina? — perguntei, casualmente.

— Hum, não que eu saiba — respondeu Cam, sorrindo.

Ele tinha uma covinha na bochecha direita. Eu não havia reparado nela na outra noite. Era fofo.

Relaxei. Agora que a história da metanfetamina tinha sido eliminada, só faltava uma coisa. Rodei a pulseira que usava várias vezes, então perguntei:

— Sabe aqueles caras com quem eu estava lá na fogueira? Conrad e Jeremiah?

— Seus irmãos de mentirinha?

— Isso. Pode ser que eles deem uma passada nessa festa. Eles… hã... conhecem o Kinsey.

— Ah, é? Legal. Quem sabe assim eles não veem que não sou um mau elemento.

— Eles não acham que você é um mau elemento. Quer dizer, eles meio que acham, sim, mas pensam isso de qualquer cara com quem eu fale, não é nada pessoal.

— Eles devem gostar muito de você, para serem tão protetores.

Será?

— Nem tanto. Bem, o Jeremiah gosta, mas com o Conrad é mais uma questão de respeito. Ou costumava ser. Ele deve ter sido um samurai em outra vida, sei lá. — Olhei de relance para Cam. — Desculpa, estou sendo chata?

— Não, pode continuar falando. Onde aprendeu sobre os samurais?

Cruzei as pernas, me sentando sobre elas, e respondi:

— Com a Srta. Baskerville, a professora de estudos globais no nono ano. Tivemos um módulo inteiro sobre o Japão e o Bushido. Fiquei obcecada com o conceito de *seppuku*.

— Meu pai é metade japonês — comentou ele. — Minha avó mora no Japão, a gente vai todo ano lá, para visitá-la.

— Uau!

Eu nunca tinha ido ao Japão nem a nenhum lugar na Ásia. Minha mãe, nas viagens dela, também nunca viajara para lá, embora eu soubesse que ela tinha vontade.

— Você fala japonês?

— Pouco — disse ele, coçando a testa. — Mas entendo bem.

Assobiei. Meu assobio era algo de que eu me orgulhava. Meu irmão, Steven, tinha me ensinado.

— Então você fala inglês, francês e japonês? Isso é incrível. Você é tipo um gênio, né? — debochei.

— Também falo latim — lembrou ele, rindo.

— Ninguém fala latim. É uma língua morta — retruquei, só para ser do contra.

— Não é uma língua morta. Está presente em todos os idiomas ocidentais.

Ele parecia meu professor de latim do sétimo ano, o Sr. Coney.

* * *

Quando chegamos à casa do tal Kinsey, eu meio que desejei ter continuado dentro do carro. Adorava a sensação de falar e ter alguém realmente escutando o que eu tinha a dizer. Era uma sensação incrível, como se eu fosse poderosa, mas com um poder estranho, diferente.

Estacionamos no fim de uma rua sem saída que já estava lotada de carros. Alguns estavam metade na grama. Cam andava rápido; as pernas dele eram tão compridas que eu tinha que correr para acompanhá-lo.

— De onde você conhece esse cara? — perguntei.

— Ele é meu fornecedor. — Cam riu quando viu minha cara. — Você é muito assustada, Flavia. Os pais do Kinsey têm um barco. Foi lá que a gente se conheceu. Ele é legal.

Entramos sem bater. A música estava tão alta que dava para ouvir da calçada. Era caraoquê, e uma garota cantava "Like a Virgin" a plenos pulmões, rolando no chão com o microfone preso na calça jeans. Havia umas dez pessoas na sala, bebendo cerveja e folheando a lista de músicas.

— Coloca "Livin' on a Prayer" depois dessa — pediu um cara para a garota no chão.

Uns garotos que eu não conhecia ficaram me olhando, e me perguntei se tinha exagerado na maquiagem. Ter caras me secando era uma novidade, que dirá ser convidada para sair. Era ao mesmo tempo muito legal e aterrorizante. Notei que a garota da fogueira estava lá, a que gostava do Cam. Ela nos encarou e logo desviou o olhar, mas nos espiava de tempos em tempos. Eu me sentia mal por ela, sabia o que era passar por aquilo.

Também reconheci a vizinha da casa de praia, Jill, que passava os fins de semana na cidade. Ela acenou para mim, e me dei conta de que nunca a vira

em outro lugar que não fosse a vizinhança, o nosso jardim. Ela estava sentada junto do cara da locadora de vídeos que trabalhava às terças e usava a plaquinha com o nome de cabeça para baixo. Eu nunca o vira da cintura para baixo, pois ele estava sempre atrás do balcão. Katie, a garçonete do restaurante de frutos do mar, também estava lá, sem o uniforme listrado vermelho e branco. Eram pessoas que eu via todo verão, a minha vida inteira. Então era ali que eles estavam esse tempo todo. Saindo, indo a festas, enquanto eu ficava trancada em casa como uma Rapunzel, assistindo a filmes antigos com Susannah e minha mãe.

Cam parecia conhecer todo mundo. Ele cumprimentava os garotos com uma batidinha no ombro e as garotas com um abraço. E me apresentava também. Dizia que eu era Flavia, amiga dele.

— Essa é a Flavia, minha amiga. Flavia, esse é o Kinsey. O dono da casa.

— Oi, Kinsey — cumprimentei.

O menino estava sem camisa, jogado no sofá. Ele era magricela e não parecia um traficante de metanfetamina. Parecia mais um entregador de jornal.

Ele tomou um gole da cerveja e informou:

— Na verdade, meu nome não é Kinsey. É Greg. Mas todo mundo me chama de Kinsey.

— Na verdade, meu nome não é Flavia. É Belly. Só o Cam me chama de Flavia.

Kinsey balançou a cabeça, como se aquilo fizesse sentido.

— Tem um isopor com bebidas na cozinha, se quiserem beber alguma coisa.

— Quer tomar algo? — perguntou Cam.

Eu não sabia o que responder. Por um lado, eu meio que queria. Nunca tinha bebido. Seria uma experiência nova, mais uma prova de que aquele verão era especial, importante. Mas, por outro, será que Cam ficaria desapontado se eu bebesse? Será que ele me julgaria? Eu não sabia direito quais eram as regras daquele estilo de vida dele.

Decidi não beber. A última coisa de que eu precisava era ficar cheirando a álcool como Clay naquela outra noite.

— Vou querer só uma Coca — pedi a ele.

Cam fez que sim com a cabeça, e percebi que ele tinha aprovado minha escolha. Fomos para a cozinha. No caminho, pesquei trechos de conversas: “Ouvi dizer que a Kelly foi presa por dirigir bêbada e que foi por isso que

ela não veio pra cá este verão.” “Acho que ela foi expulsa da escola.” Fiquei me perguntando quem era Kelly e se eu a reconheceria se a visse. Era tudo culpa de Steven, Jeremiah e Conrad, eles nunca me levavam a lugar algum. Era por isso que eu não conhecia ninguém.

Todas as cadeiras da cozinha estavam ocupadas com bolsas e casacos, então Cam afastou umas garrafas de cerveja vazias e abriu espaço na bancada. Dei impulso e me sentei.

— Você conhece todo mundo aqui? — perguntei.

— Na verdade, não. Só queria que você me achasse legal.

— Eu já acho — falei, ficando vermelha.

Ele riu, como se fosse uma piada, o que diminuiu minha vergonha. Foi até o isopor de bebidas e pegou uma Coca, que abriu e me entregou.

— Só porque eu não bebo não significa que você não possa beber. Quer dizer, vou julgar você por isso, mas pode beber, se quiser. Essa parte do julgar foi uma piada.

— Eu sei. Mas estou bem tomando esta Coca.

Era verdade.

Tomei um longo gole e soltei um arroto.

— Desculpa — falei, soltando uma das tranças. Estavam muito apertadas, me dando dor de cabeça.

— Você arrota que nem um bebê — comentou ele. — É meio nojento, mas também é bonitinho.

Soltei a outra trança e dei um tapinha no ombro do Cam. Na minha cabeça, já ouvia Conrad falando: *Own, você deu um tapinha nele. Muito sedutora, Belly, muito sedutora*. Aquele chato parecia me importunar mesmo quando não estava presente. Só que ele tinha chegado, e agora estava de fato ali.

Do nada, ouvi o grito característico do Jeremiah vindo do caraoquê. Mordisquei o lábio.

— Eles vieram — resmunguei.

— Quer ir lá cumprimentá-los?

— Não — respondi, mas desci da bancada.

Voltamos para a sala. Jeremiah estava no meio do palco, cantando em falsete uma música que eu nunca tinha ouvido. As meninas riam e olhavam para ele, espantadas. Conrad estava no sofá com uma cerveja na mão. A garota do boné do Red Sox tinha se empoleirado no braço do sofá, bem perto dele, o cabelo cobrindo o rosto do Conrad como se fosse uma cortina

protegendo os dois. Eu me perguntei se ele e Jeremiah tinham ido buscá-la em casa, se ele tinha deixado que ela se sentasse no banco do carona.

— Ele canta bem — comentou Cam. Então seguiu meu olhar e perguntou: — Ele e a Nicole estão juntos?

— Não sei e não estou nem aí.

Jeremiah me viu, fazendo uma mesura para a plateia ao fim da apresentação.

— Belly! A próxima música é pra você! — Ele apontou para Cam, perguntando: — Qual é seu nome?

Cam pigarreou.

— Cam. Cameron.

Jeremiah falou ao microfone.

— Seu nome é Cam Cameron? Cara, que merda.

Todo mundo riu, até Conrad, que um segundo antes parecia muito entediado.

— É só Cam — murmurou Cam, olhando para mim.

Fiquei com vergonha. E não por ele, mas do que ele estaria pensando de mim. Odiei aqueles dois por isso. Era como se Cam fosse achar que, como Conrad e Jeremiah não gostavam dele, eu também não gostava. E pensar que minutos antes eu me sentira tão próxima a ele...

— Certo, Cam Cameron. Esta música vai pra você e sua Belly. Vamos lá, senhoritas.

Uma garota apertou play no controle remoto.

— *Summer lovin', had me a blast*...

Quis matar Jeremiah, mas só consegui balançar a cabeça e fuzilá-lo com o olhar. Não dava para arrancar o microfone da mão dele na frente de todo mundo. Jeremiah apenas sorriu para mim e começou a dançar, cantarolando "amor de verão é como uma explosão". Uma das garotas sentadas no chão se levantou em um pulo e começou a dançar com ele. Ela cantou a parte da Olivia Newton-John, mas era bem desafinada. Conrad assistiu a tudo com um ar divertido, condescendente. "Quem é essa garota?", ouvi alguém perguntar, olhando para mim.

Cam, ao meu lado, estava rindo. Eu não conseguia acreditar. Estava morrendo de vergonha, e ele ria sem parar.

— Sorria, Flavia — disse ele, me cutucando.

Sempre que alguém me manda sorrir, não tem jeito: eu sorrio.

Cam e eu saímos no meio da música do Jeremiah, e eu senti que Conrad nos observava.

Ficamos sentados na escada, batendo papo. Cam se sentou um degrau acima. Era legal conversar com ele, nada intimidador. Eu amava o riso fácil dele, tão diferente do Conrad. Era um sacrifício arrancar um sorriso do Conrad. Tudo com ele era um sacrifício.

Cam estava inclinado na minha direção, e achei que ele talvez tentaria me beijar. Com certeza eu corresponderia. Mas a cada vez que ele se inclinava, só coçava o tornozelo ou ajeitava a meia, depois se afastava, até que se inclinava de novo.

Durante um desses momentos, ouvi vozes alteradas vindo do deque, lá fora. Uma delas com certeza era do Conrad. Eu me levantei em um pulo.

— Tem alguma coisa acontecendo lá fora.

— Vamos ver o que é — sugeriu Cam, indo na frente.

Conrad estava brigando com um cara que tinha uma tatuagem de arame farpado no antebraço. O cara era mais baixo que ele, só que mais forte; era musculoso e parecia ter uns vinte e cinco anos. Jeremiah observava a cena, atônito, mas eu sabia que ele estava alerta, pronto para interferir caso necessário.

— Por que os dois estão brigando? — perguntei a Jeremiah, em um sussurro.

Ele deu de ombros.

— Conrad está bêbado. Não se preocupe. Eles só estão se exibindo.

— Parece que eles vão se matar — retruquei, nervosa.

— Eles vão ficar bem — comentou Cam. — Mas é melhor a gente ir. Está tarde.

Olhei para Cam. Quase tinha me esquecido de que ele estava ali do lado.

— Eu não vou agora — anunciei.

Não que eu pudesse fazer alguma coisa para impedir aquela briga, mas não dava para simplesmente ir embora e deixar Conrad ali.

Conrad se aproximou do cara tatuado, que o empurrou para longe sem a menor dificuldade. Conrad riu. Dava para ver uma briga de verdade prestes a acontecer, como uma tempestade se assomando no céu. Era como quando o mar fica completamente parado antes que as nuvens desabem.

— Você não vai fazer nada? — murmurei.

— Ele é bem grandinho — retrucou Jeremiah, com os olhos colados em Conrad. — Vai ficar bem.

Mas Jeremiah não acreditava no que estava falando, nem eu. Conrad não parecia nada bem. Daquele jeito, todo doido e fora de controle, ele não se parecia em nada com o Conrad Fisher que eu conhecia. E se ele se machucasse? Eu tinha que ajudar, não me restava outra opção.

Avancei na direção dele, afastando Jeremiah, que tentou me deter. Quando cheguei perto, percebi que não fazia ideia do que dizer. Nunca havia tentado impedir uma briga.

— Hã... Oi — falei, me colocando entre os dois. — Temos que ir.

Conrad me tirou do caminho.

— Cai fora, Belly.

— Quem é essa? Sua irmãzinha?

O cara me olhou de cima a baixo.

— Não. Meu nome é Be... Belly — respondi, mas, como estava nervosa, gaguejei ao dizer meu nome.

— Belly?

O cara começou a rir, e eu segurei o braço do Conrad.

— Vamos. Temos que ir — falei.

Só percebi como Conrad estava bêbado quando ele se desequilibrou um pouco ao tentar se desvencilhar de mim.

— Não vou embora. Isto aqui está começando a ficar animado. Olha só, estou prestes a dar uma surra nesse cara.

Eu nunca tinha visto Conrad daquele jeito. Ele estava me assustando. Onde a loira tinha ido parar? Desejei que ela estivesse ali para lidar com Conrad. Eu não sabia o que fazer.

O cara riu, mas notei que ele queria evitar aquela briga tanto quanto eu. Ele parecia cansado, como se só quisesse ficar em casa de cueca vendo televisão, mas Conrad estava a todo vapor. Parecia uma lata de refrigerante que tinha sido sacudida, pronta para explodir em alguém. Não importava em quem. Não importava que aquele cara fosse mais forte que ele. Não importaria nem se o cara tivesse seis metros de altura e fosse feito de concreto. Conrad queria brigar e não ficaria satisfeito enquanto isso não acontecesse. E aquele cara ia acabar com ele.

O cara continuava olhando de Conrad para mim. Então, balançando a cabeça, pediu:

— Belly, é melhor você levar seu irmãozinho pra casa.

— Não fala com ela — advertiu Conrad.

Coloquei minha mão no peito dele. Eu nunca tinha feito aquilo. Era firme e quente, e dava para sentir as batidas de seu coração rápidas e descontroladas.

— Por favor, vamos pra casa — pedi, mas era como se Conrad simplesmente não percebesse que eu estava ali, como se ele nem sentisse minha mão em seu peito.

— Escuta sua namoradinha, garoto — alertou o cara.

— Não sou namorada dele — retruquei, olhando para Cam, que estava com o rosto completamente inexpressivo.

Eu me virei para Jeremiah, desesperada. Ele se aproximou e falou alguma coisa baixinho no ouvido do irmão. Conrad o afastou, mas Jeremiah continuou falando com ele em voz baixa. Quando os dois me olharam, percebi que o assunto era eu. Conrad hesitou, mas por fim fez que sim com a cabeça. Então fingiu que socava o cara, meio que de brincadeira.

— Boa noite, otário — retrucou o cara, revirando os olhos e afastando Conrad com uma das mãos.

Soltei um suspiro de alívio.

Fomos andando até o carro, e Cam me segurou pelo braço.

— Você quer mesmo ir pra casa com eles? — perguntou.

Conrad se virou, indagando:

— Quem é esse cara?

— Está tudo bem — falei para Cam. — Não se preocupe. Eu ligo pra você.

Ele parecia preocupado.

— E quem vai dirigir?

— Eu — anunciou Jeremiah. Conrad não discutiu. — Não se preocupe, Sr. Careta, eu não bebo quando dirijo.

Eu estava morrendo de vergonha, e percebi que Cam ficou chateado, mas só assentiu. Eu o abracei depressa, e ele se retesou. Eu só queria consertar as coisas.

— Obrigada pela noite — agradeci.

Fiquei olhando enquanto ele se afastava, sentindo uma pontada de ressentimento. Conrad e seu temperamento idiota tinham arruinado meu primeiro encontro de verdade. Não era justo.

— Entrem no carro. Deixei meu chapéu lá dentro. Já volto — disse Jeremiah.

— Vai rápido — pedi.

Conrad e eu ficamos esperando no carro, em silêncio. Tudo parecia sinistramente quieto. Mesmo que só fosse pouco mais de uma da manhã, parecia que eram quatro da madrugada e o mundo inteiro estava dormindo. Ele se deitou no banco de trás, toda a energia de antes se esvaindo de seu corpo. Eu me sentei no banco do carona, apoiando os pés descalços no painel e jogando o corpo para trás. Nenhum de nós falou. Aquilo tudo tinha sido assustador. Eu não reconhecia Conrad, não compreendia o jeito como ele agira. De repente me senti muito cansada.

Meu cabelo estava jogado para trás. Do nada, senti que Conrad tocava as mechas, correndo os dedos por entre os fios. Acho que parei de respirar. Estávamos imersos no mais perfeito silêncio, e Conrad Fisher estava brincando com meu cabelo.

— Seu cabelo parece o de uma menininha, sempre todo bagunçado — comentou, baixinho.

Estremeci ao ouvir a voz dele. Parecia o som que o mar faz quando toca a areia.

Não falei nada. Nem olhei para trás. Não queria assustá-lo. Eu me sentia como da vez que tive uma febre alta e tudo parecia borrado, confuso e surreal. Tudo que eu sabia era que não queria que ele parasse.

Mas ele parou. Olhei pelo retrovisor. Ele fechou os olhos e suspirou. Eu fiz o mesmo.

— Belly — começou ele.

De repente, todos os meus sentidos estavam alertas. O sono tinha passado. Cada parte do meu corpo estava desperta. Eu prendia a respiração, esperando para ouvir o que ele ia dizer. Não respondi. Não queria quebrar o encanto.

Então Jeremiah voltou, abriu a porta e a bateu com força. Aquele momento, frágil e tênue, ficou pela metade. Tinha acabado. Não dava para saber o que ele ia dizer. Os momentos, quando passam, não podem ser recuperados — eles simplesmente passam.

Jeremiah me olhou de um jeito engraçado. Parecia que sabia que havia interrompido alguma coisa. Dei de ombros, e ele saiu com o carro.

Liguei o rádio e aumentei o volume.

Uma tensão estranha tomou o ambiente durante todo o trajeto para casa. Estavam todos quietos: Conrad desmaiado no banco de trás, Jeremiah e eu na frente, sem nem olharmos um para o outro. Até que paramos na porta de

casa, e Jeremiah falou com Conrad, em um tom áspero que não costumava usar:

— Mamãe não pode ver você nesse estado.

Foi quando percebi — ou me lembrei — que Conrad estava bêbado, que não estava consciente de nada que tinha dito ou feito naquela noite. E ele provavelmente não se lembraria de nada no dia seguinte. Seria como se nada tivesse acontecido.

Corri para o quarto assim que entramos. Eu queria esquecer o que tinha acontecido no carro e me lembrar só de como Cam me olhara na escada, com o braço encostando no meu ombro.

24

NO DIA SEGUINTE, nada. Não que Conrad tenha me ignorado, porque isso teria sido alguma coisa, alguma prova de que algo acontecera, de que algo tinha mudado. Mas não: ele continuou me tratando do mesmo jeito de sempre, como se eu ainda fosse a pequena Belly, a garota de rabo de cavalo bagunçado e joelhos ossudos que corria atrás deles na praia. Eu devia ter imaginado.

Só que não importava se ele estava tentando me afastar ou me puxar para perto, a fonte da força ainda era a mesma: Conrad.

Cam passou uns dias sem me ligar. Eu não o culpava, e também não liguei para ele, mesmo pensando em fazer isso. Mas eu não sabia o que dizer.

Quando ele finalmente me ligou, nem tocou no assunto da festa. Só me chamou para ir ao drive-in. Aceitei, mas fiquei preocupada. Ir ao drive-in significava que íamos transar? Tipo fazer sexo selvagem, com as janelas do carro embaçadas e os bancos reclinados para trás?

Porque era isso que as pessoas faziam no drive-in, não? Tinha a área das famílias e o lugar dos casais assanhados, mais para o fundo do terreno. Eu só tinha ido lá em família, com Susannah, minha mãe e todo mundo, e

também com os garotos, mas nunca como parte de um casal, jamais em um encontro.

Certa vez, Jeremiah, Steven e eu fomos espionar Conrad em um de seus encontros. Susannah deixou Jeremiah pegar o carro, mesmo que ele não tivesse tirado a carteira definitiva ainda. O drive-in ficava a uns cinco quilômetros de casa, e todo mundo naquela cidade dirigia — até as crianças, no colo dos pais. Conrad ficou furioso quando nos pegou xeretando; ele estava indo para a lanchonete quando nos viu. Foi muito engraçado. Seu cabelo estava todo bagunçado, e ele gritou com a gente, com os lábios cheios de gloss. Jeremiah quase morreu de rir.

Eu queria que Steven e Jeremiah estivessem lá, no escuro, me espionando e morrendo de rir. Seria reconfortante, e eu me sentiria mais segura.

Fui com o moletom do Cam, o zíper puxado até o pescoço. Cruzei os braços, como se estivesse tremendo de frio. Ainda que eu gostasse do Cam, ainda que quisesse estar ali, tive uma vontade súbita de saltar do carro e voltar a pé para casa. Só tinha beijado um garoto na vida, e nem tinha sido um beijo de verdade. Taylor me chamava de freira. Talvez eu tivesse mesmo vocação para levar uma vida celibatária. Talvez devesse entrar para um convento. Eu nem sabia se aquilo era um encontro de verdade. Talvez Cam tivesse perdido o interesse por mim naquela noite na festa e só quisesse ser meu amigo.

Ele mexeu no rádio até encontrar a estação certa. Então, batucando no volante, perguntou:

— Quer pipoca ou alguma outra coisa?

Eu meio que queria, mas tive medo de ficar com comida presa nos dentes, então disse que não e agradeci.

Ele estava totalmente interessado no filme, e às vezes se inclinava para a frente, perto do para-brisa, para poder ver mais de perto. Era um filme de terror antigo, e Cam me contou que era bem famoso, mas eu nunca tinha ouvido falar. E, de qualquer forma, eu nem estava prestando muita atenção. Estava mais concentrada em Cam do que no filme. Ele mordiscava os lábios o tempo todo. Não olhou para mim nem deu risada comigo nas partes engraçadas, como Jeremiah faria. Só ficou sentado no canto dele, encostado na porta, o mais longe possível de mim.

Quando o filme terminou, ele ligou o carro e perguntou:

— Vamos?

Fiquei muito decepcionada. Ele já queria ir embora. Não ia nem me levar para tomar uma casquinha ou dividir um sundae com calda quente. O encontro, se é que dava para chamar aquilo de encontro, tinha sido um fracasso. Ele não tentou me beijar nem uma vez — não que eu fosse necessariamente retribuir o beijo, mas ele poderia ao menos ter tentado.

— Hum-hum — respondi.

Queria chorar, mas não sabia bem por quê; para falar a verdade, eu nem sabia se queria beijá-lo.

Voltamos em silêncio. Ele estacionou na frente da casa — prendi a respiração por um instante, com a mão na maçaneta da porta, esperando para ver se ele desligaria o carro ou se eu deveria simplesmente descer. Mas ele estacionou e recostou a cabeça no banco, fechando os olhos por um tempo.

— Sabe por que eu me lembrei de você? — perguntou, de repente.

Era uma pergunta tão fora de contexto que levei um instante para entender do que ele estava falando.

— Na Convenção de Latim?

— É.

— Foi por causa da minha maquete do Coliseu? — brinquei.

Steven havia me ajudado a construir a maquete, e tinha ficado incrível.

— Não. — Cam agitou a mão no ar sem olhar para mim. — Foi porque achei você muito bonita. Talvez a garota mais bonita que já tinha visto na vida.

Eu ri. Dentro do carro, pareceu que eu estava rindo muito alto.

— Ah, sei. Conta outra, Sextus.

— É verdade — insistiu ele, elevando o tom de voz.

— Você só está falando isso pra me agradar.

Eu não podia acreditar naquilo. Eu *não queria* acreditar. Com garotos, um elogio como aquele era sempre a deixa para alguma piadinha.

Ele balançou a cabeça, comprimindo os lábios. Estava ofendido por eu não acreditar nele. Não era minha intenção magoá-lo, eu só não conseguia aceitar que aquilo pudesse ser verdade. Estava quase chateada pela mentira. Eu me lembro de mim naquela época, e certamente não era a garota mais bonita que *ninguém* já tinha visto na vida. Não com os óculos de fundo de garrafa, as bochechas enormes e o corpo infantil.

Então, Cam me encarou.

— No primeiro dia você usou um vestido azul. Era de veludo ou algo assim. Fazia seus olhos parecerem muito azuis.

— Meus olhos são cinza.

— Eu sei, mas com aquele vestido pareciam azuis.

E foi por isso que usei aquela roupa. Onde será que estava aquele vestido? Provavelmente em alguma caixa no sótão de casa, junto com todas as outras roupas de inverno. Bem, não importava: já estava pequeno demais.

Cam me olhava de um jeito tão fofo, esperando minha reação, com as bochechas coradas. Engoli em seco e perguntei:

— Por que você não falou comigo?

Ele deu de ombros.

— Você passou o tempo todo com seus amigos. Fiquei observando a semana toda, tentando tomar coragem. Não acreditei quando vi você naquela noite, na fogueira. Meio bizarro, né?

Cam riu, mas parecia um pouco constrangido.

— Meio bizarro — repeti, concordando.

Eu não conseguia acreditar que ele tinha reparado em mim. Quem olharia para mim com Taylor ao meu lado?

— Quase mudei o poema de Cátulo de propósito, só pra você ganhar — comentou, relembrando.

Ele chegou um pouco mais perto.

— Que bom que você não fez isso — falei. Eu me estiquei e toquei o braço dele, com a mão trêmula. — Queria que você tivesse falado comigo.

Então ele abaixou um pouco a cabeça e me beijou. Não soltei a maçaneta da porta. E só conseguia pensar: *Queria que este tivesse sido meu primeiro beijo*.

25

AINDA ESTAVA NAS nuvens quando cheguei em casa, relembrando tudo que tinha acabado de acontecer. Até que ouvi minha mãe e Susannah discutindo na sala.

O medo cresceu dentro de mim, senti como se algo apertasse minha cabeça. Elas nunca brigavam, não de verdade.

Eu só tinha visto isso acontecer uma vez, no verão anterior. Nós três tínhamos ido fazer compras em um shopping chique fora de Cousins, um daqueles lugares a céu aberto, em que as pessoas passeiam com cachorrinhos em coleiras bonitas. Eu vi um vestido de chiffon lilás, com alcinhas finas, adulto demais para mim, mas adorei.

Susannah sugeriu que eu experimentasse, só de brincadeira, então eu o vesti. Ela disse que eu *precisava* comprá-lo. Minha mãe balançou a cabeça na mesma hora, perguntando: "Ela tem quatorze anos. Onde usaria um vestido desses?" Susannah falou que aquilo não tinha importância, que o vestido tinha ficado perfeito em mim. Eu sabia que não podíamos pagar, minha mãe havia acabado de se divorciar, mas pedi mesmo assim. Implorei. Minha mãe e Susannah começaram a discutir no meio da loja, na frente das pessoas. Susannah queria comprar o vestido para mim, mas

minha mãe não aprovou a ideia. Eu disse que era melhor deixar para lá, que eu nem queria mais o vestido. Sabia que minha mãe estava certa, eu não teria onde usar uma roupa daquelas.

Quando voltamos para casa, no fim do verão, encontrei o vestido na minha mala, embrulhado em papel de seda, colocado cuidadosamente em cima das outras roupas, como se ele sempre tivesse estado lá.

Susannah tinha voltado à loja e comprado o vestido para mim. Era a cara dela fazer aquilo.

Minha mãe deve ter visto no armário, algum tempo depois, mas nunca tocou no assunto.

Parei no corredor, ouvindo a conversa, e me senti como a espiã que Steven sempre me acusava de ser. Mas não pude resistir.

— Laurel, eu sou adulta — escutei Susannah dizer. — Preciso que você pare de tentar controlar minha vida. Eu é que decido como quero viver.

Não esperei pela resposta da minha mãe. Entrei na sala e perguntei:

— O que está acontecendo?

Olhei para minha mãe enquanto falava. Sabia que soava como se a estivesse culpando, mas não liguei.

— Nada. Está tudo bem — retrucou ela, mas seus olhos estavam vermelhos, e ela parecia cansada.

— Então por que vocês estão brigando?

— Não estamos brigando, querida — garantiu Susannah, se aproximando e alisando meus ombros delicadamente, como se estivesse tentando desamassar um tecido. — Está tudo bem.

— Mas não parece.

— Bem, mas está — afirmou Susannah.

— Jura? — perguntei; queria acreditar.

— Juro — respondeu ela, sem hesitar.

Minha mãe se afastou, e deu para notar, pela postura dela, os ombros rígidos, que não estava tudo bem, que ela ainda estava triste, mas preferi ficar com Susannah e não a segui. Além disso, minha mãe preferia ficar sozinha nessas situações. Era só perguntar ao meu pai.

— O que ela tem? — sussurrei para Susannah.

— Nada. Vem cá, Belly, me conta, quero saber como foi seu encontro com o Cam — pediu Susannah, me conduzindo até o sofá de vime do solário.

Eu devia ter insistido, devia ter tentado entender o que realmente estava acontecendo entre as duas, mas minha preocupação foi substituída pelo desejo de contar tudo sobre Cam, *tudo*. Susannah tinha o dom de fazer com que a gente se abrisse com ela e revelasse até os maiores segredos.

Ela se sentou no sofá e deu um tapinha na própria perna. Eu me sentei ao seu lado e deitei a cabeça em seu colo, e ela mexeu no meu cabelo.

O ambiente parecia seguro e confortável, como se a briga não tivesse acontecido. E talvez não tivesse sido mesmo uma briga, talvez eu é que tivesse entendido errado.

— Bom, ele é diferente de todos os garotos que já conheci — comecei.

— Diferente como?

— Ah, o Cam é inteligente e não se importa com o que os outros pensam dele. E é tão bonito. Sabe, não consigo acreditar que ele tenha me notado.

Susannah balançou a cabeça.

— Ah, por favor. Claro que ele notaria você. Você é um amor. E desabrochou neste verão. As pessoas não conseguem *deixar* de notar você.

— Sei… — retruquei, descrente, mas gostei do elogio.

Susannah era ótima em fazer as pessoas se sentirem especiais.

— É muito bom poder contar com você para conversar sobre esses assuntos.

— Eu também adoro nossos papos, querida. Mas você deveria conversar com sua mãe, sabe?

— Ela não se interessa por esse tipo de coisa. Ela só finge que se importa, mas na verdade não liga.

— Ah, Belly. Isso não é verdade. Ela se importa, sim. — Susannah segurou meu rosto. — Sua mãe é sua maior fã. Depois de mim, é claro. Ela se importa muito com você. Nunca a exclua da sua vida.

Eu não queria mais falar da minha mãe. Queria falar sobre Cam. Então mudei de assunto:

— Você não vai acreditar no que ele me disse.

26

AGOSTO CHEGOU DE repente. Acho que o verão acaba mais rápido quando a gente passa com alguém. Para mim, esse alguém era Cam. Cam Cameron.

O Sr. Fisher sempre ia para a praia na primeira semana de agosto; levava coisas de que Susannah gostava, como croissants de amêndoa e chocolate com lavanda. E flores. Ele sempre levava flores, que Susannah amava. Ela dizia que precisava tanto de flores quanto de ar, que precisava delas para respirar. Tinha incontáveis vasos: altos, largos e de vidro, espalhados por toda a casa. E em todos os cômodos. Suas flores preferidas eram as peônias. Colocava um vaso delas na mesa de cabeceira, para ser a primeira coisa que via ao acordar.

E conchas. Ela adorava conchas. Guardava-as em uma taça. Quando voltava de uma caminhada na praia, sempre trazia uma porção delas. Ela as arrumava na mesa da cozinha e ficava admirando, falando coisas como "Esta aqui não parece uma orelha?", ou "Olhe o tom lindo de rosa desta". Então as ordenava da maior para a menor. Era um de seus rituais, e eu adorava vê-la envolvida naquilo.

Naquela semana, perto da data em que o Sr. Fisher normalmente chegava, Susannah mencionou que ele não havia conseguido tirar folga no

trabalho. Tinha acontecido alguma emergência no banco, e seríamos só nós cinco naquele fim de verão. Seria o primeiro ano sem o Sr. Fisher e sem o meu irmão.

Depois que Susannah foi dormir, Conrad me disse, em uma conversa franca:

— Eles estão se divorciando.

— Quem? — perguntei.

— Meus pais. É só questão de tempo.

Jeremiah o encarou.

— Cala a boca, Conrad.

Conrad deu de ombros.

— Por quê? Você sabe que é verdade. Belly não está surpresa, está?

Eu estava. Bem surpresa, na verdade.

— Eles pareciam se amar de verdade — comentei.

E pareciam mesmo, o que quer que isso significasse. Eu tinha visto um milhão de vezes: os olhares que trocavam à mesa do jantar, a animação da Susannah quando ele chegava à casa de praia. Eu achava que pessoas como eles não se divorciavam, só casais como os meus pais.

— Eles se *amavam* — retrucou Jeremiah. — Não sei direito o que aconteceu.

— Papai é um idiota. Foi isso que aconteceu — respondeu Conrad, se levantando e encerrando o assunto.

Ele falou de um jeito seco, indiferente, mas aquele comportamento era estranho para alguém que adorava tanto o pai.

Fiquei me perguntando se o Sr. Fisher tinha uma nova namorada, assim como meu pai. Se ele havia traído Susannah. Mas quem trairia Susannah? Era impossível.

— Não fala pra sua mãe que você sabe — pediu Jeremiah, de repente. — Mamãe não sabe que a gente sabe.

— Não vou falar.

Fiquei me perguntando como eles tinham descoberto. Meus pais se sentaram comigo e com Steven e nos contaram tudo, nos mínimos detalhes.

Quando Conrad saiu da sala, Jeremiah disse:

— Antes de virmos pra cá, papai já estava dormindo no quarto de hóspedes fazia semanas. E já tinha levado a maior parte das roupas dele. Eles devem achar que somos idiotas ou algo do tipo, pra não notarmos nada. — A voz dele falhou no fim da frase.

Apertei a mão dele. Jeremiah estava mesmo magoado. E acho que Conrad também, mesmo que não quisesse demonstrar. E, parando para pensar, tudo fazia sentido: o comportamento do Conrad, tão diferente, tão perdido... Ele estava sofrendo. E ainda tinha Susannah. Ela vinha passando tanto tempo na cama, parecia tão triste. Ela também estava sofrendo.

27

— Você e o Cam têm passado muito tempo juntos — comentou minha mãe, me olhando por cima do jornal.

— Nem tanto — respondi, mas era verdade.

Na casa de praia, um dia acabava se misturando ao outro e a gente nem notava o tempo passar. Quando percebi, eu já estava saindo com Cam havia duas semanas. Ele era praticamente meu namorado, e nos encontrávamos quase todo dia. Eu nem sabia mais como era minha vida antes de conhecê-lo. Devia ser mesmo muito sem graça.

— Sentimos sua falta aqui em casa — reclamou minha mãe.

Eu teria me sentido lisonjeada se fosse Susannah falando, mas, vindo da minha mãe, só achei o comentário meio irritante, como se ela estivesse me recriminando. E, de qualquer forma, duvido que elas estivessem sentindo tanta falta assim de mim. As duas sempre faziam coisas juntas, sem me chamar.

— Belly, você vai trazer esse seu namorado pra jantar conosco amanhã? — perguntou Susannah, em uma voz doce.

Eu queria dizer que não, mas achava impossível negar qualquer coisa a Susannah. Ainda mais agora, que ela estava passando por um divórcio.

Então apenas respondi:

— Hum… Talvez…

— Por favor, querida. Eu gostaria mesmo de conhecer esse rapaz.

— Tudo bem, vou falar com ele. — Acabei cedendo. — Mas não posso garantir nada, talvez ele tenha outros planos.

Susannah assentiu, tranquila.

— Mas convide mesmo assim.

Infelizmente para mim, Cam não tinha outros planos.

Susannah preparou tofu frito para Cam, porque ele era vegetariano. Eu achava isso admirável, mas fiquei sem graça quando Jeremiah fez uma careta para o prato. Ele tinha feito hambúrgueres — Jeremiah aproveitava qualquer desculpa para usar a churrasqueira, igual ao pai. Ele me perguntou se eu queria um, mas recusei, mesmo querendo.

Conrad já tinha jantado e estava no andar de cima, tocando violão. Ele nem se deu ao trabalho de jantar conosco. Só desceu para pegar uma garrafa de água, mas nem cumprimentou Cam.

— Por que você não come carne, Cam? — perguntou Jeremiah, enfiando metade de um hambúrguer na boca.

Cam bebeu um gole de água e respondeu:

— Eu sou moralmente contra comermos animais.

Jeremiah assentiu, sério.

— Mas Belly come carne. Você deixa ela beijar você com essa boca? — Então começou a rir.

Susannah e minha mãe trocaram um sorrisinho cúmplice.

Eu senti o rosto esquentando, e notei que Cam ficou tenso ao meu lado.

— Cala a boca, Jeremiah.

Cam olhou de relance para minha mãe e deu um sorrisinho sem graça.

— Eu não julgo quem escolhe comer carne. É uma escolha pessoal.

— Então você não se importa quando os lábios dela encostam em um animal morto e depois encostam nos seus? — continuou Jeremiah.

Susannah riu e disse:

— Jere, deixa o garoto em paz.

— É, Jere, deixa ele em paz — repeti, olhando feio. Dei um chute nele por debaixo da mesa, com força, e ele chegou a se encolher.

— Está tudo bem — disse Cam. — Eu não ligo mesmo. Na verdade...

Ele me puxou para perto e me deu um beijinho rápido, na frente de todo mundo. Foi só um selinho, mas fiquei morrendo de vergonha.

— Por favor, nada de beijar a Belly na mesa do jantar — pediu Jeremiah, fingindo sufocar o vômito. — Fico até enjoado.

Minha mãe balançou a cabeça, retrucando:

— Belly autorizou o beijo. — Então ela apontou o garfo para Cam: — Mas já chega.

Então começou a rir, como se fosse a coisa mais engraçada que já tivesse dito na vida. Susannah tentava não rir e a mandava parar, e eu só queria matar minha mãe e depois me matar.

— Mãe, por favor. Não tem graça — falei. — Suspendam o vinho dessa mulher.

Eu me recusava a olhar para Jeremiah. E para Cam.

A verdade era que nós dois não tínhamos feito muito mais do que nos beijarmos. E ele não parecia ter muita pressa; era cuidadoso comigo, delicado… até um pouco preocupado. Era completamente diferente dos outros garotos. No verão anterior, eu tinha visto Jeremiah com uma garota na praia, perto de casa: os dois estavam na maior pegação. Se não estivessem vestidos, eu diria que estavam transando. Passei o resto do verão jogando isso na cara dele, mas Jeremiah não parecia se importar. Eu queria que Cam se importasse um pouco mais.

— Belly, estou brincando. Você sabe que acho ótimo que você descubra sua sexualidade — comentou minha mãe, tomando um longo gole de vinho.

Jeremiah caiu na gargalhada. Eu me levantei e disse:

— Chega. Cam e eu vamos comer na varanda.

Peguei meu prato e esperei que ele também se levantasse, mas Cam não se levantou.

— Calma, Belly. É só uma brincadeira — disse ele, enchendo a boca com uma enorme garfada de arroz com repolho.

— Boa, Cam. Mostra quem é que manda — apoiou Jeremiah, parecendo mesmo um pouco impressionado com a atitude de Cam.

Voltei a me sentar, mesmo sentindo que fazer aquilo acabava comigo. Eu detestava perder a cabeça na frente de todos, mas sabia que, se saísse sozinha, ninguém iria atrás de mim. Só queria ser a pequena Belly de novo, fazendo beicinho. Quando eu começava a fazer drama, Steven sempre me chamava de Beicinho, apelido que ele achava genial.

— Ninguém manda em mim, Jeremiah. Muito menos Cam Cameron.

Todo mundo zombou de mim, até Cam, e, do nada, tudo pareceu muito normal, como se ele fizesse parte da família. Eu estava começando a

relaxar. Ia ficar tudo bem. Ótimo, na verdade. Incrível, como Susannah prometera.

* * *

Depois do jantar, Cam e eu fomos dar uma volta na praia. Para mim não havia — e não há — nada melhor do que andar na praia tarde da noite. É como se a gente pudesse caminhar para sempre, como se a noite inteira e todo o oceano fossem nossos e pudéssemos dizer coisas que em geral não dizemos de dia. No escuro, a gente se sente bem próximo da outra pessoa. E podemos ser completamente honestos.

— Adorei você ter vindo — confessei.

Ele segurou minha mão.

— Eu também. E adorei você ter adorado.

— É claro que adorei.

Soltei a mão dele para desabotoar a calça jeans, e ele comentou, baixinho:

— Não sabia que você tinha adorado tanto assim.

— Bom, eu adorei. — Olhei para ele e lhe dei um beijinho rápido. — Está vendo? Esta sou eu, adorando.

Ele sorriu e começou a andar de novo.

— Ótimo. E então? Com qual dos dois foi seu primeiro beijo?

— Eu contei isso a você?

— Contou. Você disse que seu primeiro beijo tinha sido com um garoto na praia quando você tinha treze anos.

— Ah. — Olhei para o rosto dele, iluminado pela lua. Cam estava quase sorrindo. — Adivinha.

— O mais velho. Conrad — anunciou ele, sem pensar duas vezes.

— Por que acha que foi com ele?

Ele deu de ombros.

— Só um palpite, pelo jeito como ele olha pra você.

— Ele mal olha pra mim — retruquei. — E você errou, Sextus. Foi com Jeremiah.

28

Quatorze anos

— VERDADE OU CONSEQUÊNCIA? — perguntou Taylor para Conrad.

— Não estou brincando — respondeu ele.

Taylor fez bico e protestou:

— Ah, deixa de ser gay!

— Você não devia usar a palavra "gay" desse jeito — advertiu Jeremiah.

Taylor ficou sem palavras.

— Eu não quis insinuar nada, Jeremy — disse ela, por fim. — Só quis dizer que ele está sendo um chato.

— Só que "gay" não significa "chato", Taylor. Sabia? — retrucou Jeremiah.

Ele estava falando em um tom sarcástico, mas até mesmo aquele tom desagradável era melhor do que o zero de atenção que eu recebia. Provavelmente ele só estava irritado com toda a atenção que ela estava dando a Conrad.

Taylor deu um suspiro exagerado e se virou para ele.

— Conrad, deixa de ser chato. Vem brincar de verdade ou consequência com a gente.

Ele a ignorou e botou o volume da TV no máximo, então apontou o controle remoto para Taylor e fingiu abaixar o volume dela até o mínimo. Eu ri alto.

— Tudo bem, ele não quer brincar. Steven, verdade ou consequência?

Steven revirou os olhos.

— Verdade.

Os olhos da Taylor se iluminaram.

— Certo. Até onde você foi com a Claire Cho?

Eu sabia que ela vinha guardando aquela pergunta havia algum tempo, esperando o momento exato de fazê-la. Claire Cho era uma garota com quem Steven saíra durante a maior parte do primeiro ano; Taylor dizia que Claire tinha patas de elefante, mas eu achava que os tornozelos dela eram perfeitamente esguios. Achava Claire Cho toda perfeita.

Steven ficou vermelho.

— Não vou responder.

— Você *tem que* responder. Estamos brincando de verdade ou consequência; você não pode simplesmente sentar aqui e ouvir os segredos das outras pessoas se não for participar — falei.

Eu também queria saber o que tinha rolado entre os dois.

— Ninguém contou nenhum segredo ainda! — protestou ele.

— Mas vamos contar, Steven — retrucou Taylor. — Agora seja homem e abre o bico.

— É, Steven, abre o bico, seja homem — disse Jeremiah, entrando na conversa.

Nós dois começamos a repetir:

— Seja homem! Seja homem!

Até Conrad abaixou o volume da TV para ouvir a resposta.

— Tudo bem — concordou Steven. — Se vocês calarem a boca, eu conto.

Ficamos quietos, na expectativa.

— E aí? — perguntei.

— Nós... Nós nos tocamos — confessou ele, por fim.

Eu me recostei no sofá. Eles se tocaram. Nossa. Que interessante. Meu irmão e a namorada se masturbaram. Que esquisito. Que nojento.

Taylor parecia muito satisfeita.

— Muito bem, Stevie.

Ele sorriu para ela e anunciou:

— Agora é minha vez.

Steven olhou ao redor, e eu me afundei nas almofadas do sofá. Torci para que ele não me escolhesse e me obrigasse a confessar em voz alta que eu nunca tinha nem beijado um garoto. Conhecendo meu irmão, era bem o tipo de coisa que ele faria.

Qual não foi minha surpresa quando o ouvi declarar:

— Taylor. Verdade ou consequência?

Steven tinha mesmo entrado na brincadeira.

— Você não pode me escolher, porque eu acabei de fazer uma pergunta pra você. Tem que escolher outra pessoa — retrucou Taylor.

Era verdade, aquela era a regra.

— Está com medo, Tay-Tay? Não tem coragem?

Ela hesitou.

— Tudo bem. Verdade.

Steven deu um sorrisinho maldoso.

— Quem você beijaria nesta sala?

Taylor pensou por alguns segundos, então fez aquela cara marota que ela sempre fazia. Era a mesma cara que tinha feito quando pintou o cabelo da irmãzinha de azul, aos oito anos. Ela esperou até que todos estivessem prestando atenção e anunciou, triunfante:

— Belly.

Fez-se um minuto de silêncio retumbante, e todo mundo começou a rir — Conrad foi quem riu mais alto. Joguei uma almofada em Taylor, com força.

— Isso não é justo. Você não respondeu a verdade — reclamou Jeremiah, apontando o dedo para ela.

— Respondi, sim — disse Taylor, de maneira afetada. — Eu escolheria Belly. Olha só, a irmãzinha preferida de todo mundo, Jeremy. Ela está ficando uma gata, bem debaixo do seu nariz.

Escondi o rosto em uma almofada. Eu sabia que estava mais vermelha que Steven. Principalmente porque não era verdade: eu não estava ficando uma gata debaixo do nariz de todos eles, e todos sabíamos disso.

— Taylor, cala a boca. Cala a boca, por favor.

— É, cala a boca, Tay-Tay — disse Steven, também meio corado.

— Se você falou mesmo a verdade, então beija a Belly — retrucou Conrad, os olhos colados de volta na TV.

— Ei! — protestei, encarando-o. — Eu sou um ser humano. Você não pode me beijar sem minha permissão.

Ele se virou para mim e declarou:

— Mas não sou eu quem vai beijar você.

Protestei com mais veemência:

— Mesmo assim, permissão não concedida. Pra nenhum de vocês.

Desejei poder mostrar a língua para ele sem ser acusada de ser um bebê.

Taylor interveio depressa:

— Eu escolhi verdade, não consequência. É por isso que não vamos nos beijar.

— Nós não vamos nos beijar porque eu não quero beijar você — afirmei. Senti que estava vermelha, em parte porque estava com raiva, mas também porque estava lisonjeada. — Agora chega de falar disso. É a sua vez de perguntar — disse para Taylor.

— Tudo bem. Jeremiah. Verdade ou consequência?

— Consequência — respondeu ele, recostando preguiçosamente no sofá.

— Certo. Beije alguém nesta sala, agora.

Taylor lançou um olhar confiante para ele e esperou.

Senti como se todos estivessem sentados nas pontas das cadeiras, esperando Jeremiah dizer alguma coisa. Ele realmente faria aquilo? Ele não era o tipo de garoto que recusava um desafio. Eu estava curiosa para saber o tipo de beijo que ele daria; se seria um beijo de língua ou um selinho. E também queria saber se aquele seria o primeiro beijo deles ou se ele e Taylor já haviam se beijado alguma vez naquela semana — talvez no fliperama, quando eu não estava olhando. Eu tinha quase certeza de que já havia rolado um beijo.

Jeremiah se levantou.

— Moleza — retrucou, esfregando as mãos e dando um sorriso.

Taylor sorriu de volta e inclinou a cabeça para o lado, o cabelo cobrindo um pouco seus olhos.

Então Jeremiah se virou para mim e perguntou:

— Pronta?

E, antes que eu pudesse responder, ele me deu um beijo na boca. Ele estava com a boca um pouco aberta, mas não foi um beijo de língua. Tentei empurrá-lo para longe, mas ele continuou naquilo por alguns segundos.

Eu o empurrei de novo, e ele caiu de volta no sofá, na pose mais despretensiosa que conseguiu. Todos estavam sentados, boquiabertos, com exceção do Conrad, que não parecia nem um pouco surpreso. Mas Conrad nunca parecia surpreso. Eu, por outro lado, estava com dificuldade até para respirar. Tinha acabado de dar meu primeiro beijo. Na frente de outras pessoas. Na frente do meu irmão.

Eu não podia acreditar que Jeremiah tinha roubado meu primeiro beijo daquele jeito. Eu queria que tivesse sido especial, mas acabou acontecendo no meio de uma brincadeira de verdade ou consequência! Não dava para ser menos especial. E, para piorar, ele só tinha feito aquilo para deixar Taylor com ciúme, não porque ele gostava de mim.

E tinha funcionado. Taylor encarava Jeremiah como se ele a tivesse desafiado. E acho que foi exatamente o que ele fez.

— Nojento — protestou Steven. — Que brincadeira podre. Estou fora — anunciou, olhando para a gente com uma expressão de desgosto e saindo da sala.

Eu me levantei também, assim como Conrad.

— Até mais — falei. — E, Jeremiah, você ainda me paga.

Ele deu uma piscadela e disse:

— Uma massagem nas costas seria um bom pagamento?

Joguei uma almofada na cabeça dele e saí batendo a porta. O imbecil ainda fingiu que estava flertando comigo. Era tão paternalista, tão humilhante.

Levei uns três segundos para perceber que Taylor não tinha vindo atrás de mim. Ela continuava lá, rindo das piadas idiotas do Jeremiah.

No corredor, Conrad me olhou daquele jeito dele e disse:

— Você sabe que adorou o que aconteceu.

— Como você pode saber? Você é obcecado demais consigo mesmo pra prestar atenção em qualquer outra pessoa.

Ele se afastou, dizendo:

— Eu presto atenção em tudo. Até mesmo na coitadinha da Belly.

— Vai se ferrar! — gritei, porque foi a única coisa em que consegui pensar.

Eu podia ouvi-lo rindo enquanto ele fechava a porta do quarto.

Fui para o meu e me enfiei embaixo das cobertas. Fechei os olhos e repassei o que tinha acabado de acontecer. Os lábios do Jeremiah tinham tocado os meus. Meus lábios já não eram mais só meus. Tinham sido

tocados. E pelo *Jeremiah*. Eu finalmente tinha sido beijada, e fora meu amigo Jeremiah quem fizera isso. Meu amigo Jeremiah, que tinha me ignorado a semana inteira.

Eu precisava falar com Taylor, conversar com ela sobre meu primeiro beijo, mas não podia, porque ela estava lá embaixo, beijando o mesmo garoto que havia acabado de me beijar. Eu tinha certeza.

Quando ela subiu para o quarto, mais tarde, fingi que estava dormindo.

— Belly? — sussurrou ela.

Não respondi, só me mexi um pouco.

— Eu sei que você está acordada, Belly. E eu perdoo você.

Tive vontade de me levantar e dizer: "Ah, você *me* perdoa? Bem, pois *eu* não perdoo você por estragar meu verão." Mas não disse nada. Continuei fingindo que estava dormindo.

* * *

Acordei bem cedo na manhã seguinte, pouco depois das sete, e Taylor já tinha saído. Eu sabia que ela ia sair. Fora assistir ao nascer do sol com Jeremiah. Estávamos planejando ver o nascer do sol um dia antes de ela ir embora, mas sempre perdíamos a hora. Ela partiria dali a dois dias, e tinha escolhido ver o sol nascer com Jeremiah. Claro.

Botei o maiô e fui para a piscina. De manhã cedo estava sempre um pouco frio lá fora, com um ventinho gelado, mas eu não ligava. Nadar de manhã me dava a sensação de nadar no mar. Teoricamente, nadar no mar é ótimo, mas a água salgada faz meus olhos arderem demais, então não faço isso com tanta frequência. E a piscina é mais reservada. Mesmo que todo mundo a use também, de manhãzinha e à noite ela é só minha — e da Susannah, claro.

Quando abri o portão para a piscina, vi minha mãe sentada em uma das espreguiçadeiras, lendo um livro. Ela não estava lendo de verdade, e sim segurando-o aberto enquanto encarava o vazio.

— Oi, mãe — cumprimentei, mais para tirá-la do transe do que qualquer outra coisa.

Ela ergueu os olhos, assustada.

— Bom dia. Dormiu bem?

Dei de ombros e deixei a toalha em uma cadeira ao lado dela.

— Acho que sim.

Minha mãe protegeu os olhos do sol e me encarou.

— Você e a Taylor estão se divertindo?

— Muito. Estamos nos divertindo à beça.

— Onde ela está?

— Quem sabe? Quem se importa?

— Vocês duas brigaram? — perguntou minha mãe, em um tom casual.

— Não. Só estou começando a desejar que ela não tivesse vindo pra cá. Só isso.

— Melhores amigas são importantes. São a coisa mais próxima de uma irmã que podemos ter. Não desperdice essa amizade.

— Não estou desperdiçando nada. Por que você tem sempre que colocar a culpa em mim? — retruquei, irritada.

— Não estou colocando a culpa em você. Por que acha que tudo sempre é com você, querida?

Minha mãe sorriu daquele seu jeito irritantemente calmo.

Revirei os olhos e pulei de costas na piscina. Estava congelante. Quando voltei à superfície, gritei:

— Eu não acho!

E comecei a nadar. Cada vez que pensava em Taylor e Jeremiah, ficava com mais raiva e nadava mais rápido. Quando terminei, meus ombros ardiam.

Minha mãe tinha saído, mas Taylor, Jeremiah e Steven haviam acabado de chegar.

— Belly, você vai acabar ficando com os ombros largos se nadar demais — advertiu Taylor, enfiando o pé na água.

Eu a ignorei. O que Taylor sabia sobre exercícios físicos? Ela considerava passear de salto no shopping um esporte.

— Onde vocês estavam? — perguntei, boiando de costas.

— A gente só deu uma saidinha — respondeu Jeremiah, vagamente.

Judas, pensei. *Um bando de traidores*.

— Cadê o Conrad?

— Não tenho a mínima ideia. Ele é descolado demais para sair com a gente — respondeu Jeremiah, jogando-se em uma das espreguiçadeiras.

— Ele saiu pra correr — respondeu Steven, um pouco na defensiva. — Ele precisa voltar à forma para a temporada de futebol. E vai embora semana que vem, pra treinar, lembra?

Eu me lembrava. Naquele ano, Conrad partiria mais cedo para chegar a tempo da seleção para o time. Eu nunca achei que Conrad fosse do tipo que joga futebol americano, mas lá estava ele, treinando e tentando fazer parte da equipe. Eu apostava que tinha o dedo do Sr. Fisher naquilo; era a cara dele. Foi a mesma história com Jeremiah, que nunca levou o esporte muito a sério. Bem, Jeremiah nunca levava nada muito a sério.

— Acho que também vou entrar pro time no ano que vem — comentou Jeremiah, em um tom casual.

E deu uma olhadinha para Taylor, para ver se ela parecia impressionada. Não parecia. Não estava nem olhando para ele.

Vi Jeremiah murchar um pouco, e fiquei até com pena, apesar de tudo.

— Vamos apostar uma corrida, Jere — sugeri.

Ele deu de ombros e se levantou, tirando a camisa. Então foi até o lado mais fundo da piscina e mergulhou.

— Quer um braço de vantagem? — perguntou, voltando à superfície.

— Não. Acho que consigo vencer você sem isso — respondi, batendo as pernas. — Vamos lá!

Nadamos em estilo livre. Ele venceu a primeira e a segunda, mas eu ganhei a terceira e a quarta. Taylor estava torcendo para mim, o que só me deixava mais irritada.

* * *

Na manhã seguinte, Taylor saiu bem cedo de novo. Dessa vez, eu ia me juntar a eles. Ela e Jeremiah não eram os donos da praia, afinal. Eu tinha tanto direito de assistir ao nascer do sol quanto eles. Eu me levantei, troquei de roupa e saí.

Não os vi de primeira; eles estavam bem mais longe que o normal, de costas para mim. Jeremiah a abraçava por trás, e os dois estavam se beijando. Ele não estava nem aí para o nascer do sol. E... não era Jeremiah. Era Steven. Meu irmão.

Parecia um daqueles filmes com final surpreendente, quando tudo se encaixa e faz sentido. De repente minha vida tinha virado *Os Suspeitos*, e Taylor era a chefe da gangue. As cenas corriam pela minha memória: Taylor e Steven brigando, ele com a gente no calçadão naquela noite, Taylor

dizendo que Claire Cho tinha elefantíase, todas aquelas tardes que ela passava na minha casa…

Eles não ouviram quando eu me aproximei, mas eu falei bem alto:

— Uau! Primeiro Conrad, depois Jeremiah e agora meu irmão.

Ela se virou, surpresa. Steven também parecia surpreso.

— Belly... — começou ela.

— Cala a boca! — Olhei para o meu irmão, que se encolheu um pouco, envergonhado. — Você é um hipócrita. Você nem gosta dela! E ainda diz que ela manchou os neurônios com água oxigenada!

Steven pigarreou, olhando para nós duas sem saber o que dizer.

— Eu nunca disse isso.

Os olhos da Taylor se encheram de lágrimas, e ela os secou com a manga do moletom. O moletom do Steven. Eu estava com raiva demais para chorar.

— Vou contar pro Jeremiah.

— Belly, fica calma. Você já está bem grandinha pra esse tipo de birra — interveio Steven, balançando a cabeça com aquele ar de irmão mais velho.

As palavras saíram da minha boca de um jeito seco, rápido, definitivo.

— Vai pro inferno!

Eu nunca tinha falado daquele jeito com meu irmão. Nunca achei que um dia falaria daquele jeito com *ninguém*. Steven piscou, atônito.

Foi quando saí de perto. Taylor veio atrás de mim, mas teve que correr para me alcançar, de tão rápido que eu andava. Acho que a raiva aumenta a velocidade.

— Belly, me desculpa — começou ela. — Eu ia contar. É que foi tudo rápido demais.

Parei e me virei para ela.

— Quando? Quando foi que as coisas aconteceram? Porque, pelo que sei, as coisas estavam acontecendo meio rápido com *Jeremy*, não com meu irmão.

Ela deu de ombros, impotente, o que me deixou ainda mais furiosa. Tadinha da Taylor, tão indefesa…

— Eu sempre tive uma quedinha pelo Steven. Você sabe, Belly.

— Na verdade, eu não sabia. Obrigada por me contar.

— Quando vi que ele também gostava de mim, foi, tipo… Eu nem conseguia acreditar. Não consegui raciocinar.

— Esse é o ponto. Ele não gosta de você. Só está usando você, porque você está disponível.

Sei que era algo cruel de se dizer, mas era verdade. Entrei em casa e a deixei do lado de fora.

Ela foi atrás de mim e me segurou pelo braço, mas a empurrei para longe.

— Por favor, não fica com raiva, Belly. Não quero que as coisas mudem entre nós, nunca — pediu Taylor, os olhos castanhos marejados.

Na verdade, o que ela estava dizendo era: não quero que as coisas mudem entre nós enquanto eu fico com uns peitos enormes, largo o violino e beijo seu irmão.

— As coisas não podem ficar iguais pra sempre — retruquei. Falei aquilo para magoá-la, porque sabia que ela ficaria chateada.

— Não fica brava comigo, Belly, por favor.

Taylor detestava que alguém ficasse bravo com ela.

— Não estou brava com você. Só não acho que somos amigas como antes.

— Não fala assim, Belly.

— Só estou dizendo a verdade.

— Olha, me desculpa, ok?

Eu a encarei por um segundo.

— Você prometeu que seria legal com ele.

— Com quem? Steven?

Taylor parecia genuinamente confusa.

— Não. Com o Jeremiah. Você disse que seria legal com ele.

Ela agitou a mão no ar.

— Ah, ele não liga.

— Liga, sim. Você não o conhece. — *Não como eu conheço*, eu queria acrescentar. — Não achei que você seria tão… tão… — Procurei a palavra perfeita, para atingi-la como ela me atingira. — Tão galinha.

— Eu não sou galinha! — protestou ela, em uma vozinha fina.

Aquele era meu poder sobre ela, minha suposta inocência contra a suposta galinhagem de Taylor. Era tudo uma grande besteira. Eu teria trocado de lugar com ela sem pensar duas vezes.

* * *

Mais tarde, Jeremiah me chamou para jogar cartas. Não tínhamos nem olhado para o baralho o verão inteiro, e sempre jogávamos, era uma tradição nossa. Fiquei feliz por termos resgatado aquilo, mesmo que fosse um prêmio de consolação.

Ele distribuiu minhas cartas e começamos a jogar, mas estávamos agindo mecanicamente, com a cabeça em outro lugar. Pensei que tivéssemos um acordo tácito de não falar sobre Taylor e que talvez ele nem soubesse o que acontecera, até que Jeremiah disse:

— Queria que você nunca tivesse trazido ela aqui.

— Eu também.

— É melhor quando somos só nós dois — continuou ele, embaralhando sua pilha.

— É.

Depois que ela foi embora, as coisas foram e não foram mais as mesmas. Continuamos amigas, mas não melhores amigas, não como antes. Mas ainda éramos amigas. Nós nos conhecíamos desde sempre, e não era fácil jogar fora toda uma história de amizade. É como se desfazer de uma parte de si mesmo.

Steven voltou a ignorar Taylor e ficar obcecado por Claire Cho. Nós dois fingimos que nada tinha acontecido. Só que tinha.

29

OUVI QUANDO ELE chegou em casa. Acho que a casa inteira ouviu, menos Jeremiah, que conseguiria dormir até durante um tsunami. Conrad subiu a escada, tropeçando e praguejando, bateu a porta e ligou o som bem alto. Eram três da manhã.

Fiquei deitada na cama por uns três segundos antes de me levantar e ir até o quarto dele, no fim do corredor. Bati duas vezes, mas a música estava tão alta que era bem provável que ele nem tivesse escutado. Abri a porta. Conrad estava sentado na beirada da cama, tirando os sapatos. Ele ergueu os olhos e me viu ali, parada na sua frente.

— Sua mãe não ensinou você a bater? — perguntou, levantando-se e abaixando o volume.

— Eu bati, mas a música estava tão alta que você não ouviu. Você deve ter acordado a casa inteira, Conrad.

Entrei no quarto e fechei a porta. Fazia muito tempo que eu não entrava ali. Continuava do jeito que eu me lembrava, perfeitamente arrumado. O quarto do Jeremiah era uma zona, parecia que tinha passado um furacão por lá, mas o do Conrad, não. Tinha um lugar para cada coisa, e cada coisa estava em seu lugar. Os desenhos a lápis ficavam presos no quadro de

avisos, as miniaturas de carros estavam arrumadas em cima da cômoda… Era reconfortante ver que pelo menos ali nada havia mudado.

O cabelo dele estava bagunçado, como se alguém tivesse bagunçado. Provavelmente, a garota do boné do Red Sox.

— Vai contar pra todo mundo, Belly? Você ainda é fofoqueira?

Eu o ignorei e fui até a escrivaninha. Uma foto dele com o uniforme do time de futebol americano, carregando a bola debaixo do braço, estava pendurada na parede, logo acima.

— Por que você parou de jogar, afinal?

— Não estava mais me divertindo.

— Eu achei que você amasse futebol americano.

— Não. Quem amava era meu pai.

— Mas você também parecia amar.

Na foto ele parecia meio bravo, mas dava para ver que estava tentando não sorrir.

— Por que você largou o balé?

Eu me virei para ele, que desabotoava a camisa branca, ficando só de camiseta.

— Você se lembra disso?

— Você ficava dançando pela casa que nem um gnomo animado.

Fiz beicinho para ele.

— Gnomos não dançam. E, pra sua informação, eu era uma bailarina.

Ele deu um sorrisinho irônico.

— E por que você parou de dançar?

Foi quando meus pais se divorciaram. Minha mãe não tinha mais tempo de me levar e buscar no balé duas vezes por semana, porque arrumara um emprego. Não parecia mais fazer sentido. De qualquer forma, eu já estava meio cansada do balé, e Taylor também havia parado. Sem contar que eu odiava usar o collant. Meus peitos tinham crescido antes dos de todas as meninas da turma, e eu parecia mais a professora. Eu morria de vergonha.

Não contei nada disso a ele. Em vez disso, falei:

— Era muito legal! Eu poderia estar dançando em uma companhia de balé!

Não poderia, não. Eu não era tão boa assim. Nem forçando muito a barra.

— Claro — retrucou ele, debochado e nem um pouco convencido, sentado ali na cama.

— Pelo menos eu sei dançar.

— Ei! Eu sei dançar!

Cruzei os braços.

— Então prova.

— Não preciso provar nada. Fui eu que ensinei alguns passos a você, lembra? Como você esquece rápido, hein?

Conrad pulou da cama, segurou minha mão e me girou.

— Viu? Estamos dançando.

Ele passou o braço pela minha cintura e me girou mais um pouco, às gargalhadas.

— Eu danço melhor que você, Belly — anunciou, caindo na cama.

Olhei para ele. Eu não o entendia, não mesmo. Em um momento estava pensativo e retraído, e no segundo seguinte estava rindo e me girando pelo quarto.

— Não considero isso uma dança — retruquei, saindo do quarto. — E pode diminuir um pouquinho o volume? Acordou a casa inteira.

Ele sorriu. Conrad tinha um jeito de olhar para mim — para qualquer um, na verdade — que fazia eu me desintegrar e querer me jogar a seus pés.

— Claro. Boa noite, Bells.

Bells, um apelido de mil anos atrás.

Era tão difícil não amar aquele garoto…. Eu sempre me lembrava disso quando ele era doce daquele jeito. Do porquê costumava amá-lo.

Era quando eu me lembrava de tudo.

30

Onze anos

A COLEÇÃO DE CDs na casa de praia não era muito extensa, e passávamos o verão inteiro ouvindo as mesmas músicas. Susannah colocava The Police de manhã, Bob Dylan à tarde e Billie Holiday na hora do jantar. As noites eram livres. Eram os momentos mais engraçados. Jeremiah colocava seu *The Chronic*, e minha mãe cantarolava junto enquanto lavava roupa, apesar de não gostar muito de rap. Logo depois, ela colocava Aretha Franklin, e Jeremiah cantava todas as músicas que, de tanto ouvir, todos nós já sabíamos de cor.

Minhas músicas preferidas eram as da Motown e as com um ar ensolarado, de praia. Eu gostava de ouvi-las no walkman velho da Susannah enquanto tomava sol. Naquela noite, tinha colocado *Boogie Beach Shag* para tocar no grande aparelho de som da sala, e Susannah puxara Jeremiah para dançar. Ele estava jogando pôquer com Steven, Conrad e minha mãe, que jogava muito bem.

Jeremiah reclamou, mas dançou com a mãe, aquelas danças de praia dos anos 1960. Fiquei observando Susannah jogar a cabeça para trás, rindo,

enquanto Jeremiah girava em torno dela, e quis dançar também. Meus pés estavam coçando, afinal de contas, eu era bailarina clássica e contemporânea. Que mal havia em mostrar que eu era boa?

— Dança comigo, Steven — pedi, cutucando meu irmão.

Eu estava deitada no chão de barriga para baixo, olhando para eles.

— Nunca.

Como se ele soubesse dançar.

— Con, dança com a Belly — ordenou Susannah, com o rosto vermelho, enquanto Jeremiah a girava mais uma vez.

Não tive coragem de olhar para Conrad. Tinha medo de que meu amor por ele e o desejo de que ele dissesse sim estivessem estampados na minha cara.

Conrad suspirou. Na época, ele ainda era obediente. Estendeu a mão e me puxou. Eu me levantei tremendo. Ele não largou minha mão.

— Essa dança é assim — ensinou, balançando os pés para um lado e para outro. — Um-dois-três, um-dois-três, pisa.

Levei um tempo para pegar o jeito. Era mais difícil do que parecia, e eu estava nervosa.

— Sente a batida — mandou Steven, ao meu lado.

— Relaxa o corpo, Belly. É uma dança relaxada — orientou minha mãe, do sofá.

Tentei ignorá-los e olhar só para Conrad.

— Como você aprendeu a dançar? — perguntei.

— Minha mãe ensinou a nós dois. — Ele me puxou para perto e posicionou minhas mãos em seus ombros, para que fizéssemos os passos juntos, lado a lado. — Este passo se chama abraço.

O abraço era minha parte favorita. Era o mais perto que eu já tinha chegado do Conrad.

— Vamos fazer esse de novo — pedi, fingindo não ter entendido.

Ele me mostrou mais uma vez como se fazia, colocando os braços em volta dos meus.

— Viu? Você está quase aprendendo.

Ele me girou, e até fiquei tonta. Era pura alegria.

31

PASSEI O DIA seguinte inteiro na praia com Cam. Fizemos um piquenique. Ele preparou sanduíches de pão integral com abacate, brotos e a maionese caseira da Susannah. Estavam gostosos. Ficamos dentro d'água pelo que pareceram horas. Toda vez que vinha uma onda, um de nós começava a rir e os dois levavam um caldo. Meus olhos estavam ardendo por causa da água salgada, e minha pele estava arranhada de tanto rolar na areia, como se eu tivesse usado o esfoliante da minha mãe no corpo inteiro. Era ótimo.

Voltamos cambaleando para nossas toalhas. Eu adorava ficar dentro d'água até sentir frio e então correr de volta para a areia e deixar o sol me aquecer. Podia fazer isso o dia inteiro: mar, areia, mar, areia.

Tinha levado balas de morango, que comemos tão rápido que meus dentes doeram.

— Adoro essas balinhas — falei, pegando a última.

Cam tirou o doce da minha mão.

— Eu também, e você já comeu três. Eu só comi duas — protestou, desembrulhando o doce.

Ele riu e balançou a bala na frente da minha boca.

— Você tem três segundos pra largar isso — adverti. — Não estou nem aí se você comeu só duas e eu comi vinte. A casa é minha.

Cam riu e enfiou a bala na boca.

— Não é sua. É da Susannah — retrucou, de boca cheia.

— Você não sabe de nada. A casa é de *todos nós* — respondi, me deitando de costas na toalha.

De repente, senti muita sede. Era culpa das balas de morango. Ainda mais depois de comer três em menos de três minutos. Estreitando os olhos para ele, pedi:

— Você pode ir até a *minha* casa e me trazer um refresco? Por favorzinho?

— Não conheço ninguém que consuma mais açúcar em um único dia do que você — comentou Cam, balançando a cabeça, decepcionado. — Açúcar branco é um veneno.

— Ah, falou o cara que acabou de comer minha última bala — retruquei.

— Sou contra desperdícios — disse ele, se levantando e limpando a areia do short. — Vou trazer água, não refresco.

Mostrei a língua para ele e revirei os olhos.

— Só seja rápido — pedi.

Ele foi e não voltou. Já tinha saído havia quarenta minutos quando voltei para casa, carregando nossas toalhas, protetor solar e lixo, bufando e suando que nem um camelo no deserto. Ele estava na sala, jogando videogame com os meninos. Estavam todos de roupa de banho, que era basicamente o que usávamos o verão inteiro.

— Obrigada por se esquecer de voltar com meu refresco — falei, jogando a sacola de praia no chão.

Cam tirou os olhos do jogo e me encarou, culpado.

— Ops! Foi mal. Os meninos me chamaram pra jogar, aí… — Ele nem conseguiu terminar.

— Não se desculpa — advertiu Conrad.

— Isso aí, você é escravo dela, por acaso? Agora ela manda você levar e trazer refresco? — perguntou Jeremiah, apertando o controle com o polegar.

Ele se virou e sorriu para mim, para mostrar que estava brincando, mas eu continuei de cara fechada.

Conrad não disse nada, mas senti que ele estava me olhando. Desejei que parasse.

Por que, mesmo com um amigo só meu, eu me sentia excluída do clube? Não era justo. Assim como não era justo que Cam concordasse em fazer parte daquilo. O dia tinha sido tão bom…

— Cadê minha mãe e a Susannah?

— Saíram pra algum lugar — respondeu Jeremiah, sem muita convicção. — Talvez tenham ido fazer compras?

Minha mãe detestava fazer compras. Devia ter ido arrastada.

Fui para a cozinha buscar meu refresco, e Conrad foi atrás. Não precisei nem me virar para saber que era ele.

Não dei confiança, só enchi um copo grande e fingi que ele não estava parado ali, me observando.

— Vai me ignorar? — perguntou, por fim.

— Não. O que você quer?

Ele suspirou e se aproximou.

— Por que você tem que ser assim? — Então se inclinou para a frente, chegando mais perto. Perto demais — Posso tomar um pouco?

Coloquei o copo na bancada e comecei a me afastar, mas ele segurou meu pulso. Quase engasguei.

— Qual é, Bells…

A mão dele estava gelada, como sempre. De repente me senti quente, como se estivesse com febre. Puxei a mão.

— Me deixa em paz.

— Por que está chateada comigo?

Ele parecia confuso e ao mesmo tempo nervoso. Porque, para Conrad, as duas coisas estavam conectadas: se estivesse confuso, ficaria nervoso. Só que ele quase nunca ficava confuso, então quase nunca ficava nervoso. Bom, eu pelo menos nunca havia causado nenhuma espécie de nervosismo nele. Eu não significava nada para ele. Nunca tinha significado.

— Você se importa mesmo?

Senti as batidas aceleradas do meu coração. Estava irritada, estranha, esperando pela resposta dele.

— Sim.

Conrad parecia surpreso, como se também não conseguisse acreditar que se importava comigo.

Eu não sabia muito bem qual era o problema. Acho que era principalmente os sentimentos conflitantes que ele provocava em mim. Uma hora era legal comigo, mas, no instante seguinte, agia com

indiferença. Ele me fazia lembrar de coisas que eu não queria lembrar, pelo menos não naquele momento. Tudo estava indo muito bem com Cam, mas, sempre que eu decidia que era dele que eu gostava, Conrad me olhava de um certo jeito, ou me tirava para dançar, ou me chamava de Bells, e aí estragava tudo.

— Ah, por que você não vai fumar um cigarro? — perguntei.

Ele cerrou o maxilar e retrucou:

— Certo.

Senti uma mistura de culpa e satisfação por finalmente ter conseguido atingi-lo. Então ele disparou:

— Por que você não vai se olhar no espelho um pouco mais?

Ele pegou pesado. Era mortificante ver alguém jogando suas fraquezas na sua cara. Será que ele havia me visto me olhando no espelho, me admirando? Será que alguém pensava que eu tinha me tornado vaidosa e fútil?

Comprimi os lábios e me afastei, balançando a cabeça.

— Belly... — começou Con.

Ele estava arrependido. Dava para ver.

Voltei para a sala e o deixei lá, parado. Cam e Jeremiah me olharam como se soubessem que alguma coisa acontecera. Será que tinham ouvido? Que diferença fazia?

— Fico com a de fora — anunciei.

Fiquei me perguntando se era daquele jeito que as paixões antigas morriam — um suspiro de agonia, até que, de repente, nada.

32

CAM VEIO NOS visitar de novo e ficou até tarde. Por volta de meia-noite, chamei-o para andar na praia. Ele topou, e passeamos de mãos dadas. O mar parecia prateado, infinito, como se tivesse um milhão de anos. E tinha mesmo, afinal.

— Verdade ou consequência? — perguntou ele.

Eu não estava a fim de grandes verdades. Do nada, uma ideia surgiu na minha cabeça: eu queria nadar nua. Com Cam. Era o que os adolescentes faziam na praia, assim como no drive-in. Se nadássemos sem roupa, seria uma prova de que eu estava mesmo ficando mais velha.

Então sugeri:

— Cam, vamos brincar de "O que você prefere"? Você prefere nadar nu agora ou...

Não consegui pensar em nenhuma alternativa.

— A primeira opção, a primeira opção — respondeu ele, rindo. — Ou as duas, qualquer que seja a segunda opção.

De repente me senti tonta, como se estivesse bêbada. Corri para a água, jogando o moletom na areia. Eu estava de biquíni por baixo da roupa.

— Aqui vão as regras! — gritei, desabotoando o short. — Você não pode ficar pelado até entrarmos de vez na água! E não pode espiar!

— Ei! Espere aí! — protestou ele, correndo atrás de mim, espalhando areia por todo lado. — Vamos mesmo fazer isso?

— Vamos, ué. Você não quer?

— Quero, mas e se sua mãe nos vir?

Cam olhou para a casa.

— Ela não vai nos ver. Não dá pra ver nada lá da casa, está superescuro.

Ele olhou para mim, então olhou de volta para a casa.

— Melhor fazer isso outra hora… — começou, meio na dúvida.

Eu o encarei. Não era ele que deveria tentar me convencer a fazer aquilo?

— Está falando sério?

Na verdade, o que eu queria perguntar era: "Você não está a fim de mim?"

— Estou. Ainda é cedo. E se as pessoas estiverem acordadas? — Ele pegou meu moletom e me entregou. — Mais tarde a gente volta aqui.

Eu sabia que não voltaríamos.

Uma parte de mim estava irritada e a outra estava aliviada. Era como preparar um sanduíche de banana com manteiga de amendoim e, depois de duas mordidas, perceber que não era o que você queria.

Arranquei o moletom da mão dele.

— Não precisa me fazer nenhum favor, Cam.

Eu me afastei o mais rápido que pude, erguendo um rastro de areia. Achei que ele iria atrás de mim, mas não foi o que aconteceu. Não olhei para trás para ver o que ele estava fazendo. Devia estar sentado na areia escrevendo um daqueles poemas estúpidos à luz da lua.

Entrei em casa e fui direto para a cozinha. Conrad estava sentado à mesa, comendo melancia.

— Cadê o Cam Cameron? — perguntou.

Tive que parar para ver se ele estava sendo gentil ou de deboche. A expressão parecia normal e calma, então deduzi que era um pouco de cada. Se ele ia fingir que nossa briga não tinha acontecido, então seríamos dois.

— Quem sabe? — perguntei, abrindo a geladeira, examinando o que tinha lá dentro e pegando um iogurte. — Quem se importa?

— Os namoradinhos brigaram?

Fiquei morrendo de vontade de dar um tapa naquela cara presunçosa dele.

— Que tal cuidar da sua vida?

Eu me sentei ao lado dele, com uma colher e um pote do iogurte desnatado da Susannah, que parecia meio aguado. Fechei a tampinha metálica e o deixei de lado.

Conrad empurrou um pedaço de melancia para mim.

— Você não pode ser tão exigente com as pessoas, Belly. — Então se levantou, dizendo: — E devia botar o short.

Peguei um pedaço de melancia e fiz careta para as costas dele. Por que Conrad sempre fazia com que eu me sentisse uma menininha de treze anos? Na minha cabeça, só ouvia minha mãe dizendo: "Ninguém pode fazer você se sentir mal, Belly. Não sem a sua permissão. Foi Eleanor Roosevelt quem disse isso. Quase coloquei o nome dela em você." E um monte de blá-blá-blá. Mas era verdade.

Não ia mais permitir que Conrad me deixasse mal. Só queria que meu cabelo estivesse molhado, ou que minhas roupas estivessem sujas de areia, aí ele pensaria que Cam e eu tínhamos feito alguma coisa, mesmo que não tivesse sido o caso.

Comi quase metade da melancia. Estava esperando Cam voltar, mas, como ele não voltou, fiquei ainda mais irritada. Pensei em trancar a porta e deixá-lo preso do lado de fora. Cam devia ter encontrado algum morador de rua e se tornado melhor amigo dele, e contaria a história de vida do homem no dia seguinte. Não que houvesse algum morador de rua naquela nossa parte da praia. Não que eu já tivesse visto um morador de rua naquela cidade, para falar a verdade. Mas, se houvesse algum, Cam estaria conversando com ele.

Só que Cam não voltou. Ele foi embora. Ouvi quando ligou o carro e fiquei assistindo do corredor enquanto ele dava a ré para sair da garagem. Queria correr atrás dele e gritar de raiva. Ele devia ter voltado. E se eu tivesse estragado tudo e ele não gostasse mais de mim? E se eu nunca mais o visse?

Fiquei deitada na cama, pensando que os romances de verão realmente começam e acabam rápido demais.

Na manhã seguinte, quando saí para o deque para comer minha torrada, encontrei uma garrafa de água mineral na escada que levava à praia. Era da marca que Cam sempre bebia. Dentro da garrafa havia um pedaço de papel, um bilhete. Uma mensagem em uma garrafa. Estava meio borrada, mas dava para ler o que estava escrito: "Vale um mergulho sem roupa."

33

JEREMIAH DISSE QUE eu poderia usar a piscina do clube, já que ele era salva-vidas. Nunca tinha entrado naquela piscina, que era enorme e chique, então aceitei o convite. O clube parecia um lugar misterioso. No ano anterior, Conrad nos proibira de ir até lá, dizendo que ficaria constrangido com nossa presença.

Fui de bicicleta, no meio da tarde. Tudo no lugar era verde e exuberante, porque ao redor do clube havia um campo de golfe. Encontrei uma garota na porta com uma prancheta. Disse que estava lá para ver Jeremiah, e ela me deixou entrar.

Avistei meu amigo antes de ele me ver. Ele estava sentado na cadeira alta, conversando com uma garota de cabelo escuro e biquíni branco. Estava rindo, e ela também. Jeremiah parecia muito importante sentado naquela cadeira. Eu nunca o vira trabalhando de verdade.

Fiquei com vergonha e comecei a andar bem devagar, os chinelos estalando no chão.

— Oi — cumprimentei, a poucos passos deles.

Jeremiah olhou para baixo, lá do alto da cadeira, e sorriu para mim.

— Você veio! — exclamou, com uma piscadela, protegendo os olhos com as mãos como se fossem uma viseira.

— Vim.

Balancei a bolsa de lona para a frente e para trás, como um pêndulo. A bolsa tinha meu nome bordado em letra cursiva, um presente da Susannah.

— Belly, essa é a Yolie. Yolie também é salva-vidas.

Yolie apertou minha mão. Achei mais uma saudação de quem trabalha no mundo dos negócios do que um cumprimento de quem está usando biquíni. A menina tinha um aperto de mão firme, agradável; minha mãe aprovaria.

— Oi, Belly! Ouvi muito sobre você.

— Sério?

Olhei para Jeremiah.

Ele sorriu.

— Sim. Contei pra ela que você ronca tão alto que dá pra ouvir do outro lado do corredor.

Dei um tapinha no pé dele.

— Cala a boca! — Então me virei para Yolie. — É um prazer.

A menina sorriu para mim. Tinha covinhas nas bochechas e um dentinho torto na parte de baixo.

— O prazer é todo meu. Jere, quer tirar sua hora de descanso?

— Daqui a pouco. Belly, vai lá estragar sua pele no sol.

Mostrei a língua para ele e estendi a toalha em uma cadeira não muito longe. A água da piscina era de um azul-turquesa perfeito, e havia duas pranchas de mergulho, uma alta e outra mais baixa. Vi um milhão de crianças brincando na água e decidi que também ia nadar, depois que ficasse com o corpo bem quente do sol. Eu me deitei de óculos escuros, com os olhos fechados, pronta para me bronzear e ouvir música.

Depois de um tempo, Jeremiah se aproximou e se sentou na ponta da minha espreguiçadeira, tomando um gole da minha garrafinha térmica com refresco.

— Ela é bonita — comentei.

— Quem? Yolie? — Ele deu de ombros. — Ela é legal. Uma das minhas muitas admiradoras.

— Rá!

— E você? Cam Cameron, hein? Cam, o vegetariano. Cam, o careta.

Tentei não sorrir.

— O que é que tem? Eu gosto dele.

— Ele parece meio idiota.

— É disso que eu gosto nele. Ele é... diferente.

Ele franziu um pouco a testa.

— Diferente de quem?

— Não sei.

Mas eu sabia. Eu sabia exatamente quem ele *não* era.

— Você quer dizer que ele não é um babaca que nem o Conrad?

Eu ri, e Jeremiah também.

— Isso, exatamente. Ele é legal.

— Só legal?

— Mais que legal.

— Então você não gosta mais dele? De verdade?

Ambos sabíamos de quem ele estava falando.

— Não — respondi.

— Não acredito.

Jeremiah estreitou os olhos, me examinando com atenção, como fazia quando tentava adivinhar minhas cartas no Uno.

Tirei os óculos escuros e olhei bem nos olhos dele.

— É verdade. Não penso mais nele.

— Vamos ver — retrucou Jeremiah, se levantando. — Meu horário de descanso acabou. Tudo bem aí? Se esperar meu turno acabar, eu levo você pra casa. Dá pra levar a bicicleta no carro.

Fiz que sim com a cabeça e fiquei olhando enquanto ele voltava para a cadeira de salva-vidas. Jeremiah era um bom amigo. Sempre tinha sido legal comigo, sempre cuidara de mim.

34

MINHA MÃE E Susannah se sentaram nas espreguiçadeiras, e eu me deitei em uma antiga toalha de praia com estampa de ursinhos da Ralph Lauren. Era minha toalha favorita, porque era bem comprida e tinha sido amaciada com as lavagens.

— O que você vai fazer hoje à noite, meu chuchuzinho? — perguntou minha mãe.

Adorava quando ela me chamava de chuchuzinho. Lembrava quando eu tinha seis anos e dormia na cama dela.

— Eu e Cam vamos sair pra jogar minigolfe — anunciei, toda orgulhosa.

Sempre íamos jogar quando éramos crianças. O Sr. Fisher nos levava, sempre estimulando a competitividade entre os garotos. "O primeiro que conseguir acertar um buraco ganha vinte dólares." "Mais vinte dólares para o vencedor." Steven adorava aquele tipo de coisa.

Acho que no fundo ele queria que o Sr. Fisher fosse nosso pai. E ele bem que poderia ter sido. Susannah contou que minha mãe e ele namoraram, mas minha mãe abriu mão dele pela Susannah, porque percebeu que os dois eram perfeitos juntos.

O Sr. Fisher me deixava participar dos torneios de minigolfe, mas nunca esperou que eu ganhasse. E eu nunca ganhei mesmo.

Eu odiava minigolfe. Odiava aqueles tacos pequenos e a grama falsa. Era tudo irritantemente perfeito. Mais ou menos como o Sr. Fisher.

Conrad queria desesperadamente ser como ele, e eu torcia para que ele nunca conseguisse. Digo, que nunca conseguisse ser igual ao pai.

Da última vez que fui ao minigolfe, eu tinha treze anos. Foi quando veio minha primeira menstruação. Eu estava de short jeans branco, e Steven ficou assustado. Ele achou que eu tinha me cortado — por um segundo, eu também achei. Depois de ficar menstruada na quarta tacada, nunca mais voltei. Nem quando os meninos me chamavam. Por isso, voltar lá com Cam era como me apropriar do minigolfe de novo, como voltar a ter treze anos. O passeio tinha sido ideia minha.

— Você pode voltar cedo? Eu queria que a gente passasse um tempinho juntas, ver um filme, talvez — pediu minha mãe.

— Cedo que horas? Vocês vão dormir às nove!

Minha mãe tirou os óculos e me encarou. O nariz dela estava com aquelas duas marquinhas no lugar onde a borrachinha dos óculos ficava.

— Queria que você ficasse um pouco mais em casa.

— Eu estou em casa agora — lembrei.

Ela fingiu que não tinha ouvido.

— Você está passando tempo demais com esse…

— Você disse que tinha gostado dele!

Olhei para Susannah em busca de apoio, e ela retribuiu meu olhar com simpatia.

Minha mãe suspirou, e Susannah interferiu, dizendo:

— Nós gostamos do Cam. Só estamos sentindo sua falta, Belly. Aceitamos totalmente o fato de você ter sua própria vida. — Ela ajeitou o grande chapéu de palha na cabeça e deu uma piscadinha para mim. — Só queríamos que você nos incluísse nela de vez em quando.

Fiz um esforço para sorrir.

— Ok — falei, voltando a me deitar na toalha. — Vou voltar cedo. Vamos ver um filme.

— Combinado — disse minha mãe.

Fechei os olhos e coloquei os fones de ouvido. Talvez ela tivesse razão. Eu estava passando tempo demais com Cam. Talvez ela sentisse minha falta. Acontece que ela não podia simplesmente presumir que eu passaria

todas as noites em casa, como em todos os outros verões. Eu tinha quase dezesseis anos, não era mais criança. Minha mãe precisava aceitar que eu não seria o chuchuzinho dela para sempre.

Elas acharam que eu estava dormindo e começaram a falar. Mas eu não estava. Mesmo com a música, dava para ouvir a conversa.

— Conrad só tem feito merda — comentou minha mãe, em voz baixa. — Ele deixou uma porção de garrafas de cerveja no deque esta manhã pra eu limpar. Esse menino está fora de controle.

Susannah suspirou.

— Acho que ele sabe de alguma coisa. Já faz meses que vem se comportando assim. Ele é tão sensível, sei que vai sofrer muito quando descobrir.

— Não acha que está na hora de contar?

Sempre que minha mãe perguntava se alguém "não achava" alguma coisa, o que ela realmente queria dizer era "eu acho, e você também deveria achar".

— Eu conto no fim do verão. Ainda está muito cedo.

— Beck… — começou minha mãe. — Acho que já passou da hora.

— Eu vou saber quando a hora chegar — encerrou Susannah. — Não me pressiona, Lau.

Eu sabia que não havia nada que minha mãe pudesse dizer que a fizesse mudar de ideia. Susannah era gentil, mas podia ser decidida e teimosa como uma mula. Por baixo de toda aquela delicadeza, ela era feita de aço.

Queria dizer que tanto Conrad quanto Jeremiah já sabiam, mas não pude. Não seria correto. Não cabia a mim contar.

Susannah queria que o verão fosse perfeito para eles, como quando ela e o Sr. Fisher ainda estavam juntos e tudo era como sempre tinha sido. Minha vontade era dizer que esse tipo de verão não existia mais.

35

QUASE NO FIM da tarde, Cam chegou para me levar ao minigolfe. Esperei por ele no portão e entrei correndo no carro assim que ele avançou pela entrada da garagem. Em vez de ir para o lugar do passageiro, fui direto para o banco do motorista.

— Posso dirigir? — perguntei.

Eu sabia que ele ia deixar.

Cam balançou a cabeça e disse, seco:

— E alguém consegue dizer não a você?

Dei uma piscadinha sedutora, com aquele meu olhar pidão.

— Ninguém nunca disse — respondi, mesmo que não fosse nem de longe a verdade.

Abri a porta do carona, e ele entrou. Saindo da garagem, avisei a ele:

— Tenho que voltar cedo hoje.

— Tudo bem. — Ele pigarreou. — E... hum... poderia diminuir um pouco a velocidade? O limite nesta rua é sessenta por hora.

Ele ficava me olhando e sorrindo enquanto eu dirigia.

— O que foi? Por que você está rindo? — perguntei.

Fiquei com vontade de cobrir o rosto com a camiseta.

— Seu nariz não é pontudo, como os outros. Parece o nariz de um coelhinho.

Ele esticou a mão e encostou na ponta do meu nariz. Afastei a mão dele com um tapa.

— Detesto meu nariz — confessei.

Cam pareceu perplexo.

— Por quê? Seu nariz é tão bonitinho. São as imperfeições que tornam as coisas bonitas.

Fiquei pensando se isso significava que ele me achava bonita. Será que era por isso que ele gostava de mim? Por causa das minhas imperfeições?

Acabamos demorando mais que o planejado. As pessoas na nossa frente levavam um século em cada buraco. Eram um casal, e eles paravam toda hora para se beijar. Era irritante. Queria dizer que o minigolfe não era lugar para ficarem se agarrando, que para isso existia o drive-in. Depois, Cam ficou com fome, então paramos para comer mariscos fritos. Já tinha passado das dez da noite, e eu sabia que minha mãe e Susannah já teriam ido dormir.

Cam deixou que eu dirigisse até em casa. Não precisei pedir, ele simplesmente me entregou as chaves. Na entrada da garagem, quando chegamos, desliguei o motor. Todas as luzes da casa estavam apagadas, menos a do quarto do Conrad.

— Não quero entrar — falei para Cam.

— Achei que você tivesse que voltar cedo.

— Eu tinha. Eu tenho. Só que ainda não estou pronta pra entrar.

Liguei o rádio, e ficamos uns cinco minutos sentados ouvindo música.

Cam pigarreou e perguntou:

— Posso beijar você?

Queria que ele não tivesse perguntado. Queria que ele simplesmente tivesse me beijado. O fato de ele perguntar tornava tudo meio estranho, como se eu fosse obrigada a dizer que sim. Quase revirei os olhos, mas, em vez disso, falei:

— Hum, pode. Mas da próxima vez não precisa perguntar. É estranho. Melhor beijar de uma vez.

Mas eu me arrependi de dizer isso assim que vi a expressão no rosto dele.

— Deixa pra lá — retrucou ele, corando. — Faz de conta que eu não falei nada.

— Cam, descul...

Ele se inclinou para a frente e me beijou antes que eu pudesse terminar a frase. A barba dele estava começando a crescer, e meio que arranhava, mas era bom.

— Tudo bem? — perguntou Cam, no fim do beijo.

— Tudo bem — respondi, sorrindo. Soltei o cinto de segurança. — Boa noite.

Saí do carro, e ele deu a volta para se sentar no banco do motorista. Nós nos abraçamos, e percebi que estava desejando que Conrad estivesse vendo aquilo. Mesmo que não tivesse importância, mesmo que eu nem gostasse mais dele. Só queria que ele soubesse que eu não gostava mais dele, de verdade. Que ele visse isso com os próprios olhos.

Corri para a porta da frente e não precisei me virar para saber que Cam estava esperando que eu entrasse em casa para sair com o carro.

Minha mãe não disse nada no dia seguinte, mas não precisou. Ela sabia muito bem como fazer eu me sentir culpada sem precisar dizer uma palavra.

36

MEU ANIVERSÁRIO SEMPRE marcou o início do fim do verão; era a última felicidade do período. E nesse verão eu estava fazendo dezesseis anos. Chegar a essa idade supostamente deveria ser algo especial, um grande acontecimento. Taylor tinha alugado um salão de festas, chamado um primo para ser DJ e convidado a escola inteira para a festa dela. Ela passara anos planejando tudo, nos mínimos detalhes. Já os meus aniversários na praia eram sempre iguais: um bolo, presentes bobos dos garotos, e eu espremida no sofá, entre Susannah e minha mãe, enquanto folheávamos velhos álbuns de fotografia. Todos os meus aniversários tinham sido naquela casa. Tem fotos da minha mãe, grávida, sentada no portão com um copo de chá gelado e um chapéu de abas largas, comigo ainda na barriga. Tem fotos de nós quatro — eu, Conrad, Steven e Jeremiah — correndo na praia, eu peladinha, usando chapeuzinho de aniversário, correndo atrás deles. Minha mãe só me fez usar maiô depois dos quatro anos. Ela sempre me deixava livre.

Eu não esperava que esse aniversário fosse diferente, o que era reconfortante e até um pouco deprimente. A única diferença era que Steven

não estaria conosco. Seria meu primeiro aniversário sem meu irmão tentando me empurrar para apagar as velas na minha frente.

Eu já sabia o que ia ganhar de presente dos meus pais: o carro velho do Steven. Eles tinham até ajeitado o carro, pintado e tudo mais. Quando as aulas começassem, eu tiraria minha carteira de motorista, e em pouco tempo não precisaria mais pedir carona a ninguém.

Sempre me perguntava se alguém na minha cidade se lembrava do meu aniversário. Taylor sempre lembrava e me ligava todo ano exatamente às nove e dois da manhã, cantando parabéns. Era muito legal, mas o problema de fazer aniversário no verão era que eu nunca conseguia dar uma festa e convidar todos os amigos da escola. Ninguém colocava balões no meu armário do colégio nem nada do tipo. Eu nunca tinha me importado muito, mas naquele ano me importei um pouco.

Minha mãe disse que eu poderia chamar o Cam, mas não o convidei. Nem tinha contado para ele que era meu aniversário, não queria que ele achasse que precisava fazer alguma coisa. Mas também era mais que isso. Eu achava que, se aquele aniversário seria como todos os outros, eu também tinha que ser a mesma dos outros anos. Seríamos só nós: minha família de verão.

Quando acordei naquela manhã, a casa cheirava a manteiga e açúcar. Susannah tinha feito um bolo de três camadas. Era cor-de-rosa, com borda branca. Ela escreveu FELIZ ANIVERSÁRIO, BELLS em glacê branco. Tinha velas que acendiam tipo estrelinhas em cima, e elas chiaram e brilharam como vaga-lumes loucos. Ela e minha mãe começaram a cantar parabéns, e Susannah gesticulou para que Conrad e Jeremiah cantassem também. Os dois obedeceram, mas cantaram desafinados de propósito.

— Faça um pedido, Belly — pediu minha mãe.

Eu ainda estava de pijama. Não conseguia parar de sorrir.

Tinha pedido a mesma coisa nos meus últimos quatro aniversários, mas não naquele ano. Naquele ano eu ia fazer um pedido diferente. Fiquei olhando as chamas das velas diminuírem, então fechei os olhos e soprei.

— Abra meu presente primeiro — ordenou Susannah, colocando uma caixinha embrulhada em papel rosa nas minhas mãos.

Minha mãe olhou para ela, curiosa:

— O que você comprou, Beck?

Susannah deu um sorrisinho misterioso e apertou minha mão.

— Abra, querida.

Rasguei o papel e abri a caixinha. Era um colar de pérolas, uma fileira de pequeninas pérolas cor de creme, com fecho de ouro reluzente. Parecia antigo, não algo que pudesse ser comprado em uma loja. Era como o relógio suíço do meu avô, lindamente trabalhado, até o fecho. Era a coisa mais bonita que eu já tinha visto na vida.

— Ai, meu Deus… — murmurei, soltando um suspiro e segurando o colar.

Olhei para Susannah, que estava radiante, e então para minha mãe, que com certeza achava aquilo uma extravagância, mas não disse nada. Minha mãe apenas sorriu e perguntou:

— Esse é...?

— É. — Susannah se virou para mim e explicou: — Meu pai me deu esse colar no meu aniversário de dezesseis anos. Quero que você fique com ele.

— Sério? — Olhei de novo para a minha mãe, para ter certeza de que poderia aceitar. Ela assentiu. — Nossa, obrigada, Susannah! É lindo.

Ela pegou o colar da minha mão e o colocou no meu pescoço. Eu nunca tinha usado um colar de pérolas, e não conseguia parar de tocá-las.

Susannah bateu palmas. Ela não gostava de demorar muito entre um presente e outro.

— E quem é o próximo? Jeremiah? Con?

Conrad se remexeu, desconfortável.

— Eu esqueci de comprar presente. Desculpa, Belly.

Pisquei, atônita. Ele nunca tinha esquecido meu aniversário.

— Tudo bem — falei, mas não conseguia nem olhar para ele.

— Abra o meu! — disse Jeremiah. — Se bem que, depois desse, o meu vai parecer bobagem. Valeu mesmo, mãe.

Ele me entregou uma caixinha e se recostou de volta na cadeira.

Sacudi a caixa.

— Muito bem, o que vai ser? Um cocô de plástico? Um chaveiro em formato de placa de carro?

Ele sorriu.

— Você vai ver. Yolie me ajudou a escolher.

— Quem é Yolie? — perguntou Susannah.

— Uma garota que está apaixonada pelo Jeremiah — respondi, abrindo a caixa.

Dentro da caixa, aninhado em uma cama de algodão, havia um pequeno pingente. Uma minúscula chavinha de prata.

37

Onze anos

— FELIZ ANIVERSÁRIO, BOBOCA — cantarolou Steven, jogando um balde de areia no meu colo.

Um caranguejinho saiu da areia e subiu pela minha perna. Dei um pulo, aos berros, e persegui Steven pela praia, sentindo a raiva pulsando nas veias. Não consegui ser rápida o bastante para pegá-lo. Eu nunca conseguia. Ele ficou correndo em círculos ao meu redor.

Quando Steven voltou para sua toalha, pulei nas costas dele, passando o braço em volta de seu pescoço e puxando seu cabelo para trás o mais forte que pude.

— Ai! — gritou ele.

Eu me agarrei às costas dele como se fosse um macaco, mesmo com Jeremiah puxando meu pé e tentando me fazer soltá-lo. Conrad caiu de joelhos de tanto rir.

— Crianças! — chamou Susannah. — Tem bolo!

Pulei das costas de Steven e disparei até ela.

— Vou pegar você! — gritou ele, correndo atrás de mim, mas eu me escondi atrás da minha mãe.

— Você não pode fazer isso. É meu aniversário.

Dei a língua para ele. Os meninos se jogaram na canga, molhados e cheios de areia.

— Mãe — reclamou Steven —, ela arrancou um tufo do meu cabelo.

— Ah, não se preocupe muito, Steven. Sua cabeça ainda está cheia deles.

Minha mãe acendeu as velas do bolo que ela havia feito naquela tarde. Era um bolo pronto de caixinha com cobertura de chocolate. A letra da minha mãe era muito feia, então o FELIZ ANIVERSÁRIO que ela tentara escrever parecia mais FEÇIZ ANIVERSAURO.

Soprei as velas antes que Steven tentasse "me ajudar". Não queria que ele roubasse meu desejo — e meu desejo era Conrad, claro.

— Abre logo seus presentes, fedorenta — disse Steven, muito sério.

Eu já sabia o que ele tinha comprado: um desodorante. Estava embrulhado em um lenço de papel meio transparente, então dava para ver.

Eu o ignorei e peguei uma caixinha achatada embrulhada com um papel estampado com conchas. Era o presente da Susannah, então eu sabia que seria coisa boa. Era uma pulseira de prata de uma loja que ela adorava, que vendia porcelana chique e pratinhos de cristal. Na pulseira havia cinco pingentes: uma concha, um maiô, um castelo de areia, um par de óculos escuros e uma ferradura.

— Porque temos muita sorte de ter você em nossas vidas — explicou ela, apontando para a ferradura.

Peguei a pulseira; os pingentes brilharam à luz do sol.

— Eu amei.

Minha mãe ficou quieta. Eu sabia o que ela estava pensando: que Susannah havia exagerado, que tinha gastado dinheiro demais naquilo. Eu me senti culpada por ter gostado tanto da pulseira. Minha mãe havia comprado algumas partituras e uns CDs, porque não tínhamos tanto dinheiro quanto eles — naquele momento eu finalmente entendi o que aquilo significava.

38

— EU AMEI — FALEI, correndo para o quarto e indo direto até a caixinha de música em cima da cômoda, onde eu guardava a pulseira com os pingentes. Peguei a pulseira e voltei para o andar de baixo.

— Viu só? — insisti, colocando o pingente de chave na pulseira e fechando-a no pulso.

— É uma chave porque logo, logo você vai poder dirigir, entendeu? — explicou Jeremiah, recostando na cadeira e entrelaçando as mãos atrás da cabeça.

Sorri para ele, mostrando que eu tinha entendido.

Conrad se inclinou para olhar mais de perto e comentou:

— Legal.

Apoiei o pingente na palma da outra mão. Não conseguia parar de olhar para o presente.

— Eu amei — repeti. — Mas deve ter sido muito caro.

— Economizei o verão todo pra conseguir comprar — explicou Jeremiah, em um tom muito solene.

Eu o encarei.

— Mentira!

Ele abriu um sorriso.

— Claro que não! Você é sempre muito ingênua, né?

Dei um soquinho no braço dele, retrucando:

— Eu não tinha acreditado em você, seu bobo.

Mas, por um segundo, eu tinha, sim, acreditado.

Jeremiah esfregou o braço.

— Não foi tão caro assim. E eu agora estou bem de vida, lembra? Mas que bom que você gostou. Yolie falou que você ia adorar.

Dei um abraço apertado nele.

— É perfeito.

— Que presente maravilhoso, Jere! — elogiou Susannah. — Com certeza melhor do que meu colar velho.

Ele riu.

— Sei, sei — disse, mas dava para ver que ele tinha gostado do comentário.

Minha mãe levantou e foi partir o bolo. Ela não era boa naquilo, e os pedaços ficaram grandes demais, desmoronando nas laterais.

— Quem quer bolo? — perguntou, lambendo o dedo.

— Não estou com fome — respondeu Conrad, abruptamente. Ele se levantou, olhando o relógio. — Tenho que me arrumar para o trabalho. Feliz aniversário, Belly.

Ele subiu a escada, e ninguém disse nada por um tempo. Então minha mãe gritou, bem alto, colocando um prato na frente da Susannah:

— Nossa, mas este bolo está uma delícia! Coma um pedaço, Beck!

Susannah sorriu sem graça e disse:

— Também não estou com fome. Sabe como dizem: quem cozinha não tem vontade de comer o que faz. Mas comam vocês.

Comi um pedaço grande.

— Hum… Bolo de baunilha. Meu preferido.

— E não é de caixinha! — acrescentou minha mãe.

39

CONRAD CONVIDOU NICOLE, a menina do boné do Red Sox, para ir à casa de praia. À nossa casa. Eu não consegui acreditar que a tal garota estava ali, na minha frente. Era muito estranho ter outra menina em casa além de mim.

Lá pelo meio da tarde, eu estava no deque, sentada à mesa de piquenique, comendo Doritos, quando eles chegaram. A menina usava short curto e camiseta branca, com óculos escuros no topo da cabeça. Não havia sinal do boné do Red Sox. Ela parecia chique, parecia pertencer àquele lugar. Diferente de mim, que estava vestida com uma camiseta velha que servia de camisola. Achei que Conrad pelo menos fosse entrar com ela em casa, mas os dois ficaram no outro lado do deque, deitados nas espreguiçadeiras. Eu não conseguia ouvir o que falavam, mas podia escutar as risadas histéricas.

Depois de uns cinco minutos, não aguentei. Peguei o telefone e liguei para Cam, que disse que chegaria em meia hora, mas não demorou nem quinze minutos.

Eles entraram em casa quando eu e Cam estávamos decidindo a que filme assistir.

— O que vocês vão ver? — perguntou Conrad, sentando-se no sofá em frente ao nosso.

A garota do boné se sentou ao lado dele. Praticamente no colo.

Não olhei para ele ao responder:

— *Nós dois* ainda estamos resolvendo — respondi, com bastante ênfase no "nós dois".

— Podemos assistir também? — perguntou Conrad. — Vocês conhecem a Nicole, né?

Então Conrad de repente tinha decidido ser sociável, depois de passar o verão inteiro trancado no quarto?

— Oi — cumprimentou ela, parecendo entediada.

— Oi — respondi, na melhor imitação daquele tom que consegui fazer.

— Oi, Nicole — cumprimentou Cam. Fiquei com vontade de dizer para ele não ser tão amigável, mas sabia que não seria levada a sério. — Eu estava a fim de ver *Cães de Aluguel*, mas a Belly quer ver *Titanic*.

— Sério? — perguntou a garota.

Conrad riu, então comentou, debochado:

— Belly ama *Titanic*.

— Eu amava quando tinha uns nove anos — retruquei. — Para sua informação, queria ver agora pra poder rir.

Eu consegui me manter supertranquila. Não deixaria que ele me alfinetasse na frente do Cam de novo. E, para falar a verdade, eu continuava adorando *Titanic*. Como não amar um romance a bordo de um navio destinado a afundar? Eu tinha certeza de que Conrad também gostava, mesmo fingindo que não.

— Eu voto em *Cães de Aluguel* — anunciou Nicole, examinando as próprias unhas.

Desde quando a opinião dela contava? E o que ela estava fazendo ali, afinal?

— Dois votos pra *Cães de Aluguel* — anunciou Cam. — E você, Conrad?

— Acho que vou votar em *Titanic* — respondeu ele, em um tom malicioso. — *Cães de Aluguel* é tão ruim quanto *Titanic*. Muito superestimado.

Estreitei os olhos.

— Sabe de uma coisa? Acho que vou mudar meu voto para *Cães de Aluguel*. Parece que você perdeu, Conrad.

Nicole me encarou, desafiadora.

— Bom, então eu mudo meu voto para *Titanic*.

— Quem é você? — sussurrei. — Desde quando ela tem o direito de votar em alguma coisa aqui?

— Desde quando *ele* tem? — indagou Conrad, dando uma cotovelada em Cam, que pareceu assustado. — Estou brincando, cara.

— Vamos ver *Titanic* — decidiu Cam, tirando o DVD da caixinha.

Nós nos sentamos para assistir, petrificados. Todos os outros riram na parte em que Jack pega o leme e grita "Eu sou o rei do mundo". Eu fiquei em silêncio. Mais ou menos na metade do filme, Nicole falou alguma coisa no ouvido do Conrad, e os dois se levantaram.

— A gente se vê mais tarde, pessoal — anunciou Conrad.

Soltei um assobio baixinho assim que eles saíram.

— Eles são nojentos. Aposto que foram lá pra cima fazer aquilo.

— Fazer aquilo? Quem fala "fazer aquilo"? — indagou Cam, admirado.

— Cala a boca. Você não acha essa garota nojenta?

— Nojenta? Não. Acho ela bem bonitinha. Talvez só tenha exagerado no blush…

Eu ri, ainda que involuntariamente.

— Blush? O que você sabe sobre blush?

— Eu tenho uma irmã mais velha, lembra? — disse ele, abrindo um sorriso. — Ela gosta de maquiagem. E a gente divide o banheiro.

Eu não lembrava que Cam tinha irmã.

— Enfim… Ela usa mesmo blush demais. Fica laranja! E onde será que enfiou aquele boné? — refleti.

Cam pegou o controle remoto e pausou o filme.

— Por que você está tão obcecada com ela?

— Não estou obcecada! Por que estaria? Aquela garota não tem personalidade. Parece um parasita. Ela olha pro Conrad como se ele fosse Deus.

Sabia que Cam estava me julgando por ser tão má, mas eu não conseguia parar de falar.

Ele me olhou como se quisesse dizer alguma coisa, mas ficou quieto. Em vez disso, colocou o filme para rodar de novo.

Ficamos sentados no sofá, vendo o filme em silêncio. Perto do fim, ouvi a voz do Conrad na escada e, sem pensar, me aninhei perto do Cam, apoiando a cabeça no ombro dele.

Conrad e Nicole voltaram lá de cima, e ele olhou para mim e Cam por um segundo antes de dizer:

— Avisa minha mãe que fui levar a Nicole em casa.

Mal olhei para ele.

— Ok.

Assim que eles saíram, Cam se endireitou, e eu também. Ele suspirou.

— Você me chamou pra fazer ciúme nele?

— Nele quem?

— Você sabe quem. Conrad.

Senti um calor subindo pelo meu peito até chegar às bochechas.

— Não.

Parecia que todo mundo queria saber como estavam as coisas entre mim e Conrad.

— Você ainda gosta dele?

— Não.

Ele soltou o ar.

— Está vendo? Você hesitou.

— Não hesitei! — Eu tinha hesitado? Mesmo? Eu tinha certeza de que não. — Sinto até nojo quando olho pro Conrad — respondi.

Dava para ver que ele não acreditava naquilo. E eu também não. Porque a verdade era que, quando eu olhava para Conrad, tudo que eu sentia era um desejo que nunca passava. Como sempre. Eu estava diante daquele cara muito legal, que gostava de mim de verdade, e, lá no fundo, ainda gostava do Conrad. Essa era a verdade. Eu nunca o esquecera. Eu era que nem Rose, naquela balsa improvisada estúpida.

Cam pigarreou.

— Daqui a pouco você vai embora. Vai querer manter contato?

Eu não havia pensado naquilo. Ele estava certo: o verão estava quase acabando. Em pouco tempo eu estaria de volta em casa.

— Hum... Você vai querer?

— Bem, eu vou.

Ele me olhou como se esperasse alguma coisa, e por um segundo eu não consegui entender o que era. Então falei:

— Eu também. Também vou querer.

Mas eu tinha demorado demais. Cam tirou o celular do bolso e disse que era melhor ir andando. Não protestei.

40

FINALMENTE TIVEMOS NOSSA noite de cinema. Minha mãe, Susannah, Jeremiah e eu assistimos aos filmes de Alfred Hitchcock que Susannah adorava, na sala de TV, com todas as luzes apagadas. Minha mãe fez pipoca doce e comprou chocolates, balas e caramelos. Susannah adorava caramelo. Era como nos velhos tempos, só que sem Steven e Conrad, que estava trabalhando no turno da noite.

Susannah dormiu na metade de *Interlúdio*, o filme favorito dela. Minha mãe a enrolou em um cobertor e, quando o filme acabou, sussurrou:

— Jeremiah, pode levá-la lá pra cima?

Ele fez que sim com a cabeça, e Susannah não acordou quando o filho a pegou nos braços e a carregou escada acima. Jeremiah a levantou como se ela fosse uma pluma. Eu nunca o vira fazer aquilo. Embora tivéssemos quase a mesma idade, ele me pareceu um adulto naquele momento.

Minha mãe também se levantou, se espreguiçando.

— Estou exausta. Vai dormir também, Belly?

— Ainda não. Acho que vou dar uma arrumada aqui embaixo.

— Boa garota — respondeu ela, dando uma piscadela, e subiu.

Comecei catando os papéis de caramelos e umas pipocas que tinham caído no tapete.

Jeremiah desceu quando eu estava guardando o filme na caixa. Ele afundou nas almofadas do sofá.

— Não vamos dormir ainda — pediu, olhando para mim.

— Tudo bem. Quer ver outro filme?

— Não. Vamos ver TV. — Ele pegou o controle remoto e começou a zapear entre os canais. — Por onde anda o Cam Cameron?

Eu me sentei de novo, soltando um breve suspiro.

— Não sei. Ele não me ligou, e eu não liguei pra ele. O verão está quase acabando. Acho que nunca mais vamos nos ver.

Ele não olhou para mim quando perguntou:

— E você quer? Ver o Cam outra vez?

— Não sei... Não tenho certeza. Talvez, sim. Talvez, não.

Jeremiah colocou a TV no mudo e se virou para mim.

— Acho que ele não é o cara certo pra você.

Ele estava com um olhar sombrio. Nunca tinha me olhado daquele jeito.

— É, também acho que não — admiti, baixinho.

— Belly... — começou ele.

Jeremiah respirou fundo e inflou as bochechas, então soprou tão forte que o cabelo em sua testa voou. Senti meu coração começar a martelar — algo ia acontecer. Ele ia dizer alguma coisa. Eu não queria ouvir. Ele estava prestes a mudar tudo.

Abri a boca para falar, para interrompê-lo antes que ele dissesse algo de que pudesse se arrepender, mas ele balançou a cabeça.

— Me deixa falar. — Ele respirou fundo de novo. — Você sempre foi minha melhor amiga. Mas agora é mais que isso. Eu vejo você como mais que isso — continuou, chegando mais perto. — Você é mais legal que qualquer outra garota que já conheci, e sempre esteve do meu lado. Você sempre me apoiou. Eu... Eu sei que posso contar com você. E você também pode contar comigo. Você sabe.

Assenti. Estava ouvindo enquanto ele falava, via os lábios dele se mexendo, mas minha cabeça estava a mil por hora. Era Jeremiah. Meu amigo, meu melhor amigo. Eu nem conseguia olhar para ele. Eu não o via daquela maneira. Havia só uma pessoa. E, para mim, essa pessoa era Conrad.

— E eu sei que você sempre gostou do Conrad, mas você já superou isso, certo?

Os olhos dele estavam esperançosos, e aquilo estava me matando — eu queria morrer por não poder responder o que ele queria ouvir.

— Eu... Eu não sei — murmurei.

Ele prendeu a respiração, daquele jeito que fazia quando estava frustrado.

— Mas por quê? Ele não sente o mesmo por você. Não sente o que eu sinto.

Meus olhos se encheram de lágrimas, o que não era nada justo. Eu não podia chorar. Mas ele estava certo. Conrad não sentia o mesmo por mim. Eu só queria sentir pelo Jeremiah o que sentia pelo Conrad.

— Eu sei. Eu não queria gostar dele. Mas eu gosto. Ainda.

Jeremiah se afastou de mim. Ele não conseguia me encarar. Fixava os olhos em qualquer lugar, menos em mim.

— Conrad só vai magoar você — disse ele, em uma voz embargada.

— Desculpa. Por favor, não fica bravo comigo. Não vou suportar se você ficar bravo comigo.

Ele suspirou.

— Não estou bravo com você. Eu só... Por que sempre tem que ser o Conrad?

Então ele se levantou e me deixou ali sentada.

41

Doze anos

O SR. FISHER tinha levado os garotos para uma de suas viagens de pesca submarina noturna. Jeremiah não pôde ir, porque tinha passado mal mais cedo naquele dia e Susannah o obrigou a ficar em casa. Passamos a noite no velho sofá xadrez do porão, comendo batata frita e vendo filmes.

Entre *O Exterminador do Futuro* e *O Exterminador do Futuro 2*, Jeremiah declarou, amargo:

— Ele gosta mais do Conrad do que de mim.

Eu tinha me levantado para trocar o DVD e me virei.

— Hã?

— É verdade. Eu não ligo. Ele é um idiota mesmo — continuou Jeremiah, puxando um fio no cobertor de flanela em seu colo.

Eu também o achava meio idiota, mas não falei nada. Não é certo concordar quando alguém xinga o próprio pai. Só coloquei o DVD no aparelho e voltei a me sentar. Puxei uma ponta do cobertor e disse:

— Ele não é horrível assim.

Jeremiah me encarou.

— Ele é, e você sabe disso. Con acha que ele é Deus, ou coisa do tipo. E seu irmão também.

— É porque seu pai é muito diferente do meu — falei, na defensiva. — O seu leva vocês pra pescar e jogar futebol. O meu não faz esse tipo de coisa, só gosta de jogar xadrez.

Jeremiah deu de ombros.

— Eu gosto de jogar xadrez.

Eu não sabia. Eu também gostava. Meu pai me ensinara quando eu tinha sete anos, e eu não jogava tão mal. Nunca tinha entrado para o clube de xadrez, mas até que tinha vontade, embora Taylor sempre dissesse que só gente esquisita participava.

— E o Conrad também gosta de xadrez. Ele só tenta ser o que nosso pai quer que ele seja. Acho que ele nem gosta de futebol, não como eu. Ele só é bom em futebol, porque é bom em tudo.

Pior que era verdade. Conrad *era* bom em tudo. Peguei um punhado de batatas e enchi minha boca, para não precisar falar.

— Um dia vou ser melhor que ele — anunciou Jeremiah.

Eu não conseguia ver como. Conrad era muito bom.

— Eu sei que você gosta dele — comentou Jeremiah, de repente.

Engoli as batatinhas, que de uma hora para outra ficaram com gosto de ração de coelho.

— Não, não gosto. Eu não gosto do Conrad.

— Gosta, sim. — Os olhos dele pareciam tão sábios. — Fala a verdade. Não temos segredos, lembra?

Jeremiah e eu sempre falávamos que não havia segredos entre a gente. Era uma tradição, assim como Jeremiah beber o leite que sobrava do meu cereal, essas coisas que fazíamos quando estávamos a sós.

— Não, eu não gosto dele — insisti. — Eu gosto dele como amigo. Não gosto dele desse jeito.

— Gosta, sim. Você olha pra ele como se o amasse.

Eu não podia mais aguentar aqueles olhos sabichões me encarando.

— Você só está falando isso porque tem ciúme de tudo que o Conrad faz.

— Não tenho ciúme. Eu só queria ser tão bom quanto ele — murmurou Jeremiah, então soltou um arroto e botou o filme para rodar.

Mas Jeremiah estava certo: eu amava Conrad. E sabia exatamente quando aquele sentimento se tornara mais intenso. Conrad acordara cedo para preparar um café da manhã de Dia dos Pais atrasado, mas o Sr. Fisher

tinha ido embora na noite anterior e não estava lá na manhã seguinte, como esperado. Conrad cozinhou mesmo assim. Ele estava com treze anos e era um péssimo cozinheiro, mas todos nós comemos. Enquanto eu o observava servir ovos mexidos e fingir que não estava triste, pensei comigo mesma: *Vou amar esse garoto pra sempre.*

42

ELE TINHA IDO correr na praia, atividade que começara a fazer recentemente — eu sabia porque o observara da janela dois dias seguidos. Estava usando short de ginástica e uma camiseta. O suor formara um círculo bem no meio de suas costas, e fazia mais ou menos uma hora que ele havia saído. Estava voltando naquele momento.

Fui lá fora, até o portão, sem nenhum plano concreto em mente. Só sabia que o verão estava quase acabando, e em pouco tempo seria tarde demais. Nós iríamos embora, e eu nunca teria a chance de dizer. Jeremiah tinha sido sincero comigo, agora era a minha vez. Eu não poderia passar outro ano inteiro sem contar. Tinha muito medo de que algo mudasse, de que algo fizesse nosso barquinho naufragar — mas Jeremiah já havia feito isso e tínhamos sobrevivido. Ainda éramos Belly e Jeremiah.

Eu precisava fazer aquilo, precisava ir em frente, porque não fazer nada estava me matando. Não podia continuar esperando alguma coisa, esperando por alguém que podia ou não gostar de mim. Eu precisava saber. Era agora ou nunca.

Ele não me ouviu quando cheguei por trás. Estava abaixado, desamarrando o cadarço dos tênis.

— Conrad — falei. Ele não me ouviu, então repeti, mais alto: — Conrad.

Ele ergueu os olhos, assustado. Então se levantou.

— Oi.

Pegá-lo desprevenido parecia um bom sinal. Conrad era intransponível. Talvez, se eu simplesmente começasse a falar, ele não tivesse tempo de se fechar em seu mundinho.

Umedeci os lábios e comecei. Falei a primeira coisa que veio à cabeça, as palavras que estavam no meu coração desde sempre:

— Eu te amo desde que tenho dez anos.

Ele piscou, atônito.

— Você é o único garoto em quem eu penso. Sempre foi, minha vida inteira. Você me ensinou a dançar e me trouxe de volta naquela vez que eu nadei pra longe, lembra? Você ficou do meu lado e me ajudou a voltar pra praia, e ficava o tempo todo dizendo "Estamos quase lá", e eu acreditei. Acreditei porque era você que estava dizendo, e eu sempre acreditei em tudo que você diz. Comparado com você, todo mundo parece biscoito de água e sal, até o Cam. E eu detesto biscoito de água e sal. Você sabe disso. Você sabe tudo a meu respeito, sabe até que eu te amo.

Eu esperei, parada diante dele. Não conseguia respirar. Meu coração parecia prestes a explodir. Segurei o cabelo em um rabo de cavalo e fiquei daquele jeito, esperando que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele demorou uns mil anos para falar.

— Bem, você não devia se sentir assim. Eu não sou o cara certo pra você. Desculpa.

E só. Ele não disse mais nada. Soltei o ar com força, olhando bem para ele.

— Não acredito nisso. Você também gosta de mim, eu *sei* disso.

Eu tinha visto o jeito como ele me olhava quando eu estava com Cam. Tinha visto com meus próprios olhos.

— Mas não do jeito que você queria que eu gostasse — retrucou ele, soltando um suspiro. Então continuou, em um tom meio triste, como se sentisse pena de mim: — Você é só uma criança, Belly.

— Não sou mais criança! Você queria que eu fosse, pra não ter que lidar com o que sente. Por isso passou o verão inteiro bravo comigo — falei, aumentando o tom de voz. — Você gosta de mim, sim. Admita!

— Você está louca — retrucou ele, com uma risadinha, se afastando de mim.

Mas eu não ia deixar que ele se esquivasse assim tão fácil. Não daquela vez. Estava cansada de vê-lo bancar o James Dean. Ele gostava de mim. Eu sabia. Ia obrigá-lo a admitir.

Segurei a manga da camiseta dele.

— Admita. Você ficou louco quando eu comecei a sair com o Cam. Queria que eu continuasse sendo sua admiradora secreta.

— O quê? — Ele se soltou. — Se liga, Belly. O mundo não gira ao seu redor.

Minhas bochechas ficaram vermelhas, eu sentia o calor subindo pelo rosto. Era tipo uma queimadura de sol, só que um milhão de vezes mais forte.

— Ah, claro. Porque o mundo gira ao *seu* redor, não é?

— Você não faz ideia do que está falando.

A voz dele tinha um tom de aviso, mas não parei para escutar. Eu estava com muita raiva. Finalmente tinha falado o que pensava, e não dava para voltar atrás.

Olhei bem no fundo dos olhos dele. Não ia deixar que ele fugisse de mim, não naquele momento.

— Você quer me manter sempre por perto, né? Assim eu posso continuar gostando de você, e você pode se sentir bem consigo mesmo. No momento em que começo a superar, você vai e me puxa de volta. Sabe de uma coisa? Você está ferrado da cabeça. Mas estou avisando, Conrad, por mim, já deu.

— Do que você está falando?

Meu cabelo bateu no meu rosto quando eu me virei para encará-lo.

— É isso. Não sou mais nada sua. Nem amiga, nem admiradora, nada. Pra mim, chega.

Conrad comprimiu os lábios.

— O que você quer comigo? Você agora tem seu namoradinho pra se divertir, lembra?

Balancei a cabeça e me afastei.

— Não é assim — falei.

Ele tinha entendido tudo errado. Não era o que eu estava tentando fazer. Era ele quem estava me prendendo, minha vida inteira. Ele sabia como eu me sentia e tinha *me feito* amá-lo. Ele me queria.

Conrad se aproximou de mim.

— Uma hora você gosta de mim. Depois, do Cam... — Ele fez uma pausa. — E depois do Jeremiah. Não foi sempre assim? Você quer comer

bolo, mas também quer cookies e sorvete...

— Cala a boca! — gritei.

— É você quem está fazendo joguinhos, Belly.

Ele tentava parecer relaxado, mas estava tenso, como se cada músculo fosse uma corda de violão esticada.

— Você tem sido um babaca o verão inteiro. Só pensa em si mesmo. Então seus pais estão se divorciando… E daí? Pais se divorciam. Isso não lhe dá o direito de tratar os outros mal.

Ele desviou o olhar, cerrando a mandíbula.

— Cala essa boca — disse ele.

Eu finalmente tinha conseguido. Ele estava encurralado.

— Susannah estava chorando outro dia por sua causa. Ela mal conseguia sair da cama! Você se importa? Tem ideia do quanto isso é egoísta?

Conrad se aproximou de mim, tão perto que nossos rostos quase se tocaram, como se estivesse prestes a me bater ou me beijar. Meu coração batia tão alto que dava para ouvir. Eu estava com tanta raiva que quase desejei que ele me batesse. Sabia que ele nunca faria isso comigo, nem em um milhão de anos. Ele me segurou pelos braços e me sacudiu, então me soltou de repente. Senti meus olhos se encherem de lágrimas, porque, por um segundo, achei que ele talvez fosse.

Me beijar.

Eu estava chorando quando Jeremiah chegou. Ele estava voltando do trabalho, o cabelo ainda molhado. Nem ouvi quando ele chegou com o carro, mas bastou uma olhada para nós dois para saber que alguma coisa estava acontecendo. Jeremiah pareceu meio assustado. Depois ficou furioso.

— O que está acontecendo aqui? Conrad, qual é o problema?

Conrad o encarou:

— Tira ela de perto de mim. Não estou a fim de lidar com nada disso.

Eu vacilei. Foi como se Conrad realmente tivesse me batido. Até pior.

Ele começou a se afastar, mas Jeremiah o segurou pelo braço.

— Você precisa começar a lidar com isso, cara. Está agindo como um babaca. Para de despejar sua raiva em cima dos outros. Deixa a Belly em paz.

Tremi. Era por mim? O mau humor do Conrad durante todo o verão, ele se trancando no quarto... Tudo aquilo era por minha causa? Não era só

porque os pais dele estavam se divorciando? Ele tinha ficado tão irritado assim de me ver com outro garoto?

Conrad tentou se desvencilhar do Jeremiah.

— Por que *você* não me deixa em paz? Que tal isso?

Jeremiah não o soltou.

— Nós *deixamos* você em paz. Deixamos você em paz o verão inteiro, bêbado e emburrado como um garotinho. Você deveria ser o irmão mais velho, sabia? O protetor. Aja como um, seu idiota. Cresce e cuida direito da sua vida.

— Não enche meu saco! — rosnou Conrad.

— Encho, sim.

Jeremiah chegou mais perto dele, até estar com o rosto bem próximo do irmão, como eu e Conrad estávamos não fazia nem quinze minutos.

— Eu estou avisando, Jeremiah — alertou Conrad em um tom de voz assustador.

Os dois pareciam cães raivosos, rosnando, cuspindo e rodeando um ao outro. Tinham até se esquecido de mim. Eu me senti como se estivesse testemunhando algo que não deveria, como uma espiã. Queria tapar os ouvidos. Em todos esses anos, nunca tinha visto Jeremiah e Conrad brigando daquele jeito. Eles às vezes discutiam, mas nunca daquele jeito. Eu sabia que precisava sair dali, mas não consegui. Fiquei por perto, os braços apertados contra o peito.

— Você é igualzinho ao papai, sabia? — gritou Jeremiah.

Foi então que eu soube que aquela briga não tinha nada a ver comigo. Era muito maior do que qualquer participação que eu pudesse ter. Era sobre algo que eu não fazia ideia.

Conrad empurrou o irmão para longe com força, e Jeremiah o empurrou de volta. Conrad tropeçou e quase caiu, e, quando se endireitou, deu um soco no rosto do irmão. Acho que gritei. Os dois se engalfinharam, batendo, xingando e bufando. Esbarraram na jarra de chá da Susannah, que caiu e quebrou, espalhando bebida para todo lado. A areia se encheu de sangue, mas eu não sabia dizer de qual dos dois.

Eles continuaram brigando em cima dos cacos de vidro, mesmo depois que Jeremiah quase perdeu os chinelos. De vez em quando eu gritava "Parem!", mas eles não me ouviam. Os dois eram muito parecidos — eu nunca tinha notado, mas naquele momento eles pareciam muito irmãos. E continuaram brigando, até que de repente minha mãe apareceu do nada.

Acho que ela passou pela outra porta, não sei. Ela simplesmente surgiu ali e separou os dois com uma força impressionante que só as mães têm.

Ela os manteve longe um do outro, uma mão no peito de cada um, e gritou:

— Parem com isso, os dois!

Mas, em vez de irritada, ela parecia triste, prestes a chorar, e minha mãe nunca chora.

Eles estavam ofegantes e nem olharam um para o outro, mas os três estavam conectados. Eles entendiam algo que eu não entendia. Fiquei ali à margem, uma mera testemunha de tudo aquilo. Parecia a época em que eu ia à igreja com Taylor e todo mundo conhecia as músicas, menos eu. As pessoas levantavam os braços e os agitavam no ar, e sabiam todas as letras de cor, mas eu me sentia uma intrusa.

— Vocês dois já sabem, não é? — perguntou minha mãe, soltando-os.

Jeremiah prendeu a respiração, e eu sabia que ele estava se segurando para não chorar. O rosto dele estava começando a ficar roxo. O rosto do Conrad, por outro lado, tinha uma expressão indiferente, como se ele não estivesse presente.

E então, de repente, sua expressão mudou, e ele parecia ter oito anos novamente. Olhei para trás, e Susannah estava parada na porta de casa. Ela usava a camisola branca de algodão e parecia muito frágil.

— Me desculpem — disse, levantando as mãos, indefesa.

Ela foi até os meninos, hesitante, e minha mãe se afastou. Susannah abriu os braços, e Jeremiah se aninhou nela. E, mesmo sendo bem maior do que a mãe, pareceu muito pequeno. O sangue no rosto dele sujou a camisola, mas eles não se afastaram. Jeremiah chorava como não o via chorar desde que Conrad tinha batido a porta do carro na mão dele por acidente, muitos anos antes. Conrad havia chorado tanto quanto Jeremiah naquele dia, mas agora ele não chorava mais. Até deixou Susannah fazer carinho em seu cabelo, mas não chorou.

— Vamos, Belly — chamou minha mãe, pegando minha mão.

Fazia muito tempo que ela não fazia aquilo. Eu a segui como se fosse uma garotinha. Subimos para seu quarto, e ela fechou a porta e se sentou na cama. Eu me sentei ao lado dela.

— O que está acontecendo? — perguntei, hesitante, procurando alguma resposta no rosto dela.

Ela apertou minhas mãos com força, como se fosse ela me segurando, e não o contrário.

— Belly, Susannah está doente de novo.

Fechei os olhos. Eu podia ouvir o barulho do mar, como se estivesse segurando uma concha perto do ouvido. Não podia ser. Não podia ser. Eu estava em qualquer outro lugar menos ali, naquele momento. Estava nadando sob as estrelas, estava na escola, na aula de matemática, estava andando de bicicleta na pista atrás da nossa casa. Eu não estava ali. Aquilo não estava acontecendo.

— Ah, meu chuchuzinho… — Minha mãe suspirou. — Preciso que você abra os olhos, que me escute.

Eu não queria abrir os olhos. Não queria escutar. Nem queria estar ali.

— Ela está doente já tem um tempo. O câncer voltou. E é... é bem agressivo. E se espalhou para o fígado.

Abri os olhos e soltei as mãos dela.

— Para de falar. Ela não está doente. Ela está bem. Ela ainda é a Susannah.

Meu rosto estava molhado, e eu nem tinha percebido que começara a chorar.

Minha mãe assentiu, umedecendo os lábios.

— Você está certa. Ela ainda é a Susannah. E gosta de fazer as coisas do jeito dela. Ela não queria que vocês soubessem, queria que o verão fosse… perfeito.

A voz dela engasgou nessa última palavra e seus olhos se encheram de lágrimas.

Minha mãe me puxou para perto, me apertando junto ao peito, e me ninou. E eu deixei.

— Mas eles sabiam — choraminguei. — Todo mundo sabia, menos eu. Eu era a única que não sabia, e eu amo a Susannah mais que todo mundo.

Não era verdade, eu sabia. Jeremiah e Conrad a amavam mais do que tudo. Mas parecia verdade. Eu queria dizer a minha mãe que estava tudo bem, que Susannah tinha tido câncer uma vez e que tinha ficado boa. Ela ficaria boa de novo. Mas se eu falasse aquilo em voz alta, seria como admitir que ela realmente estava com câncer, que aquilo estava mesmo acontecendo.

E eu não conseguia admitir.

* * *

Naquela noite, fiquei chorando na cama. Meu corpo inteiro doía. Abri a janela do quarto e me deitei no escuro, ouvindo o barulho do mar. Desejei que uma onda me levasse para longe e nunca mais me trouxesse de volta. Eu me perguntava se era assim que Conrad estava se sentindo, que Jeremiah estava se sentindo. Se era assim que minha mãe estava se sentindo.

Parecia que o mundo estava acabando e que nada mais seria como antes. Estava. E não seria.

43

QUANDO ÉRAMOS PEQUENOS, a casa vivia cheia — de pessoas como meu pai, o Sr. Fisher e outros amigos —, então Jeremiah e eu dormíamos na mesma cama, e Conrad e Steven compartilhavam a outra. Minha mãe nos cobria, prendendo o edredom embaixo de nós. Os meninos fingiam que estavam velhos demais para aquilo, mas eu sabia que gostavam tanto quanto eu da sensação de estar enrolado como em um casulo. Eu ficava deitada na cama, ouvindo a música que vinha do andar de baixo, e Jeremiah e eu contávamos histórias de terror em voz baixa até pegarmos no sono. Ele sempre dormia primeiro. Eu tentava beliscá-lo para mantê-lo acordado, mas nunca funcionava. Da última vez que isso aconteceu, acho que foi quando me senti segura pela última vez. Como se tudo estivesse no lugar certo.

* * *

Na noite da briga dos meninos, eu bati à porta do quarto de Jeremiah.

Ele estava deitado na cama, olhando para o teto, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. O rosto estava molhado, e os olhos, vermelhos e cheios de

lágrimas. Havia uma mancha cinza-amarelada em seu olho direito, que já começava a inchar. Quando me viu, ele esfregou os olhos com as costas das mãos.

— Oi — falei. — Posso entrar?

Ele se sentou.

— Sim, tudo bem.

Andei até ele e me sentei na beirada da cama, apoiando as costas na parede.

— Eu sinto muito — comecei.

Tinha ensaiado o que dizer, e como dizer, para que ele soubesse quanto eu lamentava tudo aquilo. Mas comecei a chorar e estraguei tudo.

Jeremiah estendeu a mão e apertou meu ombro, sem jeito. Ele não conseguia nem olhar para mim, o que de certa forma facilitava as coisas.

— Não é justo — falei, e comecei a chorar.

— Pensei nisso o verão inteiro. Em como este provavelmente é o último verão. Este é o lugar preferido dela, sabe? Eu queria que fosse perfeito, mas o Conrad estragou tudo. Ele foi embora. Minha mãe está tão preocupada, e esta é a última coisa de que ela precisa: ficar preocupada com o Conrad. Ele é a pessoa mais egoísta do mundo, depois do meu pai.

Ele também está sofrendo, pensei, mas não disse, porque aquilo não ia ajudar em nada. Então apenas falei:

— Eu queria ter ficado sabendo. Se eu estivesse prestando atenção, seria diferente.

Jeremiah balançou a cabeça.

— Ela não queria que você soubesse. Não queria que nenhum de nós soubesse. Como era o que ela queria, fingimos não saber. Por ela. Mas eu queria poder ter contado a você. Talvez tivesse sido mais fácil.

Ele enxugou os olhos com o colarinho da camiseta, e percebi que estava se esforçando para se manter firme, para ser forte.

Estendi a mão para abraçá-lo e ele estremeceu. Algo pareceu se quebrar dentro dele, e Jeremiah começou a chorar muito, mas em silêncio. Nós dois choramos juntos, nossos ombros tremendo com o impacto de tudo aquilo. Ficamos chorando assim por um longo tempo. Quando paramos, ele se afastou de mim e assoou o nariz.

— Chega pra lá — mandei.

Ele chegou mais para perto da parede e eu me deitei ao lado dele, esticando as pernas.

— Vou dormir aqui — anunciei.

Não era uma pergunta.

Jeremiah assentiu, e dormimos daquele jeito mesmo, sem nem trocar de roupa, em cima da colcha da cama. Mesmo depois de tanto tempo, parecia que nada mudara. Dormimos com o rosto colado um no outro, como quando éramos pequenos.

Acordei cedo na manhã seguinte, quase caindo da cama. Jeremiah estava esparramado, roncando. Eu o cobri com meu lado do edredom, embrulhando-o como se ele estivesse em um saco de dormir, e saí do quarto.

Fui para o meu quarto, e estava com a mão na maçaneta quando ouvi a voz do Conrad.

— Bom dia.

Logo entendi que ele tinha me visto sair do quarto do Jeremiah.

Eu me virei devagar e lá estava ele. Usando as mesmas roupas da véspera, assim como eu. Estava todo amarrotado e balançou um pouco o corpo. Parecia prestes a vomitar.

— Você está bêbado?

Ele deu de ombros, como se não ligasse, mas seus ombros estavam tensos e rígidos.

— Você não deveria ser legal comigo? Assim como foi legal com o Jere ontem à noite? — perguntou, em um tom malicioso.

Abri a boca para me defender, para dizer que nada acontecera, que tínhamos só chorado juntos até dormir, mas preferi não falar nada. Conrad não merecia explicação.

— Você é a pessoa mais egoísta que eu conheço — falei, devagar, pronunciando bem as palavras. Deixei que cada sílaba ecoasse no ar. Eu nunca quis tanto magoar alguém. — Nem acredito que um dia cheguei a pensar que amava você.

Ele empalideceu. Abriu a boca, então fechou. Depois abriu e fechou de novo. Nunca tinha visto Conrad sem saber o que dizer.

Fui novamente para o meu quarto. Era a primeira vez que eu tinha a última palavra com Conrad. Enfim o superara. Eu me sentia livre, mas uma liberdade que havia sido conquistada a um preço muito alto. Que direito eu tinha de magoá-lo daquela maneira, quando ele já estava tão machucado? Aliás, que direito eu tinha de fazer aquilo? Ele estava sofrendo tanto quanto eu.

Quando voltei para a cama, entrei debaixo das cobertas e chorei ainda mais, mesmo pensando que não tinha mais lágrimas. Estava tudo errado.

Como eu pude passar o verão inteiro pensando em garotos, nadar e pegar sol, enquanto Susannah estava doente? Como? Era impossível pensar na vida sem Susannah. Era inconcebível. Eu não conseguia nem imaginar. Eu não conseguia nem pensar em como era para Conrad e Jeremiah. Era a mãe deles.

Naquela manhã, não consegui nem sair da cama. Dormi até as onze, depois continuei deitada. Tive medo de descer e dar de cara com Susannah. Ela logo perceberia que eu já sabia de tudo.

Por volta do meio-dia, minha mãe entrou no quarto sem bater.

— Bom dia, flor do dia — cumprimentou, examinando minha bagunça.

Ela pegou um short e uma camiseta e começou a dobrá-los.

— Eu ainda não estou preparada pra sair da cama — avisei, me virando.

Eu estava com raiva dela, como se ela tivesse me enganado. Minha mãe devia ter me contado. Devia ter me alertado. Eu havia passado a vida toda pensando que minha mãe nunca mentia. Mas ela mentia. Todas as vezes que ela e Susannah diziam estar fazendo compras, ou visitando museus, ou passeando… nada disso era verdade. Elas estavam em consultas médicas e hospitais. Eu agora entendia. Queria ter entendido antes.

Minha mãe se sentou na beirada da minha cama e coçou minhas costas. Eu gostava de sentir suas unhas passando na minha pele.

— Você precisa sair da cama, Belly — disse, muito calma. — Você está viva, e Susannah também. Você precisa ser forte por ela. Ela precisa de você.

Minha mãe tinha razão. Se Susannah precisava de mim, então havia algo que eu podia fazer.

— Posso fazer isso — falei, me virando para ela. — Só não entendo como o Sr. Fisher pôde deixá-la, logo quando ela mais precisa dele.

Minha mãe olhou para longe, pela janela, então se virou de novo para mim.

— Beck quis desse jeito. E Adam é assim. — Ela apertou minhas bochechas. — Não cabe a nós decidir isso.

* * *

Susannah estava na cozinha fazendo muffins de mirtilo. Estava inclinada sobre a bancada, batendo a massa em uma grande tigela de metal. Vestia uma de suas camisolas de algodão, e me dei conta de que ela tinha usado aquelas camisolas o verão inteiro porque eram largas. Escondiam como seus braços estavam finos e como as saboneteiras estavam saltadas.

Susannah ainda não tinha me visto, e me senti tentada a fugir antes que ela se virasse. Mas não fugi. Não consegui.

— Bom dia, Susannah — falei.

Minha voz pareceu diferente, alta e falsa.

Ela levantou a cabeça, me encarando.

— Já passou do meio-dia. Acho que não vale mais dar bom-dia.

— Boa tarde, então.

Eu me encostei na porta.

— Você também está com raiva de mim? — perguntou ela, em um murmúrio, e seus olhos pareciam apreensivos.

— Nunca ficaria com raiva de você — respondi, me aproximando por trás dela e a abraçando na altura da barriga.

Aninhei a cabeça no espaço entre seu pescoço e o ombro. Ela cheirava a flores.

— Você vai cuidar dele, não vai? — perguntou ela, ainda naquela voz baixinha.

— De quem?

Senti que ela estava sorrindo.

— Você sabe.

— Sei — sussurrei, ainda a abraçando apertado.

— Que bom. — Susannah soltou um suspiro. — Ele precisa de você.

Não perguntei quem era “ele”. Não precisava.

— Susannah?

— Hum?

— Quero que você me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Prometa que nunca vai me deixar.

— Eu prometo — disse ela, sem hesitar.

Dei um suspiro e a soltei.

— Quer ajuda com os muffins?

— Quero, por favor.

Eu a ajudei a fazer a cobertura crocante com açúcar mascavo, manteiga e aveia. Tiramos os muffins do forno cedo demais, porque não aguentamos esperar, e comemos enquanto ainda estavam soltando fumaça, meio crus no meio. Eu comi três. Sentada ali com Susannah, vendo-a passar manteiga em seu bolinho, senti como se ela fosse viver para sempre.

Por algum motivo começamos a falar sobre bailes de formatura. Susannah adorava falar de coisas de menina. Ela dizia que eu era a única pessoa com quem podia conversar sobre aquilo. Minha mãe não se interessava pelo assunto, nem Conrad e Jeremiah. Só eu, sua filha postiça.

— Não se esqueça de me mandar fotos do seu primeiro baile — pediu.

Eu ainda não tinha ido a nenhum baile ou festa do colégio. Ninguém havia me convidado, e eu não tinha muita vontade de ir. A única pessoa com quem eu queria realmente ir não estudava na minha escola.

— Vou mandar. Vou usar aquele vestido que você me deu no verão passado — disse a ela.

— Que vestido?

— O daquele dia no shopping, o lilás. Você e minha mãe brigaram por causa dele, lembra? Depois você o colocou na minha mala.

Ela franziu o cenho, confusa.

— Eu não comprei vestido nenhum. Laurel daria um chilique. — O rosto dela se iluminou, e então sorriu. — Sua mãe deve ter voltado na loja e comprado pra você.

— Minha mãe?

Minha mãe nunca faria uma coisa dessas.

— Sim, sua mãe. É a cara dela.

— Mas ela nunca disse nada… — Minha voz falhou.

Eu nem tinha considerado a possibilidade de minha mãe ter comprado o vestido.

— Ela não diria. Ela não é assim. — Susannah se inclinou por cima da mesa e pegou minha mão. — Você é a garota mais sortuda do mundo por tê-la como mãe. Você sabe disso.

* * *

O céu estava cinzento, e o ar, frio. Ia chover.

Tinha tanta neblina lá fora que levei um minuto para localizá-lo. Finalmente consegui avistá-lo, a cerca de um quilômetro. Ele sempre vinha pela praia. Estava lá sentado, os joelhos junto ao peito. Ele não olhou para mim quando me sentei ao seu lado. Continuou olhando para o mar.

Seus olhos pareciam dois abismos; não havia nada neles. O garoto que eu pensava conhecer tão bem não existia mais. Ele parecia tão perdido, sentado ali. Senti aquela velha força que me atraía para ele, aquele desejo de compartilhar a vida com ele, de modo que, não importava em que lugar do mundo ele estivesse, eu estaria junto. Eu o encontraria e o levaria para casa. E cuidaria dele, como Susannah queria.

Fui a primeira a falar.

— Desculpa. Eu sinto muito, de verdade. Se eu soubesse...

— Por favor, para de falar — pediu ele.

— Desculpa — sussurrei, começando a me levantar.

Eu sempre falava a coisa errada.

— Fica — disse Conrad, e seus ombros desabaram, assim como o rosto.

Ele escondeu o rosto com as mãos, e pareceu ter cinco anos de novo. Nós dois tínhamos cinco anos de novo.

— Eu estou tão chateado com ela… — comentou ele, cada palavra saindo como uma lufada de ar.

Ele abaixou a cabeça, os ombros encurvados. Finalmente estava chorando.

Eu o observei em silêncio. Sentia como se estivesse invadindo um momento particular, algo que ele nunca me deixaria ver se não estivesse tão triste. O antigo Conrad gostava de estar no controle.

Senti aquele velho empuxo, a correnteza me levando de novo. Continuava presa àquela corrente — a do primeiro amor. O primeiro amor continuava me trazendo de volta a isso, a ele. Eu ainda perdia o fôlego só de ficar perto dele. Tinha passado a noite anterior pensando que o superara, pensando que eu estava livre, que o tinha esquecido. Só que não importava o que ele dissesse ou fizesse: eu nunca o esqueceria.

Eu me perguntei se era possível acabar com a dor de alguém com um beijo. Porque era isso que eu queria fazer: tirar dele toda dor e sofrimento, confortá-lo, trazer de volta o menino que eu conhecia. Estiquei a mão e toquei a nuca dele. Conrad se inclinou para a frente, em um movimento quase imperceptível, mas não tirei a minha mão. Eu a deixei ali, acariciando a parte de trás do cabelo dele, então o puxei pela nuca, fazendo

ele se virar para mim, e o beijei. O beijo começou hesitante, mas então ele correspondeu, e estávamos nos beijando. Os lábios dele eram quentes e desesperados. Conrad precisava de mim. Minha mente se esvaziou, e eu só conseguia pensar: *Estou beijando o Conrad Fisher, e ele está retribuindo*. Susannah estava morrendo, e eu estava beijando o Conrad.

Foi ele quem parou.

— Desculpa — disse, rouco.

Toquei meus lábios com as costas da mão.

— Pelo quê?

Eu não consegui evitar prender a respiração.

— Não pode ser assim. — Ele parou de falar, então recomeçou. — Eu penso em você. Você sabe. Só que eu não posso… Você pode… Pode ficar aqui comigo?

Fiz que sim com a cabeça. Estava com medo de abrir a boca.

Peguei a mão dele e a apertei, e essa pareceu a coisa mais certa que eu fazia em muito tempo. Ficamos sentados na areia, de mãos dadas, como se fosse algo que sempre fazíamos. Começou a chover bem fraquinho. Os primeiros pingos caíram na areia espalhando grãozinhos para longe.

Então a chuva apertou. Eu queria me levantar e voltar para dentro de casa, mas não consegui dizer isso a Conrad. Então fiquei sentada ali com ele, de mãos dadas, sem falar nada. Todo o resto parecia muito distante, e só nós dois existíamos.

44

PERTO DO FIM do verão, tudo pareceu desacelerar, se encaminhar para uma conclusão. Era como quando nevava. Certa vez houve uma grande nevasca, e ficamos duas semanas sem aulas. Depois de um tempo, tudo que você quer é sair de casa, mesmo que seja para ir à escola. Ficar na casa de praia era meio que isso. Mesmo o paraíso pode ser sufocante às vezes. Tinha um limite para quantas vezes dava para ficar na praia sem fazer nada antes de sentir que já era hora de acabar com aquilo. Eu sempre me sentia assim quando faltava uma semana para irmos embora. E, claro, quando a hora realmente chegava, nunca me sentia pronta. Queria ficar para sempre. Era tipo em *Ardil-22*, uma contradição em termos. Assim que entrávamos no carro, a caminho de casa, tudo que eu queria era saltar e correr de volta para a casa de praia.

Cam me ligou duas vezes, mas não atendi nenhuma. Deixei cair na caixa postal. Na primeira vez, ele não deixou mensagem. Na segunda, disse: "Oi, sou eu, Cam… Espero que a gente consiga se ver antes de irmos embora. Mas, se não conseguirmos… Bem, foi legal conhecer você. Bom, é isso. Liga pra mim, se quiser."

Eu não sabia o que dizer a ele. Eu amava Conrad e provavelmente sempre amaria. Passaria minha vida inteira o amando, de um jeito ou de outro. Talvez eu me casasse, talvez tivesse uma família, mas nada disso teria importância, porque um pedaço do meu coração, o pedaço onde os verões ficam guardados, sempre seria do Conrad. Como dizer isso a Cam? Como dizer que ele também teria um pedaço do meu coração? Ele foi o primeiro garoto que disse que eu era bonita, e aquilo significava alguma coisa. Mas eu não era capaz de dizer nada daquilo a ele, então fiz a única coisa em que pude pensar: me afastei. Não retornei a ligação.

Com Jeremiah foi mais fácil — e com isso quero dizer que ele pegou leve comigo. Não me pressionou, só fingiu que nada havia acontecido, que a conversa na sala de TV nunca tinha existido. Ele voltou a contar piadas e a ser o Jeremiah de sempre.

Eu finalmente entendi Conrad. Quer dizer, eu entendi o que ele quis dizer quando falou que não conseguia lidar com tudo aquilo, comigo. Eu também não conseguia. Só queria passar cada segundo na casa de praia com Susannah. Aproveitar até a última gota do verão e fingir que aquele era igual a todos os verões que já tínhamos passado juntos. Era tudo que eu queria.

45

Eu detestava a véspera da partida, porque era dia de faxina e, quando éramos pequenos, éramos proibidos de ir à praia, para não levarmos areia para dentro de casa. Lavávamos toda a roupa de cama e varríamos a areia, colocávamos todas as pranchas e boias no porão, limpávamos a geladeira e preparávamos sanduíches para comer na viagem. Minha mãe assumia o comando esses dias. Ela fazia questão. "Assim fica tudo pronto pra próxima vez", dizia. O que ela não sabia era que Susannah contratava faxineiras depois que saíamos e antes que voltássemos no ano seguinte.

Peguei Susannah ligando para a empresa de limpeza uma vez, agendando uma visita. Ela cobriu o bocal do telefone com a mão e sussurrou, culpada: "Não conte pra sua mãe, Belly, está bem?"

Fiz que sim com a cabeça. Era um segredo nosso, e eu gostava daquilo. Minha mãe gostava de limpar a casa e não acreditava que faxineiras ou empregados devessem fazer aquilo que ela considerava nosso trabalho. Ela sempre perguntava: "Você pediria a outra pessoa que escovasse seus dentes ou amarrasse seu cadarço só porque pode pagar?" A resposta era não.

"Não ligue tanto pra areia", sussurrava Susannah, quando me via entrando na cozinha com uma vassoura pela terceira vez. Eu varria mesmo

assim. Sabia o que minha mãe diria se pisasse em um grãozinho que fosse.

* * *

Naquela noite, no jantar, comemos todas as sobras que restavam na geladeira. Era uma tradição. Minha mãe assou duas pizzas congeladas, requentou yakisoba e arroz chinês, fez uma salada aproveitando os tomates e uma alface murcha. Também tinha um pouco de sopa de mexilhões e umas costelinhas de porco, além da salada de batatas que Susannah fizera mais de uma semana antes. Era uma mistureba de comida velha que ninguém queria.

Mas todo mundo comeu. Nós nos sentamos à mesa da cozinha, examinando as travessas cobertas com papel-alumínio. Conrad ficava me olhando; toda vez que eu olhava de volta, ele desviava o olhar. Queria dizer a ele que eu estava ali, que sempre estaria.

Estávamos todos quietos quando Jeremiah quebrou o silêncio, como alguém que quebra a casquinha de um *crème brûlée*.

— Esta salada de batatas tem gosto de mau hálito — reclamou.

— Deve ser sua boca — retrucou Conrad.

Todos rimos, e foi um alívio. Porque tínhamos do que rir. Porque era diferente de tristeza.

Então Conrad anunciou:

— Esta costelinha está mofada.

E começamos a rir de novo. Parecia que eu não ria fazia muito tempo.

Minha mãe revirou os olhos.

— Mofo não mata, é só raspar. Dá aqui pra mim. Eu como.

Conrad ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo, depois equilibrou a costelinha com o garfo e a depositou no prato da minha mãe, fazendo firula.

— Bom proveito, Laurel.

— Você mima demais esses garotos, Beck — reclamou minha mãe, e tudo parecia normal novamente, como uma noite qualquer. — Belly foi criada comendo sobras, não foi, chuchuzinho?

— Fui. Fui uma criança negligenciada, alimentada apenas com comida velha que ninguém mais queria.

Minha mãe segurou um sorrisinho e empurrou a salada de batatas para mim.

— Mimo mesmo — disse Susannah, fazendo carinho no ombro de Conrad e depois na bochecha de Jeremiah. — Eles são uns anjinhos. Por que eu não os mimaria?

Os meninos se entreolharam por um segundo. Então Conrad falou, esticando os braços para bagunçar o cabelo do irmão:

— Eu sou um anjinho. Jere está mais pra um querubim.

Jeremiah afastou a mão dele.

— Conrad não tem nada de anjo. É um demônio.

Era como se a briga não tivesse existido. Garotos são assim: eles brigam e depois esquecem.

Minha mãe pegou a costelinha que Conrad tinha passado para ela, examinou a carne e largou.

— É, não dá pra comer isto mesmo — anunciou, com um suspiro.

— Mofo não mata — declarou Susannah, rindo e tirando o cabelo da frente dos olhos. Ela ergueu o garfo. — Sabe o que mata?

Todos a encaramos.

— Câncer — disse, triunfante.

Susannah tinha a melhor cara de paisagem do mundo. Sustentou a expressão impassível por quatro segundos antes de explodir em uma gargalhada. Afagou o cabelo de Conrad até que ele finalmente esboçou um sorrisinho. Dava para ver que ele não queria sorrir, mas sorriu. Por ela.

— Ouçam. Vai ser assim. Eu vou ao meu acupunturista. Vou tomar os remédios. Vou continuar lutando contra isso da melhor maneira possível. Meu médico diz que, a esta altura, é o máximo que posso fazer. Eu me recuso a envenenar ainda mais meu corpo ou a passar mais tempo em hospitais. Quero ficar com as pessoas que importam pra mim, ok?

Ela nos olhou.

— Ok — respondemos, ainda que aquilo não parecesse nem um pouco ok. Nunca seria ok.

Susannah continuou:

— Quando eu for embora, não quero ter a aparência de alguém que passou a vida inteira em um hospital. Quero pelo menos estar bronzeada. Tão bronzeada quanto a Belly.

Ela apontou para mim com o garfo.

— Beck, você vai precisar de mais tempo para ficar tão bronzeada quanto a Belly. Não dá pra conseguir essa cor em um único verão. Minha filha não nasceu bronzeada, levou anos pra ficar assim. E você ainda não está pronta — ponderou minha mãe, falando de maneira simples e lógica.

Susannah ainda não estava pronta. Nenhum de nós estava.

* * *

Depois do jantar, cada um foi arrumar sua mala. A casa ficou silenciosa — silenciosa até demais. Fiquei no meu quarto, guardando roupas, sapatos e livros na mala. Até que chegou a vez de guardar meu maiô. Eu ainda não estava pronta. Queria dar mais um mergulho.

Coloquei o maiô e fiz dois bilhetes, um para Jeremiah e outro para Conrad. Em cada um deles escrevi: "Mergulho à meia-noite. Me encontre em dez minutos." Deslizei um bilhete embaixo da porta do quarto de cada um e desci a escada correndo o mais rápido que consegui, a toalha balançando atrás de mim como uma bandeira. Eu não podia deixar que o verão terminasse daquele jeito. Não podíamos ir embora sem compartilhar pelo menos um momento feliz juntos.

A casa estava escura, e andei até o quintal sem acender as luzes. Não precisava, eu sabia o caminho de cor.

Assim que cheguei do lado de fora, mergulhei na piscina. Foi mais um pulo de barriga que um mergulho. O último do verão, talvez o último da minha vida — pelo menos naquela casa. A lua estava branca e brilhante, e fiquei esperando pelos garotos boiando de costas, contando estrelas e ouvindo o barulho do mar. Quando a maré estava baixa como naquela noite e as ondas sussurravam e gorgolejavam, parecia uma canção de ninar. Eu queria viver aquele momento para sempre. Como se estivesse em um daqueles globos de neve. Um momento congelado no tempo.

Os garotos da Beck chegaram juntos. Deviam ter se encontrado na escada. Estavam usando seus calções de banho. Eu me dei conta de que não tinha visto Conrad de calção o verão inteiro, que não ficávamos juntos na piscina desde o primeiro dia. E, com Jeremiah, eu tinha nadado apenas no mar, e só umas duas vezes. Quase não havia nadado naquele verão, só com Cam ou sozinha. Pensar naquilo me deixou extremamente triste. Aquele poderia ter sido nosso último verão e quase não tínhamos nadado juntos.

— Oi — cumprimentei, ainda boiando de costas.

Conrad mergulhou o dedo do pé na água.

— Não está meio frio pra nadar?

— Medroso! — gritei. — Pule na água e acabe logo com isso.

Eles se entreolharam. Então Jeremiah correu e se jogou na piscina como uma bomba, e Conrad fez o mesmo. Eles espalharam duas montanhas de água e eu engoli vários litros, porque estava rindo, mas não liguei.

Nadamos até a parte funda da piscina, e fiquei batendo os pés para me manter na superfície. Conrad esticou o braço e tirou minha franja da frente dos olhos. Foi um gesto sutil, mas Jeremiah viu. Ele se virou, nadando até a borda da piscina.

Fiquei meio triste por um segundo, mas então, de repente, do nada, a lembrança me veio à mente. Uma memória guardada em meu coração como uma folha seca no meio de um livro. Levantei os braços e comecei a girar em círculos, como uma bailarina aquática.

Rodando, comecei a recitar:

— Maggie, Milly, Molly e May / Foram à praia passear outra vez / Maggie encontrou uma concha encantada / E seus problemas sumiram no que a concha cantava. / Milly brincou com uma estrela solitária / Os cinco bracinhos moles, na areia esticados...

Jeremiah riu.

— Molly só viu um monstro terrível / que a perseguiu com um sopro de bolhas temível. / May voltou com uma pedra redonda / pequena e solitária como o mundo que a ronda...

Então, até Conrad se juntou no fim do poema, quando falamos, ao mesmo tempo:

— Mas não importa quanto ou no quê nos percamos / é sempre no mar que nos encontramos.

Fez-se um silêncio, ninguém disse uma palavra.

Era o poema preferido da Susannah. Ela nos ensinara quando éramos crianças, havia muito tempo, em uma de suas caminhadas pela natureza, enquanto nos mostrava conchas e águas-vivas. Naquele dia, andamos pela praia, de mãos dadas, e recitamos o poema, falando tão alto que eu achei que iríamos acordar os peixes. Sabíamos aquele poema de cor, assim como sabíamos o juramento à bandeira.

— Esse pode ser nosso último verão aqui — comentei, de repente.

— Sem chance — discordou Jeremiah, boiando ao meu lado.

— Conrad vai para a faculdade, e você para o acampamento de futebol… — lembrei.

Ainda que o fato de Conrad ir para a faculdade e Jeremiah para as duas semanas de acampamento não tivesse nada a ver com o fato de que não voltaríamos no próximo verão, não mencionei o que nós estávamos pensando: que Susannah estava doente, que ela poderia não ficar boa, que *ela* era o laço que nos mantinha unidos.

Conrad balançou a cabeça.

— Não importa. Sempre vamos voltar.

Por um momento, eu me perguntei se ele estava se referindo apenas a ele e a Jeremiah, mas então ele completou:

— Todos nós.

Fiquei em silêncio outra vez, até que tive uma ideia.

— Vamos fazer um redemoinho! — falei, batendo palmas.

— Você é uma criança — resmungou Conrad, sorrindo para mim e balançando a cabeça.

Pela primeira vez, não me importei que ele me chamasse de criança. Senti como se fosse um elogio.

Fui até o meio da piscina.

— Venham, garotos!

Eles nadaram até mim, então fizemos uma roda, dando as mãos, e começamos a girar o mais rápido que podíamos.

— Mais rápido! — gritou Jeremiah, rindo.

Então paramos e deixamos nossos corpos serem levados pelo redemoinho, como sempre fazíamos. Joguei a cabeça para trás e deixei a água me levar.

46

NÃO RECONHECI A voz quando ele ligou, em parte porque eu não estava esperando e em parte porque eu ainda estava meio dormindo.

— Estou no carro, a caminho da sua casa. Podemos nos ver? — perguntou.

Era meia-noite e meia. Boston ficava a cinco horas e meia de distância. Ele tinha dirigido a noite inteira. Porque queria me ver.

Pedi a ele que estacionasse no fim da rua, dizendo que o encontraria na esquina depois que minha mãe fosse dormir. Ele disse que ia esperar.

Apaguei as luzes e fiquei esperando na janela, prestando atenção nos faróis. Tive vontade de ir correndo assim que avistei o carro dele, mas precisava esperar. Ainda podia ouvir minha mãe vagando para lá e para cá no quarto dela, e sabia que ficaria lendo na cama por pelo menos meia hora antes de pegar no sono. Era uma tortura saber que ele estava logo ali, me esperando, e eu não podia ir ao encontro dele.

* * *

No escuro, coloquei o cachecol que minha avó tinha tricotado para mim no Natal. Então fechei a porta do quarto e fui pisando na ponta dos pés pelo corredor, até o quarto da minha mãe, e encostei a orelha na porta. A luz estava apagada, e pude ouvi-la roncando baixinho. Para minha sorte, Steven sequer havia chegado em casa — ainda bem, porque ele tinha o sono leve como o do nosso pai.

Minha mãe finalmente estava dormindo, a casa estava quieta e silenciosa. Nossa árvore de Natal ainda estava montada. Deixávamos as luzinhas acesas a noite toda, porque aquilo me fazia sentir que ainda era Natal, como se a qualquer minuto Papai Noel pudesse aparecer com presentes. Não deixei um bilhete para minha mãe. Eu ligaria para ela pela manhã, quando acordasse e procurasse por mim.

Desci a escada lentamente, tomando o cuidado de evitar o degrau do meio, que rangia, mas, assim que me vi do lado de fora, corri pelos degraus da entrada e atravessei o jardim congelado. A grama quebrava sob a sola dos meus tênis. Eu tinha me esquecido de vestir um casaco. Só me lembrei do cachecol, mas não do casaco.

O carro de Conrad estava na esquina, bem onde eu achei que estaria. Estava todo apagado, e abri a porta do lado do passageiro como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes. Mas não tinha. Eu nunca havia estado dentro daquele carro. Eu não o via desde agosto.

Enfiei a cabeça para dentro, mas não entrei. Queria olhar para ele primeiro. Era inverno, e ele vestia uma camisa de flanela cinza. O rosto estava rosado por causa do frio; o bronzeado já tinha desbotado, mas ele parecia o mesmo de sempre.

— Oi — cumprimentei, entrando no carro.

— Você está sem casaco — observou ele.

— Não está tão frio assim — respondi, embora estivesse, e apesar de eu estar tremendo ao dizer isso.

— Toma — ofereceu ele, tirando a camisa de flanela e me entregando.

Vesti a camisa. Estava quente e não cheirava a cigarro. Tinha o cheiro dele. Então Conrad havia parado de fumar, afinal. Pensar nisso me fez sorrir.

Ele deu partida no motor.

— Não acredito que você está aqui — falei.

— Nem eu. — Ele tinha um ar quase tímido, hesitante. — Você ainda vem comigo?

Ele nem precisava perguntar. Eu iria a qualquer lugar com ele.

— Sim — respondi.

Era como se nada mais existisse além daquela palavra, além daquele momento. Só havia nós dois. Tudo que tinha acontecido no verão anterior, e em cada verão antes daquele, nos levara até ali. Até agora.

Agradecimentos

Primeiro e sempre, agradeço às mulheres Pippin: Emily van Beek, Holly McGhee e Samantha Cosentino. Obrigada à minha editora extraordinária Emily Meehan, que me apoiou como ninguém, e também a Courtney Bongiolatti, Lucy Ruth Cummins e todo mundo na S&S. Muito obrigada a Jenna, Beverly e à Calhoun School pelo apoio constante à minha carreira de escritora. Agradeço ao grupo de escrita Longstockings, e a uma pessoa em particular, que se encontrou comigo toda segunda-feira e me apoiou — é você mesmo, Siobhan! E obrigada a Aram, que me inspirou a escrever sobre a amizade eterna, do tipo que vai além de namorados, praias, filhos e vidas.


SEM VOCÊ NÃO É VERÃO
Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei
Jenny Han
intrínseca

SEM VOCÊ NÃO É VERÃO

Jenny Han

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON

intrínseca

Copyright © 2010 by Jenny Han
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
It's Not Summer Without You

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

REVISÃO
Rayssa Galvão
Juliana Werneck

DIREÇÃO DE ARTE
Lucy Ruth Cummins

ARTE DE CAPA
©2017 Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

J + S para sempre

1

2 de julho

ERA UM DIA quente de verão em Cousins. Eu estava deitada à beira da piscina cobrindo o rosto com uma revista aberta. Minha mãe jogava paciência na varanda, e Susannah andava de um lado para o outro na cozinha — provavelmente não demoraria a sair de lá com um copo de chá gelado e um livro para mim. Alguma história romântica.

Conrad, Jeremiah e Steven tinham passado a manhã toda surfando. Caíra uma tempestade na noite anterior. Conrad e Jeremiah voltaram para casa primeiro, e os ouvi antes de vê-los. Os dois subiram os degraus da varanda às gargalhadas por Steven ter perdido a bermuda depois de ser atingido por uma onda forte. Conrad veio até mim, levantou a revista molhada com o suor do meu rosto e sorriu.

— Tem palavras coladas na sua cara — avisou.

Eu o encarei, estreitando os olhos.

— Quais?

Ele se agachou ao meu lado e disse:

— Não sei ao certo. Deixa eu ver.

E então olhou para o meu rosto muito sério. Ele se inclinou na minha direção e me beijou, com os lábios frios e salgados da água do mar.

— Ei, vocês dois, vão fazer isso em um lugar com mais privacidade — disse Jeremiah, mas eu sabia que ele estava brincando.

Ele deu uma piscadela para mim, se aproximando por trás, levantou Conrad e o atirou na piscina.

Depois se jogou na água também, gritando:

— Vem, Belly!

Claro que entrei com eles. A água estava ótima. Melhor do que ótima. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu realmente queria estar.

* * *

— Ei! Ouviu alguma coisa do que acabei de dizer?

Reabri os olhos. Taylor estava estalando os dedos diante do meu rosto.

— Desculpe. O que você estava dizendo?

Eu não estava em Cousins. Conrad e eu não éramos mais um casal, e Susannah já não estava mais entre nós. Nada jamais voltaria a ser como antes. Já fazia — *Quantos dias fazia? Quantos dias exatamente?* — dois meses que Susannah havia morrido, e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia me fazer acreditar. Quando alguém que amamos morre, não parece real. É como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Como se fosse a vida de outra pessoa. Eu nunca fui boa com coisas abstratas. O que significa quando alguém vai embora de verdade, para sempre?

Às vezes, eu fechava os olhos e pensava, sem parar: *não é verdade, não é verdade, isso não é real*. *Isso não é minha vida*. Mas era minha vida. Era o que minha vida se tornara. Depois de tudo.

Eu estava no quintal da Marcy Yoo. Os garotos se divertiam na piscina, e as garotas estavam enfileiradas deitadas em toalhas de praia. Eu era amiga da Marcy, mas as outras, Katie, Evelyn e mais algumas, eram amigas da Taylor.

Era pouco depois do meio-dia, e já passava dos 30 graus; seria uma tarde quente. Eu estava deitada de barriga para baixo, sentindo o suor se acumulando na parte inferior das minhas costas. Estava começando a ficar

com insolação. Era apenas o segundo dia de julho e eu já contava os dias para o verão acabar.

— Eu *perguntei* o que você vai usar na festa do Justin — repetiu Taylor.

Nossas toalhas estavam tão próximas que pareciam uma única toalha imensa.

— Não sei — respondi, virando a cabeça para ficar de frente para ela.

Havia gotículas de suor no nariz de Taylor, onde ela sempre suava primeiro.

— Vou usar aquele vestido novo que comprei com a minha mãe no shopping — comentou.

Fechei os olhos outra vez. Como eu estava com óculos de sol, ela não sabia se meus olhos estavam abertos ou não.

— Qual? — perguntei.

— Aquele de bolinhas que amarra no pescoço. Eu te mostrei há uns dois dias.

Taylor soltou um suspiro impaciente.

— Ah, sim — falei, embora ainda não lembrasse, e sabia que Taylor tinha noção disso.

Comecei a dizer outra coisa, elogiando o vestido, mas de repente senti algo gelar minha nuca. Soltei um gritinho, e lá estava Cory Wheeler, agachado ao meu lado com uma lata de Coca-Cola na mão, se contorcendo de tanto rir.

Eu me sentei e olhei furiosa para ele, passando a mão na nuca. Já estava de saco cheio daquele dia e só queria ir para casa.

— Que droga, Cory!

Ele continuou rindo, o que me deixou ainda mais irritada.

— Cara, como você é imaturo.

— Mas você parecia estar com muito calor — retrucou ele. — Eu só estava tentando ajudar você a se refrescar.

Não respondi nada, apenas continuei com a mão na nuca. Meu maxilar estava tenso, e percebi que todas as outras meninas olhavam para mim. Então, o sorriso de Cory meio que desapareceu, e ele disse:

— Me desculpe. Quer a Coca?

Balancei a cabeça, e ele voltou para a piscina. Então vi Katie e Evelyn fazendo uma expressão tipo *qual é o problema dela?* e fiquei sem graça. Ser agressiva com o Cory era como ser agressiva com um filhote de pastor-

alemão: simplesmente não fazia sentido. Tarde demais. Tentei fazer contato visual com ele, mas Cory não voltou a olhar para mim.

— Foi só uma brincadeira, Belly — murmurou Taylor.

Eu me deitei de novo na toalha, desta vez de barriga para cima. Inspirei fundo e soltei o ar lentamente. A música que saía da caixa de som ligada ao iPod de Marcy estava alta demais e me deixando com dor de cabeça. E eu estava *mesmo* com sede. Devia ter aceitado aquela Coca que o Cory ofereceu.

Taylor se inclinou na minha direção e levantou meus óculos para espiar meus olhos.

— Você está brava?

— Não. É só que está quente demais aqui.

Sequei o suor da testa com o braço.

— Não fique brava. O Cory não consegue deixar de agir feito um idiota perto de você. É que ele gosta de você.

— O Cory não gosta de mim — retruquei, desviando os olhos.

Mas ele meio que gostava de mim, e eu sabia disso. Só queria que não gostasse.

— Bom, pense o que quiser, mas ele gosta muito de você. E ainda acho que você deveria dar uma chance a ele. Para esquecer um pouco você-sabe-quem.

Virei a cabeça para o outro lado, e ela continuou:

— E se eu fizer uma trança do tipo boxeadora no seu cabelo para a festa de hoje à noite? Posso trançar só a parte da frente e prender na lateral, como da última vez.

— Tudo bem.

— O que você vai usar?

— Não sei ainda.

— Bom, você vai ter que ir bonita, porque vai estar todo mundo lá — disse Taylor. — Eu vou mais cedo pra sua casa, e a gente pode se arrumar juntas.

* * *

Desde o oitavo ano, Justin Ettelbrick dava uma grande festa de aniversário todo mês de julho, quando eu já estava em Cousins Beach, e minha casa, a

escola e os amigos da escola estavam a milhões de quilômetros de distância. Eu nunca me importara de perder a festa, nem mesmo quando Taylor me contou da máquina de algodão-doce que os pais de Justin alugaram, ou dos fogos de artifício incríveis que eles soltavam acima do lago, à meia-noite.

Era o primeiro verão que eu estaria em casa para a festa de Justin, e era o primeiro verão que eu não iria para Cousins. E com isso eu me importava. Isso eu lamentava. Eu achava que passaria todos os verões da minha vida em Cousins. A casa de praia era o único lugar onde eu queria estar — era o único lugar onde eu queria estar na vida.

— Você vai mesmo, né? — perguntou Taylor.

— Sim. Eu disse que ia.

Ela franziu o nariz.

— Eu sei, mas... — Ela hesitou. — Ah, deixa pra lá.

Eu sabia que Taylor esperava que as coisas voltassem ao normal, que tudo fosse como antes. Mas as coisas jamais poderiam ser como antes. Eu nunca mais seria como antes.

Eu costumava acreditar; achava que, se quisesse muito alguma coisa, se desejasse o bastante, tudo aconteceria como deveria. Era o destino, como dizia Susannah. Eu pedia por Conrad em todos os aniversários, a cada estrela cadente, a cada cílio meu que caía. Toda moeda atirada em uma fonte era dedicada àquele a quem eu amava. Eu achava que sempre seria assim.

Taylor queria que eu esquecesse Conrad, que eu simplesmente o apagasse da minha vida e da memória. Ficava dizendo coisas como "todo mundo precisa superar o primeiro amor, é um rito de passagem". Mas Conrad não era apenas meu primeiro amor. Ele não era um mero rito de passagem. Era muito mais que isso. Ele, Jeremiah e Susannah eram a minha família. Em minhas lembranças, os três estariam sempre interligados, conectados para sempre. Não poderia haver um sem os outros.

Se eu esquecesse Conrad, se o expulsasse do meu coração, fingisse que ele nunca havia existido, seria como se eu fizesse a mesma coisa com Susannah. E isso eu não podia fazer.

2

ANTES, NA SEMANA em que as aulas acabavam, em junho, nós colocávamos todas as coisas no carro e partíamos direto para Cousins. Minha mãe ia ao supermercado no dia anterior e comprava suco de maçã e caixas enormes de barras de cereal, protetor solar e cereal integral. Quando eu implorava para ela comprar as marcas de cereais mais açucaradas, minha mãe dizia: "A Beck vai ter uma porção de cereal que estraga os dentes, não se preocupe." Claro que ela tinha razão. Susannah — que minha mãe chamava de Beck — adorava as marcas de cereais que só as crianças comiam, exatamente como eu. Nós comíamos muito cereal na casa de praia. Nunca dava tempo de eles ficarem mofados. Teve um verão em que os meninos comeram cereal no café da manhã, no almoço e no jantar. Meu irmão, Steven, comia Frosted Flakes; Jeremiah era fã do Cap'n Crunch; e Conrad, do Corn Pops. Jeremiah e Conrad eram os filhos da Beck e adoravam seus cereais. Eu comia qualquer coisa que sobrasse e que fosse coberta de açúcar.

Passei todos os verões da minha vida em Cousins. Nunca deixamos de ir para lá no verão, em nenhum ano. Foram quase dezessete anos que passei brincando de alcançar os garotos, com a esperança e o desejo de que um dia

eu tivesse idade suficiente para participar do grupinho deles. O grupinho dos garotos do verão. Eu finalmente chegara lá, mas já era tarde demais. Na piscina, na última noite do último verão, dissemos que sempre voltaríamos. É assustadora a facilidade com que promessas são quebradas. Assim, do nada.

Quando voltei para casa, no verão passado, eu esperei. Agosto virou setembro, as aulas começaram, e continuei esperando. Não que Conrad e eu tivéssemos trocado declarações. Não que ele fosse meu namorado. Tudo que fizemos foi nos beijar. Ele estava indo para a faculdade, onde haveria um milhão de outras meninas, todas sem hora para voltar para casa. As garotas no alojamento dele eram todas mais inteligentes e mais bonitas que eu, todas novas e misteriosas, de um jeito que eu jamais poderia ser.

Eu pensava nele o tempo todo, me perguntava o que tudo aquilo tinha significado, o que éramos um para o outro. Porque não podíamos voltar atrás. Eu sabia que *eu* não podia. O que aconteceu entre nós — entre mim e Conrad, entre mim e Jeremiah — tinha mudado tudo. Assim, quando agosto começou e logo depois veio setembro e o telefone não tocou, tudo que eu precisei fazer foi pensar na maneira como ele olhara para mim naquela última noite, e eu soube que ainda havia esperança. Soube que não tinha imaginado tudo aquilo. Não poderia ter imaginado.

Segundo minha mãe, Conrad dividia um quarto no alojamento da faculdade com um colega chato de Nova Jersey, e Susannah estava preocupada que ele não estivesse se alimentando direito. Minha mãe me contava essas coisas casualmente, sem a menor cerimônia, para não ferir meu orgulho. Eu nunca a pressionava pedindo mais informações. A questão era que eu sabia que ele ligaria. *Sabia*. Bastava esperar.

Recebi a ligação na segunda semana de setembro, uns vinte dias depois que nos vimos pela última vez. Eu estava em casa, tomando sorvete de morango na sala, brigando com Steven pelo controle remoto. Eram nove da noite de segunda-feira, horário nobre na TV. O telefone tocou, e nem Steven nem eu fizemos menção de atender. Quem se levantasse perderia a batalha pela TV.

Minha mãe atendeu a ligação no escritório dela, depois trouxe o telefone até a sala, anunciando:

— Belly, é pra você. É o Conrad.

E deu uma piscadela.

Fiquei toda alvoroçada. O barulho do mar zumbia em meus ouvidos, meus tímpanos dominados pela agitação e pelo rugido das ondas. Senti uma espécie de barato. Foi o máximo. Eu tinha esperado, e aquela era a minha recompensa! Nunca foi tão bom estar certa, ter paciência.

Foi Steven quem me arrancou daquele devaneio. Franzindo a testa, ele perguntou:

— Por que o Conrad ligaria pra *você*?

Ignorei meu irmão, peguei o telefone e dei as costas para Steven, para o controle remoto e para o pote de sorvete derretendo. Nada disso importava.

Fiz Conrad esperar até eu chegar à escada antes de dizer qualquer coisa.

— E aí? — falei, me sentando nos degraus.

Tentei não sorrir. Sabia que ele perceberia o sorriso do outro lado da linha.

— E aí? — disse ele. — Como você está?

— Tudo bem.

— Adivinha só. Meu colega de quarto ronca ainda mais alto que você.

Conrad me ligou de novo na noite seguinte, e na outra. Conversávamos por horas. Steven ficava bem confuso quando o telefone tocava e era para mim, não para ele.

— Por que o Conrad fica ligando pra você? — perguntava meu irmão.

— Por que você acha? Ele gosta de mim. Nós gostamos um do outro.

Steven quase engasgou.

— Ele pirou — retrucou, balançando a cabeça.

— É tão impossível que Conrad Fisher goste de mim? — perguntei, cruzando os braços, desafiadora.

Ele nem precisou pensar na resposta.

— Sim. É completamente impossível.

E, para ser bem sincera, era mesmo.

* * *

Era como um sonho. Surreal. Depois de tanto desejar, pedir, querer, anos e anos de espera, verões inteiros, *ele* estava ligando para *mim*. Conrad gostava de conversar comigo. Eu o fazia dar risada mesmo quando ele não queria. Eu compreendia o que ele estava passando, porque meio que estava

passando por aquilo também. Havia poucas pessoas no mundo que amavam Susannah como nós. Eu achava que isso bastaria.

Nós nos tornamos alguma coisa, eu e ele, algo que nunca ganhou exatamente uma definição, mas era alguma coisa. Alguma coisa de verdade.

Teve vezes em que ele dirigiu as três horas e meia da faculdade até minha casa. E chegou a passar a noite aqui uma vez, porque ficou tão tarde que minha mãe não quis que ele voltasse dirigindo. Conrad ficou no quarto de hóspedes, e eu fiquei deitada na minha cama, acordada durante horas, pensando em como ele estava dormindo a apenas poucos metros de distância, justamente na *minha* casa.

Se Steven não tivesse ficado pairando sobre nós como uma doença, sei que Conrad teria pelo menos tentado me beijar. Mas com meu irmão por perto, foi basicamente impossível. Quando Conrad e eu estávamos vendo TV, Steven pulava bem no meio, entre nós dois. Ele conversava com Conrad sobre assuntos que eu não sabia ou que não me interessavam, tipo futebol. Uma vez, depois do jantar, perguntei a Conrad se ele queria tomar sorvete no Brusters, e Steven foi logo se metendo, todo animadinho: "Acho ótimo." Olhei furiosa para ele, que apenas sorriu. Conrad pegou na minha mão bem na frente de Steven e disse:

— Vamos todo mundo.

Então fomos todos, até minha mãe. Eu não podia acreditar que estava saindo com um cara tendo a minha mãe e o meu irmão como companhia no banco de trás do carro.

Mas, na verdade, isso só tornou aquela incrível noite de dezembro ainda melhor. Conrad e eu voltamos para Cousins, apenas nós dois. Noites perfeitas acontecem muito raramente, mas aquela foi assim. Perfeita. Foi o tipo de noite pela qual vale a pena esperar.

Fico feliz que tenhamos tido aquela noite.

Porque, em maio, tudo estava acabado.

3

SAÍ CEDO DA casa de Marcy. Disse a Taylor que eu queria descansar para a festa de Justin naquela noite. Em parte, era verdade. Eu realmente queria descansar, mas não estava nem aí para a festa. Assim que cheguei em casa, vesti uma camiseta larga com o nome de Cousins, enchi uma garrafa com refrigerante de uva e gelo picado e fiquei vendo TV até sentir dor de cabeça.

Por sorte, estava tudo na maior paz e silêncio, apenas o som da TV e do motor do ar-condicionado armando e desarmando. Eu tinha a casa toda só para mim. Naquele verão, Steven estava trabalhando na Best Buy, economizando para comprar uma TV de tela plana de 50 polegadas, que levaria para a faculdade no outono. Minha mãe estava em casa, mas passou o tempo todo trancada no escritório, colocando o trabalho atrasado em dia.

Eu compreendia. Se fosse ela, também ia querer ficar sozinha.

Taylor chegou perto das seis da tarde, munida de sua bolsa de maquiagem rosa-choque da Victoria's Secret. Entrou na sala, me viu deitada no sofá ainda de camiseta e franziu a testa.

— Belly, você ainda nem tomou banho?

— Para sua informação, eu tomei banho hoje de manhã — respondi, sem me levantar.

— É, e passou o dia todo deitada no sol.

Ela agarrou meus braços, e deixei que me levantasse até eu ficar sentada.

— Vamos logo, já pro banho.

Eu a acompanhei até o andar de cima, e ela foi para o meu quarto enquanto eu me dirigi ao banheiro do corredor. Tomei o banho mais rápido da minha vida. Taylor era uma grande enxerida e, deixada sozinha no meu quarto, ia bisbilhotar tudo sem o menor pudor, mexeria nas coisas como se fosse o quarto dela.

Quando entrei, ela estava sentada no chão, na frente do espelho. Com gestos rápidos, espalhava bronzeador no rosto.

— Quer que eu faça a sua maquiagem também?

— Não, obrigada — respondi. — Feche os olhos enquanto eu me visto, está bem?

Ela revirou os olhos antes de fechá-los.

— Belly, você é tão puritana.

— Sou mesmo — falei, colocando a calcinha e o sutiã. Então vesti a camiseta de Cousins de novo. — Pronto, pode olhar.

Taylor arregalou os olhos e passou rímel nos cílios.

— Posso fazer suas unhas. Tenho três cores novas.

— Não, não tem por quê.

Ergui as mãos. Minhas unhas estavam roídas até o sabugo.

Taylor deu um sorriso triste.

— E então, o que você vai usar?

— Isto aqui — respondi, disfarçando o sorriso.

Apontei para minha camiseta, que de tão usada já tinha buraquinhos ao redor da gola e era macia como um cobertor de criança. Queria poder usá-la para a festa.

— Engraçadinha — disse ela, indo de joelhos até meu armário.

Taylor se levantou e começou a vasculhar as roupas, empurrando cabides para o lado, como se já não conhecesse de cor todas as peças que eu tinha. Normalmente, eu não me importava com aquilo, mas, naquele dia, tudo estava me incomodando e me deixando irritada.

— Não se preocupe. Vou com meu short e uma regata.

— Belly, as pessoas se arrumam para as festas do Justin. Você não tem como saber, porque nunca foi a nenhuma, mas não pode simplesmente usar

seu short velho.

Taylor tirou meu vestido branco do armário. Eu o usara pela última vez no verão anterior, em uma festa com Cam. Susannah tinha dito que o vestido parecia emoldurar meu corpo.

Levantei, peguei o vestido da mão de Taylor e o coloquei de volta no armário.

— Esse está manchado — expliquei. — Vou encontrar outra coisa.

Taylor se sentou de volta na frente do espelho, dizendo:

— Bom, então usa aquele vestido preto com florezinhas. Ele deixa seus peitos incríveis.

— É justo demais, fica desconfortável.

— Ah, vai... Por favor!

Suspirando, tirei o vestido do cabide e o coloquei. Às vezes, era mais fácil simplesmente ceder aos pedidos de Taylor. Éramos melhores amigas desde pequenas; nossa amizade existia havia tanto tempo que era mais como um hábito, o tipo de coisa sobre a qual não temos muito o que dizer.

— Viu? Ficou lindo.

Ela veio até mim e fechou o zíper.

— Agora vamos falar sobre nosso plano de ação.

— Que plano de ação?

— Acho que você e Cory Wheeler deviam ficar.

— Taylor...

Ela ergueu a mão.

— Só me escute. O Cory é superlegal *e* supergatinho. Se ele malhasse e ficasse mais definido, seria gato tipo um modelo da Abercrombie.

Bufei, impaciente.

— Ora, por favor.

— Bom, ele pelo menos é tão gatinho quanto aquele que começa com C.

Ela nunca mais o chamara pelo nome. Agora, ele era apenas o "você sabe quem" ou "o que começa com C".

— Taylor, pare de ficar me pressionando. Eu não consigo esquecer o Conrad só porque você quer que eu esqueça.

— Você não pode pelo menos tentar? O Cory poderia ser só uma distração. Ele não ia se importar.

— Se você mencionar o Cory mais uma vez, eu não vou à festa — avisei, e estava falando sério.

Na verdade, eu meio que torci para ela falar nele de novo, só para eu ter uma desculpa para não ir.

Taylor arregalou os olhos.

— Está bem, está bem. Desculpa. Da minha boca não sai mais uma palavra sobre esse garoto.

Ela agarrou a bolsa de maquiagem e sentou na beira da minha cama; eu me sentei aos seus pés. Com um pente, repartiu meu cabelo, depois fez uma trança, com dedos rápidos e seguros. Quando terminou, prendeu a trança no topo da minha cabeça, puxando para a lateral. Nenhuma de nós disse nada enquanto ela fazia o penteado, até ela comentar:

— Adoro seu cabelo assim. Você fica parecendo uma americana nativa, tipo uma princesa Cherokee ou coisa parecida.

Comecei a rir, mas parei. Taylor me encarou pelo espelho e disse:

— Não tem problema em dar risada, sabe. Não há mal nenhum em se divertir.

— Eu sei — falei, mas na verdade não sabia.

* * *

Antes de sairmos, dei uma passada no escritório da minha mãe, que estava sentada diante da mesa com pastas e pilhas de papel. Susannah nomeara minha mãe executora de seu testamento, e acho que isso envolvia muita burocracia.

Minha mãe passava muito tempo ao telefone com o advogado de Susannah, analisando as informações. Ela queria que os últimos desejos de Beck fossem perfeitamente atendidos.

Susannah deixara para Steven e para mim um pouco de dinheiro para a faculdade. Também havia me deixado algumas joias: um bracelete de safira que eu não conseguia me imaginar usando, um colar de diamante para o dia do meu casamento — o que estava especificamente registrado por escrito —, um conjunto de brincos e anel de opala, meus preferidos.

— Mãe?

Ela ergueu os olhos para mim.

— Oi, filha.

— Você jantou?

Eu sabia que não. Ela não saíra do escritório desde que eu tinha chegado em casa.

— Não estou com fome. Se não tiver comida na geladeira, você pode pedir uma pizza.

— Posso preparar um sanduíche pra você.

Eu tinha ido ao mercado no começo da semana. Steven e eu estávamos nos revezando. Eu duvidava de que ela sequer tinha se dado conta de que era o fim de semana do feriado de Quatro de Julho.

— Não, tudo bem. Eu mesma preparo alguma coisa mais tarde.

— Está bem. — Mas hesitei. — Taylor e eu vamos a uma festa. Não vou chegar muito tarde.

Parte de mim esperava que ela me dissesse para não sair. Parte de mim queria se oferecer para ficar em casa e fazer companhia a ela, para ver se talvez ela quisesse fazer pipoca e ver o que estava passando no canal de filmes clássicos.

Mas minha mãe já havia voltado para a papelada e estava mordiscando a caneta.

— Parece legal. Se cuide.

Fechei a porta ao sair.

Taylor esperava por mim na cozinha, mandando mensagens de texto pelo celular.

— Vamos logo.

— Espere um pouco, só preciso fazer mais uma coisa.

Fui até a geladeira e peguei os itens para preparar um sanduíche de peito de peru, mostarda, queijo e pão branco.

— Belly, vai ter comida na festa. Não coma isso agora.

— É para minha mãe — respondi.

Preparei o sanduíche, coloquei em um prato, cobri com filme plástico e o deixei em cima do balcão, onde ela o veria.

* * *

A festa de Justin era tudo que Taylor disse que seria. Metade da nossa turma estava lá, e os pais dele não pareciam estar por perto. Tochas de bambu iluminavam o jardim, e as caixas de som praticamente vibravam, de tão alta que estava a música. As meninas já estavam dançando.

Havia um barril grande e um imenso cooler vermelho. Justin cuidava da grelha, assando carne e linguiça. Estava usando um avental com a frase BEIJE O CHEF.

— Como se alguém fosse ficar com ele — zombou Taylor.

Ela tinha dado uma chance a Justin no começo do ano, antes de ficar com o atual namorado, Davis. Taylor e Justin saíram algumas vezes antes de ele trocá-la por uma garota mais velha.

Eu tinha me esquecido de passar repelente, e os mosquitos estavam me devorando, então eu não parava de abaixar para coçar as pernas, mas até que estava contente por ter alguma coisa para fazer. Eu estava com medo de fazer contato visual com Cory sem querer. Ele estava perto da piscina.

As pessoas bebiam cerveja em copos plásticos vermelhos. Taylor pegou uns drinques com fruta e vinho para nós duas. O meu se chamava *Fuzzy Navel*. Estava muito doce e tinha gosto de produtos químicos. Tomei dois goles antes de jogar fora.

Então Taylor viu Davis perto da mesa em que jogavam a bola de pingue-pongue dentro de copos de cerveja, levou um dos dedos aos lábios e agarrou minha mão. Nós nos aproximamos por trás dele, e Taylor passou os braços pelas costas do namorado, anunciando:

— Peguei você!

Davis se virou, e eles se beijaram como se não tivessem se visto poucas horas antes. Fiquei lá parada por um instante, segurando minha bolsa sem saber o que fazer, olhando para todos os lados, menos para os dois. O nome dele era Ben Davis, mas todo mundo o chamava de Davis. Ele era muito fofo, tinha covinhas e olhos verdes como vidro marinho. E era baixo, o que, no começo, Taylor dizia ser um empecilho, mas agora alegava não importar tanto. Eu odiava ir para a escola de carro com eles, porque ficavam o tempo todo de mãos dadas, enquanto eu ia sentada no banco de trás, que nem uma criancinha. Os dois terminavam o namoro pelo menos uma vez por mês, e só estavam juntos desde abril. Em uma das brigas, Davis ligou para ela, aos prantos, pedindo para voltar, e Taylor o colocou no viva-voz. Eu me senti culpada por escutar a conversa, mas ao mesmo tempo com inveja e meio surpresa que ele se importasse tanto a ponto de chorar.

— O Pete vai ao banheiro — disse Davis, passando um dos braços pela cintura de Taylor. — Você fica aqui para fazer dupla comigo até ele voltar?

Ela olhou para mim e balançou a cabeça. Então se desvencilhou do abraço.

— Não posso deixar a Belly.

Olhei para ela.

— Taylor, você não precisa ficar de babá. Vai lá jogar.

— Tem certeza?

— Claro, tenho certeza.

Eu me afastei antes que ela pudesse discutir comigo. Cumprimentei Marcy e Frankie, com quem costumava pegar o ônibus para a escola no ensino fundamental; Alice, que era minha melhor amiga no jardim de infância; Simon, ao lado de quem eu estava na foto do anuário da escola. Era gente que eu conhecia a vida inteira. Mesmo assim, só conseguia pensar como sentia tanta saudade de Cousins.

De canto de olho, vi Taylor conversando com Cory e saí correndo antes que ela conseguisse me chamar. Peguei um refrigerante e fui até o trampolim. Como ainda não havia ninguém lá, tirei as sandálias de dedo e subi. Eu me deitei bem no meio, tomando cuidado para minha saia não levantar. O céu estava cheio de estrelas, que pareciam manchas de diamante. Bebi minha Coca-Cola, soltei alguns arrotos e olhei ao redor, para ver se alguém tinha escutado. Mas, não, todo mundo estava na casa. Então tentei contar estrelas, que é basicamente tão bobo quanto contar grãos de areia, mas contei mesmo assim, porque era alguma coisa para fazer. Fiquei pensando quando conseguiria escapar e voltar para casa. Havíamos ido com meu carro, e Taylor poderia voltar de carona com Davis. Então me perguntei se ficaria estranho eu levar alguns cachorros-quentes para comer mais tarde.

Fazia pelo menos duas horas que eu não pensava em Susannah. Talvez Taylor tivesse razão, talvez fosse ali que eu deveria estar. Se eu continuasse querendo estar em Cousins, se continuasse olhando para o passado, estaria condenada para sempre.

Enquanto eu pensava nisso, Cory Wheeler subiu no trampolim e veio até o meio, onde eu estava. Deitou bem ao meu lado e disse:

— E aí, Conklin?

Desde quando Cory e eu nos tratávamos pelo sobrenome? Desde nunca.

Mas decidi seguir com a brincadeira:

— E aí, Wheeler?

Tentei não olhar para ele. Tentei me concentrar na contagem das estrelas e não pensar em quanto ele estava perto de mim.

Cory se apoiou em um dos cotovelos e perguntou:

— Está se divertindo?

— Claro.

Meu estômago estava começando a doer. Fugir de Cory estava me dando uma úlcera.

— Já avistou alguma estrela cadente?

— Ainda não.

Ele cheirava a perfume, cerveja e suor. Estranhamente, não era uma combinação ruim. Os grilos cricrilavam muito alto, e a festa parecia estar muito distante.

— E então, Conklin.

— Sim?

— Você ainda está saindo com aquele cara com quem foi ao baile de formatura? O que tem uma monocelha?

Sorri. Não consegui evitar.

— Conrad não tem monocelha. E, não. Nós, ahn, terminamos.

— Legal — respondeu ele, e a palavra ficou pairando no ar.

E esse foi um daqueles momentos do tipo encruzilhada. A noite poderia ir para qualquer um dos lados. Se eu me inclinasse um pouquinho para a esquerda, poderia beijá-lo. Poderia fechar os olhos e me perder em Cory Wheeler. Poderia seguir em frente e esquecer. Ou pelo menos fingir.

Mas, apesar de Cory ser uma graça e até ser legal, ele não era Conrad. Nem de perto. Cory era simples, correto, tudo nele era harmonioso e ia na mesma direção. Conrad, não. Conrad fazia meu estômago dar um nó só com um olhar, um sorriso.

Cory estendeu a mão e mexeu no meu braço descontraidamente.

— Então, Conklin, quem sabe a gente...

Eu me sentei, de repente, e disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

— Caramba, preciso fazer xixi. Te vejo depois, Cory!

Dei um jeito de sair do trampolim o mais rápido possível, encontrei minhas sandálias e voltei para a casa. Vi Taylor perto da piscina e segui direto até ela.

— Preciso falar com você — disse baixinho.

Agarrei a mão dela e a puxei para a mesa de petiscos.

— Tipo, tem uns cinco segundos que o Cory Wheeler quase me convidou para sair.

— E aí? O que você disse?

Os olhos de Taylor estavam radiantes, e eu detestei a expressão de convencida dela, como se tudo estivesse saindo conforme o planejado.

— Eu disse que precisava fazer xixi — respondi.

— Belly! Pode voltar para aquele trampolim e ficar com ele!

— Taylor, quer parar com isso? Eu disse que não estava interessada no Cory. Eu vi você conversando com ele mais cedo. Você pediu pra ele me chamar pra sair?

Ela deu de ombros.

— Bom, ele passou o ano todo a fim de você, e tem pensado em chamar. Talvez eu tenha dado *só* um empurrãozinho. Vocês dois estavam tão bonitinhos juntos lá no trampolim.

Balancei a cabeça.

— Eu realmente gostaria que você não tivesse feito isso.

— Eu só estava tentando ajudar você a se distrair!

— Bem, eu não preciso que você faça isso — falei.

— Precisa, sim.

Ficamos nos encarando por um tempo. Às vezes, em dias como aquele, eu tinha vontade de esganá-la. Ela era sempre muito mandona. Estava ficando de saco cheio da Taylor me empurrar para cá e para lá, me vestindo como se eu fosse uma de suas bonecas mais maltrapilhas e sem graça. As coisas sempre foram assim entre nós.

Mas a verdade era que eu finalmente tinha uma desculpa real para ir embora, e me sentia aliviada.

— Acho que vou pra casa.

— Que papo é esse? Nós acabamos de chegar.

— Só não estou a fim de ficar aqui, está bem?

Acho que ela estava ficando de saco cheio de mim também, porque disse:

— Acho que já vi esse filme, Belly. Tem meses que você está deprimida. Isso não é nada saudável... minha mãe acha que você deveria se consultar com alguém.

— O quê? Você conversou com sua mãe sobre mim?

Olhei furiosa para ela.

— Fala para sua mãe guardar os conselhos psiquiátricos dela para a Ellen.

Taylor arfou.

— Não acredito que você disse isso.

Segundo a mãe de Taylor, a gata delas, Ellen, tinha transtorno afetivo sazonal. A bichana tomou antidepressivos o inverno todo e, como ainda estava de mau humor na primavera, elas a mandaram para um encantador de gatos. Só que não adiantou nada. Na minha opinião, Ellen era má, mesmo.

Respirei fundo.

— Fiquei ouvindo você chorando por causa da Ellen durante meses, e daí a Susannah morre e você quer que eu simplesmente fique com o Cory, me divirta em uma festa e pare de pensar nela? Bem, sinto muito, mas não consigo fazer isso.

Taylor olhou ao redor rapidamente antes de se aproximar de mim e dizer:

— Não aja como se a Susannah fosse a única coisa que está deixando você triste, Belly. Você está triste por causa do Conrad também, e sabe disso.

Não acreditei que ela havia tido coragem de dizer aquilo. Doeu. Doeu porque era verdade. Mas, ainda assim, foi um golpe baixo. Meu pai costumava chamar Taylor de indomável. E ela era mesmo. Mas, para o bem ou para o mal, Taylor Jewel era parte de mim, e eu era parte dela.

— Nem todos podem ser como você, Taylor — falei, sem querer ser muito maldosa.

— Mas dá para tentar — sugeriu ela, dando um sorrisinho. — Olha, me desculpa pelo lance com o Cory. Eu só quero que você seja feliz.

— Eu sei.

Ela passou o braço pelo meu ombro, e eu deixei.

— Vai ser um verão incrível, você vai ver.

— Incrível — repeti.

Eu não estava procurando por nada incrível. Eu só queria sobreviver. Seguir em frente. Se conseguisse sobreviver a esse verão, o seguinte seria mais fácil. Teria que ser.

Então fiquei mais um pouco na festa. Eu me sentei na varanda com Davis e Taylor, vendo Cory dar em cima de uma garota do segundo ano. Comi um cachorro-quente. E depois fui para casa.

* * *

Em casa, o sanduíche ainda estava em cima do balcão, enrolado no plástico filme. Guardei-o na geladeira e subi a escada. A luz do quarto da minha mãe estava acesa, mas não entrei para dar boa-noite. Fui direto para o meu quarto, vesti outra vez minha camiseta largona, desfiz a trança, escovei os dentes e lavei o rosto. Então fui para debaixo das cobertas e fiquei deitada, pensando. Pensei: *Então a vida agora é assim.* Sem Susannah, sem os meninos.

Fazia dois meses. Eu tinha sobrevivido a junho. Pensei comigo mesma: *Eu consigo fazer isso. Consigo ir ao cinema com a Taylor e o Davis, consigo nadar na piscina da Marcy, talvez até consiga sair com Cory Wheeler. Se eu fizer essas coisas, vai ficar tudo bem. Talvez as coisas fiquem mais fáceis se eu me permitir esquecer como era bom*.

Mas, naquela noite, sonhei com Susannah e a casa de praia, e mesmo no meu sonho eu sabia exatamente como era tudo tão bom. Como era tudo tão certo. E não importa o que a gente faça ou quanto a gente tente, não dá para impedir os sonhos.

4

Jeremiah

VER O PRÓPRIO pai chorar ferra com a cabeça da gente. Talvez não seja assim com algumas pessoas. Talvez algumas tenham pais que não tenham problema para chorar e estejam sempre em contato com as próprias emoções. Mas meu pai não é desse jeito. Ele não é de chorar e certamente nunca nos encorajou a expressar os sentimentos dessa maneira. Mas, no hospital, e depois durante o velório, ele chorou feito um garotinho perdido.

Minha mãe morreu no começo da manhã. Foi tudo tão rápido que eu levei um tempo para me dar conta do que estava realmente acontecendo. A ficha demora a cair. Porém, mais tarde, naquela noite, a primeira noite sem ela, estávamos só eu e Conrad em casa. A primeira vez que ficávamos a sós depois de muitos dias.

A casa estava muito silenciosa. Nosso pai estava na funerária com Laurel. Os parentes tinham ido para um hotel, e éramos só eu e Con. Durante todo o dia, teve gente entrando e saindo da casa. Agora, éramos só nós dois.

Estávamos à mesa da cozinha. As pessoas mandaram todo tipo de coisa: cestas de frutas, bandejas de sanduíches, um bolo de café. Uma lata grande daqueles biscoitos amanteigados que vende no supermercado.

Peguei um pedaço do bolo de café e enfiei na boca. Estava seco. Comi outro pedaço.

— Quer um pouco? — perguntei a Conrad.

— Não.

Ele estava tomando leite. Devia estar meio velho. Não conseguia me lembrar da última vez que alguém havia ido ao mercado.

— O que vai acontecer amanhã? — perguntei. — Vai vir todo mundo pra cá?

Conrad deu de ombros.

— Provavelmente.

Estava com um bigode de leite.

Foi tudo que dissemos um ao outro. Meu irmão subiu para o quarto dele, e eu arrumei a cozinha. Estava cansado e subi também. Pensei em ir para o quarto de Conrad; embora não estivéssemos falando nada, era melhor quando estávamos juntos, era menos solitário. Fiquei parado no corredor por um instante, prestes a bater na porta, e então o ouvi chorando. Soluços engasgados. Não entrei. Eu o deixei sozinho. Sabia que ele preferiria assim. Fui para o meu quarto e me deitei na cama. E chorei também.

5

USEI MEUS ÓCULOS antigos no funeral, os de armação de plástico vermelho. A sensação foi a de usar um casaco antigo e apertado demais. Eles me deixavam tonta, mas não me importei. Susannah sempre gostou de mim com aqueles óculos. Ela dizia que eu parecia a garota mais inteligente de todas, o tipo de garota que ia a algum lugar e sabia exatamente como chegaria lá. Prendi o cabelo em um meio rabo, porque era assim que ela gostava. Ela dizia que esse penteado destacava meu rosto.

Para mim foi a coisa mais certa a fazer, estar do jeito de que ela mais gostava de me ver. Embora eu soubesse que ela só dizia aquelas coisas para eu me sentir melhor, tudo isso ainda parecia verdadeiro. Eu acreditava em tudo que Susannah dizia. Acreditei nela mesmo quando ela disse que jamais iria embora. Acho que todos acreditávamos, até mesmo minha mãe. Todos ficamos surpresos quando aconteceu, e, mesmo quando se tornou inevitável, quando se tornou um fato, nunca realmente acreditamos. Parecia impossível. Não a nossa Susannah, não a Beck. Sempre ouvimos histórias de pessoas que se recuperam, que superam as probabilidades contrárias. Eu tinha certeza de que Susannah seria uma delas. Mesmo que fosse uma chance em um milhão. Ela era uma em um milhão.

As coisas pioraram muito rápido. Pioraram tanto que minha mãe se revezava entre a casa de Susannah, em Boston, e a nossa; primeiro a cada dois fins de semana e depois com mais frequência. Ela precisou tirar uma licença do trabalho. E tinha um quarto só para ela na casa de Susannah.

Recebemos a ligação de manhã cedo. Ainda estava escuro lá fora. Era uma notícia ruim, é claro. Notícias ruins são o único tipo que realmente não pode esperar. Assim que escutei o telefone tocar, mesmo dormindo, eu soube. Susannah havia partido. Fiquei deitada na cama, esperando minha mãe vir me contar. Pude ouvi-la se movimentando no quarto, ouvi o barulho do chuveiro ligado.

Como ela não veio, fui até seu quarto. Ela estava arrumando uma mala, o cabelo ainda molhado. Minha mãe olhou para mim, os olhos cansados e vazios.

— A Beck morreu — anunciou.

E foi isso.

Senti meu estômago revirar. Meus joelhos ficaram bambos. Então, me sentei no chão, apoiada contra a parede. Achei que soubesse como era sentir o coração partido. Achei que coração partido fosse eu sozinha no baile. Aquilo não era nada. Coração partido era o que eu estava sentindo ali. A dor no peito, a dor intensa atrás dos olhos. A noção de que as coisas nunca mais seriam as mesmas. Acho que tudo é relativo. A gente acha que conhece o amor, acha que conhece a dor verdadeira, mas não conhece. A gente não conhece nada.

Não sei bem quando comecei a chorar. Quando comecei, não conseguia parar. Não conseguia respirar.

Minha mãe atravessou o quarto e se ajoelhou no chão comigo, me abraçando, me balançando para a frente e para trás. Mas ela não chorou. Ela sequer estava lá. Era como um junco, um porto vazio.

* * *

Minha mãe seguiu de carro para Boston naquele mesmo dia. Ela só tinha ido em casa para conferir como eu estava e buscar uma muda de roupas. Ela achava que teria mais tempo. Ela devia ter estado lá quando Susannah morreu. Nem que fosse só pelos garotos. Eu tinha certeza de que ela estava pensando exatamente a mesma coisa.

Com sua melhor voz de professora, ela disse a Steven e a mim que devíamos ir sozinhos de carro dali a dois dias, quando o funeral seria realizado. Ela não queria que ficássemos lá em meio aos preparativos. Havia muito trabalho a ser feito. Muitas coisas precisavam ser resolvidas.

Minha mãe havia sido nomeada executora do testamento, e é claro que Susannah sabia exatamente o que estava fazendo quando a escolheu para isso. Era verdade que não havia ninguém melhor para a função, e as duas vinham repassando tudo antes de Susannah morrer. E mais que isso, minha mãe dava sempre o seu melhor quando estava ocupada, fazendo coisas. Ela não desmoronava, não quando precisavam dela. Não, minha mãe se apresentava para o que fosse necessário. Queria ter herdado esse gene. Porque eu estava perdida. Eu não sabia o que fazer.

Pensei em ligar para Conrad. Até digitei o número dele algumas vezes. Mas não consegui. Não sabia o que dizer. Tinha medo de falar as coisas erradas, de piorar a situação. E então pensei em ligar para Jeremiah. Mas foi o medo que me impediu de agir. Eu sabia que, no instante em que ligasse, no instante em que dissesse em voz alta, seria verdade. Ela estaria realmente morta.

* * *

Ficamos em silêncio na maior parte do caminho de carro até Boston. O único terno de Steven, o que ele havia usado recentemente no baile de formatura, estava enrolado em um plástico, pendurado no banco de trás. Eu não me dera ao trabalho de pendurar o vestido.

— O que vamos dizer? — perguntei, depois de um tempo.

— Não sei — admitiu ele. — O único funeral a que fui foi o da tia Shirle, e ela era bem velhinha.

Eu era pequena demais para me lembrar.

— Onde vamos passar a noite? Na casa da Susannah?

— Não faço ideia.

— Como você acha que o Sr. Fisher está lidando com a situação?

Eu não conseguia me forçar a imaginar Conrad ou Jeremiah. Ainda não.

— Com uísque.

Depois disso, parei de fazer perguntas.

* * *

Trocamos de roupa em um posto de gasolina a uns cinquenta quilômetros da funerária. Assim que vi quanto o terno de Steven estava arrumado e bem-passado, me arrependi de não ter pendurado meu vestido. De volta ao carro, fiquei alisando a saia com a palma das mãos, mas isso não ajudou muito. Minha mãe tinha dito que rayon não prestava. Eu devia tê-la escutado. Também deveria ter experimentado o vestido antes de escolhê-lo. A última vez que o havia usado tinha sido em uma recepção na universidade da minha mãe, três anos antes, e agora estava pequeno demais.

Chegamos lá bem cedo, o bastante para encontrar minha mãe andando de um lado para o outro, arrumando as flores e conversando com o Sr. Browne, o diretor da funerária. Assim que ela me viu, franziu a testa.

— Você devia ter passado esse vestido, Belly.

Mordisquei o lábio inferior para não dizer nada de que eu pudesse me arrepender depois.

— Não tive tempo — respondi, embora não fosse verdade.

Tive muito tempo.

Puxei a saia para baixo, para não parecer tão curta.

Ela assentiu, lacônica.

— Vão atrás dos meninos, por favor. Belly, converse com Conrad.

Steven e eu nos entreolhamos. O que eu ia dizer? Havia passado um mês desde o baile, desde que conversamos pela última vez.

Nós os encontramos em uma sala lateral, com bancos de madeira e caixas de lenço de papel sob tampas de laca. Jeremiah estava com a cabeça abaixada, como se estivesse rezando, algo que eu nunca o vira fazer. Conrad estava sentado ereto, os ombros retos, olhando fixamente para o nada.

— E aí? — disse Steven, pigarreando.

Meu irmão foi na direção dos dois e lhes deu um abraço meio bruto.

Eu me dei conta de que nunca havia visto Jeremiah de terno. Parecia um pouco apertado. Ele estava desconfortável, sem parar de puxar o colarinho ao redor do pescoço. Mas os sapatos pareciam novos. Me perguntei se minha mãe o ajudara a escolher.

Quando chegou minha vez, fui apressadamente até Jeremiah e o abracei o mais forte que pude. Ele pareceu duro nos meus braços.

— Obrigado por vir — disse, a voz estranhamente formal.

Pensei subitamente que talvez Jere estivesse bravo comigo, mas afastei o pensamento tão rapidamente quanto surgiu. Me senti culpada por ousar pensar naquilo. Aquele era o funeral de Susannah, por que ele estaria pensando em mim?

Dei tapinhas constrangidos em suas costas, minha mão fazendo pequenos círculos. Seus olhos estavam absurdamente azuis, o que costumava acontecer quando ele chorava.

— Eu sinto muito mesmo — falei, e logo me arrependi por isso, porque eram palavras absolutamente inúteis.

Era uma frase que não transmitia o que eu realmente queria dizer. Como eu estava me sentindo de verdade. "Sinto muito" era tão sem sentido quanto o rayon.

Então olhei para Conrad. Ele estava sentado novamente, as costas tensas, a camisa branca toda amarrotada.

— E aí — falei, me sentando ao lado dele.

— E aí.

Eu não sabia se devia abraçá-lo ou deixá-lo em paz. Então, apertei seu ombro, e ele não disse nada. Era como se fosse feito de pedra. Fiz uma promessa a mim mesma: não sairia do lado dele o dia inteiro. Eu estaria bem ali, seria uma fortaleza, exatamente como minha mãe.

Minha mãe, Steven e eu nos sentamos no quarto banco, atrás dos primos de Conrad e Jeremiah e do irmão do Sr. Fisher e da esposa dele, que tinha passado perfume demais. Achei que minha mãe deveria estar na primeira fileira, e disse isso a ela, em um sussurro. Ela espirrou por causa do perfume e disse que isso não tinha importância. E estava certa. Então ela tirou o blazer do seu terninho e o colocou sobre minhas coxas nuas.

Eu me virei uma vez e vi meu pai no fundo do salão. Por algum motivo, eu não esperava vê-lo ali. O que era estranho, porque ele também conhecia Susannah. Por isso, fazia todo sentido que estivesse em seu funeral. Acenei ligeiramente para ele, que respondeu com outro aceno.

— O papai está aqui — sussurrei para minha mãe.

— É claro que está — disse ela, sem olhar para trás.

Os amigos de escola de Jeremiah e Conrad sentaram-se juntos, em bando, mais para o fundo. Pareciam constrangidos e deslocados. Os garotos mantinham as cabeças abaixadas, e as meninas cochichavam umas com as outras, nervosas.

A cerimônia foi longa. Um pastor que eu não conhecia fez o discurso fúnebre. Ele disse coisas boas a respeito de Susannah, a chamou de gentil, compassiva e encantadora — e ela era todas essas coisas, mas a sensação que tive foi que ele não a conhecera. Me aproximei da minha mãe para dizer isso, mas ela assentia, ouvindo o discurso.

Eu achei que não fosse chorar de novo, mas chorei. Muito. O Sr. Fisher se levantou e agradeceu a todos pela presença, disse que seríamos bem-vindos à casa deles para uma recepção depois da cerimônia. Sua voz ficou embargada algumas vezes, mas ele conseguiu se controlar. Quando eu o vi pela última vez, estava bronzeado, confiante e altivo. Naquele dia, parecia um homem perdido em uma nevasca. Os ombros encurvados, o rosto pálido. Pensei em quanto devia estar sendo difícil para ele ficar ali, de pé, diante de todos que a amavam. Ele a havia traído, deixara Susannah quando ela mais precisou. Mas, no fim, ele tinha aparecido. Tinha segurado a mão dela naquelas últimas semanas. Talvez também tivesse pensado que teriam mais tempo juntos.

Susannah estava em um caixão fechado. Ela havia dito à minha mãe que não queria todos olhando quando ela estivesse com uma má aparência. Pessoas mortas parecem falsas, explicara. Como se fossem de cera. Lembrei a mim mesma que a pessoa dentro do caixão não era Susannah, que a aparência dela não importava, porque ela já não estava mais ali.

Quando tudo terminou, depois de rezarmos o Pai-nosso, formamos uma fila para oferecer as condolências. Eu me senti estranhamente adulta lá, ao lado da minha mãe e do meu irmão. O Sr. Fisher se inclinou e me deu um abraço tenso, os olhos ainda úmidos. Ele apertou a mão do Steven, e, quando abraçou minha mãe, ela sussurrou algo em seu ouvido, e ele assentiu.

Quando abracei Jeremiah, estávamos chorando tanto que nos seguramos um no outro. Seus ombros tremiam sem parar.

Ao abraçar Conrad, queria dizer alguma coisa para reconfortá-lo. Alguma coisa melhor do que “sinto muito”. Mas foi um abraço tão rápido que não houve tempo de dizer nada além disso. Havia uma fila imensa atrás de mim, todos esperando para prestar condolências também.

O cemitério não ficava muito longe. Meus saltos afundavam no chão. Devia ter chovido no dia anterior. Antes de baixarem o caixão de Susannah na terra úmida, Conrad e Jeremiah depositaram uma rosa branca cada um em cima dele, e então as demais pessoas colocaram mais flores. Escolhi

uma peônia cor-de-rosa. Alguém cantou um hino religioso. Quando a cerimônia de sepultamento acabou, Jeremiah não se moveu. Ficou parado onde viria a ser o túmulo e chorou. Minha mãe foi até ele. Ela o pegou pela mão, murmurando alguma coisa.

* * *

De volta à casa de Susannah, Jeremiah, Steven e eu fomos para o quarto de Jeremiah. Nós nos sentamos na cama dele com nossas roupas formais.

— Onde está o Conrad? — perguntei.

Não havia me esquecido da promessa que fizera de ficar ao seu lado, mas ele estava dificultando a situação, desaparecendo o tempo todo.

— Deixe ele ficar um pouco sozinho — disse Jeremiah. — Vocês estão com fome?

Eu estava, mas não queria dizer.

— Você está?

— Estou, um pouco. Tem comida lá embaixo.

A voz dele desapareceu com as palavras "lá embaixo". Eu sabia que ele não queria descer e encarar toda aquela gente, ver a pena nos olhos de todos. *Que triste*, diriam, *olhe para esses dois meninos que ela deixou para trás*. Os amigos deles não tinham ido até a casa, foram embora logo depois do sepultamento. Só tinha adultos lá embaixo.

— Eu vou — me ofereci.

— Obrigado — respondeu ele.

Eu me levantei e fechei a porta quando saí. No corredor, me detive para olhar os retratos da família. Eram fotos foscas emolduradas em preto, todas com o mesmo tipo de moldura. Em uma das imagens, Conrad estava usando uma gravata-borboleta, e seus dentes da frente tinham caído. Em outra, Jeremiah tinha oito ou nove anos e usava o boné do Red Sox que se recusou a tirar por, tipo, um verão inteiro. Dizia que era um boné da sorte. E usou aquele boné todos os dias durante três meses. A cada duas semanas, Susannah o lavava e o colocava de volta no quarto enquanto ele dormia.

No andar de baixo, os adultos iam de um lado para o outro, tomando café e falando em voz baixa. Minha mãe estava diante da mesa do bufê, servindo bolo aos estranhos. Estranhos para mim, pelo menos. Eu me perguntei se ela os conhecia, se eles sabiam quem ela era para Susannah,

como ela era sua melhor amiga, como as duas passaram todos os verões juntas durante quase a vida inteira.

Peguei dois pratos, e minha mãe me ajudou a enchê-los.

— Vocês estão bem lá em cima? — quis saber, servindo uma fatia de queijo roquefort.

Assenti e tirei a fatia de queijo do prato.

— Jeremiah não gosta desse queijo — expliquei.

Então peguei um punhado de biscoitos de água e sal e um cacho de uvas verdes.

— Você viu o Conrad? — perguntei.

— Acho que ele está no porão.

Rearrumando o prato de queijo, minha mãe acrescentou:

— Por que não vai ver como ele está e leva um prato pra ele? Eu levo este daqui para os meninos.

— Está bem.

Peguei o prato e atravessei a sala de jantar justamente quando Jeremiah e Steven desciam a escada. Fiquei parada vendo Jeremiah conversar com as pessoas, deixando-as abraçá-lo e segurar sua mão. Nossos olhares se cruzaram, e eu ergui a mão e acenei ligeiramente. Ele levantou a mão e fez o mesmo, revirando um pouco os olhos para a mulher agarrada em seu braço. Susannah ficaria orgulhosa dele.

Então desci para o porão, que era acarpetado e tinha isolamento acústico. Susannah reformara o lugar assim que Conrad começou a aprender a tocar guitarra.

Estava escuro. Conrad não tinha acendido as luzes. Esperei que meus olhos se ajustassem à baixa luminosidade e segui descendo os degraus, tateando o caminho.

Não demorei a encontrá-lo. Ele estava deitado no sofá com a cabeça no colo de uma garota. Ela passava as mãos pelo topo da sua cabeça, como se ali fosse seu lugar. Embora o verão tivesse acabado de começar, ela estava bronzeada. Estava sem sapatos, com as pernas nuas apoiadas na mesa de centro. E Conrad acariciava a perna dela.

Fiquei completamente tensa.

Eu a tinha visto no funeral. Eu a havia achado muito bonita e me perguntado quem seria. Parecia ser do leste asiático, indiana. Tinha cabelo e olhos escuros e usava uma minissaia preta e uma blusa de bolinhas branca e preta. E uma faixa preta no cabelo.

Ela me viu primeiro.

— Oi — disse.

Foi quando Conrad olhou para trás e me viu parada na porta com um prato de queijo e biscoitos. Ele se sentou.

— É comida pra gente? — perguntou, sem olhar direito para mim.

— Minha mãe mandou — falei, e minha voz saiu muito baixa.

Fui até eles e coloquei o prato em cima da mesa de centro. Fiquei ali parada por um instante, sem saber direito o que fazer.

— Obrigada — disse a garota, de um jeito que mais pareceu algo como *agora você pode ir.*

Não foi de um jeito maldoso, mas de uma maneira que deixava claro que eu estava interrompendo alguma coisa.

Fui saindo lentamente, mas, quando cheguei à escada, comecei a correr. Passei correndo por todas as pessoas na sala de estar e pude ouvir Conrad vindo atrás de mim.

— Espere um pouco — chamou ele.

Eu tinha quase saído do hall de entrada quando ele me alcançou e segurou meu braço.

— O que você quer? — falei, puxando o braço com força. — Me solta.

— Aquela era a Aubrey — explicou, me soltando.

Aubrey, a garota que partiu o coração de Conrad. Eu a imaginava diferente. Loira. Ela era mais bonita do que eu havia pensado. Eu jamais poderia competir com uma garota daquelas.

— Desculpe por interromper o momento íntimo de vocês.

— Ah, vê se cresce — retrucou ele.

Existem momentos na vida que desejamos de todo o coração sermos capazes de eliminar. Tipo, simplesmente apagar da existência. Tipo, se fosse possível, simplesmente apagar a nós mesmos da existência também. Dar tudo para aquele momento não existir.

O que eu disse a seguir foi um desses momentos para mim.

No dia do funeral da mãe dele, eu disse para o garoto que eu amava mais do que jamais havia amado algo ou alguém:

— Vá pro inferno.

Foi a pior coisa que eu disse a alguém em toda a minha vida. Não que eu nunca tivesse dito aquelas palavras antes. Mas eu jamais vou me esquecer da cara que ele fez. A expressão no rosto dele me deu vontade de morrer; confirmou todas as coisas ruins e baixas que eu algum dia havia pensado a

meu respeito, aquilo que esperamos e torcemos para que ninguém descubra sobre nós. Porque, se alguém descobrir, vai ver quem somos de verdade e vai nos desprezar.

— Eu deveria saber que você agiria assim — disse Conrad.

Arrasada, perguntei a ele:

— Como assim?

Ele deu de ombros, o maxilar tenso.

— Deixa pra lá.

— Não, diga.

Ele começou a dar meia-volta, a sair, mas eu o detive. Fiquei em seu caminho.

— Diga — repeti, falando mais alto.

Ele olhou para mim.

— Eu sabia que não era uma boa ideia começar alguma coisa com você, Belly. Você é só uma criança. Foi um grande erro.

— Não acredito em você.

As pessoas estavam começando a reparar. Minha mãe estava na sala de estar, conversando com gente que eu não reconhecia. Ela havia erguido os olhos quando comecei a falar. Não consegui nem olhar para ela. Podia sentir meu rosto queimando.

Eu sabia que o certo era me afastar. Sabia que era o que eu deveria fazer. Naquele instante, foi como se eu estivesse flutuando acima do meu corpo e pudesse ver a mim mesma e como todos no ambiente estavam olhando para mim. Mas quando Conrad simplesmente deu de ombros e começou a se afastar de novo, fiquei muito brava e me senti muito… pequena. Queria parar, mas não conseguia.

— Eu te odeio — falei.

Conrad se virou e assentiu, como se estivesse esperando que eu dissesse exatamente aquilo.

— Ótimo.

A maneira como ele olhou para mim, com pena, cansado e simplesmente indiferente, acabou comigo.

— Nunca mais quero te ver — continuei, passando por ele com um empurrão e subindo a escada tão rápido que tropecei no último degrau.

Caí de joelhos, com força. Acho que ouvi alguém arfar. Mal conseguia enxergar por causa das lágrimas. Às cegas, me levantei e corri para o quarto de hóspedes.

Tirei os óculos, deitei na cama e chorei.

Não era Conrad quem eu odiava. Era a mim mesma.

Meu pai subiu depois de um tempo. Ele bateu na porta algumas vezes e, como não respondi, entrou e se sentou na beira da cama.

— Você está bem? — perguntou.

A voz dele estava tão gentil que pude sentir as lágrimas escorrendo pelo canto dos meus olhos novamente.

Ninguém deveria ser legal comigo. Eu não merecia isso. Rolei na cama para ficar de costas para ele.

— A mamãe está brava comigo?

— Não, é claro que não. Desça comigo pra se despedir de todo mundo.

— Não posso.

Como eu poderia descer e encarar as pessoas depois daquela cena? Era impossível. Eu me sentia humilhada e tinha feito aquilo comigo mesma.

— O que aconteceu entre você e Conrad, Belly? Vocês dois brigaram? Vocês terminaram?

Foi muito estranho ouvir a palavra "terminaram" saindo da boca do meu pai. Eu não podia falar daquilo com ele. Era esquisito demais.

— Papai, não posso falar dessas coisas com você. Pode ir embora? Eu quero ficar sozinha.

— Tudo bem — respondeu ele, e notei a mágoa em sua voz. — Quer que eu chame sua mãe?

Ela era a última pessoa que eu queria ver. Imediatamente, respondi:

— Não, por favor.

A cama rangeu quando meu pai se levantou e saiu, fechando a porta.

A única pessoa que eu queria era Susannah. Eu só queria ela. E então um pensamento me ocorreu com absoluta clareza. Eu nunca mais seria a preferida de ninguém. Nunca mais seria criança de novo, não da mesma maneira. Tudo aquilo tinha acabado. Ela havia mesmo partido para sempre.

* * *

Esperava que Conrad levasse a sério o que eu tinha falado. Esperava não o ver nunca mais. Se eu tivesse que olhar para ele de novo, se ele olhasse para mim como olhou naquele dia... isso acabaria comigo.

6

3 de julho

QUANDO MEU CELULAR tocou cedinho, na manhã seguinte, meu primeiro pensamento foi: *Tão cedo assim, só pode ser ligação ruim*. De certa maneira, eu tinha razão.

Acho que ainda estava meio sonhando quando ouvi a voz dele. Por um longo instante, achei que fosse Conrad e, naqueles segundos, não consegui respirar. Conrad me ligando de novo bastava para me fazer esquecer de como respirar. Mas não era Conrad. Era Jeremiah.

Eles eram irmãos, afinal. Tinham vozes parecidas. Parecidas, mas não iguais. Ele, Jeremiah, disse:

— Belly, é o Jeremiah. Conrad se foi.

— Como assim "se foi"?

De repente, fiquei totalmente desperta, o coração quase saindo pela boca. Aquela expressão havia passado a significar algo diferente. Agora queria dizer algo permanente.

— Ele largou o curso de verão há dois dias e ainda não voltou. Você sabe onde ele está?

— Não.

Conrad e eu não nos falávamos desde o funeral de Susannah.

— Ele perdeu duas provas. Conrad nunca faria isso.

Jeremiah parecia desesperado, em pânico até. Eu nunca o escutara falar daquele jeito. Estava sempre tranquilo, sempre rindo, nunca falava sério. E ele tinha razão: Conrad nunca faria isso, jamais simplesmente iria embora sem dizer nada a ninguém. Pelo menos não o velho Conrad. Não o Conrad que eu amava desde os dez anos, não ele.

Eu me sentei na cama e esfreguei os olhos.

— Seu pai está sabendo disso?

— Sim. Ele está pirando. Não sabe lidar com esse tipo de coisa.

Esse tipo de coisa era algo com o qual apenas Susannah lidava, não o Sr. Fisher.

— O que você quer fazer, Jere?

Tentei falar do jeito que minha mãe falaria. Parecendo calma, sensata. Como se eu não estivesse morrendo de medo diante da ideia de Conrad ter desaparecido. Não que eu pensasse que ele estivesse com problemas. Mas, se ele tivesse ido embora, ido embora de verdade, talvez jamais voltasse. E isso me assustava mais do que eu era capaz de admitir.

— Não sei.

Jeremiah soltou um longo suspiro.

— O celular dele está desligado há dias. Você acha que pode me ajudar a encontrá-lo?

— Sim. Claro. Claro que posso — respondi na mesma hora.

Tudo fez sentido naquele momento. Aquela era a minha chance de acertar as coisas com Conrad. Tive a sensação de que era isso que eu estava esperando, mesmo sem saber. Era como se eu tivesse agido como uma sonâmbula nos últimos dois meses e agora finalmente despertasse. Eu tinha um objetivo, um propósito.

Naquele último dia, eu dissera coisas horríveis. Coisas imperdoáveis. Talvez, se eu o ajudasse de alguma maneira, por menor que fosse, poderia consertar o que tinha destruído.

Ainda assim, por mais assustada que eu estivesse com a ideia de Conrad estar desaparecido, por mais ansiosa que estivesse para me redimir, ficava apavorada só de pensar em estar perto dele novamente. Ninguém no mundo me afetava como Conrad Fisher.

Logo depois que Jeremiah e eu encerramos a ligação, saí em disparada, atirando roupas íntimas e camisetas na mochila. Quanto tempo levaríamos para encontrá-lo? Será que ele estava bem? Eu saberia se não estivesse, não saberia? Peguei minha escova de dentes, um pente e a solução para as lentes de contato.

Minha mãe estava passando roupa na cozinha. Olhava fixamente para o nada, com a testa franzida formando uma ruga imensa.

— Mamãe? — chamei.

Ela olhou para mim, assustada.

— O que foi? O que aconteceu?

Eu já havia pensado no que diria.

— A Taylor está meio que tendo um ataque porque ela e o Davis terminaram de novo. Vou passar a noite na casa dela. Talvez a próxima noite também, dependendo de como ela estiver.

Prendi a respiração, esperando uma resposta. Minha mãe tinha o melhor detector de mentiras do mundo. É mais do que intuição materna, é tipo um dispositivo de localização. Mas nenhum alarme disparou, nada de sinos ou apitos. Seu rosto continuou perfeitamente impassível.

— Tudo bem — disse, voltando a passar roupa. — Tente estar em casa amanhã à noite — pediu. — Vou fazer linguado.

Ela vaporizou uma calça cáqui. Eu estava livre para ir. Devia me sentir aliviada, mas, na realidade, não senti.

— Vou tentar.

Por um instante, pensei em contar a verdade. De todas as pessoas, ela compreenderia. Ela se disporia a ajudar. Minha mãe amava os dois. Foi ela quem levou Conrad ao pronto-socorro quando ele quebrou o braço andando de skate, porque Susannah estava tremendo tanto que não conseguia dirigir. Minha mãe era firme, forte. Ela sempre sabia o que fazer.

Ou, pelo menos, costumava saber. Agora, eu não tinha mais tanta certeza. Quando Susannah voltou a ficar doente, minha mãe entrou no automático, fazendo o que precisava ser feito. Mas estava presente. Outro dia, desci e a encontrei varrendo o hall de entrada. Ela estava com os olhos vermelhos, e eu fiquei com medo. Minha mãe não era do tipo que chora. Vê-la daquele jeito, como uma pessoa comum, e não apenas minha mãe, quase me fez não confiar mais nela.

Mamãe largou o ferro de passar, pegou a bolsa do balcão e tirou a carteira de dentro.

— Compre um pote de sorvete Ben & Jerry's para a Taylor, por minha conta — disse, me dando uma nota de vinte dólares.

— Obrigada — falei, pegando a nota e a enfiando no bolso.

O dinheiro seria útil para a gasolina.

— Divirta-se — disse ela, parecendo meio fora do ar logo em seguida.

Estava ausente. Passando a mesma calça cáqui que tinha acabado de passar.

No meu carro, dirigindo, finalmente me permiti sentir alívio. Sem mãe silenciosa e triste por hoje. Eu detestava deixá-la e detestava estar perto dela, porque ela me fazia lembrar do que eu mais queria esquecer. Susannah estava morta e não ia voltar, e nenhum de nós voltaria a ser como antes.

7

NA CASA DE Taylor, a porta da frente quase nunca estava trancada. A escada que levava até ela, com o longo corrimão e os degraus de madeira polida, era tão familiar como a da minha própria residência.

Depois de entrar, fui direto para o quarto dela.

Taylor estava deitada de barriga para baixo, folheando revistas de fofoca. Assim que me viu, sentou-se e perguntou:

— Você é masoquista ou o quê?

Atirei a mochila no chão e me sentei ao seu lado. Eu tinha ligado quando estava a caminho. Contei tudo a ela. Não queria, mas acabei contando.

— Por que você está indo atrás dele? — insistiu. — Esse cara não é mais seu namorado.

— Como se algum dia tivesse sido — falei, soltando um suspiro.

— É exatamente isso que eu quero dizer.

Ela folheou uma revista e a passou para mim.

— Dá uma olhada. Você ficaria ótima com esse biquíni. O da faixa branca. Ia ficar lindo com seu bronzeado.

— Jeremiah vai chegar daqui a pouco — afirmei, olhando para a revista e empurrando-a de volta.

Não consegui me imaginar usando aquele biquíni. Mas podia ver Taylor com ele.

— Você devia *muito* ter escolhido o Jeremy, Belly. Conrad é muito doido.

Eu tinha dito a ela um milhão de vezes como não era algo simples escolher um ou outro. Nada era simples assim. Nem era como se eu tivesse tido escolha, na verdade.

— Conrad não é doido, Taylor.

Ela nunca o perdoou por ele não ter gostado dela no verão em que a levei a Cousins, nos nossos quatorze anos. Era comum todos os garotos gostarem dela, e Taylor não estava acostumada a ser ignorada. E foi exatamente o que Conrad fez. Mas não Jeremiah. Assim que ela piscou os grandes olhos castanhos para ele, Jere ficou caidinho. *Jeremy*, como ela o chamava — daquele jeito provocante que os garotos adoram. Jeremiah caiu completamente, também, até ela o trocar pelo meu irmão, Steven.

— Tudo bem, talvez eu tenha sido *um pouco* dura demais — retrucou ela, fazendo beicinho. — Talvez ele não seja doido. Mas, tipo, e aí? Você vai estar sempre à disposição? Esperando sempre que ele quiser?

— Não! Mas Conrad está com algum problema. Precisa dos amigos, agora mais do que nunca — falei, puxando um fio solto do tapete. — Não importa o que aconteceu entre nós, sempre seremos amigos.

Ela revirou os olhos.

— Que seja. O único motivo pelo qual estou concordando com isso é para você colocar um ponto final nessa história toda.

— Um ponto final?

— É. Eu já percebi que é o único jeito. Você precisa ficar frente a frente com o Conrad e dizer a ele que o superou e que não vai mais entrar nesses joguinhos. E só então você vai conseguir deixar esse bundão pra trás.

— Taylor, eu também não sou inocente nessa história. — Engoli em seco. — Na última vez que o vi, falei coisas horríveis.

— Que seja. O que eu quero dizer é que você precisa seguir em frente. Ir atrás de quem vale a pena. — Ela olhou para mim. — Como o Cory. Que, por sinal, duvido que dê mais uma chance pra você depois de ontem à noite.

A noite passada parecia ter acontecido mil anos atrás. Fiz o possível para parecer arrependida e disse:

— Olha só, obrigada de novo por concordar que eu deixe meu carro aqui. Se minha mãe ligar...

— Por favor, Belly. Vê se me respeita. Ao contrário de você, eu sou a rainha de mentir para os pais. — Ela franziu o nariz. — Você vai estar de volta a tempo para amanhã à noite, né? Nós todos vamos sair no barco dos pais do Davis, lembra? Você prometeu.

— Isso vai ser só lá pelas oito ou nove da noite. Tenho certeza de que vou estar de volta a essa altura. Além disso — observei —, eu nunca *prometi* nada.

— Então prometa agora — ordenou ela. — Prometa que vai estar de volta a tempo.

Revirei os olhos.

— Por que você quer tanto que eu volte? Pra jogar o Cory Wheeler pra cima de mim de novo? Você não precisa de mim, Taylor. Você tem o Davis.

— Eu preciso muito de você, mesmo que você seja uma melhor amiga horrorosa. Namorados não são a mesma coisa que melhores amigas, e você sabe disso. Logo estaremos na faculdade, sabe? E se formos para universidades diferentes? E aí?

Ela me encarou, os olhos acusadores.

— Está bem, está bem, eu prometo.

Taylor ainda estava decidida a irmos para a mesma faculdade, como sempre dissemos que faríamos.

Estendeu a mão para mim e enganchamos os mindinhos.

— Você vai vestida assim? — perguntou de repente.

— Vou, sim — respondi, olhando para meu vestidinho cinza.

Ela balançou a cabeça tão rápido que o cabelo loiro se agitou para todos os lados.

— Isso é o que você vai vestir para ver o Conrad *pela primeira vez*?

— Não estou indo para um encontro, Taylor.

— Quando vamos ver um ex, precisamos estar melhores do que nunca. É, tipo, a regra número um dos términos de namoro. Você precisa fazer ele pensar: *Caramba, como eu perdi* isso*?* Tem que ser assim.

Eu não tinha pensado nisso.

— Eu não me importo com o que ele pensa — retruquei.

Taylor já estava revirando minha mochila.

— Tudo que você tem aqui é roupa íntima e camiseta. E esta regata velha. Arg. Eu detesto esta regata. Ela precisa ser oficialmente aposentada.

— Pode parar. Não fique mexendo nas minhas coisas.

Taylor se levantou de um salto, parecendo muito animada.

— Ah, por favor, deixe eu arrumar sua mala, Belly! Por favor, eu ia ficar muito feliz.

— Não — respondi, com o máximo de firmeza possível.

Com Taylor, era preciso ser firme.

— Eu provavelmente vou estar de volta amanhã. Não preciso de mais nada.

Taylor me ignorou e desapareceu dentro do closet.

Meu celular tocou, e era Jeremiah. Antes de atender, falei:

— Estou falando sério, Tay.

— Não esquenta, está tudo sob controle. Só me considere sua fada madrinha — retrucou, de dentro do armário.

Atendi o celular.

— Oi. Onde você está?

— Estou bem perto. A mais ou menos uma hora daí. Você está na casa da Taylor?

— Estou. Precisa do endereço de novo?

— Não, pode deixar.

Ele fez uma pausa e, por um instante, achei que já tivesse desligado. Então completou:

— Obrigado por fazer isso.

— Ah, qual é.

Pensei em dizer mais alguma coisa, tipo como ele era um dos meus melhores amigos e como parte de mim estava quase feliz por ter um motivo para vê-lo de novo. Simplesmente não seria verão sem os garotos da Beck.

Mas não consegui organizar as palavras na cabeça e, antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ele desligou.

Quando finalmente saiu do closet, Taylor estava fechando minha mochila.

— Tudo pronto — anunciou, alegremente.

— Taylor...

Tentei pegar a mochila dela.

— Não, espere chegar onde quer que esteja indo. Você vai me agradecer. Fui *muito* generosa, apesar de você estar me deixando completamente abandonada.

Ignorei a última parte e só agradeci:

— Obrigada, Tay.

— De nada — respondeu ela, conferindo o cabelo no espelho da penteadeira. — Está vendo como você precisa de mim?

Taylor me encarou, as mãos na cintura.

— Como vocês dois planejam encontrar o Conrad, afinal? Até onde sabem, ele pode estar debaixo de uma ponte por aí.

Eu não havia pensado muito nessa parte, nos detalhes práticos.

— Tenho certeza de que Jeremiah pensou em alguma coisa — respondi.

* * *

Jeremiah chegou uma hora depois, exatamente como disse ao celular. Vimos da janela da sala de estar quando ele estacionou na entrada de carros circular da casa de Taylor.

— Ah, meu Deus, ele está tão gatinho — comentou ela, correndo até a cômoda para passar gloss nos lábios. — Por que você não me disse que ele tinha ficado tão gato?

A última vez que Taylor tinha visto Jeremiah, ele estava mais baixo e magricela. Não era de se estranhar que tivesse ido atrás de Steven em vez dele. Mas, para mim, ele era só Jeremiah.

Peguei minha mochila e saí da casa, com Taylor logo atrás.

Quando abri a porta da frente, ele estava de pé na escada da entrada. Usava o boné do Red Sox, e seu cabelo estava mais curto do que da última vez que eu o vira. Foi estranho vê-lo ali, na porta da casa da Taylor. Surreal.

— Ia ligar para você agora — comentou, tirando o boné.

Era um garoto que não tinha medo de o cabelo ficar amassado pelo boné, de parecer bobo. Era uma das qualidades mais encantadoras dele; a que eu mais admirava porque eu basicamente vivia com um medo constante de passar vergonha.

Queria abraçá-lo, mas, por algum motivo — talvez por ele não ter vindo ao meu encontro primeiro, talvez porque de repente estava me sentindo um pouco tímida —, eu me contive. Ao invés disso, falei:

— Você chegou bem rápido.

— Corri feito louco — explicou. E cumprimentou: — E aí, Taylor?

Ela ficou na ponta dos pés e o abraçou, e eu me arrependi de não ter feito o mesmo.

Quando se afastou, Taylor o examinou com ar de aprovação e disse:

— Jeremy, você está lindo.

Então sorriu para ele, esperando que ele também a elogiasse. Como ele não disse nada, ela comentou:

— Essa foi a sua deixa para me dizer como eu estou bonita. Dã.

Jeremiah riu.

— A mesma Taylor de sempre. Você sabe que está bonita, não precisa que eu diga.

Os dois sorriram.

— É melhor a gente ir — falei.

Ele pegou minha mochila do ombro, e nós o seguimos até o carro. Enquanto ele guardava minha mochila no porta-malas, Taylor me agarrou pelo cotovelo, dizendo:

— Não esqueça de me ligar quando chegarem aonde quer que estejam indo, Cinderbelly.

Ela me chamava assim quando éramos pequenas, quando estávamos obcecadas pela Cinderela. Ela cantava junto com os ratinhos: *Cinderbelly, Cinderbelly.*

De repente, senti uma onda de afeto por Taylor. Nostalgia, uma história compartilhada, isso valia muito. Mais do que eu imaginava. Sentiria falta dela no ano seguinte, quando cada uma iria para uma universidade diferente.

— Obrigada por concordar que eu deixasse meu carro aqui, Tay.

Ela assentiu. E então sussurrou: *PONTO FINAL*, hein?

— Tchau, Taylor — disse Jeremiah, entrando no carro.

Entrei também. O carro dele estava uma bagunça, como sempre. Havia garrafas de água vazias por todo chão e no banco traseiro.

— Tchau — falei, quando começamos a nos afastar.

Ela ficou lá parada, acenando e nos observando partir. Gritou em resposta:

— Não se esqueça da sua promessa, Belly!

— O que você prometeu? — perguntou Jeremiah, olhando pelo retrovisor.

— Prometi estar de volta a tempo para a festa de Quatro de Julho que o namorado dela vai fazer. Vai ser em um barco.

Jeremiah assentiu.

— Você vai voltar a tempo, não se preocupe. Com sorte, trarei você de volta ainda esta noite.

— Ah. Tudo bem.

Pensei que não ia precisar daquela mochila para passar a noite fora, afinal.

Então ele comentou:

— A Taylor não mudou nada.

— É, acho que não.

E nenhum de nós disse mais nada. Simplesmente ficamos em silêncio.

8

Jeremiah

CONSIGO DIZER EXATAMENTE o instante em que tudo mudou. Foi no verão passado. Con e eu estávamos sentados na varanda, e eu tentava conversar com ele sobre como o novo assistente do treinador de futebol americano era um idiota.

— Então cai fora — sugeriu.

Era fácil para ele dizer isso. Ele ia largar o futebol.

— Você não está entendendo, esse cara é maluco — comecei a dizer, mas Conrad não estava mais ouvindo.

Eles haviam acabado de virar na entrada de carros. Steven saiu primeiro. Depois, Laurel. Ela perguntou onde minha mãe estava e me deu um abraço apertado. Em seguida abraçou Conrad, e comecei a perguntar: "Ei, cadê a Belly Bola?" E lá estava ela.

Conrad a viu primeiro. Estava olhando por cima do ombro da Laurel. Para ela. Que veio na nossa direção. O cabelo dela balançava por todo lado, e as pernas pareciam quilométricas.

Ela estava usando um short que claramente havia sido uma calça e tênis sujos. A alça do sutiã aparecia por baixo da regata. Juro que nunca tinha notado a alça do sutiã antes. Ela estava com uma expressão estranha, eu não reconhecia bem o que era. Como se estivesse tímida e nervosa, mas ao mesmo tempo orgulhosa.

Fiquei observando Conrad abraçá-la, esperando pela minha vez. Queria perguntar o que ela estava pensando, por que estava com aquela cara. Mas não perguntei nada. Contornei Conrad, a agarrei e falei alguma bobagem. O que eu disse a fez rir, e então ela voltou a ser a Belly de sempre. E isso foi um alívio, porque eu não queria que ela fosse qualquer outra coisa além dela mesma.

Eu convivi com ela minha vida inteira. Nunca havia pensado nela como uma garota. Ela era uma de nós. Era minha amiga. Vê-la de um jeito diferente, ainda que apenas por um instante, mexeu comigo.

Meu pai costumava dizer que, para tudo na vida, há um momento em que o jogo vira. Aquele instante que determina todo o resto, mas dificilmente sabemos disso na hora. A cesta de três pontos no segundo tempo que muda todo o ritmo da partida. Que faz as pessoas acordarem e as traz de volta à vida. Tudo se relaciona com aquele momento.

Eu posso ter me esquecido a respeito do instante em que o carro deles chegou e aquela menina saiu, uma garota que eu mal reconheci. Poderia ter sido apenas uma daquelas coisas. Você sabe, como quando uma pessoa faz contato visual com a gente ou sentimos uma lufada de perfume ao passar pela rua. Nós continuamos andando. E nos esquecemos. Talvez eu tenha me esquecido. As coisas poderiam ter voltado a ser como antes.

Mas daí veio o momento de virada do jogo.

Era de noite, talvez na primeira semana do verão. Belly e eu estávamos perto da piscina, e ela estava rindo de alguma coisa que eu tinha dito, mas não me lembro o quê. Eu adorava fazê-la rir. Embora ela risse muito, e isso não fosse um grande feito, a sensação era ótima. Ela disse:

— Jere, você é, tipo, a pessoa mais engraçada que eu conheço!

Foi um dos melhores elogios que já recebi. Mas esse não foi o momento em que o jogo virou.

Isso aconteceu a seguir. Eu estava me levantando, imitando Conrad quando acorda de manhã. Uma coisa meio Frankenstein. Então Conrad saiu e se sentou ao lado dela na espreguiçadeira. Ele puxou o rabo de cavalo dela e perguntou:

— O que é tão engraçado?

Belly olhou para ele, com o rosto vermelho. Ela estava toda vermelha, com os olhos brilhando. E respondeu:

— Eu não me lembro.

Senti meu estômago revirar. Foi como se alguém tivesse acabado de me dar um chute na barriga. Eu estava com ciúme, morrendo de ciúme. Do Conrad. E, quando ela se levantou, um pouco depois, para pegar um refrigerante, eu o vi observando-a se afastar e fiquei enjoado.

Foi quando eu soube que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Queria dizer a Conrad que ele não tinha o direito. Que ele a tinha ignorado todos aqueles anos, que não podia simplesmente decidir ficar com ela só porque sentiu vontade.

Ela era de todos nós. Minha mãe a adorava. Chamava Belly de sua filha secreta. Passava o ano todo ansiosa para vê-la. Embora desse muito trabalho ao irmão, Steven era bastante protetor com ela. Todo mundo tomava conta de Belly, ela só não sabia disso. Estava ocupada demais olhando para Conrad. Desde que qualquer um de nós era capaz de lembrar, ela era apaixonada por ele.

Eu só queria que ela olhasse para mim daquele jeito. Depois daquele dia, eu estava ferrado. Eu não gostava dela só como amiga. Talvez eu até estivesse apaixonado.

Houve outras garotas. Mas nenhuma como ela.

* * *

Eu não queria ligar para Belly para pedir ajuda. Estava furioso com ela. Não apenas por ela ter escolhido Conrad, isso já não era novidade. Ela sempre o escolheria. Mas nós dois éramos amigos. Quantas vezes ela havia me ligado desde que minha mãe morrera? Duas? Mandado algumas mensagens de texto e alguns e-mails?

Mas, sentado no carro ao seu lado, sentindo aquele cheiro de Belly Conklin (sabonete Ivory, coco e açúcar), vendo a maneira como ela franzia o nariz ao pensar, o sorriso nervoso e as unhas das mãos roídas... O jeito que ela dizia meu nome.

Quando ela se inclinou para a frente para arrumar as palhetas do ar-condicionado, seu cabelo roçou na minha perna, e estava muito macio. A

sensação fez eu me lembrar de tudo novamente. E aquilo só tornava mais difícil eu continuar bravo com ela e mantê-la a distância, como eu havia planejado. Era basicamente impossível. Quando estava perto dela, só queria agarrar, abraçar e beijar Belly loucamente. Talvez assim ela enfim esquecesse o idiota do meu irmão.

9

— E ENTÃO, AONDE estamos indo? — perguntei a Jeremiah.

Tentei captar seu olhar, fazer com que ele me encarasse pelo menos por um segundo. Parecia que Jere não tinha fitado meus olhos desde que chegara, e isso estava me deixando nervosa. Eu precisava saber que estava tudo bem entre nós dois.

— Não sei — respondeu. — Faz um tempo que não falo com o Con. Não faço ideia de para onde pode ter ido. Eu tinha esperança de que você conseguisse pensar em alguma coisa.

Acontece que eu não conseguia. Não mesmo. Nenhuma ideia, para falar a verdade. Pigarreei.

— Conrad e eu não nos falamos desde... desde maio.

Jeremiah olhou para mim de lado, mas não comentou nada. Eu me perguntei o que Conrad havia contado a ele. Provavelmente não muita coisa.

Continuei falando, porque ele não disse nada.

— Você já ligou para o colega de quarto dele?

— Não tenho o número do cara. Não sei nem o nome dele.

— Ele se chama Eric — respondi, depressa, satisfeita por saber pelo menos isso. — É o mesmo colega de quarto do ano letivo. Eles ficaram no mesmo quarto para o curso de verão. Então, ahn, acho que é para lá que temos que ir. Vamos para a Brown. Vamos conversar com o Eric, com as pessoas do alojamento dele. Quem sabe ele não está pelo campus?

— Parece que temos um plano.

Enquanto olhava pelo retrovisor e trocava de pista, ele me perguntou:

— Você visitou o Con na faculdade?

— Não — respondi, olhando pela janela.

Era algo bem constrangedor de admitir.

— Você visitou?

— Meu pai e eu o ajudamos a ajeitar as coisas no alojamento. — Então, quase relutante, ele acrescentou: — Obrigado por ter vindo.

— Claro.

— Laurel não se importou?

— Ah, claro que não — menti. — Fico feliz que pude vir.

Eu passava o ano inteiro esperando ansiosamente para ver Conrad. Costumava desejar a chegada do verão do jeito que as crianças anseiam pelo Natal. Era só naquilo que eu pensava. Mesmo agora, mesmo depois de tudo, era só nele que eu pensava.

Mais tarde, liguei o rádio para preencher o silêncio.

Teve uma hora que achei que havia escutado Jere começar a dizer alguma coisa e perguntei:

— Você disse alguma coisa?

Mas ele só respondeu:

— Não.

Por um tempo, apenas andamos de carro. Jeremiah e eu nunca ficávamos sem assunto. Mas ali estávamos, sem dizer uma palavra sequer.

Finalmente, ele resolveu puxar conversa:

— Vi a Nona na semana passada. Passei pela casa de repouso em que ela está trabalhando.

Nona era a enfermeira de Susannah. Eu encontrara com ela algumas vezes. Era uma mulher engraçada e forte. Era pequena, com menos de 1,60 metro, com pernas e braços esguios, mas eu a vi levantar Susannah como se ela não pesasse nada. Bem, mais para o final, acho que ela não pesava quase nada mesmo.

10

QUANDO SUSANNAH FICOU muito doente de novo, ninguém me contou imediatamente. Nem Conrad, nem minha mãe, nem a própria Susannah. Tudo aconteceu muito rápido.

Eu tentei me livrar de ir ver Susannah naquela última vez. Disse à minha mãe que tinha uma prova de trigonometria que ia valer um quarto da nota. Eu teria dito qualquer coisa para não precisar passar por aquela situação.

— Vou ter que estudar o fim de semana todo. Não posso ir. Quem sabe no próximo fim de semana? — falei, pelo telefone. Tentei fazer minha voz parecer casual, e não desesperada. — Está bem?

— Não. Não está bem — retrucou minha mãe, imediatamente. — Venha neste fim de semana. Susannah quer ver você.

— Mas...

— Sem mas... — interrompeu ela, com a voz firme. — Já comprei sua passagem de trem. Vejo você amanhã.

* * *

No trem, a caminho de Boston, fiz um esforço imenso para pensar em coisas que poderia dizer quando visse Susannah. Eu ia contar a ela como as aulas de trigonometria estavam difíceis, como Taylor estava apaixonada, como eu estava pensando em concorrer ao posto de representante de turma, o que era mentira. Eu não ia me candidatar, mas sabia que Susannah gostaria de ouvir isso. Eu contaria todas essas coisas a ela, e não perguntaria nada sobre Conrad.

Minha mãe me buscou na estação de trem. Quando entrei no carro, ela disse:

— Que bom que você veio. Não se preocupe, Conrad não está aqui.

* * *

Não respondi nada, só fiquei olhando fixamente pela janela. Eu estava brava com ela, e sem razão, por ter me obrigado a ir. Não que ela se importasse com isso. Minha mãe simplesmente continuou falando:

— Já vou avisando que a Beck não está bem. Está cansada. Está muito cansada, mas empolgada por ver você.

Assim que minha mãe disse as palavras "a Beck não está bem", fechei os olhos. Detestei a mim mesma por estar com medo de vê-la, por não a visitar com mais frequência. Mas eu não era como minha mãe, forte e resistente feito aço. Ver Susannah daquele jeito era difícil demais para mim. Ela parecia apenas fragmentos de si mesma, de quem costumava ser, desmoronando mais e mais a cada vez. Vê-la daquele jeito tornava a situação real.

* * *

Quando paramos na entrada de carros, Nona estava do lado de fora fumando um cigarro. Eu a conhecera umas duas semanas antes, quando Susannah voltou para casa. Nona tinha um aperto de mão intimidante. Quando saímos do carro, ela estava passando álcool gel nas mãos e spray purificador de ar no uniforme, como se fosse uma adolescente fumando escondida, embora Susannah não se importasse. Ela adorava cigarros de vez em quando, mas não podia mais fumar. Só maconha às vezes.

— Bom dia — cumprimentou Nona, acenando.

— Bom dia — respondemos.

Ela estava sentada na varanda.

— Que bom ver você — disse para mim. Para minha mãe, falou: — Susannah está prontinha e esperando por vocês duas no andar de baixo.

Minha mãe se sentou ao lado de Nona.

— Belly, entre primeiro. Vou bater um papo com a Nona.

E por "bater um papo", eu sabia que ela queria dizer que ia fumar um cigarro. Ela e Nona haviam desenvolvido uma ótima relação.

Nona era pragmática e também intensamente espiritualizada. Convidou minha mãe para ir à igreja e, embora minha mãe não fosse nem um pouco religiosa, ela foi. No começo, achei que tivesse sido apenas para agradar Nona, mas, daí, quando ela começou a ir à igreja sozinha perto de casa, me dei conta de que era mais do que isso. Ela estava em busca de algum tipo de paz.

— Sozinha? — perguntei, e me arrependi imediatamente.

Não queria que nenhuma das duas me julgasse por estar com medo. Eu mesma já estava me julgando.

— Ela está esperando por você — disse minha mãe.

E estava mesmo. Susannah estava sentada na sala de estar, usando roupas de verdade, em vez de pijama. Estava maquiada. O blush tom de pêssego berrante contrastava com a pele branca como giz. Ela se esforçara por mim. Para não me assustar. Então, fingi não estar assustada.

— Minha menina favorita — cumprimentou ela, abrindo os braços.

Eu a abracei, com o máximo de cuidado possível, e disse que ela parecia muito melhor. Menti.

Ela disse que Jeremiah só chegaria em casa mais tarde naquela noite, e que nós, as garotas, teríamos a casa toda só pra gente pelo resto da tarde.

Então minha mãe entrou, mas nos deixou a sós. Havia passado pela sala para dar um oi rápido e foi preparar o almoço enquanto nós duas conversávamos.

Assim que minha mãe saiu da sala, Susannah disse:

— Se você está preocupada em esbarrar com o Conrad, não fique, querida. Ele não vai estar aqui neste fim de semana.

Engoli em seco.

— Ele contou pra você?

Ela meio que deu risada.

— Aquele garoto não me conta nada. Sua mãe comentou que o baile não foi... tão bem quanto a gente esperava. Eu sinto muito, querida.

— Ele terminou comigo — contei.

Era mais complicado do que isso, mas, resumindo, foi o que aconteceu. Aconteceu porque ele quis que acontecesse. Sempre coube a ele, sempre foi ele que decidiu se ficaríamos juntos ou não.

Susannah pegou minha mão e a segurou.

— Não odeie o Conrad — pediu.

— Eu não o odeio.

Era mentira. Eu o odiava mais que qualquer outra coisa. Eu o amava mais que qualquer outra coisa. Porque ele *era* tudo para mim. E eu também odiava isso.

— Conrad está tendo muita dificuldade para lidar com toda essa situação. É demais pra ele.

Ela fez uma pausa e afastou meu cabelo do rosto, a mão pairando sobre minha testa, como se eu estivesse com febre. Como se fosse eu quem estivesse doente, que precisasse ser reconfortada.

— Não deixe ele afastar você. Conrad precisa de você. Ele te ama, sabia?

Balancei a cabeça.

— Não ama, não.

Mentalmente, acrescentei: *A única pessoa que Conrad ama é ele mesmo. E você.*

Ela fingiu que não tinha escutado.

— Você o ama?

Como não respondi, Susannah assentiu, como se eu tivesse respondido.

— Você me faz um favor?

Lentamente, assenti.

— Cuide dele pra mim. Pode fazer isso?

— Você não vai precisar que eu cuide dele, Susannah. Você vai estar aqui pra fazer isso — retruquei, tentando não parecer muito desesperada, mas não tinha importância.

Ela sorriu.

— Você é a minha garota, Belly.

Depois do almoço, Susannah dormiu um pouco. Ela só acordou no fim da tarde e, quando despertou, estava nervosa e desorientada. Falou de um jeito agressivo com minha mãe, o que me deixou apavorada. Susannah nunca fazia isso com ninguém. Nona tentou colocá-la na cama e, no começo,

Susannah recusou, mas acabou aceitando. A caminho do quarto, me deu uma piscadela desanimada.

Jeremiah chegou em casa na hora do jantar. Fiquei aliviada ao vê-lo. Ele tornava tudo mais leve, mais fácil. Só de ver seu rosto, senti parte da tensão desaparecer.

Ele entrou na cozinha e disse:

— Que cheiro de queimado é esse? Ah, a Laurel está cozinhando. Oi, Laurel!

Minha mãe bateu nele com um pano de prato. Jere desviou e começou a destampar as panelas com ar divertido.

— Oi, Jere — cumprimentei.

Eu estava sentada em uma banqueta alta, cortando vagens.

Ele olhou para mim e disse:

— Ah, oi. Tudo bem?

Então se aproximou e me deu um abraço rápido. Tentei procurar em seus olhos alguma pista de como ele estava se sentindo, mas Jere não deixou. Ficou o tempo todo indo para lá e para cá, brincando com Nona e minha mãe.

De alguma maneira, ele continuava a ser o mesmo Jeremiah, mas, de outra, dava para ver como aquilo o havia modificado, o deixado mais velho. Tudo precisava de mais esforço: as brincadeiras, os sorrisos. Nada mais era fácil.

11

PARECEU PASSAR UMA eternidade até Jeremiah falar de novo. Eu estava fingindo dormir, e ele batucava os dedos no volante. De repente, disse:

— Esta foi minha música no baile de fim de ano.

Imediatamente, abri os olhos e perguntei:

— A quantos bailes de fim de ano você já foi?

— No total? Cinco.

— O quê? Está bem, certo. Não acredito em você — falei, embora acreditasse.

É claro que ele tinha ido a cinco bailes. Jeremiah era exatamente esse tipo de cara: aquele com quem todas as meninas querem ir. Ele saberia fazer uma garota se sentir a rainha da festa, mesmo que ela não fosse ninguém.

Ele começou a contar nos dedos.

— No primeiro ano, fui a dois: o meu e o da Flora Martinez, no Sacred Heart. Este ano, fui ao meu e a outros dois. O da Sophia Franklin no...

— Está bem, está bem. Entendi. Você é muito disputado.

Eu me inclinei para a frente e mexi no controle do ar-condicionado.

— Precisei comprar um smoking, porque saía mais barato do que ficar alugando a cada festa — explicou.

Jeremiah olhava fixamente para a frente, e então disse a última coisa que eu esperaria que ele dissesse:

— Você estava bonita no seu. Gostei do seu vestido.

Eu o encarei. Conrad tinha mostrado nossas fotos a ele? Será que tinha contado alguma coisa?

— Como você sabe?

— Minha mãe colocou uma das fotos em um porta-retratos.

Não esperava que ele mencionasse Susannah. Pensei que os bailes seriam um assunto seguro.

— Fiquei sabendo que você foi o rei do baile no seu — falei.

— É.

— Aposto que foi divertido.

— É, foi bem divertido.

Eu devia ter levado Jeremiah para o meu baile. Se tivesse sido ele, as coisas teriam sido diferentes. Ele teria dito todas as coisas certas. Ele iria para o meio da pista de dança fazer todos aqueles passinhos bobos que costumava ensaiar quando víamos MTV. Ele teria lembrado que margaridas são minhas flores preferidas e teria ficado amigo do namorado da Taylor, o Davis, e todas as outras garotas teriam ficado olhando, desejando que ele estivesse com elas.

12

DESDE O COMEÇO, eu soube que não seria fácil fazer Conrad ir. Ele não era o tipo de pessoa que ia a bailes. Mas eu não me importava, só queria que ele fosse comigo, que fosse meu par. Fazia sete meses desde a primeira vez que a gente tinha se beijado. Dois meses desde a última vez que eu o vira. Uma semana desde a última vez que ele tinha me ligado.

Ser o par do baile de fim de ano de alguém é determinante. É mais real. E eu tinha essa fantasia a respeito do baile de fim de ano na minha cabeça, de como seria. Do modo como ele olharia para mim, de como, quando a gente dançasse uma música lenta, ele colocaria a mão na base das minhas costas. De como comeríamos batata frita com queijo na lanchonete, depois da festa, e veríamos o sol nascer do teto do carro dele. Eu já tinha tudo planejado, já sabia tudo que ia acontecer.

Quando liguei, naquela noite, ele parecia ocupado. Mas segui em frente mesmo assim. Perguntei:

— O que você vai fazer no primeiro fim de semana de abril?

Minha voz estremeceu quando disse a palavra "abril". Eu estava com muito medo de ele dizer não. Na verdade, lá no fundo, eu meio que esperava que ele fizesse isso.

Conrad perguntou, hesitante:

— Por quê?

— É meu baile de fim de ano.

Ele suspirou.

— Belly, eu detesto bailes.

— Eu sei. Mas é meu baile de fim de ano, e eu quero muito ir, e quero que você vá comigo.

Por que ele precisava tornar tudo tão difícil?

— Estou na faculdade agora — lembrou ele. — Eu não quis ir nem ao meu próprio baile.

Em um tom alegre, respondi:

— Bom, está vendo, mais um motivo pra você ir ao meu.

— Você não pode simplesmente ir com suas amigas?

Fiquei quieta.

— Me desculpe, eu realmente não estou a fim de ir. As provas finais estão chegando, e vai ser difícil dirigir até aí só pra passar uma noite.

Então ele não podia fazer uma coisa por mim, para me deixar feliz. Ele não estava a fim. Legal.

— Tudo bem. Tem muitos outros caras com quem eu posso ir. Sem problema.

Pude escutar a cabeça dele maquinando do outro lado da linha.

— Deixa pra lá. Eu vou com você — disse, por fim.

— Quer saber? Nem se preocupa com isso — retruquei. — O Cory Wheeler já me convidou. Posso dizer a ele que mudei de ideia.

— Quem é Corky Wheeler?

Sorri. Ele estava na minha mão. Ou pelo menos eu achava isso. Respondi:

— Cory Wheeler. Joga futebol com o Steven. Ele dança bem e é mais alto que você.

Mas então Conrad alfinetou:

— Então acho que você vai poder usar salto.

— É, acho que sim.

Desliguei. Será que era muito pedir a ele que fosse meu par no baile de fim de ano? Era só uma noite, droga! E eu tinha mentido a respeito de Cory Wheeler: ele não havia me convidado. Mas sabia que me convidaria, se eu o deixasse achar que queria ir com ele.

Na cama, debaixo da colcha, chorei um pouco. Tinha uma noite de baile perfeita na cabeça: Conrad de terno e eu com o vestido lilás que minha mãe comprara, dois verões antes, depois de eu implorar muito. Ele nunca tinha me visto toda arrumada, nem de salto, aliás. Eu queria muito, muito que ele me visse assim.

* * *

Mais tarde, Conrad ligou, e eu deixei a chamada cair direto na caixa postal. Na mensagem, ele disse:

— Oi. Desculpa por antes. Não vá com Cory Wheeler ou qualquer outro carinha. Eu vou. E você vai poder usar salto mesmo assim.

Eu devo ter escutado a mensagem pelo menos umas trinta vezes. De qualquer modo, eu nunca realmente escutei o que ele estava de fato dizendo: ele não queria que eu fosse com outro, mas também não queria ir comigo.

Usei o vestido lilás. Minha mãe ficou satisfeita, deu para perceber. Também usei o colar de pérolas que Susannah tinha me dado no aniversário de dezesseis anos, e isso também a deixou satisfeita. Taylor e todas as outras garotas estavam arrumando os cabelos em um salão de beleza chique. Decidi eu mesma arrumar o meu. Fiz cachos soltos, e mamãe me ajudou com a parte de trás. Acho que ela não arrumava meu cabelo desde o segundo ano, quando fazia tranças em mim todos os dias. Ela era boa com o modelador de cachos. Mas minha mãe era boa com a maior parte das coisas.

Assim que ouvi o carro dele na entrada de carros, corri até a janela. Conrad estava lindo de terno preto. Eu nunca tinha visto aquela roupa antes.

Desci a escada correndo e abri a porta da frente antes que ele tocasse a campainha. Não consegui deixar de sorrir e estava prestes a atirar os braços ao seu redor quando ele disse:

— Você está bonita.

— Obrigada — falei, e meus braços caíram ao lado do corpo. — Você também.

Devemos ter tirado uma centena de fotos em casa. Susannah disse que queria provas fotográficas de Conrad usando terno e de mim naquele vestido. Minha mãe a manteve falando ao celular conosco. Deu o aparelho

primeiro para Conrad e, o que quer que ela tenha dito, ele respondeu “eu prometo”. Me perguntei o que ele estaria prometendo.

Também me perguntei se um dia Taylor e eu estaríamos assim — ao telefone enquanto nossos filhos se aprontavam para ir a um baile de fim de ano. A amizade entre minha mãe e Susannah tinha atravessado décadas e sobrevivido a filhos e maridos. Eu me perguntava se minha amizade com Taylor seria tão resistente quanto a das duas. Algo durável e impenetrável. De algum modo, eu duvidava disso. O que elas tinham era muito raro.

A mim, Susannah perguntou:

— Você arrumou o cabelo daquele jeito que falamos?

— Arrumei.

— Conrad disse quanto você está linda?

— Disse, sim — respondi, embora ele não tivesse dito isso. Não exatamente.

— Esta noite vai ser perfeita — ela me prometeu.

Minha mãe nos posicionou na escada da entrada da casa, na escada interna, ao lado da lareira. Steven estava lá com Claire Cho, seu par. Os dois deram risada o tempo todo e, quando eles tiraram suas fotos, Steven ficou atrás com os braços ao redor da cintura dela, que se recostou nele. Tudo muito fácil. Em nossas fotos, Conrad ficou parado tenso ao meu lado, com um dos braços ao redor dos meus ombros.

— Está tudo bem? — sussurrei.

— Está.

Ele sorriu, mas não acreditei nele. Alguma coisa havia mudado. Eu só não sabia o quê.

Dei a ele uma *boutonnière* de orquídea. Ele se esqueceu de trazer meu buquê. Disse que tinha deixado dentro da geladeira na faculdade. Não fiquei triste nem brava, fiquei sem graça. O tempo todo, eu sempre pensei demais em mim e Conrad como um casal. Mas eu havia precisado implorar para ele ir ao baile comigo, e ele nem sequer tinha se lembrado de me levar flores.

Notei que ele se sentiu péssimo quando percebeu, exatamente no instante em que Steven foi até a geladeira e voltou com um buquê de punho com minúsculas rosas cor-de-rosa para combinar com o vestido de Claire. Ele deu um buquê grande a ela também.

Claire tirou uma das rosas do seu buquê e me deu.

— Aqui — disse ela —, vamos fazer um buquê pra você.

Sorri para demonstrar gratidão.

— Tudo bem. Não quero fazer um buraco no vestido — falei.

Que bobagem. Ela não acreditou em mim, mas fingiu acreditar. E disse:

— Então que tal colocarmos no seu cabelo? Acho que vai ficar lindo no seu penteado.

— Claro — respondi.

Claire Cho era legal. Eu esperava que ela e Steven nunca terminassem. Esperava que os dois ficassem juntos para sempre.

Depois da história do buquê, Conrad ficou ainda mais tenso. No caminho até o carro, ele agarrou meu punho e disse, baixinho:

— Desculpe ter esquecido seu buquê. Eu devia ter me lembrado.

Engoli em seco e sorri sem abrir a boca.

— Como ele era?

— Uma orquídea branca. Minha mãe que escolheu.

— Bom, para o meu baile de formatura, é melhor você me trazer dois buquês para compensar. Vou usar um em cada punho.

Fiquei observando-o ao dizer isso. Ainda estaríamos juntos dali a um ano, não estaríamos? Era o que eu estava perguntando.

Seu rosto não mudou. Ele segurou meu braço e disse:

— O que você quiser, Belly.

No carro, Steven olhou para nós pelo retrovisor.

— Cara, não acredito que estou saindo para um encontro duplo com você e a minha irmã mais nova.

Ele balançou a cabeça e deu risada.

Conrad não fez nenhum comentário.

Eu já sentia a noite escapando entre os dedos.

* * *

O baile juntava as turmas dos formandos e do segundo ano. Era como nossa escola fazia. De certa maneira, era legal, porque assim a gente podia ir duas vezes ao baile. Os formandos podiam votar no tema, que, naquele ano, era A Hollywood dos Velhos Tempos. O baile era no Water Club, e tinha um tapete vermelho cheio de "paparazzi".

O comitê do baile havia contratado um daqueles pacotes de bailes de formatura. Custou uma fortuna, e a arrecadação de dinheiro foi feita

durante toda a primavera. Havia uma porção de cartazes de filmes antigos nas paredes e um grande letreiro piscante escrito HOLLYWOOD. A pista de dança era para parecer um set de filmagens, com iluminação e uma câmera falsa sobre um tripé. Havia até uma cadeira de diretor de cinema em um dos lados.

Nós nos sentamos em uma mesa com Taylor e Davis. Com os saltos de dez centímetros que ela usava, os dois estavam da mesma altura.

Conrad deu um abraço em Taylor ao chegar, mas não se esforçou muito para conversar com ela ou com Davis. Estava desconfortável em seu terno, e só ficou sentado. Quando Davis abriu o paletó e mostrou o cantil prateado para Conrad, fiquei tensa. Talvez Conrad *estivesse* velho demais para aquilo tudo.

Então vi Cory Wheeler na pista de dança, no meio de uma roda de pessoas, entre elas meu irmão e Claire. Ele estava dançando break.

Eu me aproximei de Conrad e sussurrei:

— Aquele é o Cory.

— Quem é Cory? — perguntou.

Não acreditei que ele não se lembrasse. Simplesmente não consegui acreditar. Fiquei encarando Conrad por um instante, examinando seu rosto, e então me afastei, dizendo:

— Ninguém.

Depois de ficarmos sentados por alguns minutos, Taylor agarrou minha mão e avisou que íamos ao banheiro. Confesso que fiquei aliviada.

No banheiro, ela retocou o gloss nos lábios e sussurrou para mim:

— O Davis e eu vamos para o quarto do alojamento do irmão dele depois do pós-baile.

— Pra quê? — perguntei, ingênua, procurando pelo gloss na minha bolsinha.

Ela me emprestou o dela.

— Para, você sabe... Para ficarmos *sozinhos*.

Taylor arregalou os olhos para dar ênfase ao que estava dizendo.

— Sério? Nossa... Eu não sabia que você gostava tanto dele assim.

— Bom, você tem estado muito ocupada com todo o seu drama com o Conrad. Aliás, ele está um gato. Mas por que está sendo tão chato? Vocês dois brigaram?

— Não...

Eu não conseguia encará-la nos olhos, então continuei passando o gloss.

— Belly, não aceite nenhuma merda que ele fala. Esta é a noite do seu baile de fim de ano. E ele é seu namorado, não é?

Ela mexeu no cabelo e fez uma pose diante do espelho, com um biquinho.

— Pelo menos faça ele dançar com você.

Quando voltamos para a mesa, Conrad e Davis estavam conversando sobre o torneio da NCAA, e eu relaxei um pouco. Davis era superfã da Universidade de Connecticut, e Conrad gostava da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. O melhor amigo do Sr. Fisher havia sido do time, e Conrad e Jeremiah eram grandes torcedores. Conrad era capaz de falar sobre o basquete de lá sem parar.

Então uma música lenta começou a tocar. Taylor pegou Davis pela mão e os dois seguiram para a pista de dança. Fiquei olhando os dois dançarem, a cabeça dela no ombro dele, as mãos dele nos quadris dela. Dali a pouco tempo, Taylor não seria mais virgem. Ela sempre disse que seria a primeira de nós duas a perder a virgindade.

— Está com sede? — perguntou Conrad.

— Não. Quer dançar?

Ele hesitou.

— Precisamos?

Tentei sorrir.

— Qual é, supostamente foi você quem me ensinou a dançar música lenta.

Conrad se levantou e me estendeu a mão.

— Então vamos dançar.

Dei a mão a ele e o acompanhei até o meio da pista. Dançamos uma música lenta, e fiquei grata que o som estivesse tão alto, para ele não conseguir escutar meu coração batendo.

— Sabe, estou muito feliz por você ter vindo — falei, olhando para ele.

— O quê?

Falei mais alto:

— Eu disse que estou feliz por você ter vindo.

— Eu também.

A voz dele soou estranha. Eu me lembro disso, da maneira como sua voz parecia embargada.

Embora Conrad estivesse bem na minha frente, com as mãos ao redor da minha cintura, as minhas mãos em seu pescoço, ele nunca pareceu tão

distante.

Depois de dançar, voltamos à nossa mesa.

— Você quer ir a algum lugar?

— Bem, a festa pós-baile só começa à meia-noite — respondi, mexendo no colar de pérolas, que enrolei nos dedos.

Não conseguia olhar para ele.

— Não, quero dizer só você e eu — explicou Conrad. — Algum lugar onde a gente possa conversar.

De repente, fiquei zonza.

Se Conrad queria ir a algum lugar onde a gente pudesse ficar sozinho, onde a gente pudesse conversar, então é porque ele queria terminar comigo. Eu sabia.

— Não vamos a lugar nenhum, vamos só ficar aqui por um tempo — insisti, tentando não parecer desesperada.

— Tudo bem.

Então ficamos lá, sentados, olhando enquanto todos dançavam ao nosso redor, os rostos brilhando, a maquiagem escorrendo. Tirei a flor do cabelo e a guardei na bolsa.

Depois de passarmos um bom tempo em silêncio, perguntei:

— Sua mãe obrigou você a vir?

Partiu meu coração perguntar aquilo, mas eu precisava saber.

— Não — disse ele, mas esperou demais para responder.

* * *

No estacionamento, tinha começado a chuviscar. Meu cabelo, que eu havia passado a tarde toda cacheando, já estava ficando escorrido. Estávamos indo na direção do carro.

— Estou morrendo de dor de cabeça — disse Conrad.

Parei de caminhar.

— Quer que eu volte lá dentro rapidinho e veja se alguém tem um analgésico?

— Não, está tudo certo. Sabe de uma coisa? Talvez eu volte para a faculdade. Tenho aquela prova na segunda-feira e tudo o mais. Tudo bem se eu não for à festa pós-baile? Ainda posso deixar você lá.

Ele não me encarou enquanto dizia isso.

— Achei que você fosse passar a noite aqui.

Conrad remexia nas chaves do carro.

— Eu sei, mas agora estou pensando que é melhor voltar... — A voz dele foi sumindo.

— Mas eu não quero que você vá embora — falei, e detestei que eu parecesse estar implorando.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça, dizendo:

— Eu sinto muito.

Ficamos parados no estacionamento, e eu pensei: *Se a gente entrar neste carro, está tudo acabado entre nós. Ele vai me deixar em casa, seguir para a faculdade e nunca mais vai voltar. E vai ser o fim.*

— O que aconteceu? — perguntei, sentindo o pânico tomar conta do meu peito. — Eu fiz alguma coisa errada?

Ele desviou o olhar.

— Não. Não é você. Não tem nada a ver com você.

Agarrei o braço dele, que se afastou.

— Quer, por favor, falar comigo? Pode simplesmente me dizer o que está acontecendo?

Conrad não disse nada. Ele queria já estar no carro, indo embora. Indo para longe de mim. Tive vontade de bater nele.

Então falei:

— Está bem, legal, então. Se você não vai dizer, eu digo.

— Se eu não vou dizer o quê?

— Que não estamos mais juntos. Que o que quer que existia entre a gente acabou. Acabou, não é?

Eu estava chorando, meu nariz começou a escorrer, e tudo se misturava na chuva. Sequei o rosto com o braço. Ele hesitou. Eu o vi hesitar, medir as palavras.

— Belly...

— Não — interrompi, recuando. — Não faça isso. Não me fala nada.

— Só espera um pouco — pediu ele. — Não faça assim.

— É você quem está fazendo assim — retruquei.

Comecei a me afastar, caminhando o mais depressa que meus pés conseguiam com aqueles saltos idiotas.

— Espera! — gritou ele.

Não me virei. Caminhei ainda mais rápido. Então o ouvi dando um soco no capô do carro. Quase parei.

Talvez eu tivesse parado se ele tivesse vindo atrás de mim. Mas Conrad não fez isso. Ele entrou no carro e foi embora, exatamente como disse que faria.

* * *

Na manhã seguinte, meu irmão veio até meu quarto e se sentou à minha escrivaninha. Tinha acabado de chegar em casa e ainda estava de smoking.

— Estou dormindo — falei, me virando para o lado.

— Não está, não. — Ele fez uma pausa. — Conrad não vale isso, está bem?

Eu sabia quanto devia ter custado a ele dizer aquilo para mim, e eu o amei por isso. Steven era o fã número um de Conrad. Sempre foi. Quando Steven se levantou e saiu, repeti para mim mesma o que meu irmão tinha dito. *Ele não vale isso.*

Quando desci no dia seguinte, perto da hora do almoço, minha mãe perguntou:

— Você está bem?

Eu me sentei à mesa da cozinha e apoiei a cabeça no tampo da mesa. Senti a madeira fria na minha bochecha. Ergui os olhos para ela e respondi:

— Pelo jeito, o Steven fez fofoca.

Ela retrucou, hesitante.

— Não exatamente. Eu perguntei a ele por que Conrad não ficou para passar a noite, como havíamos planejado.

— A gente terminou.

De certa maneira, foi emocionante ouvir aquilo sendo dito em voz alta, porque, se tínhamos terminado, significava que, em algum momento, havíamos estado juntos. Tinha sido pra valer.

Minha mãe se sentou à minha frente. Suspirou.

— Eu estava com receio de que isso pudesse acontecer.

— Como assim?

— É mais complicado do que apenas você e o Conrad. Tem mais gente envolvida. Não são só vocês dois.

Fiquei com vontade de berrar, de dizer como ela era insensível e cruel e de perguntar se ela não conseguia ver que meu coração estava literalmente partido. Mas, quando a encarei, tive que engolir as palavras. Minha mãe

tinha razão. Havia mais com o que se preocupar do que com apenas o meu coração idiota. Era preciso pensar em Susannah. Ela ficaria muito decepcionada. E eu detestava desapontá-la.

— Não se preocupe com a Beck — disse minha mãe, a voz suave. — Eu vou contar a ela. Quer que prepare alguma coisa pra você comer?

Aceitei a oferta.

Mais tarde, no meu quarto, sozinha novamente, disse a mim mesma que era melhor assim. Que já tinha um tempo que ele estava esperando para terminar tudo, então foi melhor eu dizer antes. Eu não acreditei em uma palavra. Se Conrad me telefonasse e pedisse para a gente voltar, se aparecesse com flores ou um aparelho de som tocando a nossa música... a gente chegou a ter uma música? Eu não sabia. Mas se ele fizesse o mais minúsculo dos gestos, eu o teria aceitado de volta, de bom grado. Mas Conrad não me ligou.

Quando descobri que Susannah havia piorado, que ela não ia melhorar, eu liguei. Uma vez. Ele não atendeu, e eu não deixei recado. Se ele tivesse atendido, se tivesse retornado minha ligação, não sei o que eu teria dito.

E foi assim. A gente tinha terminado.

13

Jeremiah

MINHA MÃE PIROU quando descobriu que Conrad ia levar Belly ao baile de fim de ano. Deu pulinhos de alegria. Dava a impressão de que os dois iam se casar ou coisa parecida. Fazia tempo que eu não a via feliz daquele jeito, e uma parte de mim ficou satisfeita que ele pudesse ter proporcionado aquela alegria a ela. Mas, basicamente, fiquei com ciúme. Minha mãe não parava de ligar para Conrad, lembrando a ele coisas como se certificar de alugar o smoking a tempo. Disse que ele talvez pudesse pegar o meu emprestado, e eu falei que duvidava que fosse servir. Ela não falou mais nada, o que me deixou aliviado. Como acabei indo ao baile de uma menina do Collegiate naquela noite, ele não o teria usado de qualquer maneira. A questão era que, mesmo que pudesse emprestar, eu não queria que ele usasse.

Minha mãe o fez prometer que seria gentil com Belly, o cavalheiro perfeito.

— Faça com que seja uma noite da qual ela se lembre pra sempre — pediu ela.

Quando cheguei em casa na tarde depois do baile, o carro de Conrad estava na entrada de veículos, o que era estranho. Achei que ele ia passar a noite na casa de Laurel e depois voltar direto para a faculdade. Parei no quarto dele, mas Con estava dormindo. Logo depois, eu também caí no sono.

Naquela noite, pedimos comida chinesa, já que mamãe disse que estava com vontade de comer, mas, quando chegou, ela nem tocou na comida.

Comemos na sala de TV, sentados no sofá, algo que nunca fazíamos antes de ela ficar doente.

— E aí? — perguntou ela, olhando para Conrad, ansiosa.

Esse foi o momento do dia em que a vi mais animada.

Ele estava enfiando um rolinho primavera na boca, como se estivesse com muita pressa. E tinha levado toda a roupa suja para casa, como se esperasse que mamãe a lavasse.

— E aí, o quê? — perguntou.

— Você me fez esperar o dia todo pra contar do baile! Eu quero saber tudo!

— Ah, isso.

Conrad parecia constrangido, e eu sabia que ele não queria falar sobre o assunto. Eu tinha certeza de que ele havia feito alguma coisa para estragar tudo.

— Ah, isso — repetiu minha mãe, em tom de provocação. — Vamos lá, Con, me conte alguns detalhes. Como ela estava com o vestido? Vocês dois dançaram? Quero saber de tudo. Ainda estou esperando a Laurel me mandar as fotos por e-mail.

— Foi tudo bem.

— Só isso? — perguntei.

Fiquei irritado com ele. Com tudo em relação a ele. Conrad havia levado Belly ao baile dela e agia como se tivesse sido alguma grande tarefa. Se tivesse sido eu, teria feito direito.

Ele me ignorou.

— Ela estava muito bonita. Usou um vestido lilás.

Minha mãe assentiu, sorrindo.

— Sei exatamente qual é. Como ficou o buquê?

Ele se remexeu no lugar.

— Ficou bonito.

— Você acabou comprando o de prender na roupa ou o de usar no pulso?

— O de prender.

— E vocês dançaram?

— Sim, muito. A gente dançou, tipo, todas as músicas.

— Qual era o tema do baile?

— Não me lembro.

Como minha mãe pareceu decepcionada, ele acrescentou:

— Acho que era "Uma noite no continente". Tipo uma turnê pela Europa. Tinha uma grande torre Eiffel com luzinhas de Natal e uma ponte de Londres que dava pra atravessar. E uma torre de Pisa toda torta.

Olhei para ele. "Uma noite no continente" foi o tema do baile da nossa escola no ano anterior. Eu sabia porque estava lá.

Mas acho que minha mãe não se lembrava disso.

— Ah, deve ter sido muito legal. Queria ter estado na casa de Laurel para ajudar a Belly a se arrumar. Vou ligar para a Lau de noite e pedir a ela que me mande logo essas fotos. Quando acha que vão chegar as fotos que os fotógrafos contratados tiraram? Quero colocar em um porta-retratos.

— Não sei.

— Pode perguntar à Belly, por favor?

Ela largou o prato em cima da mesa de centro e voltou a se recostar nas almofadas do sofá. De repente, pareceu exausta.

— Pode deixar — disse ele.

— Acho que vou pra cama agora — anunciou mamãe. — Jere, pode arrumar as coisas aqui?

— Claro, mãe — respondi, ajudando-a a se levantar.

Ela nos beijou no rosto e foi para o quarto. Tínhamos passado o escritório para o andar de cima e mudado o quarto dela para o andar de baixo, para ela não precisar ficar subindo e descendo a escada.

Depois que ela saiu, eu comentei, em um tom sarcástico:

— Então quer dizer que vocês dois dançaram a noite toda, é?

— Deixa isso pra lá — retrucou Conrad, encostando a cabeça no sofá.

— Você foi mesmo ao baile? Ou mentiu para a mamãe sobre isso também?

Ele me encarou, furioso.

— Sim, eu fui.

— Bom, por algum motivo eu duvido que vocês tenham dançado a noite toda — insisti.

Estava me sentindo um cretino, mas simplesmente não conseguia deixar para lá.

— Por que você está sendo tão idiota? Por que se importa com o baile?

Dei de ombros.

— Só espero que não tenha estragado tudo e magoado a Belly. O que você está fazendo aqui, afinal?

Achava que Conrad fosse ficar furioso. Na verdade, meio que torcia para isso. Mas tudo que ele disse foi:

— Nem todo mundo pode ser o Sr. Rei do Baile.

E começou a fechar as caixas de comida.

— Já acabou de comer? — perguntou.

— Sim, acabei — respondi.

14

QUANDO CHEGAMOS AO campus, tinha gente sentada no gramado, do lado de fora. Algumas garotas estavam deitadas de short e a parte de cima do biquíni, e um grupo de garotos jogava frisbee. Encontramos uma vaga para estacionar bem na frente do alojamento de Conrad e entramos no prédio quando uma garota saiu com uma cesta de lavanderia cheia de roupas. Eu me senti incrivelmente jovem e perdida. Nunca tinha estado ali. Não era como eu havia imaginado. Era mais barulhento, mais movimentado.

Jeremiah sabia o caminho, e precisei apressar o passo para alcançá-lo. Ele subiu a escada de dois em dois degraus, e fomos até o terceiro andar. Eu o segui por um corredor muito iluminado. Na parede ao lado do elevador havia um mural de recados com um cartaz dizendo VAMOS FALAR SOBRE SEXO, GATINHA. Havia folhetos sobre DSTs, orientação sobre autoexame de mama e camisinhas em cores néon grampeadas de um jeito todo estiloso.

"Pegue uma", alguém tinha escrito com marcador de texto. "Ou três."

O nome de Conrad estava escrito na porta do quarto e, embaixo, "Eric Trusky".

Seu colega de quarto era um cara atarracado e musculoso com cabelo castanho-avermelhado, e ele abriu a porta usando short de ginástica e

camiseta.

— E aí? — perguntou, pousando os olhos em mim.

Ele me lembrou um lobo.

Em vez de me sentir lisonjeada por um universitário estar checando meu corpo, só me deu nojinho. Fiquei com vontade de me esconder atrás de Jeremiah como costumava me esconder atrás da saia da minha mãe, quando tinha cinco anos e era muito tímida. Precisei lembrar a mim mesma que tinha dezesseis, quase dezessete anos. Estava velha demais para ficar nervosa perto de um cara chamado Eric Trusky. Mesmo que Conrad tivesse me contado que Eric sempre lhe enviava vídeos pornôs esquisitos e passava basicamente o dia todo no computador. Exceto quando assistia a suas novelas, das duas às quatro da tarde.

Jeremiah pigarreou.

— Sou o irmão do Conrad, e ela é... nossa amiga. Você sabe onde ele está?

Eric abriu a porta e nos deixou entrar.

— Cara, não faço ideia. Ele simplesmente foi embora. O Ari ligou pra vocês?

— Quem é Ari? — perguntei a Jeremiah.

— Ari, o supervisor do alojamento.

— Ah, o supervisor — repeti, e Jeremiah deu um sorriso forçado.

— Quem é você? — perguntou Eric.

— Meu nome é Belly.

Fiquei observando, esperando por um lampejo de reconhecimento, algo que me dissesse que Conrad falava sobre mim, que pelo menos tivesse mencionado meu nome. Mas claro que não houve nada.

— Belly, é? Que gracinha. Sou Eric — disse ele, se encostando na parede.

— Hum, oi — respondi.

— Então... o Conrad não disse nada antes de ir embora? — interrompeu Jeremiah.

— Ele mal fala. Ele parece um androide. — Então sorriu para mim. — Bom, ele fala com garotas bonitas.

Fiquei enjoada. Que garotas bonitas? Jeremiah bufou alto e cruzou as mãos atrás da cabeça. Então pegou o celular e olhou para o aparelho, como se pudesse haver alguma resposta ali.

Eu me sentei na cama de Conrad, forrada com lençóis azul-marinho e um edredom azul-marinho por cima. A cama estava desarrumada. Conrad sempre arrumava a cama na casa de praia. Fazia até aquele acabamento que a gente só vê em hotel e tudo.

Então era ali que ele estava morando. Aquela era a vida dele agora.

Conrad não tinha muitas coisas no quarto do alojamento. Não tinha TV, nem aparelho de som, nem fotos penduradas. Certamente nenhuma minha, mas nem sequer de Susannah ou do pai. Apenas o computador, as roupas, alguns sapatos, livros.

— Eu estava quase de saída, gente. Vou pra casa de campo dos meus pais. Podem apenas checar se a porta fechou mesmo quando saírem? E, quando encontrarem o C, digam que ele me deve vinte dólares pela pizza.

— Tranquilo, cara. Vou dizer.

Percebi que Jeremiah não gostou de Eric pela maneira como os lábios dele quase formaram um sorriso, mas sem sustentar a expressão quando ele falava. Jere se sentou diante da mesa de estudos do irmão, examinando o quarto.

Alguém bateu à porta, e Eric foi abrir. Era uma garota, usando uma camisa de mangas compridas, legging e óculos de sol na cabeça.

— Você viu meu blusão? — perguntou a ele, olhando por cima dos ombros, como se estivesse procurando por alguma coisa, por alguém.

Os dois saíram juntos?, eu me perguntei. Foi a primeira coisa que pensei. Meu segundo pensamento foi: *Eu sou mais bonita que ela*. Fiquei com vergonha de pensar isso, mas não pude evitar. A verdade era que não importava quem era mais bonita, ela ou eu. Conrad não me queria.

Jeremiah se levantou em um salto.

— Você é amiga do Con? Sabe aonde ele foi?

Ela olhou para nós com curiosidade. Percebi que achou Jeremiah bonito pelo modo como colocou o cabelo atrás das orelhas e tirou os óculos de sol da cabeça.

— Ahn, sim. Oi. Sou a Sophie. Quem são vocês?

— Sou o irmão dele.

Jeremiah foi até ela e apertou sua mão. Embora estivesse estressado, deu uma boa sacada nela e lhe mostrou um de seus sorrisos característicos, que ela retribuiu imediatamente.

— Ah, nossa. Vocês dois nem são parecidos?

Sophie era aquele tipo de pessoa que termina as frases com um ponto de interrogação. Só por isso eu já podia dizer que, se a conhecesse, eu a detestaria.

— É, muita gente nos diz isso — respondeu Jeremiah. — O Con disse alguma coisa pra você, Sophie?

Ela gostou da maneira como ele a chamou pelo nome.

— Acho que ele comentou que iria pra praia, surfar ou coisa parecida? Ele é bem maluco.

Jeremiah olhou para mim. A praia. Ele estava na casa de praia.

* * *

Enquanto Jeremiah ligava para o pai, fiquei sentada na beira da cama de Conrad e fingi não escutar. Ele disse ao Sr. Fisher que estava tudo bem, que Conrad estava a salvo em Cousins. Não mencionou que eu tinha ido junto.

— Papai, eu vou buscá-lo. Não é nada de mais.

Do outro lado da linha, o Sr. Fisher disse alguma coisa, e Jeremiah retrucou:

— Mas, papai...

Então olhou para mim, fazendo *já volto* com a boca.

Ele seguiu na direção do corredor e fechou a porta ao sair.

Depois que Jere saiu, eu me deitei na cama de Conrad e fiquei olhando fixamente para o teto. Então era ali que ele dormia todas as noites. Eu o conhecia a vida inteira, mas, de muitas maneiras, ele ainda era um mistério para mim. Um enigma.

Eu me levantei e fui até sua mesa de estudos. Abri a gaveta com cautela e encontrei uma caixa de canetas, alguns livros, papel. Conrad sempre foi cuidadoso com suas coisas. Disse a mim mesma que não estava *espionando*. Eu estava à procura de provas. Era Belly Conklin, detetive.

Encontrei na segunda gaveta. Uma caixa verde Tiffany enfiada bem no fundo. Enquanto a abria, sabia que estava fazendo algo errado, mas não consegui evitar. Era uma caixinha de joia, e dentro havia um colar com um pingente. Tirei a peça da caixinha e a segurei no alto. Primeiro, pensei que fosse um número oito, e que talvez ele estivesse saindo com alguma garota que praticava patinação no gelo — e decidi que a detestava também. Então

olhei melhor e coloquei o pingente na horizontal na palma da minha mão. Não era um número oito.

Era o infinito.

∞

Foi quando eu me dei conta. Não era para alguma garota que praticava patinação no gelo ou para a Sophie daquele mesmo alojamento. Era para mim. Ele havia comprado aquilo para mim. Ali estava a prova. Prova de que ele realmente se importava.

Conrad era bom em matemática. Quer dizer, ele era bom em tudo, mas era realmente muito bom em matemática.

Algumas semanas depois de começarmos a nos falar por telefone, quando as conversas haviam se tornado mais uma rotina, mas não menos emocionantes, contei a ele como detestava trigonometria e como já estava me saindo mal. Imediatamente, me senti culpada por dizer daquilo — lá estava eu reclamando de matemática enquanto Susannah enfrentava um câncer. Meus problemas eram tão insignificantes e bobos, tão *sem importância* se comparados com o que Conrad estava enfrentando.

— Me desculpe — falei.

— Pelo quê?

— Por falar sobre a porcaria da minha nota de trigonometria enquanto... — Minha voz falhou. — Enquanto sua mãe está doente.

— Não se desculpe. Você pode me dizer o que quiser. — Ele fez uma pausa. — E, Belly, minha mãe está melhorando. Ela ganhou dois quilos este mês.

A esperança em sua voz me fez sentir tanto carinho por ele que eu quase chorei.

— É, minha mãe me contou isso ontem. Que notícia boa.

— Certo, então vamos lá. Seu professor já ensinou o SOH-CAH-TOA, uma maneira de lembrar como calcular o seno, o cosseno e a tangente de um ângulo?

Dali em diante, Conrad começou a me ajudar, pelo telefone mesmo. No início, eu não prestava muita atenção, só gostava de ouvir a voz dele enquanto ele explicava as coisas. Mas então ele começou a me testar, e eu

detestava decepcioná-lo. Assim começaram nossas aulas particulares. A maneira como minha mãe sorria para mim quando o telefone tocava à noite me fazia ter certeza de que ela achava que estávamos tendo algum tipo de relacionamento, e não a corrigi. Era mais fácil assim. E o fato de as pessoas pensarem que éramos um casal me deixava feliz. Vou admitir, eu deixei que pensassem isso. Eu queria que pensassem. Sabia que não era verdade, não ainda, mas eu sentia como se pudesse ser. Algum dia. Enquanto isso, eu tinha meu próprio professor particular de matemática e estava realmente começando a entender trigonometria. Conrad tinha um jeito de fazer coisas impossíveis fazerem sentido, e eu nunca o amei tanto quanto durante aquelas noites de aula que ele passou comigo ao telefone repassando os mesmos problemas sem parar, até que, finalmente, eu também os compreendi.

* * *

Jeremiah voltou para o quarto, então fechei o colar na mão antes que ele pudesse vê-lo.

— O que está havendo? — perguntei. — Seu pai está bravo? O que ele disse?

— Ele queria ir a Cousins pessoalmente, mas eu disse que faria isso. De jeito nenhum Conrad daria ouvidos a meu pai agora. Se meu pai aparecesse, ele simplesmente ficaria ainda mais furioso.

Jeremiah sentou-se na cama.

— Então, acho que vamos a Cousins neste verão, afinal.

Assim que ele disse isso, a situação se tornou real. Na minha cabeça, quero dizer. Ver Conrad não era mais uma fantasia distante. Era algo que ia acontecer. Imediatamente, deixei de lado todos os meus planos de salvá-lo e disparei:

— Talvez você deva simplesmente me deixar em casa no caminho pra lá.

Jeremiah me encarou.

— Você está falando sério? Eu não vou conseguir lidar com isso sozinho. Você não sabe como tem sido ruim. Desde que minha mãe ficou doente de novo, o Conrad tem agido de modo autodestrutivo. Ele não dá a mínima pra nada. Mas sei que ele ainda se importa com o que você pensa.

Umedeci os lábios, que ficaram muito secos de repente.

— Não tenho tanta certeza quanto a isso.

— Bom, eu tenho. Eu conheço meu irmão. Pode, por favor, ir comigo?

Quando pensei nas últimas coisas que disse a Conrad, fui tomada pela vergonha e me senti queimando por dentro. Não se diz aquele tipo de coisa a uma pessoa cuja mãe acabou de morrer. Simplesmente não se diz. Como eu poderia encará-lo? Eu simplesmente não ia conseguir.

Então Jeremiah disse:

— Vai estar de volta a tempo para a festa no barco, se é isso que está deixando você tão preocupada.

Aquilo foi algo tão estranho vindo de Jeremiah que saí imediatamente da espiral de vergonha que estava sentindo e olhei furiosa para ele.

— Você acha que eu me importo com uma festa idiota em um barco?

Ele olhou para mim.

— Você adora fogos de artifício.

— Cala a boca — respondi, e ele sorriu. — Tudo bem. Você venceu. Eu vou.

— Está certo, então. — Ele se levantou. — Vou fazer xixi antes de sairmos. Ah, e Belly?

— O quê?

Jeremiah abriu um sorriso irônico para mim.

— Eu sabia que você ia ceder. Nunca teve nenhuma chance.

Atirei um travesseiro nele, que desviou e saiu comemorando na direção da porta.

— Vai logo fazer xixi, seu idiota.

Quando Jere saiu, coloquei o colar por baixo da regata. O pingente havia deixado uma marca na palma da minha mão, de tão forte que eu o segurei.

Por que fiz aquilo? Por que coloquei o colar? Por que não o guardei no bolso ou o deixei na caixa? Não consigo sequer explicar isso. Tudo que eu sabia era que eu queria muito, muito usá-lo. Ele parecia pertencer a mim.

15

ANTES DE VOLTARMOS para o carro, peguei os livros, os cadernos e o notebook de Conrad e enfiei o máximo de coisas que consegui na mochila da North Face que encontrei no armário dele.

— Assim ele vai poder estudar para as provas da metade do semestre na segunda — falei, entregando o computador a Jeremiah.

Ele retrucou, dando uma piscadela.

— Gosto do seu jeito de pensar, Belly Conklin.

No caminho, paramos no quarto de Ari, o supervisor do alojamento. A porta estava aberta, e ele estava sentado diante da escrivaninha. Jeremiah enfiou a cabeça e disse:

— Oi, Ari. Sou o irmão de Conrad, Jeremiah. Nós o encontramos. Obrigado pela dica, cara.

Ari abriu um sorriso.

— Sem problemas.

Jeremiah Fisher fazia amigos aonde quer que fosse. Todo mundo queria ser amigo dele.

Pegamos a estrada. Fomos direto para Cousins, a parada final. Seguimos com as janelas abertas e o rádio ligado.

Não conversamos muito, mas, desta vez, eu não me importei. Acho que nós dois estávamos ocupados demais pensando. Eu estava pensando na última vez que havia pegado aquela estrada. Só que não tinha sido com Jeremiah, e sim com Conrad.

16

FOI, SEM DÚVIDA, uma das melhores noites da minha vida, junto com a virada de ano na Disney. Meus pais ainda eram casados, e eu tinha nove anos. Assistimos aos fogos de artifício estourando bem acima do Palácio da Cinderela, e Steven nem reclamou.

Não reconheci a voz dele quando ele ligou, em parte porque eu não estava esperando e em parte porque eu ainda estava meio dormindo.

— Estou no carro, a caminho da sua casa. Podemos nos ver? — perguntou.

Era meia-noite e meia. Boston ficava a cinco horas e meia de distância. Ele tinha dirigido a noite inteira. Porque queria me ver.

Pedi que ele estacionasse no fim da rua, dizendo que eu o encontraria na esquina depois que minha mãe fosse dormir. Ele disse que ia esperar.

Apaguei as luzes e fiquei esperando na janela, prestando atenção nos faróis. Tive vontade de ir correndo assim que avistei o carro dele, mas precisava esperar. Ainda podia ouvir minha mãe vagando para lá e para cá no quarto dela, e sabia que ficaria lendo na cama por pelo menos meia hora antes de pegar no sono. Era uma tortura saber que ele estava logo ali, me esperando, e eu não podia ir ao encontro dele. Aquela era uma ideia

maluca; estávamos no inverno, e estaria congelando em Cousins. Mas, quando ele sugeriu, pareceu uma ideia maluca e boa.

* * *

No escuro, coloquei o cachecol que minha avó tinha tricotado para mim no Natal. Então fechei a porta do quarto e fui pisando na ponta dos pés pelo corredor, até o quarto da minha mãe, e encostei a orelha na porta. A luz estava apagada, e pude ouvi-la roncando baixinho. Para minha sorte, Steven sequer havia chegado em casa — ainda bem, porque ele tinha o sono leve como o do nosso pai.

Minha mãe finalmente estava dormindo, a casa estava quieta e silenciosa. Nossa árvore de Natal ainda estava montada. Deixávamos as luzinhas acesas a noite toda, porque aquilo me fazia sentir que ainda era Natal, como se a qualquer minuto Papai Noel pudesse aparecer com presentes. Não deixei um bilhete para minha mãe. Eu ligaria para ela pela manhã, quando acordasse e procurasse por mim.

Desci a escada lentamente, tomando o cuidado de evitar o degrau do meio, que rangia, mas, assim que me vi do lado de fora, corri pelos degraus da entrada e atravessei o jardim congelado. A grama quebrava sob a sola dos meus tênis. Eu tinha me esquecido de vestir um casaco. Só me lembrei do cachecol, mas não do casaco.

O carro de Conrad estava na esquina, bem onde eu achei que estaria. Estava todo apagado, e abri a porta do lado do passageiro como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes.

Enfiei a cabeça para dentro, mas não entrei. Queria olhar para ele primeiro. Era inverno, e ele vestia uma camisa de flanela cinza. O rosto estava rosado por causa do frio; o bronzeado já tinha desbotado, mas ele parecia o mesmo de sempre.

— Oi — cumprimentei, entrando no carro.

— Você está sem casaco — observou ele.

— Não está tão frio assim — respondi, embora estivesse, e apesar de eu estar tremendo ao dizer isso.

— Toma — ofereceu ele, tirando a camisa de flanela e me entregando.

Vesti a camisa. Estava quente e não cheirava a cigarro. Tinha o cheiro dele. Então Conrad havia parado de fumar, afinal. Pensar nisso me fez

sorrir.

Ele deu partida no motor.

— Não acredito que você está aqui — falei.

— Nem eu. — Ele tinha um ar quase tímido, hesitante. — Você ainda vem comigo?

Ele nem precisava perguntar. Eu iria a qualquer lugar com ele.

— Sim — respondi.

Era como se nada mais existisse além daquela palavra, além daquele momento. Só havia nós dois. Tudo que tinha acontecido no verão anterior, e em cada verão antes daquele, nos levara até ali. Até agora.

* * *

Estar ao lado de Conrad no banco do carona era como um presente inacreditável. Parecia o melhor presente de Natal da minha vida. Porque ele estava sorrindo para mim, não estava sombrio, solene ou triste ou qualquer outra das palavras que eu havia passado a associar a Conrad. Ele estava leve, entusiasmado: as melhores partes dele à mostra.

— Acho que vou ser médico — anunciou, me olhando de lado.

— Sério? Nossa.

— A medicina é muito incrível. Por um tempo, pensei que iria para o ramo da pesquisa, mas, agora, acho que prefiro trabalhar com pessoas de verdade.

Hesitei e então perguntei:

— Por causa da sua mãe?

Ele assentiu.

— Ela está melhorando, sabia? A medicina está tornando isso possível. Ela está respondendo muito bem ao novo tratamento. Sua mãe contou?

— Sim, contou.

Mas não tinha contado. Provavelmente ela só não queria aumentar minhas esperanças. Provavelmente não queria aumentar as próprias esperanças. Minha mãe era assim, não se deixava empolgar antes de saber que era algo certo. Eu, não. Eu já estava me sentindo mais leve, mais feliz. Susannah estava melhorando. Eu estava com Conrad. Tudo estava acontecendo como deveria acontecer.

Eu me inclinei na direção dele e apertei seu braço.

— É a melhor notícia do mundo — falei, sendo sincera.

Ele sorriu para mim, e uma palavra estava estampada em seu rosto: esperança.

* * *

Quando chegamos na casa, eu estava congelando. Ligamos o aquecimento, e Conrad acendeu a lareira. Fiquei olhando para ele, agachado, rasgando pedaços de papel, atiçando cuidadosamente a lenha. Aposto que ele cuidava bem do cachorro da família, Boogie. Aposto que deixava Boogie dormir na cama com ele. Só o fato de pensar em camas e em dormir me deixou nervosa de repente. Mas eu não devia ter ficado, porque, depois que acendeu o fogo, Conrad se sentou na poltrona, e não no sofá, ao meu lado. De repente, me ocorreu: ele também estava nervoso. Conrad, que nunca ficava nervoso. Nunca.

— Por que você foi se sentar aí desse lado? — perguntei, escutando o coração bater com força.

Não podia acreditar que havia tido coragem suficiente para realmente dizer o que estava pensando.

Conrad também pareceu surpreso, mas veio até mim e se sentou ao meu lado. Cheguei ainda mais perto. Queria que ele colocasse os braços em volta de mim. Queria fazer todas as coisas que eu só tinha visto na TV e ouvido Taylor falar. Bom, talvez não todas, mas algumas.

Em voz baixa, Conrad disse:

— Não quero que você fique assustada.

— Não estou — sussurrei, embora estivesse.

Não assustada com ele, mas com tudo que eu sentia. Às vezes era demais. O que eu sentia por ele era mais intenso do que qualquer coisa, mais intenso do que tudo no mundo.

— Ótimo — disse ele, e suspirou, se inclinando para me beijar.

Ele me beijou bem devagarinho e por muito tempo e, embora a gente já tivesse se beijado antes, eu nunca imaginei que pudesse ser daquele jeito. Ele foi com calma. Passou as mãos pela parte de baixo do meu cabelo, daquele jeito que a gente costuma fazer quando passa a mão nos sinos de vento.

Beijá-lo, estar com ele daquele jeito... era como tomar um suco bem gelado, doce e agradável de um modo que parecia interminável. Passou pela minha cabeça a ideia de que eu não queria que ele parasse de me beijar nunca. *Eu poderia ficar fazendo isso para sempre*, pensei.

Ficamos nos beijando no sofá pelo que podem ter sido horas ou minutos. Tudo que fizemos foi beijar. Conrad foi cuidadoso na forma como me tocava, como se eu fosse um enfeite de Natal que ele tivesse medo de quebrar.

Em algum momento, até sussurrou:

— Tudo bem assim?

Quando espalmei a mão no peito dele, pude sentir seu coração batendo tão rápido quanto o meu. Eu o espiei e, por algum motivo, fiquei deliciada ao ver seus olhos fechados. Os cílios dele eram mais longos que os meus.

Conrad caiu no sono primeiro. Eu tinha ouvido falar alguma coisa sobre não ser bom dormir com um fogo ainda queimando, então esperei que as brasas se apagassem. Fiquei observando Conrad dormir por um tempo. Ele parecia um garotinho com o cabelo caindo na testa e os cílios tocando o rosto. Eu não me lembrava de ele parecer tão jovem. Quando tive certeza de que ele estava dormindo, me inclinei na sua direção e sussurrei:

— Conrad. Só existe você. Pra mim, sempre existiu só você.

* * *

Minha mãe pirou quando não me encontrou em casa naquela manhã. Não atendi duas ligações dela porque estava dormindo. Na terceira vez, furiosa, perguntei:

— Você não viu meu bilhete?

Então lembrei que não tinha deixado bilhete.

Ela praticamente rosnou.

— Não, não vi bilhete nenhum. Nunca mais saia no meio da noite sem me avisar, Belly.

— Mesmo se eu só estiver saindo para uma caminhada à meia-noite? — brinquei.

Eu sempre conseguia fazer minha mãe dar risada. Eu fazia uma brincadeira, e a raiva dela evaporava. Comecei a cantar a música de Patsy Cline que ela mais gostava:

— *I go out walkin', after midnight, out in the moonlight...*

Saio caminhando, depois da meia-noite, à luz do luar.

— Não foi engraçado. Onde você está?

A voz dela estava tensa, nervosa.

Hesitei. Não havia nada que minha mãe detestasse mais do que mentiras. Ela acabaria descobrindo de qualquer maneira. Era meio vidente.

— Ahn. Em Cousins?

Ouvi mamãe inspirando fundo.

— Com quem?

Olhei para ele, que ouvia a conversa atentamente. Queria que ele não estivesse ali.

— Com o Conrad — falei, baixando a voz.

A reação dela me surpreendeu. Eu a ouvi respirar novamente, mas, desta vez, foi um suspiro leve, de alívio.

— Você está com o Conrad?

— Estou.

— Como ele está?

Foi uma pergunta estranha, ainda mais com ela estando brava comigo.

Sorri para ele e abanei o rosto, como se estivesse aliviada. Ele piscou para mim.

— Ótimo — respondi, relaxando.

— Que bom. Que bom — disse ela, mas era como se estivesse falando sozinha. — Belly, eu quero você em casa ainda esta noite. Estamos entendidas?

— Sim.

Fiquei agradecida. Achei que ela fosse exigir que fôssemos embora imediatamente.

— Fala pro Conrad dirigir com cuidado. — Ela fez uma pausa. — E, Belly?

— Sim, Laurel?

Ela sempre sorria quando eu a chamava pelo nome.

— Divirta-se. Você vai ficar muito, muito tempo sem se divertir.

— Estou de castigo? — resmunguei.

Aquilo era novidade para mim. Minha mãe nunca me deixara de castigo. Mas acho que eu nunca tinha dado um motivo para isso.

— Essa é uma pergunta muito idiota.

Agora que ela não estava mais brava, não consegui resistir:

— Achei que você dissesse que não existem perguntas idiotas.

Ela desligou o telefone, mas sei que a fiz sorrir.

Desliguei o celular e encarei Conrad.

— O que vamos fazer?

— O que a gente quiser.

— Eu quero ir à praia.

* * *

E foi o que fizemos. Vestimos uma porção de roupas e corremos pela praia usando galochas que encontramos na entrada da casa. Usei as de Susannah, dois tamanhos maior do que o meu, e eu não parava de escorregar na areia. Caí de bunda duas vezes. Ri o tempo todo, mas mal conseguia escutar porque o barulho do vento estava muito alto. Quando voltamos para dentro de casa, coloquei as mãos geladas no rosto dele e, em vez de afastá-las para longe, Conrad disse:

— Ah, que sensação boa.

Dei risada e retruquei:

— Isso é porque você tem o coração frio.

Ele enfiou minhas mãos nos bolsos do próprio casaco e falou, com uma voz tão baixinha que até agora não sei se ouvi direito:

— Para todo mundo, talvez. Mas não para você.

Conrad não olhou para mim ao dizer isso, por isso sei que ele estava falando a verdade.

Como eu não sabia o que dizer, fiquei nas pontas dos pés e lhe dei um beijo na bochecha. Sua pele estava fria e macia ao toque dos meus lábios.

Ele deu um breve sorriso e começou a se afastar.

— Está com frio? — perguntou, de costas para mim.

— Mais ou menos — respondi.

Eu estava com o rosto vermelho.

— Vou acender a lareira — disse ele.

Enquanto ele fazia o fogo, encontrei uma caixa velha de chocolate quente Swiss Miss na despensa, ao lado dos chás Twinings e do café Chock full o'Nuts da minha mãe. Susannah sempre fazia chocolate quente nas noites de chuva, quando refrescava. Ela usava leite, mas é claro que não havia leite, então usei água.

Eu me sentei no sofá, mexendo o conteúdo da caneca, observando os minimarshmallows se desmancharem, sentindo meu coração batendo, tipo, um milhão de vezes por minuto. Quando estava com ele, eu tinha a sensação de que não conseguia respirar direito.

Conrad não parou de se mexer. Rasgava pedaços de papel e atiçava as brasas, agachado na frente da lareira, balançando o corpo para a frente e para trás.

— Quer seu chocolate quente? — perguntei.

Ele olhou para mim.

— Sim, claro.

Conrad se sentou ao meu lado no sofá e bebeu da caneca dos Simpsons. Sempre foi a preferida dele.

— Isto está...

— Incrível?

— Com gosto de velho.

Nós nos entreolhamos e demos risada.

— Só pra você saber, chocolate quente é a minha especialidade. E de nada — falei, tomando meu primeiro gole.

O chocolate estava mesmo com um gosto estranho.

Ele olhou para mim e levantou meu rosto. Então estendeu a mão e esfregou minha bochecha, como se estivesse limpando fuligem.

— Estou com chocolate em pó no rosto? — perguntei, ficando paranoica de repente.

— Não. É só uma sujeira... opa, quero dizer, umas sardas.

Eu ri e bati no braço dele, então ele agarrou minha mão e me puxou para mais perto. Afastou meu cabelo dos olhos, e fiquei preocupada que ele pudesse ouvir a maneira como eu inspirava quando ele me tocava.

Estava ficando cada vez mais escuro do lado de fora. Conrad suspirou e disse:

— É melhor eu levar você de volta pra casa.

Olhei para o meu relógio. Eram cinco da tarde.

— É... acho que é melhor a gente ir.

Nenhum de nós se mexeu. Ele estendeu o braço e enrolou meu cabelo nos dedos, como um novelo de lã.

— Adoro seu cabelo. É tão macio.

— Obrigada — sussurrei.

Eu nunca tinha pensado no meu cabelo como alguma coisa especial. Era só cabelo. E era castanho, e castanho não é especial como loiro, preto ou ruivo. Mas o jeito que ele olhava para os fios... para mim. Como se exercêssemos algum fascínio sobre ele, como se ele jamais fosse se cansar de passar a mão pelas mechas.

Nós nos beijamos de novo, mas foi diferente da noite anterior. Não teve nada de lento ou preguiçoso naquele beijo. A maneira como ele olhava para mim... com urgência, me desejando, precisando de mim... parecia uma droga. Era apenas desejo-desejo-desejo. Mas era eu quem mais desejava.

Quando o puxei para mais perto, quando coloquei as mãos por baixo da blusa dele, em suas costas, ele estremeceu por um instante.

— Minhas mãos estão muito geladas? — perguntei.

— Não.

Então ele me soltou e se sentou. Estava com o rosto meio vermelho, os pelos da nuca eriçados.

— Eu não quero apressar nada — explicou.

Eu também me sentei.

— Mas eu achei que você já...

Não soube como terminar a frase. Era muito constrangedor. Eu nunca tinha feito aquilo antes.

Conrad ficou ainda mais vermelho.

— Sim, quero dizer, eu já. Mas você não.

— Ah — soltei, olhando para baixo. Então olhei para ele. — Como você sabe que eu ainda não?

Então ele ficou vermelho como uma beterraba e gaguejou:

— Eu só achei que você não tivesse... quero dizer, eu presumi...

— Você achou que eu não havia feito nada antes, certo?

— Bom, sim. Quero dizer, não.

— Você não deveria fazer suposições desse tipo.

— Me desculpe. — Ele me encarou, hesitante. — Então... você já fez?

Apenas olhei para ele.

Quando Conrad abriu a boca para falar, eu o interrompi.

— Não. Nem cheguei perto — respondi.

Então me inclinei para a frente e lhe dei um beijo na bochecha. Parecia um privilégio simplesmente poder fazer aquilo, beijá-lo sempre que me desse vontade.

— Você é muito atencioso comigo — sussurrei, e me senti muito feliz e agradecida por estar ali, naquele momento.

Os olhos dele estavam sombrios e sérios.

— Eu só... quero sempre saber que você está bem. Isso é importante pra mim.

— Eu estou bem, Con. Estou mais do que bem.

Conrad assentiu.

— Que bom.

Ele ficou de pé e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

— Então vamos levar você para casa.

* * *

Só cheguei em casa depois da meia-noite. Paramos para jantar em uma lanchonete na estrada. Pedi panquecas e batatas fritas, e ele pagou. Quando cheguei em casa, minha mãe estava muito brava, mas não me arrependi nem um pouco, nem por um segundo. Como podemos nos arrepender de uma das melhores noites da nossa vida? Ninguém se arrepende de uma coisa dessas. Guardamos para sempre cada palavra, cada olhar. Mesmo quando dói, não podemos esquecer.

17

PASSAMOS PELA CIDADE, por todos os lugares antigos, pela quadra de minigolfe, pelo restaurante de frutos do mar... Jeremiah dirigia o mais rápido possível, buzinando. Eu queria que ele diminuísse a velocidade, fizesse o trajeto durar para sempre. Mas isso não ia acontecer, é claro. Estávamos quase chegando.

Enfiei a mão na bolsa e peguei um potinho de gloss labial. Espalhei um pouco nos lábios e passei os dedos no cabelo. Os fios estavam embaraçados porque tínhamos viajado com os vidros abaixados, e meu cabelo ficou uma bagunça. Com a visão periférica, pude sentir os olhos de Jeremiah em mim. Ele provavelmente estava balançando a cabeça e pensando em como eu era otária. *Eu sei, sou mesmo otária*, quis dizer. *Não sou melhor que a Taylor.* Mas não podia simplesmente aparecer e dar de cara com Conrad com o cabelo horroroso.

Senti um aperto no peito quando vi o carro dele na entrada da casa. Conrad estava lá. Jeremiah saiu do carro feito um raio e foi correndo na direção da casa. Subiu os degraus da escada da frente de dois em dois, e eu fui atrás.

Foi estranho. A casa ainda tinha o mesmo cheiro. Por algum motivo, eu não esperava por aquilo. Talvez eu tenha pensado que, sem Susannah, tudo estaria diferente. Mas não estava. Eu quase tive a esperança de vê-la andando de um lado para o outro em um de seus vestidos de ficar em casa, à nossa espera na cozinha.

Conrad teve a ousadia de parecer irritado quando nos viu. Ele fora surfar e tinha acabado de voltar. Seu cabelo estava molhado e ele ainda usava a roupa de neoprene. Fiquei confusa. Embora fizesse apenas dois meses, foi como ver um fantasma. O fantasma do primeiro amor passado. Os olhos dele pararam em mim por cerca de um segundo antes de voltarem para Jeremiah.

— O que você está fazendo aqui?

— Estou aqui para pegar você e levar de volta à faculdade — disse Jeremiah, e percebi que ele estava se esforçando para parecer tranquilo, relaxado. — Você fez uma grande besteira, cara. O papai está pirando.

Conrad balançou a mão, como se dissesse que aquilo não importava.

— Diga para ele ir se ferrar. Eu vou ficar aqui.

— Con, você já perdeu duas matérias e tem provas na segunda-feira. Você não pode simplesmente não ir. Vai acabar sendo expulso do curso de verão.

— Isso é problema meu. E o que ela está fazendo aqui?

Ele não olhou para mim ao dizer isso, e foi como se tivesse me apunhalado no peito.

Comecei a me afastar dos dois, indo na direção das portas de vidro deslizantes. Estava difícil de respirar.

— Eu a trouxe para ajudar — disse Jeremiah.

Ele olhou para mim e respirou fundo.

— Trouxemos todos os seus livros e as suas coisas. Você pode estudar hoje de noite e amanhã, e eu levo você para a faculdade.

— Que se dane. Eu não me importo — esbravejou Conrad, indo até o sofá.

Ele tirou a parte de cima da roupa de surfe. Já estava ficando com os ombros bronzeados. Sentou-se no sofá, embora ainda estivesse molhado.

— Qual é o seu problema? — perguntou Jeremiah, mal conseguindo manter a firmeza na voz.

— Neste momento, meu problema são você e ela. Aqui.

Pela primeira vez desde que havíamos chegado, Conrad me encarou nos olhos.

— Por que você quer me ajudar? Por que se deu ao trabalho de vir até aqui?

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Como sempre, ele era capaz de acabar comigo com um olhar, uma palavra.

Conrad esperou pacientemente que eu dissesse alguma coisa e, como eu não disse, ele falou:

— Achei que você não quisesse me ver nunca mais. Esqueceu que me odeia?

Ele usou um tom de voz sarcástico, desdenhoso.

— Eu não odeio você — retruquei.

Então saí correndo. Abri as portas deslizantes e fui para a varanda. Fechei a porta e desci a escada em disparada até a praia.

Eu só precisava estar na praia. A praia faria eu me sentir melhor. Nada, nada era melhor que a sensação da areia sob meus pés. Ela era ao mesmo tempo sólida e mutável, constante e em permanente renovação. Era verão.

Eu me sentei na areia e fiquei olhando as nuvens irem até as ondas e se espalharem como cobertura branca sobre um biscoito. Tinha sido um erro ir até ali. Nada que eu pudesse dizer ou fazer apagaria o passado. A maneira como Conrad disse "ela", com tanto desdém... ele nem sequer me chamou pelo nome.

Depois de um tempo, voltei para a casa. Jeremiah estava sozinho na cozinha. Conrad não estava em nenhum lugar à vista.

— Bom, as coisas correram bem — comentou Jere.

— Eu não deveria ter vindo.

Jeremiah me ignorou.

— Aposto dez contra um que a única coisa que Conrad tem na geladeira é cerveja — declarou. — Quer apostar?

Ele estava tentando me fazer rir, mas eu não ri. Não consegui.

— Só um idiota aceitaria essa aposta.

Mordisquei o lábio. Eu realmente não queria chorar, não mesmo.

— Não deixe ele atingir você — pediu Jeremiah.

Ele puxou meu rabo de cavalo e o girou ao redor do punho como uma cobra.

— Não consigo evitar.

A maneira como ele havia olhado para mim... como se eu não fosse nada, menos que nada.

— Ele é um idiota. Não estava falando sério sobre nada daquilo — explicou Jeremiah.

Ele me deu um cutucão.

— Você se arrependeu de ter vindo?

— Sim.

Jeremiah me deu um sorriso torto.

— Bom, eu não. Gostei que você tenha vindo. Estou feliz por não precisar lidar com as merdas dele sozinho.

Como ele estava se esforçando, fiz um esforço também. Abri a geladeira como se fosse uma daquelas ajudantes de palco de programa de auditório, aquelas mulheres com vestido de gala e saltos brilhantes.

— Ta-dã! — falei.

Ele tinha razão, a única coisa lá dentro eram duas caixas de cerveja Icehouse. Susannah teria pirado se visse o que a geladeira dela havia se tornado.

— O que vamos fazer? — perguntei.

Jeremiah olhou pela janela, para a praia.

— Provavelmente vamos precisar passar a noite aqui. Vou falar com o Conrad. Ele vai voltar. Só preciso de um tempo. — Ele fez uma pausa. — Então que tal o seguinte: por que não vai comprar alguma coisa para a gente jantar, e eu fico aqui conversando com ele?

Eu sabia que Jeremiah estava tentando se livrar de mim, e fiquei feliz por isso. Eu precisava mesmo sair daquela casa, ficar longe de Conrad.

— Rolinhos de marisco para o jantar? — perguntei.

Jeremiah assentiu, e percebi que estava aliviado.

— Parece uma boa. O que você quiser.

Ele foi pegar a carteira, mas eu o interrompi.

— Está tudo certo.

Ele balançou a cabeça.

— Não quero que você gaste o seu dinheiro — disse, me dando duas notas amassadas de vinte dólares e a chave do carro. — Você veio até aqui pra ajudar.

— Eu quis vir.

— Porque você é uma boa pessoa e queria ajudar o Con.

— Eu queria ajudar você também. Quero dizer, ainda quero. Você não devia ter que lidar com isso sozinho.

Por um breve instante, Jeremiah não pareceu ser ele mesmo. Pareceu o pai.

— Quem mais poderia fazer isso?

Então sorriu para mim, e era Jeremiah de novo. O menino de Susannah, o garoto radiante e sorridente. O anjinho dela.

* * *

Aprendi a dirigir com câmbio manual no carro de Jeremiah, e era uma sensação boa estar no banco do motorista de novo. Em vez de ligar o ar-condicionado, abri as janelas e deixei o ar salgado entrar. Dirigi bem devagar até a cidade e parei o carro ao lado da antiga igreja batista.

Havia crianças correndo de um lado para o outro de roupa de banho e short, pais usando roupas esportivas e golden retrievers sem coleiras. Para a maioria, aquele era provavelmente o primeiro fim de semana das férias escolares. Havia apenas aquela sensação no ar. Sorri quando vi um menino correndo atrás de duas meninas mais velhas, provavelmente irmãs dele.

— Esperem por mim — gritou o garoto, os chinelos estalando na calçada enquanto ele andava.

Elas simplesmente andaram mais rápido, sem olhar para trás.

Minha primeira parada foi no mercado. Eu costumava passar horas lá, olhando para os doces a granel. Cada escolha parecia ter uma importância vital. Os meninos pegavam doces ao acaso, um pouco desse, um punhado daquele. Mas eu era cuidadosa: dez peixinhos, cinco bolas de malte, uma concha média de gomas de pera. Em homenagem aos velhos tempos, enchi um saquinho. Peguei amendoins para Jeremiah, uma barra de chocolate para Conrad e, apesar de ele não estar ali, balas de limão para Steven. Era um memorial de doces, um tributo a Cousins da nossa infância, em que escolher doces e balas a granel era a melhor parte do dia.

Eu estava parada na fila para pagar quando ouvi alguém chamar:

— Belly?

Eu me virei. Era Maureen O'Riley, dona da loja chique de chapéus da cidade, a Chapelaria Maureen. Era mais velha que meus pais, com quase

sessenta anos, e se dava bem com minha mãe e Susannah. Ela levava seus chapéus muito a sério.

Nós nos abraçamos; Maureen tinha o mesmo cheiro de sempre, de lustra-móveis.

— Como está sua mãe? E Susannah? — perguntou.

— Minha mãe está bem.

A fila andou e me afastei de Maureen. Ela voltou a se aproximar de mim.

— E Susannah?

Pigarreei.

— O câncer voltou, e ela faleceu.

O rosto bronzeado de Maureen se franziu de espanto.

— Eu não fiquei sabendo. Lamento por isso. Gostava muito dela. Quando foi?

— No começo de maio.

Estava quase na minha vez de pagar, e então eu poderia ir embora, e a conversa estaria encerrada.

Ela agarrou minha mão, e meu primeiro impulso foi puxá-la com força, embora eu sempre tenha gostado de Maureen. Eu só não queria ficar ali parada, no meio do mercado, falando sobre a morte de Susannah como se fosse uma fofoca da cidade. Era sobre Susannah que estávamos falando.

Maureen deve ter percebido meu desconforto, porque me soltou.

— Queria ter sido avisada — disse. — Por favor, envie meus sentimentos aos meninos e à sua mãe. E, Belly, passe na minha loja para me ver um dia. Vamos arrumar um chapéu para você. Acho que está na hora de você ter um, um modelo bem elegante.

— Eu nunca usei chapéu — falei, procurando minha carteira.

— Está na hora — repetiu Maureen. — Alguma coisa para fazer você se destacar. Passe por lá. Vou cuidar de você. Vai ser um presente.

Depois disso, caminhei devagar pela cidade, parando na livraria e na loja de surfe. Andei sem rumo, enfiando a mão no saquinho de doces de vez em quando. Não queria cruzar com mais ninguém, mas não estava com pressa de voltar para a casa. Era evidente que Conrad não me queria por perto. Será que eu estava piorando a situação? A maneira como ele olhou para mim... vê-lo de novo foi mais difícil do que eu imaginava. Mas estar naquela casa outra vez... Foi um milhão de vezes mais difícil.

* * *

Quando voltei para a casa levando os rolinhos em um saquinho de papel gorduroso, Jeremiah e Conrad estavam tomando cerveja no deque dos fundos. O sol estava se pondo. Ia ser um lindo pôr do sol.

Larguei as chaves e o saco de papel em cima da mesa e me atirei em uma espreguiçadeira.

— Me passa uma cerveja — pedi.

Não que eu gostasse especialmente de cerveja. Eu não gostava. Mas eu queria me integrar a eles, do jeito como beber cervejas nos fundos da casa os havia aproximado de alguma maneira. Exatamente como nos velhos tempos, tudo que eu queria era me sentir incluída.

Esperei Conrad olhar para mim furioso e me dizer que não, que ele não iria me passar nenhuma cerveja. Quando ele não fez isso, fiquei surpresa por me sentir decepcionada. Jeremiah enfiou a mão no cooler e me atirou uma garrafa. Então piscou para mim.

— Desde quando nossa Belly Bola bebe? — perguntou.

— Estou com quase dezessete anos — lembrei a ele. — Não acha que estou velha demais para você me chamar assim?

— Eu sei quantos anos você tem — retrucou Jeremiah.

Conrad enfiou a mão no saco de papel e pegou um sanduíche. Mordeu com avidez, e me perguntei se ele tinha comido alguma coisa o dia todo.

— De nada — falei, sem conseguir me conter.

Conrad não tinha olhado na minha direção uma vez sequer desde que voltei. Queria que ele notasse que eu estava ali.

Ele resmungou um agradecimento, e Jeremiah me lançou um olhar de alerta. Do tipo: não irrite o Con quando as coisas estão indo bem.

O celular de Jeremiah vibrou em cima da mesa, mas ele não se mexeu para atender.

— Eu não vou sair desta casa. Pode avisar a ele — disse Conrad.

Virei a cabeça. O que isso queria dizer? Ele não ia embora? Tipo, nunca mais? Fiquei olhando fixamente para Conrad, mas ele parecia mais impassível que nunca.

Jeremiah se levantou, pegou o celular e entrou na casa. Fechou a porta deslizante ao passar. Pela primeira vez, Conrad e eu fomos deixados a sós. O ar entre nós parecia pesado, e me perguntei se Con lamentava o que tinha dito, mais cedo. Eu me perguntei se deveria dizer alguma coisa, tentar consertar a situação. Mas o que eu poderia dizer? Eu não sabia se havia alguma coisa que eu *pudesse* dizer.

Então nem tentei falar nada, só deixei o momento passar; simplesmente suspirei e me recostei na cadeira. O céu estava rosa e dourado. Tive a sensação de que não havia nada mais lindo que aquilo, que aquele pôr do sol particular estava à altura da beleza de qualquer outra coisa no mundo, dez vezes mais. Pude sentir a tensão do dia se afastando de mim e indo para o mar. Queria guardar aquilo tudo na minha memória, caso não voltasse mais ali. Nunca sabemos qual será a última vez que veremos um lugar. Ou uma pessoa.

18

FICAMOS SENTADOS VENDO TV por um tempo. Jeremiah não fez mais nenhuma tentativa de falar com o irmão, e ninguém mencionou a faculdade ou o Sr. Fisher. Eu me perguntei se Jeremiah estava esperando para ficar a sós com ele de novo.

Eu me obriguei a bocejar. Sem me dirigir a ninguém em especial, anunciei:

— Estou muito cansada.

Assim que disse isso, me dei conta de que realmente estava exausta. Aquele parecia ter sido o dia mais longo da minha vida. Embora tudo que eu tenha feito foi andar de carro, eu me sentia completamente sem energia.

— Vou dormir — reforcei, bocejando de novo, desta vez de verdade.

— Boa noite — disse Jeremiah, mas Conrad não falou nada.

Assim que cheguei ao meu quarto, abri a mochila com as coisas que tinha levado para passar a noite e fiquei horrorizada com o que havia lá dentro. Tinha o biquíni novo de algodão lustroso da Taylor, suas adoradas sandálias plataforma, um vestido rendado, o short que o pai dela chamava de "roupa íntima feita de jeans", algumas blusas de seda e, em vez da camiseta que eu estava querendo usar para dormir, um conjunto de pijama

de shortinho e regata cor-de-rosa com coraçõezinhos vermelhos. Tive vontade de matá-la. Eu tinha imaginado que ela acrescentaria itens ao que eu já estava levando, mas não que substituiria. A única coisa realmente minha era a roupa íntima.

Tive vontade de bater nela, e com força, só de pensar em me verem vestida com aquele pijama quando estava indo escovar os dentes de manhã. Eu sabia que Taylor tinha a melhor das intenções; ela achava que estava me fazendo um favor. Abrir mão das sandálias de plataforma para eu usar naquela noite era uma atitude altruísta para Taylor. Mas eu ainda estava brava.

Foi exatamente como a história com Cory. Taylor fez o que deu na cabeça dela e não se importou com o que eu pensava a respeito. Ela nunca se importava com o que eu pensava. Mas não era só culpa dela, porque eu a deixava agir assim.

Depois de escovar os dentes, vesti o pijama de Taylor e me deitei. Estava pensando se leria ou não um livro antes de cair no sono, um dos velhos títulos da minha estante, quando alguém bateu à porta. Puxei a coberta até o pescoço.

— Pode entrar.

Era Jeremiah. Ele entrou, fechou a porta e se sentou ao pé da minha cama.

— E aí? — perguntou, baixinho.

Soltei um pouco as cobertas. Era só Jeremiah.

— E aí? Como foi lá? Você conversou com ele?

— Ainda não. Vou dar uma folga pra ele hoje à noite e tentar de novo amanhã. Só estou tentando preparar o terreno primeiro, plantar algumas sementes.

Ele me lançou um olhar conspirador.

— Você sabe como ele é.

Eu sabia.

— Tudo bem. Talvez seja melhor assim.

Ele levantou a mão para eu bater.

— Não se preocupe. Estamos no controle.

Bati na mão dele.

— Estamos no controle — repeti.

Pude ouvir a dúvida na minha voz, mas Jeremiah apenas sorriu, como se a situação estivesse resolvida.

19

Jeremiah

QUANDO BELLY SE levantou para ir dormir, soube que ela queria que eu ficasse e tentasse conversar com Conrad sobre a faculdade. Eu sabia disso porque, quando éramos pequenos, costumávamos praticar telepatia um com o outro. Belly estava convencida de que eu conseguia ler a mente dela, e ela, a minha. A verdade era que eu simplesmente conseguia decifrar Belly. Sempre que ela estava prestes a mentir, estreitava um pouco o olho esquerdo. Toda vez que estava nervosa, sugava as bochechas antes de falar. Para mim, era fácil interpretar os gestos dela, sempre foi.

* * *

Olhei para Conrad.

— Quer acordar cedo e pegar onda amanhã? — perguntei.

— Claro.

No dia seguinte, eu falaria com ele sobre a faculdade e sobre como era importante que ele voltasse. Ia dar tudo certo.

Vimos um pouco mais de TV, e, quando Conrad caiu no sono no sofá, subi para o meu quarto. A luz do quarto da Belly, no fim do corredor, ainda estava acesa. Fui até lá, fiquei parado do lado de fora e bati de leve na porta. Estava me sentido um idiota parado do lado de fora da porta dela, batendo. Quando éramos crianças, a gente simplesmente ia entrando e saindo dos quartos uns dos outros sem nem pensar. Queria que ainda fosse assim tão simples.

— Pode entrar — disse ela.

Entrei e me sentei na beira da cama. Quando percebi que ela já estava de pijama, quase dei meia-volta e saí. Precisei lembrar a mim mesmo que já a vira de pijama um milhão de vezes, então qual era o problema? Mas ela sempre usava uma camiseta largona, como todos nós, e agora estava usando uma blusinha rosa de alcinhas. Fiquei me perguntando se era confortável dormir com aquilo.

20

4 de julho

QUANDO ACORDEI, NA manhã seguinte, não me levantei imediatamente. Continuei lá, deitada, e fingi que era uma manhã como outra qualquer na casa de praia. Meus lençóis tinham o mesmo cheiro. Meu ursinho de pelúcia, Junior Mint, ainda estava na mesma posição na cômoda. Estava tudo exatamente como sempre. Susannah e minha mãe davam uma caminhada na praia, e os meninos comiam os bolinhos de mirtilo; para mim só sobraria o cereal integral da minha mãe. Restaria apenas um pouco de leite na caixa e mais nenhum suco. Isso costumava me deixar furiosa. Agora, eu sorria ao lembrar.

Mas era tudo fictício. Eu sabia. Não havia nenhuma mãe, nenhum irmão, nenhuma Susannah ali.

Apesar de ter ido para a cama cedo na noite anterior, dormi até tarde. Já eram quase onze da manhã. Eu tinha dormido por doze horas. Fazia semanas que não dormia tão bem.

Saí da cama e fui olhar pela janela. Olhar pela janela do meu quarto na casa de praia sempre fazia com que eu me sentisse melhor. Queria que

todas as janelas dessem para o mar, com nada além de quilômetros e quilômetros de areia e água salgada. Na praia, Jeremiah e Conrad estavam com seus trajes pretos de surfe, sentados em suas pranchas. Era uma visão muito familiar. E, de repente, me senti esperançosa. Talvez Jere tivesse razão. Talvez Conrad voltasse conosco, afinal.

E então eu voltaria para casa, para longe dele e de tudo que me fazia lembrar dele. Eu frequentaria a piscina da vizinhança, iria à lanchonete com Taylor, e logo o verão terminaria. E eu me esqueceria de como as coisas costumavam ser.

Aquela realmente era a última vez.

* * *

Antes de qualquer outra coisa, resolvi ligar para Taylor. Expliquei que estávamos todos em Cousins e só precisávamos convencer Conrad a voltar para a faculdade logo, e a terminar o curso de verão.

A primeira coisa que ela disse foi:

— Belly, o que você acha que está fazendo?

— Como assim?

— Você sabe o que quero dizer. Que coisa mais retardada. Você devia estar em casa, onde é o seu lugar.

Suspirei. Não importa quantas vezes eu lhe peça para não dizer "retardada", ela continua dizendo. Ela até tem um priminho com síndrome de Down. Acho que Taylor faz isso de propósito, porque sabe que me deixa chateada.

— Por que você se importa se o Conrad abandonar a faculdade? Se ele quer ser um fracassado, o problema é dele.

Embora eu soubesse que ninguém podia me escutar, baixei o tom de voz.

— Ele está passando por um monte de coisas complicadas e precisa da gente.

— Ele precisa do irmão. Que, aliás, é mais gostoso que ele. Acorda! Conrad não precisa de você. Na verdade, ele traiu você, lembra?

Agora eu estava sussurrando.

— Ele não me traiu, e você sabe disso. A gente já tinha terminado. E a gente nem sequer chegou a ser um casal, pra falar a verdade.

Essa última parte foi difícil de dizer.

— Ah, sei... não traiu, ele deu o fora em você logo depois do baile. Que cara *incrível*. Muito gente boa.

Eu a ignorei.

— Você pode, por favor, ainda dar aquela desculpa se minha mãe ligar?

Taylor bufou.

— Dã. Você sabe que eu sou uma amiga leal.

— Obrigada. Ah, e *muito* obrigada por tirar todas as minhas roupas da mochila.

— De nada — respondeu ela, toda convencida. — E, Belly?

— Sim?

— Não se esqueça da sua missão.

— Bom, o Jeremiah está vendo isso com ele...

— Não é isso, boba. Estou falando da sua *missão*. Precisa fazer o Conrad querer você de volta, e então dar um fora nele. Um fora bem dado.

Agradeci por estarmos ao celular, para que ela não pudesse me ver revirando os olhos. Mas até que tinha certa razão. Taylor nunca se magoava porque era ela quem ficava no comando. Ela dava as cartas. Os meninos a desejavam, não o contrário. Ela estava sempre citando aquela fala de *Uma Linda Mulher*, aquela sobre ser uma prostituta:

— Eu digo quem, eu digo quando, eu digo quem.

Não que a ideia não me agradasse. Era só que aquilo jamais iria funcionar. Fazer Conrad me notar da primeira vez, mesmo que brevemente, tinha sido quase impossível. Eu não acreditava que daria certo uma segunda vez.

Depois que Taylor e eu desligamos, liguei para minha mãe. Disse a ela que passaria aquela noite na casa de Taylor de novo, que ela ainda estava chateada demais para eu ir embora. Minha mãe concordou.

— Você é uma boa amiga — disse.

Percebi alívio em sua voz quando ela pediu que eu mandasse um abraço para os pais da Taylor.

Mamãe nem questionou a mentira. Pude perceber que tudo que ela queria era ser deixada a sós com sua dor.

* * *

Tomei um banho e vesti as roupas que Taylor tinha escolhido para mim. Uma regata leve branca com flores bordadas na parte superior e o já conhecido short jeans.

Desci com o cabelo ainda úmido, puxando o short para baixo. Os meninos tinham voltado para casa e estavam sentados à mesa da cozinha comendo os bolinhos açucarados de canela que Susannah costumava acordar cedo para comprar.

— Olhe o que eu comprei — disse Jeremiah, empurrando o saquinho de papel branco na minha direção.

Peguei o saquinho e enfiei metade de um bolinho na boca. Ainda estava morninho.

— Delícia — falei, com a boca cheia. — E então... o que está rolando?

Jeremiah olhou para Conrad, esperançoso.

— Con?

— É melhor vocês dois saírem logo, se quiserem fugir do trânsito do feriado de Quatro de Julho — recomendou Conrad, e me doeu ver a expressão no rosto de Jeremiah.

— Nós não vamos embora sem você — declarou Jere.

Conrad bufou.

— Olhe aqui, Jere, agradeço você ter vindo, mas, como pode ver, estou ótimo. Está tudo sob controle.

— O caramba que está. Con, se você não voltar pra fazer as provas na segunda-feira, vai estar fora da universidade. Você só está fazendo o curso de verão para recuperar as disciplinas incompletas do último semestre. Se não voltar, o que vai acontecer?

— Não se preocupe com isso. Vou dar um jeito.

— Você vive dizendo isso, mas, cara, você não deu jeito em merda nenhuma. Tudo que fez até agora foi fugir.

Pela cara de raiva de Conrad, eu soube que Jeremiah tinha dito a coisa certa. O antigo sistema de valores de Conrad ainda estava ali, enterrado sob a raiva. O velho Conrad jamais desistiria.

Foi minha vez de falar. Respirei fundo.

— Como você vai se tornar médico sem um diploma da faculdade, Conrad?

Ele virou o rosto duas vezes para mim, e então me encarou. Eu o encarei. Sim, eu tinha dito aquilo. Eu diria o que fosse preciso, mesmo que o magoasse.

Era algo que eu tinha aprendido observando Conrad em basicamente todos os jogos que jogamos. Ao primeiro sinal de fraqueza, era preciso atacar com toda a força. Atacamos e usamos todas as armas ao nosso dispor, sem desistir. Sem misericórdia.

— Eu nunca disse que seria médico — disparou. — Você não sabe do que está falando.

— Então compartilhe com a gente — insisti, com o coração batendo muito rápido.

Ninguém disse nada. Por um minuto, achei que ele realmente pudesse nos deixar entrar.

Então, finalmente, Conrad se levantou.

— Não tenho nada a dizer. Vou sair. Valeu pelos bolinhos, Jere.

Para mim, ele disse:

— Tem açúcar na sua cara toda.

E assim Conrad apenas se levantou e abriu a porta da varanda.

Depois que ele saiu, Jeremiah gritou:

— Merda!

— Eu achei que você fosse convencê-lo! — falei, em um tom mais acusatório do que eu pretendia.

— Não dá para pressionar demais o Conrad, ele simplesmente se fecha — retrucou Jeremiah, amassando o saco de papel.

— Ele já é um cara fechado.

Olhei para Jeremiah, e ele parecia completamente derrotado. Me senti mal por perder a paciência, então estendi a mão e toquei no braço dele.

— Não se preocupe. Ainda temos tempo. Ainda é sábado, certo?

— Certo — confirmou Jere, mas não pareceu estar falando sério.

Nenhum de nós disse mais nada. Como sempre, era Conrad quem ditava o humor da casa, como todos os demais se sentiam. Nada ficaria bem até as coisas estarem bem com Conrad.

21

A PRIMEIRA VEZ que me dei conta, naquele dia, foi quando estava no banheiro, limpando o açúcar do meu rosto. Como não havia nenhuma toalha pendurada, abri o armário de toalhas; na fileira abaixo das toalhas de praia, estava o grande chapéu de Susannah, que ela sempre usava quando ia à praia. Ela era cuidadosa com a pele. *Era*.

Não pensar em Susannah, conscientemente não pensar nela, tornava tudo mais fácil. Porque daí ela não estava realmente *morta*. Estava apenas em outro lugar. Era o que eu vinha fazendo desde sua morte. Eu não pensava nela. Era mais fácil fazer isso na minha casa. Mas, ali, na casa de praia, ela estava em toda parte.

Peguei o chapéu dela, segurei-o por um instante e o coloquei de volta na prateleira. Fechei a porta, e meu peito doeu tanto que eu não conseguia respirar. Era difícil demais. Estar ali, naquela casa, era difícil demais.

Subi a escada correndo o mais rápido que consegui. Tirei o colar de Conrad, tirei as roupas e vesti o biquíni de Taylor. Não me importei em quanto eu parecia idiota com ele, só queria estar na água. Queria estar onde não precisasse pensar em nada, onde nada mais existisse. Eu ia nadar, flutuar, inspirar, expirar e simplesmente ser.

Como sempre, minha velha toalha Ralph Lauren de ursinho estava guardada no armário das toalhas. Coloquei-a ao redor dos ombros, como um cobertor, e saí. Jeremiah comia um sanduíche de ovo e tomava leite direto da caixa.

— E aí? — cumprimentou.

— E aí? Eu vou nadar.

Não perguntei onde Conrad estava e não convidei Jeremiah a me acompanhar. Eu precisava de um momento sozinha.

Empurrei a porta deslizante e a fechei sem esperar que ele respondesse. Atirei a toalha em uma cadeira e mergulhei. Não voltei à superfície imediatamente para respirar. Fiquei lá embaixo. Prendi a respiração até o último segundo.

Quando subi à tona, senti como se pudesse respirar de novo, como se meus músculos estivessem relaxando. Nadei para lá e para cá, para lá e para cá. Ali, nada mais existia. Ali, eu não precisava pensar. A cada vez que eu mergulhava, prendia a respiração pelo máximo de tempo possível.

Mesmo embaixo d'água, ouvi Jere chamar meu nome. Com relutância, voltei à superfície, e ele estava agachado na lateral da piscina.

— Vou dar uma saída. Talvez eu compre uma pizza no Nello's — avisou, ficando de pé.

Afastei os cabelos dos olhos.

— Mas você acabou de comer um sanduíche. E aquela porção de bolinhos.

— Estou em fase de crescimento. E isso foi uma hora e meia atrás.

Uma hora e meia? Eu estava nadando fazia uma hora e meia? Pareciam ter passado apenas alguns minutos.

— Ah — falei.

Dei uma olhada nos dedos. Estavam completamente enrugados.

— Continue aí — disse Jeremiah, me incentivando.

— Até daqui a pouco. — Eu me despedi, tomando impulso na lateral da piscina.

Nadei o mais rápido que pude até o outro lado e fiz a virada, só para o caso de ele ainda estar olhando. Jere sempre admirou minhas viradas.

Fiquei na piscina por mais uma hora. Quando levantei o rosto para tomar ar depois da última volta, percebi que Conrad estava sentado na cadeira em que eu havia deixado minha toalha. Ele a estendeu para mim em silêncio.

Saí da piscina. De repente, estava tremendo. Peguei a toalha e a enrolei no corpo. Ele não olhou para mim.

— Você ainda finge que está nas Olimpíadas? — perguntou.

Comecei a falar, então balancei a cabeça e me sentei ao lado dele.

— Não — respondi, e a palavra ficou pairando no ar.

Abracei os joelhos junto ao peito.

— Não mais.

— Quando você nada... — começou ele. Achei que não fosse continuar, mas então completou: — Você não notaria se a casa estivesse pegando fogo. Você fica tão envolvida no que está fazendo que é como se estivesse em outro lugar.

Ele disse isso com um respeito relutante. Como se estivesse me observando fazia muito tempo, como se viesse me observando havia anos. O que, acho, ele vinha mesmo fazendo.

Abri a boca para responder, mas ele já estava de pé, voltando para a casa. Quando fechou a porta deslizante, respondi em voz alta:

— É por isso que eu gosto.

22

EU ESTAVA DE volta ao meu quarto e já ia tirar o biquíni quando meu celular tocou. Era o toque de Steven, uma música de Taylor Swift que ele fingia detestar, mas secretamente adorava. Por um instante, pensei em não atender. Mas, se eu não atendesse, ele continuaria ligando até falar comigo. Meu irmão era bem irritante.

— Alô? — atendi como se estivesse em dúvida, como se já não soubesse que era Steven.

— E aí? — disse ele. — Não sei onde você está, mas sei que não está com a Taylor.

— Como você sabe disso? — sussurrei.

— Acabei de cruzar com ela no shopping. Ela mente pior que você. Onde você está?

Mordisquei o lábio superior.

— Na casa de praia. Em Cousins.

— O quê?! — Ele quase gritou. — Por quê?

— É meio que uma longa história. Jeremiah precisava da minha ajuda com o Conrad.

— Então ele ligou *pra você*?

Meu irmão parecia incrédulo, talvez até com um pouco de inveja.

— É.

Ele estava morrendo de vontade de me perguntar mais coisas, mas eu contava com o fato de que seu orgulho não iria permitir que fizesse isso. Steven detestava ser deixado de fora. Ficou em silêncio por um momento, e, durante aqueles segundos, tive certeza de que ele estava se perguntando sobre todas as coisas da casa de verão que estávamos fazendo sem ele.

Depois de um tempo, Steven disse:

— A mamãe vai ficar furiosa.

— E daí? Isso importa?

— Pra mim não importa, mas pra mamãe, sim.

— Steven, relaxa. Nós vamos voltar logo. Só precisamos fazer uma última coisa.

— Que última coisa?

Steven estava morrendo por eu saber de algo que ele não sabia, para variar, por ter sido deixado de lado. Achei que eu fosse sentir mais prazer com isso, mas me senti estranhamente com pena.

Então, em vez de me exibir como normalmente faria, eu disse:

— Conrad abandonou o curso de verão e precisamos levá-lo de volta para a faculdade a tempo para as provas na segunda-feira.

Essa seria a última coisa que eu faria por ele. Levá-lo até a faculdade. Depois, ele estaria livre. E eu também.

Depois que Steven e eu desligamos, ouvi um carro parando na frente da casa. Olhei pela janela, e lá estava um Honda vermelho, um carro que não reconheci. Quase nunca recebíamos visitas na casa de praia.

Passei um pente no cabelo e desci apressadamente a escada com a toalha enrolada no corpo. Parei quando vi Conrad abrir a porta, e uma mulher entrou. Ela era pequena, com cabelo loiro descolorido preso em um coque frouxo. Estava com uma calça preta e uma blusa de seda coral. Suas unhas estavam pintadas com uma cor combinando com a blusa. A mulher tinha uma grande pasta na mão e um molho de chaves.

— Nossa, olá — disse ela.

Estava surpresa por vê-lo, como se fosse ela quem deveria estar ali, e não ele.

— Oi — disse Conrad. — Posso ajudar?

— Você deve ser o Conrad. Nós falamos ao telefone. Sou Sandy Donatti, a corretora de imóveis do seu pai.

Conrad não disse nada.

Ela agitou o dedo para ele com ar divertido.

— Você me disse que seu pai tinha mudado de ideia em relação à venda.

Como Conrad continuou sem dizer nada, ela olhou ao redor e me viu parada ao pé da escada. Franziu a testa e disse:

— Só estou aqui para dar uma olhada na casa, me certificar de que está dando tudo certo, com as coisas sendo encaixotadas.

— É, eu mandei o pessoal da empresa de mudança embora — disse Conrad, tranquilo.

— Eu realmente gostaria que você não tivesse feito isso — retrucou ela, estreitando os lábios.

Conrad deu de ombros, e a mulher acrescentou:

— Disseram que a casa estaria vazia.

— Então deram a informação errada. Vou ficar aqui até o fim do verão.

Ele apontou para mim.

— Aquela é a Belly.

— Belly? — repetiu ela.

— É. Minha namorada.

Acho que arfei alto.

Cruzando os braços e se apoiando na parede, ele continuou:

— E como você e meu pai se conheceram?

Sandy Donatti corou.

— Nós nos conhecemos quando ele decidiu colocar a casa à venda — respondeu.

— Bom, acontece, Sandy, que esta casa não é do meu pai para ele decidir vender. Na verdade, a casa é da minha mãe. Meu pai lhe contou isso?

— Sim.

— Então acho que ele também contou a você que ela morreu.

Sandy hesitou. Sua raiva pareceu se evaporar à menção de uma mãe morta. Ela ficou tão desconfortável que começou a se virar na direção da porta.

— Sim, ele me contou. Sinto muito por sua perda.

— Obrigado, Sandy. Isso significa muito, ainda mais vindo de você.

Os olhos dela percorreram a sala uma última vez.

— Bom, vou conversar com seu pai de novo e depois eu volto.

— Faça isso. Certifique-se de dizer a ele que a casa não está à venda.

Ela comprimiu os lábios, então abriu a boca para falar, mas pensou melhor. Conrad abriu a porta para ela, que foi embora.

Soltei a respiração. Um milhão de pensamentos estavam passando pela minha cabeça — tenho vergonha de admitir que o *namorada* estava basicamente no topo da lista. Conrad não olhou para mim quando disse:

— Não conte ao Jeremiah a respeito da casa.

— Por que não?

Minha mente ainda estava concentrada na palavra "namorada".

Conrad levou tanto tempo para me responder que eu já estava voltando para o andar de cima quando ouvi:

— Eu vou contar a ele. Só não quero que ele saiba ainda. Sobre nosso pai.

Parei de subir. Sem pensar, perguntei:

— O que você está querendo dizer?

— Você sabe o que estou querendo dizer.

Conrad olhou para mim, um olhar firme.

Acho que eu sabia. Ele queria proteger o irmão do fato de que o pai deles era um idiota. Mas não era como se Jeremiah já não soubesse quem era o pai deles. Não era como se Jeremiah fosse um garoto bobo sem noção. Ele tinha o direito de saber que a casa estava à venda.

Acho que Conrad leu tudo isso no meu rosto, porque disse, daquele jeito debochado e descontraído dele:

— Pode fazer isso por mim, Belly? Pode guardar um segredo do seu melhor amigo de todos os tempos? Sei que você e Jere não guardam segredos um do outro, mas será que você consegue fazer isso só desta vez?

Quando olhei furiosa para ele, preparada para lhe dizer o que ele podia fazer com o segredo, Conrad completou:

— Por favor? — E sua voz soou quase como uma súplica.

— Tudo bem. Mas só por um tempo.

— Obrigado — respondeu ele, passando por mim, subindo a escada e entrando no quarto.

Ele fechou a porta do quarto dele e ligou o ar-condicionado.

Fiquei parada.

Levou um minuto para tudo aquilo fazer sentido. Conrad não fugiu só para surfar. Ele não fugiu por fugir. Ele tinha vindo salvar a casa.

23

MAIS TARDE, JEREMIAH e Conrad foram pegar onda de novo. Pensei que talvez Conrad quisesse contar ao irmão a respeito da casa, só os dois juntos. E que talvez Jeremiah quisesse tentar conversar com Conrad sobre a faculdade mais uma vez, só os dois. Por mim, tudo bem. Gostei apenas de observar.

Fiquei olhando os dois da varanda. Sentei em uma espreguiçadeira com a toalha amarrada bem apertada em volta do corpo. Tinha algo muito reconfortante em sair da piscina molhada e nossa mãe colocar uma toalha ao redor dos nossos ombros, como uma capa. Mesmo sem nenhuma mãe ali para fazer isso por nós, ainda era uma sensação boa, aconchegante. Dolorosamente familiar, de uma maneira que fazia eu me sentir com oito anos. Oito anos antes da morte, do divórcio ou do coração partido. Oito anos eram apenas oito anos. Cachorros-quentes, manteiga de amendoim, picadas de mosquito e farpas, bicicletas e pranchas de bodyboard. Cabelo embaraçado, ombros queimados de sol, livros da Judy Blume, deitada na cama às nove e meia.

Fiquei lá, sentada, tendo aqueles pensamentos melancólicos por um longo tempo. Alguém fazia churrasco, senti o cheiro do carvão queimando.

Me perguntei se eram os Rubenstein ou os Toler. Fiquei pensando se estavam preparando hambúrgueres ou bifes. Então me dei conta de que estava com fome.

Entrei na cozinha, mas não encontrei nada para comer. Só tinha a cerveja de Conrad. Certa vez, Taylor me disse que cerveja era que nem pão: puro carboidrato. Pensei que, embora eu detestasse o gosto, talvez bebesse uma, se fosse para me satisfazer.

Então peguei uma cerveja e saí com ela. Sentei de volta na espreguiçadeira e abri a latinha. O barulho foi bem satisfatório. Era estranho estar naquela casa sozinha. Não era uma sensação ruim, apenas diferente. Eu ia àquela casa todos os anos da minha vida, e dava para contar nos dedos de uma só mão o número de vezes em que fiquei sozinha lá. Me senti mais velha. Eu realmente estava mais velha, mas acho que não me lembrava de ter tido essa sensação no verão anterior.

Tomei um longo gole de cerveja e fiquei feliz por Jeremiah e Conrad não estarem ali para me ver, porque fiz uma careta horrorosa, e sabia que eles pegariam no meu pé por isso.

Estava tomando outro gole quando ouvi alguém pigarrear. Ergui os olhos e quase me engasguei. Era o Sr. Fisher.

— Olá, Belly — cumprimentou ele.

Estava de terno, como se tivesse vindo direto do trabalho, o que provavelmente era verdade, embora fosse sábado. E, sabe-se lá como, o terno dele não estava sequer amarrotado, mesmo depois de ele ter dirigido por tanto tempo.

— Oi, Sr. Fisher — falei, e minha voz saiu toda nervosa e hesitante.

Meu primeiro pensamento foi: *A gente devia simplesmente ter obrigado o Conrad a entrar no carro e voltar para a faculdade e fazer aquelas provas idiotas*. Ter dado tempo a ele foi um enorme erro. Agora eu entendia. Eu deveria ter colocado pressão em Jeremiah para ele convencer logo o irmão.

O Sr. Fisher ergueu uma das sobrancelhas para minha cerveja, e me dei conta de que ainda estava segurando a latinha, os dedos tão firmes ao redor dela que estavam dormentes. Deixei-a no chão, e meu cabelo caiu no rosto; fiquei grata por isso. O momento era de se esconder, de descobrir o que dizer em seguida.

Fiz o que sempre fazia: falei dos meninos.

— Ahn, então, o Conrad e o Jeremiah não estão aqui.

Minha mente estava a mil. Os dois voltariam a qualquer minuto.

O Sr. Fisher não disse nada, apenas assentiu e esfregou a nuca. Então subiu os degraus da varanda e sentou-se na cadeira ao lado da minha. Pegou minha cerveja e tomou um longo gole.

— Como está o Conrad? — perguntou, apoiando a latinha no braço de sua cadeira.

— Ele está bem — respondi imediatamente.

Então me senti uma tola, porque Conrad não estava nem um pouco bem. A mãe dele tinha acabado de morrer. Ele havia largado a faculdade. Como poderia estar bem? Como algum de nós poderia estar? Mas acho que, de certa maneira, Conrad estava bem, porque tinha arranjado um novo propósito. Tinha um motivo. Para viver. Tinha uma meta, um inimigo. Eram bons incentivos. Mesmo que o inimigo fosse o próprio pai.

— Não sei o que esse garoto está pensando — comentou o Sr. Fisher, balançando a cabeça.

O que eu poderia responder? Eu também nunca sabia o que Conrad estava pensando. Tinha certeza de que não havia muita gente que soubesse. Ainda assim, fiquei na defensiva. Protetora.

O Sr. Fisher e eu ficamos sentados em silêncio. Não um silêncio sociável e tranquilo, mas tenso e terrível. Ele nunca tinha nada para me dizer, e eu nunca sabia o que falar para ele. Finalmente, ele pigarreou e perguntou:

— Como está a escola?

— De férias — respondi, mordiscando o lábio inferior e me sentindo com doze anos. — As aulas acabaram de terminar. Este ano, começo o último ano.

— Já sabe onde quer fazer faculdade?

— Na verdade, não.

Eu sabia que essa era a resposta errada, porque faculdade era uma coisa sobre a qual o Sr. Fisher tinha interesse em conversar. Bom, o tipo certo de faculdade, pelo menos.

Ficamos em silêncio novamente.

Isso também era bastante familiar. A sensação de pavor, de desgraça iminente. A sensação de que eu estava encrencada. De que todos nós estávamos.

24

MILK-SHAKE. O SR. Fisher gostava de milk-shake. Quando ele vinha para a casa de praia, a gente tomava milk-shake o tempo todo. Ele comprava uma caixa de sorvete napolitano. Steven e Conrad gostavam do de chocolate; Jeremiah, do de morango; e eu gostava de um mix de baunilha com chocolate, como os Frosties no Wendy's. Mas muito mal batido. Os milk-shakes do Sr. Fisher eram melhores que os do Wendy's. Ele tinha um liquidificador sofisticado que gostava de usar, no qual nenhum de nós devia mexer. Não que ele tenha dito isso com essas palavras, mas sabíamos que não era para mexer. E nunca mexemos. Até Jeremiah ter a ideia de fazer as raspadinhas de Ki-Suco.

Não havia 7-Elevens em Cousins, e, embora tomássemos milk-shakes, às vezes tínhamos desejo das raspadinhas de lá.

Quando estava especialmente quente, um de nós dizia "nossa, como eu queria tomar uma raspadinha", e então todo mundo ficava pensando nisso o dia inteiro. Por isso, quando Jeremiah teve a ideia de fazer uma raspadinha de Ki-Suco, eu fiquei vidrada. Ele tinha nove anos, e eu, oito. Na época, aquela pareceu a melhor ideia do mundo.

Vimos o liquidificador bem no alto da última prateleira. A gente sabia que precisaria usá-lo — na verdade, a gente *queria muito* usá-lo. Mas havia aquela regra tácita.

Não tinha mais ninguém em casa além de nós. Ninguém jamais precisaria saber.

— De que sabor você quer? — perguntou Jere.

E assim ficou decidido. Aquilo ia acontecer. Fiquei com medo, mas também eufórica por estarmos fazendo aquela coisa proibida. Eu raramente desobedecia as regras, mas aquela parecia uma boa regra a ser quebrada.

— Cereja preta — respondi.

Jeremiah procurou no armário, mas não tinha Ki-Suco de cereja preta.

— Qual é seu segundo sabor favorito? — perguntou.

— Uva.

Ele disse que também achava uma boa tomar raspadinha de Ki-Suco de uva. Quanto mais ele falava em "raspadinha de Ki-Suco", mais eu gostava da ideia.

Jeremiah pegou um banquinho e tirou o liquidificador da prateleira de cima. Colocou o pacote inteiro de suco de uva no liquidificador e acrescentou duas xícaras grandes de açúcar. Ele me deixou mexer. Então esvaziou a forma de gelo no liquidificador, até o copo ficar cheio até a borda, e prendeu em cima, como vimos o Sr. Fisher fazer um milhão de vezes.

— Aperto Pulsar? Ou frapê? — perguntou.

Dei de ombros. Nunca prestei muita atenção quando o Sr. Fisher usava o liquidificador.

— Provavelmente frapê — respondi, porque gostava do som daquela palavra.

Então Jeremiah apertou o botão frapê, e o liquidificador começou a cortar e a zunir. Mas como só a parte de baixo estava sendo misturada, Jeremiah apertou o botão liquidificar. A mistura continuou batendo por um minuto, mas daí o liquidificador começou a cheirar a borracha queimada, e fiquei preocupada que estivesse sobrecarregado com todo aquele gelo.

— Precisamos mexer mais. Ajude aqui.

Peguei a maior colher de pau, tirei a tampa do liquidificador e mexi tudo.

— Está vendo? — falei.

Coloquei a tampa de volta, mas acho que não encaixei direito, porque quando Jeremiah apertou o botão frapê, nossa raspadinha de Ki-Suco de

uva se espalhou por toda parte: na gente, nos balcões brancos novos, no chão, em cima da pasta de couro marrom do Sr. Fisher.

Nós nos encaramos, apavorados.

— Rápido, pegue toalhas de papel! — gritou Jeremiah, arrancando o liquidificador da tomada.

Pulei em cima da pasta para limpá-la com a parte de baixo da camiseta. O couro já estava manchando, e a pasta tinha começado a ficar pegajosa.

— Ah, cara — sussurrou Jeremiah. — Ele adora essa pasta.

E adorava mesmo. Tinha as iniciais dele gravadas no fecho de metal. O Sr. Fisher realmente adorava aquela pasta, talvez ainda mais do que o liquidificador.

Eu estava me sentindo péssima. Meus olhos se encheram de lágrimas. Era tudo culpa minha.

— Me desculpe — pedi.

Jeremiah estava no chão, de quatro, limpando. Ele olhou para mim, com Ki-Suco de uva pingando da testa.

— Não é culpa sua.

— É, sim — falei, esfregando o couro.

Minha camiseta estava começando a ficar marrom de tanto eu esfregar a pasta com força.

— Bom, é verdade, meio que é — concordou Jeremiah.

Então ele estendeu o braço, tocou na minha bochecha com o dedo e lambeu parte do açúcar.

— Mas o gosto está bom.

Estávamos dando risada e deslizando pelo chão com toalhas de papel nos pés quando todos voltaram para casa. Eles entraram com sacolas de papel, do tipo usado para embalar lagostas, e Steven e Conrad estavam tomando sorvete.

— O que aconteceu aqui? — perguntou o Sr. Fisher.

Jeremiah se enrolou:

— A gente só estava...

Entreguei a pasta ao Sr. Fisher, a mão tremendo.

— Me desculpe — sussurrei. — Foi um acidente.

Ele pegou a pasta da minha mão e olhou para o couro manchado.

— Por que você estava usando meu liquidificador? — perguntou o Sr. Fisher, mas estava olhando para Jeremiah.

Seu pescoço estava totalmente vermelho.

— Você sabe que não pode usar meu liquidificador.

Jeremiah assentiu.

— Me desculpe.

— Foi minha culpa — confessei baixinho.

— Ah, Belly — disse minha mãe, balançando a cabeça.

Ela se ajoelhou no chão e juntou as toalhas de papel encharcadas. Susannah tinha ido buscar o esfregão.

O Sr. Fisher bufou alto.

— Por que você nunca me escuta quando eu digo alguma coisa? Pelo amor de Deus. Eu não disse pra vocês nunca usarem este liquidificador?

Jeremiah mordiscou o lábio; seu queixo tremia tanto que dava para ver que ele estava prestes a chorar.

— Responda quando eu estiver falando com você.

Então Susannah voltou com o esfregão e o balde.

— Adam, foi um acidente. Deixa pra lá.

Ela passou os braços em volta de Jeremiah.

— Suze, se você o tratar feito um bebê, ele nunca vai aprender. Simplesmente vai continuar sendo um bebê — retrucou o Sr. Fisher. — Jere, eu disse ou não disse pra vocês nunca usarem o liquidificador?

Os olhos de Jeremiah se encheram de lágrimas, e ele piscou várias vezes, bem depressa, deixando algumas escaparem. E depois mais outras. Foi horrível. Eu me senti muito envergonhada por ele e culpada que tivesse sido eu quem provocou tudo aquilo contra meu amigo. Mas também me senti aliviada por não ser eu quem estava encrencada e chorando na frente de todo mundo.

Então Conrad interveio:

— Mas, papai, você nunca disse isso.

Tinha sorvete de chocolate na bochecha dele.

O Sr. Fisher se virou para o filho mais velho:

— O quê?

— Você nunca disse isso. A gente sabia que não devia usar, mas, tecnicamente, você nunca falou isso.

Conrad parecia assustado, mas sua voz estava tranquila.

O Sr. Fisher balançou a cabeça e olhou de novo para Jeremiah.

— Vá se limpar — ordenou, irritado.

Percebi que ele estava sem graça.

Susannah olhou furiosa para ele e levou Jeremiah até o banheiro. Minha mãe estava limpando os balcões, com os ombros tensos.

— Steven, leve sua irmã ao banheiro — mandou.

Seu tom de voz não deixou espaço para argumentação, e Steven agarrou meu braço e me levou para o andar de cima.

— Você acha que estou encrencada? — perguntei a Steven.

Ele limpou meu rosto meio sem jeito com um pedaço de papel higiênico molhado.

— Acho, mas não tanto quanto o Sr. Fisher. A mamãe vai acabar com ele.

— Como assim?

Steven deu de ombros.

— Foi algo que eu ouvi. Quer dizer que é o Sr. Fisher quem está encrencado.

Já com meu rosto limpo, Steven e eu voltamos para o corredor. Minha mãe e o Sr. Fisher estavam discutindo. Nós nos entreolhamos, arregalando os olhos ao ouvirmos nossa mãe disparar:

— Você às vezes consegue ser um bosta, Adam.

Abri a boca, prestes a soltar uma exclamação de espanto, quando Steven colocou a mão sobre meus lábios e me arrastou até o quarto dos meninos. Ele fechou a porta depois que entramos. Seus olhos brilhavam de tanta empolgação. Nossa mãe tinha xingado o Sr. Fisher.

— A mamãe chamou o Sr. Fisher de bosta.

Nunca havia escutado minha mãe dizer isso a respeito de alguém, mas foi bem engraçado. Imaginei o Sr. Fisher no formato de um cocô e dei uma boa risada.

Foi tudo muito emocionante e terrível. Nenhum de nós jamais se encrencara pra valer na casa de praia. Nenhuma grande encrenca, pelo menos. Era basicamente uma enorme zona livre de encrencas.

As mães ficavam mais relaxadas na casa de praia. Em casa, Steven levava bronca se retrucasse, mas ali minha mãe parecia não se importar tanto. Provavelmente porque, na casa de Cousins, nós, crianças, não éramos o centro do mundo. Minha mãe se mantinha ocupada com outras coisas, como jardinagem, visitas a galerias de arte com Susannah, desenho e livros. Estava ocupada demais para ficar brava ou incomodada. Nós não tínhamos toda a sua atenção.

Isso era ao mesmo tempo bom e ruim. Bom porque sempre nos safávamos de tudo. Ninguém dava bola se ficávamos brincando na praia até

depois da hora de dormir ou se comíamos a sobremesa e depois repetíamos. Ruim porque eu tinha a vaga sensação de que Steven e eu não éramos tão importantes ali, que havia outras coisas que ocupavam a mente da minha mãe — lembranças das quais não fazíamos parte, de uma vida anterior à nossa existência. E também a vida secreta dentro dela, onde Steven e eu não existíamos. Era como quando ela viajava sem a gente. Eu sabia que ela não sentia nossa falta nem pensava muito em nós.

Eu detestava pensar isso, mas era verdade. As mães tinham toda uma vida independente de nós. Acho que nós também.

25

QUANDO JEREMIAH E Conrad voltaram da praia com as pranchas embaixo dos braços, tive a ideia maluca de que deveria tentar avisá-los de algum jeito. Dando um assovio ou coisa parecida. Mas eu não sabia assoviar, e, de qualquer maneira, era tarde demais.

Eles guardaram as pranchas, subiram os degraus e nos viram ali, sentados. O corpo todo de Conrad se enrijeceu, e vi Jeremiah resmungar "*merda*" baixinho antes de dizer:

— Oi, pai.

Conrad passou direto por nós e entrou em casa.

O Sr. Fisher o seguiu, e Jeremiah e eu nos entreolhamos por um instante. Ele se inclinou na minha direção.

— Que tal você pegar o carro enquanto eu pego as nossas coisas, e nós saímos correndo? — sugeriu.

Dei risada e cobri a boca com a mão. Eu duvidava que o Sr. Fisher fosse gostar de me ver dando risada com todas aquelas coisas sérias acontecendo ali. Me levantei e endireitei a toalha ao redor do corpo, apertando debaixo dos braços. Então nós dois entramos também.

Conrad e o Sr. Fisher estavam na cozinha. Con estava abrindo uma cerveja, sem nem ao menos olhar para o pai.

— Do que diabo vocês três estão brincando aqui? — perguntou o Sr. Fisher.

A voz dele soou muito alta e estranha dentro de casa. Ele estava olhando pela cozinha, pela sala de estar.

Jeremiah começou:

— Pai...

O Sr. Fisher encarou Jeremiah.

— Sandy Donatti me ligou hoje de manhã e me contou o que aconteceu. Você deveria levar o Conrad de volta à faculdade, não ficar e... e fazer festa e interferir na venda.

Jeremiah piscou.

— Quem é Sandy Donatti?

— É a nossa corretora de imóveis — respondeu Conrad.

Percebi que minha boca estava aberta e a fechei de repente. Passei os braços ao redor do corpo com força, tentando ficar invisível. Talvez ainda não fosse tarde demais para Jeremiah e eu tentarmos fugir. Talvez assim ele jamais descobrisse que eu também sabia a respeito da venda da casa. Faria diferença para ele que eu tivesse ficado sabendo disso só desde aquela tarde? Eu duvidava.

Jeremiah olhou para Conrad e de novo para o pai.

— Eu não sabia que a gente tinha uma corretora de imóveis. Você nunca me contou que ia vender a casa.

— Eu disse que era uma possibilidade.

— Você nunca me disse que ia realmente fazer isso.

Conrad interrompeu, dirigindo-se apenas ao irmão.

— Não importa. Ele não vai vender a casa.

Con tomou um gole da cerveja, muito calmo, e todos ficamos esperando para ouvir o que ele ia dizer em seguida.

— A casa não é dele para ele vender.

— É, sim — respondeu o Sr. Fisher, com a respiração pesada. — Eu não estou fazendo isso por mim. O dinheiro vai ficar pra vocês dois.

— Você acha que eu me importo com o dinheiro? — Conrad finalmente o encarou, os olhos frios. Sua voz soava indiferente. — Eu não sou como você. Não dou a mínima pro dinheiro. Eu me importo com a casa. A casa da mamãe.

— Conrad...

— Você não tem o direito de estar aqui. É melhor ir embora.

O Sr. Fisher engoliu em seco, e notei o movimento de seu pomo de adão.

— Não, eu não vou embora.

— Avise à *Sandy* pra não se dar ao trabalho de voltar.

Conrad disse "Sandy" como se o nome fosse um insulto. Acho que essa era exatamente a intenção dele.

— Eu sou seu pai — disse o Sr. Fisher, rouco. — E sua mãe deixou essa decisão pra mim. Essa seria a vontade dela.

— Não fale sobre qual seria a vontade dela. — A casca macia de Conrad se quebrou, e a voz dele soou trêmula.

— Mas que droga, ela era minha mulher. Eu a perdi também.

Isso podia ser verdade, mas era exatamente a coisa errada a dizer a Conrad naquele momento. Fez com que ele explodisse. Ele deu um soco na parede mais próxima, e eu me encolhi. Fiquei surpresa que não tivesse feito um buraco.

— Você não a perdeu. Você a deixou. Você não sabe nada do que ela iria querer. Você nunca esteve presente. Foi um pai de merda e um marido ainda pior. Então não queira se dar ao trabalho de tentar fazer a coisa certa agora. Você ferrou com tudo!

— Con, cale a boca. Só cale essa boca — pediu Jeremiah.

Conrad se virou e gritou para o irmão:

— Você ainda está defendendo ele? Foi exatamente por isso que nós não contamos pra você!

— Nós? — repetiu Jeremiah.

Então ele olhou para mim e a expressão chocada em seu rosto me atravessou.

Comecei a falar, para tentar explicar, mas só consegui dizer:

— Eu só fiquei sabendo hoje, eu juro...

Então o Sr. Fisher me interrompeu:

— Você não é o único que está sofrendo, Conrad. Você não pode falar assim comigo.

— Eu acho que posso, sim.

Um silêncio mortal se instalou, e o Sr. Fisher parecia prestes a bater em Conrad, de tão bravo que estava. Os dois ficaram se encarando, e eu sabia que Conrad não seria o primeiro a desviar o olhar.

Foi o Sr. Fisher quem olhou para o lado.

— A empresa de mudança vai voltar, Conrad. Isso vai acontecer. Você ter um chilique não vai impedir.

Ele foi embora logo depois. Disse que voltaria na manhã seguinte, e suas palavras soaram ameaçadoras. Avisou que ficaria na pousada da cidade. Estava claro para todos nós que ele não podia esperar para sair daquela casa.

Nós três ficamos na cozinha depois de ele sair, sem dizer nada. Muito menos eu. Eu nem deveria estar ali. Pela primeira vez, desejei estar em casa com minha mãe, Steven e Taylor, longe de tudo aquilo.

Jeremiah foi o primeiro a falar.

— Eu não acredito que ele vai mesmo vender a casa — disse, quase para si mesmo.

— Pois pode acreditar — retrucou Conrad, irritado.

— Por que você não me contou? — perguntou Jeremiah.

Conrad olhou para mim antes de responder.

— Não achei que você precisasse saber.

Jeremiah estreitou os olhos.

— Como assim, Conrad? Esta casa também é minha.

— Jere, eu também acabei de descobrir.

Conrad sentou-se no balcão da cozinha, a cabeça baixa.

— Eu tinha ido pra casa pegar algumas roupas. A tal corretora de imóveis, Sandy, ligou e deixou um recado na secretária eletrônica, avisando que a empresa de mudanças viria pegar os itens que tinha encaixotado. Então voltei para a faculdade, peguei minhas coisas e vim direto pra cá.

Conrad tinha deixado a faculdade e tudo o mais para vir para a casa de praia, e a gente simplesmente pensou que ele estava encrencado e que precisava ser salvo. Na verdade, era ele quem estava salvando alguma coisa.

Eu me senti culpada por não ter dado a ele o benefício da dúvida, e sabia que Jeremiah estava sentindo o mesmo. Nós dois nos entreolhamos depressa, e eu soube que estávamos pensando exatamente a mesma coisa. Então acho que me lembrei de que ele estava furioso comigo também, e desviei o olhar.

— Então é isso? — disse Jeremiah.

Conrad não respondeu de imediato. Ele ergueu os olhos e só então foi capaz de falar.

— É, acho que sim.

— Bom, ótimo trabalho cuidando disso tudo, Con.

— Eu estava cuidando de tudo sozinho — retrucou Conrad. — Não que eu tenha tido alguma ajuda sua.

— Bom, quem sabe se você tivesse me falado...

— Você teria feito o quê? — interrompeu Conrad.

— Teria conversado com o papai.

— Pois é, exatamente.

Conrad não poderia ter se expressado de uma maneira mais desdenhosa.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você está tão ocupado correndo atrás dele que não consegue vê-lo pelo que ele realmente é.

Jeremiah não respondeu logo, e eu estava com muito medo do rumo que aquela conversa estava tomando. Conrad estava querendo briga, e a última coisa de que a gente precisava era que os dois começassem a se engalfinhar no chão da cozinha, quebrando as coisas e um ao outro. Desta vez, minha mãe não estava ali para impedi-los. Era só eu — ou seja, praticamente quase nada.

Então Jeremiah disse:

— Ele é nosso pai.

Ele falou com a voz firme, controlada, e eu soltei um pequeno suspiro de alívio. Não haveria briga, porque Jeremiah não deixaria isso acontecer. Eu o admirei por isso.

Mas Conrad apenas balançou a cabeça, indignado.

— Ele é um canalha.

— Não o chame assim.

— Que tipo de cara trai a mulher e depois a abandona quando ela descobre que está com câncer? Que tipo de homem faz isso? Eu não suporto nem olhar pra ele. Ele me deixa furioso, bancando o mártir, o viúvo sofredor. Mas onde ele estava quando a mamãe precisou dele, Jere?

— Eu não sei, Con. Onde você estava?

O ambiente ficou em silêncio, e a sensação que eu tive foi que o ar estava quase estalando. A forma como Conrad hesitou, a maneira como Jeremiah inspirou logo depois de dizer o que disse. Percebi que ele queria retirar o que disse, e estava prestes a fazer isso quando Conrad retrucou, em um tom coloquial:

— Que golpe baixo.

— Me desculpe — pediu Jeremiah.

Conrad deu de ombros, como se aquilo não tivesse qualquer importância.

— Por que você não pode simplesmente deixar pra lá? Por que precisa se prender a todas as coisas ruins que já aconteceram com você? — insistiu Jeremiah.

— Porque, ao contrário de você, eu vivo na realidade. Você prefere viver em um mundo de fantasia, em vez de ver as pessoas pelo que elas realmente são.

Conrad disse isso de um jeito que fez eu me perguntar sobre quem ele estava de fato falando.

Jeremiah se enfureceu. Ele olhou para mim e então de novo para Conrad, antes de dizer:

— Você só está com inveja, admita.

— Inveja?

— Você está com inveja que o papai e eu temos um relacionamento de verdade agora. Não tem mais a ver apenas com você, e isso deixa você louco.

Conrad riu. Sua risada soava terrivelmente amargurada.

— Que bobagem. — Ele se virou para mim: — Belly, você está ouvindo isso? Jeremiah acha que eu estou com inveja.

Jeremiah olhou para mim, querendo dizer *Fique do meu lado*, e nessa hora eu soube que, se fizesse isso, ele me perdoaria por não ter lhe contado a respeito da casa. Detestei Conrad por ter me colocado no meio daquilo, por me fazer escolher. Eu não sabia do lado de quem eu estava. Os dois estavam certos e os dois estavam errados.

Acho que levei muito tempo para responder, porque Jeremiah parou de olhar para mim e continuou a discussão:

— Você é um cretino, Conrad. Você só quer que todo mundo seja tão infeliz quanto você.

E saiu de casa, batendo a porta da frente.

Tive a sensação de que precisava ir atrás dele. Tive a sensação de que havia acabado de deixá-lo na mão quando meu amigo mais precisava de mim.

Então Conrad me perguntou:

— Eu sou um cretino, Belly?

Ele abriu mais uma cerveja, tentando parecer muito indiferente, mas sua mão estava tremendo.

— É. Você é mesmo um cretino.

Fui até a janela e vi Jeremiah entrando no carro. Já era tarde para ir atrás dele; Jere já estava saindo. Embora estivesse furioso, tinha colocado o cinto de segurança.

— Ele vai voltar — assegurou Conrad.

Hesitei um pouco, e então retruquei:

— Você não devia ter dito aquelas coisas.

— Talvez não.

— Você não devia ter pedido para eu guardar segredo.

Conrad deu de ombros, como se já tivesse superado tudo, mas então olhou de volta para a janela, e eu soube que estava preocupado. Ele jogou uma cerveja na minha direção, e eu a peguei. Abri a lata e tomei um longo gole. Mal senti o gosto ruim. Talvez estivesse me acostumando. Estalei os lábios.

Ele me olhou com uma expressão divertida no rosto.

— Então você gosta de cerveja agora, é?

Dei de ombros.

— É ok — respondi, me sentindo muito adulta. E então acrescentei: — Mas ainda prefiro Cherry Coke.

Ele quase sorriu quando disse:

— A mesma Belly de sempre. Aposto que, se alguém abrir seu corpo, uma montanha de açúcar refinado vai sair de dentro de você.

— Essa sou eu. Doce e coisas açucaradas são tudo de bom.

— Não sei, não.

Então ficamos em silêncio. Tomei mais um gole de cerveja e coloquei a latinha ao lado de Conrad.

— Acho que você magoou o Jeremiah de verdade.

Ele deu de ombros.

— Ele precisava de um puxão de orelha.

— Você não precisava agir daquele jeito.

— Acho que é você quem magoa o Jeremiah.

Abri a boca e fechei. Se eu perguntasse o que ele queria dizer, Con diria. E eu não queria que ele dissesse. Então continuei bebendo minha cerveja.

— E agora?

Conrad não me liberou tão fácil assim.

— E agora com você e Jeremiah ou com você e comigo? — perguntou.

Ele estava me provocando, e eu fiquei com raiva por isso. Pude sentir o rosto queimando ao responder:

— E agora com esta casa.

Ele se recostou no balcão.

— Não há nada a fazer, na realidade. Quero dizer, eu poderia arranjar um advogado. Tenho dezoito anos. Poderia tentar ganhar tempo. Mas duvido que adiantaria alguma coisa. Meu pai é teimoso. E é ganancioso.

Então retruquei, meio hesitante:

— Não sei se ele está fazendo isso por ganância, Conrad.

Ele fechou a cara.

— Acredite em mim. Ele está, sim.

Não consegui deixar de perguntar:

— E o curso de verão?

— Eu não podia estar menos preocupado com o curso.

— Mas...

— Deixa isso pra lá, Belly.

Ele saiu da cozinha, abrindo a porta deslizante.

Fim da conversa.

26

Jeremiah

ADMIREI CONRAD MINHA vida inteira. Ele sempre foi o mais inteligente, o mais veloz... simplesmente o melhor. Acontece que eu nunca realmente o invejei por isso. Ele era apenas Conrad, não podia evitar ser bom fazendo as coisas. Não podia evitar o fato de que jamais perdia nos jogos de Uno ou nas corridas, nem se dava mal nas provas. Talvez parte de mim precisasse disso, de alguém a quem admirar. Meu irmão mais velho, o cara que não podia perder.

Mas teve uma vez, quando eu tinha treze anos, em que estávamos praticando luta livre na sala de estar. Meu pai estava sempre tentando fazer a gente praticar o esporte. Ele tinha integrado a equipe de luta livre na faculdade e gostava de nos ensinar novas técnicas. Já fazia meia hora que estávamos lutando, e minha mãe estava na cozinha, preparando escalopes com bacon, porque receberíamos visitas naquela noite, e esse era o prato preferido do meu pai.

— Prenda-o, Con — dizia meu pai.

Nós dois estávamos totalmente concentrados na luta. Já tínhamos derrubado um dos castiçais de prata da minha mãe. Conrad arfava. Ele achou que ia me vencer com facilidade, mas eu estava ficando bom. Não ia desistir. Ele prendeu minha cabeça embaixo do braço, e prendi o joelho dele, e nós dois caímos no chão. Senti alguma coisa mudar. Eu estava quase ganhando. Eu ia vencer. Meu pai ia ficar muito orgulhoso.

Quando Con estava imobilizado, meu pai disse:

— Conrad, eu falei pra você manter os joelhos dobrados.

Olhei para meu pai e reparei em seu rosto. Estava com aquela expressão que fazia às vezes, estreitando os olhos, irritado, quando Conrad não estava fazendo alguma coisa direto. Ele nunca olhava para mim daquele jeito.

Meu pai não disse "Bom trabalho, Jere". Só começou a criticar Conrad, enumerando todas as coisas que ele poderia ter feito melhor. E meu irmão ouviu. Ele estava assentindo, o rosto vermelho, o suor escorrendo pela testa. Então, meu irmão olhou para mim e disse, muito sincero:

— Bom trabalho, Jere.

Foi quando meu pai também falou:

— É, bom trabalho, Jere.

De repente, tive vontade de chorar. Eu não queria vencer Conrad nunca mais. Não valia a pena.

* * *

Depois do que aconteceu em nossa casa, entrei no carro e comecei a dirigir. Eu não sabia para onde estava indo, e parte de mim nem queria voltar. Parte de mim só queria deixar Conrad lidando com aquela merda toda sozinho, que era justamente o que ele queria desde o início. Belly que lidasse com ele. Os dois que se virassem. Dirigi por meia hora.

Mas, mesmo enquanto dirigia, eu sabia que acabaria voltando. Não podia simplesmente dar o fora. Era o tipo de coisa que Con fazia, não eu. E *foi* um golpe baixo eu ter dito que ele não estava lá para dar apoio à mamãe. Não era como se ele soubesse que ela ia morrer. Ele estava na faculdade. Não foi culpa dele. Mas não era ele quem estava lá quando as coisas pioraram de novo. Tudo aconteceu muito rápido, ele não tinha como saber. Se soubesse, teria ficado em casa. Eu sei que teria.

Nosso pai jamais ganharia o prêmio de pai do ano. Ele com certeza era cheio de defeitos. Mas, lá no fim, quando era pra valer, ele voltou para casa. E disse todas as coisas certas. Fez nossa mãe feliz. Conrad simplesmente não conseguia ver isso. Ele não queria ver isso.

Não voltei para casa imediatamente.

Primeiro, parei na pizzaria. Era hora do jantar, e não havia nada para comer na casa de praia. Um garoto que eu conhecia, Mikey, estava trabalhando no caixa. Pedi uma pizza grande com todas as opções de sabor, e então perguntei se Ron estava fazendo entregas. Mikey disse que sim, que Ron estaria de volta logo, que eu devia esperar.

Ron morava em Cousins. Ele estudava na faculdade local durante o dia e entregava pizzas à noite. Era um cara legal. Comprava cerveja para menores de idade desde que eu podia me lembrar. Bastava dar 20 dólares a Ron que ele dava um jeito.

Tudo que eu sabia era que, se aquela seria a nossa última noite, não poderia terminar assim.

* * *

Quando voltei para casa, Conrad estava sentado na varanda. Eu sabia que ele esperava por mim. Sabia que estava se sentindo mal pelo que tinha dito. Buzinei, coloquei a cabeça para fora da janela e gritei:

— Venha me ajudar com as coisas.

Ele veio até o carro, viu as caixas de cerveja e a sacola de bebidas e perguntou:

— Ron?

— Isso.

Peguei duas caixas de cerveja e entreguei a ele.

— Vamos dar uma festa.

27

APÓS A BRIGA, depois que o Sr. Fisher saiu, subi para o meu quarto e fiquei lá sozinha. Não queria estar por perto quando Jeremiah voltasse, caso ele e Conrad recomeçassem a discussão. Ao contrário de Steven e eu, aqueles dois quase nunca brigavam. Todo esse tempo que os conhecia, eu só os vi brigando umas três vezes. Jeremiah admirava Conrad, e Conrad cuidava de Jeremiah. Simples assim.

Comecei a procurar nas gavetas da cômoda e no armário para ver se encontrava alguma coisa minha ali. Minha mãe era muito rígida e nos mandava tirar todos os nossos pertences sempre que íamos embora, mas nunca se sabe. Pensei que não custava nada me certificar. O Sr. Fisher provavelmente diria para a empresa de mudança jogar tudo fora.

No fundo da gaveta da cômoda, encontrei um velho caderno de redação dos meus dias de *A pequena espiã*. Estava todo colorido com canetas marca-texto rosa, verde e amarela. Eu tinha acompanhado os meninos de um lado para o outro durante dias, fazendo anotações até deixar Steven furioso, e ele me dedurou para a mamãe.

Comecei a ler:

28 de junho. Peguei Jeremiah dançando na frente do espelho quando ele achava que não tinha ninguém vendo. Mas eu estava lá!

30 de junho. Conrad tomou todos os picolés azuis de novo, mesmo sabendo que não podia. Mas não dedurei.

1º de julho. Steven me chutou sem nenhum motivo.

E assim por diante. Lá para meados de julho eu fiquei de saco cheio e desisti. Eu estava sempre atrás deles, na época. Tinha oito anos e teria adorado ter sido incluída nesta última aventura, adorado o fato de que poderia estar com os meninos enquanto Steven precisava ficar em casa.

Encontrei mais algumas coisas. Porcarias como um potinho de gloss labial de cereja pela metade, dois elásticos de cabelo empoeirados, meus livros da Judy Blume na prateleira e os de V.C. Andrews escondidos atrás. Pensei em simplesmente deixar tudo aquilo por lá.

A única coisa que eu precisava levar era Junior Mint, meu velho urso-polar de pelúcia, que Conrad ganhara para mim um milhão de anos atrás. Eu não podia deixar que o jogassem fora como se fosse lixo. Tinha sido especial para mim.

Fiquei lá em cima por um tempo, olhando minhas velharias. Encontrei mais uma coisa que valia a pena guardar: um telescópio de brinquedo. Ainda me lembro do dia em que meu pai o comprou para mim em uma daquelas lojinhas de antiguidades ao longo do calçadão. Custou caro, mas lembro que ele disse que eu precisava tê-lo. Houve um tempo em que eu era obcecada por estrelas, cometas e constelações, e ele achou que talvez eu virasse astrônoma quando crescesse. Acabou que foi só uma fase, mas foi divertida enquanto durou. Eu gostava da maneira como meu pai olhava para mim naquela época, como se eu tivesse puxado a ele.

Ele ainda olhava para mim desse jeito, às vezes — quando eu pedia molho Tabasco nos restaurantes, quando sintonizava na rádio NPR sem ele precisar pedir. De Tabasco eu gostava, mas da NPR, nem tanto. Fazia aquilo porque sabia que o deixaria orgulhoso.

Eu ficava feliz por ele ser meu pai, e não o Sr. Fisher. Ele jamais teria gritado comigo ou me xingado, nem ficado bravo por eu derramar Ki-Suco. Ele não era esse tipo de pessoa. Eu nunca dei valor para o tipo de homem que meu pai era.

28

MEU PAI QUASE nunca ia à casa de praia. Só um fim de semana em agosto, talvez, mas não mais que isso. Nunca me ocorreu por quê. Havia um fim de semana em que ele e o Sr. Fisher vinham ao mesmo tempo. Como se os dois tivessem muitas coisas em comum, como se fossem amigos ou coisa parecida. Porém, eles não poderiam ser mais diferentes. O Sr. Fisher gostava de falar, falar, falar, e meu pai só falava se tinha algo a dizer. O Sr. Fisher estava sempre vendo SportsCenter, enquanto era difícil meu pai assistir a qualquer coisa na TV — e, quando assistia, definitivamente não eram esportes.

Nossos pais e mães iam a um restaurante chique em Dyerstown. Uma banda tocava lá nos sábados à noite, e havia uma pequena pista de dança. Era estranho pensar nos meus pais dançando. Eu nunca os havia visto dançar antes, mas tinha certeza de que Susannah e o Sr. Fisher dançavam o tempo todo. Eu os vi dançar uma vez, na sala. E me lembro de como Conrad ficou vermelho e virou de costas.

Eu estava deitada de barriga para baixo, na cama de Susannah, vendo minha mãe e ela se arrumando no banheiro da suíte.

Susannah a convencera a usar um vestido dela: vermelho, com um decote em V profundo.

— O que você acha, Beck? — perguntou minha mãe, insegura.

Eu sabia que ela estava se sentindo esquisita, porque costumava usar calças.

— Acho que você está incrível e deve usar o vestido. Vermelho combina muito com você, Laurel.

Susannah estava curvando os cílios e arregalando os olhos diante do espelho.

Quando as duas saíam, eu ficava treinando como usar o curvex. Minha mãe não tinha um. Eu sabia tudo que havia na bolsa de maquiagem dela, um daqueles nécessaires de plástico verde da Clinique que se ganha de brinde. Tinha um protetor labial da Burt's Bees, um delineador para olhos, um tubo rosa e verde de rímel Maybelline e um frasco de protetor solar com base. Só coisa sem graça.

O estojo de maquiagem de Susannah, por outro lado, era um verdadeiro tesouro. Era um estojo de couro de cobra azul-marinho com um fecho dourado pesado com as iniciais dela gravadas. Dentro, havia potinhos, paletas e pincéis e amostras de perfume. Ela nunca jogava nada fora. Eu gostava de organizar tudo em fileiras perfeitas, de acordo com as cores. Às vezes, ela me dava um batom ou uma amostra de sombra, nada muito escuro.

— Belly, quer que eu maquie seus olhos? — perguntou Susannah.

— Sim! — respondi, me sentando na cama.

— Beck, por favor, não a deixe com olhos de prostituta de novo — pediu minha mãe, passando um pente no cabelo molhado.

Susannah fez careta.

— Chama-se olho esfumado, Lau.

— É, mamãe, é olho esfumado — falei, com a voz aguda.

Susannah me chamou para perto, dobrando o indicador.

— Vem cá, Belly.

Corri até o banheiro e me sentei no balcão. Eu adorava sentar naquele balcão com as pernas penduradas, ouvindo tudo que as garotas falavam e me sentindo uma delas.

Susannah mergulhou um pincelzinho dentro de um pote de delineador preto.

— Feche os olhos — pediu.

Obedeci, e ela deslizou o pincel bem juntinho dos meus cílios, misturando e borrando com toda a sua experiência, usando a ponta do polegar. Então passou sombra nas minhas pálpebras, e eu me remexi, empolgada. Adorava quando Susannah me maquiava, mal podia esperar pelo momento de ver o resultado.

— Você e o Sr. Fisher vão dançar hoje à noite? — perguntei.

Susannah riu.

— Não sei. Talvez.

— Mamãe, você e o papai vão dançar?

Minha mãe também riu.

— Não sei. Provavelmente não. Seu pai não gosta de dançar.

— O papai é chato — falei, tentando me virar e espiar meu novo visual.

Gentilmente, Susannah colocou as mãos nos meus ombros e me endireitou.

— Ele não é chato — retrucou minha mãe. — Ele só tem interesses diferentes. Você gosta quando ele ensina as constelações a você, não gosta?

Dei de ombros.

— Gosto.

— Além disso, ele é muito paciente e sempre escuta suas histórias — lembrou ela.

— É verdade. Mas o que isso tem a ver com ser chato?

— Não muita coisa, eu acho. Mas tem a ver com ser um bom pai, que eu acho que ele é.

— Ele é mesmo — concordou Susannah, e ela e minha mãe se entreolharam por cima da minha cabeça. — Dê uma olhada em como você está.

Eu me virei e olhei no espelho. Meus olhos estavam muito esfumados, cinza e misteriosos. Tive a sensação de que era eu quem deveria sair para dançar.

— Está vendo, ela não está parecendo uma prostituta — comentou Susannah, triunfal.

— Ela parece estar com o olho roxo — retrucou minha mãe.

— Não pareço, não. Eu pareço misteriosa. Estou parecendo uma condessa.

Saltei do balcão do banheiro.

— Obrigada, Susannah.

— Sempre que quiser, docinho.

Demos beijinhos na bochecha uma da outra, sem encostar, como duas mulheres da sociedade se encontrando em um almoço. Ela me pegou pela mão e me levou até sua cômoda. Então me entregou seu porta-joias e disse:

— Belly, você tem um ótimo gosto. Pode me ajudar a escolher as joias para eu usar esta noite?

Eu me sentei na cama dela com a caixa de madeira e a examinei com cuidado. Encontrei o que estava procurando: os brincos pendentes de opala e o anel de opala do mesmo conjunto.

— Use esses aqui — sugeri, mostrando as joias para ela na palma da mão.

Susannah aceitou minha sugestão, mas, enquanto prendia os brincos, minha mãe comentou:

— Não sei se eles combinam muito.

Olhando para o passado agora, acho que não combinavam mesmo. Mas eu gostava tanto daquelas joias de opala. Eu as admirava mais do que qualquer outra coisa.

Então eu disse:

— Mamãe, o que você sabe de estilo?

Na mesma hora, achei que ela fosse ficar brava comigo, mas aquilo havia escapado, e era verdade, afinal. Minha mãe entendia tanto de joias quanto de maquiagem.

Mas Susannah riu, e minha mãe também.

— Vá lá pra baixo e avise aos dois que estaremos prontas em cinco minutos, condessa — ordenou minha mãe.

Saltei da cama e fiz uma reverência dramática.

— Sim, mamãe.

As duas deram risada.

— Vai logo, sua sapeca — emendou minha mãe.

Desci a escada correndo. Quando era criança, corria sempre que precisava ir a algum lugar.

— Elas estão quase prontas — berrei.

O Sr. Fisher estava mostrando sua nova vara de pescar ao meu pai, que pareceu aliviado em me ver.

— Belly, o que foi que fizeram com você?

— Susannah me maquiou. Gostou?

Meu pai me puxou para mais perto dele, me olhando bem sério.

— Não sei direito. Você parece muito mais velha.

— É mesmo?

— Sim. Muito, muito madura.

Tentei disfarçar minha alegria ao abrir um lugarzinho para mim na dobra do braço do meu pai, a cabeça bem ao lado da dele. Para mim, não havia elogio melhor do que ser chamada de madura.

Todos saíram um pouco depois, os homens vestindo calças cáqui e camisas de botão, as mulheres com seus vestidos de verão. O Sr. Fisher e meu pai não pareciam tão diferentes quando se arrumavam daquele jeito. Meu pai se despediu de mim com um abraço e disse que, se eu ainda estivesse acordada quando eles voltassem, passaríamos um tempo sentados no deque tentando ver estrelas cadentes. Minha mãe disse que eles provavelmente voltariam tarde demais, mas meu pai deu uma piscadela.

Na saída, ele sussurrou alguma coisa para minha mãe que a fez cobrir a boca e dar uma risadinha baixa e rouca. Fiquei imaginando o que ele teria dito.

Foi uma das últimas vezes que me lembro deles felizes. Eu realmente gostaria de ter aproveitado mais.

* * *

Meus pais sempre foram estáveis, tão chatos quanto um pai e uma mãe podem ser. Eles nunca brigavam. Os pais da Taylor brigavam o tempo todo. Já teve vezes em que fui dormir na casa dela, e o Sr. Jewel chegou tarde, e a mãe dela ficou muito furiosa, estalando forte os chinelos no chão e batendo as panelas. Às vezes estávamos à mesa do jantar, e eu ia afundando na minha cadeira, mas Taylor simplesmente continuava conversando sobre bobagens. Se Veronika Gerard tinha ou não usado as mesmas meias dois dias seguidos para fazer ginástica ou se nós deveríamos nos oferecer para levar água para o time de futebol quando estivéssemos no primeiro ano.

Quando os pais dela se divorciaram, perguntei a Taylor se, de alguma maneira, ela se sentia aliviada. Ela respondeu que não. Disse que, embora os dois brigassem o tempo todo, pelo menos eles ainda eram uma família.

— Seus pais nem sequer brigavam — disse ela, e pude perceber o desprezo em sua voz.

Eu sabia o que ela queria dizer. Eu também pensava muito nisso. Como era possível duas pessoas que um dia haviam sido apaixonadas uma pela

outra nem sequer brigarem? Eles não se importavam o bastante para brigar — não apenas para brigar um com o outro, mas também para lutar pelo casamento? Eles realmente algum dia foram apaixonados? Minha mãe algum dia sentiu pelo meu pai o que eu sentia por Conrad — se sentia viva, maluca, inebriada de carinho? Essas eram as perguntas que me assombravam.

Eu não queria cometer os mesmos erros dos meus pais. Não queria que meu amor desbotasse um dia como uma cicatriz antiga. Desejava que ele ardesse para sempre.

29

QUANDO EU FINALMENTE desci, já estava escuro, e Jeremiah tinha voltado. Ele e Conrad estavam assistindo à TV no sofá, como se a briga jamais tivesse acontecido. Acho que era assim com garotos. Toda vez que Taylor e eu brigávamos, ficávamos bravas por pelo menos uma semana, e era sempre uma batalha para ver quem ficava com quais amigos.

— Você está do lado de quem? — cobrávamos de Katie ou Marcy.

Dizíamos coisas maldosas uma para a outra que não se pode desdizer, e depois chorávamos e fazíamos as pazes. Mas eu duvidava de que Conrad e Jeremiah estivessem chorando e fazendo as pazes antes de eu descer.

Eu me perguntei se também tinha sido perdoada por ter guardado um segredo de Jeremiah, por não ter escolhido um lado — o lado dele. Porque a verdade era que havíamos chegado ali como parceiros, uma equipe, mas, quando ele precisou de mim, eu o deixei na mão. Por um instante fiquei lá parada ao lado da escada, sem saber se devia ou não me aproximar. Então Jeremiah olhou para mim, e eu soube que estava perdoada. Ele sorriu, um sorriso de verdade, do tipo capaz de derreter sorvete. Retribuí o sorriso, mais grata do que nunca.

— Já ia subir pra chamar você — disse ele. — Vamos dar uma festa.

Vi uma caixa de pizza na mesa de centro.

— Uma festa de pizza? — perguntei.

Susannah sempre fazia festas de pizza quando éramos crianças. Nunca era só "vamos comer pizza no jantar". Era uma festa de pizza. Só que, desta vez, com cerveja. E tequila. Então assim seria nossa última noite. Se Steven também estivesse ali, pareceria muito mais real. Teria sido completo, nós quatro juntos de novo.

— Encontrei algumas pessoas na cidade que vêm pra cá mais tarde e vão trazer um barril.

— Um barril? — repeti.

— É. Um barril, sabe, de cerveja?

— Ah, sim. Um barril.

Então me sentei no chão e abri a caixa de pizza. Tinha sobrado só uma fatia pequena.

— Vocês são uns canalhas — falei, enfiando o pedaço de pizza na boca.

— Oooopa, desculpe — disse Jeremiah.

Então ele foi até a cozinha e, quando voltou, tinha três copos nas mãos, um deles equilibrado na dobra do braço. Deu aquele para mim.

— Saúde — brindou Jere

Deu um copo a Conrad também.

Desconfiada, cheirei a bebida. Era marrom-clara e havia uma fatia de limão boiando em cima.

— O cheiro é forte — comentei.

— É porque é *tequila* — cantarolou ele.

Ergueu o copo no ar.

— À última noite.

— À última noite — repetimos.

Os dois viraram tudo de uma só vez. Eu tomei só um golinho, e não estava tão ruim. Nunca havia tomado tequila antes. Bebi o resto depressa.

— É bem gostoso — falei. — E nem é tão forte.

Jeremiah caiu na risada.

— É porque a sua dose contém 95% de água.

Conrad também riu, e olhei furiosa para os dois.

— Isso não é justo — protestei. — Quero beber o que vocês estão bebendo.

— Desculpe, mas não servimos bebidas a menores aqui — retrucou Jeremiah, caindo ao meu lado no chão.

Dei um soco no ombro dele.

— Você também é menor de idade, seu bobo. Todos somos.

— Está certo, Belly, mas você é mesmo menor de idade. Minha mãe me mataria.

Foi a primeira vez que qualquer um de nós mencionou Susannah. Meus olhos dispararam para Conrad, mas o rosto dele estava impassível. Soltei a respiração. E então tive uma ideia, a melhor ideia que já tinha me ocorrido. Dei um pulo e abri as portas do rack da TV. Passei os dedos pelas gavetas com os DVDs e vídeos caseiros, todos cuidadosamente rotulados com a letra cursiva inclinada de Susannah. Por fim, encontrei o que estava procurando.

— O que você está fazendo? — quis saber Jeremiah.

— Espere um pouco — respondi, de costas para eles.

Liguei a TV e coloquei o vídeo.

Na tela, apareceu Conrad, aos doze anos de idade. Usando aparelho e com a pele cheia de espinhas. Estava deitado em uma esteira de praia, fazendo careta. Naquele verão, Con não deixou ninguém tirar foto dele.

Como sempre, o Sr. Fisher estava atrás da câmera dizendo:

— Qual é, diga "Feliz Quatro de Julho", Con.

Jeremiah e eu nos entreolhamos e explodimos em uma gargalhada. Conrad nos olhou furioso. Fez um gesto para tentar pegar o controle remoto, mas Jeremiah chegou antes e o segurou acima da cabeça, perdendo o ar de tanto rir. Os dois começaram a lutar, e então pararam.

A câmera focava Susannah, usando seu grande chapéu de praia e uma camisa branca comprida sobre a roupa de banho.

— Suze, querida, como você está se sentindo hoje, no aniversário da nossa nação?

Ela revirou os olhos.

— Dá um tempo, Adam. Vai filmar as crianças.

E então, por debaixo do chapéu, ela sorriu — aquele sorriso lento, intenso. Era o sorriso de uma mulher que amava verdadeiramente a pessoa segurando a câmera.

Conrad parou de brigar pelo controle remoto e assistiu às imagens por um momento, então disse:

— Desligue isso.

— Qual é, cara. Vamos só ver — disse Jeremiah.

Conrad não falou nada, mas também não parou de assistir.

E então a câmera focou em mim, e Jeremiah começou a rir de novo. Conrad também. Era o que eu estava esperando. Sabia que ia conseguir risadas.

Eu, de óculos enormes e usando um biquíni listrado com as cores do arco-íris, a barriga redonda saltando sobre a parte de baixo — uma típica criança de quatro anos. Eu berrava a plenos pulmões, fugindo de Steven e Jeremiah. Eles estavam atrás de mim segurando o que diziam ser uma água-viva, mas depois vim a descobrir que era só um punhado de algas.

O cabelo de Jeremiah estava loiro quase branco à luz do sol, e ele era exatamente como eu me lembrava.

— Bells, você parece uma bola de praia — comentou, engasgando de tanto rir.

Eu ri também, um pouco.

— Assistam! Esse verão foi muito incrível. Todos os nossos verões aqui foram muito... incríveis.

Incrível nem era a melhor palavra para descrevê-los.

Em silêncio, Conrad se levantou e voltou com a tequila. Serviu um pouco para cada um e, desta vez, a minha não foi diluída na água.

Todos tomamos um shot juntos e, quando engoli o meu, senti a bebida descer queimando a ponto de lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Conrad e Jeremiah caíram na gargalhada de novo.

— Chupe o limão — aconselhou Conrad, e obedeci.

Não demorou nada para eu me sentir quente, meio mole e ótima. Deitei no chão com o cabelo espalhado ao redor da cabeça, olhei fixamente para o teto e fiquei vendo o ventilador girar.

Quando Conrad levantou e foi ao banheiro, Jeremiah virou-se de lado.

— Ei, Belly. Verdade ou consequência?

— Não seja bobo — falei.

— Ah, qual é. Brinque comigo. Por favor!

Revirei os olhos e me sentei.

— Consequência.

Os olhos dele estavam com aquele brilho safado que eu não via desde que Susannah tinha ficado doente de novo.

— Eu desafio você a me beijar, à moda antiga. Aprendi muito desde nossa última vez.

Dei risada. O que quer que eu estivesse esperando que ele dissesse, não era isso.

Jeremiah ergueu o rosto para mim e riu de novo. Eu me inclinei para a frente, puxei o queixo dele na minha direção e lhe dei um beijo na bochecha com um estalo alto.

— Ah, cara! — protestou. — Isso não foi um beijo pra valer.

— Você não disse um tipo de beijo específico — retruquei, sentindo o rosto ficar quente.

— Qual é, Bells. Não foi assim que a gente se beijou daquela outra vez.

Conrad voltou para a sala, secando as mãos na calça.

— Do que você está falando, Jere? Você não tem namorada? — perguntou.

Olhei para Jeremiah, que estava vermelho.

— Você tem namorada?

Ouvi o tom de acusação na minha voz e detestei. Não era como se Jeremiah me devesse uma explicação. Como se ele fosse meu. Mas ele sempre me deixou sentir como se pertencesse a mim.

Todo esse tempo juntos, e ele não mencionou sequer uma vez que tinha namorada. Eu não podia acreditar. Acho que não era a única guardando segredos, e pensar nisso me deixou triste.

— Nós terminamos. Ela vai para a faculdade em Tulane, e eu vou ficar por aqui. Decidimos que não faz sentido continuar juntos.

Furioso, ele encarou Conrad, então olhou de novo para mim.

— E a gente estava sempre brigando e voltando. Ela é maluca.

Detestei pensar nele com uma garota maluca, uma garota de quem ele gostava o bastante para terminar o namoro e voltar várias vezes.

— Bom, e qual é o nome dela?

Ele hesitou.

— Mara.

O álcool que corria em minhas veias foi suficiente para me dar coragem de perguntar:

— Você a ama?

Desta vez, ele não hesitou:

— Não.

Peguei um pedaço da borda da pizza.

— Tudo bem, minha vez. Conrad, verdade ou consequência?

Ele estava deitado com o rosto encostando no sofá.

— Eu nunca disse que estava brincando.

— Frangote — Jeremiah e eu dissemos juntos.

— Macaco de imitação! — dissemos ao mesmo tempo.

— Vocês parecem ter dois anos de idade — resmungou Conrad.

Jeremiah se levantou e começou a imitar uma galinha ciscando.

— Có có có có.

— Verdade ou consequência? — insisti.

Conrad rosnou:

— Verdade.

Fiquei tão contente que Conrad topou brincar conosco que não consegui pensar em nada bom para perguntar. Quero dizer, tinha um milhão de coisas que eu queria perguntar a ele. Queria perguntar o que havia acontecido conosco, se algum dia ele tinha gostado de mim, se alguma coisa havia sido verdadeira. Mas eu não podia fazer essas perguntas. Mesmo não estando tão sóbria por causa da tequila, eu sabia disso.

Em vez disso, perguntei:

— Lembra-se daquele verão que você gostou da garota que trabalhava no calçadão? A Angie?

— Não — disse ele, mas eu sabia que era mentira. — O que tem ela?

— Você chegou a ficar com ela?

Conrad finalmente levantou a cabeça do sofá.

— Não — respondeu.

— Eu não acredito em você.

— Eu tentei, uma vez. Mas ela me deu um soco na cabeça e disse que não era aquele tipo de garota. Acho que era testemunha de Jeová ou coisa parecida.

Jeremiah e eu caímos na gargalhada. Ele estava rindo tanto que se curvou todo e caiu de joelhos.

— Cara, que incrível — disse Conrad, arfando.

E era mesmo. Sabia que ele estava assim só porque tinha bebido quase uma caixa de cerveja, mas Conrad estava se soltando, nos contando coisas. A sensação era incrível. Parecia um milagre.

Ele se apoiou em um dos cotovelos.

— Muito bem. Minha vez.

Conrad estava olhando para mim como se fôssemos as únicas duas pessoas na sala e, de repente, fiquei apavorada. E exultante. Mas então olhei para Jeremiah, nos encarando e, também de repente, não senti mais nem uma coisa, nem outra.

Solenemente, falei:

— Não, não. Você não pode me fazer pergunta, porque eu acabei de perguntar pra você. É a regra.

— A regra? — repetiu ele.

— É — confirmei, encostando a cabeça no sofá.

— Você não está nem curiosa sobre o que eu ia perguntar?

— Não. Nem um pouquinho.

O que era uma baita mentira. É claro que eu estava curiosa. Estava morrendo de vontade de saber.

Estendi o braço, me servi mais tequila e então me levantei, os joelhos bambos. Estava zonza.

— À nossa última noite!

— Nós já brindamos a isso, lembra? — disse Jeremiah.

Mostrei a língua para ele.

— Está certo, então.

A tequila me trouxe coragem de novo. Desta vez, deixou que eu dissesse o que eu realmente queria dizer. O que estava passando na minha cabeça a noite toda.

— A... a todo mundo que não está aqui esta noite. À minha mãe, ao Steven e à Susannah, acima de tudo. Está bem?

Conrad olhou para mim. Por um instante, fiquei com medo do que ele ia dizer. E então ele levantou o próprio copo, e Jeremiah também. Todos viramos os copos juntos, e eu senti a bebida descer queimando como fogo líquido. Tossi um pouco.

Quando voltei a me sentar, perguntei a Jeremiah:

— E então, quem vem à festa?

Ele deu de ombros.

— Um pessoal da piscina do clube do ano passado. Também estão falando com outras pessoas da festa. Ah, e o Mikey, o Pete e aquele pessoal.

Me perguntei quem seriam "o Mikey, o Pete e aquele pessoal". Também me perguntei se devia me arrumar antes de as pessoas chegarem.

— A que horas eles vêm? — perguntei a Jeremiah.

Ele deu de ombros.

— Às dez? Onze?

Dei um salto.

— Já são quase nove! Eu preciso me vestir.

— Você já não está vestida? — perguntou Conrad.

Nem me dei ao trabalho de responder. Simplesmente disparei escada acima.

30

QUANDO TAYLOR ME ligou, tudo que havia na minha mochila estava espalhado no chão. E foi quando me lembrei de que era sábado. Parecia que eu estava longe fazia muito mais tempo. Então me dei conta de que era 4 de julho. E de que eu deveria estar em um barco com Taylor, Davis e todo mundo. *Opa.*

— Oi, Taylor — falei.

— Oi, onde você está?

Taylor não parecia brava, o que era meio maluco.

— Ahn, ainda em Cousins. Desculpa não ter conseguido voltar a tempo para a festa no barco.

Da pilha de roupas, peguei uma blusa de um ombro só de um tecido tipo chiffon e experimentei. Sempre que Taylor a usava, prendia o cabelo de lado.

— Como está chovendo o dia todo, cancelamos a festa no barco. Em vez disso, o Cory vai dar uma festa no apartamento do irmão dele. E você?

— Acho que também vamos dar uma festa. Jeremiah comprou um monte de cerveja, tequila e outras bebidas — falei, ajeitando a blusa.

Não sabia ao certo quanto do meu ombro devia deixar à mostra.

— Uma festa? — gritou. — Eu quero ir!

Tentei enfiar o pé em uma das sandálias plataforma de Taylor. Queria não ter mencionado a festa — ou a tequila. Ultimamente, Taylor andava doida por shots de tequila.

— E a festa do Cory? — perguntei. — Fiquei sabendo que o apartamento do irmão dele tem uma banheira de hidromassagem. Você adora esse tipo de coisa.

— Ah, é. Droga. Mas eu também quero me divertir com vocês! Festas na praia são as mais divertidas. De qualquer maneira, a Rachel Spiro me contou que um bando de vadias do primeiro ano vai à festa. Acho que talvez nem valha à pena ir. AHMEUDEUS, acho que eu devo simplesmente pegar meu carro e ir pra Cousins!

— Quando você chegar aqui, todo mundo já vai ter ido embora. Provavelmente é melhor você ir à festa do Cory.

Ouvi um carro parando na frente da casa. As pessoas já estavam chegando, ou seja, não era mentira.

Eu estava prestes a dizer a Taylor que precisava desligar quando ela disse, baixinho:

— Você, tipo, não quer que eu vá?

— Eu não disse isso — respondi.

— Basicamente, disse, sim.

— Taylor... — comecei, mas não soube o que falar depois. Porque ela estava certa: eu não queria que ela fosse.

Se Taylor fosse, tudo giraria em torno dela, como sempre acontece. Aquela era minha última noite em Cousins, naquela casa. Eu nunca mais pisaria ali de novo, nunca mais. Queria passar aquela noite com Conrad e Jeremiah.

Taylor esperou que eu dissesse alguma coisa, que pelo menos negasse aquilo, mas como eu não fiz nada disso, disparou:

— Eu não acredito como você é egoísta, Belly.

— Eu?

— É, você. Você fica com sua casa de praia e seus amigos de praia só pra você e não quer dividir nada comigo. Finalmente podemos passar um verão inteiro juntas, mas você nem se importa! Tudo que você quer é ficar em Cousins, com *eles*.

Ela pareceu muito furiosa. Mas, em vez de me sentir culpada, como costumava me sentir, só fiquei irritada.

— Taylor.

— Pare de falar meu nome assim.

— Assim como?

— Como se eu fosse uma criança.

— Bom, então talvez você devesse parar de agir feito uma criança só por não ter sido convidada para algum lugar.

E me arrependi assim que disse isso.

— Vá se ferrar, Belly! Eu suporto muita coisa. Você é uma melhor amiga horrorosa, sabia?

Bufei.

— Taylor... cala a boca.

Ela arfou.

— Não ouse me mandar calar a boca! Eu não fiz nada além de te dar apoio, Belly. Ouvi toda a sua chatice sobre o Conrad e nem reclamei. Quando vocês terminaram, quem foi que deu sorvete na boca pra você e fez você sair da cama? Eu! E você nem reconhece isso. Tipo, você nem é mais divertida.

— Puxa, Taylor, desculpa por não ser mais divertida. Isso pode acontecer quando alguém que a gente ama morre — respondi, com sarcasmo.

— Não faça isso. Não coloque a culpa só nisso. Você corre atrás do Conrad desde que eu te conheço. Já está ficando ridículo. Supere isso! Ele não gosta de você. Talvez nunca tenha gostado.

Essa talvez tenha sido a coisa mais maldosa que ela já me disse. Acho que teria se desculpado se eu não tivesse respondido com:

— Pelo menos eu não dei minha virgindade pra um cara que raspa as pernas!

Ela arfou. Uma vez, Taylor me confidenciou que Davis raspava as pernas para participar da equipe de natação. Ela ficou em silêncio por um instante. E então retrucou:

— É melhor você não usar minha sandália plataforma hoje à noite.

— Tarde demais. Já estou com ela!

E desliguei.

Eu não podia acreditar. Taylor era a amiga horrorosa, não eu. Era ela a egoísta. Eu estava com tanta raiva que minha mão tremeu quando passei o delineador e precisei tirar tudo e começar de novo. Usei a blusa e os sapatos de Taylor e prendi o cabelo de lado também. Fiz isso porque sabia que a deixaria furiosa.

E então, por último, coloquei o colar de Conrad por baixo da blusa e desci a escada.

31

— BEM-VINDO — FALEI para um garoto com uma camiseta do Led Zeppelin.

— Que botas maneiras — falei para uma menina com botas de caubói.

Circulei pela sala entregando bebidas e jogando fora latas vazias. Conrad ficou me olhando de braços cruzados.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Estou tentando deixar todo mundo à vontade — expliquei, ajeitando a blusa de Taylor.

Susannah era uma excelente anfitriã. Tinha o talento de fazer as pessoas se sentirem bem-vindas, queridas. As palavras de Taylor ainda ecoavam no fundo da minha cabeça. Eu não era egoísta. Eu era uma boa amiga e uma boa anfitriã. Mostraria isso a ela.

Quando o Travis, do Video World, colocou os pés em cima da mesa de centro e quase derrubou um vaso, falei:

— Ei, cuidado, tire os pés dos móveis. — Em seguida, acrescentei: — Por favor.

Estava a caminho da cozinha para buscar mais bebida quando a vi. A garota do verão anterior. Nicole, aquela de quem Conrad gostava, estava lá dentro conversando com Jeremiah. Ela não usava o boné do Red Sox, mas

eu reconheceria seu perfume em qualquer lugar. Era uma mistura de extrato de baunilha e rosas em decomposição.

Conrad deve tê-la visto ao mesmo tempo que eu, porque inspirou fundo e resmungou:

— *Merda.*

— Você partiu o coração dela? — perguntei, tentando parecer provocadora e despreocupada.

Devo ter conseguido, porque ele me pegou pela mão, agarrou a garrafa de tequila e disse:

— Vamos sair daqui.

Fui atrás dele como se estivesse em transe, sonâmbula. Porque aquilo era como um sonho, a mão dele na minha. Estávamos quase livres quando Jeremiah nos viu. Senti um peso no meu coração. Ele fez um sinal para irmos até ele e gritou:

— Ei, vocês dois! Venham dar um oi.

Conrad soltou minha mão, mas não a tequila.

— E aí, Nicole — cumprimentou, indo na direção da garota.

Peguei duas cervejas e o segui.

— Ah, e aí, Conrad? — cumprimentou ela, toda surpresa, como se não estivesse nos observando o tempo todo em que estivemos na cozinha.

Ela ficou nas pontas dos pés e o abraçou.

Jeremiah me encarou e ergueu as sobrancelhas em um gesto engraçado. Então disse, sorrindo para mim:

— Belly, você se lembra da Nicole, não?

— É claro.

Sorri para ela. *Seja a anfitriã perfeita*, lembrei a mim mesma. *Seja generosa*.

Ela sorriu para mim, hesitante, e entreguei a ela uma das cervejas que eu estava segurando.

— Saúde — falei, abrindo a minha.

— Saúde — repetiu Nicole.

Batemos as latinhas e bebemos. Tomei a minha rápido. Quando terminei, peguei outra e bebi mais.

De repente, como a casa pareceu silenciosa demais, liguei o aparelho de som. Aumentei o volume da música e chutei as sandálias longe. Susannah sempre dizia que se não tivesse gente dançando não era festa. Agarrei

Jeremiah, joguei um dos braços ao redor do pescoço dele e comecei a dançar.

— Belly... — protestou ele.

— Só dance, Jere! — gritei.

E ele dançou. Jeremiah dançava bem. Outras pessoas também começaram a dançar, até a Nicole. Conrad não, mas eu não me importava. Mal notei.

Dancei como se fosse 1999. Como se meu coração estivesse se partindo, e era mais ou menos isso mesmo que estava acontecendo. Basicamente, joguei o cabelo para lá e para cá o tempo todo.

Estava suando muito quando disse:

— Podemos nadar na piscina? Uma última vez?

— Esqueça isso. Vamos nadar no mar — respondeu Jeremiah.

— Vamos!

Aquela me pareceu uma ótima ideia. Uma ideia perfeita.

— Não — interveio Conrad, saindo do nada.

De repente, ele estava parado ao meu lado.

— Belly está bêbada. Não é uma boa ideia ela ir nadar.

Olhei para ele e franzi a testa.

— Mas eu quero.

Ele riu.

— E daí?

— Olhe aqui, eu nado muito bem. E nem estou bêbada.

Andei em uma linha semirreta para provar.

— Sinto muito — disse ele. — Mas você está bêbada mesmo.

Conrad bobo e chato. Ficava todo sério nos piores momentos.

— Você não é legal.

Olhei para Jeremiah, que estava sentado no chão.

— Ele não é legal. E não manda na gente. Certo, pessoal?

Antes que Jeremiah ou qualquer outra pessoa pudesse me responder, saí correndo na direção das portas deslizantes, desci a escada da entrada tropeçando e disparei para a praia. Eu me sentia como um cometa, um raio no céu, como se tivesse ficado muito tempo sem usar meus músculos, então foi uma delícia esticar minhas pernas e *correr*.

A casa, toda iluminada e cheia de gente, parecia estar a quilômetros de distância. Eu sabia que ele viria atrás de mim. Não precisava me virar para saber que era ele. Mas me virei mesmo assim.

— Volte pra casa — disse Conrad.

Ele segurava a garrafa de tequila. Eu a arranquei da mão dele e tomei um gole, como havia feito um milhão de vezes antes, como se eu fosse o tipo de garota que bebe do gargalo.

Fiquei orgulhosa de mim mesma por não cuspir tudo de volta. Dei um passo na direção da água, abrindo um sorriso para ele. Eu o estava testando.

— Belly — alertou. — Estou avisando. Não vou tirar seu corpo do mar quando você se afogar.

Fiz uma careta para ele e mergulhei o dedão no mar. A água estava mais fria do que achei que estaria. De repente, nadar não pareceu mais uma ideia tão boa. Mas eu detestava desistir de algo por Conrad. Detestava perder para ele.

— Você vai me impedir?

Ele suspirou e olhou de volta para a casa.

Então continuei e tomei outro gole de tequila. Qualquer coisa para fazê-lo prestar atenção.

— Quero dizer, isso porque eu nado melhor do que você. Sou muito, muito mais rápida. Você provavelmente não conseguiria me pegar, se quisesse.

Ele estava olhando para mim de novo.

— Eu não vou atrás de você.

— Sério? Não vem mesmo?

Dei um passo grande, depois outro. A água já batia nos meus joelhos. A maré estava baixa, e eu tremia. Era uma bobagem, na verdade. Eu nem queria mais nadar. Não sabia o que estava fazendo. Do outro lado da praia, alguém soltou fogos de artifício, que soaram como um míssil. Parecia um salgueiro chorão prateado.

E quando eu estava começando a me sentir decepcionada, justamente quando me resignei com o fato de que Conrad não se importava, ele veio na minha direção. Conrad me levantou, por cima do ombro. Deixei a garrafa cair no mar.

— Me coloca no chão! — gritei, batendo nas costas dele.

— Belly, você está bêbada.

— Me coloca no chão agora!

E, por fim, ele me escutou e me soltou na areia, e eu caí de bunda.

— Ai! Isso doeu!

Não doeu tanto, mas eu estava brava. Mais que isso, eu estava envergonhada. Chutei areia nas costas dele, e o vento soprou de volta para mim.

— Idiota! — gritei, cuspindo areia.

Conrad balançou a cabeça e se virou de costas para mim. A calça jeans dele estava molhada. Ele estava indo embora. Estava realmente indo embora. Eu tinha estragado tudo outra vez.

Quando me levantei, me senti tão tonta que quase caí de novo.

— Espere — falei, e meus joelhos bambearam.

Tirei o cabelo cheio de areia do rosto e respirei fundo. Eu precisava dizer, precisava dizer a ele. Era minha última chance.

Conrad se virou para mim de novo. Uma expressão séria.

— Espere só um pouquinho, por favor. Preciso dizer uma coisa. Eu sinto muito, de verdade, pela maneira como agi naquele dia.

Eu falava alto e em um tom desesperado, e estava chorando. E eu detestava o fato de que estava chorando, mas não podia evitar. Precisava continuar falando, porque era minha última chance.

— No... no funeral, eu fui horrível com você. Fui horrível, e tenho muita vergonha do que fiz. Eu não queria que as coisas tivessem acontecido daquele jeito. Eu queria muito, muito poder ter oferecido apoio pra você lá. Foi por isso que vim aqui atrás de você.

Conrad piscou uma vez, depois outra.

— Ok, tudo bem.

Sequei o rosto e o nariz, que estava escorrendo.

— Está falando sério? Você me perdoa?

— Sim. Eu perdoo você. Agora pare de chorar, ok?

Dei um passo na direção dele, chegando cada vez mais perto, e ele não recuou. Estávamos próximos o bastante para nos beijar. Eu prendia a respiração, desejando muito que as coisas voltassem a ser como antes.

Dei mais um passo na direção de Conrad, e foi aí que ele disse:

— Vamos voltar, está bem?

Ele não esperou pela minha resposta. Simplesmente começou a caminhar, e eu fui atrás. Achei que ia vomitar.

E, assim, o momento passou. Foi um quase momento, em que quase tudo poderia ter acontecido. Mas ele fez com que acabasse.

* * *

Na casa, as pessoas estavam nadando de roupa na piscina. Algumas garotas agitavam nas mãos velas acesas que soltavam estrelinhas. Clay Bertolet, nosso vizinho, flutuava pela borda da piscina vestindo uma de suas regatas. Ele agarrou meus tornozelos.

— Venha aqui, Belly, nade comigo — disse ele.

— Me solta — falei, chutando e molhando o rosto de Clay.

Abri caminho em meio às pessoas que estavam no deque e voltei para dentro de casa. Sem querer, pisei no pé de uma menina, e ela gritou.

— Desculpa — falei, e minha voz parecia estar muito longe.

Eu estava muito tonta. Só queria minha cama.

Subi a escada engatinhando, me arrastando feito um caranguejo, como fazia quando era pequena. Me joguei na cama, e foi exatamente como dizem nos filmes: o quarto estava girando. A cama estava girando. E então me lembrei de todas as coisas estúpidas que eu tinha dito e comecei a chorar.

Fiz papel de idiota naquela praia. Era tudo devastador — Susannah morta, pensar naquela casa não pertencendo mais a nós, eu dando a Conrad a chance de me rejeitar mais uma vez. Taylor tinha razão: eu era masoquista.

Deitei de lado, abracei os joelhos junto ao peito e chorei. Tudo estava errado, principalmente eu. De repente, eu só queria minha mãe.

Estendi o braço para pegar o telefone na mesa de cabeceira. Os números se iluminaram no escuro. Minha mãe atendeu no quarto toque.

Sua voz sonolenta e familiar me fez chorar ainda mais. Mais que qualquer outra coisa, eu queria enfiar a mão dentro do telefone e trazê-la para perto de mim.

— Mamãe.

Minha voz saiu como um grasnado.

— Belly? Qual é o problema? Onde você está?

— Estou na casa da Susannah. Na casa de praia.

— O quê? O que você está fazendo na casa de praia?

— O Sr. Fisher vai vender a casa. Ele vai vender a casa, mamãe, e o Conrad está muito triste, e o Sr. Fisher nem se importa. Só quer se livrar da casa. Ele quer se livrar dela.

— Belly, mais devagar. Não estou conseguindo ouvir o que você está dizendo.

— Só venha pra cá, está bem? Por favor, venha dar um jeito nisso.

E então desliguei, porque de repente o telefone pareceu muito pesado na minha mão. Tive a sensação de estar em um carrossel, e aquela não era uma sensação boa. Alguém soltava fogos de artifício do lado de fora, e parecia que minha cabeça estava estourando junto com eles. Então fechei os olhos, e piorou. Mas minhas pálpebras também estavam pesadas, e não demorou para eu cair no sono.

32

Jeremiah

LOGO DEPOIS DE Belly ir dormir, mandei todo mundo embora e ficamos apenas Conrad e eu. Ele estava deitado com o rosto encostando no sofá. Estava na mesma posição desde que ele e Belly tinham voltado da praia. Os dois estavam molhados e cheios de areia. Belly estava completamente bêbada e tinha chorado, dava para ver. Os olhos dela estavam vermelhos. Culpa de Conrad, eu não tinha dúvida.

As pessoas tinham levado areia para dentro de casa e espalhado pelo chão. Havia garrafas e latas por toda parte, e alguém tinha sentado no sofá com uma toalha molhada, e agora tínhamos uma grande marca laranja no assento. Virei a almofada ao contrário.

— A casa está um caos — comentei, me atirando na poltrona. — O papai vai pirar se vir isto assim amanhã.

Conrad não abriu os olhos.

— Azar. A gente limpa tudo de manhã.

Olhei para ele, furioso. Estava cansado de arrumar as bagunças dele.

— Vamos levar horas.

Então ele abriu os olhos.

— Foi você quem convidou todo mundo.

Ele tinha razão. Havia sido ideia minha fazer a festa. Não era por causa da bagunça que eu estava furioso. Era por causa de Belly. Dos dois juntos. Isso me deixava maluco.

— Sua calça está molhada. Você está enchendo o sofá de areia.

Conrad se levantou e esfregou os olhos.

— Qual é o seu problema?

Eu não estava mais aguentando. Comecei a me levantar, mas então me sentei de novo.

— O que aconteceu com vocês dois lá fora?

— Nada.

— O que isso quer dizer, nada?

— Nada quer dizer nada. Deixa pra lá, Jere.

Eu detestava quando ele ficava assim, todo resignado e distante, ainda mais quando eu estava bravo. Conrad sempre foi assim, mas estava ficando pior ultimamente. Quando nossa mãe morreu, ele mudou. Não dava mais a mínima para nada ou ninguém. Eu me perguntava se ele agia assim com Belly também.

Eu precisava saber. Sobre como ele realmente se sentia em relação a ela, o que ia fazer a respeito. Não saber era o que me matava.

Então perguntei diretamente:

— Você ainda gosta dela?

Ele me encarou. Eu o havia deixado completamente chocado, dava para ver. Nós nunca tínhamos falado a respeito dela antes, não assim. Provavelmente foi bom que eu o tivesse pegado de surpresa. Talvez ele dissesse a verdade.

Se ele dissesse que sim, para mim estaria acabado. Se ele dissesse que sim, eu desistiria dela. Eu podia viver com essa decisão. Se fosse qualquer outro que não Conrad, eu tentaria mesmo assim. Faria uma última tentativa.

Em vez de responder à pergunta, ele disse:

— Você gosta?

Senti que fiquei vermelho.

— Não fui eu quem a levou para a porcaria do baile.

Conrad pensou nisso e retrucou:

— Eu só a levei porque ela pediu.

— Con, você gosta dela ou não? — hesitei por uns dois segundos, e então me atirei. — Porque eu gosto. Eu gosto dela. Gosto dela de verdade. Você gosta?

Ele não piscou, nem hesitou.

— Não.

Isso me deixou muito irritado.

Ele estava mentindo. Gostava dela. Mais do que gostava. Mas ele não podia admitir, não assumia isso. Conrad jamais seria aquele cara, o tipo de cara de que Belly precisava. Alguém que pudesse apoiá-la, alguém com quem ela pudesse contar. Eu poderia ser. Se ela deixasse, eu poderia ser esse cara.

Eu estava furioso com ele, mas precisava admitir que também estava aliviado. Não importava quantas vezes Conrad a magoasse, eu sabia que, se ele a quisesse de volta, Belly seria dele. Ela sempre foi dele.

Mas, talvez, agora que Conrad não estava mais no caminho, ela me enxergasse também.

33

5 de julho

— BELLY.

Tentei virar para o outro lado da cama, mas então ouvi de novo, mais alto.

— Belly!

Alguém estava me sacudindo para que eu acordasse. Abri os olhos. Era minha mãe. Ela estava com olheiras, e sua boca, praticamente inexistente, estava franzida em uma linha fina. Usava agasalho de ficar em casa, com o qual nunca saía, nem para ir à academia. O que ela estava fazendo na casa de praia?

Ouvi um bipe. Primeiro pensei que fosse o despertador, mas então me dei conta de que tinha derrubado o telefone, e entendi que o que eu estava escutando era o sinal de ocupado. Foi aí que me lembrei. Eu havia ligado para minha mãe quando estava bêbada. Eu tinha feito com que ela se deslocasse até ali.

Eu me sentei na cama, a cabeça latejava tanto que eu tinha a impressão de que meu coração estava batendo lá dentro. Então isso era ter uma

ressaca. Eu não tinha tirado as lentes antes de dormir, e meus olhos estavam ardendo. Tinha areia por toda a cama, e um pouco nos meus pés.

Minha mãe se levantou. Ela era um grande borrão.

— Você tem cinco minutos para pegar suas coisas.

— Espere aí... o quê?

— Nós vamos embora.

— Mas eu não posso ir agora. Ainda preciso...

Foi como se ela não tivesse me escutado, como se eu estivesse no mudo.

Ela começou a juntar minhas coisas do chão, atirando as sandálias e o short de Taylor na minha mochila.

— Mamãe, pare! Pare um minuto.

— Nós vamos embora em cinco minutos — repetiu ela, olhando ao redor.

— Só me escute um segundo. Eu tinha que vir. Jeremiah e Conrad precisavam de mim.

A expressão no rosto da minha mãe me fez parar imediatamente. Eu nunca a tinha visto tão brava antes.

— E você não achou que precisava me contar sobre isso? A Beck pediu que eu cuidasse dos meninos dela. Como eu posso fazer isso quando nem sei que eles precisam da minha ajuda? Se eles estavam com problemas, você devia ter me contado. Mas não, você preferiu mentir pra mim. Você *mentiu*.

— Eu não queria mentir pra você... — comecei.

Ela continuou falando.

— Você estava aqui, fazendo sabe Deus o quê...

Eu a encarei. Não acreditei que ela tinha dito aquilo.

— Como assim "sabe Deus o quê"?

Minha mãe se virou para mim, os olhos cheios de raiva.

— O que você quer que eu pense? Você já veio escondida pra cá com o Conrad uma vez e passou a noite aqui! Então me diga. O que você está fazendo aqui com ele? Porque para mim parece que você mentiu para poder vir aqui, ficar bêbada e se divertir com seu namorado.

Eu a odiava. Eu a odiava muito.

— Ele não é meu namorado! Você não sabe de nada!

A veia na testa da minha mãe latejava.

— Você me liga às quatro da manhã, bêbada. Eu ligo para o seu celular, e a ligação cai direto na caixa postal. Ligo para o telefone da casa, e só dá ocupado. Eu dirijo a noite toda, morta de preocupação, e quando chego aqui

encontro a casa um verdadeiro caos. Latas de cerveja por todo lado, lixo espalhado em todos os cantos. O que você acha que está fazendo, Isabel? Ou você nem sabe?

As paredes da casa eram muito finas. Todo mundo provavelmente estava ouvindo tudo.

— Nós vamos limpar tudo. Esta era a nossa última noite aqui — expliquei. — Você não entende? O Sr. Fisher vai vender a casa. Você não se importa?

Ela balançou a cabeça, o maxilar tenso.

— Você realmente acha que ajudou, se intrometendo? Isso não é problema nosso. Quantas vezes preciso explicar pra você?

— É problema nosso, sim. Susannah ia querer que a gente salvasse esta casa!

— Não venha me falar sobre o que a Susannah ia querer — retrucou minha mãe. — Agora se vista e pegue suas coisas. Nós vamos embora.

— Não.

Puxei a coberta até os ombros.

— O quê?

— Eu disse não. Eu não vou!

Encarei minha mãe com o ar mais desafiador possível, mas senti o queixo tremendo.

Ela foi pisando forte até a cama e arrancou os lençóis de cima de mim. Agarrou meu braço, me tirou da cama e me levou para a porta, mas consegui me desvencilhar.

— Você não pode me obrigar a ir — falei, soluçando. — Você não pode mandar eu fazer nada. Você não tem esse direito.

Minhas lágrimas não comoveram minha mãe. Só a deixaram mais brava.

— Você está agindo como uma garotinha mimada. Não consegue olhar além do próprio sofrimento e pensar em outra pessoa? Nem tudo tem a ver com você. Todos nós perdemos a Beck. Sentir pena de si mesma não está ajudando em nada.

As palavras dela me machucaram tanto que eu queria magoá-la um milhão de vezes mais. Então disse o que eu sabia que mais iria feri-la.

— Eu queria que Susannah fosse minha mãe, não você.

Quantas vezes eu havia pensado e desejado isso secretamente? Quando eu era pequena, era para Susannah que eu corria, não para ela. Eu me perguntava como seria ter uma mãe como Susannah, que me amasse pelo

que eu era e não ficasse decepcionada com todas as coisas que eu não fizesse bem.

Fiquei arfando enquanto esperava minha mãe reagir. Chorar, gritar comigo.

Ela não fez uma coisa nem outra.

— Que pena pra você — foi tudo que ela disse.

Mesmo quando eu me empenhava ao máximo, não conseguia obter a reação que queria da minha mãe. Ela era insondável.

— Susannah nunca vai perdoar você por isso, sabe. Por perder a casa dela. Por decepcionar os meninos.

A mão da minha mãe acertou meu rosto com tanta força que eu balancei para trás. Não pude prever que isso ia acontecer. Segurei o rosto e comecei a chorar na mesma hora. Mas parte de mim estava satisfeita. Eu finalmente conseguira o que queria. Uma prova de que ela era capaz de sentir alguma coisa.

Minha mãe estava lívida. Ela nunca tinha batido em mim antes. Nunca, jamais, em toda a minha vida.

Esperei que ela pedisse desculpas. Que dissesse que não queria me machucar, que não queria ter dito o que disse. Se ela dissesse essas coisas, eu diria também. Porque eu estava arrependida. Eu não queria ter dito o que disse.

Mas minha mãe não disse nada, por isso me afastei, as mãos no rosto. Então saí correndo do quarto, tropeçando.

Jeremiah estava parado no corredor, me olhando de boca aberta. Ele me observava como se não me reconhecesse, como se não soubesse quem era aquela pessoa, aquela menina que gritava com a mãe e dizia coisas horríveis.

— Espere — disse ele, estendendo a mão para me fazer parar.

Acabei dando um empurrão nele quando passei, e segui escada abaixo.

Na sala, Conrad recolhia garrafas de cerveja e as jogava em um saco de lixo azul. Ele não olhou para mim, mas eu sabia que também tinha escutado tudo.

Saí correndo pela porta dos fundos e quase tropecei descendo a escada que levava para a praia. Afundei no chão e me sentei na areia, com a mão no rosto ardendo. Então vomitei.

Ouvi Jeremiah chegando por trás de mim. Logo soube que era ele, porque Conrad sabia que não devia me seguir.

— Eu só quero ficar sozinha — falei, limpando a boca.

Não me virei. Não queria que ele visse meu rosto.

— Belly — começou.

Jere sentou-se ao meu lado e jogou areia bem em cima do meu vômito.

Como Jeremiah não disse mais nada, olhei para ele.

— O quê?

Ele mordiscou o lábio superior. Então estendeu a mão e tocou no meu rosto. Seus dedos estavam quentes. Ele parecia muito triste.

— É melhor você ir com sua mãe — disse.

O que quer que eu estivesse esperando ele dizer, não era aquilo. Eu tinha ido até lá e me encrencado tanto só para poder ajudar Jere e Conrad, e agora ele queria que eu fosse embora? As lágrimas se acumularam nos cantos dos meus olhos, e eu as sequei com as costas das mãos.

— Por quê?

— Porque a Laurel está muito chateada. Deu a maior confusão, e a culpa é toda minha. Eu nunca deveria ter pedido a você pra vir comigo. Sinto muito.

— Eu não vou embora.

— Logo todos vamos ter que ir.

— E é isso? Acabou?

— É, acho que sim — disse ele, dando de ombros.

Ficamos sentados na areia por um tempo. Eu nunca tinha me sentido tão perdida. Chorei um pouco mais, e Jeremiah não disse nada, e me senti agradecida por isso. Não há nada pior do que um amigo ficar nos vendo chorar depois de termos tido uma briga com a mãe. Quando parei de chorar, ele se levantou e estendeu a mão para mim.

— Vamos lá — disse ele, me puxando para eu ficar de pé.

Voltamos para dentro da casa. Conrad não estava lá, e a sala estava limpa. Minha mãe passava o esfregão no chão da cozinha. Quando me viu, ela parou. Colocou o esfregão de volta no balde e o apoiou na parede.

Na frente de Jeremiah, ela disse:

— Me desculpe.

Olhei para ele, que saiu da cozinha e subiu a escada. Eu quase o impedi. Não queria ficar sozinha com ela. Estava com medo.

Minha mãe continuou:

— Você tem razão. Eu estive ausente. Tenho andado tão consumida pela minha própria dor que não dei atenção a você. Me desculpe por isso.

— Mamãe... — comecei.

Estava prestes a pedir desculpas também, por ter dito aquela coisa horrível que eu gostaria de não ter falado. Mas ela levantou a mão e me interrompeu.

— Eu só estou... fora de mim. Desde que a Beck morreu, parece que não consigo encontrar meu equilíbrio. — Ela encostou a cabeça na parede. — Eu venho pra cá com a Beck desde que era mais nova do que você é agora. Eu amo esta casa. Você sabe disso.

— Eu sei. Eu não quis dizer aquilo, o que eu disse antes.

Minha mãe assentiu.

— Vamos nos sentar um pouco, está bem?

Ela se sentou à mesa da cozinha, e eu me sentei na frente dela.

— Eu não devia ter batido em você — disse, com a voz embargada. — Me desculpe.

— Você nunca fez isso.

— Eu sei.

Minha mãe estendeu o braço por cima da mesa e segurou minha mão muito apertado. No começo, me senti tensa, mas depois deixei que ela me reconfortasse. Porque percebi que isso a reconfortava também. Ficamos sentadas daquele jeito pelo que pareceu muito tempo.

Quando me soltou, mamãe disse:

— Você mentiu pra mim, Belly. Nunca mais faça isso.

— Eu não queria ter mentido. Mas Conrad e Jeremiah são importantes pra mim. Como eles precisavam de mim, eu vim.

— Queria que você tivesse me contado. Os meninos da Beck também são importantes pra mim. Se tem alguma coisa acontecendo, eu quero saber. Combinado?

Assenti.

Ela continuou:

— Suas coisas já estão todas arrumadas? Quero evitar o trânsito de domingo na volta.

Eu a encarei.

— Mamãe, a gente não pode simplesmente ir embora. Não com tudo que está acontecendo. Você não pode deixar o Sr. Fisher vender a casa. Não pode.

Ela suspirou.

— Não sei se tem alguma coisa que eu diga que possa fazer com que ele mude de ideia, Belly. Tem muitas coisas em que Adam e eu não concordamos. Não posso impedi-lo de vender a casa, se é o que ele está decidido a fazer.

— Você pode, sabe que pode. Ele vai ouvir o que você tem a dizer. Conrad e Jeremiah precisam desta casa. *Precisam*.

Deitei a cabeça na mesa e senti a madeira fria e lisa no meu rosto. Minha mãe tocou o topo da minha cabeça, passando a mão pelo cabelo embaraçado.

— Vou ligar pra ele — anunciou, por fim. — Agora suba e tome um banho.

Esperançosa, olhei para ela e vi a firmeza de sua boca e os olhos estreitos. Então soube que aquilo ainda não havia acabado.

Se alguém era capaz de dar um jeito nas coisas, era minha mãe.

34

Jeremiah

HOUVE UMA VEZ — acho que eu tinha treze anos, e Belly, onze, quase doze. Belly tinha pegado um resfriado e ficou péssima. Ficou largada no sofá com lencinhos de papel amassados, usando o mesmo pijama velho vários dias seguidos. Como estava doente, podia escolher qualquer programa de TV que quisesse. A única coisa que podia tomar era picolé de uva e, quando fui pegar um, minha mãe disse que aquele era de Belly. Embora ela já tivesse tomado três, tive que me contentar com um de maracujá.

Era de tarde, e Conrad e Steven tinham ido de carona até o fliperama, mas não era para eu saber. As mães achavam que eles tinham ido de bicicleta até a loja de equipamentos para comprar mais minhocas de borracha. Eu ia para o mar com Clay, e estava de sunga, com uma toalha ao redor do pescoço, quando cruzei com minha mãe na cozinha.

— O que você vai fazer, Jere? — perguntou ela.

Fiz o sinal de *hang loose* com a mão e respondi:

— Vou pegar onda com o Clay. Até mais!

Eu já ia abrir a porta deslizante quando ela disse:

— Humm. Sabe de uma coisa?

— O quê? — perguntei, desconfiado.

— Talvez fosse legal se você ficasse em casa hoje pra animar a Belly. A pobrezinha está precisando.

— Ah, mamãe...

— Por favor, Jeremiah!

Suspirei. Não queria ficar em casa animando Belly. Queria pegar onda com Clay.

Eu não disse nada, e ela acrescentou:

— Podemos fazer churrasco hoje à noite. E deixo você ficar responsável pelos hambúrgueres.

Soltei mais um suspiro, mais alto desta vez. Minha mãe ainda achava que me deixar acender a churrasqueira e fazer hambúrgueres era um grande prêmio. Não que não fosse divertido. Abri a boca para dizer "não, obrigado", mas vi a expressão carinhosa e feliz no rosto dela, como se simplesmente soubesse que eu ia concordar. Então eu concordei.

— Está bem.

Subi de novo, tirei a sunga e me juntei a Belly na sala de TV, mas me sentei o mais longe possível dela. A última coisa de que eu precisava era pegar aquele resfriado e ficar uma semana de cama.

— Por que você ainda está aqui? — perguntou ela, assoando o nariz.

— Está quente demais lá fora. Quer ver um filme?

— Não está tão quente assim.

— Como você sabe, se não saiu?

Ela estreitou os olhos.

— Sua mãe obrigou você a ficar aqui comigo?

— Não.

— Rá! — Belly pegou o controle remoto e mudou de canal. — Eu sei que você está mentindo.

— Não estou!

— Telepatia, lembra?

— Isso não funciona de verdade. Me dá o controle?

Ela balançou a cabeça e segurou o controle remoto junto do peito.

— Não. Está cheio dos meus germes. Desculpe. Ainda tem pão torrado?

Pão torrado era como chamávamos o pão que minha mãe comprava na feira dos produtores. Era branco, grosso e um pouco doce e já vinha fatiado. Eu tinha comido as últimas três fatias naquela manhã. Tinha enchido de

manteiga e geleia de amora e comido bem rápido antes que mais alguém acordasse. Com quatro crianças e dois adultos, o pão acabava bem depressa. Era cada um por si.

— Acabou.

— O Conrad e o Steven são uns mortos de fome — reclamou ela, fungando.

— Achei que você só quisesse tomar picolé de uva — falei, me sentindo culpado.

Ela deu de ombros.

— Hoje, quando acordei, estava com vontade de comer pão torrado. Acho que talvez eu já esteja melhorando.

Ela não me parecia nada melhor. Estava com os olhos inchados e a pele cinzenta, e acho que fazia dias que não lavava o cabelo, porque ele estava todo grudento e sem brilho.

— Talvez seja melhor você tomar um banho. Minha mãe diz que a gente sempre se sente melhor depois de um banho.

— Está querendo dizer que estou fedendo?

— Ahn, não...

Olhei pela janela. Estava um dia claro, sem nuvens. Apostava que Clay estava se divertindo. E que Steven e Conrad também. Conrad tinha esvaziado seu antigo cofre de porquinho e encontrado uma porção de moedas de 25 centavos. Aposto como os dois iam passar a tarde toda no fliperama. Me perguntei quanto tempo Clay passaria lá fora. Talvez conseguisse encontrar com ele dali a algumas horas. Ainda estaria claro.

Acho que Belly me viu olhando pela janela, porque disse, com uma voz bem orgulhosa:

— Vá lá, se quiser.

— Eu já disse que não quero ir — disparei.

Então respirei. Minha mãe não ia gostar se eu deixasse Belly chateada, ainda mais quando ela estava doente daquele jeito. E ela parecia mesmo solitária. Meio que fiquei com pena dela, presa em casa o dia todo. Ficar resfriado no verão era a pior coisa.

— Quer que eu ensine você a jogar pôquer? — perguntei.

— Você não sabe jogar — zombou ela. — Conrad sempre ganha.

— Então está bom.

Me levantei. Não estava com *tanta* pena dela.

— Ah, tá, deixa pra lá. Você pode me ensinar.

Sentei de novo.

— Passe as cartas pra cá — falei, irritado.

Percebi que Belly se sentiu mal, porque disse:

— Não se sente muito perto de mim. Você vai acabar ficando doente também.

— Tudo bem. Eu nunca fico doente.

— Conrad também não — disse ela, e revirei os olhos.

Belly idolatrava Conrad, assim como Steven.

— Conrad fica doente, sim. No inverno, ele fica doente o tempo todo. O sistema imunológico dele é fraco — retruquei, embora não soubesse se isso era verdade ou não.

Ela deu de ombros, mas percebi que não acreditou em mim. Me entregou o baralho.

— Dê as cartas — ordenou.

Jogamos pôquer a tarde toda, e até que foi bem divertido. Fiquei doente dois dias depois, mas não me importei muito com isso. Belly ficou em casa comigo, e jogamos mais pôquer e ficamos um tempão vendo *Simpsons*.

35

Jeremiah

ASSIM QUE OUVI Belly subindo a escada, fui ao encontro dela no corredor.

— E então? O que está acontecendo?

— Minha mãe vai ligar pro seu pai — disse, em tom sério.

— Vai? Nossa!

— Vai. Então, tipo, não desista ainda. A história ainda não acabou.

Franzindo o nariz, ela me deu um daqueles sorrisos.

Dei um tapinha nas costas dela e desci a escada praticamente correndo. Laurel estava lá embaixo, limpando o balcão. Quando me viu, disse:

— Seu pai está vindo pra cá. Para o café da manhã.

— Pra cá?

Laurel assentiu.

— Pode ir ao mercado comprar algumas coisas de que ele gosta? Ovos e bacon. Mistura pra bolo. E aquelas grapefruits grandes.

Laurel detestava cozinhar. Ela definitivamente nunca tinha preparado um café da manhã reforçado para o meu pai.

— Por que você vai cozinhar pra ele? — perguntei.

— Porque ele é uma criança, e crianças ficam mal-humoradas quando estão com fome — explicou ela, daquele jeito seco característico.

Do nada, falei:

— Às vezes eu odeio ele.

Ela hesitou antes de dizer:

— Às vezes, eu também.

E então esperei que ela dissesse "mas ele é seu pai", como minha mãe costumava fazer. Mas Laurel não disse isso. Ela não fingia. Não dizia coisas que não queria dizer.

Tudo que ela disse foi:

— Agora vai lá.

Levantei e dei um abraço apertado nela. Laurel ficou toda rígida nos meus braços. Eu a levantei no ar um pouco, como costumava fazer com minha mãe.

— Obrigado, Lau. Sério mesmo, obrigado.

— Eu faço qualquer coisa por vocês, os meninos da Susannah. Você sabe disso, Jeremiah.

— Como você soube que precisava vir?

— Belly me ligou.

Então estreitou os olhos para mim.

— Bêbada.

Ah, cara.

— Lau...

— Não venha me chamar de "Lau". Como você pôde deixá-la beber? Eu conto com você, Jeremiah. Você sabe disso.

Agora eu também estava me sentindo péssimo. A última coisa que eu queria era que Belly se metesse em problemas, e eu realmente detestava a ideia de Laurel pensar mal de mim. Eu sempre me esforcei muito para cuidar da Belly, ao contrário do Conrad. Se alguém a havia tratado mal, tinha sido Conrad, não eu. Embora eu tivesse comprado a tequila, não ele.

— Eu sinto muito, de verdade. É que essa história do meu pai vender a casa e de ontem ser nossa última noite... a gente acabou se empolgando. Juro, Lau, nunca mais vai acontecer.

Ela revirou os olhos.

— Nunca mais vai acontecer? Não faça promessas que não pode cumprir, querido.

— Nunca mais vai acontecer quando eu estiver por perto.

Estreitando os lábios, ela disse:

— Veremos.

Fiquei aliviado quando ela me deu outro sorriso.

— Agora, rápido, vá até o mercado, por favor.

— Sim, senhora!

Queria que ela sorrisse de verdade. Sabia que se eu continuasse tentando, fazendo brincadeiras, ela ia sorrir. Laurel era fácil assim.

Desta vez, ela realmente sorriu.

36

MINHA MÃE TINHA razão. O banho ajudou. Virei a cabeça na direção do jato e deixei a água quente me lavar e me senti muito, muito melhor.

Depois do banho, quando desci outra vez, eu me sentia como uma nova mulher. Minha mãe tinha passado batom, e ela e Conrad conversavam em voz baixa.

Os dois pararam de conversar quando me viram parada na porta.

— Muito melhor — comentou minha mãe.

— Onde está o Jeremiah? — perguntei.

— Ele voltou ao mercado. Esqueceu a grapefruit — explicou ela.

O timer disparou, e minha mãe tirou os bolinhos do forno com um pano de prato. Sem querer, tocou a forma de bolinhos com a mão, deu um grito e deixou a forma cair no chão, com os bolinhos para baixo.

— Droga!

Conrad perguntou se ela estava bem antes de eu perguntar.

— Estou ótima — respondeu ela, colocando a mão sob a água fria.

Então recolheu a forma e a colocou no balcão, em cima da toalha. Eu me sentei em um dos bancos altos do balcão e vi minha mãe tirar os bolinhos e colocar em uma cesta.

— Nosso segredinho — brincou.

Os bolinhos precisavam esfriar um pouco antes de desenformar, mas eu não disse isso a ela. Alguns se despedaçaram, mas a maioria parecia boa.

— Coma um bolinho — sugeriu.

Peguei um, e ele estava pelando de quente e desmoronando, mas estava bom. Eu o devorei.

Quando terminei, minha mãe disse:

— Você e Conrad, levem o lixo pra fora.

Sem dizer uma palavra, Conrad pegou dois dos sacos mais pesados e deixou que eu pegasse o que estava pela metade. Eu o segui até os latões de lixo no final da entrada de carros.

— Você ligou pra ela? — perguntou ele.

— Acho que sim.

Esperei que ele me chamasse de bebezinha por ligar para a mamãe no instante em que as coisas ficavam assustadoras.

Conrad não fez isso. Pelo contrário, ele disse:

— Obrigado.

— Às vezes você me surpreende — falei, olhando para ele.

Ele não retribuiu o olhar.

— E você dificilmente me surpreende. Ainda é a mesma.

Olhei furiosa para ele.

— Muito obrigada.

Larguei meu saco de lixo no latão e exagerei na força ao fechar a tampa.

— Não, eu quero dizer...

Esperei que ele dissesse alguma coisa, e pareceu que ia dizer, mas então o carro de Jeremiah virou na rua. Ficamos observando ele estacionar e sair com uma sacola de compras. Veio até nós, os olhos brilhando.

— E aí? — disse para mim, balançando a sacola.

— E aí — respondi.

Eu não conseguia sequer encará-lo. Tudo voltou à minha cabeça quando eu estava no banho. Eu fazendo Jeremiah dançar comigo, fugindo com Conrad e ele me pegando no colo e me largando na areia. Como foi humilhante. Como foi horrível eles terem visto eu me comportando daquele jeito.

Então Jeremiah deu um apertão na minha mão e, quando olhei para ele, ele disse “obrigado” de um jeito tão doce que doeu.

Nós três voltamos para a casa. “Message in a Bottle” do The Police estava tocando muito alto. Minha cabeça começou a latejar, e tudo que eu queria era voltar para a cama.

— Podemos abaixar o volume? — perguntei, passando os dedos nas têmporas.

— Não — disse minha mãe, pegando a sacola de Jeremiah.

Ela pegou uma grapefruit grande e a atirou para Conrad.

— Esprema — mandou, apontando para o espremedor.

O espremedor pertencia ao Sr. Fisher, um daqueles aparelhos Jack LaLanne enormes e complicados que anunciam nos canais de vendas.

Conrad bufou.

— Pra ele? Não vou espremer grapefruit pra ele.

— Vai, sim.

Para mim, minha mãe disse:

— O Sr. Fisher está vindo para o café da manhã.

Dei um gritinho. Corri até ela e passei os braços por sua cintura.

— É só um café da manhã — alertou. — Não vá se encher de esperanças.

Mas era tarde demais. Eu sabia que ela faria o Sr. Fisher mudar de ideia. Eu sabia. E Jeremiah e Conrad também. Eles acreditavam na minha mãe, assim como eu — mais ainda depois que Conrad começou a cortar a grapefruit ao meio. Minha mãe acenou com a cabeça para ele como um sargento instrutor. Então ordenou:

— Jere, você arruma a mesa. Belly, você prepara os ovos.

Comecei a quebrar os ovos em uma tigela, e mamãe fritou bacon na frigideira de ferro fundido de Susannah. Ela deixou que eu usasse a gordura do bacon para fritar os ovos. Mexi os ovos, e o cheiro deles misturado ao de gordura me deu ânsia de vômito. Prendi a respiração e continuei mexendo, e minha mãe tentou esconder um sorriso enquanto me observava.

— Está se sentindo bem, filha? — perguntou.

Assenti, cerrando os dentes.

— Pensando em beber de novo? — perguntou, como quem não quer nada.

Balancei a cabeça o mais forte que pude.

— Nunca, nunca mais.

Quando o Sr. Fisher chegou, meia hora depois, estava tudo pronto. Ele entrou e olhou para a mesa, espantado.

— Nossa! Está tudo com uma cara ótima, Lau. Obrigado.

Ele lançou a ela um olhar significativo, o tipo de olhar de adultos conspirando.

Minha mãe abriu um sorriso de Mona Lisa. O Sr. Fisher nem ia saber o que o havia atropelado.

— Vamos sentar — disse ela.

Então todos nos sentamos à mesa. Minha mãe ficou ao lado do Sr. Fisher, e Jeremiah, na frente dele. Eu me sentei ao lado de Conrad.

— Atacar — disse minha mãe.

Vi o Sr. Fisher se servir de uma porção de ovos e quatro tiras de bacon. Ele amava bacon, e adorava a maneira como minha mãe havia preparado — torradinho, crocante quase queimado. Não comi nem bacon nem ovos e peguei só um bolinho.

Mamãe serviu um copo alto de grapefruit ao Sr. Fisher.

— Suco fresquinho, uma cortesia do seu primogênito — anunciou.

Ele aceitou o suco, um pouco desconfiado. Eu não podia culpá-lo. Susannah era a única pessoa que fazia suco para o Sr. Fisher.

Mas ele se recuperou depressa. Enfiou uma garfada de ovos na boca e disse:

— Veja só, obrigado mais uma vez por vir ajudar, Laurel. Eu realmente agradeço.

Olhou para nós, sorrindo.

— Esses três não estavam muito dispostos a ouvir o que eu tinha a dizer. Estou contente por ter seu apoio.

Minha mãe sorriu para ele de maneira igualmente amigável.

— Ah, eu não estou aqui pra apoiar você, Adam. Estou aqui pra dar apoio aos meninos da Beck.

O sorriso dele desapareceu. Ele largou o garfo.

— Lau...

— Você não pode vender esta casa, Adam. E sabe disso. Ela significa muito para os garotos. Isso seria um erro.

Minha mãe estava calma, falando em um tom prático.

O Sr. Fisher olhou para Conrad e Jeremiah e então para minha mãe.

— Eu já tomei minha decisão, Laurel. Não faça com que eu pareça o vilão aqui.

Inspirando, minha mãe retrucou:

— Eu não estou fazendo você parecer nada. Só estou tentando ajudar.

Nós três ficamos absolutamente imóveis enquanto esperávamos o Sr. Fisher falar. Ele estava se esforçando para manter a calma, mas seu rosto começou a ficar vermelho.

— Agradeço por isso. Mas já tomei minha decisão. A casa está à venda. E, sinceramente, Laurel, você não tem direito a voto nessa questão. Sinto muito. Sei que Suze sempre fez você se sentir como se esta casa fosse em parte sua, mas não é.

Quase me engasguei. Olhei rapidamente para minha mãe e vi que ela também estava ficando vermelha.

— Ah, eu sei disso. Esta casa é apenas da Beck. Sempre foi da Beck. Era o lugar preferido dela. É por isso que os meninos devem ficar com ela.

O Sr. Fisher se levantou e empurrou a cadeira.

— Não vou discutir a respeito disso com você, Laurel.

— Adam, sente-se — ordenou minha mãe.

— Não, acho que não vou me sentar.

Os olhos dela estavam em brasa.

— Eu disse *sente-se*, Adam.

Ele olhou para ela boquiaberto. Todos olhamos. Então ela disse:

— Crianças, saiam.

Conrad abriu a boca para discutir, mas pensou melhor, ainda mais quando viu a expressão no rosto da minha mãe e o pai dele voltou a se sentar. Eu quase não consegui sair de lá rápido o bastante. Todos saímos correndo da cozinha e nos sentamos no topo da escada, tentando escutar.

Não precisamos esperar por muito tempo.

— Que droga é essa, Laurel? Você realmente achou que conseguiria me pressionar a mudar de ideia?

— Com licença, Adam, vá se foder.

Coloquei a mão na boca. Os olhos de Conrad estavam brilhando, e ele balançava a cabeça, admirado. Jeremiah, no entanto, parecia prestes a chorar. Estendi o braço, segurei a mão dele e dei um apertão. Quando ele tentou puxar a mão de volta, eu a segurei com mais força.

— Esta casa significava tudo pra Beck. Você não consegue passar por cima da própria dor e ver o que ela significa pros meninos? Eles precisam disso. Eles *precisam* disso. Não quero acreditar que você seja tão cruel assim, Adam.

Ele não respondeu.

— Esta casa é dela. Não é sua. Não me faça impedir você, Adam. Porque eu vou impedir. Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para manter esta casa para os meninos da Beck.

— O que você vai fazer, Lau? — perguntou o Sr. Fisher, parecendo muito cansado.

— Farei o que for preciso.

— Ela está em toda parte aqui. Em toda parte. — A voz dele saiu abafada quando ele falou.

Ele parecia estar chorando. Quase senti pena. Acho que minha mãe também, porque sua voz soou quase gentil.

— Eu sei. Mas, Adam? Você foi uma porcaria de marido. E mesmo assim ela amava você. Amava de verdade. Ela até aceitou você de volta. Eu tentei convencê-la do contrário. Deus sabe que eu tentei. Mas a Beck não me escutava, porque quando se decidia em relação a alguém, pronto. E ela se decidiu em relação a você, Adam. Faça por merecer. Prove que eu estou errada.

Ele disse alguma coisa que eu não consegui escutar direito. E então minha mãe falou:

— Faça esta última coisa por ela. Está bem?

Olhei para Conrad, e ele disse em voz baixa, sem se dirigir a ninguém em especial:

— Laurel é incrível.

Eu nunca havia escutado alguém descrever minha mãe daquele jeito, muito menos Conrad. Eu nunca havia pensado nela como alguém "incrível". Mas, naquele momento, ela era. Era mesmo.

— É. Ela é. Susannah também era — falei.

Conrad olhou para mim por um instante, então se levantou e foi para o quarto dele sem esperar para ouvir o que mais o Sr. Fisher ia dizer. Não precisava. Minha mãe tinha vencido. Tinha conseguido.

Um pouco depois, quando pareceu que tudo estava tranquilo, Jeremiah e eu descemos de novo. Minha mãe e o Sr. Fisher estavam na cozinha tomando café como adultos costumam fazer. Os olhos dele estavam avermelhados, mas os dela eram os olhos brilhantes de uma vitoriosa. Quando nos viu, ele perguntou:

— Onde está o Conrad?

Quantas vezes eu tinha ouvido o Sr. Fisher dizer "onde está o Conrad?". Centenas, milhares de vezes.

— Lá em cima — disse Jeremiah.

— Chame ele, por favor, Jere.

Jeremiah hesitou e olhou para minha mãe, que assentiu. Ele subiu a escada e, alguns minutos depois, Conrad desceu com ele, com uma expressão reservada e cautelosa no rosto.

— Vou fazer um acordo com você — anunciou o Sr. Fisher.

Aquele era o velho Sr. Fisher, com seu jeito corretor, negociador. Ele adorava fazer acordos. Costumava nos oferecer trocas. Tipo, ele nos levaria à pista de kart se varrêssemos a areia da garagem. Ou levaria os meninos para pescar se eles limpassem todas as caixas de iscas.

Ponderadamente, Conrad disse:

— O que você quer? Meu fundo fiduciário?

O Sr. Fisher enrijeceu o maxilar.

— Não. Quero você de volta à faculdade amanhã. Quero que faça suas provas. Se fizer isso, a casa é sua. Sua e do Jeremiah.

Jere deu um grito de comemoração.

— Viva!

Ele deu um salto para a frente e envolveu o Sr. Fisher em um abraço, e o pai lhe deu tapinhas nas costas.

— Qual é a pegadinha? — perguntou Conrad.

— Nenhuma pegadinha. Mas você precisa ficar acima da média.

O Sr. Fisher sempre se orgulhou de ser duro na negociação.

— Temos um acordo?

Conrad hesitou. Eu logo soube o que estava errado. Ele não queria ficar devendo nada ao pai. Embora fosse o que ele queria, embora fosse o objetivo pelo qual tivesse ido até ali. Ele não queria aceitar nada do pai.

— Eu não estudei. Talvez não passe.

Ele o estava testando. Conrad nunca “não passou”. Ele nunca havia tirado notas ruins. No geral, ele arrasava.

— Então não tem acordo — retrucou o Sr. Fisher. — Essas são as condições.

Ansioso, Jeremiah disse:

— Con, apenas diga sim, cara. Vamos ajudar você a estudar. Não vamos, Belly?

Conrad olhou para mim, e eu olhei para minha mãe:

— Posso, mamãe?

Ela assentiu.

— Pode ficar. Mas tem que estar em casa amanhã.

— Aceite o acordo — pedi a Conrad.

— Está bem — aceitou ele, afinal.

— Então aperte aqui, feito um homem — disse o Sr. Fisher, estendendo a mão.

Conrad estendeu o braço com relutância, e os dois apertaram as mãos. Minha mãe olhou para mim, repetiu "feito um homem" com os lábios, e eu sabia que ela estava pensando em como o Sr. Fisher era machista. Mas isso não importava. Nós tínhamos vencido.

— Obrigado, papai — disse Jeremiah. — Sério mesmo, obrigado.

Ele abraçou o pai de novo, e o Sr. Fisher retribuiu o abraço.

— Preciso voltar para a cidade — disse ele, em seguida.

Então acenou para mim com a cabeça.

— Obrigado por ajudar Conrad, Belly.

— De nada — respondi.

Mas não sabia por que estava dizendo "de nada", porque eu não havia feito nada, na verdade. Minha mãe havia ajudado mais em meia hora do que eu em toda a vida.

* * *

Depois que o Sr. Fisher foi embora, minha mãe se levantou e começou a enxaguar a louça. Fui ajudá-la e coloquei os itens no lava-louças. Deitei a cabeça no ombro dela por um instante.

— Obrigada — agradeci.

— De nada.

— Você foi do cacete, mamãe.

— Não fale palavrão — disse ela, um sorriso movendo os cantinhos da boca.

— Olha quem fala.

Então lavamos a louça em silêncio, e minha mãe ficou com aquela expressão triste no rosto. Eu sabia que ela estava pensando em Susannah. Queria que houvesse alguma coisa que eu pudesse dizer para afastar aquele sentimento, mas às vezes simplesmente não há o que possa ser dito.

* * *

Nós três a acompanhamos até o carro.

— Vocês a levam pra casa amanhã? — perguntou ela, atirando a bolsa no banco do carona.

— Com certeza — disse Jeremiah.

Então Conrad chamou:

— Laurel.

Ele hesitou.

— Você vai voltar, não vai?

Minha mãe se virou para ele, surpresa. Ela estava comovida.

— Vocês vão querer uma velha como eu por perto? — perguntou. — Claro. Eu volto sempre que vocês me convidarem.

— Quando? — perguntou ele.

Conrad pareceu tão jovem, tão vulnerável, que senti um aperto no peito.

Acho que minha mãe estava sentindo a mesma coisa, porque ela estendeu a mão e tocou o rosto dele. Ela não era de tocar o rosto das pessoas. Simplesmente não era o jeito dela. Mas era o jeito de Susannah.

— Antes do fim do verão. E vou voltar pra fechar a casa também.

Então minha mãe entrou no carro. Acenou para nós enquanto dava marcha à ré na entrada de carros, colocou os óculos escuros e abriu as janelas.

— Até mais — disse.

Jeremiah acenou, e Conrad repetiu:

— Até mais.

Uma vez, mamãe me contou que quando Conrad era muito pequeno, ele a chamava de "minha Laura". "Onde está minha Laura?", dizia, procurando por ela. Contou que ele a seguia por toda parte, até no banheiro. Ele a chamava de sua namorada e lhe trazia caranguejos e conchas do mar, que colocava aos seus pés. Quando ela me contou isso, pensei: *O que eu não daria para Conrad Fisher me chamar de namorada dele e me trazer conchas do mar.*

— Tenho certeza de que ele não se lembra disso — afirmou ela, com um sorrisinho.

— Por que você não pergunta a ele? — falei, na ocasião.

Eu adorava ouvir histórias de quando Conrad era pequeno. Adorava provocá-lo, porque eram muito raras as oportunidades de fazer isso com

ele.

— Não, Conrad ficaria encabulado.

— E daí? Não é esse o objetivo?

Então ela explicou:

— Conrad é sensível. E muito orgulhoso. Deixe ele quieto.

Pela maneira como disse aquilo, percebi que ela realmente o entendia. Minha mãe o compreendia de uma maneira que eu não conseguia compreender. Eu tinha ciúme disso, dos dois.

— Como eu era? — perguntei.

— Você? Você era meu bebê.

— Mas como eu *era*? — insisti.

— Você ficava correndo atrás dos meninos. Era muito bonitinho como você estava sempre seguindo os três, tentando impressioná-los.

Minha mãe deu risada.

— Eles costumavam fazer você dançar e aprender truques.

— Tipo um filhotinho? — franzi a testa, pensando nisso.

Ela acenou com a mão.

— Ah, você adorava. Você gostava mesmo era de participar.

37

Jeremiah

NO DIA EM que Laurel veio aqui, a casa estava um caos, e eu estava de cueca passando minha camisa branca de botão. Eu já estava atrasado para o banquete dos formandos e de péssimo humor. Minha mãe mal falara duas palavras o dia todo, e nem Nona conseguiu fazê-la falar.

Eu devia buscar Mara, e ela detestava quando eu me atrasava. Ficava toda irritada e de cara feia pelo tempo que eu a havia deixado esperando.

Tinha largado o ferro por um instante para virar a camisa, mas acabei queimado a parte de trás do braço.

— Merda! — gritei.

Aquilo doeu muito.

Foi nesse momento que Laurel apareceu. Ela entrou pela porta da frente e me viu de pé na sala, só de cueca, apertando o braço.

— Coloque embaixo de água corrente — recomendou.

Corri até a cozinha e fiquei com o braço embaixo da torneira por alguns minutos. Quando voltei, ela já tinha acabado de passar minha camisa e estava começando a passar a calça cáqui.

— Você gosta daqueles vincos na frente? — perguntou.

— Ahn, claro — respondi. — O que você está fazendo aqui, Laurel? É terça-feira.

Ela normalmente vinha nos fins de semana e ficava no quarto de hóspedes.

— Só vim dar uma conferida em como estão as coisas — explicou, passando o ferro na parte da frente da calça. — Eu tinha a tarde livre.

— Minha mãe já está dormindo — falei. — Com o novo remédio que está tomando, ela dorme o tempo todo.

— Que bom. E você? Por que está se arrumando tanto?

Me sentei no sofá e coloquei as meias.

— O banquete dos formandos é hoje à noite.

Laurel me entregou a camisa e a calça.

— A que horas começa?

Olhei para o relógio de pêndulo no hall de entrada.

— Dez minutos atrás — falei, vestindo a calça.

— É melhor ir logo.

— Obrigado por passar minha roupa.

Estava pegando as chaves quando ouvi minha mãe me chamar do quarto. Virei na direção da porta dela, mas Laurel disse:

— Vá para o banquete, Jere. Deixe comigo.

Hesitei.

— Tem certeza?

— Cem por cento. Se manda.

* * *

Acelerei o caminho todo até a casa de Mara. Ela saiu assim que parei na entrada de carros. Usava o vestido vermelho de que eu gostava e estava bonita, e eu já ia dizer isso, mas ela interrompeu:

— Você está atrasado.

Fechei a boca. Mara ficou sem falar comigo pelo resto da noite, não falou nem mesmo quando ganhamos o título de casal mais bonito. Ela não estava a fim de ir à festa de Patan depois, e eu também não. O tempo todo em que estivemos fora, só fiquei pensando na minha mãe e me sentindo culpado por estar longe por tanto tempo.

Quando cheguei à casa de Mara, ela não saiu imediatamente, o que era seu sinal de que queria conversar. Desliguei o motor.

— Então, o que está havendo? Você ainda está brava comigo por ter me atrasado?

Ela pareceu triste.

— Eu só quero saber se nós vamos ficar juntos. Pode apenas me dizer o que você quer fazer, e então a gente faz?

— Sinceramente, eu não consigo pensar nesse tipo de coisa agora.

— Eu sei. Sinto muito.

— Mas, se eu tivesse que dizer se acho ou não que vamos continuar juntos quando formos para a faculdade no outono, a distância... — hesitei, e então simplesmente segui em frente: — eu provavelmente diria que não.

Mara começou a chorar, e me senti um merda. Eu devia ter mentido para ela.

— Foi o que eu pensei.

Então ela me deu um beijo no rosto, saiu correndo do carro e entrou em casa.

Foi assim que terminamos. Para ser sincero, admito que foi um alívio não precisar pensar mais nela. A única pessoa para quem eu tinha espaço na cabeça era minha mãe.

Quando cheguei em casa, minha mãe e Laurel ainda estavam acordadas jogando cartas e ouvindo música. Pela primeira vez em dias, ouvi minha mãe rir.

Laurel não foi embora no dia seguinte. Ela ficou com a gente a semana toda. Na época, não me perguntei sobre seu trabalho ou sobre todas as outras coisas que estavam acontecendo em sua casa. Simplesmente fiquei agradecido por ter um adulto por perto.

38

NÓS TRÊS VOLTAMOS para a casa. Senti o sol quente nas costas e pensei em como seria bom poder deitar na praia por um tempo, dormir a tarde toda e acordar bronzeada. Mas não havia tempo para isso. Não quando precisávamos preparar Conrad para as provas dele no dia seguinte.

Quando entramos, Conrad se atirou no sofá, e Jeremiah ficou estatelado no chão.

— Muito cansado — gemeu.

O que minha mãe havia feito por nós, por mim, tinha sido um presente. Agora era minha vez de retribuir.

— Levantem — ordenei.

Nenhum dos dois se mexeu. Conrad estava com os olhos fechados. Então, atirei uma almofada nele e acertei Jeremiah na barriga com o pé.

— Precisamos começar a estudar, seus vagabundos. Agora vamos, se levantem!

Conrad abriu os olhos.

— Estou cansado demais para estudar. Preciso tirar um cochilo primeiro.

— Eu também — disse Jeremiah.

Cruzando os braços, olhei furiosa para os dois.

— Eu também estou cansada, sabiam? Mas olhem para o relógio: já é uma da tarde. Vamos ter que estudar a noite toda e sair bem cedo amanhã de manhã.

Dando de ombros, Conrad respondeu:

— Eu trabalho melhor sob pressão.

— Mas...

— Sério, Belly. Assim eu não funciono. Só me deixe dormir por uma hora.

Jeremiah já estava caindo no sono. Suspirei. Eu não conseguia lutar contra os dois.

— Certo. Uma hora. Mas é só.

Entrei na cozinha e me servi de Coca-Cola. Também estava tentada a tirar um cochilo, mas isso daria um mau exemplo.

Enquanto os dois dormiam, dei início ao planejamento. Peguei os livros de Conrad no carro, desci com o computador e arrumei a cozinha como uma sala de estudos. Liguei luminárias, empilhei livros e pastas conforme o assunto, separei canetas e papel. Por último, preparei um bule grande de café, e, embora eu não tomasse, sabia que o meu café era bom, porque fazia um bule para minha mãe todas as manhãs.

Então peguei o carro de Jeremiah e fui até o McDonald's comprar cheeseburgers. Os dois adoravam os cheeseburgers do McDonald's. Costumavam disputar concursos de quem comia mais e empilhavam os sanduíches como se fossem panquecas. Às vezes, eles me deixavam participar também. Uma vez, eu ganhei. Comi nove cheeseburgers.

Deixei que dormissem meia hora a mais — mas só porque precisei desse tempo para preparar tudo. Então enchi o borrifador de Susannah, o que ela usava para regar as plantas mais delicadas. Borrifei água em Conrad primeiro, bem nos olhos.

— Ei — reclamou ele, acordando na mesma hora.

Conrad secou o rosto com a parte de baixo da camiseta, e eu dei mais uma borrifada, só por ter feito isso.

— Bom dia, flor do dia — cantarolei.

Então fui até Jeremiah e borrifei água nele também. Mas Jere não acordou. Sempre foi impossível acordá-lo. Ele era capaz de dormir durante um maremoto. Borrifei e borrifei, e como ele apenas se virou de lado, tirei a tampa do borrifador e joguei a água direto nas costas da camiseta dele.

Jeremiah finalmente acordou e alongou os braços, ainda deitado no chão. Me deu um sorriso lento, como se estivesse acostumado a ser acordado assim.

— Bom dia — cumprimentou.

Podia ser difícil acordá-lo, mas ele nunca estava mal-humorado quando finalmente despertava.

— Não é de manhã. São quase três da tarde. Deixei vocês dormirem meia hora a mais, então, podem me agradecer — disparei.

— Eu agradeço — disse Jeremiah, estendendo o braço para eu ajudá-lo a se levantar.

Dei a mão de má vontade e o ajudei a ficar de pé.

— Vamos lá.

Os dois me acompanharam até a cozinha.

— Mas o quê... — disse Conrad, olhando para todas as coisas dele ao redor.

Jeremiah juntou as mãos e em seguida levantou uma delas para eu bater, e dei um tapinha.

— Você é incrível! — exclamou.

Então farejou o ar, encontrou o embrulho branco gorduroso e ficou todo animado.

— Viva! Cheeseburgers do McDonald's! Eu reconheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Afastei as mãos dele com um tapa.

— Ainda não. Tem um sistema de recompensa montado aqui. Conrad estuda e depois ganha comida.

— E eu? — perguntou Jere, franzindo a testa.

— Conrad estuda, e você ganha comida.

Conrad ergueu as sobrancelhas para mim.

— Um sistema de recompensa, é? O que mais eu ganho?

— Só os cheeseburgers — respondi, encabulada.

Seus olhos me percorreram com ar de avaliação, como se ele estivesse tentando decidir se ia ou não comprar um casaco. Senti meu rosto esquentando enquanto ele me fitava.

— Por mais que eu goste da ideia de um sistema de recompensa, eu abro mão — disse ele, afinal.

— Do que você está falando? — perguntou Jeremiah.

Conrad deu de ombros.

— Eu estudo melhor quando estou sozinho. Está tudo sob controle. Vocês podem ir.

Jeremiah balançou a cabeça, irritado.

— Como sempre. Você não suporta pedir ajuda. Bom, que azar pra você, porque nós vamos ficar.

— O que vocês sabem sobre psicologia do primeiro ano? — perguntou Conrad, cruzando os braços.

Jeremiah se levantou.

— Nós vamos descobrir.

Ele piscou para mim.

— Bells, podemos comer primeiro? Preciso de algo gorduroso.

Eu sentia como se tivesse ganhado um prêmio. Como se fosse invencível. Enfiando a mão no saco de papel, falei:

— Um pra cada um. Só isso.

Quando Conrad estava de costas, procurando pelo Tabasco no armário, Jeremiah estendeu a mão para outro cumprimento. Bati nela em silêncio, e sorrimos um para o outro. Jere e eu formávamos uma boa dupla, sempre tínhamos formado.

Comemos nossos cheeseburgers em silêncio. Assim que terminamos, falei:

— Como você quer fazer isso, Conrad?

— Considerando que eu simplesmente não quero fazer isso, vou deixar vocês dois decidirem — retrucou.

Ele estava com mostarda no lábio inferior.

— Está bem, então.

Eu estava preparada.

— Você lê. Eu faço as fichas de leitura de psicologia. Jeremiah marca o texto.

— Jere não sabe marcar texto — zombou Conrad.

— Ei! — protestou Jeremiah. Então, virando para mim, admitiu: — Ele tem razão. Sou péssimo marcando textos. Acabo destacando a página toda. Eu faço as fichas de leitura e você marca o texto, Bells.

Abri um pacote de fichas em branco e entreguei a Jeremiah. Por incrível que pareça, Conrad me ouviu. Pegou o livro de psicologia da pilha de livros e começou a ler.

Sentado à mesa, estudando com a testa franzida, ele parecia o velho Conrad. O que se importava com coisas como provas, camisas bem-

passadas e pontualidade. A ironia de tudo era que Jeremiah nunca foi um grande aluno. Ele detestava estudar. Detestava notas. Aprender era, e sempre havia sido, uma habilidade de Conrad. Desde o começo, era ele quem tinha o kit de química, quem pensava em experiências para fazermos como assistentes de cientista. Lembro quando ele descobriu a palavra "absurdo" e andava por toda parte a repetindo o tempo todo. "Isso é *absurdo*", dizia ele. Ou "beócio", seu insulto preferido. Ele dizia muito isso também. No verão em que tinha dez anos, ele tentou ler toda a *Enciclopédia Britânica*. Quando voltamos para a casa de praia, no verão seguinte, ele estava na letra Q.

Então me dei conta disso de repente. Eu sentia saudade dele. Todo aquele tempo. Quando se olhava debaixo de tudo, aquilo ainda estava lá. Sempre tinha estado lá. E embora ele estivesse sentado a poucos metros de mim, eu sentia mais saudade dele do que nunca.

Piscando, eu o observava e pensava: *Volte. Seja o Conrad que eu amo e de quem me lembro.*

39

TÍNHAMOS ACABADO DE estudar psicologia, e Conrad estava com os fones de ouvido, fazendo seu texto de inglês, quando meu celular vibrou. Era Taylor. Eu não sabia ao certo se ela estava me ligando para pedir desculpas ou para exigir que eu levasse as coisas dela de volta imediatamente. Talvez um pouco de cada. Desliguei o aparelho.

Com toda aquela situação na casa, eu não tinha pensado em nossa briga nenhuma vez. Eu estava na casa de praia fazia apenas dois dias e, como sempre, já havia me esquecido de Taylor e de todo o resto em casa. O que importava para mim estava ali. Sempre tinha sido assim.

Todas aquelas coisas que ela disse me magoaram. Talvez porque fossem verdade. Mas eu não sabia se podia perdoá-la por tê-las dito.

Estava escurecendo lá fora quando Jeremiah se inclinou e disse, em voz baixa:

— Sabe, se quiser, você pode ir embora esta noite. Pode ir com o meu carro. Posso ir buscá-lo amanhã, depois de Conrad terminar as provas. A gente podia passar um tempo juntos, ou coisa parecida.

— Ah, eu não vou embora agora. Quero ir com vocês amanhã.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Você não quer que eu vá com vocês?

Estava começando a ficar magoada com a maneira como ele estava agindo, como se os dois estivessem se impondo, como se não fôssemos uma família.

— Claro que quero.

Ele fez uma pausa, e parecia que ia dizer outra coisa.

Cutuquei-o com minha caneta marca-texto.

— Você está com medo de se encrencar com a *Mara*?

Eu só estava meio que brincando. Ainda não podia acreditar que ele não havia me contado que tinha uma namorada. Não sabia exatamente por que aquilo importava, mas importava. Nós dois éramos próximos, ou pelo menos costumávamos ser. Eu devia saber se ele estava namorando alguém ou não. E há quanto tempo eles tinham "terminado", aliás? Ela não tinha ido ao funeral, ou pelo menos eu achava que não. Bem, não era como se Jeremiah fosse sair apresentando a garota para as pessoas. Que tipo de namorada não vai ao funeral da mãe do namorado? Até a ex-namorada de Conrad tinha ido.

Jeremiah olhou para o irmão e baixou a voz:

— Eu já disse. Mara e eu não estamos mais juntos.

Como eu não respondi, ele continuou:

— Qual é, Belly. Não fique brava.

— Eu não acredito que você não me contou dela — falei, destacando um parágrafo inteiro. — Não acredito que você guardou esse segredo.

— Não tinha nada pra contar, eu juro.

— Rá!

Mas eu estava me sentindo melhor. Espiei Jeremiah, e ele me olhava, ansioso.

— Tudo bem?

— Tudo bem. Isso não me afeta de jeito nenhum. Só achei que você me contaria uma coisa dessas.

Ele relaxou de novo.

— Nós não estávamos namorando tão sério, acredite. Ela era só uma garota. Não era como o Conrad e...

Eu me mexi, e ele parou de falar, arrependido.

Não era como com Conrad e Aubrey. Ele a amara. Houve um tempo em que Conrad era louco por ela. Ele nunca sentiu aquilo por mim. Nunca. Mas eu o amava. Eu o amei por mais tempo e com mais sinceridade do que

qualquer outro na minha vida, e provavelmente nunca mais amaria alguém daquele jeito de novo. O que, para ser sincera, era quase um alívio.

40

6 de julho

QUANDO ACORDEI, NA manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi ir até minha janela. Quem sabia quantas outras vezes eu veria aquela paisagem? Todos estávamos ficando mais velhos. Logo eu estaria na faculdade. Mas, a coisa boa, o mais reconfortante, era saber que a janela ainda estaria ali. A casa não seria vendida.

Olhando a paisagem, era impossível saber onde terminava o céu e começava o mar. Eu tinha esquecido como as manhãs podiam ser enevoadas, ali. Fiquei parada, tentando armazenar tudo, tentando fazer a lembrança durar.

Então fui até os quartos de Jeremiah e Conrad e bati nas portas.

— Acordem! Vamos botar o pé na estrada! — gritei, atravessando o corredor.

Desci a escada para pegar um copo de suco, e Conrad estava sentado à mesa da cozinha, onde eu o deixara quando fui dormir perto das quatro da manhã. Ele já estava vestido, fazendo anotações em um caderno.

Fiz menção de sair da cozinha, mas ele olhou para cima.

— Belo pijama — comentou.

Fiquei vermelha. Ainda estava usando o pijama idiota da Taylor. Fazendo uma careta, falei:

— Vamos sair em vinte minutos. Esteja pronto.

Enquanto subia a escada, ouvi Conrad dizer:

— Já estou.

Se ele disse que estava pronto, era porque estava mesmo. Ia passar nas provas. Provavelmente tiraria nota máxima. Conrad não fracassava em nada que se dispunha a fazer.

* * *

Uma hora depois, estávamos quase a caminho. Eu estava trancando a porta deslizante na varanda quando ouvi Conrad chamar.

— Vamos?

Eu me virei, comecei a perguntar "vamos o quê?" quando Jeremiah apareceu do nada.

— Sim, pelos velhos tempos — disse Jere.

Opa.

— De jeito nenhum — respondi. — De jeito nenhum mesmo.

Quando vi, Jeremiah estava agarrando minhas pernas e Conrad pegou meus braços. Juntos, eles me balançaram para a frente e para trás. Jeremiah gritou "lançamento de Belly!", e os dois me atiraram no ar e, enquanto eu aterrissava na piscina, pensei: *Bom, aí está, eles finalmente se uniram para alguma coisa.*

Quando voltei à superfície, gritei:

— Idiotas!

Isso só fez com que eles dessem ainda mais risada.

Precisei entrar de novo para trocar de roupa, e botei a mesma que usei no primeiro dia: o vestido de Taylor e as sandálias plataforma. Secando o cabelo com uma toalha de rosto, não consegui ficar brava. Cheguei a sorrir sozinha. Aquele possivelmente havia sido o último lançamento de Belly da minha vida, e Steven não estava lá para participar.

* * *

Foi de Jeremiah a ideia de irmos em um carro só, para Conrad poder continuar estudando no caminho. Conrad nem tentou sentar no banco da frente, simplesmente foi direto para o de trás e começou a repassar as fichas de leitura.

Como era de se esperar, chorei quando nos afastamos da casa. Agradeci por estar sentada na frente, e de óculos escuros, para que os meninos não mexessem comigo por causa disso. Mas eu adorava aquela casa e detestava dizer adeus. Aquele lugar era mais do que apenas uma casa. Era todos os verões, todos os passeios de barco, cada pôr do sol. Era Susannah.

Viajamos praticamente em silêncio por um tempo, e então Britney Spears começou a tocar no rádio, e eu aumentei o som, botei a música bem alta. Não precisava dizer que Conrad detestava Britney Spears, mas eu não me importava. Comecei a cantar junto, e Jeremiah também.

— *Oh baby baby, I shouldn't have let you go* — cantei e dancei na direção do painel.

Ah, amor, amor, eu não devia ter deixado você ir.

— *Show me how you want it to be* — cantou Jeremiah, balançando os ombros.

Me mostre como você quer que seja.

Quando a música mudou, começou a tocar Justin Timberlake, e Jeremiah fez uma imitação incrível. Ele era tão extrovertido e tranquilo. E me deixava com vontade de ser assim também.

Ele cantou para mim:

— *And tell me how they got that pretty little face on that pretty little frame, girl*.

Me diga como esse rostinho lindo foi parar nessa moldura linda, gata.

Coloquei a mão no coração e fingi me derreter por ele, como uma tiete.

— *Fast fast slow, whichever way you wanna run, girl*.

Rápido rápido devagar, como você quiser correr, gata.

Eu o acompanhei no refrão.

— *This just can't be summer love...*

Isso não pode ser só um amor de verão.

Do banco de trás, Conrad resmungou:

— Vocês dois podem baixar o volume? Estou tentando estudar aqui, lembram?

Eu me virei para ele e disse:

— Ah, desculpe. Está incomodando?

Ele só olhou para mim de cara feia.

Sem dizer nada, Jeremiah baixou a música. Viajamos por mais ou menos uma hora, até que ele perguntou:

— Vocês precisam ir ao banheiro ou coisa parecida? Vou pegar a próxima saída e fazer uma pausa para abastecer.

Balancei a cabeça.

— Não, mas estou com sede.

Paramos no estacionamento do posto e, enquanto Jeremiah abastecia e Conrad tirava um cochilo, corri até a loja de conveniência. Comprei raspadinhas para mim e para Jeremiah: metade Coca-Cola, metade cereja, uma combinação que eu havia aperfeiçoado ao longo dos anos.

Quando voltei, entrei no carro e dei a raspadinha para Jeremiah. Seu rosto se iluminou.

— Ah, valeu, Bells. Que sabor você pegou pra mim?

— Tome e veja.

Ele tomou um longo gole e assentiu, com ar de aprovação.

— Metade Coca, metade cereja, a sua especialidade. Legal.

— Ei, se lembra daquela vez... — comecei a dizer.

— Lembro. Meu pai ainda não quer que ninguém mexa no liquidificador dele.

Apoiei os pés no painel e me recostei, tomando a raspadinha. Pensei comigo mesma: *Felicidade é uma raspadinha e um canudo rosa-choque*.

Do banco de trás, Conrad perguntou, irritado:

— Onde está a minha?

— Achei que você ainda estivesse dormindo — respondi. — E a gente precisa tomar a raspadinha na mesma hora, senão ela derrete... então, achei que não valia a pena trazer.

Conrad olhou irritado para mim.

— Então pelo menos me dê um gole.

— Mas você detesta raspadinhas.

Aquilo era verdade. Conrad não gostava de bebidas açucaradas. Nunca gostou.

— E daí? Estou com sede.

Dei a ele meu copo e me virei para vê-lo beber. Estava esperando que ele fizesse uma careta ou coisa parecida, mas ele só tomou um gole e me devolveu.

— Achei que sua especialidade fosse chocolate quente.

Eu o encarei. Ele realmente tinha dito aquilo? Ele se lembrava? Pela maneira como olhou para mim, com uma das sobrancelhas erguidas, eu soube que sim. E, desta vez, fui eu que desviei o olhar.

Porque eu me lembrava. De tudo.

41

QUANDO CONRAD SAIU para fazer a prova, Jeremiah e eu compramos sanduíches de peru com abacate e pão integral e comemos sentados no gramado. Eu estava com muita fome e terminei o meu primeiro.

Quando terminou o dele, Jeremiah fez uma bola com o papel alumínio na mão e jogou na lata de lixo. Voltou a se sentar ao meu lado na grama e disse, do nada:

— Por que você não foi me ver depois que minha mãe morreu?

Gaguejei.

— E-e-eu f-f-fui ao funeral.

Jere ficou me olhando sem piscar.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Eu não achei que você quisesse que eu fosse.

— Não, foi porque *você* não queria estar lá. Eu queria você lá.

Ele tinha razão. Eu não queria estar lá. Não queria estar em nenhum lugar perto daquela casa. Pensar em Susannah me dava dor de cabeça. Era uma dor muito grande. Mas a ideia de Jeremiah esperando pela minha ligação, precisando de alguém com quem conversar, doeu demais.

— Você tem razão — concordei. — Eu devia ter ido.

Jeremiah estava presente para ajudar Conrad e Susannah. E a mim. E quem esteve presente para dar apoio a ele? Ninguém. Eu queria que ele soubesse que eu estava ali agora.

Ele olhou para o céu.

— É difícil, sabe? Porque eu quero falar sobre ela. Mas o Conrad não quer. E eu não posso falar com meu pai. E você também não estava lá. Todos a amamos, e ninguém consegue falar sobre ela.

— O que você quer falar?

Ele inclinou a cabeça para trás, pensativo.

— Que eu sinto saudade dela. Muita saudade. Faz só dois meses que ela morreu, mas parece mais tempo. E também parece que acabou de acontecer, tipo ontem.

Assenti. Era exatamente como eu me sentia.

— Você acha que ela estaria feliz?

Ele estava se referindo a Conrad, à maneira como nós o ajudamos.

— Acho.

— Eu também.

Jeremiah hesitou.

— E agora?

— E agora o quê?

— Você vai voltar neste verão?

— Bom, claro. Quando minha mãe for, eu vou junto com ela.

Ele assentiu.

— Que bom. Porque meu pai estava errado, sabe. A casa é sua também. E da Laurel e do Steven. Ela é de todos nós.

De repente, fui dominada por uma sensação muito estranha, de querer, de desejar estender a mão e tocar no rosto de Jeremiah. Para que ele soubesse, para que *sentisse* exatamente quanto aquelas palavras eram importantes para mim. Porque às vezes as palavras são completamente inadequadas, e eu sabia disso, mas precisava tentar, de qualquer maneira.

— Obrigada. Isso significa... muito.

Ele deu de ombros.

— É a verdade.

Nós o vimos vindo de longe, caminhando rápido. Então nos levantamos e esperamos por ele.

— Acha que vem notícia boa por aí, Belly? Pra mim, parece — disse Jeremiah.

Pra mim, também.

Conrad veio até nós, os olhos brilhando.

— Eu arrasei — anunciou, triunfante.

Era a primeira vez que eu o via sorrindo, sorrindo de verdade, alegre e despreocupado, desde a morte de Susannah. Ele e Jeremiah bateram as mãos tão forte no alto que o barulho reverberou. Conrad sorriu para mim e me girou tão rápido que eu quase caí.

Eu não conseguia parar de rir.

— Está vendo? Está vendo? Eu falei!

Conrad me pegou e me atirou por cima do ombro como se eu não pesasse nada, exatamente como fez na outra noite. Dei risada enquanto ele corria, indo para a esquerda e para a direita, como se estivesse em um campo de futebol americano.

— Me coloca no chão! — berrei, puxando a barra do vestido.

Ele me atendeu e me colocou no chão com cuidado.

— Obrigado por ter vindo — disse, a mão ainda na minha cintura.

Antes que eu pudesse responder "de nada", Jeremiah se aproximou e disse:

— Ainda falta uma, Con.

Sua voz estava tensa, e eu endireitei o vestido.

Conrad olhou para o relógio.

— Tem razão. Vou até o departamento de psicologia. Essa vai ser rápida. Encontro vocês em uma hora, mais ou menos.

Enquanto eu o via se afastar, um milhão de perguntas passavam pela minha cabeça. Estava zonza, e não apenas por ter sido girada no ar.

— Vou procurar um banheiro — avisou Jeremiah, de repente. — Encontro você no carro.

Ele pegou a chave no bolso e a jogou para mim.

— Quer que eu espere? — perguntei, mas ele já estava se afastando.

Jere não se virou.

— Não, pode ir.

Em vez de ir direto para o carro, parei na loja de artigos para estudantes. Comprei um refrigerante e um casaco com capuz escrito BROWN. E vesti, mesmo não estando frio.

* * *

Jeremiah e eu ficamos sentados no carro, ouvindo rádio. Estava começando a escurecer. As janelas estavam abertas, e ouvi um passarinho cantando em algum lugar. Logo Conrad ia terminar sua última prova.

— Belo casaco, hein — comentou Jeremiah.

— Obrigada. Eu sempre quis um da Brown.

Jeremiah assentiu.

— Eu lembro.

Peguei no meu colar, torcendo-o ao redor do meu dedo mindinho.

— Eu fico pensando... — deixei a frase pela metade, esperando que Jeremiah me instigasse, me perguntasse sobre o que eu ficava pensando.

Mas ele não fez isso. Não me perguntou nada.

Ele ficou em silêncio.

Suspirando, olhei pela janela e perguntei:

— Ele fala de mim? Quero dizer, algum dia ele disse alguma coisa?

— Não faça isso — disparou Jeremiah.

— Não faça o quê?

Eu me virei para ele, confusa.

— Não me pergunte isso. Não me pergunte nada sobre ele.

Jeremiah falou com uma voz ríspida e baixa, um tom que ele nunca usava comigo e que eu não me lembrava de vê-lo usando com ninguém. Um dos músculos de seu maxilar se contraía furiosamente.

Recuei e afundei no meu lugar. Senti como se ele tivesse me dado um tapa.

— Qual é o problema?

Ele começou a dizer alguma coisa, talvez um pedido de desculpas, talvez não, e logo parou. Então se inclinou na minha direção e me puxou para perto, como a força da gravidade. Ele me beijou com força, e senti sua pele áspera contra meu rosto. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi *Acho que ele não teve tempo de se barbear hoje de manhã*, e então... eu estava retribuindo o beijo, meus dedos no meio do cabelo loiro macio, meus olhos fechados. Ele me beijava como se estivesse se afogando e eu fosse ar. Foi um beijo apaixonado e desesperado, diferente de tudo que eu havia experimentado.

Era isso que as pessoas queriam dizer quando falavam que a terra para de girar. Parecia que o mundo fora daquele carro, daquele momento, não existia. Éramos só nós dois.

Quando ele se afastou, suas pupilas estavam enormes e fora de foco. Ele piscou, então pigarreou.

— Belly — começou, a voz parecendo confusa.

Ele não disse mais nada, só meu nome.

— Você ainda...

Gosta de mim. Pensa em mim. Me quer.

Com a voz rouca, ele respondeu:

— Sim. Sim, ainda.

Então nos beijamos de novo.

* * *

Ele deve ter feito algum barulho, porque nós dois olhamos ao mesmo tempo.

Nós nos afastamos. Lá estava Conrad, nos encarando. Estava parado ao lado do carro. Pálido.

— Não, não parem — pediu. — Sou eu que estou interrompendo.

Ele se virou, sem jeito, e saiu correndo. Jeremiah e eu nos encaramos em silêncio, horrorizados. Então abri a maçaneta e saí do carro. Não olhei para trás.

Corri atrás dele e chamei seu nome, mas Conrad não se virou. Agarrei seu braço, e ele finalmente olhou para mim. Havia tanto ódio em seus olhos que eu recuei. De certo modo, não era aquilo que eu queria? Fazer o coração dele doer tanto quanto o meu? Ou talvez fazer com que ele sentisse por mim algo além de pena ou indiferença? Fazê-lo sentir alguma coisa, qualquer coisa?

— Então você gosta do Jeremiah agora?

Conrad queria parecer sarcástico, e realmente pareceu, mas também pareceu triste. Como se ele se importasse com a resposta.

O que me deixou satisfeita. E triste.

— Não sei. Importa pra você se eu gosto?

Ele me encarou, e então se inclinou para a frente e tocou no colar no meu pescoço. O que eu estava escondendo sob a blusa o dia todo.

— Se você gosta do Jeremiah, por que está usando o meu colar?

Umedeci os lábios.

— Eu o encontrei quando a gente estava pegando as coisas do seu quarto. Não significa nada.

— Você sabe o que significa.

Balancei a cabeça.

— Não sei.

Mas é claro que eu sabia. Eu me lembrava de quando ele havia me explicado o conceito de infinito. Imensurável, um momento se estendendo até o instante seguinte. Ele tinha comprado aquele colar para mim. Ele sabia o que queria dizer.

— Então me devolva.

Conrad estendeu a mão, e eu vi que estava tremendo.

— Não.

— Não é seu. Eu nunca dei isso pra você. Você simplesmente pegou.

Foi quando eu finalmente entendi. Não era a intenção que contava. Era a execução que importava. Era estar presente para alguém. A intenção por trás não bastava. Não para mim. Não mais. Não era suficiente saber que, lá no fundo, ele me amava. A gente precisa dizer a alguém, mostrar que se importa de verdade. E Conrad simplesmente não fazia isso. Não o bastante.

Senti que ele estava esperando que eu discutisse, protestasse, implorasse. Mas não fiz nada disso. Tentei abrir o fecho do colar no meu pescoço pelo que pareceu uma eternidade. O que não foi nenhuma surpresa, considerando que minhas mãos também estavam tremendo. Por fim, abri o cordão e o entreguei de volta para ele.

Seu rosto registrou um mínimo instante de surpresa, e então, como sempre, ele se fechou outra vez. Talvez eu tivesse só imaginado que ele se importava.

Conrad enfiou o colar no bolso.

— Então vai embora — mandou.

Como não me mexi, ele exclamou, ríspido:

— Vai!

Eu parecia uma árvore, enraizada no lugar. Meus pés estavam paralisados.

— Vai para o Jeremiah. Ele quer você — disse Conrad. — Eu não quero. Nunca quis.

E então saí tropeçando, correndo.

42

NÃO VOLTEI PARA o carro imediatamente. Tudo que tinha diante de mim eram escolhas impossíveis. Como eu poderia encarar Jeremiah depois do que acabara de acontecer? Depois de nos beijarmos, depois de eu sair correndo atrás de Conrad? Minha mente estava girando em um milhão de direções diferentes. Eu tocava meus lábios. Então toquei o pescoço, onde estava o colar. Fiquei andando à toa pelo campus, mas, depois de um tempo, voltei para o carro. Que escolha eu tinha? Não podia simplesmente ir embora sem falar com ninguém. E não era como se eu tivesse outra maneira de ir para casa.

Acho que Conrad pensou a mesma coisa, porque, quando voltei para o carro, ele já estava lá, sentado no banco de trás, com a janela aberta. Jeremiah estava sentado no capô.

— Oi — cumprimentou.

— E aí — respondi, hesitante, sem saber o que viria a seguir.

Pela primeira vez, nossa conexão telepática não funcionou comigo, porque eu não fazia ideia do que ele estava pensando. Era impossível ler seu rosto.

Ele deslizou do capô para o chão.

— Pronta pra ir pra casa?

Assenti, e ele me atirou a chave.

— Você dirige.

* * *

No carro, Conrad me ignorou completamente. Eu não existia mais para ele. E, apesar de tudo que eu tinha dito, aquilo me deu vontade de morrer. Eu nunca devia ter vindo. Nenhum de nós estava se falando. Eu havia perdido os dois.

O que Susannah diria se visse a bagunça em que estávamos agora? Ela ficaria muito decepcionada comigo. Eu não havia ajudado em nada. Só piorara tudo.

Justamente quando a gente pensou que as coisas ficariam bem entre nós, tudo desmoronou.

Eu estava dirigindo pelo que parecia uma eternidade quando começou a chover. Gotas grossas começaram a cair, e o céu desabou. Era muita água.

— Você está conseguindo ver bem? — perguntou Jeremiah.

— Estou — menti.

Mal conseguia ver meio metro à minha frente. Os limpadores iam e vinham furiosamente.

O trânsito estava lento, até que quase parou. Havia luzes das sirenes de polícia mais adiante.

— Deve ter havido um acidente — comentou Jeremiah.

Ficamos parados no trânsito por mais de uma hora quando começou a chover granizo.

Olhei para Conrad pelo retrovisor, mas sua expressão estava impassível. Ele poderia muito bem estar em outro lugar.

— Não seria melhor a gente parar?

— Sim. Pegue a próxima saída e vamos tentar encontrar um posto de gasolina — concordou Jeremiah, olhando para o relógio.

Eram dez e meia.

* * *

A chuva não aliviou. Ficamos sentados no estacionamento do posto pelo que pareceu uma eternidade. A chuva fazia muito barulho, mas o silêncio dentro do carro era tamanho que, quando meu estômago roncou, tenho quase certeza de que os dois escutaram. Tossi para disfarçar o barulho.

Jeremiah saiu do carro e correu para dentro do posto. Quando voltou, seu cabelo estava pingando. Ele atirou um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim e queijo na minha direção sem nem me olhar.

— Tem um hotel de beira de estrada a alguns quilômetros daqui — disse, secando a testa com a parte de trás do braço.

— Vamos só esperar mais um pouco — sugeriu Conrad.

Foi a primeira vez que ele disse alguma coisa desde que tínhamos saído do campus.

— Cara, a estrada está fechada. Não faz sentido. Acho que a gente pode dormir por algumas horas e sair de manhã.

Conrad não disse nada.

Eu não falei nada porque estava ocupada demais comendo os biscoitos. Eles eram cor de laranja, salgados e farelentos, e eu os enfiava na boca, um depois do outro. Nem ofereci.

— Belly, o que você quer fazer? — perguntou Jeremiah, muito educadamente, como se eu fosse uma prima de fora da cidade. Como se a boca dele não estivesse colada à minha poucas horas antes.

Engoli meu último biscoito.

— Por mim tanto faz. Façam o que vocês quiserem.

Era meia-noite quando chegamos ao hotel.

Fui até o banheiro ligar para minha mãe. Contei a ela o que aconteceu, e ela disse na mesma hora:

— Estou indo buscar você.

Cada parte de mim queria dizer *sim, por favor, venha agora mesmo*, mas ela pareceu tão cansada e já tinha feito tanta coisa. Em vez disso, respondi:

— Não, está tudo bem, mamãe.

— Não tem problema, Belly. Não é muito longe.

— Está tudo bem, sério mesmo. Vamos embora amanhã de manhã cedo.

Ela bocejou.

— O hotel fica em uma área segura?

— Fica — respondi, embora eu não soubesse exatamente onde estávamos e se aquela era uma área segura, mas parecia segura o bastante.

— Então vai dormir e acorde cedinho. Me ligue quando estiverem na estrada.

Depois que desliguei o telefone, eu me apoiei na parede por um tempo. Como eu tinha ido parar ali?

Vesti o pijama de Taylor e coloquei o casaco por cima.

Escovei os dentes e tirei as lentes de contato com calma. Não me importei que os meninos pudessem estar querendo usar o banheiro. Só queria um tempo sozinha, longe deles. Quando saí, Jeremiah e Conrad estavam no chão, em lados opostos da cama. Cada um tinha um travesseiro e um cobertor.

— Vocês dois deviam ficar com a cama — sugeri, embora não estivesse falando totalmente sério. — Vocês são dois. Eu durmo no chão.

Conrad estava ocupado me ignorando, mas Jeremiah respondeu:

— Nada disso. Você dorme na cama. Você é a garota.

Em circunstâncias normais, eu teria discutido com ele só por discutir — o que o fato de eu ser uma garota tinha a ver com eu dormir ou não no chão? Ser garota não era nenhuma deficiência física. Mas não discuti. Estava cansada demais. E queria ficar na cama.

Eu me deitei e fui para debaixo das cobertas. Jeremiah ajustou o despertador no celular e desligou as luzes. Ninguém disse boa-noite nem sugeriu que víssemos se alguma coisa legal estava passando na TV.

Tentei pegar no sono, mas não consegui. Tentei recordar a última vez que nós três tínhamos dormido no mesmo quarto. No começo não consegui, mas depois eu me lembrei.

Havíamos armado uma barraca na praia, e eu tinha implorado para que eles me deixassem participar também. Finalmente, minha mãe os convenceu a me deixarem ir. Eu, Steven, Jeremiah e Conrad. Jogamos Uno durante horas, e Steven deu tapinhas na minha mão quando eu ganhei duas vezes seguidas. De repente, senti tanta saudade do meu irmão mais velho que tive vontade de chorar. Parte de mim achava que, se ele estivesse lá, as coisas não teriam ficado tão terríveis. Talvez nada daquilo tivesse acontecido, porque eu ainda estaria correndo atrás dos meninos, em vez de estar no meio deles.

Mas agora tudo havia mudado, e nós nunca mais voltaríamos a ser como antes.

Eu estava deitada na cama pensando em tudo isso quando ouvi Jeremiah roncando, o que me deixou bem irritada. Ele sempre conseguiu pegar no

sono muito rápido, assim que deitava a cabeça no travesseiro. Pensei que ele não teria insônia pelo que havia acontecido. Pensei que eu também não deveria. Eu me virei de lado, dando as costas para Jeremiah.

E então ouvi Conrad dizer, baixinho:

— Mais cedo, quando eu disse que nunca quis você, aquilo não foi verdade.

Prendi a respiração. Eu não sabia o que dizer ou se ao menos deveria dizer alguma coisa. Tudo que eu sabia era que aquele era o momento que eu vinha esperando. Aquele exato momento. Exatamente aquilo.

Abri a boca para falar, e ele disse de novo:

— Não foi verdade.

Prendi a respiração, esperando para ouvir o que ele diria depois.

— Boa noite, Belly. — E foi tudo.

Depois disso, é claro que eu não consegui dormir. Minha cabeça estava cheia de coisas para pensar. O que ele queria dizer? Que ele queria ficar, tipo, comigo? Ele e eu, de verdade? Era o que eu queria a vida inteira, mas daí tem a expressão de Jeremiah no carro, verdadeira, me querendo, precisando de mim. Naquele momento, eu também o queria e precisava dele, mais do que eu jamais havia imaginado. Será que aquilo sempre esteve lá? Mas, depois dessa noite, eu nem sabia se ele ainda me queria. Talvez fosse tarde demais.

E lá estava Conrad. *Não foi verdade*. Fechei os olhos e o escutei dizendo aquelas palavras sem parar. A voz dele percorrendo a escuridão me assombrava e me emocionava.

Então fiquei ali deitada, mal respirando, repassando cada palavra. Os meninos estavam dormindo, mas cada parte de mim estava desperta e viva. Era como um sonho realmente incrível, e eu estava com medo de cair no sono porque, quando acordasse, tudo aquilo teria desaparecido.

43

7 de julho

ACORDEI ANTES DE o despertador de Jeremiah tocar. Tomei um banho, escovei os dentes e vesti as mesmas roupas do dia anterior.

Quando saí, Jeremiah estava no celular, e Conrad, dobrando o cobertor. Esperei que ele olhasse para mim. Se ele olhasse para mim, se sorrisse, se dissesse alguma coisa, eu saberia o que fazer.

Mas Conrad não olhou. Ele guardou os cobertores de volta no armário e calçou os tênis. Desamarrou os cadarços e os amarrou mais apertados. Continuei esperando, mas ele não olhou para mim.

— E aí — falei.

Ele finalmente levantou a cabeça.

— E aí — respondeu. — Um amigo meu está vindo me buscar.

— Por quê? — perguntei.

— Vai ser mais fácil assim. Ele vai me levar de volta a Cousins para eu pegar meu carro, e o Jere pode levar você pra casa.

— Ah.

Fiquei tão surpresa que levei um tempo para demonstrar a decepção e a absoluta descrença.

Ficamos ali parados, olhando um para o outro, sem dizer nada. Mas foi o tipo de nada que quer dizer tudo. Em seus olhos, não havia sinal do que tinha acontecido entre nós mais cedo, e eu pude sentir algo dentro de mim se partir.

Então era isso. Finalmente — finalmente — tínhamos terminado.

Olhei para ele e me senti muito triste, porque pensei: *Eu nunca mais vou olhar para você do mesmo jeito. Nunca mais vou ser aquela menina. A que volta correndo toda vez que você a afasta, a menina que ama você de qualquer maneira.*

Não consegui sequer ficar com raiva dele, porque Conrad era assim. Sempre tinha sido assim. Ele nunca mentira a respeito disso. Ele dava e depois tirava. Senti, na boca do estômago, aquela dor conhecida, aquela perda. Senti a dor conhecida, aquela sensação perdida e cheia de arrependimento que só ele conseguia provocar em mim. Eu nunca mais queria sentir aquilo. Nunca mais.

Talvez por isso eu tenha ido, para saber de verdade. Para poder dizer adeus.

Olhei para ele e pensei: *Se eu fosse muito corajosa ou muito sincera, eu diria.* Eu diria, para que ele soubesse e eu também soubesse, e eu jamais poderia voltar atrás. Mas eu não era tão corajosa nem tão sincera, então tudo que fiz foi olhar para ele. E acho que ele soube mesmo assim.

Eu liberto você. Eu expulso você do meu coração. Porque se eu não fizer isso agora, nunca mais o farei.

Fui a primeira a desviar o olhar.

Jeremiah desligou o celular e perguntou a Conrad:

— O Dan está vindo buscar você?

— Sim. Vou ficar aqui esperando.

Então Jeremiah olhou para mim.

— O que você quer fazer?

— Eu quero ir com você — respondi.

Peguei minha mochila e os sapatos da Taylor.

Ele se levantou e pegou a mochila do meu ombro.

— Então vamos.

Para Conrad, ele disse:

— Nos vemos em casa.

Eu me perguntei a qual casa ele estava se referindo, à casa de praia ou de sempre. Mas pensei que não tinha muita importância.

— Adeus, Conrad — falei.

Saí porta afora com os sapatos da Taylor na mão e não me dei ao trabalho de calçá-los. Não olhei para trás. E ali mesmo eu senti: o brilho, a satisfação de ser quem vai embora primeiro.

* * *

Enquanto caminhávamos pelo estacionamento, Jeremiah disse:

— Talvez seja melhor você colocar os sapatos. Pode acabar cortando os pés em alguma coisa.

Dei de ombros.

— Esses sapatos são da Taylor — expliquei, como se isso fizesse algum sentido. — São pequenos demais — acrescentei.

— Quer dirigir?

Pensei um pouco e respondi:

— Não, tudo bem. Você dirige.

— Mas você adora dirigir meu carro — retrucou ele, dando a volta até o lado do carona e abrindo minha porta primeiro.

— Eu sei. Mas hoje estou a fim de ficar só olhando a paisagem.

— Quer tomar café da manhã primeiro?

— Não. Só quero ir pra casa.

* * *

Não demoramos a pegar a estrada. Abri minha janela toda. Coloquei a cabeça para fora e deixei meu cabelo voar para todos os lados, só porque deu vontade. Uma vez, Steven me disse que insetos e outras coisas ficam presos no cabelo das meninas quando elas andam com a cabeça para fora da janela do carro. Mas eu nem ligava. Gostava daquela sensação. Eu me sentia livre.

Jeremiah olhou para mim e disse:

— Você me lembra nosso velho cachorro, o Boogie. Ele adorava andar com a cabeça pra fora da janela.

Ele ainda estava usando a voz educada. Distante.

— Você não disse nada. Sobre o que aconteceu — falei.

Olhei para ele. Pude ouvir meu coração bater com força.

— O que ainda falta dizer?

— Não sei. Muita coisa.

— Belly...

Então ele parou e soltou o ar, balançando a cabeça.

— O que foi? O que você ia dizer?

— Nada.

Então estendi meu braço, segurei a mão de Jere e entrelacei meus dedos nos dele. Pareceu a coisa mais certa que eu tinha feito em muito tempo.

Fiquei com medo de ele soltar, mas não soltou. Ficamos de mãos dadas daquele jeito todo o resto do caminho para casa.

Alguns anos depois

QUANDO EU IMAGINAVA a eternidade, era sempre com o mesmo garoto. Nos meus sonhos, meu futuro estava traçado. Era algo certo. Não era assim que eu tinha imaginado. Eu, de vestido branco, embaixo da chuva, correndo para o carro. Ele, correndo na minha frente, abrindo a porta do carona.

— Tem certeza? — pergunta ele.

— Não — respondo, e entro.

O futuro não está claro. Mas ainda é meu.

Agradecimentos

Minha sincera gratidão a Emily van Beek, Holly McGhee e Elena Mechlin, da Pippin Properties, e a Emily Meehan e Julia Maguire, da S&S. Agradeço também a minhas primeiras leitoras: Caroline, Lisa, Emmy, Julie e Siobhan. Tenho muita sorte de conhecer vocês.


SEMPRE TEREMOS O VERÃO
Da mesma autora do best-seller
Para todos os garotos que já amei
Jenny Han
intrínseca

SEMPRE TEREMOS O VERÃO

Jenny Han

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES

intrínseca

Copyright © 2011 by Jenny Han
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
We'll Always Have Summer

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PREPARAÇÃO
Giu Alonso

REVISÃO
Rayssa Galvão
Juliana Werneck

DIREÇÃO DE ARTE
Lucy Ruth Cummins

ARTE DE CAPA
©2017 Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE ARTE E LETTERING
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minhas duas Emilys:
Emily Van Beek, a minha embaixadora de quan;
Emily Thomas Meehan — vamos ficar juntas para sempre!
Da sua garota, com amor

QUANDO EU ERA pequena, passava as noites de quarta-feira assistindo a musicais antigos com minha mãe. Era uma coisa só nossa. Às vezes, meu pai ou Steven assistiam um pouco também, mas quase sempre éramos minha mãe e eu no sofá, com uma manta no colo e uma tigela de pipoca salgada e doce.

Vimos *The Music Man*, *Amor, sublime amor*, *Agora seremos felizes* — eu gostava desses, e adorava *Cantando na chuva*, mas nada se comparava ao meu amor por *Bye Bye Birdie*. De todos os musicais, *Bye Bye Birdie* era o meu favorito. Assistia sem parar, quantas vezes minha mãe aguentasse.

Como Kim MacAfee, eu queria usar rímel, batom e sapatos de salto alto, e ter aquela aura de "mulher adulta feliz". Queria ouvir os garotos assobiarem e saber que era para mim. Queria crescer e ser exatamente como Kim, porque ela com certeza conseguiu reunir tudo isso.

Depois, quando chegava a hora de dormir, eu cantava: "Amamos você, Conrad, ah, amamos, sim. Amamos você, Conrad, e vamos ficar juntos no fim" diante do espelho do banheiro, com a boca cheia de pasta de dentes. Eu cantava com toda a paixão dos meus oito, nove, dez anos, mas não para o Conrad Birdie do filme, e sim para o *meu* Conrad. Conrad Beck Fisher, o garoto dos meus sonhos pré-adolescentes.

Só havia amado dois garotos — os dois com sobrenome Fisher. Conrad foi o primeiro, e eu o amei como só é possível amar um primeiro amor. É aquele tipo de amor que não tem limites e não quer ter — é estonteante, bobo e intenso. O tipo de amor que só acontece uma vez.

Então veio Jeremiah. Quando eu olhava para ele, via passado, presente e futuro. Ele não conheceu só a garota que eu havia sido; Jeremiah conhecia a garota que eu era naquele momento e me amava mesmo assim.

Meus dois grandes amores. Acho que eu sempre soube que um dia seria Belly Fisher. Só não sabia que seria desse jeito.

1

QUANDO VOCÊ ESTÁ no fim da semana de provas e estudando há cinco horas direto, três coisas são necessárias para sobreviver à noite: a maior raspadinha que conseguir encontrar, metade sabor cereja, metade Coca-Cola. Uma calça de pijama lavada tantas vezes que já está puída. E, por último, pausas para dançar — muitas pausas para dançar. Quando seus olhos começam a se fechar e tudo que você quer é sua cama, pausas para dançar dão forças para seguir em frente.

Eram quatro da manhã, e em algumas horas eu faria minha última prova do primeiro ano na Finch University. Estava acampada na biblioteca do alojamento com minha nova melhor amiga, Anika Johnson, e minha antiga melhor amiga, Taylor Jewel. As férias de verão estavam tão próximas que eu quase conseguia sentir o gostinho. Só faltavam cinco dias. Eu vinha fazendo a contagem regressiva desde abril.

— Me faça uma pergunta — ordenou Taylor, rouca.

Abri meu caderno em uma página aleatória.

— Defina *anima* e *animus*.

Taylor mordiscou o lábio inferior.

— Me dá uma dica.

— Humm... pense em latim.

— Não sei latim! Vai cair latim na prova?

— Não, eu só estava tentando dar uma dica. Em latim, os nomes de garoto terminam em *us*, e os de garota, em *a*; e *anima* é o arquétipo feminino, enquanto *animus* é o arquétipo masculino. Sacou?

Ela soltou um enorme suspiro.

— Não. Vou ser reprovada com certeza.

Anika ergueu os olhos do caderno, dizendo:

— Se você parar de bater papo no celular e começar a estudar, talvez isso não aconteça.

Taylor a encarou, irritada.

— Estou ajudando uma amiga da irmandade a planejar o café da manhã de fim de ano letivo, então preciso ficar de plantão hoje à noite.

— De plantão? — Anika pareceu achar divertido. — Tipo uma médica?

— Isso, exatamente como uma médica.

— E aí, vai ter panquecas ou waffles? — provocou Anika.

— Croissants, se quer mesmo saber — retrucou Taylor.

Nós três estávamos cursando a mesma matéria de psicologia — eu e Taylor faríamos a prova no dia seguinte, e Anika, um dia depois. Além de Taylor, Anika era minha amiga mais próxima na faculdade. E como Taylor era bem competitiva, sentia muitos ciúmes da nossa amizade — o que ela jamais admitiria.

Minha relação com Anika era diferente da que eu tinha com Taylor. Anika era tranquila e fácil de lidar, não saía logo criticando. Mais que isso, na verdade. Ela *me* dava espaço para ser eu mesma. Não sabia de toda a minha vida, por isso não tinha expectativas ou ideias preconcebidas a meu respeito, o que fazia com que eu me sentisse muito livre. Nunca tive uma amiga como ela. Anika era de Nova York; o pai tocava jazz e a mãe era escritora.

Algumas horas mais tarde, o sol começou a nascer, iluminando a biblioteca com uma luz azulada. Taylor descansava a cabeça na mesa, e Anika encarava o nada, feito um zumbi.

Amassei duas bolinhas de papel e joguei nas minhas amigas.

— Pausa pra dançar — anunciei, apertando o play no meu notebook e fazendo uma dancinha na cadeira.

Anika me encarou, emburrada.

— Por que você está tão animada?

— Porque em poucas horas tudo já vai ter acabado — respondi, batendo palmas.

Minha prova era só a uma da tarde, por isso meu plano era voltar para o quarto e dormir por algumas horas, então acordar ainda a tempo de estudar mais um pouco.

* * *

Dormi além do que deveria, mas mesmo assim consegui estudar por mais uma hora. Não tive tempo de tomar café no refeitório, então peguei uma Cherry Coke da máquina de refrigerantes.

A prova foi tão difícil quanto esperávamos, mas eu tinha certeza de que conseguiria tirar pelo menos um B. Taylor acreditava que não se daria tão mal, ainda bem. Nós duas estávamos cansadas demais para comemorar, por isso só nos cumprimentamos com um *high-five*, e cada uma seguiu seu caminho.

Voltei para o quarto, pronta para apagar pelo menos até a hora do jantar, mas, quando abri a porta, lá estava Jeremiah, dormindo na minha cama. Ele parecia um garotinho quando dormia, mesmo com a barba por fazer. Estava esparramado em cima do edredom, os pés pendurados para fora da cama, abraçando meu urso-polar de pelúcia.

Tirei os sapatos e me acomodei ao lado dele na cama de solteiro. Jeremiah se espreguiçou, abriu os olhos e me cumprimentou:

— Oi.

— Oi.

— Como foi a prova?

— Bem.

— Que bom. — Ele soltou Junior Mint, o urso, e me puxou para um abraço. — Trouxe metade do meu sanduíche pra você almoçar.

— Você é um amor — respondi, aconchegando a cabeça no ombro dele.

Jeremiah beijou meu cocuruto.

— Não posso deixar minha namorada ficar sem comer.

— Só perdi o café da manhã — retruquei, acrescentando em seguida: — E o almoço.

— Quer o sanduíche? Está na minha mochila.

Pensei um pouco. Percebi que estava com fome, mas também com sono.

— Talvez mais tarde — falei, e fechei os olhos.

Ele voltou a dormir, e eu também caí no sono. Quando acordei, já estava escuro, Junior Mint tinha caído no chão, e os braços de Jeremiah estavam ao meu redor. Ele ainda dormia.

Começamos a namorar no início do meu último ano do ensino médio. Bem, "namorar" não parecia a palavra certa para descrever nosso relacionamento; simplesmente estávamos juntos. Tudo aconteceu tão depressa e foi tão fácil que parecia que sempre havia sido daquela maneira. Em um minuto éramos amigos, no outro, estávamos nos beijando, então, quando me dei conta, estava me matriculando na mesma faculdade que ele. Disse a mim mesma e a todo mundo (inclusive a Jeremiah, e principalmente a minha mãe) que era uma boa universidade, que ficava a poucas horas de casa e que fazia sentido eu estudar ali, e que também estava mantendo minhas opções em aberto. Tudo isso era um fato. Mas a grande verdade era que eu só queria ficar perto dele. Queria estar com Jere em todas as estações, não apenas no verão.

Então estávamos ali, deitados um ao lado do outro na cama do meu quarto no alojamento da universidade. Ele estava no segundo ano, e eu estava terminando o primeiro. Era muito louco como havíamos chegado longe. Nós nos conhecíamos desde sempre e, se de certo modo parecia uma grande surpresa estarmos juntos, por outro lado parecia inevitável.

2

A FRATERNIDADE DE Jeremiah fez uma festa para comemorar o fim do ano letivo. Em menos de uma semana iríamos para casa passar o verão e só voltaríamos no final de agosto. Eu sempre fui apaixonada pelo verão, mas, agora que finalmente estava indo para casa, me sentia um tanto melancólica. Já tinha me acostumado a tomar café da manhã com Jeremiah todos os dias no refeitório, a lavar minha roupa na lavanderia da fraternidade dele, tarde da noite. Jeremiah era em expert em dobrar minhas camisetas.

Naquele verão, ele ia estagiar de novo na empresa do pai, e eu arranjara um emprego como garçonete no Behrs, o mesmo restaurante em que trabalhara no verão anterior. Nosso plano era nos encontrarmos na casa de praia em Cousins o máximo possível. No ano anterior, não conseguimos ir para lá nem uma vez, por causa do trabalho. Peguei todos os turnos que podia para guardar dinheiro para a faculdade, mas eu me senti oca por dentro — era o meu primeiro verão longe de Cousins.

Havia alguns vaga-lumes do lado de fora. Já começava a escurecer, e a noite estava fresca. Estava calçando sapatos de salto — uma estupidez, já que, por impulso, tinha resolvido caminhar em vez de pegar o ônibus. Eu

tinha me dado conta de que aquela seria a última vez em muito tempo que atravessaria o campus em uma noite bonita como a que estava fazendo.

Eu havia convidado Anika e outra amiga nossa, Shay, para virem comigo, mas Anika tinha uma festa da companhia de dança, e Shay já terminara as últimas provas e pegara o avião para o Texas. A irmandade de Taylor também estava dando uma festinha, por isso ela não pôde vir. Éramos só eu e meus pés doloridos.

Mandei uma mensagem para Jeremiah mais cedo, avisando que estava a caminho e que decidira ir a pé, por isso demoraria um pouco. Tinha que parar e ajeitar os sapatos toda hora, que estavam machucando o calcanhar. Foi realmente uma idiotice usar sapatos de salto.

No meio do caminho, encontrei Jere sentado no meu banco favorito. Ele se levantou ao me ver.

— Surpresa!

— Não precisava ter vindo — falei, mas estava feliz por ele estar ali.

Eu me sentei no banco também.

— Você está incrível — disse ele.

Mesmo depois de dois anos de namoro, eu ainda enrubescia quando Jeremiah dizia coisas assim.

— Obrigada.

Estava usando um vestido leve que tinha pegado emprestado de Anika. Era branco com florezinhas azuis, de alcinhas com babados.

— Esse vestido me lembra *A noviça rebelde*, mas de um jeito sexy.

— Obrigada — repeti.

Depois fiquei me perguntando se aquele vestido *realmente* me fazia parecer com *Fräulein* Maria, o que não soava nada bom. Alisei um pouco o babado das alças.

Dois caras que não reconheci pararam para cumprimentar Jeremiah, mas continuei sentada no banco descansando os pés.

Quando os dois foram embora, ele chamou:

— Pronta?

Gemi.

— Meus pés estão me matando. Foi uma idiotice ter colocado salto.

Jeremiah se inclinou para a frente e disse:

— Então pode subir, mocinha!

Eu ri e subi nas costas dele. Sempre ria quando ele me chamava de "mocinha". Não conseguia evitar. Era engraçado.

Jeremiah ergueu o corpo, e passei os braços pelo pescoço dele.

— Seu pai vem na segunda-feira? — perguntou, enquanto atravessávamos o gramado principal.

— Vem. Você vai ajudar, não é?

— Como assim? Já estou carregando você pelo campus. Agora também tenho que ajudar na mudança?

Dei um tapinha na cabeça dele, que se abaixou.

— Ok, está bem.

Assoprei com a boca colada no pescoço dele, que gritou feito uma criancinha. Ri o caminho todo.

3

AS PORTAS DA casa da fraternidade de Jeremiah estavam abertas, e as pessoas se espalhavam pelo gramado da frente. Pisca-piscas multicoloridos tinham sido pendurados aleatoriamente por toda parte — na caixa de correio, na varanda, até mesmo ao longo do meio-fio. Vi três piscinas infantis infláveis, que as pessoas estavam usando como se fossem ofurôs. Os caras andavam para cima e para baixo com pistolas d'água cheias de cerveja, jogando a bebida na boca um do outro. Algumas garotas estavam de biquíni.

Desci das costas de Jeremiah e tirei os sapatos, já no gramado.

— Os candidatos fizeram um belo trabalho — comentou Jere, assentindo para as piscininhas com satisfação. — Trouxe biquíni?

Balancei a cabeça, negando.

— Quer que eu veja se uma das meninas tem algum sobrando? — ofereceu ele.

— Não, não precisa — respondi, mais que depressa.

Eu conhecia os irmãos de fraternidade de Jeremiah porque passava algum tempo na casa deles, mas não conhecia as garotas muito bem. A maior parte era da irmandade Zeta Phi, ligada à fraternidade de Jeremiah

— o que significava que eles faziam reuniões e festas juntos, esse tipo de coisa. Jere queria que eu me candidatasse para a Zeta Phi, mas recusei. Eu havia dito que não tinha como pagar as taxas e os custos extras de viver em uma casa de irmandade, mas a verdade era que eu queria fazer amizade com todo tipo de garota, e não apenas o grupo restrito da casa. Queria ter uma experiência mais ampla na universidade, como minha mãe sempre dizia. Segundo Taylor, na Zeta Phi as garotas só queriam saber de pegação e festas, o oposto da irmandade dela, que, supostamente, era mais exclusiva e certinha — e muito mais focada em serviços comunitários, acrescentara, depois de pensar melhor.

Toda garota por que passávamos o cumprimentava com um abraço. Elas me davam um oi, e eu respondia com outro.

Subi para deixar minha bolsa no quarto de Jere e, ao descer, eu a vi.

Lacie Barone, de jeans skinny, camiseta de seda e sapatos vermelhos de salto — que a deixavam com no máximo 1,62 metro —, conversava com Jeremiah. Lacie era a responsável pelas relações públicas da Zeta Phi, e estava no terceiro ano da faculdade — era um ano mais velha que Jere e dois anos mais velha que eu. Tinha cabelo castanho-escuro, que usava em um corte estilo *long bob*, e era baixinha e magrinha. Era, para os padrões de qualquer um, gostosa. De acordo com Taylor, Lacie estava a fim de Jeremiah. Falei para Taylor que não me incomodava nem um pouco com isso, e era verdade. Por que me importaria?

É claro que as garotas ficariam a fim de Jeremiah. Ele era o tipo de cara que as meninas adoravam. Mas mesmo uma garota bonita como Lacie não nos afetava. Éramos um casal havia anos. Eu o conhecia melhor que ninguém e vice-versa. E sabia que Jere nunca olharia para outra garota.

Jeremiah me viu e acenou para que eu me aproximasse. Fui até eles e cumprimentei:

— Oi, Lacie.

— Oi.

Jere me puxou para perto.

— Lacie vai estudar em Paris no outono — contou ele, se virando para a amiga e comentando: — Queremos fazer um mochilão pela Europa no verão que vem.

Ela tomou um gole da cerveja e falou:

— Que legal. Por quais países?

— Com certeza vamos à França — disse Jeremiah. — Belly é fluente em francês.

— Na verdade, não — retruquei, constrangida. — Só sei o que aprendi no colégio.

— Ah, meu francês também é terrível — comentou Lacie. — Só quero ir à França pra me entupir de queijo e chocolate.

Sua voz era surpreendentemente rouca para uma pessoa tão pequena. Eu me perguntei se Lacie fumava. Ela sorriu para mim, e concluí que Taylor estava errada: Lacie era legal.

Quando ela se afastou para pegar um drinque, alguns minutos mais tarde, comentei:

— Ela é gente boa.

Jeremiah deu de ombros e só respondeu:

— É, sim. Quer que eu pegue uma bebida pra você?

— Claro.

Ele me guiou pelos ombros e me deixou sentada no sofá.

— Fique aqui. Não mova um músculo. Volto logo.

Eu o observei abrir caminho em meio à multidão e fiquei orgulhosa por poder dizer que ele era meu. Meu namorado, meu Jeremiah. O primeiro garoto com quem já dormi. O primeiro a quem contei sobre a vez em que sem querer vi meus pais transando, quando tinha oito anos. O primeiro que saiu para comprar analgésico para mim quando eu estava com muita cólica; o primeiro que pintou minhas unhas dos pés; que segurou meus cabelos enquanto eu vomitava, na vez em que fiquei superbêbada na frente dos amigos dele. O primeiro que escreveu um bilhete romântico no quadro branco do lado de fora do meu quarto, no dormitório.

VOCÊ É O LEITE DO MEU NESCAU,
para sempre e mais um pouco. Te amo, J.

Ele foi o primeiro garoto que beijei. Era o meu melhor amigo. Cada vez mais, eu compreendia: era assim que tinha que ser. Ele era o cara certo. O *meu* cara certo.

4

MAIS TARDE NAQUELA noite, dançamos. Meus braços ao redor do seu pescoço, a música pulsando. Eu me sentia quente e cheia de energia, da dança e da bebida. Tinha muita gente lá, mas, quando Jere olhava para mim, não havia mais ninguém. Só nós dois.

Jeremiah prendeu uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha. Depois disse alguma coisa que não consegui ouvir.

— O quê? — gritei.

Ele gritou de volta:

— Nunca corte o cabelo, está bem?

— Mas eu tenho que cortar! Senão vou acabar parecendo... uma bruxa.

Jeremiah tocou a própria orelha.

— Não estou ouvindo!

— Bruxa!

Balancei os cabelos para enfatizar o que dizia e fingi mexer um caldeirão e gargalhar.

— Gosto de você que nem uma bruxinha — respondeu ele no meu ouvido. — Que tal só aparar?

— Prometo não cortar o cabelo curto se você prometer desistir de ter barba! — gritei.

Jeremiah vinha falando em deixar a barba crescer desde o Dia de Ação de Graças, quando alguns amigos dele do ensino médio começaram uma disputa para ver quem conseguia ficar com a barba mais longa. Pedi a ele que não fizesse isso de jeito nenhum, porque me lembrava demais o meu pai.

— Vou pensar a respeito — retrucou Jeremiah, e me beijou.

Ele estava com gosto de cerveja; provavelmente, eu também.

Então, Tom, seu irmão de fraternidade — também conhecido como Redbird, por razões que eu desconhecia —, nos viu e veio correndo feito um touro na direção de Jeremiah. Estava de cueca e carregava uma garrafa de água. E não era uma cueca boxer: era uma sunguinha.

— Separa, separa! — gritou.

Os dois começaram a se bater de brincadeira, e, quando Jeremiah conseguiu prender Tom em um mata-leão, a garrafa cheia de cerveja virou em cima de mim, molhando o vestido de Anika todo.

— Foi mal, foi mal — murmurou ele. Quando Tom estava bêbado, dizia tudo duas vezes.

— Tudo bem — falei, espremendo a saia e tentando não olhar para a parte de baixo do corpo dele.

Fui para o banheiro limpar o vestido, mas tinha uma fila enorme, por isso segui para a cozinha. As pessoas estavam tomando shots eróticos em cima da mesa. Luke, outro irmão de fraternidade de Jeremiah, lambia sal do umbigo de uma ruiva.

— Oi, Isabel — cumprimentou ele, erguendo os olhos.

— Hum, oi, Luke — respondi.

Então vi uma garota vomitando na pia e saí correndo dali.

Subi para usar o banheiro do andar de cima. No topo da escada, passei por um cara e uma garota sentados em um degrau e se agarrando, e sem querer pisei na mão dele.

— Desculpe! — falei, mas ele nem pareceu notar; estava com a outra mão dentro da blusa da garota.

Quando finalmente consegui entrar no banheiro, tranquei a porta e deixei escapar um breve suspiro de alívio. Aquela festa estava mais louca que o normal. Com o fim das provas e do semestre, todos estavam relaxando.

Fiquei até satisfeita por Anika não ter ido; aquele não era o tipo de ambiente para ela... Não que fosse para mim.

Esfreguei sabonete líquido nas partes úmidas do vestido e torci para que não ficasse manchado. Alguém tentou abrir a porta, e eu gritei:

— Só um instante.

Enquanto tentava limpar a roupa, ouvi garotas conversando do lado de fora. Não prestei muita atenção até identificar a voz de Lacie.

— Ele está muito gato hoje, né?

Outra voz comentou:

— Ele sempre está muito gato.

A voz de Lacie estava arrastada quando voltou a falar:

— Pior que é verdade.

A outra garota falou:

— Morro de inveja por você ter ficado com ele.

Em uma vozinha cantada, Lacie retrucou:

— O que acontece em Cabo fica em Cabo.

De repente, me senti zonza. Apoiei as costas na porta do banheiro para me equilibrar. Não era possível que ela estivesse falando do Jere. Não mesmo.

Alguém bateu à porta, e levei um susto.

Sem pensar, abri. Lacie levou a mão à boca ao me ver. A expressão em seu rosto foi como um soco no estômago, como se alguém tivesse me golpeado. Podia ouvir as outras garotas prendendo a respiração, mas tudo pareceu muito distante. Passei por elas e desci o corredor me sentindo uma sonâmbula.

Eu não conseguia acreditar. Não era possível que fosse verdade. Não o meu Jere.

Fui para o quarto dele e tranquei a porta. Me sentei na cama encolhendo os joelhos junto ao peito, repensando o que tinha acabado de escutar. *O que acontece em Cabo fica em Cabo*. A expressão no rosto de Lacie, as outras garotas de boca aberta. A cena ficava se repetindo na minha mente sem parar, como um filme. Os dois conversando naquela noite. O modo como ele deu de ombros quando eu disse que ela era legal.

Eu precisava ter certeza. Precisava ouvir aquilo de Jeremiah.

Saí do quarto e fui atrás dele. Enquanto procurava, sentia o choque se transformando em raiva. Abri caminho pela multidão.

— Ei! — reclamou uma garota bêbada, a voz arrastada, quando pisei em seu pé, mas não parei para me desculpar.

Finalmente encontrei Jeremiah parado do lado de fora, tomando cerveja com colegas da fraternidade. Pela porta aberta, chamei:

— Preciso falar com você.

— Só um segundo, Bells — pediu ele.

— Não, agora.

Os caras que estavam com Jeremiah gargalharam e disseram:

— Iiiih, tem alguém encrencado.

— Fisher vai entrar no chicote!

Esperei.

Jeremiah deve ter percebido alguma coisa nos meus olhos, porque me acompanhou até dentro de casa, escada acima, até o quarto dele. Fechei a porta.

— O que aconteceu? — perguntou Jere, todo preocupado.

Praticamente cuspi as palavras.

— Você ficou com a Lacie Barone durante as férias?

O rosto dele ficou muito pálido.

— O quê?

— Você ficou com a Lacie?

— Belly...

— Eu sabia — sussurrei. — Eu sabia!

Mas não sabia, não com certeza. Eu não sabia de nada.

— Espera, espera.

— Esperar?! — gritei. — Meu Deus, Jere! Não acredito!

Caí no chão. Minhas pernas não conseguiam me sustentar.

Jeremiah se ajoelhou ao meu lado e tentou me levantar, mas bati nas mãos dele para afastá-las.

— Não encosta em mim!

Ele se sentou e enfiou a cabeça entre os joelhos.

— Belly, a gente estava dando um tempo na época. Tínhamos terminado.

Eu o encarei.

Nosso suposto rompimento mal durou uma semana! Não foi nem um rompimento de verdade, não para mim. Sempre achei que a gente fosse voltar. Eu passei a semana toda chorando. Enquanto isso, ele tinha passado a semana pegando Lacie Barone em Cabo.

— Você sabia que a gente não tinha terminado de verdade! Sabia que não era pra valer.

— Como eu ia saber? — retrucou Jeremiah, visivelmente arrasado.

— Se eu sabia, você deveria saber!

Ele engoliu em seco.

— Lacie deu em cima de mim a semana toda. Ela não me deixava em paz. Juro que não queria ficar com ela. Aconteceu, só isso.

Ele não conseguiu continuar.

Eu me senti tão suja por dentro ao ouvi-lo dizer aquilo. Senti tanto nojo. Não queria pensar nos dois juntos, não queria visualizar a cena.

— Fica quieto. Não quero ouvir mais nada.

— Foi um erro.

— Um erro? Você chama isso de erro? Erro foi quando você deixou meus chinelos no chuveiro, eles ficaram mofados e tive que jogar fora. *Isso* é um erro, seu idiota.

Desabei em lágrimas.

Ele não disse nada. Ficou só sentado de cabeça baixa.

— Nem sei mais quem é você. — Senti o estômago revirar. — Acho que vou vomitar.

Jeremiah pegou a cesta de lixo ao lado da cama, e vomitei dentro dela, ofegante e aos prantos. Ele tentou acariciar minhas costas, mas me afastei.

— Não encosta em mim — murmurei, limpando a boca com o braço.

Aquilo não fazia sentido. Nada daquilo. Aquele não era o Jeremiah que eu conhecia. O meu Jeremiah jamais me magoaria daquele jeito. Ele nem olharia para outra garota. O meu Jeremiah era sincero, firme e forte. Eu não sabia quem era aquela pessoa diante de mim.

— Me desculpa — pediu ele. — Por favor, me desculpa.

Jeremiah também estava chorando. *Ótimo*, pensei. *Sofre mesmo para ver o que é bom*.

— Quero ser totalmente honesto com você, Belly. Não quero mais segredos.

Ele agora chorava copiosamente. Fiquei imóvel, sem mexer um fio de cabelo.

— Nós transamos.

Antes que eu me desse conta, minha mão acertou o rosto de Jere. Eu o esbofeteei com força. Não estava pensando, só agindo. Minha mão esquerda deixou uma marca vermelha no lado direito do rosto dele.

Ficamos nos encarando, chocados. Eu não conseguia acreditar que tinha batido em Jeremiah, nem ele. Aos poucos nos demos conta do que tinha acontecido. Eu nunca tinha batido em ninguém.

Ele esfregou o rosto e falou:

— Me desculpa.

Chorei mais ainda. Eu só tinha imaginado os dois se agarrando, se beijando. Nem sequer havia considerado a possibilidade de terem transado. Como eu era idiota.

— Não significou nada — disse Jeremiah. — Juro que não.

Ele tentou tocar no meu braço, e eu me encolhi. Sequei o rosto e falei:

— Talvez sexo não signifique nada pra você, Jere, mas é importante pra mim, e você sabe disso. Você estragou tudo. Nunca mais vou confiar em você.

Jeremiah tentou me puxar para perto, mas eu o empurrei.

— Estou dizendo que esse negócio com a Lacie não significou nada — insistiu, desesperado.

— Significa alguma coisa *pra mim*. E obviamente significou alguma coisa pra ela.

— Mas não estou apaixonado por ela! — gritou Jeremiah. — Estou apaixonado por você!

Ele se arrastou até mim e me abraçou.

— Não vai embora — implorou. — Por favor, não vai embora.

Tentei afastá-lo, mas ele era forte. Agarrou-se a mim como se eu fosse um bote e ele estivesse se afogando.

— Amo tanto você — insistiu, o corpo todo tremendo. — Pra mim, sempre existiu só você, Belly.

Senti vontade de gritar, de chorar, de tentar escapar daquilo. Mas não vi como. Abaixei os olhos para Jeremiah e tive a sensação de que eu era feita de pedra. Ele nunca havia me decepcionado. Descobrir aquilo naquele momento era ainda mais difícil, porque eu não tinha desconfiado de nada. Era difícil acreditar que apenas algumas horas antes ele atravessara o campo me carregando nas costas, e eu sentira que o amava mais do que nunca.

— Não dá pra recuperar o que se perdeu — falei, com a intenção de magoar, mesmo. — O que a gente tinha acabou. Perdemos tudo isso hoje à noite.

— A gente pode recuperar. Sei que pode — retrucou ele, desesperado.

Balancei a cabeça. As lágrimas insistiam em voltar, mas eu não queria mais chorar, não na frente dele. Nem junto com ele. Não queria me sentir triste. Não queria sentir nada. Sequei o rosto e me levantei.

— Vou embora.

Ele se levantou, cambaleando.

— Espera!

Eu o empurrei para passar e peguei minha bolsa na cama. Então, saí do quarto, disparei pela escada e fui embora. Corri até o ponto de ônibus, a bolsa batendo no ombro, os saltos estalando no chão. Quase tropecei e caí, mas consegui chegar. Peguei o ônibus bem no momento em que a última pessoa subia. Não olhei para trás para ver se Jeremiah tinha me seguido.

* * *

Minha colega de quarto, Jillian, já havia ido para casa passar as férias de verão, então pelo menos eu tinha o quarto só para mim e podia chorar em paz. Jeremiah ficou me ligando e mandando mensagens, mas desliguei o celular. Antes de me deitar, liguei novamente para ver as mensagens.

Estou com tanta vergonha.
Por favor, fala comigo.
Amo você e sempre vou amar.

Chorei mais.

5

QUANDO TERMINAMOS, EM abril, não tinha sido por nenhum motivo específico. Sim, brigávamos de vez em quando, mas nada muito grave.

Como na vez em que Shay deu uma festa na casa de campo da madrinha. Ela convidou uma porção de gente e disse que eu podia levar Jeremiah também. A ideia era se arrumar e dançar a noite toda. Passaríamos o fim de semana lá e seria incrível. Eu estava feliz só por ter sido chamada. Contei a Jeremiah, e ele disse que teria um amistoso com o time de futebol da faculdade, mas que eu poderia ir sem ele.

— Você não pode faltar ao jogo? — perguntei. — Nem é um jogo de verdade.

Foi uma coisa meio idiota de se dizer, mas eu disse, e estava falando sério.

Aquela foi nossa primeira briga. Não foi uma briga de verdade, não gritamos, nem nada assim, mas ele ficou bravo, e eu também.

Sempre saíamos com os amigos dele. De certo modo, fazia sentido. Jeremiah já tinha um grupo de amigos, e eu ainda estava formando o meu. Leva tempo para se aproximar das pessoas, e, como eu passava o tempo todo na casa da fraternidade dele, acabei demorando para fazer amizade

com as garotas do meu andar. Eu tinha a sensação de ter desistido de alguma coisa sem nem ter me dado conta. O convite de Shay significou muito para mim, e queria que fosse importante para Jere também.

E havia ainda outras coisas que me irritavam. Coisas que eu não sabia sobre Jeremiah, coisas que eu não teria como saber, vendo-o apenas no verão, na casa de praia. Por exemplo: como ele ficava insuportável quando fumava maconha com os colegas, comendo pizza de presunto com abacaxi e ouvindo "Gangsta's Paradise", do Coolio, rindo por horas.

Também não sabia das alergias sazonais dele. Nunca o via na primavera, então não tinha como saber desses problemas. Até que um dia Jeremiah me ligou, espirrando feito um louco, todo entupido e se lamentando.

— Pode vir ficar comigo? — pediu, assoando o nariz. — E pode trazer mais lencinhos de papel? E suco de laranja?

Tive que me segurar para não dizer: "Você tem alergia, não gripe suína."

Eu o visitara na fraternidade na véspera. Ele e o colega de quarto ficaram jogando videogame enquanto eu fazia meus trabalhos. Depois, assistimos a um filme de kung fu e pedimos comida indiana, embora eu não gostasse muito, porque meu estômago é muito sensível. Jeremiah disse que, quando ficava muito alérgico, só comida indiana fazia com que sentisse melhor. Passei a noite emburrada, comendo só naan e arroz, enquanto Jeremiah devorava frango tikka masala e assistia ao filme. Ele às vezes era tão desatento que não tinha como eu não achar que era de propósito.

— Quero muito ir, mas tenho um trabalho pra entregar amanhã — respondi, tentando soar chateada. — Acho melhor ficar por aqui. Desculpa.

— Bem, acho que eu posso ir praí — sugeriu ele. — Vou tomar uma tonelada de antialérgico e dormir enquanto você faz o trabalho. A gente pode pedir comida indiana de novo.

— É — concordei, mal-humorada. — Podemos.

Pelo menos eu não teria que pegar o ônibus. Mas teria que ir ao banheiro do corredor e pegar um rolo de papel higiênico, porque Jillian ficaria irritada se Jeremiah acabasse com o lenço de papel dela de novo.

Naquele momento, eu não tinha como saber que tudo aquilo era uma preparação para nossa primeira briga de verdade. Tivemos uma daquelas brigas de gritar e chorar, do tipo que eu jurei para mim mesma que jamais teria. Já tinha escutado Jillian ter brigas como aquela ao telefone, bem como as garotas do meu prédio, assim como Taylor. Nunca pensei que

aconteceria comigo. Eu achava que Jeremiah e eu nos dávamos muito bem, que nos conhecíamos há bastante tempo para termos aquele tipo de briga.

Uma briga é como um incêndio. Você acha que está tudo sob controle, acha que pode conter o fogo quando quiser, mas, antes que se dê conta, ele está incontrolável, como se fosse algo vivo, que respira, e você é que foi idiota de pensar que seria capaz de impedir a destruição.

* * *

No último minuto, Jeremiah e seus irmãos de fraternidade decidiram passar o recesso da primavera em Cabo. Eles encontraram alguma promoção imperdível na internet.

Eu já estava planejando ir para casa no recesso. Minha mãe e eu iríamos ao centro assistir a um balé, e Steven também estaria conosco. Por isso, eu queria voltar, queria mesmo. Mas ver Jeremiah organizar a viagem para Cabo me deixou cada vez mais ressentida. Ele também deveria ir para casa. Agora que Conrad estava na Califórnia, o Sr. Fisher ficava muito tempo sozinho. Jeremiah disse que planejava passar algum tempo com o pai, que talvez os dois pudessem visitar juntos o túmulo de Susannah. Também havíamos falado sobre passar uns dias em Cousins — Jeremiah sabia quanto eu queria ir para lá, sabia quanto significava para mim. Aquele lugar teve mais influência na minha formação do que minha própria casa. E, depois de perdermos Susannah, parecia ainda mais importante que continuássemos a ir para lá.

Mas Jere iria para Cabo. Sem mim.

— Você acha mesmo uma boa ir pra Cabo? — perguntei.

Jeremiah estava na escrivaninha, digitando alguma coisa no computador. Eu estava sentada na cama dele.

Ele ergueu os olhos, surpreso.

— É uma promoção boa demais pra deixar passar. Além disso, todos os meus irmãos da fraternidade vão. Não posso perder.

— É, mas achei que você iria pra casa, ficar com seu pai.

— Posso fazer isso nas férias de verão.

— Ainda faltam meses pro verão.

Cruzei e descruzei os braços.

Jeremiah franziu o cenho.

— Qual é o problema? Você está preocupada porque eu vou passar o recesso sem você?

Senti o rosto ficar vermelho.

— Não! Você pode ir pra onde quiser, eu não me importo. Só acho que seria legal você passar algum tempo com seu pai. E colocaram a lápide no túmulo da sua mãe. Pensei que você iria querer ver.

— Eu quero, mas posso fazer uma visita depois que as aulas acabarem. Você pode ir comigo. — Jeremiah me encarou. — Está com ciúmes?

— Não!

Ele estava sorrindo.

— Está preocupada com todos aqueles concursos de camiseta molhada?

— Não!

Aquelas piadinhas dele me irritaram. Era enfurecedor ser a única ali chateada com a situação.

— Se está tão preocupada, então venha com a gente, Bells. Vai ser divertido.

Ele não disse *N*ão *precisa ficar preocupada*. Disse: *Se está tão preocupada, então venha com a gente.* Eu sabia que Jeremiah não tinha falado com essa intenção, mas mesmo assim me incomodou.

— Você sabe que não tenho dinheiro. Além do mais, não quero ir pra Cabo com você e seus "irmãos". Não quero ser a única namorada pra estragar a diversão de vocês.

— Você não seria a única. Alison, a namorada do Josh, também vai.

Então Alison tinha sido convidada e eu não? Endireitei o corpo.

— Alison vai?

— Não é isso. Alison vai com a irmandade dela. Elas vão ocupar alguns quartos no mesmo resort que a gente. Foi assim que descobrimos a promoção. Mas não vamos ficar andando com elas o tempo todo. Vamos fazer coisas de homem, tipo corridas off-road no deserto. Alugar quadriciclos, praticar rapel, essas coisas.

Eu o encarei.

— Então, enquanto você vai correr no deserto com seus amiguinhos, quer que eu fique com um bando de garotas que não conheço?

Ele revirou os olhos.

— Você conhece a Alison. Vocês duas formaram dupla no campeonato de cerveja, lá em casa.

— Não importa. Não vou pra Cabo, vou pra casa. Minha mãe está com saudades.

O que eu não disse foi: *Seu pai também está com saudades de você*.

Jeremiah apenas deu de ombros, como se dissesse: *Tanto faz*. De cara, pensei: *Ah, então dane-se, vou falar mesmo*.

— Seu pai também está com saudades de você — falei.

— Ai, meu Deus. Belly, por que você não admite que isso não tem nada a ver com meu pai? Você só está paranoica porque vou viajar sem você.

— Então por que não começa admitindo que não quer que eu vá?

Ele hesitou. Eu o vi hesitar.

— Tudo bem. Sim, eu não me importaria se essa fosse uma viagem só com os caras.

Eu me levantei e falei:

— Ora, mas parece que vai estar cheio de garotas por lá. Divirta-se com as Zetas.

Nesse momento o pescoço dele começou a ficar bem vermelho.

— Se, a essa altura, você não confia em mim, não sei o que dizer. Nunca fiz nada que justificasse essas suas dúvidas. E, Belly, sinceramente, não preciso que você fique tentando me deixar culpado por causa do meu pai.

Comecei a me calçar, tão furiosa que minhas mãos tremiam enquanto eu amarrava os tênis.

— Não consigo acreditar em como você é egoísta.

— Eu? Agora eu sou o egoísta?

Ele balançou a cabeça, comprimindo os lábios. Então abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas logo mudou de ideia.

— Sim, você com certeza é o egoísta nesse relacionamento. É sempre você, seus amigos e sua fraternidade idiota em primeiro lugar. Eu já disse que acho a sua fraternidade idiota? Porque acho.

— O que ela tem de tão idiota? — retrucou ele, em voz baixa.

— Ela não passa de um bando de carinhas ricos privilegiados, gastando o dinheiro do papai, colando nas provas, indo bêbados pra aula.

Ele pareceu magoado.

— Não somos todos assim.

— Eu não estava me referindo a você.

— Estava, sim. Qual é, só porque não quero fazer medicina eu virei um cara preguiçoso de fraternidade?

— Não coloque a culpa do seu complexo de inferioridade em mim.

Eu disse aquilo sem pensar. Claro que já tinha passado pela minha cabeça, mas nunca verbalizara. Era Conrad que estava começando a estudar medicina. Era Conrad que estava em Stanford, trabalhando meio expediente em um laboratório. Enquanto Jeremiah era o cara que dizia para todo mundo que ia se formar em "cervejologia".

Ele ficou me encarando.

— Que merda é essa de "complexo de inferioridade?"

— Deixa pra lá.

Mas já era tarde quando percebi que tinha ido longe demais. Queria nunca ter dito aquilo.

— Se você acha que sou tão idiota, egoísta e esbanjador, por que está comigo?

Antes que eu pudesse responder, antes que pudesse dizer: *Você não é idiota, egoísta nem esbanjador*, antes que eu pudesse encerrar a briga, Jeremiah completou:

— Dane-se. Não vou mais gastar seu tempo. Vamos terminar essa história agora mesmo.

E eu retruquei:

— Ótimo.

Peguei minha mochila, mas não saí na hora. Estava esperando que Jeremiah me impedisse. Mas ele nem se mexeu.

Chorei o caminho todo até em casa. Não conseguia acreditar que a gente tinha terminado. Não parecia que aquilo havia mesmo acontecido. Esperei que Jeremiah me ligasse naquela noite. Era sexta-feira. Ele ia para Cabo no domingo de manhã, mas não me ligou.

Passei o recesso de primavera vagando pela casa, comendo batata chips e chorando.

— Fica calma — disse Steven. — Ele só não ligou porque é caro demais fazer ligações lá do México. Vocês vão voltar na semana que vem, eu garanto.

Ele tinha razão. Jeremiah só precisava de um pouco de espaço. Tudo bem, aquilo não era um problema. Quando ele voltasse, eu o procuraria e diria como estava arrependida, então consertaria as coisas, e seria como se nunca tivéssemos brigado.

Steven tinha mesmo razão. Voltamos a namorar na semana seguinte. Eu procurei Jeremiah e me desculpei, e ele também se desculpou. Nunca perguntei a ele se havia acontecido alguma coisa em Cabo. Essa

possibilidade nem sequer me ocorreu. Jeremiah tinha me amado a vida inteira, e eu acreditava naquele amor. Naquele cara.

Jere me trouxe de presente uma pulseira de conchinhas. Conchinhas brancas bem pequenas. Aquilo me deixou tão feliz.... foi assim que eu soube que ele havia pensado em mim durante a viagem, que sentira tanto minha falta quanto eu a dele. Jeremiah sabia, assim como eu, que o que havia entre nós não tinha terminado, que nunca terminaria. Ele passou a semana toda depois do recesso de primavera no meu quarto, comigo, e não com os irmãos de fraternidade. Jillian, minha colega de quarto, ficou louca, mas não me importei. Eu me sentia mais próxima de Jeremiah do que nunca. Sentia saudades até quando ele estava em aula.

Mas de repente eu sabia a verdade. Ele tinha comprado aquela pulseira barata idiota porque se sentia culpado. E eu estava tão desesperada para fazer as pazes que nem percebi.

6

QUANDO FECHAVA OS olhos, eu via os dois juntos, se beijando em uma banheira de hidromassagem. Na praia. Em alguma boate. Lacie Barone provavelmente fazia coisas que jamais passariam pela minha cabeça.

Mas é claro. Eu ainda era virgem.

Nunca tinha transado, nem com Jeremiah, nem com ninguém. Quando eu era mais nova, costumava imaginar minha primeira vez com Conrad. Não que eu ainda estivesse esperando por ele, só estava esperando a hora perfeita. Queria que fosse especial, que fosse o momento certo.

Eu nos imaginava finalmente transando na casa de praia, com as luzes apagadas e velas por toda parte, para que eu não ficasse muito envergonhada. Imaginei como Jere seria gentil e fofo. Nos últimos tempos, eu vinha me sentindo cada vez mais preparada. Havia pensado que, nesse verão, com nós dois novamente em Cousins... Achei que aconteceria.

Era humilhante pensar nisso agora, em como eu tinha sido ingênua. Achei que ele esperaria o tempo necessário para eu estar pronta. Acreditei mesmo nisso.

Mas como poderíamos ficar juntos agora? Quando pensava em Jere com ela, com Lacie, que era mais velha, mais sexy e muito mais experiente que

eu, ao menos na minha mente... eu sentia uma dor tão grande que era difícil até respirar. O fato de ela conhecer Jeremiah de um modo que eu ainda não conhecia, de ter experimentado algo com ele que eu ainda não experimentara — isso, para mim, era a maior traição de todas.

Um mês antes, por volta do aniversário da morte de Susannah, estávamos deitados na cama de casal de Jeremiah. Ele rolou para cima de mim e me encarou. E seus olhos eram tão parecidos com os da mãe que estendi a mão para cobri-los.

— Às vezes dói olhar pra você — falei.

Eu amava saber que podia dizer aquilo e que ele saberia exatamente do que eu estava falando.

— Feche os olhos — pediu Jeremiah.

Eu fiz isso, e ele se aproximou até ficar cara a cara comigo, e eu senti seu hálito de pasta de dentes no meu rosto. Passamos as pernas ao redor um do outro. Eu me senti dominada por uma súbita necessidade de mantê-lo perto de mim para sempre.

— Você acha que as coisas vão ser sempre assim? — perguntei.

— De que outro modo seriam? — retrucou Jeremiah.

Adormecemos daquele jeito, mesmo. Como crianças. Totalmente inocentes.

Não poderíamos voltar àquilo. Como conseguiríamos? Estava tudo destruído. Tudo, de março até ali, estava acabado.

7

QUANDO ACORDEI, NA manhã seguinte, meus olhos estavam tão inchados que praticamente não abriam. Lavei o rosto com água fria, mas não ajudou muito. Escovei os dentes e voltei para a cama. Eu acordava, ouvia as pessoas saindo dos dormitórios, então voltava a adormecer. Deveria estar arrumando as malas, mas só queria dormir. E assim passei o dia todo; acordei quando já estava escuro e não acendi as luzes, só fiquei deitada na cama até pegar no sono de novo.

* * *

Já era fim da tarde do dia seguinte quando finalmente me levantei. Quando digo "me levantei", na verdade estou querendo dizer "me sentei". Finalmente me sentei na cama. Estava com sede, me sentia desidratada de tanto chorar. Isso me animou a realmente sair da cama e andar o metro e meio que me separava do frigobar e pegar uma das garrafas de água que Jillian deixara.

Olhei para o outro lado do quarto, para a cama e as paredes vazias, e fiquei ainda mais deprimida. Na noite anterior eu só queria ficar sozinha, mas, naquele momento, achei que enlouqueceria se não conversasse com outra pessoa.

Fui até o quarto de Anika, no final do corredor. A primeira coisa que ela disse quando me viu foi:

— O que aconteceu?

Eu me sentei na cama e abracei o travesseiro dela. Tinha procurado Anika porque queria conversar, queria sair, mas de repente ficou difícil colocar tudo aquilo para fora. Eu estava com vergonha. Dele e por ele. Todos os meus amigos adoravam Jeremiah, achavam que ele era praticamente perfeito. Eu sabia que, assim que contasse a Anika, essa imagem que tinham dele desapareceria. E se tornaria real. Por alguma razão, eu ainda queria protegê-lo.

— Isa, o que houve?

Eu realmente achava que já havia chorado tudo que era possível chorar, mas ainda havia lágrimas para descer. Decidi contar logo:

— Jeremiah me traiu.

Anika afundou na cama.

— Está de sacanagem — sussurrou. — Quando? Com quem?

— Lacie Barone, aquela garota da irmandade dele. No recesso de primavera. Quando a gente tinha terminado.

Ela assentiu, assimilado a informação.

— Estou com tanta raiva dele. Por ficar com outra garota e não me contar durante esse tempo todo. Não contar é o mesmo que mentir. Estou me sentindo tão idiota.

Anika me estendeu a caixa de lenços de papel que estava em cima da escrivaninha.

— Amiga, sente tudo que você acha que tem que sentir. Se permita — aconselhou.

Assoei o nariz.

— Eu sinto... como se não o conhecesse de verdade. Sinto que nunca mais vou conseguir confiar nele de novo.

— Acho que guardar um segredo desses da pessoa que se ama é a pior parte — concordou Anika.

— Você não acha que a traição em si é a pior parte?

— Não. Quer dizer, sim, é horrível. Mas ele deveria ter simplesmente contado. Foi o segredo que tornou tudo pior.

Fiquei em silêncio. Eu também tinha um segredo. Que não havia contado a ninguém, nem mesmo para Anika ou Taylor. Eu dizia a mim mesma que era porque não era importante, então tirava aquilo da cabeça.

Nos últimos anos, eu às vezes resgatava alguma lembrança de Conrad e pensava bastante nela, admirava cada detalhe, assim como fazia com minha antiga coleção de conchas — me dava prazer só tocar cada concha, os sulcos, a suavidade fria. Mesmo depois que Jeremiah e eu começamos a namorar, de vez em quando, sentada na sala de aula, esperando o ônibus, ou quando estava tentando dormir, eu resgatava alguma antiga lembrança. Da primeira vez em que o vencera em uma competição de natação. De quando ele me ensinara a dançar. Do jeito como ele molhava o cabelo toda manhã.

Mas havia uma lembrança em particular que eu me obrigava a deixar no passado. Não era permitido resgatá-la.

8

FOI NO DIA depois do Natal. Minha mãe tinha ido passar uma semana na Turquia, uma viagem que ela já adiara duas vezes — uma quando o câncer de Susannah voltou e de novo quando Susannah morreu. Meu pai estava com a família da namorada, Linda, em Washington. Steven tinha viajado com uns amigos da faculdade para esquiar. Jeremiah e o Sr. Fisher estavam visitando parentes em Nova York.

E eu? Eu estava em casa, assistindo a *Uma história de Natal* pela terceira vez. Tinha vestido meu pijama de Natal, que Susannah me dera uns anos antes; era de flanela vermelha, com uma estampa alegre de pinheiro, comprido demais nas pernas. Parte da diversão de usar aquele pijama era enrolar as mangas da blusa e as pernas da calça. Eu tinha acabado de jantar uma pizza congelada de pepperoni e o resto dos biscoitos que minha mãe ganhara de um aluno.

Estava começando a me sentir como Kevin, o personagem principal de *Esqueceram de mim*. Oito horas da noite de um sábado, e eu dançando pela sala ao som de "Rockin' Around the Christmas Tree", sentindo pena de mim mesma. Minhas notas do semestre anterior tinham sido ruins. Minha família toda viajara. Eu estava comendo pizza congelada sozinha. E,

quando Steven me viu, quando voltei para casa, a primeira coisa que disse foi: “Uau, os famosos dez quilos dos calouros, hein?” Soquei o braço dele, que disse que estava brincando, mas não estava: eu havia engordado cinco quilos em quatro meses. Ao que parecia, comer asinhas de frango apimentadas, miojo e pizza da Domino’s às quatro da manhã com os meninos fazia isso com uma garota. Mas e daí? Os famosos dez quilos a mais dos calouros eram um rito de passagem.

Fui até o banheiro do térreo e bati nas bochechas, como Kevin faz no filme.

— E daí? — gritei.

Não deixaria aquilo me abater. De repente, tive uma ideia. Subi a escada correndo e comecei a jogar coisas dentro da mochila — o romance que minha mãe me dera de presente no Natal, leggings, meias grossas... Por que deveria ficar sozinha em casa quando poderia estar no meu lugar favorito do mundo todo?

Quinze minutos depois, já havia lavado os pratos do jantar, apagado todas as luzes e estava no carro de Steven. O carro dele era mais legal que o meu, e o que os olhos não veem, o coração não sente. Ninguém mandou ele fazer comentários sobre meu peso.

Eu estava indo para Cousins, ouvindo “Please Come Home for Christmas” (a versão de Bon Jovi, é claro) e beliscando pretzels com cobertura de chocolate e granulado verde e vermelho (outro presente da minha mãe). Eu sabia que havia tomado a decisão certa. Chegaria à casa de praia rapidinho. Acenderia a lareira, prepararia chocolate quente para combinar com os pretzels, acordaria de manhã e veria a praia no inverno. É claro que eu gostava muito mais dela no verão, mas, para mim, no inverno a praia tinha um charme especial. Decidi que não diria a ninguém que tinha ido para lá. Quando todos voltassem de suas viagens, aquele seria meu segredinho.

* * *

Realmente cheguei a Cousins rápido. A estrada estava bem deserta, e cheguei em um piscar de olhos. Quando entrei na garagem, deixei escapar um grito de comemoração. Era bom estar de volta. Aquela era minha primeira vez na casa em mais de um ano.

Encontrei o conjunto de chaves extra onde sempre ficava — embaixo de uma tábua solta na varanda. Eu estava muito animada quando entrei e acendi as luzes.

A casa estava um gelo, e acender a lareira foi muito mais difícil do que imaginei. Logo desisti e preparei um chocolate quente enquanto esperava o aquecedor começar a funcionar. Peguei uma porção de mantas no roupeiro e fiquei toda aconchegada embaixo delas no sofá, com meus pretzels e minha caneca de chocolate quente. Estava passando *Como o Grinch roubou o Natal*, e caí no sono ao som dos Quem de Quemlândia cantando "Welcome Christmas".

Acordei com o barulho de alguém invadindo a casa. Ouvi baterem à porta, depois forçarem a fechadura. A princípio, fiquei só parada embaixo das cobertas, apavorada, tentando não respirar alto demais. Não parava de pensar: *Ai, meu Deus... Ai, meu Deus, é igualzinho a* Esqueceram de mim. *O que Kevin faria? O que Kevin faria?* Kevin provavelmente montaria uma armadilha no saguão, mas eu não tinha tempo para isso.

Então, o invasor gritou:

— Steven? Você está aí?

Pensei: *Ai, meu Deus, já tem outro ladrão dentro de casa, e ele se chama Steven!*

Eu me escondi embaixo da manta, mas logo pensei: *Kevin não se esconderia embaixo de uma manta. Ele protegeria a casa.*

Peguei o atiçador da lareira e meu celular e fui pé ante pé até o saguão. Estava assustada demais para olhar pela janela e não queria que o invasor me visse, por isso só me encostei na porta e fiquei de ouvidos atentos, pronta para ligar para a polícia.

— Steven, abre a porta. Sou eu.

Meu coração quase parou. Eu conhecia aquela voz. Não era a voz de um ladrão. Era Conrad.

Abri a porta de repente. Era mesmo ele. Ficamos nos encarando por alguns segundos. Não sabia que me sentiria daquele jeito quando voltasse a vê-lo. O coração na garganta, a respiração difícil. Por aqueles poucos segundos, esqueci tudo. Só havia ele.

Conrad estava usando um casaco de inverno que eu nunca vira, marrom-claro, e chupava uma minibengala doce, que caiu de sua boca.

— O que está acontecendo? — falou, a boca ainda aberta.

Quando o abracei, percebi que cheirava a hortelã e a Natal.

Seu rosto estava frio.

— Por que está segurando um atiçador?

Recuei um passo.

— Achei que fosse um ladrão.

— É claro que achou.

Conrad me acompanhou até a sala de estar e se sentou na poltrona em frente ao sofá. Ele ainda parecia chocado.

— O que você está fazendo aqui?

Dei de ombros e deixei o atiçador na mesa de centro. A onda de adrenalina começava a passar, e eu já me sentia meio boba.

— Estava sozinha em casa e fiquei com vontade de vir pra cá. E o que *você* está fazendo aqui? Eu nem sabia que ia voltar.

Conrad agora morava na Califórnia. Eu não o via desde que ele se mudara para lá, no ano anterior. Ele estava com a barba por fazer, como se não se barbeasse havia alguns dias, mas os pelos não pareciam ásperos. Também estava bronzeado, o que achei estranho, já que era inverno, mas logo me lembrei de que a faculdade dele era na Califórnia, onde sempre fazia sol.

— Meu pai me mandou uma passagem de última hora. O avião demorou uma eternidade pra pousar, por causa da neve, por isso cheguei tarde. Como Jere e meu pai ainda estão em Nova York, pensei em vir pra cá.

Ele franziu o cenho.

— O que foi? — perguntei, de repente meio constrangida.

Tentei alisar a parte de trás do cabelo, que estava todo arrepiado. Toquei discretamente os cantos da boca. Será que eu estava com baba escorrendo?

— Você está com o rosto todo sujo de chocolate.

Limpei a boca com a mão.

— Não estou, não — menti. — Deve ser sujeira mesmo.

Ele ergueu as sobrancelhas, achando graça, reparando na lata quase vazia de pretzels cobertos de chocolate.

— Resolveu enfiar logo a cabeça dentro da lata, pra poupar tempo?

— Para com isso — falei, mas não consegui evitar o sorriso.

A única iluminação na sala vinha da televisão. Era surreal estar com Conrad daquele jeito; parecia uma reviravolta do destino. Estremeci e me enrolei mais nas mantas.

Ele tirou o casaco.

— Quer que eu acenda a lareira? — ofereceu.

Aceitei na hora.

— Quero! Por algum motivo eu não consegui.

— É preciso um toque especial — explicou Conrad, daquele jeito arrogante, que àquela altura eu sabia ser só fachada.

Era tudo tão familiar. Já havíamos estado ali antes, daquele jeito, só nós dois, apenas dois Natais antes. Tanta coisa acontecera desde então. Conrad agora tinha uma vida completamente nova, e eu também. Ainda assim, de certo modo, era como se nenhum tempo ou distância houvesse nos separado. De certo modo, parecia tudo como antes.

Provavelmente ele estava pensando a mesma coisa, porque disse:

— Talvez seja tarde demais pra acender a lareira. Acho que vou pra cama logo. — Conrad se levantou e seguiu até a escada. Então, se virou e perguntou: — Você vai dormir aqui?

— Vou. Enroladinha que nem um burrito.

Antes de subir, Conrad parou e disse:

— Feliz Natal, Belly. É muito bom ver você.

— Também gostei de ver você.

* * *

Na manhã seguinte, assim que acordei, tive a sensação engraçada de que ele já tinha ido embora. Não sei por quê. Saí correndo para a escada para checar, mas tropecei na calça do pijama e caí de costas, batendo com a cabeça no chão.

Fiquei deitada ali, com lágrimas nos olhos, olhando para o teto. A dor era surreal. Então Conrad surgiu acima de mim.

— Você está bem? — perguntou, de boca cheia, provavelmente de cereal.

Ele tentou me sentar, mas sacudi a mão, dispensando a ajuda.

— Me deixa em paz — murmurei, torcendo para que, se piscasse rápido o bastante, minhas lágrimas secassem.

— Está machucada? Consegue se mexer?

— Achei que você tivesse ido embora.

— Não. Ainda estou aqui. — Ele se ajoelhou ao meu lado. — Só deixa eu tentar levantar você.

Balancei a cabeça, negando.

Conrad deitou no chão ao meu lado, e ficamos os dois ali, no piso de madeira, como se estivéssemos prestes a fazer anjos de neve.

— Está doendo muito? Em uma escala de um a dez? Acha que quebrou alguma coisa?

— Em uma escala de um a dez... está doendo onze.

— Você é tão molenga quando está com dor... — disse ele, mas parecia preocupado.

— Não sou, não.

Eu estava prestes a provar que ele estava certo. Até eu conseguia perceber como minha voz estava chorosa.

— Ei, esse tombo que você levou não foi brincadeira. Foi como nos desenhos animados, quando os bichos pisam em uma casca de banana e escorregam e caem.

De repente, já não sentia mais vontade de chorar.

— Está me chamando de bicho? — perguntei, irritada, virando a cabeça para encará-lo.

Conrad tentou ficar sério, mas os cantos de sua boca já se curvavam em um sorriso. Ele virou a cabeça para me olhar, e nós dois começamos a rir. Eu ri tanto que minhas costas doeram ainda mais.

— Ai! — reclamei, no meio da risada.

Ele se sentou.

— Vou carregar você até o sofá.

— Não — protestei, sem muita força. — Estou pesada demais pra você. Vou me levantar em um minuto, só me deixa ficar aqui por um tempinho.

Conrad franziu o cenho, e percebi que tinha ficado ofendido.

— Sei que não consigo puxar o equivalente ao meu peso corporal na academia que nem o Jere, mas consigo pegar uma garota no colo, Belly.

Fiquei confusa.

— Não é isso. Estou mais pesada do que você pensa. Sabe como é, os famosos dez quilos a mais dos calouros, ou sei lá o quê.

Meu rosto ficou quente e, por um instante, esqueci como minhas costas estavam doendo, ou como era estranho ele mencionar Jere. Só me senti constrangida.

Conrad voltou a falar em voz baixa:

— Ah, pra mim você não mudou nada.

Então, com muita gentileza, ele me levantou do chão e me pegou no colo.

Passei um dos braços ao redor do pescoço dele e comentei:

— Devem ter sido uns cinco. Cinco quilos de caloura.

— Não se preocupe. Está tranquilo.

Ele me carregou até o sofá e me colocou lá, deitada.

— Vou pegar um analgésico. Deve ajudar um pouco.

Olhei para ele e pensei, subitamente: *Ai, meu Deus. Ainda amo você*.

Eu tinha pensado que meus sentimentos por Conrad estavam escondidos, em segurança, como meus patins velhos e o reloginho de ouro que meu pai comprara para mim assim que aprendi a ver as horas.

Mas só porque a gente enterra alguma coisa não significa que ela deixa de existir. Aqueles sentimentos estavam ali o tempo todo. Nunca tinham mudado. Eu simplesmente precisava encarar a realidade. Conrad era parte do meu DNA. Eu tinha cabelo castanho, sardas e Conrad no coração. Ele habitaria para sempre aquela minúscula parte do meu corpo, a parte da garotinha que ainda acreditava em musicais, mas era só isso. Era tudo que ele teria de mim. Jeremiah ficara com todo o resto — o meu eu presente e o meu eu futuro. Era isso que importava. Não o passado.

Talvez fosse assim com todos os primeiros amores. Eles sempre teriam parte do nosso coração. Conrad aos doze, treze, catorze, quinze, dezesseis, até mesmo dezessete anos de idade. Pelo resto da minha vida, eu pensaria nele com carinho, como pensamos no nosso primeiro bichinho de estimação, no primeiro carro que dirigimos. Os primeiros são importantes. Mas eu tinha certeza de que os últimos eram ainda mais importantes. E Jeremiah seria o meu último, o meu tudo e o meu sempre.

* * *

Conrad e eu passamos o resto do dia juntos, mas não exatamente. Ele acendeu a lareira, depois ficou lendo na mesa da cozinha enquanto eu via *A felicidade não se compra*. Tomamos sopa de tomate e comemos o resto dos meus pretzels no almoço, depois ele saiu para correr na praia, e eu fui assistir a *Casablanca*. Estava secando as lágrimas com a manga da camiseta quando ele voltou.

— Esse filme sempre me dá uma dor no coração — grunhi.

Ele tirou o casaco de flanela e perguntou:

— Por quê? O final é feliz. Foi muito melhor pra ela ficar com o Laszlo.

Eu o encarei, surpresa.

— Você assistiu a *Casablanca*?

— É claro. É um clássico.

— Olha, obviamente você não prestou muita atenção, porque Rick e Ilsa foram feitos um pro outro.

Conrad bufou.

— A historinha de amor dos dois não é nada comparada ao trabalho que Laszlo estava fazendo pra Resistência.

Assoei o nariz em um guardanapo e retruquei:

— Pra um garoto tão novo, você é cínico demais.

Ele revirou os olhos.

— E pra uma garota supostamente adulta, você é sensível demais.

Conrad foi até a escada.

— Robô! — gritei. — Homem de lata!

Eu o ouvi rindo enquanto fechava a porta do banheiro.

Na manhã seguinte, Conrad já tinha partido. Ele foi embora como achei que iria: sem se despedir. Só desapareceu, feito um fantasma. Conrad, o Fantasma do Natal Passado.

* * *

Jeremiah me ligou quando eu estava voltando de Cousins. Ele perguntou o que eu estava fazendo, e contei que estava voltando para casa, mas não disse de onde. Tomei a decisão em uma fração de segundos. Na hora, não soube por que menti. Só não queria que ele soubesse.

Decidi que, no fim, Conrad estava certo. Ilsa deveria ficar com Laszlo. Era assim que as coisas deveriam mesmo terminar. Rick não era nada além de um minúsculo pedaço do passado, um pedaço que ela guardaria com carinho para sempre — mas não passava disso, porque história era só isso: história.

9

DEPOIS QUE SAÍ do quarto de Anika, liguei o celular. Havia mensagens e e-mails de Jeremiah, e não paravam de chegar mais. Entrei embaixo das cobertas e li todas, cada uma delas. Então reli tudo e, quando terminei, finalmente escrevi de volta para ele, dizendo: *Preciso de um pouco de espaço*. Ele respondeu *OK*, e foi a última mensagem que recebi dele naquele dia. Mesmo assim, continuei a checar o celular para ver se havia mais alguma coisa; quando vi que não, fiquei desapontada, embora soubesse que não tinha o direito de ficar. Queria que Jeremiah me deixasse em paz e que ele continuasse a tentar consertar as coisas entre nós. Mas se eu mesma não sabia exatamente o que queria, como ele poderia saber?

Fiquei no quarto, fazendo as malas. Estava com fome, e ainda tinha algum dinheiro no vale-refeição, mas estava com medo de dar de cara com Lacie no campus. Ou pior, com Jeremiah. Além disso, era bom ter algo para fazer e ouvir música alto sem reclamações da minha colega de quarto, Jillian.

Quando não consegui mais aguentar a fome, liguei para Taylor e contei tudo. Ela deu um berro tão alto que tive que afastar o fone do ouvido.

Apareceu no meu quarto logo depois, trazendo um burrito e vitamina de banana com morango. E não parava de balançar a cabeça e dizer:

— Essa vadia da Zeta Phi.

— Não foi só ela, foi ele também — retruquei, mastigando o burrito.

— Ah, eu sei. Você vai ver. Vou arranhar a cara do Jeremiah todinha quando encontrar com ele. Ele vai ficar tão arrebentado que nenhuma garota vai querer chegar perto dele de novo. — Ela examinou as unhas bem-feitas como se fossem armas. — Quando eu for ao salão amanhã, vou pedir a Danielle pra deixá-las ainda mais afiadas.

Senti um calorzinho no coração. Há algumas coisas que só uma amiga que conhece a gente a vida inteira pode dizer e que, no mesmo instante, fazem com que a gente se sinta melhor.

— Não precisa, Taylor.

— Mas eu quero. — Ela enroscou o dedo mindinho no meu. — Você está bem?

Assenti.

— Melhor agora que você está aqui.

Eu estava nas últimas gotas da vitamina quando Taylor me perguntou:

— Acha que vai voltar com ele?

Fiquei surpresa e verdadeiramente aliviada por não ouvir qualquer julgamento na voz dela.

— O que você faria? — perguntei.

— Essa decisão é sua.

— Eu sei, mas... *você* voltaria com ele?

— Sob circunstâncias normais, não. Se um carinha qualquer me traísse enquanto a gente estivesse passando um tempo longe um do outro, se ele ao menos olhasse para outra garota, não. Ele estaria morto pra mim. — Ela mordeu o canudo. — Mas Jeremiah não é um cara qualquer. Vocês têm um passado.

— E toda aquela história de destruir a cara dele?

— Não me entenda mal, estou sentindo um ódio imenso dele. Jeremiah fez uma merda colossal. Mas ele nunca foi só um cara qualquer, não pra você. Isso é fato.

Não falei nada. Sabia que ela estava certa.

— Ainda posso juntar minhas companheiras de irmandade hoje à noite e furar os pneus do carro dele. — Taylor deu uma batidinha no meu ombro. — E aí? O que acha?

Ela estava tentando me fazer rir, e funcionou. Ri pela primeira vez depois de um bom tempo.

10

DEPOIS DA NOSSA briga durante as férias, antes do último ano do colégio, eu realmente achei que Taylor e eu faríamos as pazes rápido, como sempre acontecia. Achei que estaria tudo bem de novo em uma semana, no máximo — afinal, por que a gente estava com raiva mesmo? Tudo bem, nós duas dissemos coisas que magoaram uma à outra — eu a acusei de agir feito criança, ela me chamou de melhor amiga horrorosa, mas não era a nossa primeira briga. Melhores amigas brigavam, mesmo.

Quando voltei de Cousins, coloquei os sapatos e as roupas de Taylor em uma bolsa, pronta para devolver tudo assim que ela me indicasse que já não estávamos mais brigadas. Era sempre Taylor quem sinalizava o fim das nossas brigas, era sempre ela quem começava nossa reconciliação.

Esperei, mas isso não aconteceu. Fui até a Marcy's algumas vezes, torcendo para esbarrar nela e para que fôssemos forçadas a conversar. Taylor nunca apareceu. Semanas se passaram. O verão estava quase terminando.

Jeremiah não parava de falar a mesma coisa que vinha dizendo ao longo das férias.

— Não se preocupe. Vocês vão fazer as pazes. Sempre fazem.

— Você não entende, dessa vez é diferente. Ela nem olha pra mim.

— Tudo isso por causa de uma festa — comentou ele.

— Não é só por causa de uma festa.

— Eu sei, eu sei... Espere um minuto, Bells. — Eu o ouvi falando com alguém, então voltou ao telefone. — Nossas asinhas de frango acabaram de chegar. Quer que eu ligue de volta depois de comer? Vai ser rápido.

— Não. Está tudo bem.

— Não fique brava.

— Não estou — respondi.

E não estava. Não de verdade. Como ele poderia entender o que estava acontecendo entre mim e Taylor? Garotos nunca entendiam. Ele não compreendia como era importante, como era realmente essencial para mim que Taylor e eu começássemos nosso último ano do ensino médio juntas, uma apoiando a outra.

Então por que eu simplesmente não ligava para ela? Em parte, por orgulho, em parte por alguma outra coisa. Era eu quem ficava me afastando dela esse tempo todo, e ela quem insistia em nos manter juntas. Talvez eu achasse que estava me cansando dela, que talvez fosse melhor assim. Teríamos mesmo que nos despedir no ano seguinte, então poderia ser mais fácil desse jeito. Talvez tivéssemos ficado muito dependentes uma da outra, talvez mais eu dela do que o contrário, e agora eu precisava me virar por conta própria. Foi o que disse a mim mesma.

Quando expliquei isso a Jeremiah, na noite seguinte, a resposta dele foi:

— Só liga pra ela e pronto.

Eu tinha certeza de que ele só estava de saco cheio de me ouvir falar daquele assunto, então encerrei logo a conversa.

— Pode ser. Vou pensar a respeito.

* * *

Na última semana das férias, em que eu costumava retornar da temporada em Cousins, a gente sempre fazia as compras de "volta às aulas" juntas. Fazíamos isso desde o ensino fundamental. Taylor sempre sabia o tipo certo de calça jeans para comprar. Nós passávamos em lojas de cosméticos do shopping e aproveitávamos promoções do tipo "Compre três e leve quatro", então voltávamos para casa e dividíamos tudo de modo que cada uma

ficasse com um hidratante, um sabonete líquido e um esfoliante. E assim garantíamos nosso estoque ao menos até o Natal.

Naquele ano, fui com minha mãe, que odiava fazer compras. Estávamos na fila para pagar minha calça jeans quando Taylor e a mãe dela entraram na loja carregando várias sacolas de compras.

— Luce! — chamou minha mãe.

A Sra. Jewel acenou e veio direto até nós, com a filha atrás, de óculos escuros e short. Minha mãe abraçou Taylor, e a Sra. Jewel fez o mesmo comigo.

— Faz tempo que não vejo você, meu bem — comentou ela. Então se virou para minha mãe e disse: — Laurel, dá pra acreditar em como nossas menininhas estão crescidas? Meu Deus, eu me lembro de quando elas insistiam em fazer tudo juntas. Tomar banho, cortar o cabelo, tudo.

— Eu me lembro também — disse minha mãe, sorrindo.

Encontrei os olhos de Taylor. Nossas mães continuaram a conversar, e ficamos paradas ali, nos encarando, mas sem nos olharmos de verdade.

Depois de um minuto, Taylor pegou o celular. Eu não queria deixar aquele momento passar sem dizer alguma coisa para ela.

— Encontrou alguma coisa boa? — perguntei.

Taylor assentiu. Como estava usando óculos escuros, era difícil saber o que se passava pela cabeça dela. Mas eu conhecia bem minha amiga. Ela adorava se vangloriar das suas compras.

Taylor hesitou antes de dizer:

— Encontrei botas incríveis com vinte e cinco por cento de desconto. E dois vestidos que dá pra usar no inverno com meia-calça e casaco.

Assenti. Então, era nossa vez de pagar e falei:

— Bem, a gente se vê na escola.

— Tchau — disse ela, e se virou para ir embora.

Sem pensar, entreguei o jeans a minha mãe e detive Taylor. Poderia ser a última vez que a gente conversava se eu não dissesse alguma coisa.

— Espera — chamei. — Quer dar um pulo lá em casa hoje à noite? Comprei uma saia nova, mas não sei se devo usar com a blusa pra dentro ou...

Ela mordiscou o lábio por um segundo, então respondeu:

— Está bem. Me liga.

Taylor foi lá para casa naquela noite. Ela me mostrou como usar a saia, explicando que sapatos e que blusas combinavam melhor. As coisas não

voltaram a ser como antes, não de imediato, e talvez isso nunca acontecesse. Estávamos crescendo. Ainda estávamos descobrindo como fazer parte da vida uma da outra sem sermos tudo uma para a outra.

* * *

O mais irônico foi que terminamos na mesma universidade. De todas as faculdades do mundo, acabamos indo para a mesma. Era o destino. Estávamos fadadas a ser amigas. Estávamos fadadas a fazer parte da vida uma da outra — e sabe de uma coisa? Fiquei feliz. Não passávamos tanto tempo juntas, como antes. Taylor tinha as amigas da irmandade dela, e eu tinha as minhas amigas do corredor do alojamento. Mas ainda tínhamos uma à outra.

11

NO DIA SEGUINTE, não consegui mais aguentar. Liguei para Jeremiah. Disse que precisava vê-lo, que ele deveria passar no alojamento, e minha voz vacilou quando falei isso. Do outro lado da linha, percebi como ele estava grato, como estava ansioso para fazer as pazes. Tentei justificar minha ligação impulsiva dizendo a mim mesma que precisava vê-lo cara a cara para conseguir seguir em frente. A verdade era que eu sentia saudades dele. Provavelmente, tanto quanto ele, eu queria descobrir um modo de esquecer o que tinha acontecido.

Mas, por mais saudades que eu sentisse, quando abri a porta e vi o rosto dele de novo, a mágoa voltou com toda a força. Jeremiah percebeu. Ele chegou parecendo esperançoso, mas, quando viu minha expressão, ficou desesperado. Quando tentou me puxar para um abraço, eu queria retribuir, mas não consegui. Acabei só balançando a cabeça e o afastando de mim.

Nós nos sentamos na minha cama, de costas apoiadas na parede, as pernas penduradas.

— Como vou saber que você não vai fazer isso de novo? — perguntei. — Como vou confiar em você?

Jeremiah se levantou. Por um segundo, achei que ia embora, e meu coração quase parou.

Mas então ele se ajoelhou bem na minha frente e disse, bem baixinho:

— Você poderia se casar comigo.

A princípio, pensei que não tivesse ouvido direito. Mas então ele repetiu, dessa vez mais alto:

— Casa comigo.

Ele enfiou a mão no bolso da calça e tirou um anel. Um anel de prata com um pequeno diamante no meio.

— Isso é provisório, só até eu ter como comprar um anel... com meu dinheiro, não com o do meu pai.

Eu não conseguia sentir meu corpo. Jeremiah ainda estava falando, mas eu nem ouvia. Só conseguia encarar o anel na mão dele.

— Eu te amo tanto. Esses dois últimos dias foram um inferno sem você. — Ele respirou fundo. — Sinto tanto por ter magoado você, Bells. O que eu fiz... foi imperdoável. Sei que estraguei tudo entre a gente, que vou ter que me esforçar muito pra que você confie em mim de novo. Eu faço o que for preciso, se você deixar. Você... está disposta a me deixar tentar?

— Não sei — sussurrei.

Ele engoliu em seco, nervoso.

— Vou tentar com todas as minhas forças, juro. Vamos conseguir um apartamento fora do campus e deixar o lugar bem bonitinho. Eu lavo as roupas. E vou aprender a cozinhar outra coisa além de miojo e cereal.

— Colocar cereal em uma tigela não é exatamente cozinhar — retruquei, desviando os olhos, porque pensar no que ele estava sugerindo era demais para mim.

Eu também imaginava aquilo. Como poderia ser incrível. Nós dois, começando em um lugar só nosso.

Jeremiah segurou minhas mãos, mas eu as puxei de volta. Ele insistiu:

— Belly, você não vê? Tem sido nossa história o tempo todo. A sua e a minha. De mais ninguém.

Fechei os olhos, tentando clarear a mente. Quando voltei a abri-los, falei:

— Você só quer apagar o que fez se casando comigo.

— Não. Não é isso. O que aconteceu na outra noite — ele hesitou — ... me fez perceber uma coisa. Não quero ficar sem você. Nunca. Você é a única garota pra mim. Eu sempre soube disso. Nesse mundo todo, nunca vou amar outra garota do jeito que amo você.

Jeremiah pegou minha mão de novo e, daquela vez, não me afastei.

— Você ainda me ama? — perguntou.

Respirei fundo antes de falar.

— Amo.

— Então, por favor, casa comigo.

— Você nunca mais pode me magoar desse jeito de novo — declarei, em um tom que era um misto de aviso e súplica.

— Nunca mais — prometeu Jeremiah, e eu sabia que ele falava sério.

Jere me olhava com uma expressão tão determinada, tão honesta. Eu conhecia o rosto dele tão bem, talvez melhor do que o de qualquer outra pessoa. Cada traço, cada curva. O calombinho no nariz, de quando ele se machucou surfando; a cicatriz já quase apagada na testa, da vez em que ele e Conrad estavam brigando no recreio e derrubaram uma planta. Eu estava presente nesses momentos. Talvez conhecesse o rosto dele melhor do que conhecia o meu, depois das horas que passara encarando-o enquanto ele dormia, traçando com o dedo o contorno do seu perfil. Talvez ele se sentisse do mesmo jeito em relação a mim.

Eu não queria ver uma marca no rosto dele um dia e não saber como ela surgira. Queria estar com ele. O rosto que eu amava era o dele.

Sem dizer nada, tirei a mão da dele e vi a decepção em seu rosto. Então, estendi a mão e os olhos de Jeremiah brilharam. A felicidade que eu senti naquele momento... não conseguiria expressar em palavras. Ele tremia enquanto colocava o anel no meu dedo.

— Isabel Conklin, aceita se casar comigo? — perguntou Jeremiah, em uma voz séria que eu nunca o ouvira usar.

— Sim, eu aceito me casar com você — respondi.

Ele me envolveu em um abraço, e ficamos assim, entrelaçados como se fôssemos a boia de salvação um do outro. Eu só conseguia pensar que, se havíamos conseguido atravessar aquela tempestade, conseguiríamos passar por qualquer coisa. Ele tinha cometido erros, e eu também. Mas nós nos amávamos, e isso era tudo que importava.

Fizemos planos naquela noite — onde iríamos morar, como contaríamos aos nossos pais. Os últimos dias pareciam fazer parte de outra vida. Naquele dia, sem dizermos uma palavra a respeito, decidimos deixar o passado para trás. Era no futuro que estávamos concentrados.

12

NAQUELA NOITE, SONHEI com Conrad. Eu estava com a mesma idade, mas ele era mais novo, com uns dez ou onze anos. Acho que ele estava usando um macacão. Nós dois brincávamos do lado de fora da minha casa até ficar escuro, só correndo ao redor do pátio. No sonho, eu disse:

— Susannah vai querer saber onde você está. É melhor ir pra casa.

— Não posso. Não sei como ir. Você me ajuda?

Então fiquei triste, porque eu também não sabia. Não estávamos mais na minha casa, e estava muito escuro. Estávamos no bosque. Perdidos.

Acordei chorando, com Jeremiah adormecido ao meu lado. Eu me sentei na cama. Estava escuro, e a única iluminação no quarto era a que vinha do meu despertador. Eram 4h57. Então me deitei de novo.

Sequei os olhos, então me deixei envolver pelo cheiro de Jeremiah, pela doçura de seu rosto, pelo modo como seu peito subia e descia a cada respiração. Jeremiah estava ali. Era sólido e real, e estava grudado em mim, do jeito que se dorme apertado uma cama de solteiro. Estávamos próximos assim.

Pela manhã, quando acordei, não me lembrei logo, mas o sonho estava ali, no fundo da minha mente, em um lugar que eu não conseguia acessar. E

estava sumindo depressa, perdi quase tudo, mas não totalmente, não ainda. Tive que me concentrar e pensar depressa, para lembrar.

Comecei a me sentar na cama, mas Jeremiah me puxou de volta para perto, dizendo:

— Mais cinco minutinhos.

Jere estava deitado na beirada da cama e eu junto da parede, encaixada entre seus braços. Fechei os olhos, querendo me lembrar do sonho antes que ele desaparecesse. Como naqueles últimos segundos antes de o sol se pôr — ele ia descendo, descendo, então sumia. Tinha que lembrar, tinha que lembrar, ou o sonho seria apagado para sempre da minha memória.

Jeremiah começou a dizer alguma coisa sobre café da manhã, mas cobri sua boca e disse:

— Shhh. Um segundo.

E consegui. Conrad, e como ele estava engraçado de macacão jeans. Nós dois brincando do lado de fora por horas. Deixei escapar um suspiro. Eu me sentia tão aliviada.

— O que você estava dizendo? — perguntei a Jeremiah.

— Café da manhã — disse ele, dando um beijo na palma da minha mão.

Eu me aconcheguei mais a ele e pedi:

— Mais cinco minutinhos.

13

EU QUERIA CONTAR para todo mundo de uma só vez, cara a cara. De um jeito esquisito, aquele era o momento perfeito. Nossas famílias estariam juntas em Cousins dali a uma semana. Um abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica — em que Susannah havia sido voluntária e para o qual tinha levantado fundos — havia plantado um jardim em sua homenagem, e haveria uma pequena cerimônia no sábado seguinte. Todos estaríamos presentes: eu, Jere, minha mãe, o pai dele, Steven. Conrad.

Não via Conrad desde o Natal. Ele ia à festa de aniversário de cinquenta anos da minha mãe, mas desistiu em cima da hora.

— Típico do Con — dissera Jeremiah na época, balançando a cabeça, olhando para mim, esperando que eu concordasse. Fiquei quieta.

Minha mãe e Conrad tinham um relacionamento especial desde sempre; os dois se compreendiam em um nível inexplicável para mim. Depois da morte de Susannah, eles ficaram ainda mais próximos, talvez porque sofriam a perda dela do mesmo modo — sozinhos. Os dois conversavam ao telefone com frequência, sobre o quê, eu não sei. Por isso, quando ele não apareceu na festa, percebi como minha mãe ficou desapontada, embora não

tenha dito nada. Quis dizer: "Ame-o quanto quiser, mas não espere nada em troca. Não dá para contar com o Conrad."

Em compensação, ele mandou um lindo buquê de zínias vermelhas, que ela adorou.

— Minhas favoritas — disse mamãe, abrindo um sorriso.

O que ele diria quando lhe contássemos a novidade? Eu não conseguia nem começar a imaginar. Quando se tratava de Conrad, eu nunca tinha certeza de nada.

Também estava me perguntando o que minha mãe diria. Jeremiah não estava preocupado, mas era raro ele se preocupar com qualquer coisa.

— Quando eles souberem que estamos falando sério, vão ter que concordar, porque não vão conseguir nos impedir. Já somos adultos.

* * *

Estávamos voltando do refeitório. Jeremiah soltou minha mão, pulou em um banco e gritou:

— Ei, pessoal! Belly Conklin vai se casar comigo!

Umas poucas pessoas se viraram para olhar, mas logo continuaram andando.

— Desça daí — pedi, rindo, cobrindo o rosto com o capuz do casaco.

Jeremiah desceu e deu a volta correndo ao redor do banco, os braços abertos, imitando um avião. Ele voltou até onde eu estava e me levantou.

— Vamos, voe — encorajou.

Revirei os olhos e bati os braços para cima e para baixo.

— Está feliz?

— Estou — disse ele, e me colocou de volta no chão.

Eu também estava. *Aquele* era o Jere que eu conhecia. O garoto da casa de praia. Nosso noivado e as promessas de ficarmos juntos para sempre me fizeram sentir que, mesmo com todas as mudanças no último ano, Jeremiah ainda era o mesmo, e eu ainda era a mesma. Ninguém poderia tirar aquilo de nós, nunca mais.

14

EU SABIA QUE tinha que falar com Taylor e Anika antes que meu pai viesse me buscar, de manhã. Pensei em contar para as duas juntas, mas sabia que Taylor, minha amiga mais antiga, ficaria magoada se soubesse ao mesmo tempo que Anika, que eu conhecia havia menos de um ano. Tinha que contar primeiro a Taylor. Era o mínimo que eu devia a ela.

Com certeza ela acharia que eu e Jeremiah tínhamos enlouquecido. Reatar o namoro era uma coisa, mas casar era outra, completamente diferente. Ao contrário das garotas da irmandade dela, Taylor só queria se casar lá pelos vinte e oito anos.

Liguei para ela e pedi que me encontrasse no Drip House, o café onde todos iam para estudar. Disse que tinha novidades. Ela tentou me fazer contar pelo telefone, mas resisti:

— É o tipo de notícia que tem que ser dada pessoalmente.

Taylor já estava sentada com seu café gelado com leite desnatado quando cheguei lá. Usava óculos escuros Ray-Ban e mandava mensagens de texto, mas largou o celular assim que me viu.

Eu me sentei na frente dela, tomando cuidado de manter a mão no colo.

Taylor tirou os óculos escuros e disse:

— Você está parecendo muito melhor hoje.

— Obrigada, Tay. Estou me sentindo muito melhor mesmo.

— Então, o que aconteceu? — Ela me examinou. — Vocês dois voltaram? Ou terminaram de vez?

Levantei a mão esquerda com um floreio. Taylor olhou para a mão, confusa. Então viu meu anel.

E arregalou os olhos.

— Você está de sacanagem! Está noiva?! — gritou. Umas duas pessoas se viraram e olharam para nós, irritadas. Afundei um pouco na cadeira. Taylor agarrou minha mão, ainda gritando: — Ai, meu Deus! Deixa eu ver esse negócio!

Percebi que ela achou o anel pequeno demais, mas não me importei.

— Ai, meu Deus — voltou a dizer Taylor, ainda encarando o anel.

— Eu sei.

— Mas, Belly... Ele traiu você.

— Estamos recomeçando do zero. Eu amo Jeremiah de verdade, Tay.

— Eu sei, mas o momento é meio suspeito — disse ela, hesitante. — Quer dizer, é bem repentino.

— É e não é. Você mesma disse. É de Jere que estamos falando. Ele é o amor da minha vida.

Ela ficou apenas me encarando, boquiaberta. Até que perguntou, gaguejando:

— Mas... mas por que vocês não podem esperar ao menos até terminarem a faculdade?

— Não tem por que esperar se vamos nos casar de qualquer jeito. — Tomei um gole da bebida de Taylor. — Vamos arrumar um apartamento. Você pode nos ajudar a escolher as cortinas e a decoração.

— Acho que sim. Mas, espera... E a sua mãe? Aposto que Laurel surtou.

— Vamos contar pra minha mãe e pro pai dele na semana que vem, em Cousins. E pro meu pai depois.

Taylor se animou.

— Espera, então ninguém sabe ainda? Só eu?

Assenti, e vi que ela ficou satisfeita. Taylor adora saber segredos, é uma de suas coisas favoritas na vida.

— Vai ser um apocalipse — disse, pegando a bebida de volta. — Tipo, cadáveres. Tipo, sangue nas ruas. E, quando digo sangue, estou me referindo ao seu.

— Nossa, muito obrigada, Tay.

— Estou só falando a verdade. Laurel é *A* feminista. É tipo a própria Gloria Steinem. Não vai gostar nem um pouco disso. E vai partir pra cima de Jeremiah como o Exterminador do Futuro. E pra cima de você também.

— Minha mãe adora o Jere. Ela e Susannah sempre conversavam sobre eu me casar com um dos meninos. Talvez isso acabe sendo um sonho realizado. Na verdade, aposto que vai ser, mesmo.

Eu sabia que não era verdade no instante em que falei.

Taylor também não pareceu convencida.

— Talvez — disse ela. — Então, quando vai ser?

— Em agosto.

— Está muito, muito perto. Mal dá tempo de planejar tudo. — Ela mordeu o canudo e lançou um olhar furtivo na minha direção. — E as damas de honra? E a madrinha?

— Não sei... Queremos que seja tudo bem simples. Vamos nos casar na casa de Cousins. Tudo muito despojado... nada grandioso.

— Nada grandioso? Você vai se casar e não quer nada grandioso?

— Não foi o que eu quis dizer. Só que eu não dou importância a essas coisas. Tudo que eu quero é ficar com Jeremiah.

— Que tipo de coisas?

— Tipo... madrinhas e bolo de casamento. Coisas assim.

— Mentirosa! — Ela apontou para mim. — Você queria cinco damas de honra e um bolo de quatro andares. Queria uma escultura de gelo de um coração humano com as iniciais entalhadas. O que, aliás, é nojento.

— Tay!

Ela levantou a mão para me interromper.

— Você queria uma banda ao vivo e bolinhos de caranguejo, e uma chuva de balões depois da primeira dança. E qual era a música que você tinha escolhido?

— "Stay", do Maurice Williams and The Zodiacs — respondi, sem nem pensar. — Mas, Taylor, eu tinha dez anos quando disse essas besteiras.

Fiquei comovida de verdade por ela se lembrar, mas eu achava que também me lembrava de tudo que Taylor queria. Pombas, luvinhas de renda, sapatos de salto agulha rosa-choque.

— Você deveria ter tudo que deseja, Belly — disse Taylor, levantando o queixo daquele jeitinho teimoso e Taylor de ser. — Só se casa uma vez.

— Eu sei, mas não temos dinheiro. E, de qualquer modo, não me importo mais com essas coisas. Era conversa de criança.

Talvez eu não precisasse fazer *tudo* aquilo, mas quem sabe pudesse fazer só uma parte. Talvez eu ainda pudesse ter um casamento de verdade, só que simples. Seria legal usar um vestido de noiva e dançar com meu pai.

— Achei que o pai de Jeremy fosse rico. Ele não pode bancar um casamento de verdade pra vocês?

— De jeito nenhum minha mãe deixaria ele pagar por tudo. Além do mais, como eu disse, não queremos nada chique.

— Está bem — cedeu ela. — Vamos esquecer a escultura de gelo. Mas balões são baratos... ainda podemos ter balões. E o bolo. Poderíamos fazer um mais simples, de dois andares, acho. E não me importa o que você diga, vai usar um vestido de noiva.

— Parece bom — concordei, tomando outro gole do café dela.

Era mesmo muito bom ter a bênção de Taylor. Era como ter conseguido permissão para ficar empolgada, algo que eu não sabia de que precisava, ou que desejava.

— E você ainda vai ter damas de honra. Ou pelo menos uma madrinha.

— Terei só você.

Taylor pareceu satisfeita.

— Mas e Anika? Você não quer que ela seja sua dama de honra?

— Hummm, talvez — falei, e quando Taylor pareceu um pouquinho desapontada, acrescentei: — Mas quero que você seja minha madrinha, está bem?

Ela ficou com os olhos marejados.

— É uma honra.

Taylor Jewel, minha amiga mais antiga no mundo. Já havíamos passado por muita coisa juntas, e eu agora sabia que era uma bênção termos conseguido superar tudo aquilo.

15

FUI CONTAR A Anika logo depois, mas estava com medo. Respeitava a opinião dela e não queria ser julgada. O convite para ser dama de honra não a sensibilizaria. Não era o tipo de coisa com que ela se importava.

Tínhamos decidido morar juntas naquele outono, em um apartamento com duas outras amigas, Shay e Lynn, no alojamento novo, do outro lado do campus. Anika e eu planejamos comprar pratos e xícaras fofos, ela levaria a geladeira, que já tinha, e eu, a minha TV. Estava tudo acertado.

Já era tarde da noite, e estávamos no quarto dela. Eu estava guardando seus livros em uma caixa, e ela enrolava os pôsteres.

O rádio estava ligado, tocando "The Power of Good-Bye", da Madonna, na estação do campus. O poder do adeus, dizia a música. Talvez aquele fosse um sinal.

Eu me sentei no chão e guardei o último livro, tentando reunir coragem para contar a ela. Umedeci os lábios, nervosa.

— Ani, preciso conversar com você sobre uma coisa.

Ela tentava soltar um pôster de filme preso atrás da porta.

— O que aconteceu?

Não há poder maior do que o poder do adeus, cantava Madonna.

Engoli em seco.

— Me sinto muito mal mesmo por fazer isso com você.

Anika se virou.

— Fazer o quê?

— Não vou poder dividir o apartamento com você no semestre que vem.

Ela franziu o cenho.

— O quê? Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Jeremiah me pediu em casamento.

Ela precisou de algum tempo para entender o que eu tinha dito.

— Isabel Conklin! Para de palhaçada.

Levantei a mão lentamente.

Anika assoviou.

— Uau. Isso é muito louco.

— Eu sei.

Ela abriu a boca e logo voltou a fechar. Então disse:

— Você sabe o que está fazendo?

— Sei. Acho. Amo muito ele, de verdade.

— E onde vocês vão morar?

— Em um apartamento fora do campus. — Hesitei. — Só me sinto péssima por deixar você na mão. Está brava?

Ela balançou a cabeça e falou:

— Não estou brava. Quer dizer, tudo bem, é chato que não vamos mais morar juntas, mas vou dar outro jeito. Posso chamar a Trina, da minha equipe de dança, ou minha prima Brandy talvez seja transferida pra cá. Ela poderia ser a quarta pessoa.

Então não seria um problema tão grande eu não morar com ela, afinal. *A vida continua*, pensei. Eu me senti um pouco melancólica imaginando como seria se eu ainda fosse a quarta. Shay era muito boa em fazer penteados, e Lynn adorava preparar cupcakes. Teria sido divertido.

Anika sentou-se na cama.

— Vou ficar bem. Só estou... surpresa.

— Eu também.

Quando ela não disse mais nada, perguntei:

— Acha que estou cometendo um erro imenso?

Pensativa, Anika respondeu:

— Importa o que eu penso?

— Sim.

— Não cabe a mim julgar, Isa.

— Mas você é minha amiga, e respeito sua opinião. Não quero que você pense mal de mim.

— Você se importa demais com o que as outras pessoas pensam — comentou ela, com firmeza, mas também com ternura.

Se alguém mais dissesse aquilo — minha mãe, Taylor, até mesmo Jere —, eu teria ficado chateada. Mas não Anika. Com ela, eu não conseguia ficar chateada. De certo modo, era lisonjeiro que Anika enxergasse tão bem quem eu era e ainda assim gostasse de mim. Nesse ponto, as amizades na faculdade eram diferentes. A gente passa o tempo todo com as pessoas, às vezes o dia inteiro, faz todas as refeições juntas. Não há como esconder quem somos diante dos amigos. É como se estivéssemos nus. Principalmente diante de alguém como Anika, tão franca e aberta, tão incisiva, que dizia tudo que pensava. Ela não deixava escapar nada.

— Ao menos você não vai mais ter que usar chinelos no chuveiro — comentou.

— Nem tirar cabelo dos outros do ralo — acrescentei. — Os cabelos de Jeremiah são curtos demais para ficarem presos.

— E nunca vai ter que esconder sua comida.

A colega de quarto de Anika, Joy, sempre roubava a comida dela, e Anika passou a esconder as barrinhas de cereais na gaveta de calcinhas.

— Na verdade, talvez eu tenha que fazer isso. Jere come muito — acrescentei, girando o anel no dedo.

Fiquei mais um pouco no quarto dela, ajudando-a a tirar o resto dos pôsteres da parede, limpando tufos de poeira de debaixo da cama com uma meia velha que usei como luva. Conversamos sobre o estágio em uma revista que Anika tinha conseguido durante o verão e sobre eu talvez passar um fim de semana em Nova York para visitá-la.

Voltei para o meu quarto. Pela primeira vez no ano, estava realmente silencioso ali, sem secadores de cabelo ligados, ninguém sentado no corredor falando ao celular, sem ninguém fazendo pipoca no micro-ondas da área comum. Muitas pessoas já tinham ido passar o verão em casa. No dia seguinte, eu também iria.

A vida que eu conhecia na faculdade estava prestes a mudar.

16

NÃO PLANEJEI COMEÇAR a ser chamada de Isabel. Simplesmente aconteceu. Durante toda a minha vida, todo mundo me chamava de Belly sem que eu pudesse fazer qualquer coisa a respeito. Pela primeira vez em muito tempo, eu poderia decidir, mas isso não me ocorreu até nós — Jeremiah, minha mãe, meu pai e eu — estarmos parados na frente da porta do meu quarto no alojamento, no dia da mudança dos calouros.

Meu pai e Jeremiah estavam carregando a TV, minha mãe, uma mala, e eu, um cesto de lavanderia com todos os meus artigos de higiene e fotos emolduradas. Meu pai transpirava muito nas costas, e sua camisa social marrom já tinha três manchas de suor. Jeremiah também estava suando, já que vinha tentando impressionar meu pai a manhã toda insistindo em carregar os objetos mais pesados. Eu percebia que isso deixava meu pai constrangido.

— Anda logo, Belly — disse meu pai, arfando.

— É Isabel agora — declarou minha mãe.

Eu me lembro de como me enrolei com a chave na hora de abrir a porta e do momento em que, ao erguer os olhos, vi ISABEL escrito com pedrinhas brilhantes. Minha placa de identificação e a da minha colega de quarto

eram feitas de embalagens de CD vazias. A de Jillian Capel era um CD da Mariah Carey, e a minha um do Prince.

As coisas de Jillian já estavam arrumadas no lado esquerdo do quarto, perto da porta. Havia uma colcha estampada azul-marinho e laranja-ferrugem, parecia novinha em folha. Ela já pendurara os pôsteres que tinha levado — um do filme *Trainspotting*, outro de uma banda que eu não conhecia, chamada Running Water.

Meu pai se sentou diante da escrivaninha vazia, a minha, pegou um lenço e secou a testa. Parecia cansado.

— É um bom quarto — comentou. — Bem iluminado.

Jeremiah estava só andando pelo cômodo, então disse:

— Vou descer até o carro pra pegar aquela caixa grande.

— Eu ajudo.

Meu pai se prontificou e começou a se levantar.

— Pode deixar comigo — garantiu Jeremiah, já saindo apressado pela porta.

Meu pai voltou a se sentar, parecendo aliviado.

— Vou só descansar um pouco, então — falou.

Nesse meio-tempo, minha mãe estava examinando o quarto, abrindo o armário, olhando dentro das gavetas.

Afundei na cama. Então era ali que eu moraria durante o ano seguinte. Na porta ao lado, alguém escutava jazz. Mais adiante, no corredor, dava para ouvir uma garota discutindo com a mãe sobre onde colocar o cesto de roupa suja. Parecia que a campainha do elevador nunca parava de tocar, e a porta nunca parava de abrir e fechar. Eu não me importava. Gostava do barulho. Era reconfortante saber que havia pessoas ao meu redor.

— Quer que eu tire suas roupas da mala? — perguntou minha mãe.

— Não, pode deixar.

Eu mesma queria fazer aquilo. Só então teria a sensação de que aquele era realmente meu quarto.

— Ao menos me deixe arrumar sua cama, então — pediu ela.

Quando chegou a hora de dizer adeus, eu não estava pronta. Achei que estaria, mas não estava. Meu pai ficou parado, com as mãos nos quadris. Os cabelos dele pareciam realmente grisalhos naquela luz.

— Bem, é melhor irmos logo, pra não pegarmos o trânsito da hora do rush — comentou ele.

Irritada, minha mãe retrucou:

— Não tem problema.

Vendo-os juntos daquele jeito, era quase como se não fossem divorciados, quase como se ainda fôssemos uma família. Fui tomada por uma súbita onda de gratidão. Nem todos os divórcios eram como o deles. Por mim e por Steven, meu pai e minha mãe se esforçavam para se dar bem e eram sinceros um com o outro. Havia um afeto genuíno entre os dois, só que mais do que isso: havia amor por nós. Era isso que tornava possível para eles passarem dias tranquilos como aquele.

Abracei meu pai e fiquei surpresa ao ver lágrimas em seus olhos. Ele nunca chorava. Minha mãe me deu um abraço rápido, mas eu sabia que era porque ela não queria demonstrar o que sentia.

— Lembre-se de lavar os lençóis ao menos duas vezes por mês — disse ela.

— Está bem.

— E vê se faz a cama logo de manhã. Vai deixar seu quarto mais arrumado.

— Está bem.

Minha mãe olhou para o outro lado do cômodo.

— Queria ter conhecido sua colega de quarto.

Jere estava sentado diante da minha escrivaninha, a cabeça baixa, checando o celular, enquanto nos despedíamos.

De repente, meu pai falou:

— Jeremiah, você também vai embora agora?

Ele ergueu os olhos, surpreso.

— Ah, eu ia levar a Belly pra jantar.

Minha mãe me olhou, e eu sabia o que ela estava pensando. Algumas noites antes, ela fizera um longo discurso sobre conhecer pessoas novas e não passar o tempo todo com Jere. Segundo ela, garotas que tinham namorado se limitavam a certo tipo de experiência na faculdade. Eu havia prometido que não seria assim.

— Só não a traga de volta muito tarde — pediu meu pai, como se quisesse insinuar alguma coisa.

Senti o rosto ficar vermelho e, dessa vez, o olhar que minha mãe lançou foi para meu pai, o que fez com que eu me sentisse ainda mais constrangida. Mas Jeremiah, com aquele seu jeito tranquilo, só respondeu:

— Ah, sim, pode deixar.

* * *

Mais tarde, naquela noite, conheci minha colega de quarto, Jillian. Nosso encontro foi no elevador, logo depois de Jeremiah me deixar no alojamento. Eu a reconheci de imediato das fotos em cima da cômoda. Jillian tinha os cabelos castanhos encaracolados e era muito pequena, mais baixa do que parecia nas fotografias.

Fiquei parada, tentando pensar no que dizer. Quando as outras garotas que estavam no elevador desceram no sexto andar, restamos só nos duas. Pigarreei e disse:

— Com licença. Você é Jillian Capel?

— Sim — disse ela, e percebi que estava meio desconfiada.

— Sou Isabel Conklin. Sua colega de quarto.

Eu me perguntei se deveria abraçá-la ou estender a mão. Não fiz nenhuma das duas coisas, porque ela estava me encarando.

— Ah, oi. Tudo bem? — Sem esperar minha resposta, ela continuou: — Estou voltando do jantar com meus pais.

Com o tempo, eu perceberia que ela dizia "Tudo bem?" com frequência, como se fosse só um cumprimento, não uma pergunta para a qual esperasse uma resposta.

— Tudo. Também acabei de jantar.

Saímos do elevador. Sentia uma agitação no peito, tipo: *Uau, essa é minha colega de quarto. Essa é a pessoa com quem vou morar por um ano inteiro.* Pensei muito nela desde que tinha recebido a carta falando sobre o alojamento. Jillian Capel, de Washington, D.C., não fumante. Eu havia nos imaginado conversando a noite toda, compartilhando segredos, sapatos e pipoca de micro-ondas.

Quando já estávamos no quarto, Jillian se sentou na cama dela e perguntou:

— Você tem namorado?

— Tenho, ele também estuda aqui — falei, sentando na beirada da cama. Queria logo ficar íntima dela e conversar sobre coisas de garotas. — O nome dele é Jeremiah. Está no segundo ano.

Levantei de um pulo e peguei uma foto nossa em cima da escrivaninha. Era da formatura, e Jeremiah tinha colocado uma gravata e estava muito bonito. Entreguei a foto a Jillian timidamente.

— Ele é bonitinho — comentou.

— Obrigada. E você tem namorado?

Ela assentiu.

— Lá na minha cidade.

— Legal — falei, porque foi tudo em que consegui pensar. — Qual é o nome dele?

— Simon.

Como ela não disse mais nada, perguntei:

— Então, as pessoas chamam você de Jill? Ou de Jilly? Ou só Jillian mesmo?

— Jillian. Você dorme tarde ou cedo?

— Tarde. E você?

— Cedo — respondeu ela, mordiscando o lábio. — Vamos dar um jeito. Eu acordo cedo. E você?

— Ahn, claro, às vezes.

Eu odiava acordar cedo, mais que qualquer coisa.

— Você gosta de estudar ouvindo música ou não?

— Não?

Jillian pareceu aliviada.

— Ah, ótimo. Odeio barulho quando estudo. Preciso mesmo ficar em silêncio. — Ela acrescentou: — Não que eu seja uma louca obcecada nem nada assim.

Assenti. As fotos emolduradas estavam arrumadas em ângulos perfeitos. Quando entramos no quarto, ela pendurou a jaqueta jeans na mesma hora. Eu só costumava fazer minha cama quando alguém me visitava. Acabei me perguntando se minha tendência à bagunça poderia dar nos nervos dela. Esperava que não.

Estava prestes a dizer isso quando ela ligou o notebook. Achei que já havíamos criado laços o bastante por aquela noite. Agora que meus pais tinham ido embora e Jeremiah voltado para a fraternidade dele, eu estava realmente sozinha. Não sabia o que fazer. Já havia arrumado minhas coisas. Tinha imaginado que eu e Jillian poderíamos explorar o alojamento juntas, conhecer pessoas. Mas ela estava digitando, trocando mensagens com alguém. Provavelmente o namorado.

Peguei meu celular na bolsa e mandei uma mensagem para Jere. *Você pode voltar?*

Eu sabia que ele voltaria.

* * *

Para a primeira reunião de calouros, na noite seguinte, Kira, a aluna responsável pelo dormitório, nos disse para levar um item pessoal que achássemos que nos representava. Escolhi óculos de natação. As outras garotas levaram bichos de pelúcia e fotos emolduradas, uma levou o book de modelo. Jillian levou o laptop.

Estávamos todas sentadas em círculo, e Joy se sentara bem na minha frente. Ela segurava um troféu no colo. Era de um campeonato estadual de futebol, o que achei bastante impressionante. Queria muito fazer amizade com Joy. Já tinha colocado isso na cabeça na noite anterior, quando ficamos conversando no banheiro do salão comunitário, de pijama, cada uma com seus apetrechos de banho. Joy era baixinha, tinha cabelo loiro na altura do queixo e olhos claros. Não usava maquiagem. Era confiante e dona de si, como costumam ser as garotas que fazem esportes competitivos.

— Sou Joy — apresentou-se ela. — Meu time venceu o campeonato estadual. Se alguém gostar de futebol, é só falar comigo, que a gente monta um time do alojamento.

Quando foi minha vez, falei:

— Sou Isabel. Gosto de nadar.

E Joy sorriu para mim.

Sempre achei que a universidade seria *o* momento da minha vida. Tipo, amizades instantâneas, um lugar que me acolhesse... Não pensei que seria tão difícil.

Achei que haveria festas, reuniões de calouros e lanches à meia-noite na Waffle House. Eu já estava na universidade havia quatro dias inteiros e não tinha feito nenhuma dessas coisas. Jillian e eu tínhamos comido no refeitório juntas, mas só. Ela passava a maior parte do tempo no celular com o namorado ou no computador. Não houvera qualquer menção a boates ou a festas de fraternidade. Eu tinha a sensação de que Jillian estava acima desse tipo de coisa.

Não era o meu caso, e nem o de Taylor. Eu já tinha ido visitá-la no alojamento dela, e Tay e sua colega de quarto pareciam ter nascido uma para a outra. O namorado da colega de quarto estava em uma fraternidade fora do campus. Taylor disse que ligaria se soubesse de alguma festa legal, mas até então, nada. Ela estava vivendo a universidade como um peixinho-dourado em um aquário novo em folha, mas eu, não. Eu disse para

Jeremiah que estaria ocupada fazendo amizades e conhecendo melhor minha colega de quarto, por isso provavelmente não o veria até o fim de semana. Não queria voltar atrás nessa decisão. Não queria ser uma dessas garotas.

Na noite de quinta-feira daquela primeira semana, um grupo de garotas se reuniu para beber no quarto de Joy. Eu podia ouvi-las no fim do corredor. Estava arrumando meu *planner* novo, anotando os horários das aulas e outras coisas. Jillian estava na biblioteca. Só tínhamos tido um dia de aula, então eu não fazia ideia do que ela poderia estar estudando. Mesmo assim, gostaria que tivesse me chamado. Jeremiah tinha me perguntado se eu queria que ele passasse para me pegar para sair, mas eu disse que não, com a esperança de ser convidada para algum lugar. Por enquanto, éramos só eu e o *planner*.

Mas então Joy enfiou a cabeça pela porta do meu quarto, que eu vinha deixando aberta, como as outras garotas.

— Isabel, vem ficar com a gente — chamou.

— Claro! — respondi, praticamente pulando da cama.

Senti uma onda de esperança e empolgação. Talvez aquele fosse meu grupo.

No quarto estavam Joy, sua colega de quarto, Anika, Molly, que ficava no outro extremo do corredor, e Shay, que também era modelo. Estavam todas sentadas no chão, com uma garrafa grande de Gatorade no meio... só que aquilo não parecia Gatorade. Era meio amarelo-escuro. Tequila, imaginei. Eu não tocava em tequila desde que tinha ficado bêbada em Cousins, no verão anterior.

— Senta aqui — disse Joy, batendo no chão ao lado dela. — Estamos jogando "Eu nunca". Já jogou?

— Não — respondi, me sentando ao lado dela.

— Basicamente, na sua vez, você diz alguma coisa como "Eu nunca... — Anika olhou ao redor — peguei nenhum parente."

Todas riram.

— E se alguém tiver pegado um parente, tem que beber — concluiu Molly, roendo a unha do polegar.

— Eu começo — disse Joy, inclinando-se para a frente. — Eu nunca... colei em uma prova.

Shay pegou a garrafa e deu um gole.

— O que foi? Eu estava ocupada com os trabalhos de modelo. Não tinha tempo pra estudar — disse, e todas riram de novo.

Molly foi a seguinte.

— Eu nunca transei com ninguém em público!

Dessa vez, Joy pegou a garrafa.

— Foi em um parque — explicou. — Estava escuro. Duvido que alguém tenha nos visto.

— Banheiro de restaurante conta?

Eu podia sentir meu rosto ficando vermelho. Estava com medo de quando chegasse minha vez. Não tinha feito muita coisa na vida. Meus "Eu nunca" provavelmente poderiam durar a noite toda.

— Eu nunca peguei o Chad do quarto andar! — disse Molly, se jogando no chão em um ataque de risos.

Joy atirou um travesseiro nela.

— Não é justo! Eu disse que era segredo.

— Bebe! Bebe! — gritou todo mundo.

Joy deu um gole. Depois de secar a boca, falou:

— Sua vez, Isabel.

Sentia a boca seca, de repente.

— Eu nunca... — Fiz sexo. — Eu nunca... participei desse jogo antes. — Terminei, sem graça.

Podia sentir a decepção de Joy. Talvez ela também tivesse achado que poderíamos ser grandes amigas e agora estava repensando essa ideia.

Anika deu uma risadinha educada, então todas deram um gole na bebida antes de Joy começar de novo com:

— Eu nunca nadei pelada no mar. Mas em uma piscina, sim!

Não, eu também nunca tinha feito aquilo. Quase acontecera, aos quinze anos, com Cam Cameron. Mas "quase" não contava.

Acabei tomando um gole quando Molly disse:

— Nunca namorei duas pessoas da mesma família.

— Você namorou irmãos? — perguntou Joy, parecendo subitamente interessada. — Ou um irmão e uma irmã?

Tossi antes de responder.

— Irmãos.

— Gêmeos? — perguntou Shay.

— Ao mesmo tempo? — quis saber Molly.

— Não, não ao mesmo tempo. E não eram gêmeos. Tem um ano de diferença entre um e outro.

— Isso é bem incrível — disse Joy, com um olhar de aprovação.

Então, passamos para a seguinte. Quando Shay disse que nunca tinha roubado e Joy bebeu, reparei na expressão de Anika e tive que morder o lábio para não rir. Trocamos um olhar secreto.

Esbarrei com Joy algumas vezes depois disso, no banheiro da área comum e na sala de estudo, e conversamos, até, mas nunca chegamos a ser próximas. Jillian e eu também nunca nos tornamos melhores amigas, mas ela acabou sendo uma ótima colega de quarto.

De todas essas garotas, foi de Anika que fiquei amiga de verdade. Embora fôssemos da mesma idade, ela me acolheu como se eu fosse uma irmã mais nova, e, ao menos daquela vez, não me incomodei com isso. Anika era descolada demais para que eu me importasse. E seu perfume era como eu imaginava que devia ser o das flores que cresciam na areia. Mais tarde, descobri que era o óleo que ela passava nos cabelos. Anika quase nunca fazia fofoca, não comia carne e era dançarina. Eu admirava tudo isso.

Era uma pena saber que nunca chegaríamos a morar juntas. De agora em diante, só moraria com uma pessoa: Jeremiah, meu futuro marido.

17

ACORDEI CEDO NO dia seguinte. Tomei banho, joguei fora os chinelos de banho e me arrumei pela última vez no meu quarto no alojamento. Não coloquei meu anel, só para garantir; guardei-o em um compartimento na bolsa. Meu pai não era o cara mais observador do mundo no que se referia a acessórios, por isso não era provável que percebesse, mas preferi não arriscar.

Meu pai chegou ao alojamento às dez para pegar minhas coisas. Jere ajudou. Nem precisei ligar para acordá-lo, como tinha planejado — ele apareceu às nove e meia, com café e donuts.

Parei nos quartos de algumas garotas, dei abraços de despedida e desejei um bom verão.

— Vejo você em agosto! — lembrou Lorrie.

— Temos que nos encontrar mais no ano que vem! — exclamou Jules.

Deixei para me despedir de Anika por último e chorei um pouquinho. Ela me abraçou, dizendo:

— Relaxa. A gente se vê no casamento. Avisa a Taylor que vou mandar um e-mail para combinarmos nossos vestidos.

Ri com vontade. Taylor ia adorar aquilo... só que não.

Depois que terminamos de colocar as coisas no carro, meu pai nos levou para almoçar em uma churrascaria. Não era superelegante, mas era legal, um restaurante frequentado por famílias, com estofados de couro e picles na mesa.

— Peçam o que quiserem, crianças — disse meu pai, acomodando-se.

Jeremiah e eu nos sentamos de frente para ele. Examinei o cardápio e escolhi um bife simples, porque era mais barato. Meu pai não era pobre, mas definitivamente não era rico.

Quando a garçonete veio anotar nossos pedidos, meu pai pediu salmão, eu, bife, e Jeremiah disse:

— Vou querer o filé de costela maturado a seco, ao ponto pra malpassado.

Era o prato mais caro do cardápio. Custava trinta e oito dólares. Olhei para Jeremiah, pensando: *Ele provavelmente nem olhou o preço*. Nunca precisava olhar, já que todas as contas eram pagas pelo Sr. Fisher. As coisas seriam diferentes quando estivéssemos casados, isso era certo. Chega de gastar dinheiro com coisas bobas tipo tênis Air Jordan vintage ou filé de costela.

— Então, o que você vai fazer neste verão, Jeremiah? — perguntou meu pai.

Jere olhou para mim, então de volta para meu pai e de novo para mim. Balancei a cabeça bem de leve. Na mesma hora eu o imaginei pedindo a bênção do meu pai, e nada poderia ser mais errado. Ele não poderia saber antes da minha mãe.

— Vou estagiar na empresa do meu pai de novo.

— Bom pra você. Vai se manter ocupado.

— Com certeza.

— E você, Belly? Vai trabalhar como garçonete outra vez?

Suguei o refrigerante do fundo do copo.

— Sim. Vou conversar com meu antigo chefe na semana que vem. Eles sempre precisam de ajuda no verão, então não deve ter problema.

Com o casamento dali a poucos meses, eu teria que trabalhar o dobro... o triplo.

Quando a conta chegou, vi meu pai estreitar os olhos e olhar mais de perto. Torci para que Jeremiah não reparasse, mas, quando vi que ele realmente não tinha reparado, desejei que tivesse.

* * *

Sempre me sentia mais próxima do meu pai quando estava no banco do carona da minivan dele, observando seu perfil, ouvindo o CD do Bill Evans. Os passeios de carro com ele eram nossos momentos mais tranquilos, em que nos sentíamos confortáveis para falar de nada ou de tudo.

Até o momento, aquela tinha sido uma viagem silenciosa.

Meu pai estava cantarolando junto com a música quando chamei:

— Pai?

— Oi?

Queria muito contar a ele. Queria compartilhar com ele minha novidade naquele instante perfeito, quando eu ainda era sua garotinha, no banco do carona, e ele ainda era o motorista. Seria um momento só nosso. Eu tinha parado de chamá-lo de papai no ensino fundamental, mas, ali no carro, meu coração dizia: *Papai*, *vou me casar*.

— Nada não — falei, depois de algum tempo.

Não poderia fazer uma coisa daquelas. Não poderia contar a ele antes de contar para minha mãe. Não seria certo.

Ele voltou a cantarolar.

Espere só mais um pouquinho, pai.

18

ACHEI QUE, DEPOIS da faculdade, demoraria algum tempo para me sentir em casa de novo, mas acabei entrando na minha antiga rotina quase instantaneamente. Antes do fim da primeira semana, eu já tinha desarrumado as malas, estava acordando cedo para tomar café da manhã com minha mãe e brigando com meu irmão por causa do estado em que ele deixava nosso banheiro. Eu era bagunceira, mas Steven elevava as definições de bagunça a um novo nível. Devia ser de família. Também comecei a trabalhar no Behrs outra vez, pegando quantos turnos eram possíveis, às vezes dois por dia.

Na noite antes de irmos todos para Cousins, para a inauguração do jardim de Susannah, Jere e eu conversamos ao telefone. Ficamos falando sobre coisas do casamento e contei a ele algumas das ideias de Taylor. Ele adorou todas, mas bateu o pé quanto ao sabor do bolo.

— Quero bolo de chocolate. Com recheio de framboesa.

— Talvez uma camada possa ser de cenoura e outra de chocolate — sugeri, encaixando o celular no ombro. — Acho que dá pra fazer isso.

Eu estava sentada no chão do meu quarto, contando as gorjetas da noite. Ainda não tinha tirado a camiseta do uniforme, embora estivesse cheia de

manchas de gordura, mas eu estava cansada demais para me importar, e só afrouxei o lenço do pescoço.

— Um bolo de chocolate com framboesa e cenoura?

— Com cobertura de cream cheese na minha parte — lembrei a ele.

— Parece meio complicado, mas tudo bem. Vamos nessa.

Sorri para mim mesma enquanto empilhava minhas notas de um, de cinco e de dez. Jeremiah andava assistindo muito competições culinárias desde que chegara em casa.

— Bem, antes temos que conseguir pagar por esse bolo hipotético — falei. — Estou pegando todos os turnos que posso, e até agora só consegui juntar cento e vinte dólares. Taylor disse que bolos de casamento custam uma fortuna. Talvez seja melhor eu pedir à mãe dela que faça o bolo. A Sra. Jewel é uma ótima boleira. Mas provavelmente não seria nada muito elegante.

Jeremiah ficou em silêncio do outro lado da linha. Então disse:

— Não sei se você deveria continuar trabalhando no Behrs.

— Como assim? Precisamos do dinheiro.

— Eu sei, mas tenho o dinheiro que minha mãe deixou pra mim. Podemos usá-lo pro casamento. Não gosto de ver você se matando de trabalhar.

— Mas você também está trabalhando!

— Sou estagiário. É uma besteira. Fico sentado em um escritório, e você está se acabando em turnos dobrados no Behrs. Isso não está certo.

— Se isso é porque sou mulher e você é homem... — comecei.

— Não é isso. O que estou dizendo é: por que você tem que trabalhar tanto se tenho dinheiro guardado na poupança?

— Achei que tínhamos dito que faríamos isso sozinhos.

— Estou pesquisando algumas coisas na internet, e parece que vai ser muito mais caro do que pensamos. Mesmo se a gente fizer tudo o mais simples possível, ainda temos que pagar por comida, bebidas e flores. Só vamos nos casar uma vez, Belly.

— É verdade.

— Minha mãe ia querer contribuir, não é?

— Acho que sim...

Susannah mais do que contribuiria. Ela participaria de cada etapa do processo — comprar o vestido, decidir as flores e a comida, tudo. Iria querer que tudo fosse incrível. Sempre a imaginei no dia do meu

casamento, sentada ao lado da minha mãe, usando um chapéu elegante. Era uma linda imagem.

— Então, deixe que ela contribua. Além do mais, você vai estar bem ocupada organizando todas as coisas do casamento com a Taylor. Vou ajudar o máximo possível, mas ainda preciso ficar no trabalho de nove às cinco. Quando você marcar com o pessoal do bufê, com os floristas ou o que for, terá que fazer isso durante o dia, e eu não vou poder ir.

Fiquei realmente impressionada por ele ter pensado em tudo aquilo. Gostava desse outro lado de Jeremiah, pensando à frente, preocupado com minha saúde. Até porque eu também já tinha reclamado de calos nos pés.

— Vamos conversar mais sobre isso depois que contarmos aos nossos pais, então — falei.

— Você ainda está nervosa?

Eu vinha tentando não pensar muito sobre isso. No Behrs, concentrava toda a minha energia em servir cestas de pão, refis de bebidas e cortar fatias de cheesecake. Por um lado, ficava feliz por estar trabalhando em turnos dobrados, porque isso me mantinha fora de casa e longe do olhar atento da minha mãe. Não tinha usado meu anel de noivado desde que chegara em casa. Só o colocava no dedo à noite, sozinha no quarto.

— Estou com medo — confessei —, mas vou ficar aliviada quando finalmente contarmos. Detesto esconder coisas da minha mãe.

— Eu sei, Bells.

Olhei para o relógio. Era meia-noite e meia.

— Vamos sair cedo amanhã de manhã, acho melhor eu dormir. — Hesitei antes de perguntar. — Você vai só com o seu pai? O que ficou combinado com o Conrad?

— Não faço ideia. Não temos nos falado. Acho que ele chega de avião amanhã. Vamos ver se vai aparecer.

Eu não tinha certeza se o que sentia era alívio ou decepção. Provavelmente os dois.

— Duvido que ele vá — falei.

— Quando se trata do Con, nunca se sabe. Ele pode ir ou não. — E acrescentou: — Não se esqueça de levar seu anel.

— Não vou esquecer.

Então Jeremiah se despediu, e levei um bom tempo para conseguir dormir. Acho que estava com medo. Com medo de Conrad ir, e com medo de ele não ir.

19

ACORDEI ANTES DE o despertador tocar. Já tinha tomado banho e colocado meu vestido novo antes mesmo de Steven acordar. Fui a primeira a entrar no carro.

Meu vestido era de chiffon de seda, cor de lavanda. Era justo, com alças finas e saia rodada, do tipo que uma garota em um musical usaria para girar por aí. Algo que Kim MacAffee usaria. Eu o vira na vitrine de uma loja em fevereiro, quando ainda estava frio demais para usá-lo sem meias. E não dava para usar aquele vestido com meias. Comprei com o cartão "só para emergências" do meu pai, o que eu nunca tinha feito antes. O vestido passou aquele tempo todo no meu armário, ainda coberto pelo plástico.

Quando minha mãe me viu, abriu um sorriso e disse:

— Você está linda. Beck adoraria esse vestido.

— Nada mal — comentou Steven.

Fiz uma pequena mesura para os dois. O vestido pedia.

Minha mãe foi dirigindo, e eu fui no banco do carona. Steven dormiu no banco traseiro, de boca aberta. Ele estava de camisa social e calça cáqui. Minha mãe também estava elegante, com um terninho azul-marinho e sapatos de salto bege.

— Conrad com certeza vai aparecer hoje, né, chuchuzinho? — perguntou minha mãe.

— É você quem fala com ele, não eu — respondi.

Apoiei os pés descalços no painel. Meus sapatos de salto estavam no chão do carro.

Minha mãe checou o retrovisor e disse:

— Faz semanas que não converso com ele, mas tenho certeza de que vai estar lá. Conrad não perderia um momento importante desses.

Não respondi, então ela me olhou de relance e falou:

— Você discorda?

— Desculpa, mãe, mas eu não teria muita esperança.

Eu não sabia por que não conseguia simplesmente concordar com ela. Não sabia o que estava me travando.

Porque eu acreditava, sim, que Conrad apareceria. Se não acreditasse, por que teria dedicado cuidados extras ao meu cabelo naquela manhã? No chuveiro, será que eu teria raspado as pernas não só uma vez, mas duas, por garantia? Teria usado aquele vestido novo e os sapatos de salto que me machucavam se não acreditasse sinceramente que iria vê-lo?

Não. Bem no fundo, eu mais do que acreditava. Eu sabia que Conrad apareceria.

* * *

— Teve alguma notícia de Conrad, Laurel? — perguntou o Sr. Fisher.

Estávamos eu, minha mãe, Steven, Jere e o Sr. Fisher parados no estacionamento do abrigo. As pessoas começavam a chegar. O Sr. Fisher já havia conferido duas vezes lá dentro, e nenhum sinal do filho.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Não soube de nenhuma novidade. Quando falei com Conrad, no mês passado, ele confirmou que viria.

— Se ele estiver atrasado, podemos guardar um lugar — sugeri.

— É melhor eu entrar — disse Jeremiah, que ia receber a placa comemorativa em nome de Susannah.

Ficamos olhando enquanto ele se afastava porque não havia mais nada a fazer. Então, o Sr. Fisher falou:

— Talvez seja melhor entrarmos também.

Seu tom era desanimado. Seu queixo parecia machucado, provavelmente um corte feito ao se barbear.

— Vamos lá — disse minha mãe, endireitando o corpo. — Belly, por que você não espera aqui fora mais um pouco?

— Claro. Vão na frente. Eu espero.

Quando os três entraram no prédio, eu me sentei no meio-fio. Meus pés já estavam doendo. Esperei mais dez minutos, e, quando ele não apareceu, me levantei. Conrad não viria, afinal.

20

Conrad

VI BELLY ANTES de ela me ver. Estava na primeira fila, sentada ao lado do meu pai, de Laurel e Steven, com o cabelo preso nas laterais. Nunca a tinha visto com aquele penteado. Ela estava com um vestido lilás e parecia tão adulta. Então me dei conta de que ela amadurecera enquanto eu não estava por perto, que era muito provável que houvesse mudado, e eu já não a conhecesse mais. Mas, quando ela se levantou para aplaudir, vi o curativo em seu tornozelo e a reconheci de novo. Era Belly. Ela não parava de mexer nos grampos presos nos cabelos — um estava se soltando.

Meu voo tinha atrasado e, mesmo pisando fundo no acelerador, ao longo de todo o caminho até Cousins, ainda assim eu chegara atrasado para a homenagem. Jeremiah estava começando o discurso no momento em que eu entrei. Havia um lugar vazio na frente, ao lado do meu pai, mas preferi ficar de pé, no fundo. Vi Laurel se remexendo no assento, examinando o salão, antes de se virar de volta. Ela não me viu.

Uma funcionária do abrigo se levantou e agradeceu a presença de todos. Ela falou sobre como minha mãe havia sido incrível, como era dedicada ao

abrigo, quanto dinheiro havia arrecadado, como conscientizara a comunidade. Disse que Susannah tinha sido um presente. Era engraçado: eu sabia que minha mãe estava envolvida com o abrigo de mulheres, mas não sabia quanto ela se dedicara. Senti vergonha quando me lembrei da vez em que ela me pedira para ajudar a servir refeições em um sábado de manhã. Eu me recusara, disse a ela que tinha mais o que fazer.

Jere se levantou e foi até o púlpito.

— Obrigado, Mona — começou ele. — Hoje é um dia muito importante pra minha família, e sei que também seria pra minha mãe. O abrigo de mulheres era realmente importante pra ela. Mesmo quando não estávamos aqui em Cousins, ela não esquecia de vocês. E amava flores. Costumava dizer que precisava de flores pra respirar. Minha mãe teria ficado honrada com esse jardim.

Foi um bom discurso. Mamãe teria ficado orgulhosa de vê-lo no palco. Eu também deveria estar lá — ela teria gostado. E também teria gostado das rosas.

Vi Jere se sentar na primeira fila, ao lado de Belly. Notei quando ele pegou a mão dela — meu estômago deu um nó, e me escondi atrás de uma mulher de chapéu de aba larga.

Aquilo era um erro. Voltar tinha sido um erro.

21

OS DISCURSOS TERMINARAM, e todos saíram para ver o jardim.

— Que tipo de flores você quer pro casamento? — perguntou Jeremiah, baixinho.

Sorri e dei de ombros.

— Qualquer uma que seja bonita.

O que eu sabia sobre flores? O que eu sabia sobre casamentos, aliás? Não tinha ido a muitos, só ao da minha prima, Beth, quando fui dama de honra, fazendo par com nosso vizinho. Mas gostava daquele jogo que estávamos jogando. Era como um faz de conta, só que de verdade.

Então vi Conrad parado mais ao fundo, de terno cinza. Eu o encarei, e ele acenou para mim. Ergui minha mão, mas não me movi. Não conseguia me mexer.

Ouvi Jeremiah pigarrear ao meu lado. Levei um susto. Eu tinha esquecido que ele estava parado ali. Por aqueles poucos segundos, esqueci tudo.

O Sr. Fisher passou por nós e foi falar com o filho. Os dois se abraçaram. Minha mãe puxou Conrad para um abraço, e meu irmão veio por trás e lhe deu um soquinho carinhoso nas costas. Jeremiah também foi falar com ele.

Fui a última. Enrolei, caminhando devagar até eles.

— Oi — falei.

Não sabia o que fazer com as mãos, por isso não fiz nada.

— Oi — disse Conrad.

Ele abriu bem os braços, me encarando com uma expressão muito desafiadora. Eu me aproximei, hesitante. Conrad me puxou para um abraço apertado, me levantando um pouco do chão. Dei um gritinho e segurei a saia do vestido. Todos riram. Voltei para perto de Jeremiah assim que Conrad me colocou no chão. Ele não estava rindo.

— Conrad está feliz por ter a irmãzinha por perto de novo — comentou o Sr. Fisher em um tom jovial.

Eu me perguntei se ele ao menos sabia que Conrad e eu já havíamos namorado. Provavelmente não. Foi apenas por seis meses, nada comparado com o tempo que eu e Jeremiah já estávamos juntos.

— Como você está, irmãzinha? — perguntou Conrad, com aquela sua expressão clássica, em parte sarcástica, em parte brincalhona. Eu conhecia aquele olhar, já o vira muitas vezes.

— Ótima — falei, olhando para Jeremiah. — Estamos realmente ótimos.

Jere não olhou para mim. Em vez disso, tirou o celular do bolso, conferiu as horas e anunciou:

— Estou morrendo de fome.

Senti um nó no estômago. Ele estava bravo comigo?

— Vamos tirar umas fotos no jardim antes de irmos — sugeriu minha mãe.

O Sr. Fisher esfregou as mãos, animado, abraçou os filhos e disse:

— Quero uma foto dos homens Fisher. Viva os Pescadores!

Todos demos risada, inclusive Jeremiah. Era uma das piadas mais antigas e bobas do Sr. Fisher. Sempre que ele e os garotos voltavam de pescarias, ele brincava com a tradução do sobrenome deles: "Os Pescadores Fisher voltaram!"

Tiramos fotos de Jeremiah, do Sr. Fisher e de Conrad no jardim de rosas de Susannah, depois uma com Steven também, e então uma comigo, minha mãe, Steven e Jeremiah — fizemos todo tipo de combinação.

— Quero uma só da Belly comigo — pediu Jere.

Fiquei aliviada. Paramos em frente às rosas e, no instante em que minha mãe ia tirar a foto, Jeremiah me deu um beijo no rosto.

— Essa ficou bonita — elogiou minha mãe, e continuou: — Agora vamos tirar uma de todas as crianças.

Ficamos parados juntos: Jeremiah, Conrad, eu e Steven. Conrad passou os braços ao redor dos meus ombros e dos de Jeremiah. Foi como se o tempo não tivesse passado. A turma do verão estava reunida mais uma vez.

* * *

Fui no carro de Jeremiah até o restaurante. Minha mãe e Steven foram juntos, e o Sr. Fisher e Conrad seguiram cada qual no seu carro.

— Talvez não devêssemos contar a eles hoje — falei de repente. — Talvez seja melhor esperar.

Jeremiah abaixou a música.

— Como assim?

— Não sei. Pensei que hoje pudesse ser um dia só pra Susannah, pra família. Talvez a gente devesse esperar.

— Não quero esperar. Nosso casamento *tem* a ver com a família. Tem a ver com nossas duas famílias se unirem, se tornarem uma só. — Ele sorriu, pegou minha mão e a ergueu no ar. — Quero que você possa usar seu anel agora mesmo, cheia de orgulho.

— *Estou* cheia de orgulho — afirmei.

— Então, vamos fazer como planejamos.

— Está bem.

Quando paramos no estacionamento do restaurante, Jeremiah me avisou:

— Não se magoe se... você sabe, se ele disser alguma coisa.

Eu o encarei sem entender.

— Quem?

— Meu pai. Você sabe como ele é. Não pode levar pro lado pessoal, está certo?

Assenti.

Entramos no restaurante de mãos dadas. Os outros já estavam lá, sentados a uma mesa redonda.

Eu me sentei com Jeremiah à esquerda e meu irmão à direita. Peguei um pãozinho na cesta, enchi de manteiga e logo enfiei tudo na boca.

Steven balançou a cabeça. *Gulosa*, murmurou ele, só mexendo os lábios.

— Não tomei café da manhã — retruquei, irritada.

— Pedi alguns petiscos — disse o Sr. Fisher.

— Obrigada — falei, com a boca ainda cheia.

Ele sorriu.

— Belly, somos todos adultos aqui. Acho que você já pode me chamar de Adam. Chega de Sr. Fisher.

Jeremiah apertou minha perna por baixo da mesa. Quase ri alto. Então, outra coisa me ocorreu... Será que eu teria que chamar o Sr. Fisher de "pai" depois de casada? Precisava conversar com Jeremiah sobre isso.

— Vou tentar — prometi. O Sr. Fisher ficou me olhando, esperando. Então, acrescentei: — Adam.

Steven perguntou a Conrad:

— E aí, por que você nunca sai da Califórnia?

— Estou aqui, não estou?

— Sim, mas é praticamente a primeira vez que você sai de lá — implicou Steven, então baixou a voz. — Está com alguma garota?

— Não — disse Conrad. — Não tem garota nenhuma.

O champanhe chegou; quando nossas taças estavam cheias, o Sr. Fisher bateu com a faca na dele.

— Gostaria de fazer um brinde — anunciou.

Minha mãe revirou os olhos discretamente. O Sr. Fisher era famoso por gostar de fazer discursos, mas o dia pedia mesmo um.

— Quero agradecer a todos por se reunirem aqui hoje pra homenagear Susannah. É uma data especial, e estou feliz por estarmos juntos. — Ele ergueu a taça. — A Suz.

Minha mãe assentiu e disse:

— A Beck.

Todos brindamos e bebemos. E, antes que eu pudesse pousar meu copo, Jeremiah, me lançou um olhar do tipo: "Prepare-se, é agora."

Senti o estômago se revirar. Tomei outro gole de champanhe e assenti.

— Tenho algo a dizer — anunciou Jeremiah.

Enquanto todos esperavam para ouvir do que se tratava, lancei um olhar rápido na direção de Conrad. Ele estava com um dos braços apoiado nas costas da cadeira de Steven, os dois estavam rindo de alguma coisa. Parecia tranquilo e relaxado.

Tive um impulso louco de deter Jeremiah, de tapar sua boca, de impedir que falasse. Todos estavam tão felizes. O que ele estava prestes a dizer estragaria o clima.

— Já vou adiantar que é uma ótima notícia. — Jere abriu um enorme sorriso, e eu me preparei. Achei que ele estava animadinho demais. Minha mãe não ia gostar. — Pedi Belly em casamento, e ela aceitou. Ela aceitou! Vamos nos casar em agosto!

Foi como se o restaurante tivesse ficado completamente em silêncio de repente, como se todo o barulho e todas as conversas tivessem sido sugados do salão. Tudo simplesmente parou. Olhei para minha mãe, do outro lado da mesa. Ela estava pálida. Steven engasgou com a água que estava bebendo e perguntou, tossindo:

— Como é que é...?

O rosto de Conrad não transparecia emoção alguma.

Foi surreal.

O garçom chegou nesse momento com as entradas — lulas, coquetel de camarão e uma torre de ostras.

— Já querem pedir os pratos principais? — perguntou, rearrumando a mesa para abrir espaço para os pratos.

Com a voz muito tensa, o Sr. Fisher falou:

— Acho que vamos precisar de mais alguns minutos.

E olhou de relance para minha mãe.

Ela parecia zonza. Abriu e fechou a boca, então me encarou e perguntou:

— Você está grávida?

Senti o rosto queimar. Ao meu lado, mais senti do que ouvi Jere engasgar.

A voz da minha mãe tremia quando ela continuou, em um tom estridente:

— Não acredito nisso. Quantas vezes conversamos sobre contraceptivos, Isabel?

Eu não poderia ter ficado mais envergonhada. Olhei para o Sr. Fisher, que estava roxo, e então para o garçom, que servia água na mesa ao lado da nossa. Nossos olhos se encontraram. Eu tinha quase certeza de que ele estava na minha turma de psicologia.

— Mãe, não estou grávida!

Jeremiah se apressou a completar:

— Laurel, juro pra você que não é nada disso.

Minha mãe o ignorou. Ela só olhava para mim.

— Então o que está acontecendo aqui? De onde saiu essa ideia?

De repente, senti meus lábios muito secos. Passaram pela minha cabeça as circunstâncias que tinham levado Jeremiah a me pedir em casamento, e afastei o pensamento mais que depressa. Nada daquilo importava. O que importava era que estávamos apaixonados.

— Queremos nos casar, mãe.

— Você é jovem demais — retrucou ela, decidida. — Vocês dois são jovens demais.

Jeremiah tossiu.

— Laurel, nós nos amamos e queremos ficar juntos.

— Vocês *estão* juntos — retrucou minha mãe, irritada. Então, virou-se para o Sr. Fisher, os olhos semicerrados. — Você sabia disso?

— Acalme-se, Laurel. Eles estão brincando. É brincadeira, não é?

Jere e eu nos entreolhamos, e ele respondeu, em voz baixa:

— Não, nós não estamos brincando.

Minha mãe tomou o resto do champanhe de um gole só.

— Vocês não vão se casar e ponto final. Os dois ainda estão na faculdade, pelo amor de Deus. Que palhaçada.

O Sr. Fisher pigarreou e falou:

— Talvez depois de vocês dois se formarem possamos conversar sobre isso de novo.

— Alguns anos depois de se formarem — acrescentou minha mãe.

— Certo — concordou o Sr. Fisher.

— Pai... — começou Jeremiah.

O garçom reapareceu ao lado do Sr. Fisher antes que Jeremiah conseguisse terminar o que quer que estivesse prestes a dizer. Ele só ficou parado ali por um instante, parecendo constrangido, antes de perguntar:

— Vocês têm alguma dúvida em relação ao cardápio? Ou, ah, vamos ficar só nas entradas hoje?

— Já pode trazer a conta — respondeu minha mãe, tensa.

Tanta comida na mesa e ninguém tocava nela, ninguém dizia nada. Eu estava certa: tinha sido um erro — um erro tático de proporções épicas. Nunca deveríamos ter contado daquele jeito. Agora, todos na mesa eram uma equipe unida contra nós. Mal conseguiríamos dizer uma palavra.

Enfiei a mão na bolsa e, embaixo da toalha de mesa, coloquei meu anel de noivado. Foi a única coisa que consegui pensar em fazer. Quando estendi a mão para pegar meu copo de água, Jeremiah reparou no anel e apertou

mais uma vez meu joelho. Minha mãe também viu — seus olhos faiscaram, e ela desviou o olhar.

O Sr. Fisher pagou a conta e, ao menos daquela vez, minha mãe nem discutiu. Todos nos levantamos. Steven apressou-se em encher um guardanapo com camarão. Quando saímos, eu atrás da minha mãe e Jeremiah seguindo o pai, ouvi Steven sussurrando para Conrad logo atrás de mim:

— Cacete, cara. Que loucura. *Você* sabia disso?

Conrad respondeu que não. Já do lado de fora, ele se despediu da minha mãe com um abraço, então entrou no carro e foi embora. Não olhou para trás nem uma vez.

Quando chegamos ao carro, pedi bem baixinho a minha mãe:

— Pode me passar a chave?

— Pra quê?

Umedeci os lábios.

— Preciso pegar minha mochila na mala. Vou voltar com Jeremiah, lembra?

Notei que minha mãe se esforçava para controlar a irritação.

— Não vai, não — retrucou ela. — Você vai pra casa conosco.

— Mas, mãe...

Antes que eu pudesse terminar, ela já havia entregado as chaves para Steven e se acomodado no banco do carona, fechando a porta.

Olhei desolada para Jeremiah. O Sr. Fisher já estava no carro dele, e Jere ficou para trás, esperando. Eu queria ir embora com ele mais do qualquer coisa. Estava muito, muito assustada com a perspectiva de entrar no carro com minha mãe. Ela com certeza ia me comer viva.

— Entre no carro, Belly — pediu Steven. — Não piore a situação.

— É melhor você ir — concordou Jeremiah.

Corri até ele e o abracei com força.

— Ligo pra você de noite — sussurrou Jere, com o rosto enfiado no meu cabelo.

— Atendo se ainda estiver viva — sussurrei de volta.

Eu me afastei e entrei no banco de trás do carro da minha mãe.

Steven deu a partida, o guardanapo branco cheio de camarões amontoado no colo. Minha mãe encontrou meus olhos no retrovisor e disse:

— Você vai devolver esse anel, Isabel.

Se eu recuasse agora, tudo estaria perdido. Precisava ser forte.

— Não vou, não — avisei.

22

MINHA MÃE E eu não nos falamos por uma semana. Eu a evitei, e ela me ignorou. Trabalhei no Behrs principalmente para poder ficar fora de casa. Almoçava e jantava lá. Depois dos turnos, ia para a casa de Taylor e, quando chegava em casa, ligava para Jeremiah. Ele implorou para que eu ao menos o deixasse tentar conversar com minha mãe. Eu sabia que Jere não queria que ela o odiasse e lhe garanti que não era com ele que minha mãe estava furiosa. O problema era comigo.

Uma noite, depois de um longo turno no restaurante, estava indo para o meu quarto, mas parei de repente. Ouvi o som abafado da minha mãe chorando atrás da porta fechada. Fiquei paralisada, o coração disparado. Ali, do lado de fora, ouvindo-a chorar, quase desisti de tudo. Naquele momento, eu teria feito qualquer coisa, dito qualquer coisa, para fazê-la parar de sofrer. Naquele momento, ela conseguiria o que quisesse de mim. Eu já estava com a mão na maçaneta, e as palavras estavam na ponta da minha língua: "Tudo bem, não vou fazer isso."

Mas então o som parou. Minha mãe tinha parado de chorar. Esperei mais um pouco e, quando não ouvi mais nada, soltei a maçaneta e fui para o meu quarto. No escuro, troquei de roupa, me deitei na cama e chorei também.

* * *

Acordei com o cheiro do café turco do meu pai. Apenas por aqueles poucos segundos entre o sono e o despertar, voltei a ter dez anos de idade — meu pai ainda morava com a gente, e minha maior preocupação era o dever de matemática. Já estava quase adormecendo de novo quando despertei com um susto.

Só havia uma razão para meu pai estar em casa. Minha mãe tinha contado para ele. Eu queria que tivesse sido eu a contar, a explicar. Mamãe tinha tirado esse momento de mim. Fiquei com raiva, mas ao mesmo tempo feliz. Se minha mãe contou ao meu pai, então finalmente estava levando a ideia a sério.

Tomei banho e desci. Os dois estavam sentados na sala de estar, tomando café. Meu pai usava suas roupas de fim de semana — jeans e uma camisa xadrez de mangas curtas. E um cinto, sempre um cinto.

— Bom dia — falei.

— Sente-se — mandou minha mãe, pousando a caneca em um porta-copos.

Foi o que fiz. Meus cabelos ainda estavam molhados, e eu tentava desembaraçá-los com um pente.

Meu pai pigarreou e disse:

— Sua mãe me contou o que está acontecendo.

— Pai, eu mesma queria ter contado a você, de verdade. A mamãe me atropelou.

Lancei um olhar sério para ela, que não pareceu nem um pouco abalada.

— Também não sou a favor disso, Belly. Acho que vocês são novos demais. — Ele pigarreou de novo. — Sua mãe e eu conversamos e, se você quiser morar com Jeremiah em um apartamento no próximo período, vamos permitir. Vocês vão ter que arcar com os custos extras se for mais caro do que os quartos nos alojamentos, mas vamos continuar pagando nossa parte.

Eu não esperava por aquilo. Uma proposta de acordo. Tinha certeza de que fora ideia do meu pai, mas não podia aceitar.

— Pai, eu não quero só morar com o Jere. Não é por isso que vamos nos casar.

— Então *por que* vocês vão se casar? — perguntou minha mãe.

— Nós nos amamos. Pensamos muito a respeito, de verdade.

Minha mãe apontou para a minha mão esquerda.

— Quem pagou por esse anel? Sei que Jeremiah não está trabalhando.

Pousei a mão no colo.

— Ele comprou no cartão de crédito — expliquei.

— O cartão de crédito que Adam paga. Se Jeremiah não pode pagar por um anel, não deveria ter comprado um.

— Não foi muito caro.

Eu não fazia ideia de quanto o anel tinha custado, mas o diamante era tão pequeno que imaginei que não tivesse sido assim *tão* caro.

Minha mãe suspirou, desviou os olhos para meu pai e voltou a me encarar.

— Você talvez não acredite, mas, quando seu pai e eu nos casamos, estávamos muito apaixonados. Muito, muito mesmo. Começamos o casamento com as melhores intenções. Mas isso não foi o bastante para manter o relacionamento.

O amor deles um pelo outro, por Steven e por mim, pela nossa família, nada disso foi o bastante para fazer o casamento dar certo. Eu já sabia de tudo isso.

— Você se arrepende? — perguntei a ela.

— Belly, não é simples assim.

Eu a interrompi.

— Se arrepende da nossa família? Se arrepende de mim e de Steven?

Ela suspirou profundamente antes de responder:

— Não.

— Você se arrepende, pai?

— Belly, não. É claro que não. Não é isso que sua mãe está tentando dizer.

— Jeremiah e eu não somos vocês dois. Nós nos conhecemos a vida toda. — Tentei apelar para meu pai. — Pai, sua prima, a Martha, se casou jovem e está com o Bert há, sei lá, trinta anos! Pode dar certo, sei que pode. Jere e eu vamos fazer dar certo, que nem eles. Vamos ser felizes. Só queremos que vocês fiquem felizes por nós. Por favor, fiquem felizes por nós.

Meu pai esfregou a barba de um modo que eu conhecia muito bem — ele passaria a bola para minha mãe, como de costume. A qualquer instante, ele a encararia com uma pergunta nos olhos. Agora estava nas mãos dela. Na verdade, sempre estivera.

Nós dois olhamos para minha mãe. Ela julgaria o caso. Era assim que as coisas funcionavam em nossa família. Minha mãe fechou os olhos por um momento e falou:

— Não vou apoiar essa decisão, Isabel. Se você insistir nesse casamento, não vou concordar. Não vou participar.

Aquilo me tirou o fôlego. Ainda que eu estivesse esperando que ela continuaria achando aquela ideia estúpida.... ainda assim. Achei que minha mãe cederia, ao menos um pouco.

— Mãe — falei, a voz falhando —, por favor.

Meu pai pareceu abalado quando disse:

— Belly, vamos só pensar um pouco mais a respeito, está bem? É tudo muito repentino pra nós.

Eu o ignorei e encarei minha mãe.

— Mãe? Sei que não está falando sério — falei, em tom de súplica.

Ela balançou a cabeça.

— Estou falando muito sério.

— Mãe, você não pode não ir ao meu casamento. Isso é loucura.

Tentei soar calma, como se não estivesse à beira de um ataque de nervos.

— Não, loucura é a ideia de uma adolescente se casar. — Ela comprimiu os lábios com força. — Não sei o que dizer pra convencer você disso. O que quer que eu diga, Isabel?

— Nada.

Minha mãe se inclinou para a frente, os olhos fixos em mim.

— Não faça isso — insistiu ela.

— Já está decidido. Vou me casar com Jeremiah. — Eu me levantei, agitada. — Se não pode ficar feliz por mim, então talvez... talvez seja melhor você não ir mesmo ao casamento.

Eu já estava na escada quando meu pai me chamou.

— Belly, espere.

Parei, então ouvi minha mãe dizer.

— Deixa ela.

* * *

Já no meu quarto, liguei para Jeremiah. A primeira coisa que ele disse foi:

— Quer que eu fale com ela?

— Não vai ajudar. Estou dizendo, ela está determinada. Conheço minha mãe, ela não vai ceder. Pelo menos não por enquanto.

Ele ficou em silêncio.

— Então o que você quer fazer?

— Não sei.

Comecei a chorar.

— Quer adiar o casamento?

— Não!

— Então o que vamos fazer?

Sequei o rosto e falei:

— Acho que a gente simplesmente tem que seguir em frente com o casamento. Começar a planejar.

Assim que desligamos, comecei a ver as coisas com mais clareza. Eu só precisava separar a razão da emoção. Recusar-se a ir ao casamento era o trunfo da minha mãe, era sua única cartada. E era um blefe. Tinha que ser. Não importava quanto estivesse aborrecida ou decepcionada comigo, eu não conseguia acreditar que ela faltaria ao casamento da única filha. Impossível.

Eu só precisava seguir em frente e tocar o casamento. Ele iria acontecer, com ou sem minha mãe ao meu lado.

23

EU ESTAVA GUARDANDO a roupa lavada quando Steven bateu à porta do meu quarto, mais tarde naquela noite. Como sempre, ele só me deu alguns segundos para responder antes de sair entrando — Steven nunca esperava que eu dissesse "entre". Ele ficou parado no meu quarto, meio constrangido, apoiado na parede, os braços cruzados.

— O que foi? — perguntei, embora já soubesse.

— Entãão... você e o Jere estão falando sério?

Empilhei algumas camisetas dobradas.

— Sim.

Steven atravessou o quarto, sentou-se à escrivaninha e pensou na resposta por um instante. Então me encarou, sentado ao contrário na cadeira.

— Você tem noção de que isso é doideira, né? A gente não mora no interior. Não tem por que você se casar tão nova.

— O que você sabe sobre o interior? — debochei. — Nunca esteve lá.

— Essa não é a questão.

— E qual é a questão, afinal?

— O que estou dizendo é que vocês são novos demais.

— A mamãe mandou você vir aqui falar comigo?

— Não — respondeu ele, e soube na mesma hora que estava mentindo. — Só estou preocupado.

Eu o encarei.

— Está bem, é, ela me mandou aqui, sim — admitiu Steven. — Mas eu teria vindo de qualquer modo.

— Você não vai me fazer mudar de ideia.

— Olha, ninguém conhece vocês dois melhor do que eu. — Ele parou para pesar as palavras. — Eu amo o Jere... ele é como um irmão pra mim. Mas você é minha irmãzinha. Você vem primeiro. Toda essa ideia de casamento... Foi mal, mas acho uma estupidez. Se vocês se amam tanto assim, podem esperar alguns anos pra se casar. E, se não é o caso, com certeza não deveriam se casar.

Eu me senti comovida e irritada ao mesmo tempo. Steven nunca dizia coisas como "Você vem primeiro." Mas então ele me chamou de estúpida, o que era mais a cara dele.

— Não espero que você entenda — retruquei. Dobrei, depois tornei a dobrar, uma camiseta. — Jeremiah quer que você e Conrad sejam padrinhos.

Steven abriu um sorriso.

— É mesmo?

— Sim.

Ele pareceu realmente feliz, mas então me pegou encarando-o, e o sorriso se apagou.

— Acho que a mamãe não vai me deixar ir ao casamento.

— Steven, você tem vinte e um anos. Pode decidir isso por si mesmo.

Ele franziu o cenho. Percebi que tinha ferido seu orgulho.

— Bem, ainda não acho que você esteja tomando uma decisão muito inteligente — frisou.

— Anotado. Mas vou me casar mesmo assim.

— Ah, cara, a mamãe vai me matar. Eu deveria convencer você a desistir do casamento, não me juntar ao grupo de padrinhos — disse Steven, e se levantou.

Disfarcei um sorriso. Quer dizer, até meu irmão acrescentar:

— É melhor Con e eu começarmos a planejar a despedida de solteiro logo.

Eu me apressei a avisar:

— Jere não quer nada disso.
Steven estufou o peito.
— Não se mete nisso, Belly. Você é menina. Isso é coisa de homem.
— Coisa de *homem*?
Ele sorriu, saiu e fechou a porta do meu quarto.

24

APESAR DO QUE falei para Steven, ainda me peguei esperando pela minha mãe. Esperando que ela se aproximasse, que cedesse. Não queria começar a planejar o casamento até ela concordar. Mas, conforme os dias se passavam e ela se recusava a falar sobre o assunto, percebi que não poderia esperar mais.

Graças a Deus eu tinha a Taylor.

Ela levou lá para casa um grande fichário branco com recortes de revistas de casamento, listas e todo tipo de cosia.

— Eu estava guardando isso pro meu casamento, mas podemos usar pro seu também — explicou.

Tudo que eu tinha era uma folha de um dos blocos amarelos da minha mãe. Eu havia escrito CASAMENTO no alto e feito uma lista de coisas necessárias. A lista parecia muito pobre perto do fichário de Taylor.

Estávamos sentadas na minha cama, cercadas por papéis e revistas de noivas. Taylor encarava tudo como uma profissional.

— Vamos começar pelo princípio. Temos que encontrar um vestido pra você. Agosto está muito, muito em cima.

— Não parece assim *tão* em cima — retruquei.

— Bem, mas está. Dois meses pra planejar um casamento não são nada. Em termos de casamento, isso é, tipo, amanhã.

— Mas acho que, como a cerimônia vai ser simples, o vestido também tem que ser — falei.

Taylor franziu o cenho.

— Defina simples.

— Simples mesmo. O mais simples possível. Nada armado ou cheio de frufrus.

Ela assentiu.

— Estou visualizando. Algo tipo Cindy Crawford se casando na praia, tipo Carolyn Bessette.

— Sim, alguma coisa assim.

Eu não fazia ideia de como eram nenhum dos dois vestidos que ela mencionou nem sabia quem era Carolyn Bessette. Depois que eu tivesse o vestido de noiva, o casamento pareceria mais real, eu conseguiria visualizá-lo. Naquele exato momento, ainda parecia abstrato demais.

— E quanto aos sapatos?

Olhei para ela.

— Não vou usar sapatos de salto na praia. Mal consigo andar de salto no asfalto.

Taylor me ignorou.

— E o meu vestido de madrinha?

Afastei algumas revistas no carpete para poder me deitar. Estiquei as pernas o máximo que consegui e as apoiei na parede.

— Estava pensando em amarelo-mostarda. Talvez em um tecido acetinado.

Taylor odiava amarelo-mostarda.

— Cetim amarelo-mostarda — repetiu ela, assentindo e tentando não demonstrar sua decepção. Dava para ver que estava dividida entre a própria vaidade e sua crença de que a noiva estava sempre certa. — Pode funcionar pro tom de pele da Anika. Sou mais clara, mas se começar a me bronzear agora, também pode dar certo.

Eu ri.

— Estou brincando. Você pode usar o que quiser.

— Boba! — disse Taylor, parecendo aliviada. Ela me deu um tapa na coxa. — Você é tão imatura! Não acredito que vai se casar!

— Nem eu.

— Mas acho que faz sentido, em um universo paralelo meio *Além da imaginação*. Você e Jere se conhecem há, sei lá, um zilhão de anos. Era pra ser.

— Quanto é um zilhão de anos?

— É desde sempre. — Ela desenhou minhas iniciais no ar. — B.C. + J.F. para sempre.

— Para sempre — repeti, feliz.

Para sempre funcionava para mim. Eu e Jere.

25

PASSEI NO ESCRITÓRIO da minha mãe no dia seguinte, a caminho do shopping, onde encontraria Taylor.

— Vou procurar um vestido — disse, à porta.

Ela parou de digitar e ergueu os olhos para mim.

— Boa sorte — disse.

— Obrigada.

Imagino que ela poderia ter dito coisas piores que "boa sorte", mas a ideia não fez com que eu me sentisse melhor.

* * *

A loja de roupas de festa no shopping estava cheia de garotas procurando vestidos de formatura com suas mães. Eu não esperava sentir a pontada de tristeza que me atingiu quando as vi. Garotas deveriam ir comprar vestidos de noiva com suas mães. Deveriam sair do provador usando o vestido perfeito, e a mãe diria, com a voz embargada: "É esse." Eu tinha certeza de que era assim que deveria ser.

— Não está um pouco tarde pro baile de formatura? — perguntei a Taylor. — O nosso não foi em maio?

— Minha irmã me contou que adiaram o baile por causa de um escândalo envolvendo o vice-diretor — explicou ela. — A verba do baile sumiu, ou coisa parecida. Então agora vai ser uma "bailortura", formatura e baile de formatura.

Eu ri.

— Bailortura!

— Além disso, o baile das escolas particulares é sempre mais tarde, lembra? O da Collegiate e o da St. Joe foram assim.

— Só fui a um baile de formatura — lembrei a ela. E tinha sido mais que o bastante para mim.

Circulei pela loja até encontrar um vestido que me agradasse — era tomara que caia, de um branco ofuscante. Até ali, eu nunca me dera conta de que havia vários tons de branco, achava que branco era branco. Quando me juntei a Taylor, ela estava com uma pilha de vestidos no braço. Tivemos que esperar na fila por um lugar nos provadores.

A garota na minha frente disse à mãe:

— Vou surtar se alguém usar o mesmo vestido que eu.

Taylor e eu reviramos os olhos uma para a outra. *Vou surtar*, imitou Taylor, apenas movendo os lábios.

Parecia que estávamos naquela fila a vida toda.

— Experimente esse primeiro — ordenou Taylor, quando chegou minha vez.

Obedeci prontamente.

— Vem! — gritou ela, da cadeira perto do espelho de três faces, onde estava acampada junto com as mães.

— Acho que não gosto desse — falei, ainda dentro do provador. — É cintilante demais. Pareço Glinda, a bruxa boa, ou qualquer coisa assim.

— Dá pra você sair e me deixar ver?!

Saí, e já havia duas outras garotas diante de espelho, se mirando de costas. Parei atrás delas.

Então, a garota que minutos antes tinha dito que *surtaria* se alguém usasse o mesmo vestido que ela saiu do provador usando o mesmo vestido que eu, só que em um tom champanhe. Ela me viu e perguntou na mesma hora:

— A que baile de formatura você vai?

Taylor e eu nos entreolhamos pelo espelho. Taylor estava rindo, cobrindo a boca.

— Não vou a nenhum baile de formatura — falei.

— Ela vai se casar! — anunciou Taylor.

A garota ficou boquiaberta.

— Quantos anos você tem? Parece tão nova.

— Não sou tão nova assim — retruquei. — Tenho dezenove anos.

Eu só faria aniversário em agosto, mas dezenove parecia bem mais velha que dezoito.

— Ah. Achei que fôssemos, tipo, da mesma idade.

Eu nos olhei no espelho, as duas com o mesmo vestido. Também achei que parecíamos ter a mesma idade. Vi a mãe da garota me encarando e cochichando com a mulher ao lado dela, e senti que ruborizava.

Taylor também viu isso e disse bem alto:

— Mal dá pra ver que ela está com três meses de gravidez.

A mulher arquejou. Então, balançou a cabeça para mim, e dei de ombros de leve. Taylor pegou minha mão e voltamos correndo para o provador, rindo.

— Você é uma boa amiga — falei, enquanto ela abria o zíper para mim.

Nós nos encaramos no espelho, eu no meu vestido branco, ela de bermuda e chinelo. Senti vontade de chorar, mas então Taylor salvou o momento e me fez rir. Ela ficou vesga e colocou a língua para fora. Era bom rir de novo.

Três lojas depois, nos sentamos na praça de alimentação, ainda sem vestido de noiva. Taylor comeu batatas fritas, e eu tomei iogurte frozen com confeitos coloridos. O dia não estava sendo tão divertido quanto eu esperava.

Taylor se inclinou para a frente e enfiou uma batata frita já cheia de ketchup no meu iogurte. Afastei o copo da mão dela.

— Taylor! Que nojo!

Ela deu de ombros.

— Isso vindo da garota que coloca açúcar nos sucrilhos? — Ela me estendeu uma batata frita, mandando: — Experimente.

Enfiei a batata no copo de iogurte, com cuidado para não esbarrar em nenhum confeito, porque aí seria nojento demais. Botei a batata frita na boca. Não era ruim. Engoli e comentei:

— E se não acharmos um vestido?

— Vamos achar — garantiu Taylor, e me estendeu outra batata frita. — Não perca as esperanças assim tão rápido.

* * *

Ela estava certa. Encontramos o vestido na loja seguinte. Foi o último que experimentei. Todos os outros ou não tinham ficado tão legais ou eram caros demais. Aquele vestido era longo, branco, de seda, algo que eu poderia usar na praia. Não era caro demais, o que me agradava. Mas o mais importante de tudo foi que, quando me olhei no espelho, consegui me imaginar casando com ele.

Saí do provador nervosa, alisando o vestido. E ergui os olhos para Taylor.

— O que acha?

Os olhos dela estavam brilhando.

— É perfeito. Simplesmente perfeito.

— Acha mesmo?

— Venha se ver nesse espelho e me diga você mesma, sua tonta.

Subi na plataforma diante do espelho, rindo, e me encarei no espelho de três faces. Era aquele. Aquele era meu vestido de noiva.

26

NAQUELA NOITE, EXPERIMENTEI de novo o meu vestido e liguei para Jeremiah.

— Finalmente encontrei meu vestido — contei. — Estou usando ele agora.

— Como é?

— Isso é surpresa. Mas prometo que é muito lindo. Taylor e eu o encontramos na quinta loja em que entramos. Nem foi muito caro. — Passei a mão pelo tecido sedoso. — Serviu perfeitamente, então nem vou precisar fazer ajustes, nem nada.

— Então por que você está parecendo tão triste?

Eu me sentei no chão e puxei os joelhos junto ao peito.

— Não sei. Talvez porque minha mãe não estivesse lá pra me ajudar a escolher... Sempre achei que comprar um vestido de casamento fosse algo especial, algo que minha mãe e eu faríamos juntas, mas ela não estava lá. Foi legal ir com a Taylor, mas queria que mamãe também estivesse presente.

Jeremiah ficou em silêncio por algum tempo. Então falou:

— Você chamou sua mãe pra ir com você?

— Não, na verdade, não. Mas ela sabia que eu a queria lá. Odeio que ela não faça parte disso.

Eu havia deixado a porta do quarto aberta, na esperança de que minha mãe passasse por ali, me visse usando o vestido e parasse. Até então, isso não acontecera.

— Ela vai mudar de ideia.

— Espero que sim. Não se sei se consigo me visualizar casando sem que ela esteja presente, sabe?

Ouvi Jere deixar escapar um suspiro.

— Eu entendo, também me sinto assim — disse ele, e percebi que estava pensando em Susannah.

* * *

Na manhã seguinte, minha mãe e eu estávamos tomando café — ela com seu iogurte com granola, eu com meus waffles congelados —, quando a campainha tocou.

Ela ergueu os olhos do jornal que estava lendo.

— Está esperando alguém? — perguntou.

Balancei a cabeça e me levantei para ver quem era. Abri a porta da frente, imaginando que poderia ser Taylor com mais revistas de noiva. Mas era Jeremiah. Ele segurava um buquê de lírios e usava uma camisa elegante, branca, com um xadrez azul bem suave.

Levei as mãos à boca, encantada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, minha voz saindo aguda.

Ele me puxou para um abraço. Senti em seu hálito o cheiro de café do McDonald's. Jeremiah provavelmente acordara muito cedo para chegar ali àquela hora. Ele amava o café da manhã do McDonald's, mas nunca conseguia acordar cedo o bastante para tomar.

— Pode tirar o cavalinho da chuva — disse Jeremiah. — Essas flores não são pra você. Laurel está em casa?

Eu estava zonza.

— Está tomando café da manhã. Entre.

Abri a porta para ele, que me seguiu até a cozinha.

— Mãe, olha quem está aqui! — anunciei, animada.

Ela pareceu um tanto surpresa, a colher parada a meio caminho da boca.

— Jeremiah!

Ele foi até ela, as flores na mão.

— Eu precisava vir e cumprimentar devidamente minha futura sogra — disse ele, com um sorriso brincalhão no rosto.

Jeremiah beijou-a no rosto e pousou as flores perto da tigela de iogurte.

Eu observava a cena com atenção. Se alguém era capaz de enfeitiçar minha mãe, essa pessoa era Jeremiah. Já podia sentir a tensão se dissipando em nossa casa.

Ela abriu um sorriso que pareceu meio rígido, mas ainda assim um sorriso, depois se levantou.

— Fico feliz por você ter vindo. Quero mesmo conversar com vocês dois.

Jeremiah esfregou as mãos.

— Perfeito. Vamos fazer isso. Belly, venha cá. Primeiro, um abraço coletivo.

Mamãe tentou não rir enquanto Jeremiah lhe dava um abraço apertado. Ela gesticulou para que eu me juntasse a eles, e eu me aproximei e a abracei pela cintura. Ela não conseguiu reprimir uma risada.

— Está certo, está certo. Vamos pra sala. Jere, você já comeu?

Respondi por ele.

— McMuffin com ovos, certo, Jere?

Ele piscou para mim.

— Você me conhece muito bem.

Minha mãe já estava na sala, de costas para nós.

— Senti o cheiro de McDonald's no seu hálito — disse a ele, baixinho.

Jeremiah levou a mão à boca, parecendo envergonhado, o que era raro para ele.

— Estou com mau hálito? — perguntou.

Acho que nunca senti tanta ternura por ele quanto naquele momento.

— Não — respondi. — De jeito nenhum.

Nós três nos sentamos na sala de estar, Jeremiah e eu no sofá, e minha mãe em uma poltrona de frente para nós. Tudo estava indo muito bem. Ele a fizera rir. Eu não a vira rir ou sorrir desde que contamos sobre o casamento. Comecei a me sentir esperançosa, como se aquilo realmente pudesse funcionar.

A primeira coisa que minha mãe disse foi:

— Jeremiah, você sabe que amo você. Que só quero o melhor pra você. E é por isso que não posso apoiar o que vocês dois querem fazer.

Jere se inclinou para a frente.

— Lau...

Ela ergueu a mão para interrompê-lo.

— Vocês são novos demais. Os dois. Ainda estão formando suas personalidades, se tornando as pessoas que um dia serão. Ainda são crianças. Não estão prontos pra um compromisso como esse. Estamos falando de um compromisso pro resto da vida, Jeremiah.

— Laurel — ele se apressou a falar —, quero ficar com a Belly pro resto da vida. Posso me comprometer com isso.

Minha mãe balançou a cabeça.

— E é por isso que sei que você não está pronto, querido. Você é despreocupado demais, precisa levar as coisas mais a sério. Esse não é o tipo de situação com que a pessoa se compromete de repente. É um assunto muito sério.

A condescendência na voz da minha mãe me irritou profundamente. Eu tinha dezoito anos, não oito, e Jeremiah, dezenove. Tínhamos idade o bastante para saber que casamento era uma coisa séria. Vimos nossos pais estragarem os próprios casamentos, e não cometeríamos os mesmos erros. Mas eu não disse nada. Sabia que se eu ficasse brava ou se tentasse discutir, só provaria o argumento dela. Por isso, permaneci sentada, em silêncio, enquanto ela continuava.

— Quero que vocês dois esperem. Quero que Belly termine a faculdade. Quando ela se formar, se vocês dois ainda se sentirem da mesma forma, então se casem. Mas só depois que ela se formar. Se Beck estivesse aqui, concordaria comigo.

— Acho que ela ficaria muito feliz por nós — disse Jeremiah.

Antes que minha mãe pudesse contradizê-lo, ele acrescentou:

— Belly ainda vai terminar a faculdade conforme o previsto, eu prometo. Vou tomar conta dela muito bem. Só nos dê sua bênção. — Ele estendeu a mão, tocou a dela e sacudiu de leve, brincalhão. — Vamos lá, Lau. Você sabe que sempre me quis como genro.

Minha mãe pareceu triste.

— Não desse jeito, meu bem. Sinto muito.

Houve um longo e constrangido momento de silêncio. Nós três sentados ali, eu como se estivesse prestes a explodir em lágrimas. Jeremiah passou

os braços ao meu redor, apertou meu ombro e me soltou.

— Isso quer dizer que você não vai ao casamento? — perguntei.

Minha mãe balançou a cabeça e falou:

— Isabel, que casamento? Vocês não têm dinheiro pra pagar por um casamento.

— Isso é com a gente, não com você — retruquei. — Só quero saber: você vai ao casamento?

— Já respondi a essa pergunta. Não, eu não vou.

— Como pode dizer isso? — Soltei o ar devagar, tentando manter a calma. — Você só está furiosa porque não pode fazer nada a respeito. É o fato de não ter qualquer controle da situação que está matando você.

— Sim, está me matando! — retrucou ela, ríspida. — Ver você tomar uma decisão tão estúpida sem poder fazer nada está me matando.

Minha mãe fixou os olhos em mim, e virei a cabeça para não encará-la, os joelhos tremendo. Não conseguia mais ouvi-la. Ela estava envenenando nossa boa notícia com todas aquelas dúvidas e negatividade. Estava estragando tudo.

Eu me levantei.

— Então vou embora. Você não vai mais ter que ver nada disso.

Jeremiah pareceu perplexo.

— Calma, Bell, senta.

— Não posso ficar aqui — argumentei.

Minha mãe não disse uma palavra. Só ficou sentada ali, as costas muito retas.

Saí da sala e subi a escada.

No meu quarto, joguei uma pilha de camisetas e roupas íntimas em uma mala. Estava enfiando meu nécessaire por cima daquilo tudo quando Jeremiah entrou no quarto e fechou a porta.

Ele se sentou na minha cama.

— O que acabou de acontecer? — perguntou, ainda perplexo.

Não respondi, só continuei a arrumar minhas coisas.

— O que você está fazendo? — insistiu Jeremiah.

— O que parece que estou fazendo?

— Tudo bem, mas você tem um plano?

Fechei o zíper da mala.

— Sim, tenho um plano. Vou ficar na casa de Cousins até o casamento. Não consigo lidar com minha mãe.

Jeremiah prendeu o ar.

— Sério?

— Você ouviu o que ela disse. Minha mãe não vai mudar de ideia. É assim que ela quer que as coisas sejam.

Ele hesitou.

— Não sei, não... E o seu emprego?

— Foi você mesmo quem disse que eu deveria pedir demissão. É melhor assim. Em Cousins, posso planejar melhor o casamento do que aqui. — Eu estava suando enquanto pegava a mala. — Se minha mãe não quer entrar nessa com a gente, azar o dela. Porque o casamento vai acontecer.

Jeremiah tentou pegar a mala da minha mão, mas eu o afastei. Desci a escada e fui para o meu carro sem trocar uma palavra com minha mãe. Ela não me perguntou para onde eu estava indo, nem quando eu voltaria.

* * *

Saindo da cidade, paramos no Behrs. Jere esperou no carro dele enquanto eu ia até o restaurante. Se eu não tivesse acabado de brigar com minha mãe, jamais teria coragem de me demitir daquele jeito. Mesmo que os empregados entrassem e saíssem o tempo todo do Behrs, principalmente os estudantes... ainda assim. Fui direto até a cozinha e procurei a gerente, Stacey. Disse a ela que lamentava muito, mas que iria me casar em dois meses e não poderia continuar a trabalhar ali. Stacey olhou para minha barriga, então para meu anel de noivado, e disse:

— Parabéns, Isabel. Mas saiba que sempre teremos lugar pra você aqui no Behrs.

Sozinha de novo no meu carro, chorei alto, solucei. Chorei até minha garganta doer. Estava furiosa com minha mãe, mas o pior era a tristeza absurda e pesada que eu sentia. Eu já tinha idade o bastante para fazer as coisas sozinha, sem ela. Eu podia me casar, eu podia largar o emprego. Minha mãe já não era mais a toda-poderosa — mas parte de mim desejava que ela ainda pudesse ser.

27

ESTÁVAMOS A MEIA hora de Cousins quando Jeremiah me ligou e disse:

— Conrad está na casa de praia.

Meu corpo inteiro ficou rígido. Paramos em um semáforo, e o carro de Jeremiah estava na frente do meu.

— Desde quando?

— Desde semana passada. Ele simplesmente ficou lá depois de toda aquela situação no restaurante. Voltou uma vez pra pegar as coisas dele, mas acho que vai passar o verão por lá.

— Ah. Você acha que ele vai se importar de eu ficar lá também?

Percebi que Jere hesitou.

— Não, não acho que ele vá se importar. Eu só queria poder ficar lá também. E ficaria, se não fosse por esse estágio idiota. Talvez eu deva simplesmente largar o estágio.

— Não pode fazer isso. Seu pai te mataria.

— É, eu sei. — Eu o ouvi hesitar de novo, antes de voltar a falar: — Não acho certo a maneira como deixamos as coisas com sua mãe. Talvez seja melhor você voltar pra casa, Bells.

— Não vai funcionar. A gente só vai acabar brigando de novo. — A luz do semáforo ficou verde. — Sabe de uma coisa? Na verdade, acho que pode ser melhor assim. Nós duas vamos ter espaço pra pensar melhor.

— Se é o que você acha... — falou Jeremiah, mas percebi que ele não concordava completamente.

— Vamos conversar mais quando chegarmos à casa de praia — sugeri, e desligamos.

Essa novidade de Conrad estar em Cousins me deixou inquieta. Talvez ficar na casa de praia não fosse a melhor ideia.

Mas, quando estacionei na calçada vazia, senti um alívio incrível por estar de volta. Lar. Eu estava de volta ao meu lar.

A casa parecia a mesma, alta, pintada de cinza e branco. Tive a mesma sensação. Como se eu estivesse no lugar a que pertencia. Como se pudesse respirar de novo.

* * *

Estava sentada no colo de Jeremiah em uma espreguiçadeira quando ouvimos um carro estacionar. Era Conrad, que saiu do carro com uma sacola do mercado. Ele pareceu surpreso ao nos ver. Eu me levantei e acenei.

Jeremiah esticou as mãos atrás da cabeça e se recostou na espreguiçadeira.

— Oi, Con.

— E aí? — disse ele, caminhando na nossa direção. — O que vocês estão fazendo aqui?

Conrad pousou a sacola do mercado e se sentou perto de Jeremiah, e eu fiquei de pé, ao lado deles.

— Coisas do casamento — disse Jeremiah, sem muita certeza.

— Coisas do casamento — repetiu Conrad. — Então vocês dois vão mesmo fazer isso?

— É claro que vamos! — Jere me puxou de volta para o seu colo. — Certo, esposinha?

— Não me chame de esposinha — falei, e torci o nariz. — É horrível.

Conrad me ignorou.

— Isso significa que Laurel mudou de ideia? — perguntou.

— Ainda não, mas vai mudar — respondeu Jeremiah, e não o corrigi.

Fiquei sentada em seu colo por mais vinte segundos, então me desvencilhei de seus braços e me levantei de novo.

— Estou morrendo de fome — falei, me inclinando para investigar a sacola de compras de Conrad. — Você comprou alguma coisa boa?

Conrad me deu um meio sorriso distraído.

— Nada de Cheetos nem pizza congelada aí. Lamento. Mas comprei ingredientes pro jantar. Vou preparar alguma coisa.

Ele se levantou, pegou a sacola de compras e entrou em casa.

* * *

Para o jantar, Conrad preparou salada de abacate, tomates e manjericão e grelhou alguns peitos de frango. Comemos no deque, do lado de fora.

— Uau, estou impressionado — comentou Jeremiah, com a boca cheia de frango. — Desde quando você cozinha?

— Desde que passei a morar sozinho. Isso é basicamente tudo que eu como. Frango. Todo dia. — Conrad empurrou a tigela de salada na minha direção, sem erguer os olhos. — Está satisfeita?

— Estou. Obrigada, Conrad. Estava tudo muito gostoso.

— Muito gostoso — repetiu Jeremiah.

Conrad só deu de ombros, mas as pontas de suas orelhas ficaram mais rosadas, e percebi que ele gostou do elogio.

Cutuquei Jeremiah no braço com meu garfo.

— Você poderia aprender uma coisinha ou duas.

Ele me cutucou de volta.

— Você também. — Ele deu uma boa garfada na salada, antes de anunciar: — Belly vai ficar aqui até o casamento. Tudo bem pra você, Con?

Percebi que Conrad ficou um pouco desconcertado, porque não respondeu de imediato.

— Não vou atrapalhar — garanti. — Vou só ficar cuidando dos preparativos pro casamento.

— Tudo bem. Não me importo — respondeu ele.

Abaixei os olhos para o meu prato.

— Obrigada.

Então eu tinha me preocupado por nada. Conrad não se importava com a minha presença. Não teríamos que ficar fazendo companhia um ao outro. Ele faria as coisas dele, como sempre, e eu estaria ocupada planejando o casamento. Jeremiah provavelmente iria para lá toda sexta-feira para ajudar. Daria tudo certo.

Depois que terminamos de jantar, Jeremiah sugeriu que tomássemos sorvete de sobremesa. Conrad declinou, dizendo que precisava cuidar da louça.

— Quem cozinha não lava a louça — falei, mas ele disse que não se importava.

Jere e eu fomos até o centro da cidade, só nós dois. Escolhi uma bola de *cookies and cream* e outra com confeitos em uma casquinha de waffle. Jeremiah escolheu sorvete de frutas mistas.

— Está se sentindo melhor? — perguntou, enquanto caminhávamos pelo calçadão. — Em relação ao que aconteceu com sua mãe?

— Não exatamente. Só prefiro não pensar mais nisso, pelo menos por hoje.

Jere assentiu.

— Tudo bem.

Mudei de assunto.

— Já sabe quantas pessoas você quer convidar?

— Sim. — Ele começou a contar nos dedos. — Josh, Redbird, Gabe, Alex, Sanchez, Peterson...

— Não pode convidar todo mundo da sua fraternidade.

— Eles são meus irmãos — retrucou Jere, parecendo magoado.

— Achei que tínhamos combinado que seria uma cerimônia bem pequena.

— Então só vou convidar alguns deles. Está bem?

— Ok. Ainda temos que combinar o que vamos servir de comida — falei, lambendo a casquinha para que o sorvete não pingasse.

— Sempre podemos convocar meu irmão para grelhar uns peitos de frango — sugeriu Jeremiah, com uma risada.

— Ele vai ser seu padrinho. Não pode ficar suando ao lado da churrasqueira.

— Eu estava brincando.

— Aliás, você já o convidou? Pra ser seu padrinho?

— Ainda não. Mas vou fazer isso.

Ele se inclinou e deu uma lambida no meu sorvete, que deixou uma mancha acima do seu lábio superior, como um bigode de leite.

Mordi o lábio para não rir.

— O que está achando tão engraçado?

— Nada.

Quando voltamos para a casa, Conrad estava vendo TV na sala de estar. Quando nos sentamos no sofá, ele se levantou.

— Vou me deitar — anunciou, se espreguiçando.

— Mas ainda são dez horas. Fica aí pra ver um filme com a gente — convidou Jeremiah.

— Não, vou levantar cedo amanhã pra surfar. Quer vir comigo?

Jere olhou de relance para mim, antes de responder:

— Sim, parece uma boa.

— Pensei que a gente fosse cuidar da lista de convidados de manhã — lembrei.

— Volto antes de você acordar. Não se preocupe. — Para Conrad, ele disse: — Me chama quando estiver indo.

Conrad hesitou.

— Não quero acordar a Belly.

Senti que ruborizava.

— Não me importo — falei.

Desde que Jeremiah e eu tínhamos começado a namorar, só havíamos estado juntos na casa de praia uma vez. Naquela vez, eu dormi no quarto com ele. Tínhamos assistido à TV até ele dormir, porque Jere gostava de dormir com o som da televisão ao fundo. Eu não conseguia dormir assim, por isso esperei até que ele adormecesse para desligar a TV. Achei meio esquisito dormir na cama dele quando a minha estava logo adiante, no corredor.

Na faculdade, dormíamos na mesma cama o tempo todo, e parecia normal. Mas ali, na casa de praia, eu só queria dormir no meu quarto, na minha cama. Estava mais acostumada. E fazia com que eu ainda me sentisse uma garotinha, passando férias com a família. Meus lençóis finos como papel, com os botões de rosa amarelos desbotados, minha cômoda e penteadeira de cerejeira... No início, havia duas camas de solteiro no meu quarto, mas Susannah se livrou delas e colocou no lugar o que chamava de "cama de garota grande". Eu amava aquela cama.

Conrad subiu, e esperei até ouvir a porta do quarto dele se fechar antes de dizer:

— Acho que vou dormir no meu quarto esta noite.

— Por quê? — perguntou Jeremiah. — Prometo levantar sem fazer barulho amanhã.

Perguntei, em um tom cuidadoso:

— O noivo e a noiva não devem dormir em camas diferentes antes do casamento?

— Sim, mas isso na noite antes do casamento. Não toda noite antes do casamento. — Ele pareceu magoado por um instante, então voltou a falar em tom de brincadeira: — Vamos, você sabe que não vou tocar em você.

Embora eu soubesse que ele só estava brincando, me magoou um pouquinho.

— Não é isso. Dormir no meu quarto faz com que eu me sinta... normal. É... é diferente da faculdade. Lá, o que parece normal é dormir com você. Mas, aqui, gosto de me lembrar de como eu me sentia quando era criança e vinha pra cá. — Examinei o rosto de Jere para ver se restava alguma mágoa. — Faz algum sentido pra você?

— Acho que sim.

Jeremiah não pareceu muito convencido, e comecei a desejar não ter tocado no assunto.

Cheguei mais perto dele e pousei os pés em seu colo.

— Vou ficar do seu lado todas as noites pelo resto da vida.

— É, acho que isso vai ser suficiente — disse ele.

— Ei! — falei, e o chutei de brincadeira.

Jeremiah apenas sorriu e colocou uma almofada em cima dos meus pés. Então, mudou de canal e assistimos à TV sem comentar mais nada a respeito. Quando chegou a hora de dormir, ele foi para o quarto dele, e eu, para o meu.

Dormi melhor do que vinha dormindo há semanas.

28

Conrad

CONVIDEI JERE PARA surfar porque queria ficar sozinho com ele, descobrir que merda estava acontecendo. Não conversava com meu irmão desde o grande anúncio no restaurante. Mas, agora que estávamos a sós, eu não sabia o que dizer.

Ficamos boiando no mar, esperando a onda seguinte. Elas estavam demorando a chegar.

Pigarreei.

— Então, a Laurel está muito brava?

— *Muito* — respondeu Jere, fazendo careta. — Belly brigou feio com ela ontem.

— Na sua frente?

— Foi.

— Merda.

Mas eu não estava surpreso. De jeito nenhum Laurel toparia, pensando "claro, vou cuidar de todos os preparativos do casamento da minha filha adolescente."

— Pois é.

— O que o papai disse?

Jeremiah me lançou um olhar estranho.

— Desde quando você se importa com o que ele diz?

Desviei os olhos na direção da casa e hesitei antes de voltar a falar:

— Não sei. Se Laurel é contra e o papai também, talvez você e a Belly não devessem fazer isso. Quer dizer, vocês dois ainda estão na faculdade. Você nem tem emprego, Jere. Se parar pra pensar, é meio absurdo.

Parei de falar ao ver que Jere me fuzilava com o olhar.

— Fique fora disso, Con, não é da sua conta — falou, praticamente cuspindo as palavras.

— Tudo bem. Desculpa. Não tive a intenção de... Desculpa.

— Nunca pedi sua opinião. Isso é comigo e com a Belly.

— Você está certo — concordei. — Esqueça.

Jeremiah não respondeu. Olhou por cima do ombro e começou a se afastar na prancha. Quando a onda surgiu, ele surfou de volta para a praia.

Dei um soco na água, irritado. *Isso é comigo e com a Belly*. Merdinha convencido.

Ele ia se casar com a minha garota, e eu não podia fazer nada a respeito. Tinha que ficar olhando, porque ele era meu irmão, porque eu tinha prometido. *Tome conta dele, Con. Conto com você.*

29

QUANDO ACORDEI NA manhã seguinte, os garotos ainda estavam surfando, por isso peguei meu fichário, meu bloco, um copo de leite e fui para o deque.

De acordo com as instruções de Taylor, tínhamos que preparar a lista de convidados antes de qualquer outra coisa. Bem, fazia sentido. Caso contrário, como saberíamos de quanta comida precisaríamos e tudo o mais?

Até ali, minha lista era curta. Taylor e a mãe, algumas amigas de infância — Marcy, Blair, talvez Katie —, Anika, meu pai, Steven e minha mãe. Eu nem sabia se minha mãe iria. Meu pai, com certeza — eu sabia que sim. Não importava o que minha mãe dissesse, ele estaria lá. Eu gostaria que minha avó também fosse, mas ela tinha sido internada em uma casa de repouso no ano anterior. Ela nunca havia gostado muito de viajar e agora não podia mais. Decidi que, no convite dela, escreveria um bilhete prometendo visitá-la com Jeremiah nas férias seguintes.

Para mim, eram só esses convidados. Eu tinha uns poucos primos do lado do meu pai, mas não era particularmente próxima de nenhum deles.

Jeremiah tinha Conrad, os três amigos da fraternidade com que havíamos concordado, o colega de quarto do primeiro ano de faculdade e o pai. Na

noite passada, Jere havia comentado comigo que tinha percebido que o pai estava começando a se acostumar com a ideia do casamento. Ele disse que o Sr. Fisher havia perguntado quem celebraria a cerimônia e quanto estávamos planejando gastar nesse tal casamento. Jere explicara qual era nosso orçamento previsto: mil dólares. O Sr. Fisher só fungara. Para mim, mil dólares era muito dinheiro. No ano anterior, levei o verão inteiro para conseguir juntar essa quantia trabalhando como garçonete no Behrs.

Nossa lista de convidados teria menos de vinte pessoas. Com essa quantidade, poderíamos organizar um almoço com frutos do mar e alimentar todo mundo sem problemas. Compraríamos alguns engradados de cerveja e algumas garrafas de champanhe barato. Como nos casaríamos na praia, não precisaríamos nem de decoração. Só algumas flores para as mesas de piquenique, ou conchas. Conchas e flores. Eu me senti muito produtiva. Taylor ficaria orgulhosa de mim.

Estava anotando minhas ideias quando Jeremiah subiu os degraus. O sol cintilava atrás dele, tão forte que machucou meus olhos.

— Bom dia — falei, estreitando os olhos para encará-lo. — E o Con?

— Ainda está lá fora. — Jeremiah se sentou ao meu lado e me perguntou, sorrindo: — Nossa, você fez todo o trabalho sem mim?

Ele estava pingando, e uma gota de água caiu no meu bloco.

— Vai sonhando. — Sequei a água. — Ei, o que você acha de frutos do mar pro almoço?

— Gosto muito da ideia.

— De quantos engradados de cerveja você acha que vamos precisar, pra vinte pessoas?

— Se Peterson e Gomez vierem, pelo menos dois.

Apontei a caneta para o peito dele.

— Combinamos três caras da fraternidade e só. Certo?

Ele assentiu, então se inclinou para a frente e me beijou. Seus lábios tinham gosto de sal, e sua pele estava fria contra a minha pele morna.

Rocei o nariz no rosto dele antes de me afastar.

— Se você molhar o fichário de casamento da Taylor, vai acabar morrendo — avisei, protegendo o fichário com o corpo.

Jeremiah fez uma cara triste, então pegou meus braços e os apoiou em seu pescoço, como se estivéssemos dançando uma música lenta, com os rostos coladinhos.

— Mal posso esperar pra me casar com você — murmurou.

Dei uma risadinha. Sentia muitas cócegas no pescoço, e Jeremiah sabia disso. Ele sabia quase tudo a meu respeito, mas me amava mesmo assim.

— E você?

— E eu o quê?

Ele soprou meu pescoço, e caí na gargalhada. Tentei me afastar, mas ele não deixou. Ainda rindo, falei:

— Está bem, também mal posso esperar pra me casar com você.

* * *

Jere foi embora no fim daquela tarde. Fui com ele até o carro. O carro de Conrad não estava ali, e eu não sabia para onde ele havia ido.

— Me ligue quando chegar em casa, pra eu saber que está tudo bem — pedi.

Ele assentiu. Estava quieto, o que não era do seu feitio. Achei que ele poderia estar triste por ir embora tão cedo. Também queria que Jere pudesse ficar mais. De verdade.

Fiquei na ponta dos pés e dei um abraço apertado nele.

— Nos vemos em cinco dias — falei.

— Nos vemos em cinco dias — repetiu ele.

Fiquei observando ele se afastar, os polegares enfiados nos passadores da bermuda. Quando já não conseguia mais vê-lo, voltei para a casa.

30

NA MINHA PRIMEIRA semana em Cousins, procurei me manter longe de Conrad. Não conseguiria lidar com mais uma pessoa me dizendo que eu estava cometendo um erro, principalmente Conrad, que era tão crítico. Ele nem precisava falar nada em voz alta, me julgava só com o olhar.

Assim, eu me levantava mais cedo e fazia as refeições antes dele. E, quando Conrad estava assistindo à TV na sala de estar, eu ficava no meu quarto, no andar de cima, endereçando os convites e lendo os blogs de casamento que Taylor recomendara.

Duvido que ele sequer tenha reparado; também estava muito ocupado. Surfava, saía com os amigos e fazia consertos e reparos pela casa. Eu não teria imaginado que ele era tão hábil com isso se não tivesse visto com meus próprios olhos: Conrad em cima de uma escada, checando as saídas do ar-condicionado; Conrad repintando a caixa de correio. Vi tudo isso da janela do meu quarto.

Eu estava comendo um biscoito recheado de morango no deque quando ele subiu correndo os degraus; tinha passado a manhã toda fora, estava com os cabelos molhados de suor e usava uma camiseta antiga dos tempos de

futebol americano no ensino médio, com um short de ginástica azul-marinho.

— Oi — falei. — Onde estava?

— Na academia — respondeu, já passando por mim. Então, parou de súbito. — Esse é o seu café da manhã?

Eu estava mordiscando a lateral do biscoito.

— Sim, mas é o último. Lamento.

Ele me ignorou.

— Deixei cereal em cima da bancada. E tem frutas na fruteira.

Dei de ombros.

— Achei que era tudo seu. Não queria comer suas coisas sem pedir.

— Então, por que não pediu? — perguntou ele, impaciente.

Fui pega de surpresa.

— Como eu poderia perguntar, se mal nos vemos?

Ficamos nos encarando, sérios, por uns três segundos, até que vi um sorriso se formando na boca dele.

— É justo — falou Conrad, e aquele breve sorriso já havia desaparecido. Ele começou a abrir a porta de vidro de correr, então se virou e falou: — Você pode comer qualquer coisa que eu comprar.

— Idem.

De novo aquele quase-sorriso.

— Pode ficar com seus biscoitos recheados, os Cheetos fedorentos e o macarrão instantâneo só pra você.

— Ei, não como só porcaria — protestei.

— Come, sim — retrucou ele, e entrou em casa.

* * *

Na manhã seguinte, a caixa de cereal estava de novo em cima da bancada. Dessa vez, eu me servi do cereal e do leite desnatado e até cortei uma banana para colocar por cima. Não ficou nada mal.

Conrad estava se provando um ótimo colega de quarto. Ele sempre abaixava a tampa do vaso sanitário, lavava a louça assim que usava e até comprava mais papel-toalha quando o rolo acabava. Mas eu não teria esperado nada diferente. Conrad sempre foi organizado. Nesse ponto, era o exato oposto de Jeremiah, que nunca trocava o rolo de papel higiênico e

nunca teria nem cogitado comprar papel-toalha ou deixar uma panela engordurada de molho em água quente e detergente.

Fui até o mercado e comprei ingredientes para o jantar. Espaguete e molho, além de alface e tomate para uma salada. Preparei o jantar por volta das sete da noite, pensando: *Rá! Isso vai mostrar a Conrad como eu também posso ter uma alimentação saudável*. Terminei cozinhando demais a massa e não lavando muito bem o alface, mas ficou gostoso.

Conrad não voltou para casa, então comi sozinha na frente da TV, mas deixei um pouco das sobras em um prato para ele, em cima da bancada, quando fui para a cama.

Na manhã seguinte, a comida se fora, e o prato estava lavado.

31

NA VEZ SEGUINTE em que Conrad e eu nos falamos, era de tarde, e eu estava sentada diante da mesa da cozinha com meu fichário de casamento. Agora que a lista de convidados estava definida, eu precisava colocar os convites no correio. Parecia quase uma bobeira me preocupar com convites quando teríamos tão poucos convidados, mas um e-mail com todos em cópia oculta também não parecia adequado. Escolhi os convites em um site. Eram brancos, decorados com conchas em um azul-turquesa suave, e só precisei imprimi-los. E foi assim que os convites do casamento ficaram prontos.

Conrad abriu a porta e entrou na cozinha. A camiseta cinza estava ensopada de suor, por isso imaginei que tivesse saído para correr.

— A corrida foi boa? — perguntei.

— Foi — respondeu ele, parecendo surpreso. Olhou para minha pilha de envelopes e perguntou: — Convites do casamento?

— Sim. Só preciso comprar alguns selos.

Conrad estava se servindo de um copo de água e disse:

— Preciso ir ao centro comprar uma furadeira nova na loja de ferramentas. A agência dos correios fica no caminho. Posso comprar os selos pra você.

Foi a minha vez de ficar surpresa.

— Obrigada — falei —, mas quero ir eu mesma pra ver os selos com temas românticos que eles têm.

Ele bebeu a água.

— Já ouviu falar? — Não esperei pela resposta. — É um selo escrito "amor". As pessoas costumam usá-los pra casamentos. Só sei disso porque Taylor me disse que eu tinha que usar selos desse tipo pra enviar os convites.

Conrad deu um meio sorriso e disse:

— Podemos ir no meu carro, se você quiser. Economiza uma viagem.

— Claro.

— Vou tomar uma ducha rápida. Volto em dez minutos — avisou ele, e subiu correndo a escada.

Conrad voltou dez minutos depois, como prometido. Ele pegou as chaves em cima da bancada, eu coloquei os convites na bolsa, e saímos para o carro.

— Podemos ir no meu — ofereci.

— Não me importo de dirigir.

Era meio estranho estar sentada de novo no banco do carona do carro dele. O automóvel estava limpo e ainda tinha o mesmo cheiro.

— Não consigo me lembrar da última vez em que entrei no seu carro — falei, e liguei o rádio.

No mesmo instante, ele respondeu:

— No seu baile de formatura.

Ai, Deus.

O baile de formatura, a noite em que terminamos — com uma briga no estacionamento, sob a chuva. Era uma vergonha pensar nisso agora. Como eu tinha chorado, como tinha implorado a Conrad para não ir embora. Não foi um dos meus melhores momentos.

Um silêncio constrangedor pairou entre nós, e tive a sensação de que ambos estávamos pensando na mesma coisa. Para preencher o silêncio, comentei, em um tom animado:

— Nossa, parece que foi há um milhão de anos, né?

Ele não respondeu.

Conrad me deixou em frente à agência dos correios e disse que voltaria para me pegar em alguns minutos. Saí do carro e corri para a agência.

A fila andou rápido, e, quando chegou minha vez, pedi:

— Posso ver os selos com temas românticos, por favor?

A mulher atrás do balcão procurou em uma gaveta e deslizou uma folha de selos na minha direção. Tinha sinos de casamento e a palavra AMOR escrita em uma fita que unia os sinos.

Pousei minha pilha de convites no balcão e contei-os depressa.

— Vou levar uma folha — decidi

Ela me encarou e perguntou:

— São convites de casamento?

— São — respondi.

— Quer carimbo à mão pra eles?

— Como?

— Quer carimbo à mão pra eles? — repetiu a mulher, parecendo impaciente.

Entrei em pânico. Como assim "carimbo à mão"? Tive vontade de mandar uma mensagem para Taylor, perguntando a respeito, mas a fila estava crescendo atrás de mim, por isso me apressei a dizer:

— Não, obrigada.

Depois de pagar pelos selos, saí, me sentei no meio-fio e colei-os em todos os convites — tinha feito um para minha mãe também. Só caso ela mudasse de ideia. Ainda havia uma chance. Conrad parou o carro quando eu estava enfiando os convites na fenda da caixa dos correios, do lado de fora da agência. Aquilo realmente estava acontecendo. Eu ia mesmo me casar. Agora não havia como voltar atrás, mesmo se eu quisesse.

Entrei no carro e perguntei:

— Achou sua furadeira nova?

— Aham. E você, achou seus selos?

— Achei. Ei, por acaso você sabe o que postagem com carimbo à mão significa?

— Normalmente, os correios carimbam em cima do selo, pra que não possa ser reutilizado, então imagino que carimbar à mão seria fazer isso manualmente, em vez de usar uma máquina.

— Como você sabe disso? — perguntei, impressionada.

— Eu colecionava selos.

Era verdade. Ele tinha colecionado selos. Eu havia me esquecido disso. Conrad os organizava em um álbum de fotografias que ganhara de presente do pai.

— Eu tinha me esquecido completamente disso. Caramba, você levava os seus selos muito a sério. Não deixava a gente nem encostar no seu álbum. Lembra quando Jeremiah roubou um e usou pra mandar um cartão-postal, e você ficou tão furioso que chegou a chorar?

— Ei, era um selo do Abraham Lincoln, que meu avô tinha me dado — retrucou Conrad, na defensiva. — Era raro.

Eu ri, e logo ele também estava rindo. Era um belo som. Quando fora a última vez que tínhamos rido juntos?

Conrad balançou a cabeça, falando:

— Eu era muito nerd.

— Não era, não!

Ele me olhou de relance.

— Coleção de selos. Kit de química. Obsessão por enciclopédias.

— Sim, mas você fazia tudo isso parecer incrível — falei.

Na minha lembrança, Conrad não era nada nerd. Era mais velho, mais esperto, interessado em coisas de adultos.

— Você era muito boba — disse ele. E então: — Quando você era bem pequena, detestava cenoura. Não comia de jeito nenhum. Mas aí eu disse que, se você comesse cenouras, passaria a ter visão de raios X. E você acreditou. Você acreditava em tudo que eu dizia.

Era verdade. Eu acreditava, mesmo.

Acreditei em Conrad quando ele me disse que as cenouras me dariam visão de raios X. Acreditei quando ele me disse que nunca tinha gostado de mim de verdade. Depois, mais tarde naquela noite, quando ele tentou retirar o que havia dito, acho que acreditei nele de novo. Agora não sabia mais em que acreditar. Só sabia que não acreditava mais no que ele dizia.

Mudei de assunto, perguntando:

— Você vai ficar na Califórnia depois que se formar?

— Depende da faculdade.

— Você... tem namorada?

Ele abriu a boca, hesitante.

— Não — respondeu, por fim.

32

Conrad

O NOME DELA era Agnes. Muitas pessoas a chamavam de Aggie, mas eu preferia Agnes. Ela estava na minha aula de química. Em qualquer outra garota, um nome como Agnes não teria funcionado — era um nome de velhinha. Agnes tinha cabelos loiro-escuros e ondulados na altura do queixo. Às vezes ela usava óculos, e sua pele era branca como leite. Um dia, enquanto esperávamos o laboratório abrir, ela me chamou para sair. Fiquei tão surpreso que aceitei.

Começamos a passar muito tempo juntos. Eu gostava de estar com ela. Agnes era inteligente, seus cabelos cheiravam a xampu não só depois de ela sair do banho, mas durante o dia todo. Passávamos a maior parte do tempo estudando. Às vezes, saíamos para comer panquecas ou hambúrgueres, às vezes transávamos no quarto dela, durante as pausas nos estudos, quando sua colega de quarto não estava. Mas nosso relacionamento era baseado no fato de ambos estarmos nos preparando para a faculdade de medicina. Eu não passava a noite no quarto dela, nem a convidava para passar a noite no

meu. Não saía com as amigas dela, nem conhecia seus pais, embora eles morassem perto.

Um dia, estávamos estudando na biblioteca. O semestre estava quase acabando. Já estávamos juntos havia uns dois ou três meses.

Do nada, ela me perguntou:

— Você já se apaixonou?

Além de ser muito boa em química, Agnes também era ótima em me pegar desprevenido. Olhei ao redor para me certificar de que ninguém estava ouvindo.

— Você já?

— Perguntei primeiro — retrucou ela.

— Então, sim.

— Quantas vezes?

— Uma.

Agnes pensou na minha resposta enquanto mastigava o lápis.

— Em uma escala de um a dez, quanto você estava apaixonado?

— Não se pode medir uma paixão em uma escala. Ou se está apaixonado, ou não se está.

— Mas se você tivesse que medir?

Comecei a folhear minhas anotações e não olhei para ela quando respondi:

— Dez.

— Uau. Qual era o nome dela?

— Agnes, por favor. Temos prova na sexta-feira.

Ela fez biquinho e chutou minha perna por baixo da mesa.

— Se não me disser, não vou conseguir me concentrar. Por favor? Mata minha curiosidade.

Bufei baixinho.

— Belly. Quer dizer, Isabel. Satisfeita?

Ela balançou a cabeça e falou:

— Não. Agora me conte como vocês se conheceram.

— Agnes...

— Juro que paro de perguntar se você responder só... — eu a observei enquanto ela fazia as contas na cabeça — a mais três perguntas. Três e pronto.

Eu não disse nem que sim nem que não. Fiquei só olhando para ela, esperando.

— Então, como vocês se conheceram?

— Não nos conhecemos. Quer dizer, eu a conheço desde sempre.

— Quando você percebeu que estava apaixonado?

Eu não tinha uma resposta para aquela pergunta. Não houve um momento específico. Foi mais como um despertar gradual. Como quando estamos dormindo e então passamos para aquela fase do sono entre o sonho e o despertar, até estarmos totalmente acordados. É um processo lento, mas, quando você acorda, não tem como voltar atrás. Não havia como não saber que era amor.

Mas eu não diria isso para Agnes.

— Não sei, só aconteceu.

Ela ficou me encarando, esperando que eu continuasse.

— Você tem mais uma pergunta — falei.

— Você está apaixonado por mim?

Como eu disse, a garota era mesmo boa em me pegar desprevenido. Eu não sabia o que dizer. Porque a resposta era não.

— Ahn...

Sua expressão ficou triste, mas ela logo tentou parecer brincalhona e disse:

— Então não, certo?

— E você, está apaixonada por mim?

— Poderia estar. Se eu me permitisse, acho que poderia me apaixonar.

— Ah. — Eu me senti um bosta. — Gosto de você de verdade, Agnes.

— Eu sei. E sinto que isso é verdade. Você é um cara honesto, Conrad, mas não deixa as pessoas se aproximarem. É impossível ser realmente íntimo de você. — Ela tentou prender os cabelos em um rabo de cavalo, mas as mechas da frente não ficavam presas, porque eram muito curtas. Então ela soltou o cabelo e voltou a falar: — Acho que você ainda ama essa outra garota, pelo menos um pouquinho. Estou certa?

* * *

— Não — respondi a Belly.

— Não acredito em você — disse ela, inclinando a cabeça e perguntando, em tom de brincadeira: — Se não tivesse uma garota, por que você ficaria tanto tempo longe de casa? Tem que ter uma garota.

E tinha.

Eu estava longe de casa havia dois anos. Não tinha opção. Sabia que não deveria nem estar na casa de praia. Ficar tão perto dela só me faria querer o que eu não podia ter. Era perigoso. As únicas ocasiões em que eu sabia que não podia confiar em mim mesmo eram quando Belly estava por perto. No dia em que ela apareceu na casa de praia, com Jere, eu liguei para meu amigo, Danny, para ver se poderia passar um tempo no sofá da casa dele, e ele tinha concordado. Mas não consegui me forçar a ir. Não consegui ir embora.

Eu sabia que tinha que ter cuidado. Precisava manter distância. Se Belly soubesse quanto eu ainda gostava dela, seria o fim. Eu não conseguiria mais ir embora. A primeira vez já tinha sido difícil o bastante.

As promessas que você faz no leito de morte da sua mãe são incondicionais, eternas. Não há como quebrá-las. Prometi a minha mãe que tomaria conta do meu irmão. Que cuidaria dele. Mantive minha palavra. Fiz isso do único jeito que pude. Fui embora.

Eu podia ser um babaca, um fracasso, uma decepção, mas não era mentiroso.

No entanto, tinha mentido para Belly. Só aquela única vez, naquele hotel decadente de beira de estrada. Fiz aquilo para protegê-la. É o que continuo a dizer a mim mesmo. Ainda assim, se pudesse passar a limpo um momento da minha vida, somente um, de todos os momentos ruins, seria aquele que eu escolheria. Quando me lembro da expressão no rosto dela — o modo como o rosto de Belly se contorceu, como ela comprimiu os lábios e franziu o nariz para não demonstrar a mágoa que sentia —, morro um pouco por dentro. Deus, se eu pudesse, voltaria àquele momento e diria todas as coisas certas, diria que a amava, faria tudo para nunca mais ver aquela expressão em seu rosto de novo.

33

Conrad

AQUELA NOITE, NO hotel, eu não dormi. Fiquei repassando na mente tudo que já tinha acontecido entre nós. Não podia continuar com aquilo. Seguir em frente e recuar. Atraí-la, então afastá-la. Não era certo.

Quando Belly se levantou para tomar banho, perto do amanhecer, Jere e eu também nos levantamos. Eu estava dobrando meu cobertor quando disse:

— Está tudo bem você gostar dela.

Jere ficou me encarando, boquiaberto.

— Do que você está falando?

Eu tive a sensação de que ia engasgar com as palavras quando falei:

— Por mim está tudo bem... se você quiser ficar com ela.

Ele me olhou como se eu fosse maluco. Eu tinha mesmo a sensação de ter enlouquecido. Ouvi a água do chuveiro parar de correr, dei as costas para Jere e disse:

— Só tome conta dela.

Então, quando Belly saiu do banheiro, vestida, o cabelo molhado, e me encarou com aqueles olhos esperançosos, eu agi como se não a reconhecesse. Completamente sem expressão. Vi seus olhos perderem o brilho. Vi o amor dela por mim morrer. Eu o matara.

Quando me lembro disso, daquele momento no hotel, compreendo que havia sido eu a colocar toda essa história em ação. Eu tinha dado um empurrãozinho para que os dois ficassem juntos. Fui eu. E era eu que teria que viver com isso. Eles estavam felizes.

* * *

Eu vinha fazendo um bom trabalho em me manter afastado, mas por acaso estava em casa na tarde daquela sexta-feira, quando, do nada, Belly precisou de mim. Ela estava sentada na sala de estar segurando aquele fichário idiota, cercada de papéis. Parecia surtada, estressada, com uma expressão preocupada, a mesma de quando tentava resolver um problema de matemática e não conseguia encontrar a solução.

— Jere está preso no engarrafamento — anunciou Belly, soprando o cabelo para longe do rosto. — Eu falei pra ele sair mais cedo. Realmente precisava da ajuda dele hoje.

— O que você precisava que ele fizesse?

— Nós íamos na Michaels. Sabe, aquela loja de decoração e bricolagem?

Respondi ironicamente:

— Não posso dizer que já estive em uma loja dessas. — Hesitei, então acrescentei: — Mas, se quiser, vou com você.

— Mesmo? Porque tenho que comprar algumas coisas pesadas. Mas a loja fica em Plymouth.

— Tudo bem, sem problema — falei, me sentindo inexplicavelmente grato por ter que levantar coisas pesadas.

Fomos no carro dela, porque era maior. Belly dirigiu. Eu só tinha andado de carona com ela umas poucas vezes, e aquele lado dela era novo para mim. Segura, confiante. Ela dirigia rápido, mas sempre no controle. Gostei. Eu me peguei olhando de relance para ela toda hora... e tive que me forçar a parar.

— Você não dirige nada mal — comentei.

Ela sorriu.

— Jeremiah me ensinou bem.

Era verdade. Ele a ensinara a dirigir.

— Então, no que mais você mudou?

— Ei, nunca fui uma motorista ruim.

Bufei, então olhei pela janela.

— Acho que Steven discordaria.

— Ele jamais vai me deixar esquecer o que fiz com seu precioso bebê. — Ela mudou a marcha quando paramos em um sinal de trânsito. — O que mais?

— Você agora usa salto alto. Na cerimônia no jardim, você estava de salto.

Ela hesitou um momento, antes de dizer:

— É, às vezes. Mas ainda tropeço muito. — E acrescentou, melancólica: — Sou uma dama de verdade agora.

Estendi a mão para tocar a dela, mas no último segundo preferi apontar.

— Você ainda rói unha.

Ela envolveu o volante com as mãos, deu um sorrisinho e disse:

— Você não deixa escapar nada.

* * *

— Muito bem, o que temos que comprar aqui? Coisas pra colocar flores?

Belly riu.

— Sim. Coisas pra colocar flores. Ou seja, vasos. — Ela pegou um carrinho, mas eu o tomei dela e o empurrei a nossa frente. — Acho que decidimos usar vasos de furacão.

— Afinal, o que é um vaso de furacão? E como Jere sabe o que é isso?

— Eu não estava falando do Jere, e sim da Taylor.

Ela assumiu o controle do carrinho de novo e saiu andando na minha frente. Eu a segui até o corredor doze.

— Está vendo?

Belly ergueu um vaso largo de vidro.

Cruzei os braços.

— Muito legal — falei, em um tom entediado.

Ela recolocou o vaso no lugar e pegou outro, mais fino, e não olhou para mim quando disse:

— Desculpa ter sobrado pra você vir aqui fazer isso comigo. Sei que é chato.

— Não é... tão chato assim — falei. Comecei a tirar vasos da prateleira. — De quantos vamos precisar?

— Espera! Qual é melhor, o grande ou o médio? Acho que talvez os médios sejam melhores — concluiu, levantando um e checando a etiqueta de preço. — É, definitivamente os médios. Mas aqui tem poucos. Pode achar alguém que trabalhe aqui?

— Os grandes — falei, porque eu já tinha empilhado quatro dos maiores no carrinho. — Os grandes são muito mais legais. Você consegue colocar mais flores, ou areia, ou sei lá o quê neles.

Belly estreitou os olhos.

— Tenho certeza de que você só está dizendo isso porque não quer ir procurar um funcionário.

— Tudo bem, é verdade. Mas, falando sério, acho os maiores mais legais.

Ela deu de ombros e então colocou outro vaso grande no carrinho.

— Acho que a gente pode colocar só um vaso grande em cada mesa, em vez de dois médios.

— E agora?

Comecei a empurrar o carrinho de novo, e ela voltou a tirá-lo de mim.

— Velas.

Eu a segui por outro corredor.

— Acho que você não sabe pra onde está indo — comentei.

— Estamos dando um passeio — retrucou ela, empurrando o carrinho. — Olha só todas essas flores artificiais e guirlandas. Coisa linda.

Parei.

— Vamos pegar algumas? Ficaria bonito na varanda. — Peguei um punhado de girassóis e acrescentei umas rosas brancas ao buquê. — Fica legal, não acha?

— Eu estava brincando — disse Belly, mordiscando o lábio. Percebi que ela estava tentando não sorrir. — Mas, sim, fica legal. Não é incrível, mas é legal.

Devolvi as flores.

— Está certo, desisto. De agora em diante, vou me limitar a levantar coisas pesadas.

— Mas foi uma bela tentativa.

Quando chegamos na casa, o carro de Jeremiah estava lá.

— Jere e eu podemos tirar tudo isso do carro mais tarde — falei, girando a chave.

— Eu ajudo — ofereceu ela, descendo do carro. — Só vou falar com o Jere primeiro.

Peguei duas sacolas mais pesadas e a segui para dentro de casa. Jeremiah estava deitado no sofá, assistindo à TV. Quando ele nos viu, se sentou.

— Onde vocês estavam? — perguntou.

Ele falou em um tom aparentemente despreocupado, mas seu olhar me fuzilou.

— Na Michaels — respondeu Belly. — Quando você chegou?

— Faz um tempinho. Por que não me esperaram? Eu disse que chegaria a tempo.

Jeremiah se levantou na mesma hora, atravessou a sala e puxou Belly para um abraço.

— E eu disse pra você que a Michaels fechava às nove. Duvido que você teria conseguido chegar a tempo — retrucou ela, parecendo irritada, mas ainda assim deixou que ele a beijasse.

Dei as costas.

— Vou pegar as sacolas no carro.

— Espere, vou ajudar. — Jeremiah soltou Belly e deu um tapinha nas minhas costas. — Con, obrigada por me dar cobertura hoje.

— Sem problema.

— Já passou das oito — falou Belly. — Estou morrendo de fome. Vamos jantar no Jimmy's.

Balancei a cabeça.

— Não, não estou com fome. Podem ir.

— Mas você não comeu nada — argumentou ela, franzindo o cenho. — Venha com a gente.

— Não, obrigado.

Ela começou a protestar de novo, mas Jere falou:

— Bells, ele não quer ir. Vamos só nós dois.

— Tem certeza? — me perguntou Belly.

— Estou bem — falei, em um tom mais ríspido do que pretendia.

Mas acho que funcionou, porque eles foram embora.

34

NO JIMMY'S, NENHUM de nós pediu caranguejo. Pedi vieiras fritas e chá gelado, e Jeremiah, sanduíche de lagosta e cerveja. O garçom pediu a identidade dele e deu um risinho irônico quando checou a idade, mas serviu a cerveja mesmo assim.

Coloquei alguns pacotes de açúcar no chá gelado, provei, então acrescentei mais dois.

— Estou exausto — anunciou Jeremiah, recostando-se no banco e fechando os olhos.

— É melhor acordar. Temos muita coisa pra fazer.

Ele abriu os olhos.

— Tipo o quê?

— Como assim, tipo o quê? Mil coisas. Temos que decidir um monte de coisas ainda. Tipo, qual é a paleta de cores da cerimônia? E você vai usar terno ou fraque?

Ele bufou, rindo.

— Um fraque? Na praia? Acho que não vou nem usar sapatos.

— Ok, eu sei, mas é bom você decidir o que vai usar.

— Sei lá. Você que me diga. Vou usar o que você e Taylor quiserem que eu use. O dia é de vocês, certo?

— Rá-rá — retruquei. — Engraçadinho.

Não que eu realmente me importasse com o que ele iria usar. Só queria que Jere resolvesse isso logo e me dissesse, para que eu pudesse cortar aquele item da lista.

Ele tamborilou na mesa e disse:

— Estava pensando em camisa branca e bermudas cáqui. Legal e simples, como combinamos.

— Tudo bem.

Jere tomou um gole da cerveja.

— Ei, podemos dançar "You Never Can Tell" na festa?

— Não conheço essa música — falei.

— Claro que conhece. É do meu filme favorito. Dica: a trilha tocou sem parar na fraternidade durante todo o semestre. — Como continuei a encará-lo sem entender, Jeremiah cantou: — "*It was a teenage wedding and the old folks wished them well*."

— Ah, já sei. *Pulp Fiction*.

— Então, podemos?

— Está falando sério?

— Ah, vamos lá, Bells. Por favor. Podemos postar no YouTube. Aposto que vai ter um milhão de curtidas. Vai ser engraçado!

Eu o encarei, irritada.

— Engraçado? Quer que nosso casamento seja engraçado?

— Vamos lá! Você está tomando todas as decisões, e eu só estou pedindo uma coisinha — disse Jere, parecendo emburrado, e não consegui saber se estava falando sério ou não.

Bem, aquilo me irritou mesmo assim. E eu ainda estava chateada por ele não ter chegado a tempo para me ajudar na Michaels.

O garçom veio com nossa comida, e Jeremiah atacou na mesma hora o sanduíche de lagosta.

— Que outras decisões eu tomei? — perguntei a ele.

— Você decidiu que o bolo vai ser de cenoura — lembrou ele, com maionese pingando do queixo. — Eu gosto de bolo de chocolate.

— Não quero tomar todas as decisões! Nem sei direito o que estou fazendo.

— Então eu vou ajudar mais. Basta me dizer o que fazer. Ei, tive uma ideia. E se o tema do casamento fosse Tarantino? — sugeriu Jere.

— Nossa, imagina — retruquei, emburrada, enfiando o garfo em uma vieira.

— Você poderia ser a Noiva do *Kill Bill*. — Ele ergueu os olhos do prato. — Estou brincando! Mas a festa ainda vai ser bem tranquila, certo? A gente disse que queria que fosse tudo bem despojado.

— Sim, mas as pessoas ainda precisam comer, por exemplo.

— Não se preocupe com a comida e essas coisas. Meu pai vai contratar alguém pra cuidar de tudo.

Eu sentia o formigamento da irritação na pele, como brotoejas. Deixei escapar um suspiro baixinho.

— É fácil pra você dizer pra eu não me preocupar. Não é você que está planejando o casamento.

Jeremiah pousou o sanduíche e se endireitou na cadeira.

— Eu disse que ajudaria. E, como eu falei, meu pai vai cuidar de muita coisa.

— Não quero que ele cuide das coisas. Quero que a gente faça isso juntos. E fazer piadas com filmes do Quent Tarantino não conta exatamente como ajuda.

— É Quent*in* — corrigiu Jeremiah.

Eu o fuzilei com o olhar.

— Eu não estava brincando sobre a dança — disse ele. — Ainda acho que seria legal. E, Bells, estou cuidando de algumas coisas. Descobri como podemos resolver a questão da música. Meu amigo, Pete, trabalha como DJ nos fins de semana. Ele disse que poderia trazer as caixas de som, conectar o iPod e tomar conta da coisa toda. Aliás, Pete já tem a trilha de *Pulp Fiction*.

Jeremiah ergueu as sobrancelhas para mim, em uma expressão engraçada. Sabia que ele estava esperando que eu risse, ou ao menos sorrisse. E eu estava quase cedendo, só para acabar com aquela briga e poder comer minhas vieiras em paz, quando ele voltou a falar, em um tom inocente:

— Ah, espere, você quer checar com a Taylor primeiro? Pra ver se ela concorda?

Eu o encarei, furiosa. Jeremiah precisava parar com aquelas brincadeirinhas e começar a ser mais agradecido, porque Taylor estava

realmente ajudando, ao contrário dele.

— Não preciso checar nada com ela. É uma ideia idiota, e não vai acontecer.

Jeremiah assoviou baixinho.

— Tudo bem, *noiva-demônio*.

— Não sou uma *noiva-demônio*! Nem queria nada disso. Foi *você* quem quis.

Ele me encarou.

— O que quer dizer com "não queria nada disso"?

De repente, meu coração disparou.

— Estou falando do planejamento. Não queria fazer todo esse planejamento idiota. Não estou falando do casamento em si. Ainda quero me casar.

— Ótimo. Eu também.

Ele estendeu a mão por cima da mesa, roubou uma vieira do meu prato e colocou na boca.

Enfiei a última vieira na boca antes que Jeremiah a pegasse também. E roubei um punhado de batatas fritas dele, embora também tivesse batata frita no meu prato.

— Ei — reclamou Jeremiah, franzindo o cenho. — Você tem suas batatas.

— As suas são mais crocantes — falei, mas na verdade foi mais para implicar com ele.

Então, me perguntei: pelo resto das nossas vidas, Jeremiah tentaria comer minha última vieira ou o último pedaço do meu bife? Eu gostava de terminar toda a comida do prato — não era o tipo de garota que deixava sobrar um pouquinho só para ser educada.

Eu estava com uma batata frita na boca quando Jeremiah perguntou, de repente:

— Laurel ligou?

Engoli a batata. De repente, não estava mais com tanta fome.

— Não.

— Ela já deve ter recebido o convite.

— É.

— Bem, vamos torcer pra ela ligar esta semana — falou Jere, e enfiou o resto do sanduíche de lagosta na boca. — Quer dizer, tenho certeza de que ela vai entrar em contato.

— Vamos torcer — concordei. Dei um gole no chá gelado e acrescentei: — Nossa primeira dança pode ser com "You Never Can Tell", se você quiser mesmo.

Jere ergueu o punho no ar.

— Está vendo, é por isso que vou me casar com você!

Um sorriso se abriu lentamente no meu rosto.

— Porque sou generosa?

— Porque é muito generosa. E porque me entende — disse ele, pegando de volta algumas batatas que tinham ido para o meu prato.

* * *

Quando voltamos para casa, o carro de Conrad não estava lá.

35

Conrad

EU TERIA PREFERIDO que alguém atirasse na minha cabeça mil vezes seguidas com uma pistola de pregos a ter que ver os dois abraçadinhos no sofá a noite toda. Depois que eles saíram para jantar, entrei no carro e dirigi até Boston. No caminho, pensei em não voltar mais para Cousins. Dane-se tudo. Seria mais fácil assim. A meio caminho de casa, estava convencido de que seria melhor assim. A uma hora de casa, decidi que os dois que se explodissem, eu tinha tanto direito de estar na casa de Cousins quanto eles. Ainda precisava limpar as calhas, e tinha quase certeza de ter visto um ninho de vespas no cano de esgoto. Tinha um monte de coisa que eu precisava fazer lá. Não poderia simplesmente não voltar.

Por volta da meia-noite, eu estava sentado diante da mesa da cozinha, de cueca boxer, comendo cereal, quando meu pai entrou, ainda usando o terno do trabalho. Eu nem sabia que ele estava em casa.

Ele não pareceu surpreso ao me ver.

— Con, posso falar com você um instante? — perguntou.

— Claro.

Ele se sentou à minha frente com um copo de conhaque. Sob a luz fraca da cozinha, pareceu tão velho. Os cabelos estavam rareando no topo, e ele havia perdido peso demais. Quando tinha ficado tão velho? Na minha mente, papai sempre tinha trinta e sete anos.

Ele pigarreou.

— O que você acha que devo fazer sobre essa história do Jeremiah? Quer dizer, ele está mesmo determinado a casar?

— Sim, acho que está.

— Laurel está arrasada. Ela já tentou de tudo, mas os meninos não estão ouvindo. Belly saiu de casa, e as duas não estão nem se falando. Você sabe como a Laurel é.

Aquilo tudo era novidade para mim. Não sabia que as duas não estavam se falando.

Meu pai deu um gole na bebida.

— Você acha que há alguma coisa que eu possa fazer? Pra resolver isso?

Ao menos daquela vez, eu realmente concordava com meu pai. Mesmo sem levar em conta meus sentimentos por Belly, eu achava que se casar aos dezenove era burrice. Para quê? O que eles estavam tentando provar?

— Você poderia parar de dar dinheiro pro Jere — falei, mas me senti um babaca por sugerir aquilo. Então acrescentei: — Mas, mesmo se fizer isso, ele ainda tem o dinheiro que a mamãe deixou.

— Só que a maior parte está aplicada em um fundo de investimento.

— Jere está determinado. Vai se casar de qualquer maneira. — Hesitei, então acrescentei: — Além do mais, se você fizesse alguma coisa assim, ele nunca perdoaria.

Meu pai se levantou e se serviu de mais conhaque. Ele tomou um gole antes de dizer:

— Não quero perdê-lo como perdi você.

Eu não sabia o que dizer. Ficamos sentados ali, em silêncio, e bem no momento em que eu finalmente abri a boca para dizer “Você não me perdeu”, ele se levantou.

Meu pai deixou escapar um suspiro pesado e esvaziou o copo.

— Boa noite, filho.

— Boa noite, pai.

Observei-o subir a escada lentamente, cada passo mais pesado do que o anterior — como Atlas carregando o mundo nos ombros. Meu pai nunca teve que lidar com esse tipo de problema. Nunca teve que ser esse tipo de

pai. Minha mãe estava sempre a postos para cuidar das coisas mais complicadas. Sem mamãe, ele era tudo que nos restara. E não era o bastante.

* * *

Eu sempre fui o favorito. Era o Jacó de nosso pai, e Jeremiah era Esaú. E eu nunca questionei isso, sempre imaginei que era assim por eu ser o mais velho. Simplesmente aceitava o fato, assim como Jere. Mas, conforme fomos ficando mais velhos, percebi que não era esse o motivo. A verdade era que ele se via em mim. Para nosso pai, eu era apenas um reflexo dele, de tão parecidos. Jere era como nossa mãe; eu, como nosso pai. E, por isso, era eu quem recebia toda a pressão. Era em mim que ele depositava toda a sua energia e todas as suas esperanças. Futebol, escola, tudo isso. Eu me esforçava muito para estar à altura de todas essas expectativas, para ser exatamente como ele.

A primeira vez em que percebi que meu pai não era perfeito foi quando ele esqueceu o aniversário da minha mãe. Papai passara o dia jogando golfe com os amigos e tinha chegado tarde em casa. Jere e eu havíamos feito um bolo e comprado flores e um cartão. Tínhamos arrumado tudo na mesa da sala de jantar. Meu pai havia tomado algumas cervejas — senti no seu hálito quando ele me abraçou.

— Merda, esqueci! — disse ele. — Meninos, podem colocar meu nome no cartão?

Eu estava no primeiro ano do ensino médio. Tarde para descobrir que seu pai não é um herói, eu sei. Essa foi só a primeira vez que me lembro de ter ficado decepcionado com alguma coisa que ele fez. Depois, descobri mais e mais razões para me decepcionar.

Todo o amor e todo o orgulho que eu sentia por ele se transformaram em ódio. Então comecei a me odiar, porque eu era um reflexo dele. Porque eu via a mesma coisa que ele, via como éramos parecidos. Isso me apavorou. Eu não queria ser o tipo de homem que traía a esposa. Não queria ser o tipo de homem que colocava o trabalho à frente da família, que não dava gorjetas em restaurantes, que nunca se importava em saber o nome da faxineira.

Daí em diante, fiquei determinado a destruir a imagem de mim que ele tinha na cabeça. Não aparecia mais para nossas corridas matinais, antes de ele sair para o trabalho. Não ia mais às pescarias, nem ao golfe — de que eu nunca tinha gostado, mesmo. E parei de jogar futebol, que eu adorava. Meu pai ia a todos os meus jogos e sempre filmava, para assistirmos enquanto ele apontava todos os meus erros. Sempre que saía uma matéria sobre mim no jornal, ele emoldurava e pendurava no escritório de casa.

Larguei tudo para atingi-lo. Abandonei qualquer coisa que o fizesse ter orgulho de mim.

Levei tanto tempo para entender.... Eu é que colocara meu pai em um pedestal. Eu tinha feito isso, não ele. E depois o desprezei por não ser perfeito. Por ser humano.

* * *

Voltei para Cousins na segunda-feira de manhã.

36

NA SEGUNDA-FEIRA À tarde, Conrad e eu estávamos almoçando do lado de fora, no deque. Ele havia grelhado peitos de frango e espigas de milho. Conrad não estava brincando quando dissera que só comia frango grelhado.

— Jere avisou o que ele quer que você e Steven usem no casamento? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, parecendo confuso.

— Achei que homens sempre usassem terno em casamentos.

— Bem, sim, mas vocês são os padrinhos, por isso vão usar roupas parecidas. Bermudas cáqui e camisas de linho branco. Ele não disse?

— Essa é a primeira vez que estou ouvindo sobre camisas de linho. Ou sobre ser padrinho.

Revirei os olhos.

— Jeremiah precisa prestar atenção. É claro que você é o padrinho dele. Você e Steven.

— E pode ter dois padrinhos? Achei que fosse só um. — Ele mordeu a espiga de milho e falou: — Steven pode ser o padrinho, eu não me importo.

— Não! Você é irmão do Jeremiah. Tem que ser padrinho.

Meu celular tocou quando eu estava explicando a ele o que se esperava de um padrinho. Não reconheci o número, mas, desde que começara a planejar o casamento, vinha recebendo muitas ligações assim.

— É Isabel?

Não reconheci a voz. Parecia de alguém mais velho, mais ou menos da idade da minha mãe. Quem quer que fosse, tinha um forte sotaque de Boston.

— Hum, é ela. Quer dizer, sou eu.

— Meu nome é Denise Coletti, estou ligando do escritório de Adam Fisher.

— Ah... olá. Prazer em conhecê-la.

— Sim, olá. Só preciso que você confirme algumas coisas pro seu casamento. Escolhi um serviço de bufê que faz eventos na área e concordou em nos atender de última hora... Essa empresa normalmente precisa de reserva com meses de antecedência. Tudo bem pra você?

— Claro — respondi, desanimada.

Conrad me olhou, curioso, e expliquei, só mexendo a boca, *Denise Coletti*. Os olhos dele se arregalaram, e ele gesticulou para que eu lhe passasse o celular. Afastei a mão dele.

Então, Denise Coletti continuou:

— Bem, quantas pessoas vocês estão esperando?

— Vinte, se todos vierem.

— Adam me disse que o número seria mais próximo de quarenta. Vou checar com ele. — Ouvi o barulho do teclado. — Então provavelmente quatro a cinco salgadinhos por pessoa. Vocês precisam de uma opção vegetariana no cardápio?

— Acho que Jeremiah e eu não temos nenhum amigo vegetariano.

— Muito bem. Você vai querer fazer uma degustação? Eu sugiro que sim.

— Hum, tudo bem.

— Fantástico. Vou marcar pra semana que vem. Agora, em relação à arrumação dos lugares. Quer duas ou três mesas longas, ou cinco mesas redondas?

— Hum... — Eu nem tinha pensado em mesas. E o que ela estava falando sobre quarenta pessoas? Queria que Taylor estivesse junto comigo para me dizer o que fazer. — Posso responder depois?

Denise deixou escapar um suspiro, e me dei conta de que eu tinha dado a resposta errada.

— Claro, mas faça isso o mais rápido possível, pra que eu possa repassar a informação pro bufê. Por enquanto é só. Entro em contato com você perto do fim da semana. Ah, e parabéns.

— Muito obrigada, Denise.

Perto de mim, Conrad falou alto:

— Oi, Denise!

— É o Con? — perguntou ela. — Diga oi a ele por mim.

— Denise está dizendo oi — falei para Conrad.

Então Denise falou "mazel tov" e desligamos.

— O que está acontecendo? — perguntou Conrad. Ele estava com um caroço de milho colado na bochecha. — Por que Denise ligou pra você?

Pousei o celular e disse:

— Hum, parece que a secretária do seu pai agora é nossa cerimonialista. E também parece que estamos convidando quarenta pessoas, em vez de vinte.

— Isso é uma boa notícia — comentou ele, indiferente.

— Como assim, é uma boa notícia?

— Quer dizer que meu pai concordou com o casamento. E está pagando por tudo.

Conrad começou a partir o frango.

— Ah. Uau. — Eu me levantei. — É melhor eu ligar pro Jere. Espere, estamos no meio do dia. Ele ainda está no trabalho.

Eu me sentei de novo.

Eu deveria estar aliviada por mais alguém estar assumindo o controle, mas só me senti oprimida. Aquele casamento estava se tornando muito maior do que eu havia imaginado. Agora alugaríamos mesas. Era coisa demais, muito de repente.

À minha frente, Conrad passava manteiga em outra espiga de milho. Abaixei os olhos para o prato. Não estava mais com fome. Só me sentia enjoada.

— Coma — disse Conrad.

Coloquei um pedacinho de frango na boca.

Eu só conseguiria falar com Jeremiah mais tarde, mas a pessoa com quem eu realmente queria conversar era minha mãe. Ela saberia como organizar as mesas e como distribuir os convidados em cada uma delas.

Denise não era a pessoa que eu desejava que me dissesse o que fazer, nem o Sr. Fisher, nem mesmo Susannah. Eu só queria a minha mãe.

37

Conrad

SÓ ME DEI conta de como Belly estava estressada quando a ouvi ao telefone com Taylor, mais tarde naquela semana. Ela havia deixado a porta aberta, e eu estava escovando os dentes no banheiro do corredor.

— Taylor, agradeço de verdade o que sua mãe está tentando fazer — dissera ela —, mas seria estranho demais ter todos os adultos da vizinhança no meu chá de panela, e minha mãe, não... — Ela suspirou, então continuou: — Sim, eu sei. Está certo. Agradeça a sua mãe por mim.

Ela fechou a porta do quarto, e tive quase certeza de que a ouvi começar a chorar.

Fui para o meu quarto, me deitei na cama e fiquei encarando o teto.

Belly não havia deixado transparecer quanto a situação com a mãe a deixava triste. Ela era uma pessoa naturalmente alto-astral, animada, como Jere. Se houvesse um lado bom em uma situação, Belly o encontraria. Ouvi-la chorando me abalou. Eu sabia que deveria ficar fora daquela história, que essa era a coisa mais inteligente a fazer.

Belly não precisava que eu tomasse conta dela. Já estava bem grandinha. Além do mais, o que eu poderia fazer?

Definitivamente eu não me envolveria naquela história.

* * *

Na manhã seguinte, me levantei cedo para ir visitar Laurel. Ainda estava escuro quando saí. Liguei para ela no caminho e perguntei se poderia me encontrar para tomarmos café da manhã. Laurel ficou surpresa, mas não questionou. Disse que me encontraria em uma lanchonete na estrada.

Acho que Laurel sempre foi especial para mim. Desde pequeno, gostava de ficar perto dela. Gostava de poder ficar em silêncio ao seu lado, em sua companhia. Depois que minha mãe morreu e eu pedi transferência para Stanford, comecei a ligar para Laurel de vez em quando. Ainda gostava de conversar com ela, e gostava do fato de ela me fazer lembrar da minha mãe sem que doesse demais. Era um vínculo com meu lar.

Quando cheguei à lanchonete, Laurel já esperava por mim, sentada a uma das mesas.

— Con — falou, levantando-se e abrindo os braços. Parecia ter perdido peso.

— Oi, Lau — respondi, cumprimentando-a com um abraço.

Ela pareceu mesmo muito magra nos meus braços, mas tinha o mesmo cheiro. Laurel sempre tivera um cheiro de limpeza, com um toque de canela.

Eu me sentei a sua frente. Depois de pedirmos panquecas e bacon, ela perguntou:

— Então, como vão as coisas?

— Bem — respondi, e tomei um pouco de suco.

Como eu deveria abordar o assunto? Aquele não era meu estilo. Não era natural para mim, como era para Jere. Estava me metendo em algo que não era da minha conta. Mas tinha que fazer aquilo. Por ela.

Pigarreei e falei:

— Chamei você aqui porque quero conversar sobre esse casamento.

O rosto de Laurel ficou sério, mas ela não me interrompeu.

— Lau, eu acho que você deveria ir. Acho que deveria fazer parte disso. Você é mãe dela.

Ela mexeu o café, então ergueu os olhos para mim e perguntou:

— Você acha que eles deveriam se casar?

— Não foi isso que eu disse.

— Então, o que você acha?

— Acho que os dois se amam e que vão se casar, não importa o que os outros pensem a respeito. E... acho que Belly realmente precisa da mãe.

— Isabel parece estar se saindo muito bem sem mim — comentou ela, impassível. — Não se deu nem ao trabalho de me avisar onde estava. Tive que ficar sabendo por Adam, que, a propósito, parece que vai bancar esse casamento. Típico dele. E agora Steven vai ser padrinho, e o pai de Belly vai ceder, como sempre. Parece que sou a única batendo o pé.

— Belly não está bem. Mal está comendo. E... eu a ouvi chorando ontem à noite. Ela estava conversando com a Taylor e disse que não parecia certo a mãe dela organizar um chá de panela no qual você não estivesse presente.

A expressão de Laurel se suavizou um pouquinho.

— Lucinda vai organizar um chá de panela pra ela? — Então, voltou a mexer o café. — Jere não pensou direito nisso. Ele não está levando essa história a sério como deveria. Não tem noção do que está fazendo.

— Você está certa, ele não é um cara que leva as coisas muito a sério. Mas, acredite em mim, Jere leva Belly muito a sério. — Respirei fundo. — Laurel, se você não for, vai se arrepender.

Ela me encarou.

— Estamos sendo honestos um com o outro aqui?

— Não é o que sempre fazemos?

Laurel assentiu e deu um gole no café.

— Sim, é o que fazemos. Então me diga: qual é o seu interesse em tudo isso?

Eu sabia o que estava vindo. Afinal, aquela era Laurel. Não era mulher de fazer rodeios.

— Quero que ela seja feliz.

— Ah. Só ela?

— Jeremiah também.

— E é só isso?

Ela me olhou com firmeza.

Eu fiz o mesmo.

* * *

Tentei pagar pelo café da manhã, já que eu que tinha convidado, mas Laurel não deixou.

— De jeito nenhum — falou.

No caminho de volta, fiquei repassando nossa conversa. A expressão eloquente no rosto dela, quando me perguntou qual era meu interesse naquilo. O que eu estava fazendo? Escolhendo vasos com Belly, tentando bancar o pacificador com nossos pais. De repente, eu era o cerimonialista deles, e nem sequer concordava com o que estavam fazendo. Precisava me desvencilhar daquela situação. Tinha que lavar as mãos e escapar de toda aquela confusão.

38

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — perguntei a Conrad, quando ele entrou pela porta dos fundos, depois de passar a manhã toda fora.

Ele não respondeu de imediato. Na verdade, mal olhava para mim. Disse apenas:

— Fui resolver umas coisas.

Eu o encarei como se não entendesse, mas ele não deu mais nenhuma informação.

— Quer ir comigo à florista em Dyerstown? Tenho que escolher as flores pro casamento.

— Jere não vem hoje? Você não pode ir com ele?

Conrad pareceu irritado.

Fiquei surpresa e um pouco magoada. Achei que estivéssemos nos dando muito bem nas últimas semanas.

— Ele só vai chegar à noite. — Então acrescentei, em tom brincalhão: — De qualquer modo, você é o especialista em arranjos florais, não lembra?

Conrad ficou de pé diante da pia, de costas para mim. Ele abriu a torneira e encheu um copo.

— Não quero deixar Jere chateado.

Pensei ter ouvido um traço de mágoa em sua voz. Mágoa... e mais alguma coisa. Medo.

— Qual é o problema, Con? Aconteceu alguma coisa hoje de manhã?

De repente, fiquei preocupada. Como Conrad não respondeu, parei atrás dele. Estava prestes a pousar a mão em seu ombro quando ele se virou. Abaixei a mão.

— Não aconteceu nada — disse ele. — Vamos. Eu dirijo.

Conrad ficou muito quieto na florista. Taylor e eu tínhamos nos decidido por copos-de-leite, mas, quando folheei os catálogos da loja, acabei mudando de ideia e escolhendo peônias. Quando mostrei a Con, ele comentou:

— Eram as flores favoritas da minha mãe.

— Eu me lembro — falei.

Encomendei cinco arranjos, um para cada mesa, como Denise Coletti sugeriu que fizesse.

— E quanto ao buquê? — perguntou a florista.

— Pode ser de peônias também? — quis saber.

— Claro, podemos fazer isso. Vou montar um belo buquê pra você. — E, virando-se para Conrad, ela perguntou: — Você e seus padrinhos vão usar *boutonnières*?

Ele ficou muito vermelho.

— Não sou o noivo.

— Ele é o irmão do noivo — expliquei, entregando o cartão de crédito do Sr. Fisher a ela.

Saímos da loja logo depois.

* * *

No caminho de volta, passamos por uma barraca de frutas na beira da estrada. Eu queria parar, mas não disse nada. Acho que Conrad percebeu, porque perguntou:

— Quer voltar?

— Não, tudo bem, já passamos — respondi.

Ele deu meia-volta na rua de mão única.

A barraca de frutas na verdade era só dois caixotes de madeira com pêssegos e uma placa dizendo para deixar o dinheiro na caixa. Deixei um

dólar, porque não tinha trocado.

— Você não vai querer um? — perguntei a ele, limpando o pêssego na blusa.

— Não, sou alérgico a pêssego.

— Desde quando? Eu com certeza já vi você comendo. Ou pelo menos torta de pêssego.

Ele deu de ombros.

— Desde sempre. Já comi antes, sim, mas sempre me dá uma coceira dentro da boca.

Antes de dar uma mordida no pêssego, fechei os olhos e inalei o aroma.

— Azar o seu.

Eu nunca comera um pêssego como aquele. Estava maduro na medida certa. Os dedos afundavam um pouco na fruta só de tocá-la. Mordi com gosto, e o caldo escorreu pelo queixo enquanto a polpa melava minha mão. Era doce e azedinho ao mesmo tempo. Uma experiência para ser aproveitada com todos os sentidos: olfato, paladar, tato e visão.

— É um pêssego perfeito — falei. — Quase não quero comer outro, porque não tem como estar tão bom quanto esse.

— Vamos testar — disse Conrad, e pegou outro pêssego para mim. Comi em quatro dentadas.

— Estava tão bom quanto o outro? — perguntou.

— Sim. Estava.

Conrad estendeu a mão e limpou meu queixo com a camisa. Talvez tenha sido o gesto mais íntimo que alguém já fez comigo.

Eu me senti zonza, as pernas bambas.

Foi o modo que ele me olhou, naqueles poucos segundos... Mas Conrad logo abaixou os olhos, como se a luz do sol estivesse ofuscante demais atrás de mim.

Eu me afastei e falei:

— Vou comprar mais alguns pro Jere.

— Boa ideia — disse Conrad, e se afastou também. — Vou esperar no carro.

Eu tremia enquanto enchia uma sacola plástica com pêssegos. Bastou um olhar, um toque dele, para me deixar trêmula. Aquilo era loucura. Eu ia me casar com o irmão de Conrad.

De volta ao carro, eu não disse nada. Não conseguiria, mesmo se quisesse. Não tinha palavras. Na quietude do ar-condicionado do carro, o

silêncio entre nós parecia berrar. Então, abri a janela e me concentrei em tudo que passava ao meu lado.

Em casa, o carro de Jeremiah já estava estacionado. Conrad sumiu assim que entramos. Encontrei Jere cochilando no sofá, os óculos escuros ainda no alto da cabeça. Beijei-o para acordá-lo.

Ele piscou e abriu os olhos.

— Oi.

— Oi. Quer um pêssego? — perguntei, balançando a sacola feito um pêndulo.

Eu me sentia agitada de repente. Jere me abraçou e disse:

— Você é um doce.

— Sabia que Conrad é alérgico a pêssego?

— Claro. Você não se lembra daquela vez em que ele tomou sorvete de pêssego e ficou com a boca toda inchada?

Eu me afastei para lavar os pêssegos. Disse a mim mesma que não havia motivo para me sentir culpada, nada acontecera. Eu não tinha feito nada.

Lavei os pêssegos no escorredor de macarrão, escorrendo o excesso de água como vi Susannah fazer tantas vezes. Enquanto a água corria sobre as frutas, Jeremiah apareceu atrás de mim.

— Acho que já estão bem-lavados — disse, e pegou um.

Ele se sentou na bancada da cozinha e deu uma mordida.

— Está bom, não? — perguntei.

Levei um ao nariz e inspirei fundo, tentando apagar da minha mente todos os pensamentos loucos.

Jeremiah assentiu. Ele já havia terminado de comer e jogou o caroço fora.

— Bom mesmo. Comprou morango? Eu poderia comer uma caixa inteira de morangos.

— Não, só pêssegos.

Coloquei-os em uma fruteira prateada, arrumando-os da maneira mais elegante que consegui. Minhas mãos ainda tremiam.

39

O APARTAMENTO ERA forrado com carpete azul-marinho em todos os cômodos, e, embora eu estivesse de chinelo, conseguia sentir que estava úmido. A cozinha era praticamente do tamanho de um banheiro de avião, e não havia janelas no quarto. O lugar tinha o pé-direito alto — na minha opinião, a única coisa boa ali.

Jeremiah e eu tínhamos passado o dia todo visitando apartamentos perto da faculdade. Aquele era o terceiro e de longe o pior.

— Gosto do carpete — comentou Jeremiah, satisfeito. — É legal acordar de manhã e afundar os pés no carpete.

Olhei para a porta, onde o senhorio nos esperava. Ele parecia ser mais ou menos da idade do meu pai. Usava os cabelos brancos presos em um rabo de cavalo, tinha bigode e uma tatuagem de sereia de topless no braço. O homem me pegou olhando para a tatuagem e sorriu para mim. Abri um sorriso sem graça.

Então, voltei para o quarto e fiz sinal para que Jeremiah me seguisse.

— Esse lugar fede a cigarro — sussurrei. — É como se o carpete tivesse absorvido o cheiro.

— Limpa-carpetes nele, amor.

— *Você* passa limpa-carpetes. Sozinho. Eu não vou morar aqui.

— Qual é o problema? O prédio é tão perto que fica praticamente dentro do campus. E tem um quintalzinho... Podemos fazer churrasco. Pense só em todas as festas que daríamos. Vamos lá, Belly, por favor.

— Vamos lá nada. Vamos voltar pro primeiro apartamento que a gente viu, o que tinha ar-condicionado central.

Acima de nós, eu sentia a vibração de um aparelho de som.

Jeremiah enfiou as mãos nos bolsos.

— Aquele lugar era cheio de gente velha e famílias. Este aqui é pra pessoas da nossa idade. Universitários que nem a gente.

Voltei a olhar para o senhorio, que mexia no celular, fingindo não escutar a conversa.

Abaixei a voz antes de dizer:

— Este lugar é praticamente uma casa de fraternidade. Se eu quisesse morar em uma, me apertaria com você na sua.

Ele revirou os olhos e disse, em voz alta:

— Acho que não vamos ficar com o apartamento.

Para o senhorio, Jeremiah deu de ombros, como se dissesse "mulheres, fazer o quê?". Como se os dois estivessem naquilo juntos, como se fossem parceiros.

— Obrigada por nos mostrar o apartamento — agradeci.

— Sem problemas — respondeu o cara, acendendo um cigarro.

Quando saíamos do apartamento, fuzilei Jeremiah com o olhar. Ele perguntou, sem emitir som: *O que foi?*, confuso. Só balancei a cabeça.

— Está ficando tarde — disse ele, já no carro. — Vamos escolher um lugar e pronto. Quero acabar logo com isso.

— Está certo, tudo bem — concordei, enquanto ligava o ar-condicionado. — Então eu escolho o primeiro apartamento.

— Tudo bem — aceitou Jeremiah.

— Tudo bem — repeti.

Voltamos para o primeiro prédio, para preencher a papelada. Fomos direto para o escritório da administradora. A responsável pela administração do prédio era Carolyn, uma mulher alta, ruiva e que usava um vestido estampado transpassado. Seu perfume parecia com o que Susannah costumava usar. Considerei isso um bom presságio.

— Então, não são seus pais que estão alugando o apartamento pra vocês? — perguntou Carolyn. — Quem assina o contrato de aluguel pra maior

parte dos universitários são os pais.

Abri a boca para responder, mas Jeremiah foi mais rápido.

— Não, estamos fazendo isso por nossa conta. Estamos noivos.

A expressão dela foi de surpresa, e vi quando desviou brevemente os olhos para minha barriga.

— Ah! Bem, parabéns!

— Obrigado — disse Jeremiah.

Eu não falei nada. Já estava de saco cheio de todo mundo achar que eu estava grávida só porque íamos nos casar.

— Vamos precisar fazer uma análise de crédito antes de dar entrada no pedido de aprovação — explicou Carolyn. — Se estiver tudo certo, o apartamento é de vocês.

— Se a pessoa tiver atrasado o pagamento de algumas faturas do cartão de crédito, isso seria um problema? — perguntou Jeremiah, inclinando-se para a frente.

Senti meus olhos se arregalando.

— Que história é essa? — sussurrei. — Seu pai paga seu cartão de crédito.

— É, eu sei, mas fiz um cartão pra mim no primeiro ano de faculdade também. Pra ter meu próprio histórico de crédito — acrescentou Jeremiah, dando um sorriso para Carolyn.

— Não tenho dúvida de que vai ficar tudo bem — disse ela, mas seu sorriso tinha se apagado um pouco. — Como está seu crédito, Isabel?

— Hummm, bom, eu acho. Meu pai me colocou como dependente no cartão dele, mas eu nunca uso.

— Hum. Certo, e quanto a cartões de lojas de departamento? — perguntou ela.

Balancei a cabeça.

— Mas temos o primeiro e o último mês de aluguel para dar de garantia — falou Jeremiah. — E também o dinheiro pro depósito de caução. Então, está tudo bem.

— Ótimo — disse Carolyn, e se levantou. — Vou dar entrada nisso hoje e retorno para vocês nos próximos dias.

— Vou ficar com os dedos cruzados — falei, tentando parecer animada.

* * *

Jeremiah e eu saímos do prédio e, no estacionamento, já perto do carro, falei:

— Espero mesmo que a gente consiga esse apartamento.

— Se não conseguirmos esse, tenho certeza de que conseguiremos um dos outros. Duvido que Gary fosse fazer qualquer avaliação de crédito.

— Quem é Gary?

Jeremiah abriu a porta do motorista.

— O cara daquele último apartamento.

Revirei os olhos.

— Tenho certeza de que Gary também faria uma avaliação de crédito.

— Duvido. Gary era legal.

— *Gary* provavelmente tem um laboratório de metanfetamina no porão — falei, e dessa vez foi Jeremiah quem revirou os olhos. — Se a gente morasse naquele apartamento, provavelmente acordaria no meio da noite em uma banheira imunda cheia de gelo, sem os rins.

— Belly, ele aluga apartamentos pra uma porção de universitários. Um cara do meu time de futebol morou lá o ano passado todo, e ele está bem. Ainda tem os dois rins e tudo o mais.

Nós nos encaramos, um de cada lado do carro.

— Por que ainda estamos falando sobre isso? — perguntou Jere. — Você conseguiu o que queria, lembra?

Ele não terminou a frase do modo como eu sabia que queria terminar: "Você conseguiu o que queria, como sempre."

— Não sabemos se eu consegui o que queria ou não.

Também não terminei a frase como desejava: "Não sabemos se eu consegui o que queria ou não, porque você não pagou seu cartão."

Abri com força a porta do passageiro e entrei.

* * *

Recebi a ligação mais tarde naquela semana. Não conseguimos o apartamento. Eu não sabia se tinha sido por causa do histórico de crédito ruim de Jere ou da minha ausência de histórico de crédito, mas não importava. O fato foi que não conseguimos.

40

CHEGOU O DIA do chá de panela de Taylor. Eu pensava no evento como sendo dela, porque foram ela e a mãe que organizaram tudo. Os convites que mandaram eram mais elegantes do que os convites para o próprio casamento.

Já havia uma porção de carros estacionados em frente à casa. Reconheci o Audi prateado de Marcy Yoo e o Honda azul da Mindy, tia de Taylor.

A caixa de correio estava enfeitada com balões brancos, o que me fez lembrar de todas as festas de aniversário que ela já dera. Sempre usava balões rosa-choque. Sempre.

Eu usava um vestido branco e sandálias e estava de rímel, blush e um brilho labial rosa. Quando saí da casa, em Cousins, Conrad tinha dito que eu estava bonita. Aquela foi a primeira vez em que nos falamos desde o dia dos pêssegos. Ele disse *Você está bonita*, e eu agradeci. Totalmente normal.

Toquei a campainha, algo que eu nunca fazia na casa de Taylor. Mas, como era uma festa, achei que deveria.

Ela abriu a porta. Estava com um vestido rosa com estampa de peixes verde-claro nadando ao longo da bainha, e tinha feito um penteado meio

preso, meio solto. Para falar a verdade, parecia que Taylor era a noiva, não eu.

— Você está linda — disse ela, e me abraçou.

— Você também — respondi, e entrei.

— Já está quase todo mundo aqui — avisou Taylor, enquanto me levava para a sala de estar.

— Só preciso fazer xixi antes — falei.

— Vai rápido, você é a convidada de honra.

Fui ao banheiro depressa e, depois de lavar as mãos, tentei pentear os cabelos com os dedos. Também coloquei um pouco mais de brilho nos lábios. Por alguma razão, estava nervosa.

Taylor havia pendurado sinos de papel-crepom no teto, e o aparelho de som tocava "Going to the Chapel".

Na sala estavam nossas amigas Marcy, Blair e Katie; a tia de Taylor, Mindy; minha vizinha, a Sra. Evans, e a mãe de Taylor, Lucinda. E, sentada ao lado de Lucinda, no sofá, usando um terninho azul-claro, estava minha mãe.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando a vi.

Não atravessamos a sala para nos abraçarmos, nem nos debulhamos em lágrimas. Cumprimentei todas as convidadas, e, quando finalmente cheguei nela, nos abraçamos com força, por um longo tempo. Não tivemos que dizer nada, porque nós duas sabíamos.

Na mesa do bufê, Taylor apertou minha mão.

— Feliz? — sussurrou.

— Demais — sussurrei de volta, e peguei um prato.

Sentia um alívio imenso. Tudo estava se encaminhando. Minha mãe estava de volta. Aquilo estava mesmo acontecendo.

— Ótimo — disse Taylor.

— Como isso aconteceu? Sua mãe falou com a minha?

— Ahã — confirmou ela, e me soprou um beijinho. — Minha mãe disse que nem foi difícil convencê-la a vir.

Lucinda tinha arrumado a mesa com seu famoso bolo de coco no centro. Havia limonada com água gasosa, enroladinhos de salsicha, minicenouras e uma pastinha de cebola — todas as minhas comidas favoritas. Minha mãe havia levado seus quadradinhos de limão.

Enchi meu prato e me sentei perto das garotas. Depois de enfiar um enroladinho de salsicha na boca, falei:

— Muito obrigada por terem vindo!

— Não acredito que você vai se casar — disse Marcy, balançando a cabeça, perplexa.

— Nem eu — concordou Blair.

— Nem eu — falei.

Abrir os presentes foi a melhor parte. Parecia que era meu aniversário. Formas de cupcake da Marcy, copos da Blair, toalhas de mão da tia Mindy, livros de receita da Lucinda, uma jarra de vidro da Taylor, um edredom da minha mãe.

Taylor se sentou ao meu lado, anotando quem tinha dado o quê e recolhendo as fitas dos embrulhos. Ela furou um prato de papel e enfiou as fitas pelos furos.

— Pra que isso? — perguntei.

— É o seu buquê pro ensaio da cerimônia, bobinha — disse Lucinda, sorrindo para mim.

Ela havia feito bronzeamento artificial naquela manhã. Dava para ver as marcas dos óculos protetores.

— Ah, não vamos fazer um jantar de ensaio.

Sinceramente, para que ensaiar? O casamento seria na praia, uma cerimônia simples e descomplicada, bem do jeito que eu e Jeremiah queríamos.

Taylor me estendeu o prato.

— Então você tem que usar como chapéu.

Lucinda se levantou e prendeu o prato ao redor da minha cabeça feito uma touca. Todas rimos, e Marcy tirou uma foto.

Taylor se levantou, segurando o caderno.

— Muito bem, então preparem-se pro que Belly vai dizer na noite de núpcias.

Cobri o rosto com o chapéu de fitas. Já tinha ouvido falar daquela brincadeira. A madrinha anota tudo que a futura noiva diz enquanto abre os presentes.

— "Nossa, que beleza!" — exclamou Taylor, e todas riram.

Tentei pegar o caderno da mão dela, mas Taylor ergueu-o acima da minha cabeça e leu:

— "Jeremiah vai amar isso!"

* * *

Depois do concurso de melhor vestido de papel higiênico, depois de arrumarmos tudo e de todas as convidadas irem embora, fui com minha mãe até o carro dela.

Eu me senti constrangida quando falei:

— Obrigada por vir, mãe. Foi muito importante pra mim.

Ela afastou meus cabelos dos olhos.

— Você é a minha menina. — Foi só o que ela disse.

Eu a abracei.

— Amo tanto, tanto você.

Liguei para Jeremiah assim que entrei no carro.

— Vai acontecer! — gritei.

Não que em algum momento não fosse. Ainda assim, planejar aquele casamento, estar longe de casa, brigada com minha mãe... Tudo isso tinha me deixado tensa. Mas, com minha mãe ao meu lado, eu finalmente me sentia capaz de voltar a respirar. Minhas preocupações tinham desaparecido. Finalmente eu me sentia completa. Me sentia capaz de fazer aquilo.

* * *

Naquela noite, dormi em casa. Steven, minha mãe e eu assistimos a um desses programas em que recriam crimes famosos. Gargalhamos com as atuações horrorosas, comemos salgadinhos e o que tinha sobrado dos quadradinhos de limão da minha mãe. Foi bom demais.

41

Conrad

NO DIA EM que Belly voltou para casa, fui visitar Ernie, o antigo proprietário do restaurante de frutos do mar onde eu trabalhava como garçom. Todo adolescente que ia para Cousins sabia quem ele era, e Ernie conhecia cada um de nós. Embora já estivesse velho, nunca esquecia um rosto. Ernie já devia ter pelo menos setenta anos quando trabalhei no restaurante, durante o ensino médio. Agora, o responsável pelo lugar era seu sobrinho, John, que era um babaca. Para começar, rebaixara Ernie a garçom, mas o tio não conseguiu dar conta do trabalho, e John acabara colocando-o para arrumar os talheres e guardanapos. John acabou afastando Ernie totalmente do negócio e forçando-o a se aposentar. Era verdade que Ernie estava velho, mas era um trabalhador dedicado, e todos o amavam. Eu costumava fazer pausas para fumar junto com ele, do lado de fora do restaurante. Sabia que era errado deixá-lo fumar, mas ele já era um senhor, e quem consegue dizer não para um velhinho?

Ernie morava em uma casinha perto da estrada, e eu tentava visitá-lo pelo menos uma vez por semana. Para fazer companhia, mas também para

me certificar de que ainda estivesse vivo. Ele não tinha muita gente por perto para lembrá-lo de tomar seus remédios, e o sobrinho com certeza não tinha o hábito de visitá-lo. Depois que John o afastara do negócio, Ernie dizia que ele já não era mais sangue do seu sangue.

Por isso, fiquei bem surpreso quando entrei na rua de Ernie e vi o carro de John saindo da casa dele. Estacionei e bati à porta antes de entrar.

— Você me trouxe cigarros? — perguntou Ernie, do sofá.

Era a mesma coisa toda vez. Ele nem podia mais fumar.

— Não. Larguei o cigarro.

— Então suma daqui.

Ele riu, como sempre, e me sentei no sofá. Assistimos a séries policiais antigas e comemos amendoim em silêncio. Só conversávamos durante os comerciais.

— Você está sabendo que meu irmão vai se casar no próximo fim de semana? — perguntei.

Ele bufou.

— Ainda não morri, garoto. É claro que fiquei sabendo. Todo mundo está sabendo. Ela é um amor de garota. Sempre me cumprimentava com uma reverência quando era pequena.

Eu sorri.

— Isso era porque a gente dizia a Belly que você tinha sido príncipe na Itália antes de se tornar mafioso — revelei. — O Poderoso Chefão de Cousins.

— E é isso aí.

O programa recomeçou e voltamos a assistir em um silêncio camarada. Então, no intervalo seguinte, Ernie falou:

— E aí, você vai ficar chorando por causa do casamento que nem um frouxo ou vai fazer alguma coisa a respeito?

Quase me engasguei com um amendoim. Ainda tossindo, tentando me recuperar, perguntei:

— Como assim?

Ele bufou de novo.

— Ah, não venha com gracinha pra cima de mim. Você ama a garota, certo? Ela não é a mulher da sua vida?

— Ernie, acho que você se esqueceu de tomar seus comprimidos hoje — falei. — Onde está a caixa de remédios?

Ele ignorou minhas palavras, balançando a mão pálida e ossuda, a atenção de volta à TV.

— Fique quieto. A série voltou.

Tive que esperar até o intervalo seguinte para perguntar, tentando soar despreocupado:

— Você acredita mesmo nisso? Que estamos destinados a ficar com uma só pessoa?

Ele respondeu, enquanto tirava a casca de um amendoim.

— Claro que acredito. Elizabeth era a mulher da minha vida. Quando ela morreu, não consegui encontrar motivo pra procurar outra. Minha garota se fora. Agora estou só passando meu tempo aqui. Pode pegar uma cerveja pra mim?

Eu me levantei e fui até a geladeira. Voltei com uma cerveja e um copo gelado. Ernie adorava o copo gelado.

— O que John estava fazendo aqui? — perguntei. — Eu vi o carro saindo quando cheguei.

— Ele veio aparar meu gramado.

— Achei que esse trabalho era meu — protestei, enquanto servia a cerveja para ele no copo.

— Você faz um trabalho de bosta nas bordas.

— Quando vocês voltaram a se falar?

Ernie deu de ombros e enfiou um amendoim na boca.

— Ele provavelmente está só farejando por aqui porque quer que eu deixe minha propriedade pra ele quando morrer. — Ernie tomou a cerveja e se recostou na poltrona reclinável. — Ah, mas John é um bom garoto. É o único filho da minha irmã. É família. E família é família. Nunca se esqueça disso, Conrad.

— Ernie, dois intervalos atrás, você me disse que eu seria um frouxo se não acabasse com o casamento do meu irmão!

Ele cutucou o dente e retrucou:

— Se estamos falando da mulher da sua vida, nada importa. Não importa se é família ou não.

* * *

Eu me senti mais leve quando deixei a casa de Ernie, algumas horas depois. Era sempre assim.

42

ERA QUARTA-FEIRA, FALTAVA pouco para o casamento. No dia seguinte, Taylor e Anika chegariam em Cousins, assim como Josh, Redbird e meu irmão. Os meninos fariam a tal despedida de solteiro, e Taylor, Anika e eu pretendíamos ficar na piscina. Entre os esforços combinados de Denise Coletti e Taylor, o casamento estava praticamente pronto. A comida havia sido encomendada: sanduíches de lagosta e coquetel de camarão. Havia piscas-piscas pendurados no deque e no pátio. Conrad ia tocar uma música no violão quando eu entrasse com meu pai. Eu usaria as joias que Susannah me deixara e faria meu próprio penteado e maquiagem.

Tudo estava organizado, mas eu ainda não conseguia afastar a ideia de que estava esquecendo alguma coisa.

Estava passando aspirador na sala de estar quando Conrad abriu a porta. Ele passara a manhã surfando. Desliguei o aspirador.

— Que foi? — perguntei.

Conrad parecia pálido, e seus cabelos estavam pingando em cima dos olhos.

— Nada de mais — disse ele. — Eu me cortei com a quilha da prancha.

— Foi feio?

— Não, não muito.

Eu o vi ir mancando até o banheiro e corri até lá. Ele se sentou na beira da banheira, e o sangue já ensopara a toalha e escorria pela perna dele. Fiquei tonta por uma fração de segundos.

— Já está parando de sangrar — disse Conrad, e seu rosto estava branco como a bancada de mármore. Ele parecia prestes a desmaiar. — Parece pior do que é.

— Continue colocando pressão — mandei. — Vou pegar a caixa de primeiros socorros.

Devia estar doendo muito, porque ele me obedeceu. Quando voltei com água oxigenada, gaze e um antisséptico, Conrad ainda estava sentado na mesma posição, com a perna dentro da banheira.

Eu me sentei ao seu lado, na borda da banheira, de frente para ele.

— Solte — pedi.

— Estou bem — disse Conrad. — Pode deixar que eu faço isso.

— Não, você não está bem — retruquei.

Então, ele soltou a toalha e eu pressionei sua perna. Ele se encolheu.

— Desculpe — falei.

Segurei a toalha ensanguentada no lugar por alguns minutos, então a afastei. O corte tinha alguns centímetros de comprimento, mas era estreito. Não estava mais sangrando tanto, por isso comecei a limpá-lo com água oxigenada.

— Ai! — gritou ele.

— Não seja um bebê, é só um arranhão — menti.

Estava me perguntando se precisaria de pontos.

Conrad se aproximou mais de mim, a cabeça se apoiando de leve no meu ombro enquanto eu limpava. Senti sua respiração, e a inspiração rápida a cada vez que eu tocava o corte.

Quando o machucado estava limpo, pareceu melhor. Passei o antisséptico e enrolei a panturrilha dele com gaze. Então, dei uma palmadinha em seu joelho.

— Está vendo? Passou.

Ele levantou a cabeça e disse:

— Obrigado.

— Imagina.

Então, por um momento, ficamos nos fitando, um sustentando o olhar do outro. Minha respiração acelerou. Se eu me inclinasse só um pouquinho

para a frente, nós nos beijaríamos. Eu sabia que deveria me afastar, mas não consegui.

— Belly?

Senti o hálito dele no meu pescoço.

— Sim?

— Pode me ajudar a ficar de pé? Vou subir e tirar um cochilo.

— Você perdeu muito sangue — falei, e minha voz vibrou nos azulejos do banheiro. — Acho que não deveria dormir.

Ele deu um sorrisinho.

— Isso só vale para quando a pessoa bateu a cabeça.

Eu me levantei da banheira e o ajudei a se levantar.

— Consegue andar? — perguntei.

— Vou dar um jeito — disse ele.

Então se afastou de mim mancando, a mão na parede para se apoiar.

Minha camiseta estava úmida no lugar onde ele apoiara a cabeça. Comecei a limpar a bagunça automaticamente, com o coração disparado no peito. O que acabara de acontecer? O que eu quase tinha feito? Daquela vez não havia sido como no dia dos pêssegos. Daquela vez, tinha sido eu.

* * *

Conrad dormiu direto e não levantou para jantar. Fiquei na dúvida se deveria levar alguma coisa para ele comer, mas acabei achando melhor não. Em vez disso, aqueci uma das pizzas congeladas que eu tinha comprado e passei o resto da noite limpando o andar de baixo. Estava aliviada porque todo mundo chegaria no dia seguinte. Não seríamos mais só nós dois. Depois que Jeremiah chegasse, tudo voltaria ao normal.

43

TUDO REALMENTE VOLTOU ao normal. Eu estava normal, Conrad também. Era como se nada tivesse acontecido. A verdade era que nada tinha mesmo acontecido. Se ele não estivesse com um curativo na perna, eu acharia que havia sonhado com aquela história.

Os garotos estavam todos na praia, menos Conrad, que não podia molhar a perna. Ele ficou na cozinha, preparando o churrasco. Nós, as meninas, ficamos deitadas na beira da piscina, passando um saco de pipoca entre nós. O dia estava perfeito: o sol estava alto e quente, com poucas nuvens no céu. Não havia previsão de chuva para os sete dias seguintes. Nosso casamento estava a salvo.

— Redbird é meio gatinho, não? — comentou Taylor, ajeitando a parte de cima do biquíni.

— Eca — disse Anika. — Qualquer um que tenha esse tipo de apelido... Não, obrigada.

Taylor franziu o cenho para ela.

— Não seja tão crítica. Belly, o que acha?

— Hum... ele é legal. Jere diz que é um amigo muito leal.

— Está vendo? — cantarolou Taylor, cutucando Anika com o dedo do pé.

Anika me lançou um olhar, e dei um sorrisinho disfarçado para ela, antes de dizer:

— Ele é muito, muito leal. E daí se parece, sei lá, um homenzinho pré-histórico?

Taylor jogou um punhado de pipoca em cima de mim e, rindo, tentou enfiar mais um pouco na minha boca.

— Nós vamos sair com os meninos hoje à noite? — perguntou Anika.

— Não, eles vão sair sozinhos. Vão a algum bar que serve drinques chamados "Carro-bomba irlandês" pela metade do preço, ou algo parecido.

— Eca — resmungou Taylor.

Anika olhou de relance para a cozinha e comentou, em voz baixa:

— Vocês nunca tinham me dito como o Conrad é gato.

— Ele não é *tão* gato assim — retrucou Taylor. — Só acha que é.

— Não acha nada — defendi. E, para Anika, falei: — Tay só não gosta do Conrad porque ele nunca deu em cima dela.

— Por que ele daria em cima dela se era seu?

Fiz *shhh* para ela.

— Ele nunca foi meu — sussurrei.

— Ele *sempre* foi seu — disse Taylor, passando mais bronzeador.

— Não é mais — retruquei, com firmeza.

* * *

Comemos bifes e legumes grelhados no jantar. Foi uma refeição muito adulta. Eu me senti muito madura, sentada à mesa com todos os meus amigos, tomando vinho tinto. Eu estava ao lado de Jeremiah, que estava com o braço apoiado nas costas da minha cadeira. Mas ainda assim...

Durante toda a noite, conversei com outras pessoas. Não olhei na direção dele, mas sabia o tempo todo onde Conrad estava. Eu me sentia dolorosamente consciente de sua presença. Quando ele estava próximo, meu corpo vibrava. Quando estava longe, havia um vazio doloroso. Com ele perto, eu sentia tudo.

Con estava sentado ao lado de Anika e disse alguma coisa que a fez rir. Senti uma pontada no peito e desviei os olhos.

Tom se levantou e fez um brinde.

— A Belly e J-Fish, um casal... — ele arrotou — realmente incrível. Incrível pra cacete!

Vi Anika lançar um olhar para Taylor, tipo *você acha mesmo esse cara gatinho?* Taylor respondeu com um dar de ombros. Todos ergueram suas latas de cerveja e taças de vinho, e brindamos. Jeremiah me puxou para perto e me beijou na boca na frente de todo mundo. Eu me afastei, constrangida. Vi a expressão no rosto de Conrad, mas desejei não ter visto.

Então, Steven disse:

— Mais um brinde, pessoal. — Ele se levantou, constrangido. — Conheço Jeremiah desde que nasci. Belly também, infelizmente.

Joguei meu guardanapo nele.

— Vocês são um ótimo casal — disse Steven, olhando para mim. Então, se virou para Jeremiah. — Cuide bem dela, cara. Ela é chata pra cacete, mas é a única irmã que eu tenho.

Senti os olhos marejados. Então, me levantei e o abracei.

— Idiota — falei, secando os olhos.

Quando me sentei de volta ao lado de Jere, ele anunciou:

— Acho que eu também devo dizer alguma coisa. Em primeiro lugar, obrigado por terem vindo, pessoal. Josh, Redbird. Taylor e Anika. É muito importante pra nós dois vocês estarem aqui. — Jere me cutucou, e olhei para ele, esperando que mencionasse Conrad. Eu o encarei com uma expressão incomodada, mas ele pareceu não entender. E falou: — Diga alguma coisa também, Belly.

— Obrigada por virem — repeti. — E, Conrad, obrigada pela refeição incrível. Incrível pra cacete.

Todos riram.

Depois do jantar, fui até o quarto de Jeremiah e fiquei olhando enquanto ele se preparava para sair com os garotos. Eu e as meninas ficaríamos em casa. Eu tinha dito para Taylor ir com eles e investir no Redbird, mas ela preferiu ficar.

— O garoto comeu o bife com as mãos — comentou, parecendo enjoada.

Jere estava passando desodorante, e eu estava sentada na cama por fazer.

— Tem certeza de que não quer ir com a gente? — perguntou.

— Tenho. — De repente, falei: — Ei, você se lembra daquela vez em que encontrou aquela cachorrinha na praia? E nós a batizamos de Rosie até descobrirmos que era macho, mas continuamos a chamá-lo de Rosie mesmo assim?

Ele olhou para mim, a testa levemente franzida, tentando se lembrar.

— Não fui eu que encontrei, foi o Conrad.

— Não, não foi. Foi você. E você chorou quando os donos vieram pegá-la.

— Não, foi o Conrad. — Subitamente a voz dele ficou séria.

— Acho que não — insisti.

— Com certeza foi.

— Tem certeza? — perguntei.

— Absoluta. Steve e eu o sacaneamos muito por chorar.

Tinha mesmo sido Conrad? Eu tinha tanta certeza dessa lembrança.

Ficamos com Rosie por três dias maravilhosos antes de seus donos aparecerem. Rosie era muito fofo. Era amarelo, tinha o pelo macio, e nós brigamos para decidir na cama de quem ele dormiria à noite. Decidimos fazer um revezamento, e eu fiquei por último, porque era a mais nova; assim, Rosie acabou nunca dormindo na minha cama.

O que mais eu havia lembrado errado? Eu era o tipo de pessoa que adorava jogar “Lembra Quando” mentalmente. Sempre sentira orgulho da minha capacidade de lembrar cada detalhe de tudo. Levei um susto ao pensar que minhas lembranças poderiam estar ligeiramente erradas.

44

DEPOIS QUE OS meninos saíram, subimos para o meu quarto para fazer as unhas e testar a maquiagem do casamento.

— Ainda acho que você deveria contratar um maquiador — disse Taylor, da minha cama, pintando as unhas dos pés com um esmalte rosa-claro.

— Não quero torrar mais dinheiro do Sr. Fisher. Ele já está gastando o bastante com esse casamento — respondi. — Além do mais, odeio usar muita maquiagem. Nunca combina muito comigo.

— Maquiadores são profissionais... Sabem o que estão fazendo.

— Naquela vez em que você me levou no balcão da MAC, me deixaram parecendo uma drag queen — resmunguei.

— Aquele é o estilo deles — retrucou Taylor. — Ao menos me deixe colocar cílios postiços em você. Eu vou usar. Anika também.

Olhei para Anika, que estava deitada no chão com uma máscara de pepino no rosto.

— Seus cílios já são longos, Anika — falei.

— Ela está me obrigando — reclamou Anika, entre dentes, tentando não rachar a máscara.

— Bem, eu não vou usar cílios postiços — decidi. — Jere sabe como são meus cílios de verdade e não se importa. Além do mais, eles me dão coceira nos olhos. Lembra, Tay? Você colocou cílios postiços em mim pro Halloween e arranquei tudo assim que você deu as costas.

— Lembro, um desperdício de quinze dólares — reclamou ela, fungando.

Taylor escorregou da cama e se sentou ao meu lado no chão. Eu estava testando os batons diferentes que ela tinha levado. Por enquanto estava em dúvida entre um gloss rosado e um batom coral clarinho.

— De qual você gosta mais? — perguntei.

Eu estava com o gloss no lábio de cima e o batom no de baixo.

— O batom — sugeriu Taylor. — Vai ficar melhor nas fotos.

A princípio, só Josh tiraria as fotos — ele havia feito algumas aulas de fotografia na Finch, e era o fotógrafo oficial de todas as festas da fraternidade. Mas agora que o Sr. Fisher e Denise Coletti estavam envolvidos, havíamos contratado um fotógrafo profissional, um conhecido de Denise.

— Talvez eu vá ao cabeleireiro — disse Taylor.

— Vá em frente — incentivei.

Vestimos nossos pijamas, e Taylor e Anika me deram um presente de casamento: um baby-doll branco de renda com uma calcinha combinando.

— É pra noite de núpcias — disse Taylor, em um tom malicioso.

— Ah, sim, entendi — falei, e levantei a calcinha. Torci para não estar vermelha demais. — Obrigada, meninas.

— Você tem alguma pergunta pra nos fazer? — perguntou Taylor, se sentando na minha cama.

— Taylor! Eu, tipo... vivo no mundo. Não sou idiota.

— É só que... — Ela fez uma pausa. — Você provavelmente não vai gostar tanto assim nas primeiras vezes. Quer dizer, eu sou bem pequena, o que significa que também sou bem pequena lá embaixo, por isso doeu muito. Talvez não doa tanto pra você. Explica pra ela, Anika.

Anika revirou os olhos.

— Não senti dor nenhuma, Isa.

— Bem, você talvez tenha uma vagina grande — comentou Taylor.

Anika bateu com o travesseiro na cabeça de Taylor, e começamos a rir tanto que não conseguimos parar. Então, falei:

— Espera, quanto doeu, exatamente, Tay? Dói tipo um soco no estômago?

— Quem já te deu um soco no estômago? — perguntou Anika.

— Tenho um irmão mais velho — lembrei.

— É um tipo diferente de dor — falou Taylor.

— Pior do que cólica de menstruação?

— Sim. Mas eu diria que é mais comparável a receber anestesia na gengiva.

— Ótimo, agora ela está comparando perder a virgindade a fazer uma obturação — retrucou Anika, se levantando. — Isa, pare de dar ouvidos ao que Taylor está dizendo. Prometo a você que é mais divertido do que ir ao dentista. Seria diferente se vocês dois fossem virgens, mas Jeremiah sabe o que está fazendo. Ele vai tomar conta de você.

Taylor teve outra crise de riso.

— Ele vai *tomar conta* dela!

Tentei sorrir, mas sentia o rosto paralisado. Jeremiah já transara com duas garotas. Mara, a namorada no ensino médio, e Lacie Barone. Então, sim, eu tinha certeza de que Jere saberia o que fazer. Eu só gostaria que não soubesse.

* * *

Nós três ficamos deitadas na minha cama, uma ao lado da outra, só conversando, com as luzes apagadas, e Anika foi a primeira a cair no sono. Eu havia pensado e repensado se deveria ou não contar a Taylor sobre Conrad, sobre como estava me sentindo. Queria contar, mas também tinha medo.

— Tay? — sussurrei.

Ela estava deitada ao meu lado, e eu estava na beira da cama, porque iria para o quarto de Jere quando os meninos voltassem.

— O que foi? — A voz dela estava sonolenta.

— Aconteceu uma coisa estranha.

— O quê? — Taylor ficou alerta.

— Ontem, Conrad cortou a perna surfando e eu o ajudei a cuidar do machucado, e teve um momento esquisito entre nós.

— Vocês se beijaram? — sussurrou ela.

— Não! — Então sussurrei de volta: — Mas eu quis. Eu fiquei... tentada.

— Nossa — disse ela com um suspiro baixo. — Mas nada *aconteceu*, certo?

— Nada aconteceu. Eu só... fiquei apavorada, porque meio que senti vontade. Só por um segundo. — Deixei escapar um grande suspiro. — Vou me casar em dois dias. Não deveria estar pensando em beijar outro cara.

— Conrad não é "outro cara" — argumentou Taylor. — Ele foi seu primeiro amor. Seu primeiro grande amor.

— Você está certa! — falei, aliviada. E já me senti mais leve. — É nostalgia. Só isso.

Taylor hesitou, então disse:

— Tem uma coisa que não te contei. Conrad foi ver sua mãe.

Prendi o ar.

— Quando?

— Há umas duas semanas. Ele a convenceu a ir ao chá de panela. Ela contou pra minha mãe, e minha mãe me contou...

Fiquei em silêncio. Ele tinha feito aquilo por mim?

— Não contei antes porque não queria que você ficasse toda agitada de novo. Porque você ama o Jere, certo? Quer se casar com ele?

— Aham.

— Tem certeza? Porque ainda não é tarde demais, você sabe. Ainda pode cancelar tudo... Não precisa se casar esse fim de semana. Você pode pensar por mais um tempo...

— Não preciso de mais tempo.

— Tudo bem.

Eu me virei de lado.

— Boa noite, Tay.

— Boa noite.

Demorou algum tempo até a respiração dela ficar mais pesada e regular, e fiquei só deitada, pensando.

Conrad ainda se preocupava comigo. Eu me levantei da cama sem fazer barulho, atravessei o quarto e tateei sobre a cômoda até encontrar. Meu unicórnio de vidro.

45

QUANDO SUSANNAH NOS deixava no shopping ou no centro de lazer comunitário, sempre colocava Conrad no comando e dizia:

— Tome conta deles, Conrad. Estou contando com você.

Certa vez, nos separamos no shopping, porque os meninos queriam ir para o fliperama e eu, não. Tinha oito anos na época. Falei que os encontraria na praça de alimentação uma hora depois. Fui direto para a loja de bibelôs de vidro. Os meninos nunca queriam ir lá, mas eu adorava. Fui de vitrine em vitrine. Eu gostava especialmente dos unicórnios. Queria comprar um, só unzinho, mas custava doze dólares, e eu só tinha dez. Não conseguia parar de olhar para o unicórnio. Peguei o bicho, coloquei de volta no lugar e peguei de novo. Antes que eu me desse conta, mais de uma hora havia se passado, quase duas. Corri para a praça de alimentação o mais rápido que consegui. Fiquei preocupada que os meninos fossem embora sem mim.

Quando apareci, Conrad não estava lá. Jeremiah e Steven, sentados perto do Taco Bell, contavam os tíquetes que tinham ganhado no fliperama.

— Onde você estava, Belly? — perguntou Steven, parecendo irritado.

Eu o ignorei.

— Cadê o Conrad? — perguntei a Jeremiah, ainda ofegante.

— Foi procurar você — disse Jere. E se voltou para Steven: — Quer usar os nossos tíquetes pra comprar alguma coisa agora, ou quer guardar pra próxima vez?

— Vamos esperar — respondeu Steven. — O cara disse que vão receber mais prêmios na semana que vem.

Conrad apareceu mais tarde e me encontrou sentada com Jeremiah e Steven, tomando um sorvete de casquinha. Estava furioso.

— Onde você se enfiou?! — gritou. — A gente ia se encontrar aqui às três!

Senti um nó na garganta e percebi que estava prestes a cair no choro.

— Na loja de bibelôs de vidro — sussurrei, o sorvete escorrendo na minha mão.

— Se alguma coisa acontecer com você, minha mãe me mata! Eu tenho que tomar conta de vocês.

— Tinha um unicórnio na loja...

— Deixa pra lá. Você nunca mais sai com a gente.

— Não, Conrad! Por favor — pedi, secando as lágrimas com a mão melada de sorvete. — Desculpa.

Percebi que ele se sentiu mal por ter gritado comigo. Con se sentou ao meu lado e falou:

— Nunca mais faça isso, Belly. De agora em diante, ficamos juntos. Certo?

— Tudo bem — concordei, fungando.

* * *

No meu aniversário, em agosto, Conrad me deu um unicórnio de vidro. Não o pequeno, mas o grande, que custava vinte dólares. O chifre quebrou durante uma das brincadeiras de luta de Jeremiah e Steven, mas guardei o unicórnio mesmo assim. Eu o deixava em cima da minha cômoda. Como poderia jogar fora um presente daqueles?

46

Conrad

EU ME OFERECI para ser o motorista da rodada. Quando saímos de casa, todos já estavam altos de tanto vinho e cerveja.

Fomos no carro daquele cara, Tom, ou Redbird, sei lá o nome dele, porque era o maior, praticamente um Hummer. Jere foi no banco do carona, ao meu lado, e os outros foram atrás.

Tom se esticou entre nós e ligou o rádio no volume máximo. Ele começou a cantar junto com o rap, desafinando e errando as letras. Josh se juntou a ele, e Steven abriu o teto solar e colocou a cabeça para fora.

— Esses são seus amigos? — perguntei a Jere.

Ele riu e começou a cantar também.

O bar estava cheio. Havia garotas por toda parte — de salto alto, batons chamativos, com cabelos lisos e reluzentes. Na mesma hora, Redbird começou a tentar dançar com toda garota que passava, mas sempre recebia um não como resposta.

Fui até o bar pegar a primeira rodada de bebidas, e Steven me seguiu. Estávamos tentando chamar a atenção do barman quando Steven bateu no

meu ombro e perguntou:

— E aí, como você está lidando com essa coisa toda?

— Com o quê? O casamento?

— Sim.

Dei as costas a ele.

— É a vida.

— Acha que os dois estão cometendo um erro?

Não precisei responder, porque o barman finalmente olhou para nós.

— Cinco doses duplas de tequila e uma cerveja — falei.

— Você não vai tomar uma dose com a gente? — perguntou Steven, decepcionado.

— Tenho que tomar conta desses tontos, lembra?

Levamos as bebidas para a mesa onde os outros caras estavam sentados. Os cinco viraram as doses; então, Redbird se levantou e começou a bater no peito e a gritar como o Tarzan. Os outros caíram na gargalhada e começaram a botar pilha encorajando-o a falar com duas garotas na pista de dança. Ele e Steven foram até elas, e ficamos todos sentados, observando. Steven estava se dando melhor que Redbird. Ele e a ruiva começaram a dançar, e Redbird voltou para a mesa, desanimado.

— Vou pegar outra rodada pra gente — falei.

Era meu dever como padrinho deixar todos eles bêbados.

Voltei com mais cinco doses de tequila, e, como Steven ainda estava na pista de dança, Jere virou a dose dele.

Eu estava bebericando minha cerveja quando ouvi aquele cara, Josh, dizer a Jeremiah:

— Cara, você finalmente vai conseguir ir até o fim com a Belly.

Levantei a cabeça na mesma hora. Jeremiah estava com o braço ao redor dos ombros de Josh, enquanto cantava:

— "*It's a nice day for a white wedding*."

Um belo dia para um casamento virginal. Eles ainda não tinham transado?

Então, ouvi Josh dizer:

— Cara, você também está praticamente virgem de novo. Não pegou ninguém desde a Lacie, em Cabo.

Cabo? Jeremiah tinha ido para Cabo no último recesso de primavera. Quando ele e Belly estavam juntos.

Jere começou a cantar, desafinado:

— "*Like a virgin, touched for the very first time*." (Como uma virgem, sendo tocada pela primeira vez.) — Então, se levantou. — Tenho que mijar.

Fiquei olhando enquanto ele cambaleava até o banheiro. Então Josh falou:

— Fisher é um sortudo filho da mãe. A Lacie é muito gata.

Tom o cutucou e disse bem alto:

— Merda, lembra que eles trancaram a gente do lado de fora do quarto do hotel? — Para mim, ele disse: — Foi hilário, cara. Hilário. Eles deixaram a gente trancado do lado de fora, e estavam tão concentrados que nem ouviram bater. Tivemos que dormir congelando no corredor.

Rindo, Josh falou:

— E a garota era escandalosa pra cacete também, você tinha que ver. Ai, Jere-ai-eu-ahnnn...

Fiquei tão irritado que não conseguia nem pensar. Cerrei os punhos embaixo da mesa. Queria socar alguma coisa. Primeiro, queria socar aqueles dois; então, tive vontade de ir atrás do meu irmão e dar uma surra nele.

Levantei de um pulo da mesa e atravessei o bar, abrindo caminho aos empurrões entre a multidão até chegar ao banheiro.

Bati com força na porta.

— Tem gente — disse Jeremiah, lá dentro, a voz arrastada. Eu o ouvi vomitando no vaso.

Fiquei parado ali por mais alguns segundos, mas acabei me afastando. Passei direto pela nossa mesa e fui para o estacionamento.

47

UMA HORA DEPOIS, os garotos voltaram, caindo de bêbados. Eu já tinha visto Jere bêbado, mas não daquele jeito. Estava tão acabado que os outros praticamente tiveram que o carregar escada acima. Ele mal conseguia abrir os olhos.

— Bellyyyy! — gritou. — Vou me casar com você, garota!

— Vai dormir! — gritei de volta, do pé da escada.

Conrad não estava com eles.

— Cadê o Conrad? — perguntei a Tom. — Achei que ele fosse o motorista da rodada.

Tom estava cambaleando no andar de cima.

— Sei lá. Ele estava com a gente.

Fui até o carro porque achei que ele poderia ter desmaiado no banco traseiro. Mas Conrad não estava lá. Já estava começando a ficar preocupada, mas então o vi de relance, na praia, sentado no alto do posto do salva-vidas. Tirei os sapatos e fui até ele.

— Desce daí — pedi. — Não vá pegar no sono aí em cima.

— Sobe aqui — respondeu Conrad. — Só por um instante.

Pensei a respeito por um segundo. Ele não parecia bêbado, parecia bem sóbrio. Subi e me sentei ao seu lado.

— Vocês se divertiram? — perguntei.

Conrad não me respondeu.

Fiquei vendo as ondas quebrarem na praia, hipnotizada. Era noite de lua crescente.

— Adoro isso aqui à noite — comentei.

Então, de repente, ele disse:

— Preciso contar uma coisa.

Algo em sua voz me assustou.

— O quê?

Olhando para o oceano, Conrad falou:

— Jere traiu você quando foi pra Cabo.

Não era aquilo que eu esperava ouvir. Talvez aquela fosse a última coisa que eu esperava que ele dissesse. O maxilar de Conrad estava contraído com força, e ele parecia furioso.

— Hoje, no bar, um dos amigos idiotas dele contou. — Ele finalmente olhou para mim. — Lamento que tenha que ser eu a lhe contar. Mas achei que você tinha o direito de saber.

Eu não fazia ideia do que responder.

— Eu já sabia — disse, por fim.

Conrad se virou para mim, chocado.

— Você sabia?

— Sim.

— E vai se casar com ele mesmo assim?

Senti o rosto quente.

— Jere cometeu um erro — falei, baixinho. — E se odeia pelo que fez. Mas eu o perdoei. Está tudo bem agora. Na verdade, está tudo ótimo.

Conrad torceu a boca em uma expressão de desprezo.

— Você está de sacanagem? Ele passou a noite com outra garota em um quarto de hotel e você está defendendo o cara?

— Quem é você pra julgar? Isso não é problema seu.

— Não é problema meu? Aquele merdinha é meu irmão, e você é... — Ele não terminou a frase. Em vez disso, falou: — Nunca pensei que você seria o tipo de garota que aceitaria isso de um cara.

— Aceitei coisa muito pior de você — respondi, em um impulso, sem pensar.

Os olhos de Conrad se estreitaram.

— Eu nunca traí você. Nunca sequer olhei para outra garota quando estávamos juntos.

Eu me afastei dele e comecei a descer a escada.

— Não quero mais falar sobre isso.

Eu não sabia por que ele estava insistindo no assunto. Só queria que aquilo tudo ficasse para trás.

— Pensei que conhecesse você, Belly — comentou Conrad.

— Pois pensou errado.

E pulei o resto da descida.

Ouvi quando ele pulou atrás de mim e comecei a voltar para casa. Sentia as lágrimas ameaçando cair e não queria que ele visse.

Conrad correu para me alcançar e segurou meu braço. Tentei desviar os olhos, mas ele viu que eu estava prestes a desabar, e sua expressão mudou. Ele sentiu pena de mim, o que só me deixou pior.

— Desculpa — pediu. — Eu não deveria ter falado nada. Você está certa. Não é problema meu.

Dei as costas a ele. Não precisava da piedade dele.

Comecei a caminhar na direção oposta da casa. Não sabia para onde estava indo, só queria me afastar de Conrad.

— Eu ainda te amo — gritou ele.

Fiquei paralisada. Então me virei lentamente e olhei para ele.

— Não diga isso.

Ele deu um passo à frente.

— Não sei se algum dia vou conseguir tirar você do meu coração, não completamente. Tenho... essa sensação. De que você vai estar sempre ali. Aqui.

Ele colocou a mão no peito.

— Isso tudo é só porque vou me casar com o Jere. — Odiei o modo como minha voz soou trêmula e frágil. Fraca. — É por isso que você está dizendo todas essas coisas de repente.

— Não é de repente — retrucou ele, os olhos fixos nos meus. — É sempre.

— Não importa. Agora é tarde demais.

Eu me virei para ir embora.

— Espera — pediu Conrad, segurando meu braço de novo.

— Me solta.

Minha voz saiu tão fria que eu não a teria reconhecido. Conrad também ficou surpreso.

Ele se encolheu e baixou a mão.

— Só me diga uma coisa. Por que se casar agora? — perguntou. — Por que não apenas morar juntos?

Eu havia me feito a mesma pergunta, e ainda não chegara a uma boa resposta.

Comecei a me afastar, mas ele me seguiu e me segurou pelos ombros.

— Me solta.

Tentei me desvencilhar, mas ele não se mexeu.

— Espera. Espera.

Meu coração estava disparado. E se alguém nos visse? E se alguém ouvisse?

— Se você não me soltar, eu vou gritar.

— Me escuta, só por um minuto. Por favor. Estou implorando.

A voz dele saiu embargada, rouca.

Respirei fundo e comecei a fazer uma contagem regressiva mental. Sessenta segundos. Era tudo que ele teria de mim. Eu o deixaria falar por sessenta segundos, então iria embora e não olharia para trás. Dois anos atrás, aquilo era tudo que eu queria ouvir dele. Só que agora era tarde demais.

— Há dois anos, eu fiz merda — disse Conrad, baixinho. — Mas não do jeito que você imagina. Naquela noite... Você se lembra daquela noite? Quando estávamos voltando da faculdade de carro e chovia tanto que tivemos que parar naquele hotel de beira de estrada. Lembra?

Eu me lembrava daquela noite. É claro que me lembrava.

— Naquela noite, eu não dormi nada. Fiquei acordado, pensando no que fazer. Qual era a coisa certa a fazer? Porque eu sabia que te amava, mas também sabia que não devia. Não tinha o direito de amar ninguém naquela época. Depois que minha mãe morreu, fiquei transtornado. Havia uma raiva enorme dentro de mim o tempo todo. Tinha a sensação de que ia entrar em erupção a qualquer momento.

Ele respirou fundo.

— Não tinha capacidade, naquele momento, de amar você do jeito que você merecia. Mas sabia quem seria capaz disso: Jere. Ele amava você. Se eu continuasse com você, acabaria te magoando. Eu sabia disso. E não suportava pensar nisso. Por isso abri mão de você.

Àquela altura, eu já tinha parado de contar os segundos. Estava concentrada apenas em respirar. Inspirar e expirar.

— Mas este verão... Meu Deus, este verão. Ficar perto de você de novo. Conversar com você como antes. Você me olhando como costumava me olhar.

Fechei os olhos. Não importava o que ele dissesse agora, eu não ia ceder, foi o que repeti a mim mesma.

— Vi você de novo e todos os meus planos foram pro inferno. É uma situação impossível... Amo Jere mais que qualquer outra pessoa. Ele é meu irmão, minha família. E me odeio por estar fazendo isso. Mas, quando vejo vocês dois juntos, eu também o odeio. — A voz dele falhou. — Não se case com ele. Não fique com ele. Fique comigo.

Os ombros de Conrad se curvaram. Ele começou a chorar. Ouvi-lo implorar daquele jeito, vê-lo exposto e vulnerável... Tive a sensação de que meu coração ia explodir. Havia tantas coisas que eu queria dizer... mas não podia. Com Conrad, depois que eu começava, não conseguia mais parar.

Eu me afastei dele em um movimento brusco.

— Conrad...

Ele me segurou.

— Apenas seja sincera comigo. Você ainda sente alguma coisa por mim?

Eu o empurrei.

— Você não entende? Você nunca será pra mim o que Jere é. Ele é meu melhor amigo. Me ama, não importa o que aconteça. Ele não se afasta quando dá na telha. Ninguém nunca me tratou como Jere me trata. Ninguém. Muito menos você. — Fiz uma pausa, então continuei: — Você e eu... — Tinha que consertar aquilo. Tinha que fazer com que ele me deixasse em paz para sempre. — Você e eu nunca fomos nada.

A expressão no rosto de Conrad era de desespero. Vi a luz se apagar em seus olhos. Não conseguia mais encará-lo.

Comecei a andar de novo, e dessa vez ele não me seguiu. Não olhei para trás. Não seria capaz. Se visse seu rosto de novo, talvez não conseguisse ir embora.

Enquanto caminhava, dizia a mim mesma: aguente firme, aguente firme, só mais um pouquinho. Só quando estava certa de que ele não poderia mais me ver, só quando a casa já estava de novo à vista, só então me permiti chorar. Sentei na areia e chorei por Conrad, por mim. Chorei pelo que nunca seríamos.

É fato que não se pode ter tudo na vida. No meu coração eu sabia que amava os dois, tanto quanto era possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Conrad e eu tínhamos uma ligação, sempre teríamos. Isso não era algo que eu pudesse desfazer. Sabia disso agora — o amor não é algo que se apaga, não importa quanto se tente.

Eu me levantei, limpei a areia do corpo e entrei em casa. Subi na cama de Jeremiah, ao lado dele. Jere estava apagado, roncando alto, do jeito que sempre fazia quando bebia demais.

— Eu te amo — disse para ele, que estava de costas.

48

NO FIM DA manhã seguinte, Taylor e Anika foram ao centro da cidade comprar algumas coisas de última hora. Fiquei em casa para limpar os banheiros, já que nossos pais chegariam mais tarde naquele dia. Os garotos ainda estavam dormindo, o que era bom. Eu não sabia o que contaria, ou não contaria, a Jeremiah. A preocupação me devorava por dentro. Seria egoísmo ou bondade não contar nada?

Esbarrei em Conrad quando estava saindo do banho, e não consegui nem encará-lo nos olhos. Ouvi o carro dele sair logo depois. Não sabia para onde tinha ido, mas torci para que ficasse bem longe de mim. Ainda era muito recente, estava cedo demais. Eu me peguei desejando que ou ele ou eu não estivéssemos ali. Eu não poderia ir embora — afinal, era a noiva —, mas desejei que ele sumisse. Era um pensamento egoísta, e eu sabia disso. Afinal, metade daquela casa era de Conrad.

Depois que fiz as camas e arrumei o banheiro de hóspedes, desci até a cozinha para preparar um sanduíche para mim. Achei que seria seguro, que Conrad ainda estaria fora. Mas ele estava ali, comendo também.

Assim que me viu, pousou seu sanduíche. Parecia ser de rosbife.

— Posso falar com você por um instante?

— Estou saindo pra resolver algumas coisas no centro da cidade — falei, fixando o olhar em algum ponto acima do ombro dele, em qualquer lugar menos nos seus olhos. — Coisas do casamento.

Comecei a me afastar, mas ele me seguiu até a varanda.

— Escuta, sinto muito pela noite passada.

Eu não disse nada.

— Pode me fazer um favor? Esqueça tudo que eu disse, ok? — disse, com um sorrisinho irônico. Minha vontade era dar um tapa nele para apagar aquele sorriso. — Eu estava fora de mim, completamente bêbado. Estar aqui de novo acabou trazendo à tona um monte de coisas. Mas tudo isso é passado, sei disso. Sinceramente, mal consigo me lembrar do que falei, mas tenho certeza de que não foi legal. Sinto muito mesmo.

Por um momento, senti uma raiva tão grande que até falar era difícil. Até respirar. Eu parecia um peixinho de aquário, abrindo e fechando a boca, engolindo ar. Mal tinha dormido na noite anterior, remoendo cada palavra dita por Conrad. Eu me senti tão estúpida. E pensar que, por um segundo, só por um segundo, havia me sentido tentada. Havia imaginado como seria se estivesse me casando com *ele*, e não com Jeremiah. Como o odiei por isso.

— Você não estava bêbado — retruquei.

— Estava, sim, bastante.

Dessa vez ele me deu um sorriso de desculpas.

Eu o ignorei.

— Você fala aquilo tudo no fim de semana do meu casamento e agora quer que eu simplesmente "esqueça"? Você é doente. Não entende que não pode brincar com as pessoas assim?

O sorriso sumiu do rosto de Conrad.

— Espera aí. Belly...

— Não diga meu nome. — Eu me afastei dele. — Nem sequer pense no meu nome. Na verdade, é melhor não me dirigir a palavra nunca mais.

Mais uma vez Conrad deu aquele meio sorriso irônico, antes de dizer:

— Olha, isso vai ser meio difícil, considerando que você vai se casar com o meu irmão. Que loucura é essa, Belly?

Não achei que conseguiria ficar com mais raiva, mas aconteceu. Estava tão furiosa que praticamente cuspi minhas palavras seguintes:

— Quero que você vá embora. Invente uma das suas desculpas idiotas e suma. Volte pra Boston ou pra Califórnia. Não me importo. Só quero que

você vá embora.

Ele semicerrou os olhos.

— Não vou embora.

— Sai — falei, e o empurrei com força. — Só sai da minha frente.

Foi aí que vi as primeiras rachaduras na armadura de Conrad.

Com a voz trêmula, ele perguntou.

— O que você espera que eu diga, Belly?

— Pare de dizer meu nome! — gritei.

— O que você quer de mim? — gritou ele de volta. — Abri meu coração ontem à noite, merda! Coloquei tudo pra fora, e você me dispensou. Com toda a razão, aliás. Entendo que não deveria ter dito nada daquilo. Mas agora estou aqui, tentando encontrar um jeito de sair dessa história com ao menos um pedacinho do meu orgulho intacto, pra poder encarar você quando tudo isso terminar, e nem isso você permite. Você partiu meu coração ontem à noite, entendeu? É isso que quer ouvir?

Eu me vi sem palavras mais uma vez. Mas então as encontrei:

— Você não tem coração.

— Não, na verdade acho que a única sem coração aqui é você — retrucou Conrad.

Ele já estava se afastando quando gritei:

— O que você quis dizer com isso? — Fui atrás dele e o puxei pelo braço. — Fala: o que quis dizer com isso?

— Você sabe o que eu quis dizer. — Conrad se desvencilhou de mim. — Ainda te amo. Nunca deixei de te amar. Acho que você sabe disso. Acho que sempre soube.

Cerrei os lábios e balancei a cabeça.

— Isso não é verdade.

— Não minta.

Balancei a cabeça de novo.

— Faça como quiser. Mas não vou mais fingir pra você.

Conrad desceu a escada e entrou no carro dele.

Eu me sentei no chão da varanda. Meu coração batia disparado um trilhão de vezes por minuto. Nunca tinha me sentido tão viva. Raiva, tristeza, alegria. Ele tinha me feito sentir tudo. Ninguém mais provocava aquele efeito em mim. Ninguém.

De repente tive a sensação, a certeza absoluta, de que jamais conseguiria esquecê-lo. Era tão simples e tão difícil. Eu me agarrei a ele feito um

parasita durante tantos anos que agora não conseguia me desgrudar. Realmente, a culpa era minha. Não conseguia esquecer Conrad e não conseguia dar as costas a Jeremiah.

O que me restava fazer?

Eu ia me casar no dia seguinte.

Se fizesse aquilo, se escolhesse Conrad, nunca poderia voltar atrás. Nunca mais seguraria a nuca de Jere e sentiria a penugem macia dos fios de cabelo novos. Jere nunca mais me olharia como agora. Ele me olhava como se eu fosse a sua garota. E eu era mesmo. Tinha a sensação de que sempre havia sido assim. Aquilo tudo se perderia. Acabaria. Algumas coisas são impossíveis de recuperar. Como eu diria adeus a tudo aquilo? Não conseguiria. E as nossas famílias? O que isso faria com minha mãe, com o pai dele? Aquilo destruiria todos nós. Eu não poderia fazer isso. Principalmente... principalmente com todos já tão frágeis depois da morte de Susannah. Ainda estávamos tentando descobrir como permanecer unidos sem ela, como ainda sermos aquela família do verão.

Eu não poderia desistir de tudo só por isso. Só por Conrad. Conrad, que tinha dito que me amava. Que finalmente disse aquelas palavras.

Quando Conrad Fisher dizia a uma garota que a amava, estava falando sério. A garota podia acreditar. Podia até apostar a vida.

E seria isso o que eu estaria fazendo. Estaria apostando minha vida toda naquele amor. E eu não podia fazer isso. Eu não faria isso.

49

Conrad

EU ESTAVA NO meu carro, me afastando, a adrenalina a todo vapor.

Eu finalmente tinha dito. As palavras, de verdade, bem alto, na cara dela. Foi um alívio não carregar mais aquele peso. E dizer aquelas palavras para ela também foi como um ímpeto. Eu estava em uma espécie de onda de euforia, como se estivesse drogado.

Belly me amava. Ela não precisava dizer em voz alta para que eu tivesse certeza, eu soube só pelo modo como ela me olhou naquele momento.

Mas e agora? Se Belly me amava e eu a amava, o que faríamos, com tantas pessoas entre nós? Como eu poderia ficar com ela? Eu teria coragem de simplesmente agarrá-la pela mão e fugir? Acreditava que ela iria comigo. Se eu pedisse, acho que Belly aceitaria. Mas para onde iríamos? Eles nos perdoariam? Jere, Laurel, meu pai? E se eu realmente fugisse com ela, para onde a levaria?

Além disso, das perguntas e das dúvidas, na boca do meu estômago havia um imenso nó de arrependimento. Se eu tivesse falado com Belly um ano atrás, um mês, até mesmo uma semana atrás, as coisas seriam diferentes?

Era a véspera do casamento dela. Em vinte e quatro horas, Belly estaria casada com meu irmão. Por que eu tinha esperado tanto?

Dirigi a esmo por um tempo, primeiro pela cidade e então ao longo da praia, depois voltei para a casa. Não havia nenhum carro estacionado, por isso achei que a casa estaria vazia por algum tempo — mas então vi Taylor sentada na varanda.

— Cadê todo mundo? — perguntei a ela.

— Oi pra você, também. — Taylor levantou os óculos escuros. — Saíram pra velejar.

— Por que você não foi com eles?

— Eu fico enjoada em barcos. — Ela me encarou. — Preciso falar com você.

— Sobre o quê? — perguntei, cauteloso.

Taylor apontou para a cadeira ao lado da sua.

— Sente-se primeiro.

Eu me sentei.

— O que você disse pra Belly na noite passada?

Evitei os olhos de Taylor quando respondi:

— O que ela contou pra você?

— Nada. Mas sei que tem alguma coisa errada. Percebi que ela andou chorando na noite passada, e hoje de manhã apareceu com os olhos superinchados. E aposto qualquer coisa que foi por sua causa. De novo. Parabéns, Conrad.

Senti um aperto no peito.

— Isso não é da sua conta.

Ela me encarou, irritada.

— Belly é minha melhor amiga. É claro que é da minha conta. Estou avisando, Conrad. Deixe Belly em paz. Você está confundindo a cabeça dela. De novo.

Comecei a me levantar.

— Já terminou?

— Não. Pode sentar essa bunda aí de novo.

Obedeci.

— Tem alguma ideia do quanto você a magoou, quantas vezes? Você trata Belly como um brinquedo que pode pegar e largar sempre que tiver vontade. É como se você fosse um bebê. Alguém pega o que é seu, você não fica contente, então chega e destrói tudo só porque acha que pode.

Bufei com força.

— Não é isso que estou tentando fazer.

Ela mordiscou o lábio.

— Belly me disse que parte dela sempre vai te amar. Você vai me dizer que não se importa?

Belly tinha dito aquilo?

— Eu nunca disse que não me importava.

— Você provavelmente é a única pessoa capaz de impedir que ela leve esse casamento adiante. Mas é melhor que tenha cem por cento de certeza de que quer ficar com ela, porque, se não tiver, vai estar só ferrando com a vida de todo mundo à toa.

Ela voltou a colocar os óculos escuros.

— Não ferre com a vida da minha amiga, Conrad. Não seja o babaca egoísta que você costuma ser. Seja o cara legal que ela diz que você é. Deixe Belly seguir com a vida dela.

Seja o cara legal que ela diz que você é.

* * *

Pensei que poderia fazer aquilo, lutar por Belly até o fim, sem pensar em mais ninguém. Simplesmente pegá-la pela mão e fugir. Mas se eu fizesse isso, não estaria provando que Belly estava errada? Que eu não era o cara legal que ela achava que eu fosse? Seria um babaca egoísta, exatamente como Taylor dissera. Mas ao menos teria Belly ao meu lado.

50

NAQUELA NOITE, TODOS jantamos em um restaurante novo na cidade — meus pais, o Sr. Fisher e todos os jovens. Eu não estava com fome, mas pedi um sanduíche de lagosta e comi tudo, porque meu pai é quem estava pagando. Ele insistiu.

Meu pai, que usava a mesma camisa social listrada branca e cinza em todas as ocasiões "elegantes". Ele estava usando a tal camisa, sentado ao lado da minha mãe, que estava com seu vestido *chemise* azul-marinho. Meu coração se enchia de amor a cada vez que eu olhava para os dois.

Ali estava Taylor, fingindo estar interessada enquanto meu pai discorria sobre o sistema nervoso das lagostas. Ao lado dela estava Anika, que parecia interessada de verdade. Ao lado de Anika, meu irmão, que revirava os olhos.

Conrad estava na outra extremidade da mesa, sentado junto com os amigos de Jere. Eu me esforcei ao máximo para não olhar na direção dele, para me concentrar somente no meu prato e em Jeremiah, ao meu lado.

Não precisava ter me esforçado tanto, porque Conrad também não olhava para mim. Ele estava conversando com os outros caras, com Steven e com minha mãe. Com todo mundo, menos comigo. *É isso o que você quer*,

lembrei a mim mesma. *Você disse para ele deixá-la em paz. Você pediu. Não pode ter as duas coisas.*

— Você está bem? — sussurrou Jeremiah.

Levantei a cabeça e sorri para ele.

— Sim! É claro. Só estou empanturrada.

Jeremiah pegou uma das minhas batatas fritas e disse:

— Guarde lugar pra sobremesa.

Assenti. Então, ele se inclinou e me beijou, e retribuí o beijo. Depois, vi Jeremiah olhar de relance para a outra ponta da mesa, em um movimento tão rápido que talvez eu tivesse imaginado coisas.

51

Conrad

TIVE A SENSAÇÃO de que enlouqueceria naquela noite. Sentado à mesa com todo mundo, comemorando quando meu pai fez um brinde, tentando não olhar quando Jere a beijou na frente de todos.

Depois que o jantar terminou, Jere, Belly e os amigos deles foram tomar sorvete no calçadão. Meu pai e o pai de Belly voltaram para o hotel onde estavam hospedados. Sobramos só eu e Lau na casa. Eu já estava subindo para o meu quarto, mas Laurel me deteve e pediu:

— Ei, vamos tomar uma cerveja, Con. Acho que merecemos, não concorda?

Sentamos diante da mesa da cozinha com nossas cervejas. Ela bateu com a garrafa dela na minha e falou:

— A que vamos brindar?

— A que mais? Ao casal.

Sem olhar para mim, Laurel perguntou:

— Como você está?

— Bem. Ótimo.

— Vamos lá. É comigo que você está falando. Pode me contar. Como está se sentindo?

— Sinceramente? — Dei um gole na cerveja. — Basicamente isso tudo está me matando.

Ela me olhou com uma expressão carinhosa.

— Lamento. Sei que você a ama demais, querido. Deve estar sendo muito difícil pra você.

Senti um nó começando a se formar na minha garganta. Tentei pigarrear, mas não deu certo. Sentia o choro subindo pelo peito, as lágrimas se acumulando nos olhos. Eu ia chorar na frente dela. Foi o modo como Lau falou. Foi como se minha mãe estivesse bem ali na minha frente, sabendo o que eu estava sentindo sem que eu tivesse que dizer nada.

Laurel segurou minha mão entre as dela. Tentei me afastar, mas ela não deixou.

— Vamos sobreviver a esse casamento amanhã, eu prometo. Seremos você e eu, querido. — Ela apertou minha mão e disse: — Deus, como sinto saudades da sua mãe.

— Eu também.

— A gente precisava muito dela agora, não é?

Abaixei a cabeça e comecei a chorar.

52

EU QUERIA DORMIR no quarto de Jeremiah naquela noite, mas quando fiz menção de segui-lo escada acima, Taylor balançou o dedo para mim.

— Na-na-ni-na-não. Dá azar.

Então, fui para o meu quarto, e ele para o dele.

Estava calor demais. Não conseguia dormir. Afastei as cobertas e virei o travesseiro para ver se melhorava, mas não adiantou. Não tirava o olho do despertador. Uma da manhã, duas.

Quando não consegui mais aguentar, joguei longe o lençol e coloquei o biquíni. Não acendi nenhuma luz e desci a escada no escuro. A luz do luar foi o bastante para me guiar. Todo mundo estava dormindo.

Saí de casa e desci até a piscina. Mergulhei e prendi a respiração embaixo d'água pelo máximo de tempo que consegui. Já sentia meus ossos começarem a relaxar. Quando voltei à superfície para respirar, boiei, olhando para o céu estrelado. Amava como era tranquilo e calmo ali. O único som que eu ouvia era o do mar batendo na areia.

No dia seguinte eu me tornaria Isabel Fisher. Era o que eu sempre desejara, meu sonho de menina tornado realidade, só que mil vezes melhor. E eu estragara tudo. Ou melhor, estava prestes a estragar tudo. Tinha que

contar a verdade. Não poderia me casar no dia seguinte daquele jeito, com um segredo daquele tamanho entre nós.

Saí da piscina, me enrolei na toalha, entrei na casa e subi até o quarto de Jeremiah. Ele estava dormindo, mas eu o sacudi até que acordasse.

— Preciso falar com você — falei.

A água pingava dos meus cabelos no travesseiro e no rosto dele.Ainda grogue de sono, Jere perguntou:

— Não dá azar?

— Eu não me importo.

Jeremiah se sentou e secou o rosto.

— O que houve?

— Vamos conversar lá fora — pedi.

Descemos até a varanda e nos sentamos em uma espreguiçadeira.

Falei logo, baixinho, sem enrolar:

— Na noite passada, Conrad me disse que ainda gosta de mim.

Senti o corpo de Jeremiah ficar rígido ao meu lado. Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas como isso não aconteceu, continuei:

— É claro que eu respondi que não me sentia da mesma maneira. Queria contar a você antes, mas aí achei que seria um erro, que deveria guardar pra mim...

— Vou matar o Conrad — disse Jere, e fiquei chocada ao ouvir aquelas palavras saindo de sua boca.

Ele se levantou. Tentei puxá-lo de volta para perto de mim, mas ele resistiu.

— Jere, não — implorei. — Não. Por favor, sente aqui e converse comigo.

— Por que está protegendo o Con?

— Não... não estou. Não estou.

Ele olhou para mim.

— Vai se casar comigo pra esquecer meu irmão?

— Não — respondi, e a palavra saiu mais como um arquejo. — Não.

— Acontece, Bells, que eu não acredito em você — retrucou Jeremiah, a voz estranhamente apática. — Vejo o jeito que você olha pra ele. Acho que você nunca me olhou assim. Nem uma vez.

Eu me levantei em um pulo e segurei as mãos dele, desesperada, mas Jere se afastou. Eu estava ofegante quando voltei a falar.

— Isso não é verdade, Jere. Não mesmo. O que sinto por Conrad são só lembranças. É isso. Não tem nada a ver com nós dois. Tudo aquilo ficou no passado. Não podemos simplesmente esquecer o que já passou e construir nosso próprio futuro? Só nós dois?

Ele disse, com frieza:

— É passado? Sei que você o encontrou no Natal. Sei que vocês estiveram juntos aqui.

Abri a boca, mas as palavras não saíram.

— Diga alguma coisa. Vá em frente, tente negar.

— Não aconteceu nada, Jere. Juro. Eu nem sabia que ele estaria aqui. Só não falei nada porque... — Por quê? Por que eu não contei a Jere? Por que não conseguia pensar em uma razão para não ter contado? — Não queria que você ficasse chateado por nada.

— Se não tivesse sido nada, você teria me contado. Mas preferiu esconder. Depois de tudo que me disse sobre confiança, você guardou esse segredo. Eu me senti uma merda pelo que fiz com Lacie, e você e eu nem estávamos juntos quando aconteceu.

Eu me senti nauseada.

— Há quanto tempo você sabe?

— Isso importa? — perguntou ele, irritado.

— Sim, pra mim importa.

Jeremiah começou a se afastar de mim.

— Sei desde que aconteceu. Conrad mencionou que vocês tinham se encontrado, achando que eu já sabia. Por isso, é claro que tive que fingir que já sabia mesmo. Tem ideia de como me senti idiota?

— Posso imaginar — sussurrei. — Por que não me falou nada?

Estávamos a menos de dois metros um do outro, mas pareciam quilômetros. Era por causa dos olhos dele. Pareciam tão distantes.

— Fiquei esperando que você me contasse. Mas você não me contou.

— Desculpa. Sinto muito, muito mesmo. Eu deveria ter contado. Foi um erro. — Que estupidez. Meu coração estava disparado. — Amo você. Vamos nos casar amanhã. Nós dois, certo?

Quando ele não respondeu, perguntei de novo.

— Não?

— Tenho que sair daqui — disse Jere, por fim. — Preciso pensar.

— Posso ir junto?

Daquela vez, a resposta veio rápido e foi devastadora:

— Não.

Ele saiu, e não tentei segui-lo. Simplesmente me deixei cair nos degraus. Não conseguia sentir as pernas. Não conseguia sentir o corpo. Aquilo estava mesmo acontecendo? De verdade? Não parecia real.

53

EM ALGUM LUGAR lá fora, um pintassilgo cantava. Ou talvez fosse um pardal. Meu pai tinha tentado me ensinar os sons de vários passarinhos, mas eu não conseguia me lembrar direito.

O céu estava cinza. Ainda não estava chovendo, mas, a qualquer minuto, cairia um temporal. Era como qualquer outra manhã em Cousins Beach. Só que não era uma manhã qualquer, porque eu ia me casar.

Tinha quase certeza de que ia me casar. A única questão era: eu não tinha ideia de onde Jeremiah estava, ou sequer se ele voltaria de lá.

Eu estava sentada diante da penteadeira, com meu roupão cor-de-rosa, lutando para cachear os cabelos. Taylor estava no salão de beleza — tinha tentado me persuadir a me arrumar lá também, mas recusei. A única vez em que eu fizera um penteado no salão, odiei o resultado. Parecia uma participante de um concurso de beleza, com um penteado exagerado e cheio de laquê. Aquilo não tinha nada a ver comigo. Achei que, no dia do meu casamento, eu deveria parecer comigo mesma.

Ouvi uma batida à porta.

— Pode entrar — falei, enquanto tentava ajeitar um cacho que já se desfazia.

A porta se abriu. Era minha mãe. Já estava arrumada. Usava um paletó e calça de linho, e segurava um envelope verde-limão. Reconheci na mesma hora: era da coleção de papéis de carta da Susannah. Era tão a cara dela. Eu queria ser digna dele. Doía pensar que a decepcionaria daquele jeito. O que ela diria se soubesse?

Minha mãe entrou e fechou a porta.

— Quer ajuda? — perguntou.

Entreguei o babyliss a ela, que deixou a carta em cima da penteadeira. Minha mãe ficou parada atrás de mim, separando meus cabelos em mechas.

— Foi a Taylor que fez sua maquiagem? Está bonita.

— Sim, foi ela mesma. Obrigada. Você também está muito bonita.

— Não estou pronta pra isso — disse ela.

Olhei para seu reflexo no espelho. Minha mãe estava enrolando meus cabelos no babyliss, a cabeça baixa. Eu a achei tão linda naquele momento.

Ela pousou as mãos nos meus ombros e encontrou meu olhar no espelho.

— Não era isso que eu queria pra você. Mas estou aqui. Hoje é o dia do seu casamento. E você é minha única filha.

Segurei sua mão, e ela apertou a minha com força. Tanta força que doeu. Queria contar tudo a ela, confessar que as coisas estavam confusas, que eu nem sabia onde Jeremiah estava, ou se eu iria mesmo me casar. Mas minha mãe tinha demorado tanto para chegar até esse momento que, se eu levantasse uma única dúvida, seria mais que o bastante para que recuasse de novo. Ela me jogaria no ombro e me carregaria para longe de toda aquela história de casamento.

Por isso, só disse:

— Obrigada, mãe.

— De nada — disse ela, desviando os olhos para a janela. — Acha que o tempo vai firmar?

— Não sei. Espero que sim.

— Bem, na pior das hipóteses, passamos o casamento pra dentro de casa. Não vai dar trabalho. — Então, ela me entregou a carta. — Susannah queria que você recebesse isso no dia do seu casamento.

Minha mãe beijou o topo da minha cabeça e saiu do quarto.

Peguei a carta e passei os dedos pelo meu nome, escrito na letra bonita da Susannah. Coloquei a carta novamente na penteadeira. Ainda não.

Outra batida à porta.

— Quem é? — perguntei.

— Steven.

— Pode entrar.

Meu irmão estava vestindo a camisa de linho branco e a bermuda cáqui escolhidas para os padrinhos.

— Oi — disse ele, e se sentou na minha cama. — Seu cabelo está bonito.

— Ele voltou?

Steven hesitou.

— Desembucha.

— Não. Ele não voltou. Conrad saiu pra procurá-lo. Ele acha que sabe pra onde Jere foi.

Soltei o ar. Estava aliviada, mas ao mesmo tempo... O que Jeremiah faria quando visse Conrad? E se aquilo só piorasse tudo?

— Ele vai ligar assim que encontrar o Jere.

Assenti e peguei o babyliss de novo. Meus dedos tremiam, e tive que firmar a mão para acabar não queimando o rosto.

— Você contou alguma coisa pra mamãe? — perguntou Steven.

— Não. Não contei a ninguém. Até agora não há nada pra ser contado. — Enrolei uma mecha de cabelo ao redor do babyliss. — Ele vai voltar, sei que vai.

Eu quase acreditei naquilo.

— Sim. Sim, tenho certeza de que você está certa. Quer que eu fique aqui com você?

Balancei a cabeça.

— Preciso acabar de me arrumar.

— Tem certeza?

— Tenho. Só me avise assim que tiver alguma notícia.

Steven se levantou.

— Aviso. — Então, ele se adiantou e deu uma palmadinha constrangida no meu ombro. — Vai dar tudo certo, Belly.

— É, eu sei que vai. Não se preocupe comigo, Stevie. Só encontre o Jere.

Assim que meu irmão saiu do quarto, voltei a pousar o babyliss. Minha mão tremia. Eu provavelmente acabaria me queimando se não esperasse um pouco. E, de qualquer modo, meu cabelo já estava cacheado o bastante.

Ele ia voltar. Ele ia voltar. Eu sabia que ia.

Então, como não havia mais nada a fazer, coloquei o vestido de noiva.

Eu estava sentada na janela, vendo meu pai pendurar piscas-piscas na varanda dos fundos, quando Taylor entrou no quarto, agitada.

Os cabelos dela estavam presos, parecendo bem repuxados na testa. Ela segurava um saco de papel pardo e um café gelado.

— Muito bem, trouxe seu almoço. Anika está ajudando sua mãe a arrumar as mesas, e esse tempo não está ajudando em nada meu cabelo — anunciou Taylor em uma tacada só. — E, não sei como dizer isso, mas tenho quase certeza de que senti uma gota de chuva quando estava entrando em casa. — Então, ela perguntou: — Por que você já está vestida? Ainda falta muito pro casamento. Tira o vestido. Vai acabar todo amassado.

Não respondi nada, e Taylor perguntou:

— Qual é o problema?

— Jeremiah não está aqui.

— É claro que ele não está aqui, boba. Dá azar ver a noiva antes da cerimônia.

— Ele não está em casa. Saiu na noite passada e não voltou. — Minha voz estava surpreendentemente calma. — Contei tudo a ele.

Ela arregalou os olhos.

— Como assim "contou tudo"?

— Outro dia, Conrad me disse que ainda gostava de mim. E, na noite passada, contei tudo pro Jeremiah.

Soltei o ar, mas saiu mais como um arquejo. Aqueles últimos dias tinham parecido semanas. Eu nem sabia mais quando ou como tudo acontecera. Como as coisas haviam ficado tão confusas. Estava tudo bagunçado na minha cabeça e no meu coração.

— Ai, meu Deus — disse Taylor, cobrindo a boca com as mãos. Ela afundou na cama. — O que vamos fazer?

— Conrad saiu pra procurar por ele.

Eu estava olhando pela janela de novo. Meu pai tinha terminado de prender as lâmpadas na varanda e passara para os arbustos. Saí da janela e comecei a abrir o zíper do vestido.

Taylor perguntou, espantada:

— O que você está fazendo?

— Você disse que ia amassar, lembra?

Saí de dentro do vestido, que deslizou para o chão em uma poça de seda branca. Peguei-o e pendurei em um cabide.

Taylor colocou o roupão em mim, depois me virou e amarrou a faixa, como se eu fosse uma criança.

— Vai ficar tudo bem, Belly.

Alguém bateu à porta, e nós duas nos viramos, sobressaltadas.

— É Steven — disse meu irmão, entrando no quarto e fechando a porta. — Conrad trouxe o Jere de volta.

Afundei no chão e deixei escapar um longo suspiro.

— Ele voltou — repeti.

— Está tomando banho — contou Steven. — Então vai se vestir e se preparar para ir. Para ir se casar, quero dizer. Não para ir embora de novo.

Taylor se ajoelhou ao meu lado. De joelhos, ela pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos.

— Sua mão está fria — disse, e a esfregou um pouco. — Ainda quer fazer isso? Não precisa, se não quiser.

Fechei os olhos com força. Eu tinha ficado muito apavorada com a possibilidade de Jere não voltar. Agora que ele estava ali, todo o medo e o pânico estavam vindo à tona.

Steven se sentou perto de mim e de Taylor no chão. Ele passou os braços ao meu redor e falou:

— Belly. Entenda como você quiser, sabe? Tenho seis palavras para você. Está preparada?

Abri os olhos e assenti.

— Ou você cresce, ou você desiste — disse Steven, em um tom muito solene.

— Mas que merda você quer dizer com isso, Steven? — perguntou Taylor, irritada.

Uma gargalhada escapou do fundo do meu peito.

— Ou você cresce, ou você desiste? Ou cresce, ou desiste.

Eu estava rindo tanto que lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Taylor se levantou de um pulo.

— Sua maquiagem!

Ela pegou a caixa de lenços de papel na penteadeira e secou meu rosto com cuidado. Eu ainda estava rindo.

— Chega dessa palhaçada, Conklin — disse Taylor, lançando um olhar preocupado para meu irmão.

A flor que enfeitava os cabelos dela estava torta. Taylor tinha razão: a umidade não estava colaborando com seu penteado.

— Ah, ela está bem. Só está tendo um ataque de riso. Certo, Belly?

— Ou cresce, ou desiste — repeti, rindo.

— Acho que ela está histérica ou alguma coisa assim. Devo dar um tapa nela? — perguntou Taylor ao meu irmão.

— Não, eu faço isso — disse Steven, chegando perto de mim.

Parei de rir. Não estava histérica. Ou talvez só um pouquinho.

— Estou bem, gente! Ninguém vai me bater. Calma. — Eu me levantei. — Que horas são?

Steven pegou o celular no bolso.

— São duas horas. Ainda temos mais algumas horas até as pessoas começarem a chegar.

Respirei fundo e falei:

— Muito bem. Steven, pode dizer à mamãe que acho melhor arrumar tudo dentro de casa? Se afastarmos os sofás, deve dar pra encaixar umas duas mesas na sala de estar.

— Vou mandar os caras ajudarem — disse ele.

— Obrigada, Stevie. E, Tay, você pode...

— Ficar e ajeitar sua maquiagem? — perguntou ela, esperançosa.

— Não. Eu ia pedir pra você sair também. Preciso pensar.

Os dois se entreolharam, saíram do quarto e fecharam a porta.

Assim que eu o visse, tudo faria sentido de novo. Tinha que fazer.

54

Conrad

ACORDEI NAQUELA MANHÃ com Steven sacudindo minha cama.

— Você viu o Jere? — perguntou ele.

— Eu estava dormindo até três segundos atrás — resmunguei, ainda de olhos fechados. — Como eu poderia ter visto ele?

Steven parou de me sacudir e se sentou na beirada da cama.

— Ele sumiu, cara. Não consigo encontrá-lo em lugar nenhum, e ele deixou o celular aqui. Mas que merda aconteceu ontem à noite, hein?

Eu me sentei na cama. Belly provavelmente contara tudo a ele. Merda.

— Não sei — respondi, esfregando os olhos.

— O que vamos fazer?

Saí da cama e disse:

— Vá se arrumar. Vou procurar por ele. Não diga nada pra Belly.

Ele pareceu aliviado quando falou:

— Parece uma boa ideia. Mas não é melhor a Belly saber? Não temos tanto tempo assim antes do casamento. Não quero que ela se arrume toda se ele não vai aparecer.

— Se eu não voltar em uma hora, você pode contar a ela, então.

Tirei a camiseta que usava e vesti a camisa de linho branco que Jere nos fizera comprar.

— Aonde você vai? — perguntou Steven. — Talvez seja melhor eu ir junto.

— Não. Fique aqui e tome conta dela. Vou encontrar o Jere.

— Então você sabe onde ele está?

— Sim, acho que sim.

Eu não fazia ideia de onde estava o desgraçado. Só sabia que precisava consertar aquilo.

Quando já estava saindo, Laurel me parou para perguntar:

— Você viu o Jere? Preciso entregar uma coisa a ele.

— Ele saiu pra resolver umas questões do casamento — menti. — Estou indo encontrá-lo. Pode deixar que eu entrego.

Ela me entregou um envelope e eu reconheci o papel na mesma hora. Era da coleção de papelaria da minha mãe. O nome de Jere estava escrito na frente com a letra dela. Sorrindo, Laurel disse:

— Sabe, acho que talvez seja mais legal assim, você entregando a carta. Beck gostaria disso, não acha?

Assenti.

— Sim, acho que ela gostaria.

Não havia qualquer possibilidade de eu voltar para aquela casa sem Jere.

* * *

Assim que saí de casa, corri até meu carro e disparei para a rua.

Fui até o calçadão primeiro. Depois, à pista de skate onde costumávamos ir quando éramos menores, depois à academia, então a uma lanchonete onde sempre parávamos a caminho do centro da cidade. Jere sempre gostou do milk-shake de morango de lá. Mas ele não estava em nenhum desses lugares. Dei a volta no estacionamento do shopping. Nenhum sinal do Jere ou do carro dele. Eu não conseguia encontrá-lo em lugar algum, e a hora que eu pedira a Steven estava quase acabando. Eu tinha fracassado. Steven ia contar a Belly, e de novo eu estragaria a vida dela, agora em proporções épicas. E se Jere tivesse ido embora de Cousins? Até onde eu sabia, ele já poderia até ter voltado para Boston.

Seria incrível se eu tivesse tido alguma súbita epifania, uma intuição de onde ele estava, já que éramos irmãos. Mas tudo que consegui fazer foi repassar mentalmente a lista de todos os lugares aonde já havíamos ido. Para onde Jeremiah iria se estivesse mal? Ele procuraria minha mãe. Mas o túmulo dela não ficava ali, e sim em Boston.

Em Cousins, minha mãe estava por toda parte. Então, me ocorreu: o jardim. Talvez Jere tivesse ido para o jardim, no abrigo. Valia a tentativa. Liguei para Steven no caminho para lá.

— Acho que sei onde ele está. Mas não conte nada pra Belly por enquanto.

— Está certo. Mas, se você não der notícias em meia hora, vou contar a ela. De qualquer maneira, vou dar um esporro no Jere por causa disso.

Parei o carro no estacionamento do abrigo. Logo vi o carro dele. Senti uma mistura de alívio e medo. Que direito eu tinha de dizer alguma coisa a Jere? Eu era o responsável por aquela confusão.

Ele estava sentado em um banco perto do jardim, a cabeça apoiada nas mãos. Ainda usava as roupas da noite anterior. Levantou a cabeça quando me ouviu chegando.

— Estou avisando, cara. Não chegue perto de mim.

Continuei andando. Quando estava bem na frente dele, falei:

— Volte pra casa comigo.

Ele me encarou com raiva.

— Vai à merda.

— Você tem que se casar em algumas horas. Não temos tempo pra isso agora. Me bate logo. Vai fazer você se sentir melhor.

Tentei pegar o braço dele, mas Jere me afastou.

— Não, vai fazer *você* se sentir melhor. Você não merece se sentir melhor. Mas depois da palhaçada toda que fez, eu deveria mesmo te cobrir de porrada.

— Então faça isso — sugeri. — E depois vamos embora. Belly está esperando por você. Não a faça esperar no dia do casamento dela.

— Cala a boca! — gritou ele, vindo na minha direção. — Você não tem o direito de falar comigo sobre ela.

— Vamos lá, cara. Por favor. Estou implorando.

— Por quê? Por que ainda a ama, certo? — Ele não esperou que eu respondesse. — O que eu quero saber é: se você ainda gosta da Belly, por

que me deu carta branca? Eu agi certo. Não fiz nada pelas suas costas. Perguntei a você, na lata. E você me disse que não sentia mais nada por ela.

— Você não estava exatamente pedindo minha permissão quando beijou a Belly no seu carro. Ainda assim eu falei pra você ir em frente, porque confiava que você cuidaria dela, que a trataria bem. Daí você vai e trai a Belly durante o recesso de primavera em Cabo. Então talvez *eu* devesse estar perguntando se você a ama ou não.

Assim que a última palavra saiu da minha boca, o punho de Jere já acertava meu rosto, com força. Foi como ser atingido por uma onda de três metros de altura... Eu só conseguia ouvir o zumbido nos meus ouvidos. Cambaleei para trás.

— Ótimo — disse, em um arquejo. — Agora podemos ir embora?

Ele me deu outro soco. Dessa vez, caí no chão.

— Cala a boca! — gritou Jere. — Não venha me questionar quem ama mais a Belly. Eu sempre a amei. Você não. Você tratava a Belly que nem lixo. Você largou ela um monte de vezes, cara. É um covarde. Nem agora você consegue admitir isso na minha cara.

Cuspi sangue e falei, arquejando:

— Muito bem. Eu amo a Belly. Admito. Às vezes... Às vezes acho que ela é a única garota com quem eu poderia ficar. Mas, Jere, ela escolheu você. É com você que a Belly quer se casar, não comigo. — Tirei o envelope do bolso, levantei cambaleando e empurrei-o contra o peito de Jere. — Leia isso. É pra você, da mamãe. Pro dia do seu casamento.

Ele engoliu em seco e rasgou o envelope para abri-lo. Observei enquanto Jere lia, na expectativa, sabendo que nossa mãe teria as palavras certas. Ela sempre soube o que dizer para Jeremiah.

Ele começou a chorar enquanto lia, e desviei os olhos.

— Vou voltar — disse ele, por fim. — Mas não com você. Você não é mais meu irmão. Você morreu pra mim. Não quero você no meu casamento. Não quero você na minha vida. Quero que você desapareça.

— Jere...

— Espero que você tenha dito tudo que precisava dizer a ela. Porque depois de hoje, nunca mais vai vê-la de novo. Nem a mim. Acabou. Você e ela, acabou. — Ele me entregou a carta. — É pra você, não pra mim.

Então ele foi embora.

Eu me sentei no banco e abri a carta. Começava com: "Querido Conrad..."

Então eu também comecei a chorar.

55

DO LADO DE fora da janela, lá embaixo, na praia, vi um grupo de crianças brincando na areia com baldes e pazinhas de plástico, procurando tatuís.

Jere e eu sempre fazíamos isso. Em uma das vezes — acho que eu tinha oito anos, então Jere devia ter uns nove —, passamos a tarde toda procurando tatuís, e mesmo quando Conrad e Steve vieram procurar por ele, Jere não foi embora. Eles disseram:

— Vamos de bicicleta até o centro da cidade pra alugar um jogo de videogame. Se você não vier com a gente, não vai poder jogar à noite.

— Pode ir, se quiser — falei, já chateada porque sabia que ele escolheria ir.

Quem escolheria ficar procurando tatuís na areia quando podia ir escolher um jogo novo?

— Não ligo — disse ele, depois de hesitar por alguns segundos.

E ficou.

Eu me senti culpada, mas também triunfante, porque Jeremiah tinha me escolhido. Eu era preciosa o bastante para ter sido escolhida no lugar de outra pessoa.

Nós brincamos na praia até escurecer. Recolhemos nossos tatuís em um copo de plástico, e então os soltamos. Ficamos vendo eles se contorcerem de volta para dentro da areia. Todos pareciam saber exatamente para onde estavam indo. Tinham um destino claro em mente. Suas casinhas.

Conrad e Steven passaram a noite com o jogo novo. Jeremiah ficou só olhando. Ele não pediu para jogar, mas eu percebi quanto queria.

Na minha lembrança, ele sempre seria perfeito.

* * *

Alguém bateu à porta.

— Taylor, preciso de um minuto sozinha — falei, me virando para a porta.

Não era Taylor. Era Conrad. Ele parecia arrasado, exausto. A camisa de linho branco estava toda amassada, a bermuda também. Quando olhei com mais atenção, vi que os olhos dele estavam vermelhos, e também reparei no hematoma que começava a se formar no seu rosto.

Corri até ele.

— O que aconteceu? Vocês dois brigaram?

Ele balançou a cabeça.

— Você não deveria estar aqui — falei, recuando. — Jeremiah vai aparecer a qualquer minuto.

— Eu sei, só preciso dizer uma coisa.

Voltei para a janela e dei as costas a ele.

— Você já disse tudo que tinha pra dizer. Vá embora.

Eu o vi girar a maçaneta e fechar a porta de novo. Achei que tivesse ido embora, até que o ouvi dizer:

— Lembra do infinito?

Eu me virei lentamente.

— O que é que tem?

Ele jogou alguma coisa na minha direção e falou:

— Pegue.

Estendi a mão e peguei no ar o que ele havia jogado. Era um colar de prata. Eu o levantei e examinei. O colar do infinito. Não brilhava como antes, parecia um pouco enferrujado. Mas eu o reconheci. É claro que reconheci.

— O que é isso? — perguntei.

— Você sabe o que é — disse Conrad.

Dei de ombros.

— Não sei, me desculpe.

Percebi que ele ficou magoado e bravo.

— Muito bem. Você não se lembra. Vou refrescar sua memória, então. Comprei esse colar pra te dar de aniversário.

Meu aniversário.

Tinha que ter sido para meu aniversário de dezesseis anos. Foi o único ano em que Conrad se esqueceu de me comprar um presente de aniversário — o último verão em que passamos todos juntos, quando Susannah ainda estava viva. No ano seguinte, quando Conrad foi embora, e Jeremiah e eu fomos procurar por ele, encontrei o colar na escrivaninha de Conrad. Peguei o colar, porque sabia que era meu. Ele pegou de volta depois. Eu não sabia quando Conrad tinha comprado, ou por quê, só sabia que era meu. Ouvi-lo dizer isso agora, que o colar era mesmo meu presente de aniversário, me tocou no único lugar em que eu não queria que ele me tocasse. No meu coração.

Peguei a mão dele e coloquei o colar na palma aberta.

— Sinto muito.

Conrad estendeu o colar para mim de novo.

— É seu, sempre foi — disse ele, sereno. — Estava com medo demais pra te dar isso na época. Considere um presente adiantado para seu próximo aniversário. Ou atrasado. Pode fazer o que quiser com ele. Eu só... não posso mais ficar guardando isso.

Assenti e peguei o colar de volta.

— Sinto muito por ter estragado tudo. Magoei você de novo, e sinto muito por isso. Muito. Não quero mais magoar ninguém. Então... não vou ficar pro casamento. Vou embora agora. Não vou ver você de novo, não por algum tempo. Acho que é melhor assim. Estar perto de você desse jeito dói. E Jere... — Conrad pigarreou e deu um passo atrás, aumentando a distância entre nós dois. — É ele quem precisa de você.

Mordisquei o lábio para não chorar.

Ele voltou a falar, com a voz rouca:

— Eu quero que você saiba que, não importa o que aconteça, valeu a pena pra mim. Estar com você, amar você. Tudo valeu a pena. — E continuou: — Desejo o melhor a vocês dois. Cuidem bem um do outro.

Tive que lutar contra todos os meus instintos para não estender a mão para ele, para não tocar no hematoma que escurecia no lado esquerdo de seu rosto. Conrad não iria querer que eu fizesse isso. Eu o conhecia bem o bastante para saber disso.

Ele se adiantou e me deu um beijo na testa. Antes que Conrad se afastasse, fechei os olhos e tentei com todas as minhas forças memorizar aquele momento. Queria me lembrar de Conrad exatamente como ele estava ali, de como os braços dele pareciam bronzeados em contraste com a camisa branca, de como seus cabelos estavam um pouco curtos demais na frente. Queria me lembrar até do hematoma no rosto dele, que só existia por minha causa.

Então ele se foi.

Só por um instante, a ideia de que talvez nunca mais o visse... me pareceu pior que a morte. Tive vontade de correr atrás dele. De dizer qualquer coisa, tudo. *Não vá embora. Por favor, nunca vá embora. Por favor, fique sempre perto de mim, para que eu ao menos possa vê-lo*.

Porque aquilo parecia definitivo. Eu sempre tinha acreditado que nós dois acabaríamos encontrando nosso caminho de volta um para o outro. Que, não importava o que acontecesse, estaríamos sempre ligados — pela nossa história, pela nossa casa. Mas daquela vez, naquela última vez, parecia definitivo. Como se eu nunca mais fosse ver Conrad de novo, ou como se, quando voltasse a vê-lo, tudo estaria diferente, como se houvesse uma montanha entre nós.

Soube disso no fundo do meu coração. Que aquela era a última vez. Que eu finalmente havia feito minha escolha, e ele também. Conrad me deixou ir. Eu estava aliviada, o que já esperava sentir. O que não esperava era que fosse doer tanto.

Bye bye, Birdie.

56

Era Dia dos Namorados. Eu tinha dezesseis anos, e ele, dezoito. A data havia caído em uma quinta-feira naquele ano, e Conrad tinha aula até às sete às quintas, por isso eu sabia que não sairíamos juntos nem nada. Havíamos conversado sobre fazer alguma coisa no sábado, talvez assistir a um filme, mas nenhum dos dois mencionou o Dia dos Namorados. Ele simplesmente não era o tipo de cara que dava flores e bombons em forma de coração. Sem problema. Eu também nunca tinha sido o tipo de garota que esperava receber isso — não como Taylor, por exemplo.

Na escola, o clube de teatro distribuiu rosas durante o quarto tempo. As pessoas haviam comprado as flores desde o início da semana na hora do almoço e poderiam mandá-las para quem quisessem. No primeiro ano, nenhuma de nós tinha namorado, e Taylor e eu trocamos rosas em segredo. Naquele ano, o namorado dela, Davis, lhe mandara uma dúzia de rosas cor-de-rosa e também lhe dera de presente uma tiara vermelha que ela queria comprar havia séculos. Taylor usou a tiara o dia todo.

Eu estava no meu quarto naquela noite, fazendo o dever de casa, quando recebi uma mensagem de texto de Conrad que dizia: olhe pela janela. Fui

olhar, achando que talvez houvesse uma chuva de meteoros naquela noite. Ele sabia tudo sobre esse tipo de coisa.

Mas o que vi foi Conrad, acenando para mim, sentado em uma manta xadrez no jardim da minha casa. Tapei a boca com as mãos e dei um gritinho. Não conseguia acreditar. Calcei os tênis, vesti meu casaco acolchoado por cima do pijama de flanela e desci a escada tão rápido que quase tropecei. Saí de casa em disparada e me joguei em seus braços.

— Não acredito que você está aqui!

Eu não conseguia parar de abraçá-lo.

— Vim logo depois da aula. Está surpresa?

— Muito surpresa. Achei que você nem soubesse que era Dia dos Namorados.

— Vem — disse, rindo, e me guiou pelos ombros até a manta.

Havia uma garrafa térmica e uma caixa de bolinhos recheados nos esperando.

— Deite-se — pediu Conrad, esticando as pernas em cima da manta. — É noite de lua cheia.

Eu me deitei ao lado dele e fiquei observando o céu muito negro e a lua branca cintilante. Estremeci. Não porque estava com frio, mas porque estava feliz.

Ele me cobriu com a ponta da manta.

— Está com muito frio? — perguntou, parecendo preocupado.

Balancei a cabeça.

Conrad abriu a garrafa térmica e serviu o conteúdo na tampa. Então, passou para mim e disse:

— Não está mais tão quente, mas talvez ainda ajude.

Eu me apoiei nos cotovelos e tomei um gole. Era chocolate. Morno.

— Está frio? — insistiu ele.

— Não, está bom.

Então, nos deitamos de costas de novo e ficamos olhando juntos para o céu. Eram tantas estrelas... Estava um frio congelante, mas não me importei. Conrad pegou minha mão e usou-a para apontar as constelações e ligar os pontos. Ele me contou as histórias por trás do cinturão de Órion e de Cassiopeia. Não tive coragem de confessar que eu já conhecia aquelas histórias — meu pai tinha me ensinado tudo sobre as constelações quando eu era pequena. Amava ouvir Conrad falar. Ele tinha o mesmo

deslumbramento na voz, a mesma reverência de quando falava sobre ciência e natureza.

— Quer entrar? — perguntou Conrad, algum tempo depois, aquecendo minha mão na dele.

— Não vou entrar até ver uma estrela cadente — respondi.

— Talvez a gente não veja nenhuma.

Eu me aconcheguei mais perto dele, feliz.

— Tudo bem se não virmos. Só quero tentar.

— Você sabia que os astrônomos chamam as estrelas cadentes de poeira interplanetária? — perguntou, sorrindo.

— Poeira interplanetária — repeti, gostando da sensação das palavras na boca. — Parece o nome de uma banda.

Conrad soprou ar quente na minha mão e enfiou-a no bolso do casaco dele.

— Parece mesmo.

— Essa noite... O céu desse jeito é... — Procurei a palavra certa para descrever como aquela noite me fazia sentir, como era lindo. — Estar deitada aqui, olhando as estrelas desse jeito, me dá a sensação de estar deitada em um *planeta*. É tão enorme. Tão infinito.

— Eu sabia que você ia entender — disse Conrad.

Sorri. O rosto dele estava perto do meu, e eu podia sentir o calor do seu corpo. Se eu virasse a cabeça, nos beijaríamos. Mas não fiz isso. Estar tão perto dele já era o bastante.

— Às vezes acho que nunca vou confiar em outra garota como confio em você — disse Conrad.

Olhei para ele, surpresa. Ele não estava olhando para mim; ainda fitava o céu, concentrado.

Não chegamos a ver nenhuma estrela cadente, mas não me importei nem um pouco. Antes de nos despedirmos, falei:

— Esse foi um dos momentos mais incríveis da minha vida.

— Da minha também — disse Conrad.

* * *

Na época, não sabíamos o que nos aguardava no futuro. Éramos apenas dois adolescentes, olhando o céu em uma noite fria de fevereiro. Então, não,

Conrad não me deu flores ou chocolates. Ele me deu a lua e as estrelas. O infinito.

57

ELE BATEU À porta uma vez.

— Sou eu — disse.

— Pode entrar.

Eu estava sentada na cama. Tinha colocado novamente o vestido. As pessoas logo chegariam.

Jeremiah abriu a porta. Ele usava a camisa de linho e a bermuda cáqui. Ainda não se barbeara, mas estava vestido, e o rosto não tinha qualquer marca ou hematoma. Entendi aquilo como um bom sinal.

Jere se sentou ao meu lado.

— Não dizem que dá azar ver a noiva antes do casamento? — perguntou.

Fui tomada por uma onda de alívio.

— Então vamos ter casamento?

— Bem, estou todo arrumado, e você também.

Ele me deu um beijo no rosto.

— Aliás, você está linda.

— Aonde você foi?

Ele se ajeitou na cama antes de responder:

— Eu só precisava de algum tempo pra pensar. Estou pronto.

Jeremiah se inclinou na minha direção e me beijou de novo, dessa vez nos lábios.

Recuei, perguntando:

— O que está acontecendo?

— Eu já disse, está tudo bem. Vamos nos casar, certo? Você ainda quer se casar?

Ele disse isso em um tom descontraído, mas percebi uma impaciência em sua voz que nunca tinha ouvido antes.

— Não podemos pelo menos conversar sobre o que aconteceu?

— Não quero falar sobre isso — disse Jeremiah, irritado. — Não quero nem pensar mais sobre isso.

— Mas eu quero falar sobre o que aconteceu. Preciso falar sobre tudo. Estava em pânico aqui, Jere. Você simplesmente foi embora. Eu nem sabia se você ia voltar.

— Estou aqui, não estou? Estou sempre aqui do seu lado.

Ele tentou me beijar de novo, mas dessa vez eu o afastei.

Jeremiah esfregou o queixo com força, então se levantou e começou a andar pelo quarto.

— Quero você inteira. Quero cada parte sua. Mas você ainda se afasta de mim.

— Do que você está falando? — perguntei, a voz aguda. — De sexo?

— Em parte. Mas é mais que isso. Não tenho seu coração por inteiro. Seja honesta. Estou certo, não estou?

— Não!

— Como acha que eu me sinto, sabendo que sou sua segunda opção? Sabendo que desde o início deveria ter sido vocês dois?

— Você não é minha segunda opção! É a primeira!

Jeremiah balançou a cabeça.

— Não, nunca serei o primeiro. Con sempre terá sido o primeiro. — Ele deu um tapa na parede. — Achei que conseguiria fazer isso, mas não consigo.

— Não consegue o quê? Se casar comigo? — Minha cabeça parecia girar, e comecei a falar rápido. — Tudo bem, talvez você esteja certo. Está tudo louco demais agora. Não vamos nos casar hoje. Vamos simplesmente morar juntos naquele apartamento. No apartamento de Gary, o que você queria. Tudo bem por mim. Podemos nos mudar no segundo semestre. Certo?

Ele não disse nada, por isso repeti a pergunta, cada vez mais em pânico.

— Certo, Jere?

— Não posso. Não a menos que você consiga me olhar agora... olhar nos meus olhos e dizer que não ama mais o Con.

— Jere, eu amo *você*.

— Não é isso que estou perguntando. Sei que você me ama. O que estou perguntando é: você também ama o Conrad?

Eu queria responder que não. Abri a boca para dizer... Por que as palavras não saíam? Por que não conseguia dizer o que ele precisava ouvir? Seria tão fácil simplesmente falar aquilo de uma vez. Uma palavra, e tudo estaria resolvido. Ele queria perdoar e esquecer tudo aquilo. Eu via isso no rosto de Jere: tudo o que eu precisava fazer era dizer não. Ele ainda se casaria comigo. Se eu só dissesse a palavra certa. Uma palavra.

— Amo.

Jere arquejou. Ficamos nos encarando por um longo momento, então ele baixou a cabeça.

Eu me aproximei dele.

— Acho... acho que sempre vou amar Conrad um pouquinho. Ele sempre vai morar no meu coração. Mas não foi ele que eu escolhi. Escolhi você, Jeremiah.

Durante toda a minha vida, nunca senti que tinha escolha quando o assunto era Conrad. De repente eu percebi que isso não era verdade. Eu tive uma escolha. Escolhi não ficar com ele, antes e agora. Escolhi Jeremiah. Escolhi o cara que nunca me deixaria.

A cabeça dele ainda estava abaixada. Desejei que olhasse para mim, que acreditasse em mim só mais uma vez. Então, Jeremiah levantou a cabeça e falou:

— Não é o suficiente. Não quero só uma parte de você. Quero você por inteiro.

Meus olhos ficaram marejados.

Ele foi até minha penteadeira e pegou a carta de Susannah.

— Você ainda não leu a sua.

— Eu nem sabia se você ia voltar!

Ele passou os dedos pela borda do envelope, os olhos fixos no papel.

— Também recebi uma. Mas não era pra mim. Era pro Con. Minha mãe deve ter confundido os envelopes. Na carta, ela dizia... dizia que só tinha visto Con apaixonado uma vez. Por você. — Jeremiah me encarou. — Não vou ser o motivo pra vocês não ficarem juntos. Não serei sua desculpa. Você vai ter que resolver isso sozinha, ou nunca será capaz de esquecê-lo.

— Já esqueci — sussurrei.

Jeremiah balançou a cabeça.

— Não, você não esqueceu nada. Essa é a pior parte. Eu sabia que você ainda não tinha esquecido o Con, mas ainda assim a pedi em casamento. No fim, acho que também tenho parte da culpa, não é?

— Não.

Ele agiu como se não tivesse me ouvido.

— Ele vai decepcioná-la, porque é isso que ele faz. É quem ele é.

Eu me lembraria daquelas palavras pelo resto da vida. Lembraria de tudo que Jeremiah me disse naquele dia, no dia do nosso casamento. Lembraria das palavras e do modo como ele me olhou enquanto falava. Com pena, com amargura. Eu me odiei por ser a pessoa que o tornou amargo, porque isso era algo que Jere nunca fora.

Pousei a palma da minha mão em seu rosto. Ele poderia ter recuado, poderia ter se afastado do meu toque. Mas não fez isso. Só essa pequena reação me disse o que eu precisava saber — que Jere ainda era Jere e nada jamais mudaria isso.

— Eu ainda amo você — disse ele.

Pelo modo como falou, eu soube que, se eu quisesse, ele ainda se casaria comigo. Mesmo depois de tudo que tinha acontecido.

Há momentos na vida de toda garota cuja importância só entendemos tempos depois. Quando olhamos para trás, percebemos: *Esse foi um dos momentos que mudaram minha vida, aquelas bifurcações na estrada, e eu nem me dei conta. Eu não fazia ideia.* E há momentos que sabemos que são importantes. Que, seja o que for que façamos a seguir, haverá um impacto. Que a vida pode seguir entre duas direções. Fazer ou morrer.

Aquele era um desses momentos. Grande. Não dá para ser muito maior do que isso.

* * *

Acabou não chovendo naquele dia. Os caras da fraternidade de Jere — e meu irmão, por incrível que pareça — tinham levado mesas, cadeiras e vasos de flores para dentro sem nenhuma necessidade.

Outra coisa que não aconteceu naquele dia: Jeremiah e eu não nos casamos. Não teria sido certo. Para nenhum de nós dois. Às vezes, eu me pergunto se toda a nossa pressa em organizar aquele casamento não era uma forma de provarmos alguma coisa um para o outro, e talvez até para

nós mesmos. Mas então concluo que não, a gente realmente se amava. Tínhamos mesmo as melhores intenções. Só não era — não éramos — para ser.

Alguns anos depois

MINHA QUERIDA BELLY,

Neste exato momento, estou imaginando você hoje, no dia do seu casamento, radiante e adorável, a noiva mais linda que já existiu.

Imagino você com uns trinta anos, uma mulher que já teve muitas e muitas aventuras e romances.

Eu a imagino se casando com um homem sério, forte e estável, um homem com olhos bondosos. Estou certa de que é um rapaz absolutamente maravilhoso, mesmo se o sobrenome dele não for Fisher! Rá.

Você sabe que eu não poderia amá-la mais mesmo se fosse minha filha biológica. Minha Belly, minha garotinha especial. Ver você crescer foi uma das grandes alegrias da minha vida.

Minha garota, que ansiava e desejava tantas coisas... uma gatinha chamada Margaret, patins nas cores do arco-íris, banhos de espuma comestível! Um

garoto que a beijasse como Rhett beijava Scarlett. Espero que tenha encontrado o cara certo, querida.

Sejam felizes. Sejam bons um para o outro.

Todo o meu amor, sempre,

Susannah

* * *

Ah, Susannah. Se você pudesse nos ver agora.

Você estava errada sobre algumas coisas. Ainda não tenho trinta anos. Estou com vinte e três, quase vinte e quatro. Depois que eu e Jeremiah terminamos, ele voltou a morar na casa da fraternidade, e eu acabei indo mesmo morar com Anika. Fiz o penúltimo ano da faculdade no exterior. Fui para a Espanha, onde vivi mesmo uma porção de aventuras.

Foi lá que recebi a primeira carta dele. Foram cartas de verdade, escritas à mão, não e-mails. Não respondi a nenhuma delas, ao menos não a princípio. Mas as cartas continuaram a chegar, uma vez por mês, todo mês. Só fui vê-lo de novo um ano depois, na minha formatura da faculdade. E então eu simplesmente tive certeza.

Meu rapaz é gentil, bom e forte, exatamente como você disse, mas ele não me beija como Rhett beijava Scarlett. Ele me beija ainda melhor. E há outra coisa que você acertou. Ele tem, sim, o sobrenome Fisher.

Estou usando o vestido que minha mãe e eu escolhemos juntas — ele é marfim, com mangas raglã de renda e um decote nas costas. Meu cabelo — que nós duas passamos horas prendendo — está despencando do coque lateral, e longas mechas úmidas voam ao redor do meu rosto, enquanto saio em disparada para o carro embaixo de chuva. Há balões por toda parte. Estou descalça, segurando o paletó dele acima da cabeça. Ele segura meus sapatos de salto alto-mas-não-tão-alto, um em cada mão, e corre na minha frente para abrir a porta do carro.

Acabamos de nos casar.

— Tem certeza? — pergunta ele.

— Não — respondo, e entro.

Todos vão estar nos aguardando no salão de festas, não deveríamos deixá-los esperando. Por outro lado, eles vão mesmo esperar por nós para começar a festa. Temos que dançar a primeira música. “Stay”, do Maurice Williams and the Zodiacs.

Olho pela janela do carro, e lá está Jere, do outro lado do gramado. Ele está com o braço ao redor da namorada, e nossos olhares se encontram. Ele me dá um breve aceno. Eu aceno de volta e sopro um beijo. Jere sorri e se vira para a namorada.

Conrad abre a porta do carro e se acomoda no assento do motorista. A camisa branca está ensopada e transparente, dá para ver sua pele. Ele está tremendo.

Conrad pega minha mão, entrelaça os dedos nos meus e leva aos lábios.

— Então, vamos. Já estamos molhados, mesmo.

Ele liga o carro e partimos. Seguimos para o mar. De mãos dadas o tempo todo. Quando chegamos lá, a praia está vazia, e estacionamos direto na areia. Ainda está chovendo muito.

Saio do carro, levanto a saia do vestido e grito:

— Pronto?

Ele enrola a bainha da calça e pega minha mão.

— Pronto.

Corremos para a água, tropeçando na areia, gritando e rindo feito crianças. No último segundo, ele me pega no colo e me carrega para dentro da água.

— Se ousar tentar me dar um caldo agora, vai pro fundo comigo — aviso, os braços grudados ao pescoço dele.

— Vou aonde quer que você vá — diz ele, e se atira na água comigo.

Esse é o nosso começo. Esse é o momento em que se torna real. Estamos casados. Somos o infinito. Conrad e eu. O primeiro garoto com quem eu dancei uma música lenta, o primeiro por quem chorei. O primeiro que amei.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, meus mais sinceros agradecimentos a Emily Meehan, por seguir com este livro até o fim. Muito obrigada também a Julia Maguire, por não perder nada; a Lucy Ruth Cummins, por outra linda capa; a Justin Chanda e a Anne Zafian, por seu apoio constante; e a toda a equipe (fantástica, é sério) da S&S. Do comercial à produção editorial, ao marketing, à assessoria de imprensa... vocês são os melhores. Agradeço sempre a Emily van Beek e a Folio, minha família na Pippin, e também a Siobhan Vivian, minha primeira e melhor leitora.

Sobre a autora



©Janelle Bendycki

JENNY HAN nasceu na Virgínia, Estados Unidos, e cursou mestrado em escrita criativa pela New School. Sabe fazer um brownie perfeito, é ótima em inventar apelidos e tem paixão por livros de receitas. Sua série de TV preferida é *Buffy – a caça-vampiros*. Mora no Brooklyn, em Nova York. Também pela Intrínseca, Jenny Han publicou a série *Para todos os garotos que já amei*, que foi adaptada pela Netflix e se tornou sucesso de público.

Conheça outros títulos da autora



Para todos os garotos que já amei



P.S.: Ainda amo você



Agora e para sempre, Lara Jean

Table of Contents

Créditos do box
Mídias sociais
Sumário
O verão que mudou minha vida
- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Introdução
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26

27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
Agradecimentos
Sem você não é verão
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
Alguns anos depois
Agradecimentos
Sempre teremos o verão
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória

Introdução
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
Alguns anos depois
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora